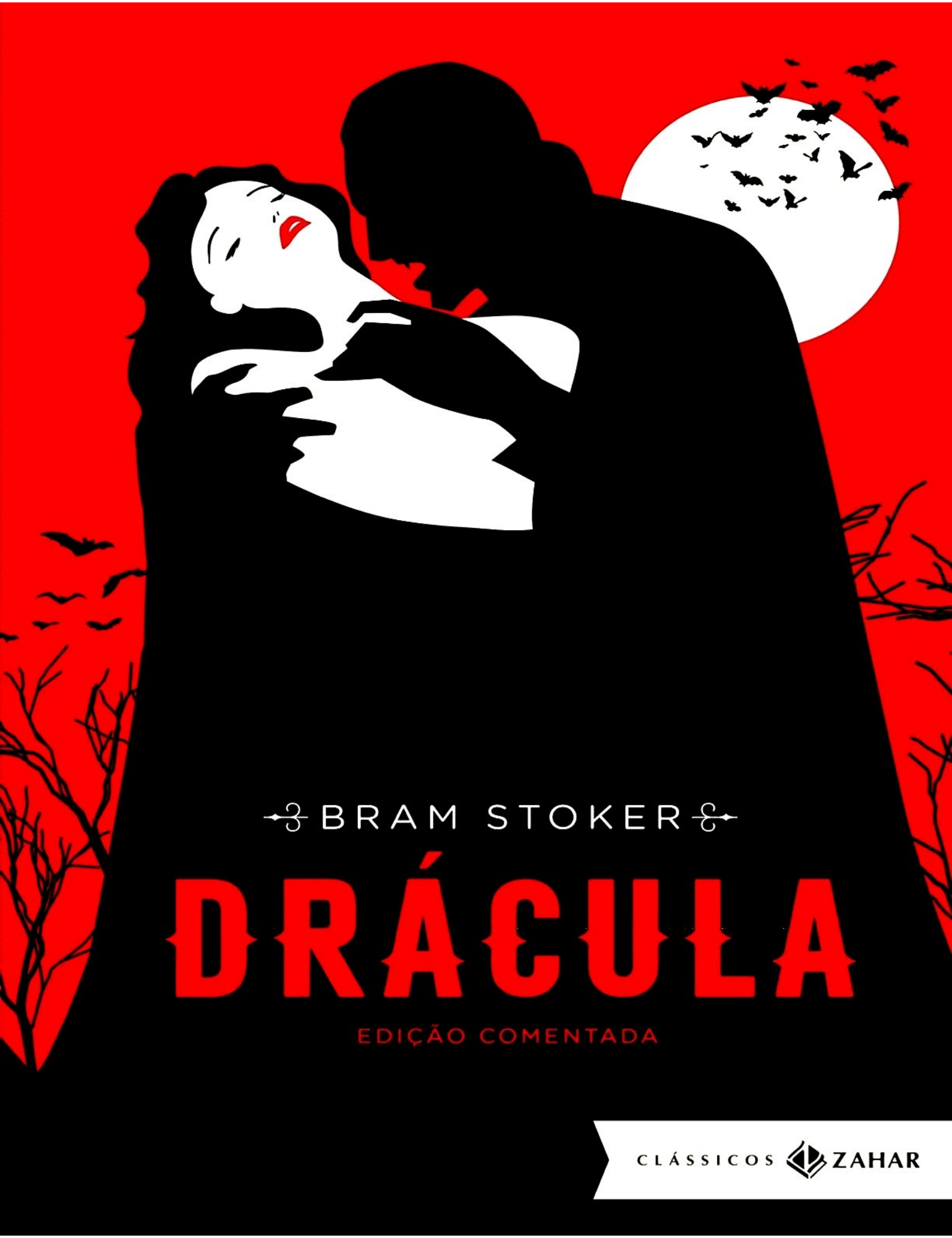

BRAM STOKER

DRÁCULA

EDIÇÃO COMENTADA

CLÁSSICOS ZAHAR

Bram Stoker

DRÁCULA

EDIÇÃO COMENTADA

Tradução, apresentação e notas:
Alexandre Barbosa de Souza

ZAHAR

SUMÁRIO

Apresentação:
Batismo de sangue, por Alexandre Barbosa de Souza

DRÁCULA

Cronologia: Vida e obra de Bram Stoker

Apresentação

BATISMO DE SANGUE

Em uma carta ao poeta norte-americano Walt Whitman, o jovem aspirante a crítico literário Abraham Stoker descreve a si mesmo: "Tenho uma mandíbula pesada, uma boca grande, lábios grossos e narinas sensíveis – um nariz pequeno e arrebitado e cabelo liso." Nascido a 8 de novembro de 1847, terceiro dos sete filhos de um funcionário da administração britânica na Irlanda, Bram (apelido de Abraham) foi um menino doente até entrar na escola, aos sete anos de idade. Já adolescente, de 1864 a 1870 frequentou o Trinity College, onde formou-se advogado, estudou também matemática e presidiu a prestigiosa Sociedade Filosófica da universidade, para a qual apresentou seu primeiro ensaio, "Sensacionalismo na ficção e na sociedade" (1868). Em 1870, ingressou na administração pública britânica, começando a defender o autogoverno irlandês integrado ao Reino Unido (Home Rule). Três anos mais tarde, já com alguns contos e críticas teatrais publicados em jornais, tornou-se brevemente editor de *The Irish Echo*.

Em dezembro de 1876, Stoker escreveu uma resenha elogiosa sobre uma apresentação de *Hamlet* no Teatro Real de Dublin, e o astro da peça, o grande ator inglês Sir Henry Irving (1838-1905), convidou-o para jantar no hotel onde estava hospedado. Naquela mesma noite, Irving declamou um poema de Thomas Hood que deixou o jovem Stoker comovido e impressionado. A partir do dia seguinte, Bram tornou-se assistente pessoal de Henry e, mais tarde, gerente de seu teatro em Londres, o Lyceum, cargos que ocuparia por 27 anos. Em 1878, Irving se associou a Ellen Terry (1847-1928), uma das principais atrizes inglesas da época. A sociedade durou até 1903, e juntos eles produziram vários espetáculos shakespearianos. Stoker e Terry tornaram-se íntimos; curiosamente, ela o chamava de "Mama", mamãe.

A mudança para Londres e o emprego fixo, vieram após o casamento com a bela dublinense Florence Balcombe (1858-1937), cortejada antes por seu amigo, calouro de faculdade e rival em Dublin Oscar Wilde (Bram

frequentava a casa da família e os saraus literários dos pais de Oscar). O casal teria apenas um filho, Irving Noel Thornley Stoker (1879-1961). A partir de 1905, com a morte de Sir Irving, Stoker dedicou-se exclusivamente à produção literária: passou a colaborar regularmente com o *Daily Telegraph* e em 1906 publicou *Personal Reminiscences of Henry Irving*, biografia que obteve enorme sucesso.

Drácula é o quinto romance de Stoker, que já havia publicado, sem destaque, *The Primrose Path* (1875), *The Snake's Pass* (1890), *The Watter's Mou'* (1895) e *The Shoulder of Shasta* (1895). Depois do vampiro, ele publicaria ainda *Miss Betty* (1898), *The Mystery of the Sea* (1902), *The Jewel of Seven Stars* (1903), *The Man* (1905), *Lady Athlyne* (1908), *The Lady of the Shroud* (em que os britânicos fundam uma colônia nos Bálcãs, 1909) e *The Lair of the White Worm* (1911), além de dezenas de contos reunidos em *Under the Sunset* (1881), *Snowbound* (1908) e *Dracula's Guest* (publicado postumamente em 1914). Ironicamente, em seu obituário seu livro *The Duties of Clerks of Petty Sessions in Ireland* (1879), escrito enquanto era servidor público, com recomendações aos funcionários, é considerado sua obra mais importante e "a melhor referência no assunto".

Bram Stoker morreu em 1912.

Segundo Stephen King, em seu ensaio "Histórias do Tarô", incluído em *Dança Macabra* (1981):

> *Drácula, de Bram Stoker, humaniza o conceito de mal externo. Stoker atinge o efeito em alto grau mantendo o vampiro literalmente ausente da maior parte da história. O conde está em cena quase o tempo todo nos primeiros quatro capítulos, duelando com Jonathan Harker, lentamente pressionando-o contra a parede ... "Quando eu terminar com ele vocês poderão beijá-lo o quanto quiserem", Harker ouve Drácula dizer às três irmãs macabras... e então o conde desaparece durante a maior parte das trezentas e tantas páginas restantes. É um dos truques mais notáveis e cativantes da literatura inglesa, um trompe-l'oeil que dificilmente foi igualado até hoje.*

Esse efeito óptico, literalmente um "engano do olho" – que Stoker replica no nível dos personagens, como resultado de uma imaginação perturbada –, está na própria natureza do gótico, como definiu John Ruskin em *The Nature of*

Gothic: A Chapter on the Stones of Venice (reeditado isoladamente em 1892). Em *Drácula*, essa perturbação é descrita como "febre cerebral", termo genérico da era vitoriana para qualquer tipo de frenesi nervoso, crise febril com delírios ou reação histérica, decorrente de estresse emocional. A prostração melancólica de Jonathan, o primeiro narrador do romance, consequência de sua estadia de quatro meses na Transilvânia, resultará em impotência sexual, implícita na conversa entre Mina, sua esposa, e o médico Van Helsing ("Prometo que farei com prazer *tudo* o que puder por ele, tudo para que ele volte a ser forte e viril, e a senhora volte a ser feliz."). Em *O morro dos ventos uivantes* (1847) e em *Madame Bovary* (1856), as personagens Catherine e Emma sofriam desse mesmo mal.

Toda uma "ciência bizarra" (*weird science*), nos termos de hoje, será necessária para convencer os jovens protagonistas da realidade do morto-vivo, em suas aparições envoltas em um "diorama fugaz de luz e sombras". A imagem da materialização do vampiro como sensivelmente suprassensível, ou visivelmente incorpóreo, passa pela sobreposição de reflexos e refrações, efeitos da luz sobre partículas que parecem manchas ou sombras, neblina e luar, penumbras, luzes indiretas, aurora e crepúsculo, lusco-fusco, horários em que Mina se comunica telepaticamente com o vampiro, induzida pela hipnose: "Milhares de pequenas manchas esvoaçaram pela janela quebrada e ficaram rodopiando em espirais como a coluna de poeira que os viajantes descrevem quando sopra o simum no deserto."

Tais recursos narrativos combinam vários elementos científicos ou pseudocientíficos da época: 1) o magnetismo animal do médico Franz Anton Mesmer (1734-1815); 2) as experiências de hipnose e indução ao sonambulismo para o tratamento da histeria de Jean-Martin Charcot (1825-93), citado no romance; 3) as crenças espiritualistas na transferência corporal, segundo as quais o espírito de uma pessoa pode se transferir para outro corpo (algo semelhante ao que acontecerá entre Mina e o conde); 4) a teoria da materialização, isto é, a aparição de objetos aparentemente sólidos onde não havia nada, como nas sessões espíritas da era vitoriana; 5) o conceito de corpo astral, adotado pela teosofia e pelos videntes, e compreendido como um vaso ou recipiente para o espírito, emoções, desejos e paixões, invisível aos não iniciados, mas capaz de migrar quando a pessoa dorme, durante a chamada "projeção astral"; 6) a neurologia e a psiquiatria da época (Stoker consultou *Principles of Mental Physiology* [1874], do fisiologista W.B. Carpenter, criador do conceito de "*unconscious cerebration*"); 7) a discutível ciência de

Max Nordau (1848-1923) e Cesare Lombroso (1835-1909), também citados no romance.

Não apenas em *Drácula* esse amplo espectro de teorias, muitas vezes contraditórias, se faz presente. Em seu romance *The Jewel of Seven Stars*, Stoker faz um personagem dizer: "É que o indivíduo que tem esse dom pode, se quiser, bastando pensar, transferir seu corpo para onde quer que deseje, pela dissolução e pela reencarnação das partículas", e em *Famous Imposters* (1910), seu último livro de não ficção, associa sociedades "primitivas", "subdesenvolvidas", ao estágio infantil da mente humana.

Emily Gerard, em seu *Transylvanian Superstitions* (1885), outra fonte de Stocker, explica que na cultura romena Drácula seria um *strigoi*, o vampiro macho morto-vivo (*striga*, em romeno, é um tipo de coruja, e significa também "grito"). As lendas eram muitas envolvendo a figura do homem vampiro:

> A Scholomance era uma escola supostamente existente algures no coração das montanhas, onde todos os segredos da natureza, a linguagem dos animais e todos os encantos mágicos e feitiços imagináveis são ensinados pelo Diabo em pessoa. Apenas dez alunos eram admitidos por vez, e quando o curso terminava e nove deles eram liberados para voltarem para casa, o décimo aluno era retido pelo Diabo como pagamento, e, montado em um *zmeju* (dragão), tornava-se dali em diante o ajudante de campo do Diabo, e o auxiliava na "feitura do clima", isto é, preparando os raios. Um pequeno lago, insondavelmente profundo, que ficava no alto entre as montanhas ao sul de Sibiu, era supostamente o caldeirão onde se fabricava o trovão, e no bom tempo o dragão dormia entre as águas.

Toda essa alquimia bizarra equivalia às "tradições e superstições" que o personagem do médico e professor Van Helsing conhece a partir de seu amigo Arminius, da Universidade de Budapeste, numa provável referência a Arminius Vambéry (1832-1913), professor húngaro de línguas orientais da mesma universidade, que, em 1885, fez palestras em Londres sobre a "ameaça russa" na Ásia Central e era colaborador da inteligência britânica, para a qual fornecia informações sobre o Império Otomano, onde se dizia que era próximo ao sultão. Bram Stoker, em suas *Personal Reminiscences of Henry Irving*, relata dois encontros com Vambéry, em 1890 e 1892. Vambéry conhecia Max Müller (1823-1900), professor de línguas e filologia comparada de Oxford, especialista em religião e mitologia, provável inspiração para Van Helsing.

Tais referências são importantes pois, como veremos na última parte desta apresentação, a ameaça russa e o conflito russo-turco são o pano de fundo político de *Drácula*.

Além de Jonathan, Mina e Van Helsing, também fazem parte da perseguição frenética ao velho aristocrata romeno, ou húngaro, o lorde inglês Arthur Holmwood, cuja noiva Lucy tivera relações íntimas, e fatais, com o conde, o psiquiatra John Seward e o playboy texano Quincey Morris. Mina também mantivera relações com o conde, apenas quase fatais, embora tenha passado por um "batismo", no qual foi obrigada a beber o sangue do tétrico vampiro: "Com a [mão] direita, agarrava-a pela nuca, forçando o rosto para baixo sobre o peito dele. A camisola branca estava suja de sangue, e um fio escorria pelo peito nu do conde, exposto por suas roupas abertas. A posição dos dois lembrava terrivelmente uma criança forçando um gatinho a enfiar o focinho no pires de leite, para obrigá-lo a beber." A luta deles todos para pôr fim ao mal encarnado é, de início, narrada por Mina, a partir dos diários do marido, mas se completa com a transcrição das gravações do psiquiatra (em cilindros fonográficos), além de cartas pessoais e comerciais, telegramas, notícias de jornais, incluindo parte de um diário de bordo de um navio russo (encontrado em uma garrafa) naufragado na Inglaterra.

Os primeiros quatro capítulos são magistrais, segundo o especialista em vampiros Montague Summers: "Se o livro todo permanecesse nesse altíssimo nível teríamos uma obra-prima completa."[1] De fato, a prosa de Jonathan Harker é notável, com algo do espírito empreendedor do jovem ambicioso em ascensão social que herdará os negócios do patrão Peter Hawkins, mesclado a um heroísmo aterrorizado, um lirismo patético de noivo entusiasmado:

> Aqui estou, sentado junto à escrivaninha de carvalho, onde nos velhos tempos possivelmente uma bela dama também sentou para escrever, com muito zelo e muitos rubores, suas mal traçadas linhas de amor; taquigrafando em meu diário tudo o que aconteceu desde que o fechei pela última vez. O século XIX já vai bem adiantado. E, no entanto, a não ser que meus sentidos me enganem, os séculos antigos possuíam, e possuem, uma força própria que a mera "modernidade" não consegue destruir.

O caráter polifônico da construção do romance, sem nenhum narrador onisciente, cria uma interessante repetição dos fatos entre os diversos

narradores, até que sejam conhecidos todos os detalhes de uma história em aberto. Antes da metade do livro, *Drácula* já teve dois finais: após quatro capítulos, aquele que achamos que será o narrador, Harker, encerra seu diário despedindo-se do mundo no final de junho; depois, no capítulo 13, o psiquiatra Seward diz "FINIS", para retomar uma semana depois seus registros fonográficos sobre seu paciente, o colecionador de insetos Renfield, que vive sob a invisível influência de Drácula. Até que Harker volta a escrever no final de setembro, no capítulo 14 – de um livro que termina no 27, portanto na metade exata do livro.

É nesse ponto que o "livro" propriamente começa a se construir. Mina datilografa os diários, seus e do marido, e entrega a Van Helsing, que já havia lido as cartas de sua paciente Lucy. A diversidade estilística diminui, uniformizada pela transcrição de Mina ("ela tem o cérebro de um homem … e o coração de uma mulher", segundo Van Helsing), mantendo-se apenas nos idiomatismos populares e dialetos ingleses, onde se reforça outra dimensão fundamental da modernidade textual do romance: o humor negro (como se vê nas falas de Swales no capítulo 6, do zelador Bilder no capítulo 11, de Smollet e Snelling no capítulo 20, e do capitão Donelson no capítulo 26; além dos americanismos de Quincey e os longos monólogos de Van Helsing, com seu inglês de holandês).

O ex-baleeiro Swales, por exemplo, num saboroso dialeto, descarta a existência do sobrenatural e desdenha das mentiras da religião, comentando a lápide de um rapaz da região:

> Eu não esquentaria a cabeça por conta disso, dona. É tudo dos tempos de antigamente. A senhorita me perdoe, não vou dizer que nunca tenha existido tal coisa, mas não é da minha época. Isso é conversa de forasteiro, de viajante, esse tipo de gente, não é assunto para uma mocinha tão simpática como a senhorita. Esses turistas de York e Leeds, que só vêm aqui para comer arenque, tomar chá e comprar azeviche mais barato, talvez acreditem. Não sei quem se dá ao trabalho de inventar essas mentiras para eles, até o jornal está cheio dessas bobagens. … A senhorita não vê nada de engraçado! Ha, ha! Mas isso é porque a senhorita não sabe que a mãe compungida era uma megera que o detestava porque ele era um torto, um deformado que detestava tanto a mãe que cometeu suicídio para que ela não recebesse o dinheiro do seguro que tinha feito para o filho. Ele estourou o topo da cabeça com um mosquete que eles tinham para espantar

corvo. Mas dessa vez não serviu para isso, pois vieram também as moscas e os abutres. E foi assim que ele caiu das pedras. E quanto à esperança de ressurreição gloriosa, eu ouvi muitas vezes o sujeito dizer que preferia ir para o inferno, pois a mãe era tão carola que decerto ia para o céu, e ele não queria ficar no mesmo lugar que ela. Pois então, esta lápide não lhe parece um monte de mentiras? − perguntou ele, batendo com a bengala na pedra. − E o arcanjo Gabriel não vai dar uma gargalhada quando Geordie subir ofegante os degraus com a lápide equilibrada na cacunda, pedindo para ser considerada como prova?!

Já o texano Quincey também tem uma dicção própria e de evidente nota humorística quando propõe casamento a Lucy, antes de ela noivar com Arthur:

Srta. Lucy, sei que eu não sirvo nem para dar o laço do seu sapatinho, mas acho que se a senhorita for esperar até encontrar um homem que preste, vai acabar se juntando às outras sete mocinhas, segurando vela atrás de noivo. Você não quer simplesmente subir aqui na garupa e irmos embora os dois por essa longa estrada juntos, viajando de dois cabrestos?

E também quando, no capítulo 12, ele enuncia a palavra "vampiro", na primeira vez em todo o livro:

Nunca vi nada assim acontecer tão depressa desde uma vez em que estava nos Pampas e tinha uma égua de que eu gostava muito e que bateu as botas da noite para o dia. Um daqueles morcegos grandes que eles chamam de vampiro atacou minha égua à noite, e com o que bebeu e a veia deixada aberta, pela manhã, não havia sangue suficiente para fazer com que ela se levantasse nas quatro patas, e precisei meter uma bala em sua cabeça.

O próprio médico Van Helsing admite estar sujeito ao ataque histérico do humor negro:

O riso é um rei e vem quando e como bem entende. Não pede licença, não escolhe momento apropriado. Ele diz "Cheguei". Repare, por exemplo, meu coração está de luto por aquela menina tão nova e tão meiga. Dei meu sangue por ela, mesmo velho e cansado. Dei meu tempo, meus conhecimentos, meu sono. Deixei outros pacientes sem nada, para ela dei

> tudo. E, no entanto, rio junto à sua sepultura, rio quando a terra da pá do coveiro cai sobre seu caixão e bate no meu coração, "Tum, tum!", até que o sangue volte para o meu rosto. Meu coração sangrou por aquele pobre garoto, da idade do filho que eu teria, se houvesse tido a bênção de ele sobreviver, e com o mesmo cabelo e os mesmos olhos que ele teria hoje. Pois aí está, agora você entende por que gosto tanto dele. E mesmo assim, quando ele diz coisas que tocam meu coração de marido e fazem meu coração de pai sentir mais saudade dele do que jamais senti de qualquer outro homem... nem mesmo de você, amigo John, pois somos mais parecidos em experiência do que como pai e filho... mesmo nessa hora, o Rei Riso vem e grita e berra em meu ouvido, "Cheguei! Cheguei!", até o sangue voltar a dançar e trazer um pouco do sol que carrega consigo para o meu rosto. Oh, amigo John, é um mundo estranho, um mundo triste, um mundo cheio de desgraças, dores e atribulações. E, ainda assim, quando o Rei Riso chega, faz tudo isso dançar conforme a música que ele toca. Corações sangrando, ossos secos no cemitério e lágrimas ardentes, tudo dança junto à música que ele faz com aquela boca sem sorriso. Acredite, amigo John, é um rei bom, generoso. Ah, nós homens e mulheres somos todos como cordas tesas com uma força que nos puxa em diferentes direções. As lágrimas vêm e, como a chuva, molham as cordas, contraindo-as até que talvez a força seja excessiva, e nós nos rompemos. Mas o Rei Riso vem como um raio de sol e alivia a tensão, e conseguimos continuar na labuta, qualquer que seja.

Para vencer a resistência dos personagens em acreditar no sobrenatural, o livro dá início a um longo processo de persuasão, do qual Stoker se revela um mestre moderno. O conflito entre, de um lado, o pensamento científico, racional, "ocidental" e, de outro, os aspectos irracionais, sobrenaturais, "orientais" da existência do vampiro constitui o cerne do romance, que pode ser lido como um longo processo de persuasão e convencimento dos personagens quanto à "tarefa grave" que têm pela frente – matar definitivamente os mortos-vivos –, "uma tarefa para ser levada a sério, como uma transação comercial ou qualquer outro negócio na vida", nas palavras de Mina. (No inglês de estrangeiro de Van Helsing, inspirado por seu humor peculiar, parece haver aqui um trocadilho com a palavra *grave*, que em inglês significa "sepultura" mas também o adjetivo "grave". A expressão *grave duty*, "tarefa grave", reaparecerá até o final do romance sob múltiplas variações

(trabalho sacrílego, maldito trabalho, tarefa terrível, asquerosa façanha, empreitada pavorosa, tarefa selvagem, afazeres terríveis, trabalho tenebroso, tarefa sombria, horrível tarefa, terrível empreitada, missão dolorosa, trabalho brutal), constituindo o tema mais recorrente da obra. O uso do duplo sentido para tratar dessas questões reaparece quando são mencionados "o último trabalho terreno" (*last earthwork*), referindo-se à destruição das sepulturas do vampiro, e o "conde de Ville", trocadilho feito pelo próprio conde Drácula com *devil*, "diabo" em inglês.) Argumenta Van Helsing:

> Certa vez, um americano definiu a fé como "a faculdade que nos permite acreditar em coisas que sabemos não serem verdadeiras". Eu, pelo menos, concordo com ele. Queria dizer que devemos manter a mente aberta e não deixar que um pouco da verdade obstrua o fluxo de uma grande verdade, como uma pedra pequena no trilho do trem. Primeiro alcançamos a pequena verdade. Muito bem! Nós a conservamos e a valorizamos, no entanto, não podemos pensar que ela é a verdade total do universo. ... Um ano atrás, quem de nós aceitaria essa possibilidade, em pleno século XIX, científico, cético e prático? ... Pois nesta era esclarecida em que os homens não acreditam nem no que veem, a dúvida dos homens mais sábios seria a maior força do vampiro.

Uma vez convencidos da realidade do sobrenatural, os protagonistas dão início a uma verdadeira caçada ao vampiro, numa viagem ao Oriente que se estende até as últimas páginas do romance e ganha explícitas conotações políticas.

"Tally Ho!", gritam os cruzados do Ocidente brandindo seus rifles Winchester contra o diabo oriental, o voivode boiardo Drácula, defensor da autonomia do povo székely, que reivindica descendência dos hunos anteriores à chegada dos magiares e à aliança com os austríacos. Diz Van Helsing:

> Assim sendo, somos ministros do desejo de Deus: de que o mundo e os homens por quem Seu Filho morreu não sejam entregues aos monstros cuja própria existência O difama. Ele nos permitiu redimir já uma alma, e seguiremos, como os antigos cavaleiros das Cruzadas, para redimir outras mais. Como eles, viajaremos na direção do sol nascente. E como eles, se falharmos, cairemos por uma boa causa.

Antigo defensor do Ocidente contra os turcos otomanos, no tempo em que se desenrola o romance o conde já representa um anacronismo do ponto de vista dos ingleses, naquele momento aliados dos turcos contra a ameaça do imperialismo russo. Vinte anos antes da publicação de *Drácula*, turcos e russos se enfrentaram por dois anos, numa guerra motivada pelo desejo russo de conquistar um acesso ao mar Mediterrâneo e de capturar a península dos Bálcãs, então controlada pelo Império Otomano. Mathew Gibson, estudioso das formas como os Bálcãs apareciam nas literaturas inglesa e irlandesa, compõe o seguinte quadro no encerramento do conflito:

> No Congresso de Berlim, em junho de 1878, o destino dos Bálcãs foi selado pelos quarenta anos seguintes de um modo que frustrou muitos povos balcânicos, muitos liberais na Inglaterra, e até mesmo o sultão otomano Abdul Hamid II, bastante favorecido pelo acordo. ... Esse tratado ratificou a completa independência da Romênia, Sérvia e Montenegro, o retorno da Bessarábia às mãos russas (incluindo parte da costa do mar Negro a norte da Moldávia) e a autonomia de uma nova Bulgária, que incorporava terras da Tessália, toda a Macedônia, e até mesmo parte da Albânia. Os turcos conservaram a Bósnia e a Herzegovínia, para tristeza dos sérvios, e reduziram a Albânia, mas Novi Bazar foi dividido entre Montenegro e Sérvia. Embora aparentemente mantivesse o domínio oficial da Bulgária, o sultão havia perdido a maior parte de suas posses com esse tratado.[2]

Ao longo do romance, Drácula é comparado ao tigre indiano, e a ideia da fera que provou carne humana e continua à espreita parece vir de Shere Khan, personagem dos *Livros da Selva* (1895) de Rudyard Kipling (1865-1936), o que reforça a inserção do romance no contexto geopolítico do gótico imperial. E não é curioso que sejam duas relíquias de guerras coloniais, duas facas − a *kukri* do Motim Indiano (1857) e a *bowie* da Guerra do Texas (1836) −, as armas usadas para matar o conde?

Além das questões geopolíticas evocadas pelo romance, também um conteúdo social encontra nele um terreno fértil. Mesmo o historiador inglês Terry Eagleton, avesso aos romances de terror, é obrigado a reconhecer o valor crítico da ficção gótica. Segundo ele, a variante gótica de Stoker é resultante da consciência pesada dos irlandeses anglicizados, que aceitavam de bom grado a dominação estrangeira em seu país:

> Barões malévolos, monges lascivos, virgens vitimizadas, ruínas abandonadas, calabouços mofados: se essas cafonas peças de teatro mal chegam a constituir matéria de grande arte, não obstante cumpriram seu papel de extravagante crítica à razão do Iluminismo, especialmente do ponto de vista das mulheres, que representavam o lado de baixo, reprimido, dessa razão. Gótica é a grotesca sombra lançada pelo clarão impiedoso dessa razão, o inconsciente político de uma sociedade de classe média que jogava suas angústias e fantasias persecutórias no cofre de sua própria ficção.[3]

Stoker sempre retrata o povo como beberrão, pedinte, ladrão; e a classe média como obsequiosa, empolada, subserviente, interesseira. *Omnia Romae venalia sunt*, "Tudo em Roma está à venda", nas palavras de Salústio citadas no romance, e parece ser esta a justificativa para os narradores destilarem seus preconceitos de gênero, de raça, anglocêntricos, vitorianos e imperiais, nascidos de uma "russofobia" difusa.

Em frontal oposição ao conde, o norte-americano Quincey Morris representa no romance o ideal de juventude, otimismo e vitalidade, associado a um novo modelo de homem: o capitalista americano. No inglês truncado de Van Helsing, "seus olhos estão voltados para o horizonte". Stoker, em seu discurso sobre os Estados Unidos *A Glimpse on America* (1886), refere-se ao país como Sunset Land (Terra do Sol Poente), associando-o ao futuro.

ALEXANDRE BARBOSA DE SOUZA

ALEXANDRE BARBOSA DE SOUZA é autor de *Livro geral* (Companhia das Letras, 2013), *Dix & Bisteca* (Companhia das Letrinhas, 2013) e *Autobiografia de um super-herói* (Hedra, 2001) e tradutor de clássicos como *Os livros da selva*, *Alice através do espelho*, *Orgulho e preconceito* e *Moby Dick*. Estudou medicina, filosofia, cinema e letras e atuou como editor em revistas independentes (*Meia de Seda*, *Azougue* e *Ácaro*) e nas editoras 34, Cosac Naify e Biblioteca Azul.

1. M. Summers, "The Vampire in Literature", in *Vampires and Vampirism* (1929).
2. M. Gibson, "Bram Stoker and the Treaty of Berlin (1878)", *Gothic Studies* 6, 2, nov 2004.
3. T. Eagleton, "Allergic to Depths, on *Gothic: Four Hundred Years of Excess, Horror, Evil and Ruin*, by Richard Davenport-Hines", *London Review of Books* 21, 6, 18 mar 1999.

DRÁCULA

Ao meu querido amigo Hommy-Beg[1]

NOTA INTRODUTÓRIA

Como esses papéis foram ordenados em sequência se tornará manifesto durante sua leitura. Todos os assuntos desnecessários foram eliminados, de modo que uma história quase contraditória às potencialidades do que se acredita hoje em dia possa se sustentar como um fato comum. Não há nenhuma afirmação sobre coisas passadas em que a memória pudesse falhar, pois todos os registros escolhidos são perfeitamente contemporâneos aos fatos e oferecidos a partir dos pontos de vista e dentro do espectro de conhecimentos das próprias pessoas que os fizeram.

PREFÁCIO DO AUTOR À PRIMEIRA EDIÇÃO ISLANDESA (1901)

O leitor desta história muito em breve entenderá como os acontecimentos descritos nestas páginas foram gradualmente reunidos de modo a perfazer uma unidade lógica. Além da exclusão de detalhes menores que considerei desnecessários, deixei as pessoas envolvidas relatarem suas experiências cada um à sua maneira, mas, por motivos óbvios, alterei os nomes das pessoas e dos lugares envolvidos. Em todos os demais aspectos, mantive o manuscrito inalterado, em deferência aos desejos daqueles que consideraram seu dever apresentá-lo aos olhos do público.

Estou plenamente convencido de que não existe qualquer dúvida quanto à realidade dos acontecimentos descritos aqui, por mais inacreditáveis e incompreensíveis que possam parecer à primeira vista. Ademais, tenho certeza de que, até certo ponto, eles permanecerão incompreensíveis, embora a pesquisa contínua na psicologia e nas ciências naturais possa, no futuro, fornecer explicações lógicas para acontecimentos tão estranhos que, no presente, nem os cientistas nem a polícia secreta conseguem entender. Torno a afirmar que a misteriosa tragédia aqui descrita é inteiramente verdadeira em todos os seus aspectos externos, ainda que, naturalmente, eu tenha chegado em determinados pontos a conclusão diferente da dos envolvidos na história. Mas os acontecimentos são incontroversos, e são tantas pessoas a saber deles que não podem ser negados. Essa série de crimes ainda não saiu da memória – crimes que parecem ter a mesma origem e que, ao mesmo tempo, geraram tamanha repugnância nas pessoas por toda parte, tal como os assassinatos de Jack o Estripador,[2] que entraram para a história um pouco depois. À lembrança de muitas pessoas virá um notável grupo de estrangeiros que, por muitas temporadas, teve um papel de destaque na vida da aristocracia aqui em Londres; e algumas pessoas se lembrarão que uma delas desapareceu subitamente sem motivo aparente e sem deixar vestígios. Todas as pessoas que voluntariamente – ou involuntariamente – desempenharam um papel nesta notável história são conhecidas do público e bastante respeitadas. Tanto Jonathan Harker quanto sua esposa (uma mulher de caráter) e o dr. Seward são

amigos meus já há muitos anos, e nunca duvidei de que estivessem dizendo a verdade; e o cientista altamente respeitado, que aparece aqui sob pseudônimo, também seria famoso demais em todo o mundo civilizado para aparecer com seu próprio nome, que desejei não especificar, para ocultá-lo do público – sobretudo de todos aqueles que, por experiência, aprenderam a valorizar e a respeitar seu gênio e suas realizações, ainda que não compartilhem de suas opiniões sobre a vida mais do que eu. Mas, nestes nossos tempos, é preciso que fique claro para todos os homens que pensam seriamente que "existem mais coisas entre o céu e a terra do que sonha nossa vã filosofia".[3]

Londres
Agosto de 1898
B.S.

---

1. Sir Thomas Henry Hall Caine (1853-1931), escritor de sucesso em sua época e grande amigo de Stoker, a quem dedicou três novelas (*Cap'n Davy's Honeymoon*, *The Last Confession* e *The Blind Mother*) e sobre quem escreveu um obituário intitulado "Bram Stoker: a história de uma grande amizade". A avó de Caine era da ilha de Man e o chamava de "Little Tommy" ou, no dialeto da ilha, "Thommy Beag", pronunciado "Hommy Beg".

2. Assassino em série de identidade incerta responsabilizado pelo bárbaro homicídio de prostitutas no distrito de Whitechapel, Londres, sobretudo no período de agosto a novembro de 1888.

3. Fala de Hamlet na tragédia de Shakespeare (*Hamlet*, Ato I, Cena 5).

CAPÍTULO 1

DIÁRIO DE JONATHAN HARKER (em taquigrafia[4])

3 de maio, Bistritz[5] – Saí de Munique às 8h35 da noite, no 1º de maio, alcançando Viena cedo na manhã seguinte; deveria ter chegado às 6h46, mas o trem atrasou uma hora. Budapeste[6] parece linda, pelo que pude ver da janela do trem e pelas poucas ruas que percorri. Receei me afastar muito da estação, uma vez que havíamos chegado com atraso e partiríamos o mais próximo possível do horário correto. A impressão que tive foi de que estávamos saindo do Ocidente e entrando no Oriente; a mais ocidental das esplêndidas pontes sobre o Danúbio – que aqui possui nobre largura e profundidade – nos conduziu às tradições do domínio turco.[7]

Saímos em boa hora e chegamos a Klausenburgh[8] depois de escurecer. Passei a noite no Hotel Royale. No jantar, ou melhor, na ceia, comi uma galinha temperada com uma espécie de pimenta vermelha que estava muito boa, mas me deu muita sede. (Lembrete: levar a receita para Mina.) Perguntei ao garçom, e ele disse que se chamava *paprika hendl*[9] e que, como se tratava de um prato nacional, eu poderia encontrá-lo em qualquer lugar nos Cárpatos. Meus rudimentos de alemão têm sido bastante úteis. A bem dizer não sei como me sairia sem eles.

Dispondo de algum tempo livre quando ainda estava em Londres, fizera uma pesquisa no Museu Britânico, em busca de livros e mapas sobre a Transilvânia. Ocorrera-me que um mínimo de conhecimento prévio haveria de ser relevante no trato com um nobre da região. Descobri que o distrito que leva seu nome fica no extremo oriente do país, na fronteira de três estados, Transilvânia, Moldávia e Bucovina,[10] em meio às montanhas dos Cárpatos; uma das regiões mais selvagens e menos conhecidas da Europa. Não consegui encontrar em nenhum mapa ou livro a localização exata do castelo Drácula, uma vez que não existem mapas desse país comparáveis aos da nossa Ordnance Survey;[11] mas apurei que Bistritz, o entreposto postal referido pelo

conde Drácula, é um lugar bem conhecido. Deixarei aqui algumas anotações, no intuito de que refresquem minha memória quando for relatar a viagem a Mina.

A população da Transilvânia está dividida em quatro nacionalidades distintas: saxões no sul, e mesclados a eles os valáquios,[12] que descendem dos dácios;[13] magiares[14] no Ocidente, e székelys[15] no Oriente e no norte. Estou entre estes últimos, que alegam descender de Átila e dos hunos. Isso pode bem ser verdade, pois quando os magiares conquistaram a região no século XI encontraram ali os hunos já estabelecidos. Li que todas as superstições conhecidas no mundo estão reunidas na ferradura dos Cárpatos, como se o lugar fosse o centro de alguma espécie de redemoinho imaginativo; caso seja, minha estada há de ser muito interessante. (Lembrete: perguntar tudo sobre as superstições ao conde.)

Não dormi bem, embora a cama fosse confortável, pois tive todo tipo de sonhos estranhos. Um cão uivou a noite inteira embaixo da minha janela, o que pode ter algo a ver com isso; ou talvez tenha sido a páprica, pois precisei beber toda a água da minha garrafa e continuei com sede. Adormeci quase de manhã e fui acordado por batidas insistentes na porta, portanto, imagino que estava dormindo pesadamente. No desjejum comi mais páprica, uma espécie de mingau de milho que disseram se chamar *mamaliga*[16] e berinjela recheada com carne moída, um prato delicioso, que eles chamam de *impletata*.[17] (Lembrete: pedir também a receita disso.) Precisei comer depressa, pois o trem saía pouco antes das oito, ou melhor, deveria ter saído, porque depois de correr para chegar à estação às sete e meia precisei esperar sentado em meu vagão por mais de uma hora até a partida. Parece-me que quanto mais orientais, menos pontuais são os trens. Como não devem ser os da China?

Durante o dia inteiro percorremos lentamente uma região repleta de toda sorte de belezas. Aqui e ali vimos cidadezinhas ou castelos no topo de encostas íngremes, como as que vemos em velhos missais; passamos junto de rios e córregos que, pelas largas margens rochosas dos dois lados, pareciam sujeitos a grandes inundações. É preciso muita água, além de fortes correntes, para arrancar a vegetação que margeia um rio. A cada parada havia grupos de pessoas, às vezes multidões, usando todo tipo de indumentária. Alguns pareciam os nossos camponeses ou aqueles que vi atravessando a França e a Alemanha, com seus paletós curtos, chapéus redondos e calças rústicas; porém havia outros muito pitorescos. As mulheres pareciam bonitas, até você se aproximar, mas eram muito negligentes com a cintura. Vestiam todas algum

tipo de camisa de mangas brancas compridas, e a maioria usava grandes cintos com várias fitas, ou algo parecido, penduradas como saiotes de balé, mas evidentemente estavam de anágua por baixo. As figuras mais estranhas que vimos foram os eslovacos,[18] que eram mais bárbaros que os demais, com seus grandes chapéus de vaqueiro, folgadas calças pardacentas, camisas brancas de linho e enormes e pesados cintos de couro, de quase quinze centímetros de largura e cravejados de alfinetes de latão. Usavam botas altas, por cima das calças, longos cabelos negros e bigodes negros e fartos. São muito pitorescos, mas não parecem simpáticos. No teatro, dariam um perfeito bando de salteadores orientais. Mas, segundo me disseram, são bastante inofensivos, faltando-lhes até mesmo alguma assertividade natural.

Adentrávamos o lado escuro do crepúsculo quando chegamos a Bistritz, um lugar antigo e muito interessante. Situada quase na fronteira – pois pelo passo Borgo[19] chega-se a Bucovina –, a cidade teve uma existência tempestuosa, da qual certamente ainda exibe marcas. Cinquenta anos antes, uma série de grandes incêndios causou danos terríveis, em cinco ocasiões distintas. No início do século XVII, foi sitiada durante três semanas e treze mil pessoas morreram, com a fome e as doenças se somando às baixas de guerra.

O conde Drácula havia me orientado a procurar o Golden Krone Hotel, que descobri, para minha grande satisfação, ser muito antiquado, pois evidentemente me interessava ver o máximo que pudesse dos costumes do país. Ficou claro que me aguardavam, pois quando cheguei perto da porta fui recebido por uma senhora idosa e entusiasmada, usando o tradicional traje de camponesa – anágua branca com um longo avental duplo, na frente e atrás, de tecido colorido e apertado demais para qualquer decoro. Quando me aproximei, fez uma mesura e perguntou:

– *Herr* Inglês?

– Sim – respondi. – Jonathan Harker.

Ela sorriu e comentou alguma coisa com um senhor idoso, de camisas brancas, que a seguira até a porta. O homem saiu, mas voltou na mesma hora com uma carta:

Meu amigo, bem-vindo aos Cárpatos. Aguardo-o ansiosamente. Durma bem hoje à noite. A diligência partirá para Bucovina amanhã, às três; nela há um lugar reservado para você. No passo Borgo, minha carruagem o estará esperando e vai trazê-lo para mim. Espero que a viagem desde Londres tenha

sido boa e que você aprecie sua estada em meu belo país.

Seu amigo,

Drácula

4 de maio – Descobri que o senhorio havia recebido uma carta do conde com a orientação de que me garantisse o melhor lugar na diligência; mas quando eu quis saber mais detalhes ele me pareceu algo reticente e fingiu não entender meu alemão. O que não podia ser verdade, pois até então havia entendido tudo com perfeição; ou, pelo menos, respondera às minhas perguntas exatamente como se as tivesse entendido. Ele e a esposa, a senhora que me recebera, entreolharam-se um tanto apavorados. O senhorio resmungou que tudo o que sabia era que o dinheiro tinha vindo dentro de uma carta. Quando perguntei se conhecia o conde Drácula e se podia me contar alguma coisa sobre o castelo, tanto ele como a esposa fizeram o sinal da cruz e, dizendo não saber nada mesmo, simplesmente se recusaram a continuar a conversa. Foi tão próximo da hora de sair que não tive tempo de perguntar nada a mais ninguém, mas aquilo tudo foi muito misterioso e de modo algum reconfortante.

Pouco antes de minha partida, a velha senhora veio até meu quarto e exclamou de modo histérico:

– Tem mesmo que ir? Oh! Jovem *Herr*, tem mesmo que ir?

Estava tão exaltada que parecia ter perdido o pouco alemão que sabia e misturou tudo com outra língua que eu desconhecia por completo. Só com muitas perguntas é que consegui entendê-la. Quando afirmei que precisava ir embora de uma vez e que tinha um compromisso de negócios importante, ela indagou de novo:

– Sabe que dia é hoje?

Respondi que era 4 de maio. Ela balançou a cabeça e repetiu:

– Oh, sim! Sei disso! Sei muito bem, mas o senhor tem ideia de que dia é hoje?

Respondi que não havia entendido, ela continuou:

– É véspera do dia de são Jorge.[20] O senhor sabe que hoje à noite, quando o relógio der meia-noite, todas as coisas malignas do mundo vão estar à solta? O senhor sabe aonde está indo e o que vai fazer?

Estava tão claramente angustiada que tentei consolá-la, mas sem efeito. Por fim, ajoelhou-se e implorou que eu não fosse embora; que pelo menos

esperasse um ou dois dias antes de partir. Foi tudo muito ridículo, mas não me senti à vontade. No entanto, havia um negócio a ser fechado, e eu não poderia permitir nenhuma interferência. Tentei erguê-la do chão e afirmei, com toda a gravidade que consegui, que agradecia muito, mas que meu dever era imperioso, e eu precisava mesmo partir. Ela por fim se levantou, enxugou as lágrimas e, tirando um crucifixo do pescoço, ofereceu-o a mim. Não soube o que fazer, pois, como anglicano, aprendi a considerar essas coisas uma espécie de idolatria, no entanto me pareceu errado fazer tal desfeita a uma velha senhora cheia de boas intenções e naquele estado de espírito. Ela percebeu, imagino, a hesitação em meu rosto, pois colocou o rosário em meu pescoço e rogou:

– Faça isso pela sua mãe.

E saiu do quarto.

Escrevo este trecho do diário ainda com o crucifixo no pescoço, enquanto espero o cocheiro, que, é claro, está atrasado. Talvez pelo medo da velha senhora, ou pelas muitas tradições de fantasmas deste lugar, ou devido ao próprio crucifixo, não sei, mas não estou com a mente tranquila como de costume. Se este caderno chegar às mãos de Mina antes de mim, que leve o meu adeus. Aí vem o cocheiro!

5 de maio, no castelo – A bruma da manhã passou, e o sol está alto no horizonte distante, que parece recortado, seja de árvores ou montanhas, não sei, pois está tão longe que coisas grandes e pequenas se confundem.[21] Estou sem sono, e ninguém vai me chamar até que eu acorde, portanto vou escrever até o sono chegar. Há muitas coisas estranhas que registrar, e, para que ninguém leia isto e imagine que exagerei no jantar antes de partir de Bistritz, anoto exatamente o cardápio. Comi o que eles chamam de "bife ladrão" – espetinhos de toucinho, cebola e carne temperados com pimenta vermelha e assados no fogo, no singelo estilo dos churrascos para gato[22] de Londres! O vinho era um Golden Mediasch, que causa uma estranha pontada na língua, mas, no entanto, não é nada desagradável. Bebi apenas duas taças, e nada mais.

Quando subi na diligência, o cocheiro ainda não havia assumido seu posto, e vi que conversava com a senhoria. Evidentemente falavam de mim, pois de quando em quando olhavam na minha direção, e algumas pessoas que estavam sentadas no banco ao lado da porta – que eles chamam por um termo que

significa "portador de palavras" – vieram e ficaram ouvindo, virando-se para mim, a maioria com uma expressão de pena. Consegui distinguir muitas palavras sendo repetidas, palavras estranhas, pois havia muitas nacionalidades naquele grupo, então discretamente saquei meu dicionário poliglota da bolsa e as procurei. Devo dizer que não me pareceram muito animadoras, pois entre elas estavam: *Ördög*,[23] Satã; *pokol*, inferno; *stregoica*, bruxa; e *vrolok* e *vlkoslak*, ambas significando a mesma coisa, lobisomem ou vampiro, em eslovaco e sérvio. (Lembrete: perguntar ao conde sobre essas superstições.)

Quando partimos, todas as pessoas junto à porta da estalagem, cujo grupo àquela altura aumentara consideravelmente, fizeram o sinal da cruz e apontaram dois dedos para mim.[24] Com alguma dificuldade, consegui que um companheiro de viagem me dissesse o que significava aquilo. Ele não respondeu a princípio, mas ao descobrir que eu era inglês explicou que era uma proteção contra mau-olhado. Não gostei nada disso, uma vez que estava indo a um lugar desconhecido para encontrar um homem desconhecido. Mas todos pareciam tão bondosos, tão pesarosos e solícitos que não pude deixar de me comover. Jamais esquecerei a última visão do pátio da estalagem e aquele grupo de figuras pitorescas, todas se persignando sob a arcada larga, com seu fundo de folhas de oleandro e laranjeiras nos canteiros verdes no centro do pátio. Então nosso cocheiro, cujas calças largas de linho cobriam toda a frente do assento da diligência – *gotza*, como eles chamam – estalou seu longo chicote nos quatro cavalinhos, que saíram em disparada, e começamos viagem.

Em face da beleza da paisagem, logo perdi de vista e da memória esses temores fantasmagóricos, embora talvez não tivesse conseguido me livrar deles com tanta facilidade se soubesse a língua, ou melhor, as línguas, que meus companheiros de viagem falavam. Diante de nós estendia-se um verdejante terreno em aclive repleto de florestas e bosques, com encostas íngremes de quando em quando, coroadas de arvoredos ou casas de campo com as empenas do telhado voltadas para a estrada. Em toda parte havia uma estonteante quantidade de frutos – maçãs, ameixas, peras, cerejas. E conforme passávamos pude notar a grama verde sob as árvores juncada de pétalas caídas. Por entre as colinas verdejantes, que eles chamam aqui de Mittelland, corria a estrada, perdendo-se ao contornar curvas relvadas, ou cobrindo-se de agulhas de pinheiros, que vez por outra desciam as encostas feito línguas de fogo. A estrada era irregular, mas ainda assim parecíamos flutuar sobre ela com uma pressa febril. Não conseguia entender portanto o motivo da afobação,

mas o cocheiro estava evidentemente inclinado a chegar a Borgo Prund o quanto antes. Disseram-me que a estrada é excelente no verão, mas que ainda não havia sido consertada depois das nevascas do inverno. Nesse aspecto, ela difere das estradas nos Cárpatos, pois é uma velha tradição que não sejam mantidas em bom estado. Desde tempos antigos, os hospodares[25] não as restauravam, para que os turcos não pensassem que estavam se preparando para receber soldados estrangeiros e assim apressassem a guerra que, na verdade, estava sempre prestes a estourar.

Além das encostas verdes e ondulantes da Mittelland erguiam-se poderosos contrafortes de florestas até as altas escarpas dos próprios Cárpatos. Estendiam-se à direita e à esquerda de nós, com o sol da tarde caindo sobre eles e exibindo as gloriosas cores da bela cadeia de montanhas, azuis profundos e roxos nas sombras dos picos, verdes e marrons onde a relva e a rocha se mesclavam, e uma perspectiva infinita de rochas irregulares e pedras angulosas, até que mesmo estas se perdiam na distância, onde ressaltavam majestosos os picos nevados. Aqui e ali abriam-se portentosos penhascos nas montanhas, através dos quais, quando o sol começava a baixar, víamos de quando em quando cintilações brancas de quedas d'água. Um de meus companheiros tocou meu braço quando, ao contornarmos a base de uma encosta, desvendou-se o altíssimo pico nevado de uma montanha, que, em nosso serpentear, parecia estar logo à nossa frente.

– Veja! *Isten szek*![26] O assento de Deus! – E fez o sinal da cruz reverentemente.

À medida que seguíamos em nosso caminho sem fim e o sol ficava cada vez mais baixo atrás de nós, as sombras do anoitecer começaram a rastejar à nossa volta. Isso era enfatizado pelo fato de que o topo da montanha coberto de neve ainda retinha o ocaso e parecia reluzir com um rosa delicado e discreto. Passamos por tchecos e eslovacos, todos em trajes pitorescos, mas dolorosamente notei muitos casos de bócio. Vi muitas cruzes à beira da estrada, e, ao passar por elas, todos os meus companheiros se benzeram. Vez por outra havia um camponês ou uma camponesa ajoelhados diante de um santuário, mas pareciam entregues à devoção e nem sequer se viravam quando nos aproximávamos, sem olhos nem ouvidos para o mundo exterior. Havia muitas coisas novas para mim. Por exemplo, montes de feno nas árvores e, em alguns trechos, belos emaranhados de bétulas, com seus troncos brancos brilhando feito prata por entre o verde delicado das folhas. De quando em quando passávamos por uma carroça – o veículo camponês mais comum – com

sua estrutura comprida articulada como vértebras serpenteantes, projetada para se adequar à estrada irregular. Sobre elas, sempre iam sentados grupos de camponeses voltando para casa, tchecos com suas peles de ovelhas brancas e eslovacos com peles tingidas e portando longos cabos em forma de lança com um machado na extremidade. Ao anoitecer, começou a esfriar muito, e o avanço do crepúsculo pareceu encobrir a escuridão das árvores – carvalhos, faias e pinheiros – numa névoa soturna, embora, nos vales que corriam lá embaixo entre os espigões das encostas enquanto atravessávamos o passo, os abetos negros se destacassem aqui e ali contra o fundo da neve recente. Às vezes, quando a estrada atravessava bosques de pinheiros que, no negrume, pareciam se fechar sobre nós, grandes massas cinzentas que cobriam as árvores em determinados pontos produziam um efeito particularmente estranho e solene, trazendo de volta os pensamentos e as imaginações tenebrosas engendradas mais cedo naquela tarde, com o sol poente dando estranho relevo às nuvens fantasmagóricas que entre os Cárpatos parecem serpentear incessantemente pelos vales. Em alguns trechos as encostas eram tão íngremes que, apesar da pressa do cocheiro, os cavalos só conseguiam trotar lentamente. Eu quis descer e seguir caminhando ao lado deles, como fazemos na Inglaterra, mas o cocheiro não permitiu.

– Não, não – sentenciou ele. – Aqui o senhor não pode andar. Os cães são muito ferozes. – E então acrescentou, com o que evidentemente lhe pareceu um gracejo soturno, pois olhou para trás procurando o sorriso de aprovação de meus companheiros de viagem: – E é possível que ainda veja muita coisa assim antes de dormir.

A única parada que fez foi uma pausa momentânea para acender os lampiões. Quando anoiteceu, uma certa excitação pareceu se instaurar entre os passageiros, que ficaram falando com o cocheiro, um depois do outro, como se insistissem para ir ainda mais depressa. Ele lanhou os cavalos impiedosamente com o longo chicote e, com gritos selvagens de encorajamento, obrigou-os a esforços ainda maiores. Então, através da treva, consegui distinguir uma espécie de mancha de luz cinzenta à nossa frente, como se houvesse uma fenda na montanha. A excitação dos passageiros aumentou. A diligência ensandecida balançou sobre suas grandes molas de couro e sacudiu feito um barco lançado ao mar tempestuoso. Precisei me segurar. A estrada ficou mais plana, e era como se estivéssemos voando sobre ela. Então as montanhas pareceram se aproximar pelos dois lados e se fechar sobre nós. Estávamos entrando no passo Borgo. Um por um, diversos dos

passageiros me ofereceram presentes, que empurraram para mim com uma veemência que não admitia recusas. Decerto eram objetos estranhos e variados, mas cada um deles foi oferecido de boa-fé, com uma palavra afetuosa, uma bênção e aquela mesma mistura incomum de movimentos indicativos de temor que eu notara na porta do hotel em Bistritz – o sinal da cruz e o gesto contra mau-olhado. Então, enquanto corríamos, o cocheiro se inclinou para a frente, e os passageiros se esticaram sobre ambas as laterais da diligência, observando avidamente a escuridão. Era óbvio que algo muito excitante estava acontecendo ou devia acontecer a qualquer momento, mas embora eu tenha perguntado às pessoas à minha volta, ninguém me forneceu a menor explicação. Esse estado de excitação durou algum tempo. Até que por fim nos vimos diante da abertura do passo para o lado oriental. Nuvens escuras corriam sobre nossas cabeças, e havia no ar a expectativa pesada e opressiva de um trovão. Era como se a cadeia de montanhas tivesse duas atmosferas distintas, e que estivéssemos penetrando a trovejante. A essa altura, eu também estava olhando para fora à procura da carruagem que me levaria ao conde. Esperava a todo instante ver o clarão dos lampiões através do negrume, mas estava tudo escuro. A única luz eram os raios bruxuleantes de nossos próprios lampiões, em cujo facho o hálito de nossos cavalos ofegantes se erguia em nuvens brancas. Agora podíamos ver a estrada de areia estendendo-se branca à nossa frente, mas não havia sinal algum de outro veículo. Os passageiros recostaram novamente com um suspiro de contentamento, que parecia zombar de minha própria frustração. Eu já estava pensando o que seria melhor fazer, quando o cocheiro, olhando no relógio, disse aos outros algo tão baixo e com tanta suavidade que mal consegui ouvir, mas pensei ser:

– Uma hora mais cedo. – Então ele se virou para mim e anunciou num alemão pior que o meu: – Não tem carruagem nenhuma aqui. O *Herr* afinal não estava sendo aguardado. Ele agora vai para Bucovina e volta amanhã ou no dia seguinte, melhor no dia seguinte.

Enquanto falava comigo, os cavalos começaram a relinchar e patear enfurecidos, de modo que o condutor precisou contê-los. Nesse momento, em meio a um coro de gritos de camponeses que faziam o sinal da cruz, uma caleça puxada por quatro cavalos aproximou-se, passou por nós e parou ao lado do cocheiro. Pude ver à luz dos nossos lampiões, quando os raios bruxuleantes atingiram os cavalos, que eram animais esplêndidos, negros como carvão. Eram conduzidos por um homem alto, com uma longa barba marrom e usando uma grande cartola preta que parecia nos ocultar seu rosto.

Só consegui enxergar a cintilação de um par de olhos muito brilhantes, que pareciam vermelhos à luz do lampião, quando ele se virou para nós e disse ao cocheiro:

– Chegou mais cedo esta noite, meu amigo.

O homem gaguejou em resposta:

– *Herr* Inglês estava com pressa.

Ao que o estranho retrucou:

– Deve ser por isso, imagino, que você queria que ele fosse para Bucovina. Você não me engana, meu amigo. Sei muitas coisas, e meus cavalos são ágeis.

Enquanto falava, sorria, e a luz dos lampiões iluminou uma boca rígida, de lábios muito vermelhos e dentes que pareciam pontiagudos e brancos como marfim. Um de meus companheiros de viagem sussurrou para o outro um verso de "Lenore", de Bürger:[27]

Denn die Todten reiten schnell.

(Pois os mortos viajam depressa.)

O estranho condutor evidentemente ouviu as palavras, pois nos fitou com um sorriso esfuziante. O passageiro virou o rosto, ao mesmo tempo em que estendia os dois dedos e fazia o sinal da cruz.

– Passe-me a bagagem do *Herr* – ordenou, e com enorme euforia minhas malas foram retiradas e postas na caleça.

Desci pela lateral da diligência, uma vez que a caleça estava muito próxima, e seu condutor me estendeu a mão e segurou ferreamente meu braço. Devia ter uma força prodigiosa. Sem dizer palavra, sacudiu as rédeas, os cavalos se viraram, e avançamos na escuridão do passo. Ao olhar para trás vi o hálito dos cavalos da diligência à luz dos lampiões e imaginei naquele vapor as figuras de meus últimos companheiros de viagem se persignando. Então o cocheiro estalou o chicote e gritou com os cavalos, e lá foram eles na direção de Bucovina. Quando penetraram o breu senti um estranho calafrio e fui acometido por uma sensação de solidão. Mas logo uma capa foi atirada sobre meus ombros, e um tapete sobre meus joelhos, e o condutor disse em alemão perfeito:

– A noite está gelada, *mein Herr*, e meu senhor o conde me pediu para tratá-lo muito bem. Há uma garrafa de *slivovitz*[28] (a aguardente de ameixas local) embaixo do assento, caso o senhor queira.

Não bebi, mas foi um consolo saber que a garrafa estava ali. Sentia-me um tanto estranho, mas nada assustado. Creio que se houvesse qualquer outra alternativa, teria optado por ela, em vez de prosseguir naquela viagem noturna pelo desconhecido. A carruagem seguiu em linha reta num ritmo intenso, então fizemos uma volta completa e continuamos por outra estrada reta. Pareceu-me que simplesmente percorríamos repetidamente o mesmo terreno, então prestei atenção em determinados detalhes e me dei conta de que era exatamente isso que fazíamos. Quis perguntar ao condutor qual a razão daquilo, mas na verdade tive medo, pois pensei que, na minha posição, meu protesto não surtiria efeito algum caso o atraso fosse intencional. Vez por outra, contudo, curioso para saber como o tempo ia passando, eu acendia um fósforo e, com a chama, conferia o relógio. Faltavam poucos minutos para a meia-noite. Isso me assustou um pouco, imagino que a superstição geral sobre a meia-noite tenha aumentado em função de minhas experiências recentes. Aguardei com uma nauseante sensação de suspense.

Logo em seguida, um cão começou a uivar algures, numa casa de fazenda distante pela estrada afora, um longo e agonizante lamento, como que de medo. A ele se seguiu outro cão, e depois outro e mais outro, até que, levado pelo vento que suspirava suavemente ao longo do passo, começou um ganido selvagem que parecia vir de toda a região, desde os mais remotos confins que a imaginação podia alcançar no negrume da noite. No primeiro uivo, os cavalos começaram a relinchar e a empinar, mas o condutor falou com eles num sussurro e eles se acalmaram, embora tenham permanecido trêmulos e suados como depois de uma disparada motivada por algum pavor súbito. Então, longe na distância, vindo das montanhas de ambos os lados, surgiu um uivo mais alto e mais agudo – o som de lobos – que me afetou tanto quanto aos cavalos, pois quase saltei da caleça e saí correndo, enquanto eles tornaram a empinar e a avançar loucamente, de modo que o condutor precisou usar de toda a sua força descomunal para evitar que disparassem. Em poucos minutos, no entanto, meus ouvidos se acostumaram ao som, e os cavalos se acalmaram, a ponto de o condutor conseguir descer e ficar de pé na frente deles. Ele os acariciou e os tranquilizou, sussurrando algo em seus ouvidos como já vi domadores de cavalos fazerem. O efeito foi extraordinário, e depois dos carinhos, os animais ficaram novamente bastante dóceis, embora ainda estivessem trêmulos. O condutor voltou ao seu assento, e, sacudindo as rédeas, partimos em bom ritmo. Dessa vez, depois de chegarmos ao extremo do passo, ele virou de súbito numa estrada estreita que seguia agudamente para a direita.

Logo estávamos cobertos por árvores, que em alguns trechos formavam arcos sobre a estrada pelos quais passávamos como que através de um túnel. Mais uma vez rochedos sombrios nos protegiam dos dois lados. Embora estivéssemos abrigados, conseguíamos ouvir o vento forte, pois ele gemia e assobiava por entre os rochedos, e os ramos das árvores se chocavam à nossa passagem. Foi ficando cada vez mais frio, e uma neve fina, pulverizada, começou a cair, de modo que em pouco tempo nós e tudo à nossa volta ficamos sob um manto branco. O vento insistente ainda trazia o uivo dos cães, embora o som se atenuasse conforme avançávamos em nosso caminho. O ganido dos lobos soava cada vez mais próximo, como se eles estivessem nos cercando por todos os lados. Fiquei terrivelmente apavorado, e os cavalos partilhavam do meu medo. O cocheiro, contudo, não se abalou nem um pouco. Ele virava a cabeça para a esquerda e para a direita, mas eu não conseguia enxergar nada na escuridão.

Subitamente, lá longe, à nossa esquerda, distingui uma chama azul fraca e bruxuleante. O cocheiro a viu no mesmo instante que eu. Deteve de repente os cavalos e, saltando no chão, sumiu na escuridão. Fiquei sem saber o que fazer, ainda mais porque o uivo dos lobos se aproximou, mas enquanto avaliava minha situação, o cocheiro tornou a aparecer de súbito e, sem uma palavra, voltou ao seu assento, e retomamos nossa viagem. Creio que dormi e sonhei com o incidente, pois o fato me pareceu se repetir vezes sem fim, e agora, pensando em retrospecto, parece um pesadelo tenebroso. A dado momento, a chama apareceu tão perto da estrada que, mesmo com toda a escuridão à nossa volta, consegui observar os movimentos do cocheiro. Ele correu até onde a chama azul estava – devia ser muito fraca, pois não parecia iluminar em nada o espaço ao redor – e, recolhendo umas poucas pedras, formou com elas uma espécie de aparato. Com isso, deu-se um estranho efeito óptico: embora o cocheiro estivesse entre mim e a chama, ele não a obstruía, pois eu ainda podia enxergar o bruxuleio fantasmagórico. Isso me sobressaltou, mas como o efeito foi apenas momentâneo, presumi que meus olhos estavam me enganando devido ao esforço de enxergar na escuridão. Então, por algum tempo, não houve mais chama azulada, e seguimos em frente velozes através da treva, com o uivo dos lobos à nossa volta, como se estivessem nos seguindo num círculo móvel.

Por fim, houve um momento em que o cocheiro entrou ainda mais no campo do que das outras vezes, e, durante sua ausência, os cavalos começaram a tremer mais intensamente e a bufar e relinchar de pavor. Não vi motivo para

aquilo, pois o uivo dos lobos havia cessado por completo. Mas justo nesse momento, a lua, navegando por entre negras nuvens, apareceu por detrás da crista irregular de um rochedo protuberante e coberto de pinheiros, e sob sua luz vi que estávamos rodeados por um bando de lobos, com dentes brancos e línguas rubras para fora, patas compridas e musculosas, e pelames desgrenhados. Eram cem vezes mais terríveis naquele silêncio soturno do que quando estavam uivando. Senti uma espécie de paralisia de medo. Somente quando um homem se vê face a face com tais horrores pode compreender a verdadeira relevância deles.

Os lobos começaram a uivar todos ao mesmo tempo, como se o luar tivesse algum efeito peculiar sobre eles. Os cavalos se inquietaram e empinaram, e olharam indefesos ao redor, revirando os olhos de um modo angustiante de se ver. Mas o círculo vivo de terror os cercava por todos os lados, e eram obrigados a permanecer dentro dele. Chamei o cocheiro, pois me parecia que nossa única chance era tentar romper o círculo para ajudá-lo a voltar. Berrei e bati na lateral da caleça, na esperança de que o ruído espantasse os lobos, dando ao cocheiro uma chance de nos alcançar. Como ele chegou não sei dizer, mas ouvi sua voz, alta, num tom de comando imperioso, e, olhando na direção do som, o vi de pé na estrada. Conforme agitava os braços compridos, como se livrando de algum obstáculo impalpável, os lobos foram recuando mais e mais. Foi quando uma nuvem pesada passou pela face da lua, e voltamos a mergulhar na escuridão.

Quando consegui voltar a enxergar, o cocheiro estava subindo na caleça, e os lobos haviam desaparecido. Foi tudo tão estranho e sobrenatural que um temor pavoroso me dominou, e tive medo de falar e até de me mexer. O tempo parecia interminável quando retomamos nosso caminho, agora na escuridão quase completa, pois as nuvens que passavam obscureciam a lua. Continuamos subindo, com períodos ocasionais de rápida descida, mas em geral estávamos sempre subindo. Subitamente me dei conta de que o cocheiro estava puxando os cavalos no pátio de um enorme castelo em ruínas, de cujas altas janelas negras não provinha nenhum raio de luz, e cujas ameias destruídas formavam uma linha irregular destacada contra o céu.

---

4. A taquigrafia ou estenografia foi inventada na Inglaterra, em 1837, por Isaac Pitman (1813-1897), utilizando fonemas, em vez de letras, para representar palavras inteiras. Era considerada uma novidade entre jovens ingleses.

5. Nome alemão da cidade de Bistriţa, capital do condado de Bistriţa-Năsăud, junto ao rio Bistriţa, na

Romênia.

6. Em 1873, as cidades de Buda e Ó Buda, na margem ocidental do rio Danúbio, e Pest, na margem oriental, foram unificadas e se tornaram a capital da Hungria. Era o local da segunda residência do imperador austríaco, sede do ministério, do parlamento e da suprema corte do Império Austro-Húngaro.

7. Em 1541, Buda e Peste caíram sob domínio dos otomanos e Buda se tornou sede de um paxá turco. Em 1686, o Império Habsburgo reconquistou Buda.

8. Bram Stoker usa o nome alemão da cidade (ora Klausenburgh, ora Klausenburg), que na época integrava o Império Austro-Húngaro. Em húngaro, era chamada Kolozsvár, e hoje é conhecida pelo nome romeno, Cluj-Napoca. Em 1896, a cidade era local de residência de muitos nobres da Transilvânia.

9. Prato típico da culinária húngara, do qual existem muitas variações, quase todas envolvendo: um frango, cortado em dez pedaços, cebola picada e dourada em óleo (ou manteiga), creme de leite, farinha, páprica húngara e sal.

10. A Transilvânia pertenceu à província romana da Dácia até o séc.XI, quando passou a fazer parte da Hungria. Conquistada pelos turcos no séc.XV, foi um principado semiautônomo até ser anexada à Áustria, em 1713. A Moldávia e a Valáquia faziam parte do reino da Romênia, e não eram estados independentes como o texto leva a crer. A Bucovina, onde se falava principalmente alemão, separou-se da Moldávia e foi anexada à Áustria em 1786.

11. Em preparação para uma eventual guerra com a França, o Ministério da Defesa britânico, Board of Ordnance, passou a publicar a partir de 1801 uma série de mapas detalhados da Inglaterra, começando por Kent. Na era vitoriana, publicava mapas da Irlanda e de toda a Grã-Bretanha.

12. Valáquio era uma denominação usada pelos povos eslavos para se referir a todos os nascidos nos Bálcãs que foram romanizados pelo Império Romano. Dos eslavos, a palavra passou a ser usada pelos húngaros (como *oláh*) e pelos gregos (como *vlachoi*). A palavra também foi usada para se referir a todos os cristãos ortodoxos. Hoje, a Valáquia denomina uma região da Romênia.

13. A província romana da Dácia abrangia parte da Valáquia e a Transilvânia. Chamados de getas pelos gregos, segundo Mircea Eliade os dácios se referiam a si mesmos como "lobos", o que os associa aos totens de lobos neolíticos encontrados na região (*De Zalmoxis a Gengis-Khan*, 1970).

14. Povo originário dos montes Urais que se estabeleceu na bacia dos Cárpatos no séc.IX.

15. Habitantes dos territórios das atuais Hungria e Romênia, os székelys alegavam ser descendentes de Átila e dos hunos (ver notas 43 e 41) e já se encontravam estabelecidos na fronteira leste quando o país foi conquistado pelos magiares, no séc.XI. Para toda esse passagem Stoker se vale de *On the Track of the Crescent* (1885), do major E.C. Johnson.

16. Prato semelhante à polenta italiana, feito com fubá cozido.

17. Berinjela assada, recheada com carne moída, miolo de pão e manteiga.

18. Quando os turcos tomaram Buda, em 1541, a capital do reino da Hungria passou a ser Pressburg, atual Bratislava, até 1848. Com o fim do Império Austro-Húngaro, em 1918, a Eslováquia passou a fazer parte da Hungria. No censo de 1880, havia apenas 25.196 eslovacos na Transilvânia.

19. Em romeno, Pasul Tihuţa; passagem através dos Cárpatos, a partir de Bistriţa, que se estende por mais de cinquenta quilômetros, chegando à Bucovina e à Moldávia. O guia *Baedeker* (desde 1827 referência europeia de guias com mapas e sugestões de estradas) de 1896 cita a estrada de Bistriţa, passando por Borgó-Prund, Tihucza e, através do passo Borgo, até Pajana Stampi.

20. Pelo calendário gregoriano das igrejas cristãs ortodoxas, na verdade, o dia de são Jorge é 6 de maio, e não 5 de maio, como sugere o texto. Segundo Montague Summers, autoridade em vampiros, acreditava-se que os vampiros seriam mais ativos na véspera dos dias de santo André e de são Jorge: "Os crentes passam a noite rezando, e até os que não têm a mesma devoção fazem o possível para se manter acordados" (*The Vampire in Europe*, 1929).

21. Repare-se a semelhança com o conto "O milagre de Purun Baghat", de Kipling, em que a contemplação das montanhas sugere uma distorção da percepção de fundo e figura.

22. No período vitoriano, havia ambulantes que vendiam comida para gato de casa em casa.

23. *Ördög*, demônio da mitologia húngara.

24. Trata-se do gesto de dobrar os dedos deixando o indicador e o mínimo esticados, típico de "espantar o diabo".

25. Do eslovaco, *hospodar* ou *gospodar*, mestre ou senhor: os donos das terras.

26. Em húngaro, *Isten* é Deus, em oposição a *Ördög*, Satanás, e *szék*, vindo do latim *sedes*, significa assento; unidade territorial do Senhor.

27. "Lenore" (1774), famosa balada do poeta alemão Gottfried August Bürger. No poema, Lenore é conduzida à morte por um cavaleiro misterioso que ela julga ser seu amado Wilhelm. Traduzida e musicada (por Saint-Saëns e Liszt, entre outros), a balada se tornaria uma das obras mais conhecidas da literatura europeia, e influência decisiva da literatura gótica.

28. Do sérvio, *sljiva*, ameixa; bebida alcoólica destilada de suco de ameixa fermentado. A *šljivovica* é a bebida nacional da Sérvia.

CAPÍTULO 2

DIÁRIO DE JONATHAN HARKER (continuação)

5 de maio – Devo ter adormecido, pois decerto se estivesse inteiramente acordado teria reparado que estávamos nos aproximando de um lugar tão impressionante. Na escuridão, o pátio parecia de um tamanho considerável, e como diversos caminhos escuros davam ali, por sob grandiosas arcadas, talvez parecesse maior do que de fato era. Ainda não tive oportunidade de ver o pátio à luz do dia.

Quando a caleça parou, o cocheiro saltou e estendeu a mão para me ajudar a desembarcar. Novamente não pude deixar de notar sua força prodigiosa. Sua mão na verdade parecia uma prensa de aço capaz de esmagar a minha se quisesse. Ele tirou minhas bagagens e as colocou no chão ao meu lado, enquanto eu esperava de pé diante de uma porta enorme, velha e decorada com grandes rebites de ferro, instalada em um profundo umbral de pedras imensas. Mesmo naquela penumbra, dava para ver que a pedra era toda esculpida, mas que os ornamentos estavam bem desgastados pelo tempo e pelo clima. Enquanto fiquei ali parado, o cocheiro saltou novamente para seu assento e sacudiu as rédeas. Os cavalos foram em frente, e a caleça e tudo o mais desapareceram por uma das aberturas escuras.

Continuei calado no mesmo lugar, pois não sabia o que fazer. Não havia sino ou aldrava, e minha voz provavelmente não penetraria aquelas paredes soturnas e janelas escuras. Esperei por um tempo que me pareceu interminável, com as dúvidas e os temores se acumulando dentro de mim. Que lugar era aquele aonde fora parar, e que tipo de gente viveria ali? Que espécie de aventura taciturna era aquela em que embarcara? Seria aquele um incidente comum na vida de um assistente de advogado ao ser enviado para explicar a um estrangeiro a compra de uma propriedade em Londres? Assistente de advogado! Mina não iria gostar disso. Advogado, pois antes de sair de Londres fui informado de que havia passado no exame e sou agora um

advogado com plenos poderes! Comecei a esfregar os olhos e me beliscar para ver se estava mesmo acordado. Tudo aquilo me parecia um horrendo pesadelo, e eu esperava a qualquer momento subitamente despertar e me encontrar em casa, com a madrugada se infiltrando lentamente pelas janelas, como de quando em quando acontecia comigo na manhã seguinte a um serão no escritório. Mas minha carne reagiu ao teste do beliscão, e meus olhos não se deixaram enganar. Estava de fato acordado e em meio aos Cárpatos. Tudo o que podia fazer agora era ter paciência e aguardar o nascer da manhã.

Justamente quando chegava a essa conclusão escutei passos pesados se aproximando por trás da porta imensa e vi através das frestas o clarão de uma luz vindo em minha direção. Então ouvi o som de correntes se chocando e o tranco de ferrolhos maciços sendo puxados. Uma chave virou na fechadura com o som alto e rascante de um longo desuso, e a enorme porta se abriu para dentro.

Atrás dela, havia um homem alto e velho, inteiramente barbeado, com exceção de um longo bigode branco, e trajando preto dos pés à cabeça, sem um único sinal de cor em parte alguma. Trazia na mão um velho lampião de prata, cuja chama ardia sem cúpula ou globo, lançando longas sombras trêmulas conforme o fogo bruxuleava na corrente de ar da porta aberta. O velho me convidou a entrar com um gesto cordial da mão direita e anunciou em inglês perfeito, mas com uma estranha entonação.

– Bem-vindo à minha casa! Entre por livre e espontânea vontade!

Não fez menção alguma de dar um passo em minha direção, mas ficou ali parado feito uma estátua, como que convertido em pedra pelo próprio gesto de boas-vindas. No instante em que cruzei o umbral, contudo, avançou impulsivamente na minha direção e, estendendo a mão, agarrou a minha com uma força que me fez retrair, efeito que não foi atenuado pelo fato de que sua pele era fria como gelo, parecendo mais a de um homem morto.

Novamente, ele disse:

– Bem-vindo à minha casa! Entre por livre e espontânea vontade. Vá em segurança e deixe algo da felicidade que traz!

A força daquele aperto de mão era tão semelhante à que notei no cocheiro, cujo rosto não chegara a ver, que por um momento duvidei se não estaria falando com a mesma pessoa. De modo que para garantir, perguntei:

– Conde Drácula?

Ele fez uma mesura cortês ao responder:

– Sou Drácula e dou-lhe as boas-vindas, sr. Harker, à minha casa. Entre, o ar da noite está gelado, e você deve precisar de comida e descanso.

Enquanto falava, colocou o lampião sobre um anteparo na parede e, dando um passo para fora, pegou minha bagagem. Já havia entrado com as malas antes que eu pudesse interrompê-lo. Protestei, mas o conde insistiu.

– Não, senhor, você é meu convidado. Está tarde, e meus criados não estão disponíveis. Deixe que eu mesmo me encarregue de seu conforto.

Fez questão de levar minhas bagagens pelo corredor, depois por uma grandiosa escada em caracol, e em seguida por outro grande corredor, em cujo piso de pedra nossos passos rangiam ruidosamente. Ao final desse corredor, escancarou uma porta pesada, e exultei ao ver lá dentro uma sala bem-iluminada com uma mesa posta para a ceia, e em cuja poderosa lareira um fogo alto de toras, recém-alimentado, ardia e cintilava.

O conde parou, pousou minhas malas, fechou a porta e, atravessando a sala, abriu outra porta, que dava em uma saleta octogonal, iluminada por um único lampião e aparentemente nenhum tipo de janela. Passada a saleta, abriu outra porta e fez sinal para que eu entrasse. Foi uma visão bem-vinda, pois ali estava um grande quarto bem-iluminado e aquecido com outra lareira, também recém-alimentada de toras, acrescentadas posteriormente, pois ainda estavam frescas, o que emitia um rugido seco através da ampla chaminé. O conde deixou minha bagagem no quarto e se retirou, dizendo, antes de fechar a porta:

– Depois da viagem, você deve precisar de algum tempo para fazer sua toalete e se refrescar. Quando estiver pronto, entre na outra sala, onde encontrará sua ceia preparada.

A luz, o calor e as boas-vindas corteses do conde pareceram dissipar todas as minhas dúvidas e receios. Uma vez atingido meu estado normal, descobri que estava de fato um tanto faminto. Então me apressei na toalete e fui logo à outra sala.

Encontrei a ceia já servida. Meu anfitrião, que estava de pé ao lado da grande lareira, apoiado à pedra entalhada, fez um gesto gracioso indicando a mesa e disse:

– Eu lhe peço, sente-se e ceie à vontade. Você há de entender e me perdoar por não acompanhá-lo, mas já jantei, e nunca ceio.

Entreguei a ele o envelope selado que o sr. Hawkins me confiara. O conde abriu e leu gravemente. Então, com um sorriso encantador, entregou-me a carta para que eu lesse. Um trecho, pelo menos, deu-me um arrepio de prazer:

Lamento informar que um ataque de gota, doença de que padeço com frequência, impede-me absolutamente de viajar por algum tempo. Mas é com alegria que envio um substituto à altura, alguém em quem tenho toda confiança possível. Trata-se de um jovem cheio de energia e talentos próprios, dono de muito fiel disposição. É discreto e silencioso, amadureceu e tornou-se adulto trabalhando para mim. Está apto a atendê-lo sempre que precisar durante sua estada e seguirá suas instruções em quaisquer assuntos.

O próprio conde se aproximou e retirou a tampa de um prato, e pude desfrutar avidamente de uma excelente galinha assada. Isto, um pouco de queijo, salada e uma garrafa de um velho Tokaji,[29] da qual bebi duas taças, foi minha ceia. Todo o tempo em que fiquei comendo, o conde me fez várias perguntas sobre a viagem, e contei-lhe em detalhes tudo pelo que havia passado.

A essa altura, já havia terminado de cear e, a pedido de meu anfitrião, puxei uma poltrona para junto do fogo e comecei a fumar um charuto que ele me ofereceu, ao mesmo tempo em que se desculpou por não me acompanhar. Tive então oportunidade de observá-lo e descobri nele uma fisionomia bastante marcada.

Era um rosto forte, muito forte, aquilino, com um nariz fino de ponte alta e narinas arqueadas de maneira peculiar, testa ampla e abaulada, e cabelos escassos nas têmporas mas abundantes no restante da cabeça. As sobrancelhas eram bem espessas, quase unidas sobre o nariz, com pelos bastos que pareciam encaracolar tamanha sua profusão. A boca, pelo que pude ver sob o bigode grosso, era rígida e parecia até cruel, com dentes particularmente pontiagudos e brancos. Estes ressaltavam por sobre os lábios, cujo notável rubor demonstrava uma impressionante vitalidade para um homem daquela idade. De resto, as orelhas eram pálidas e extremamente pontudas no alto. O queixo era largo e forte, e as maçãs firmes, embora magras. O efeito geral era de extraordinária palidez.

Até ali, só havia reparado no dorso das mãos dele quando postadas sobre os joelhos à luz do fogo, e me pareceram bastante brancas e magras. Mas vendo-as agora de perto, não pude evitar notar que eram mãos bastante ásperas, largas, de dedos curtos e gordos. Estranhamente, havia pelos no centro da palma. As unhas eram compridas, finas e cortadas em pontas afiadas. Quando o conde se inclinou para mim e suas mãos me tocaram, não pude

evitar um calafrio. Talvez porque seu hálito era fétido, mas uma horrível sensação de náusea se apoderou de mim, que, por mais que me esforçasse, não consegui disfarçar. O conde, evidentemente reparando nisso, recuou. E, com uma espécie de sorriso taciturno, que exibiu mais do que até então seus dentes protuberantes, sentou-se novamente de seu lado da lareira. Ficamos ambos calados por um instante, e ao olhar na direção da janela vi a primeira faixa pálida da chegada da madrugada. Parecia haver uma estranha quietude pairando sobre tudo. Mas ao prestar mais atenção, distingui lá embaixo no vale o uivar de muitos lobos. Os olhos do conde brilharam, e ele comentou:

– Escute-os, os filhos da noite. Que música fazem!

Notando, imagino, em meu rosto alguma expressão que considerou estranha, acrescentou:

– Ah, senhor, vocês da cidade não compreendem os sentimentos do caçador. – Então levantou-se e afirmou: – Mas você deve estar exausto. Seu quarto já está pronto, e amanhã você pode dormir até a hora que quiser. Precisarei me ausentar até a tarde, então durma bem e tenha bons sonhos! – Com uma mesura cortês, ele mesmo me abriu a porta da saleta octogonal, e entrei em meu quarto.

Estou em um mar de questionamentos. Duvido. Receio. Penso coisas estranhas que não ouso confessar à minha própria alma. Deus me proteja, ainda que pelo bem de meus entes queridos!

7 de maio – É de manhã cedo outra vez, mas descansei e desfrutei as últimas vinte e quatro horas. Dormi até tarde do dia e acordei à hora que bem quis. Depois de me vestir, entrei na sala onde havíamos ceado e encontrei servido um desjejum frio, com o café numa garrafa sobre a lareira para não arrefecer. Havia um cartão sobre a mesa, no qual estava escrito:

Precisei me ausentar por um momento. Não espere por mim. D.

Sentei-me e fiz uma lauta refeição. Depois de comer, procurei uma sineta, para que os criados soubessem que eu havia terminado, mas não encontrei. A casa sem dúvida apresenta estranhas deficiências, considerando-se as extraordinárias evidências de riqueza à minha volta. O serviço de mesa é de ouro e tão lindamente lavrado que deve ser caríssimo. As cortinas e os estofamentos das poltronas e sofás e o dossel de minha cama são dos tecidos

mais caros e belos, que deviam possuir um valor fabuloso quando foram fabricados, pois são centenários, embora estejam em excelente estado. Vi algo parecido em Hampton Court,[30] mas os tecidos estavam gastos, esgarçados e comidos por traças. Em contrapartida, não havia espelho em nenhum dos cômodos. Não há sequer um espelho de toalete em minha mesa, e precisei tirar um espelhinho da mala para fazer a barba e escovar o cabelo. Ainda não vi criado em parte alguma, tampouco ouvi outro som próximo do castelo exceto o uivar dos lobos. Algum tempo depois de terminado o desjejum – que não sei se devo chamar de café da manhã ou de jantar, pois ocorreu entre cinco e seis horas da tarde –, procurei algo para ler, pois não queria perambular pelo castelo antes de pedir permissão ao conde. Não havia absolutamente nada na sala, livro, jornal, nem material de escrita, de modo que abri outra porta e encontrei uma espécie de biblioteca. Tentei abrir a porta oposta, mas estava trancada.

Na biblioteca encontrei, para meu grande prazer, uma vasta quantidade de livros ingleses, prateleiras inteiras cheias deles, e volumes encadernados de periódicos. Uma mesa no centro estava repleta de revistas e jornais ingleses, embora nenhum fosse muito recente. Eram livros dos mais variados gêneros – história, geografia, política, economia política, botânica, geologia, direito –, todos relacionados à Inglaterra e à vida e aos hábitos e costumes ingleses. Havia até mesmo obras de referência como o Catálogo de Endereços Comerciais de Londres, os livros "Vermelho" e "Azul",[31] o *Almanaque Whitaker*,[32] as Listas do Exército e da Marinha e – o que de alguma forma alegrou meu coração – o Cadastro de Advogados.

Enquanto olhava os livros, a porta se abriu, e o conde entrou. Ele me cumprimentou efusivamente e disse que esperava que eu tivesse dormido bem. Então prosseguiu:

– Fico contente que tenha encontrado este lugar, pois tenho certeza de que há aqui muita coisa que o interessará. Estes companheiros – e ele pousou a mão sobre alguns livros – têm sido meus bons amigos e, há alguns anos, desde que tive a ideia de ir a Londres, forneceram-me muitas e muitas horas de prazer. Por meio deles vim a conhecer sua grandiosa Inglaterra, e conhecê-la é se apaixonar por ela. Não vejo a hora de percorrer as ruas apinhadas da sua poderosa Londres, de estar no meio do turbilhão e da multidão de humanidade, de participar de sua vida, de sua transformação, de sua morte e de tudo aquilo que faz dela o que ela é. Mas, infelizmente, até o momento só conheço a sua língua por intermédio dos livros. De você, meu amigo, espero aprendê-la o

suficiente para falá-la.

– Mas, conde – respondi –, o senhor já sabe e fala inglês perfeitamente!

Ele fez uma mesura solene.

– Eu lhe agradeço, meu amigo, por sua apreciação deveras lisonjeira, mas ainda receio estar no início da estrada que desejo percorrer. De fato, conheço a gramática e as palavras, mas ainda não sei como pronunciá-las.

– Na verdade, a sua pronúncia é excelente.

– Nem tanto – contestou ele. – Bem, sei que, se estivesse andando e falando na sua Londres, não haveria lá ninguém que deixaria de me reconhecer como estrangeiro. Isso não me basta. Aqui sou nobre. Sou um boiardo.[33] O povo comum me conhece como seu senhor. Mas um estrangeiro em terra estrangeira não é ninguém. Os homens não o conhecem, e não conhecer é não dar importância. Ficarei contente em ser como os outros, de modo que ninguém repare ao me ver, ou pare de falar se ouvir minhas palavras, "Ha, ha! Um estrangeiro!" Sou mestre e senhor há tanto tempo que vou continuar sendo ainda, ou pelo menos não quero que ninguém mais seja meu mestre. Você veio até mim não só como agente de meu amigo Peter Hawkins, de Exeter, para me contar tudo sobre minha nova propriedade em Londres. Você há de, creio, ficar aqui comigo por algum tempo, para que conversemos e eu possa aprender a entonação inglesa. E gostaria que você me dissesse quando eu cometer algum erro, mesmo o mais mínimo erro, em minha pronúncia. Lamento ter ficado ausente por tanto tempo hoje, mas você há de, tenho certeza, perdoar alguém que possui tantos assuntos importantes que cuidar.

Claro que eu disse tudo o que podia sobre minha boa-vontade em ajudá-lo, e perguntei se podia entrar naquela sala sempre que quisesse. Ele respondeu:

– Sim, certamente. – E acrescentou: – Pode ir aonde quiser no castelo, exceto onde as portas estiverem trancadas, onde evidentemente não desejará entrar. Existe um motivo para todas as coisas serem como são, e se você visse com meus olhos e tivesse meu conhecimento, talvez compreendesse melhor.

Frisei que tinha certeza disso, e ele continuou:

– Estamos na Transilvânia, e a Transilvânia não é a Inglaterra. Nossos costumes não são os seus costumes, e haverá muitas coisas que você achará incomuns. Não, pelo que me contou das experiências que teve até aqui, já sabe um pouco das estranhezas que podem acontecer.

Isso dava margem a uma longa conversa, e como estava claro que ele queria falar, mesmo que apenas pelo simples ato de falar, fiz-lhe muitas

perguntas sobre coisas que haviam acontecido comigo ou em que eu havia reparado. Às vezes ele evitava o assunto ou mudava o rumo da conversa, fingindo não entender, mas em geral respondeu a tudo que perguntei com toda franqueza. Então, conforme o tempo foi passando e fui ficando um tanto mais confiante, perguntei-lhe acerca das coisas estranhas da noite anterior, por exemplo, por que o cocheiro fora até os lugares onde havia avistado as chamas azuis. Ele então me explicou que as pessoas acreditavam que, em determinada noite do ano – a noite passada, na verdade, quando todos os espíritos malignos supostamente estariam à solta –, uma chama azul era avistada em qualquer lugar onde houvesse um tesouro enterrado.

– Que há tesouros escondidos na região que você atravessou na noite passada, não restam muitas dúvidas – continuou ele. – Pois trata-se de um território disputado ao longo de séculos entre os valáquios, os saxões e os turcos. E dificilmente se encontra um pedaço de chão em toda esta região que não tenha sido banhado pelo sangue de homens, sejam eles patriotas ou invasores. Nos velhos tempos, houve períodos turbulentos, em que os austríacos e os húngaros vieram em hordas, e os patriotas saíram para enfrentá-los, homens e mulheres, velhos e crianças também, e esperavam a chegada deles nas rochas sobre os passos, para que pudessem lançar sobre eles a destruição com avalanches propositais. Quando o invasor triunfava, não encontrava mais muita coisa, pois tudo o quanto existia havia sido abrigado em terreno amigo.

– Mas como esses tesouros podem ter permanecido ocultos por tanto tempo – perguntei –, quando há indícios tão precisos deles, bastando aos homens se dar ao trabalho de procurar?

O conde sorriu, e seus lábios se retraíram sobre as gengivas, e os caninos compridos, afiados, ficaram estranhamente à mostra. Ele respondeu:

– Porque, no fundo, o camponês é covarde e tolo! Essas chamas só aparecem numa única noite, e, nessa noite, nenhum homem desta terra, no que depender dele, ousa sair de casa. E, meu caro senhor, mesmo que saísse, não saberia o que fazer. Pois até o camponês a que você se refere, que marcou o local da chama, não saberia onde procurá-lo à luz do dia por si mesmo. Nem mesmo você, sou capaz de jurar, seria capaz de encontrar esses locais novamente, não?

– Nisso o senhor está certo – concordei. – Sei tão pouco quanto os mortos sobre onde procurar.

Então mudamos de assunto.

– Vamos – exortou ele por fim –, conte-me sobre Londres e sobre a casa que você encontrou para mim.

Pedindo desculpas pela negligência, fui até meu quarto para trazer os papéis que estavam na mala. Enquanto os colocava em ordem, ouvi o som de porcelana e prata na sala ao lado, e quando voltei, notei que a mesa havia sido liberada e o lampião aceso, pois àquela altura já estava muito escuro. Os lampiões também estavam acesos no escritório ou biblioteca, e encontrei o conde no sofá, lendo, dentre todas as leituras do mundo, justamente um Guia Bradshaw[34] inglês. Quando entrei, ele tirou os livros e jornais da mesa, e passamos a ver juntos plantas, escrituras e valores de todos os tipos. Ele se mostrou interessado em tudo, e me fez uma miríade de perguntas sobre o lugar e os arredores. Sem dúvida, havia estudado de antemão tudo o que conseguira sobre o bairro, pois, ao fim e ao cabo, demonstrou saber muito mais do que eu. Quando fiz esse comentário, ele respondeu:

– Bem, mas, meu amigo, não é necessário que eu saiba? Quando chegar lá, vou estar sozinho, e meu amigo Harker Jonathan… não, perdão… Recaio no costume de meu país de usar primeiro o patronímico… meu amigo Jonathan Harker não vai estar ao meu lado para me corrigir e me ajudar. Vai estar em Exeter, a quilômetros de distância, provavelmente trabalhando nos documentos legais com meu outro amigo, Peter Hawkins. Portanto!

Repassamos todo o negócio da compra da propriedade em Purfleet. Depois que contei a ele os fatos, obtive sua assinatura nos papéis necessários e escrevi uma carta para acompanhar os documentos e enviar tudo para o sr. Hawkins, o conde começou a me perguntar como eu havia encontrado um local tão apropriado. Li para ele as anotações que tomara na ocasião, e que transcrevo aqui.

– Em Purfleet, numa rua tranquila, deparei com um local que me pareceu atender às exigências do cliente, e onde havia uma velha placa de que a propriedade estava à venda. Cercada por um muro alto, de estrutura antiga e construído com pedras pesadas, não era reformada havia muitos anos. Os portões fechados são de carvalho, pesado e antigo, e de ferro, todo corroído pela ferrugem. A propriedade se chama Carfax, sem dúvida uma corruptela do antigo *Quatre Face*,[35] uma vez que a casa possui quatro lados, alinhados com os pontos cardeais. Abrange ao todo cerca de vinte acres, cercados pelo sólido muro de pedras supramencionado. Há muitas árvores no terreno, o que torna a propriedade sombria em alguns pontos, e há um tanque ou um pequeno lago profundo e escuro, evidentemente alimentado por alguma nascente, uma

vez que a água é clara e flui num córrego de bom tamanho. A casa é bastante ampla e data, eu diria, dos tempos medievais, pois uma parte é de pedra imensamente espessa, com poucas janelas muito altas e fortemente protegidas por barras de ferro. Parece ter sido parte de uma fortaleza, e fica próxima a uma antiga capela ou igreja. Não pude entrar na capela, pois não tinha a chave da porta que dava acesso a ela a partir da casa, mas fiz algumas imagens de diversos ângulos com minha Kodak.[36] A casa foi ampliada, mas de maneira muito confusa, e só consigo imaginar a extensão de terreno que ocupa, que deve ser bastante grande. Há apenas poucas propriedades na vizinhança, uma delas sendo uma casa muito ampla, construída recentemente e transformada em manicômio particular. Este, contudo, não é visível da propriedade em questão.

Quando terminei, ele disse:

– Fico contente por ser antiga e ampla. Pertenço a uma família antiga, e viver em uma casa nova acabaria me matando. Não se pode tornar uma casa habitável em um dia, e, afinal, um século se perfaz com alguns poucos dias. Alegra-me também que haja uma ermida dos velhos tempos. Nós, nobres da Transilvânia, adoramos pensar que nossos ossos não vão ficar em meio aos mortos comuns. Não busco divertimento ou riso, nem a voluptuosidade brilhante dos excessos de sol e águas borbulhantes que tanto agradam aos jovens e eufóricos. Já não sou moço, e meu coração, através de anos exaustivos de luto, não se afina com o riso. Além do mais, os muros de meu castelo estão destruídos. As sombras são muitas, e o vento sopra frio através das ameias e postigos derrubados. Amo a penumbra e a sombra, e fico só com meus pensamentos sempre que possível.

De alguma forma suas palavras e seu olhar não pareciam de acordo, ou talvez fosse a expressão em seu rosto que fazia o sorriso parecer malévolo e saturnino.

De súbito, pedindo desculpas, o conde me deixou, rogando que eu recolhesse meus papéis. Pouco tempo depois que saiu, comecei a observar alguns dos livros à minha volta. Um deles era um atlas, que encontrei aberto naturalmente na Inglaterra, como se aquele mapa tivesse sido muito usado. Ao reparar melhor, notei que alguns locais estavam marcados com pequenos círculos, e ao examiná-los constatei que um deles era próximo a Londres, no lado leste, especificamente onde sua nova propriedade estava situada. Os outros dois eram em Exeter e em Whitby, no litoral de Yorkshire.

Havia se passado quase uma hora quando o conde voltou.

– Ahá! – exclamou ele. – Ainda com seus livros? Que bom! Mas você não

pode trabalhar o tempo todo. Venha! Fui informado de que sua ceia está servida.

Ele me tomou pelo braço, e passamos à sala ao lado, onde encontrei uma ceia excelente sobre a mesa. O conde pediu desculpas novamente, pois já havia jantado durante sua ausência. Mas sentou-se comigo como fizera da última vez, e conversamos enquanto eu comia. Depois da ceia, fumei, como na noite anterior, e o conde permaneceu ao meu lado, conversando e fazendo perguntas sobre todos os assuntos imagináveis, durante horas e horas. Vi que estava mesmo ficando muito tarde, mas não disse nada, pois sentia que era minha obrigação satisfazer aos desejos de meu anfitrião de todas as maneiras. Não estava com sono, pois o longo descanso do dia anterior me havia fortalecido, mas não pude deixar de sentir aquele calafrio que nos acomete na chegada do amanhecer, que é semelhante, à sua maneira, à virada da maré. Dizem que as pessoas que estão próximas da morte, em geral, perecem com a chegada da aurora ou na virada da maré. Qualquer um que, já estando cansado e, por assim dizer, ainda preso às suas obrigações, tenha experimentado essa mudança na atmosfera pode muito bem acreditar nisso. Súbito ouvimos o canto do galo com estridor sobrenatural através do ar claro da manhã. Conde Drácula, de repente em pé, disse:

– Eis que é de manhã outra vez! É muita negligência minha mantê-lo acordado até tão tarde. Você precisa tornar as conversas sobre a Inglaterra, meu querido e novo país, menos interessantes, para que eu não esqueça como o tempo voa. – E com uma mesura cortês, rapidamente me deixou.

Voltei para o meu quarto e abri as cortinas, mas não havia muito para admirar. Minha janela dava para o pátio, e tudo o que pude ver era o cinza morno do céu cambiante. Então cerrei novamente as cortinas e escrevi sobre o dia de hoje.

8 de maio – Quando comecei a escrever este diário, tive medo de que estivesse me tornando muito difuso. Mas agora estou contente que tenha entrado em detalhes desde o início, pois há algo tão estranho neste lugar e em tudo que há nele que não tenho como evitar de me sentir inquieto. Queria estar em segurança longe daqui, ou nunca ter vindo para cá. Pode ser que essa estranha existência noturna esteja me afetando, mas quem me dera que isso fosse tudo! Se houvesse alguém com quem conversar, eu suportaria, mas não há ninguém. Só tenho o conde, e ele…! Receio ser a única alma viva neste lugar. Serei prosaico no que diz respeito aos fatos. Isso vai me ajudar a

suportar, e a imaginação não vai se rebelar contra mim. Caso contrário, estou perdido. Vou dizer de uma vez qual é a minha situação – ou qual parece ser.

Quando fui para a cama, peguei no sono apenas por algumas horas e, sentindo que não conseguia dormir mais, levantei. Havia pendurado meu espelho junto à janela, e estava começando a me barbear. De repente, senti a mão de alguém em meu ombro e ouvi a voz do conde me dizendo:

– Bom dia.

Tive um sobressalto, pois me espantei de não o ter visto chegar, uma vez que o espelho refletia todo o quarto atrás de mim. Com o susto, me cortei de leve, mas não reparei na hora. Respondi à saudação do conde, e me virei novamente para o espelho, para entender como podia haver me enganado. Dessa vez não havia dúvida, pois o homem estava perto de mim, e eu podia vê-lo com o canto do olho. Mas não havia reflexo algum dele no espelho! Todo o quarto às minhas costas estava ali exposto, mas sem qualquer sinal de homem, além de mim mesmo. Isso era espantoso, e coroando tantas outras coisas estranhas, começava a reforçar a vaga sensação de inquietude que sempre tenho quando o conde está por perto. Mas naquele instante, vi que o corte sangrara um pouco, e que o sangue estava escorrendo por meu queixo. Deixei de lado a navalha e me virei para procurar um curativo. Quando o conde viu meu rosto, seus olhos cintilaram com uma espécie de fúria demoníaca, e ele me agarrou subitamente pelo pescoço. Recuei, e a mão dele roçou as contas do rosário do qual pendia meu crucifixo. Isso operou nele uma transformação instantânea, pois sua fúria passou tão depressa que nem pude acreditar que sequer estivera presente.

– Cuidado – admoestou ele –, cuidado para não se cortar. É mais perigoso do que você pensa neste país. – Então pegou o espelho, e continuou: – E eis aqui a coisa maldita que lhe causou esse dano. Quinquilharia vil da vaidade humana. Fora com isso! – E abrindo a janela com um gesto de sua mão terrível, atirou fora o espelho, que se espatifou em mil pedaços nas pedras do pátio lá embaixo.

Em seguida, retirou-se sem dizer palavra. É muito incômodo, pois não sei como vou fazer a barba agora, a não ser que use o reflexo do vidro do relógio ou do fundo da bacia de barbear, que por sorte é de metal.

Quando entrei na sala de jantar, o desjejum estava servido, mas como não encontrei o conde em parte alguma, comi sozinho. É estranho que até agora não o tenha visto comer ou beber nada. Decerto se trata de um homem deveras peculiar! Depois do desjejum decidi fazer uma breve exploração do castelo.

Saí até às escadas e descobri uma sala que dava para o sul. A vista era magnífica, e, de onde estava, podia ver tudo. O castelo fica à beira de um precipício aterrador. Uma pedra que caísse da janela despencaria por uns trezentos metros sem tocar nada pelo caminho! Até onde a vista alcança é um mar de copas verdes, com uma ou outra fenda onde há uma brecha na rocha. Aqui e ali há riscos prateados onde os rios serpenteiam nas grotas profundas através das florestas.

Mas não estou no espírito de descrever belezas, porque depois de ver a paisagem quis explorar mais um pouco. Portas, portas e mais portas em toda parte, e todas fechadas e trancadas. Em nenhum ponto, além das janelas do castelo, há qualquer saída disponível.

O castelo é uma verdadeira prisão, e eu, seu prisioneiro!

---

29. Vinho branco doce produzido na região da cidade de Tokaj, na Hungria.

30. Maior palácio real da era Tudor (1485-1603) no Reino Unido, construído em 1515, para Henrique VIII, rei colecionador de tapeçarias – chegou a possuir mais de duas mil peças, expostas até hoje no palácio. Deixou de ser residência real com George II (1683-1760).

31. O livro vermelho continha endereços e informações sobre a corte e a nobreza; e o livro azul, informações sobre membros do governo.

32. Famoso almanaque inglês, publicado anualmente desde 1868.

33. Membro da classe mais alta das aristocracias búlgara, russa, romena, valáquia e moldávia; dono de feudo. Os camponeses da Transilvânia se revoltaram em 1848, e o poder dos boiardos foi reduzido por meio de um comitê que incluía todos os camponeses, criado pelo governo. As assembleias de boiardos da Moldávia e da Valáquia foram suprimidas pelos invasores russos e austríacos, limitando o poder dos príncipes eleitos entre os boiardos.

34. Criado pelo inglês George Bradshaw (1801-53), o *Bradshaw's General Railway and Steam Navigation Guide for Great Britain and Ireland* foi publicado de meados do séc. XIX até meados do séc.XX, quando a internet tornou obsoletas as tabelas de horários de trens e embarcações.

35. Do latim *quadrifucus*, quadrifurcado, encruzilhada de quatro caminhos; Carfax fica no centro de Oxford, onde se encontram os quatro caminhos antigos que levavam à cidade.

36. Em 1888, George Eastman inventou a primeira câmera Kodak, nome também criado por ele, em Rochester, Nova York. Em 1891, foram desenvolvidos modelos mais baratos, e, em 1895, um modelo portátil, acessível para as massas. Assim como a taquigrafia, tratava-se de outra novidade popular entre os jovens ingleses.

CAPÍTULO 3

DIÁRIO DE JONATHAN HARKER (continuação)

Ao descobrir que estava preso, fui acometido por uma espécie de sensação selvagem. Subi e desci as escadas, tentei abrir todas as portas e olhei por todas as janelas que encontrei, mas logo em seguida a convicção de meu desamparo sobrepujaria todas as outras sensações. Quando penso nisso depois de algumas horas, creio que devo ter enlouquecido por um tempo, pois me comportei exatamente como um rato na armadilha. No entanto, em face de tal convicção, sentei-me calmamente, tranquilo como nunca me senti antes, e comecei a pensar no que fazer. Ainda estou pensando, e até o momento não cheguei a nenhuma conclusão definitiva. Só tenho uma certeza. Não adianta expor minhas ideias ao conde. Ele sabe muito bem que estou preso, e como foi ele mesmo quem me prendeu, e sem dúvida tem seus motivos para isso, simplesmente me enganaria se eu lhe confiasse plenamente todos os fatos. Até onde consigo ver, meu único plano será não revelar meu conhecimento nem meus temores e manter os olhos bem abertos. Estou, bem sei, sendo enganado feito uma criança por meus próprios medos, ou me encontro em maus lençóis, e se for este o caso, preciso, e precisarei, de toda a minha inteligência para me safar.

Mal havia chegado a essa conclusão quando ouvi a porta imensa bater lá embaixo, e soube que o conde voltara. Ele não veio diretamente à biblioteca, então retornei cuidadosamente para o meu quarto e o encontrei fazendo a cama. Isso foi estranho, mas apenas confirmou o que eu já havia imaginado: que não há criados na casa. Quando mais tarde o vi, pela fresta da dobradiça da porta, servindo a mesa, tive certeza. Pois se ele mesmo executa todas essas tarefas braçais, seguramente comprovando não haver mais ninguém no castelo, há de ter sido o próprio conde o cocheiro da caleça que me trouxe aqui. Trata-se de um pensamento terrível, pois se for verdade, o que significa o poder que ele tem sobre os lobos, como demonstrou ter, ao levantar a mão ordenando seu

silêncio? Por que todas as pessoas em Bistritz e na diligência demonstravam um medo terrível por mim? O que queriam dizer ao me oferecerem o crucifixo, o alho, a rosa silvestre e a faia da montanha?[37] Deus abençoe aquela senhora tão boa, tão bondosa, que pendurou o rosário em meu pescoço! Pois sinto um conforto e me fortaleço toda vez que o toco. É estranho que uma coisa que aprendi a desconsiderar como idolatria venha me ajudar em um momento de solidão e atribulações. Haveria algo na própria essência do rosário em si, ou seria um meio, um auxílio tangível, para acessar a memória da simpatia e do conforto? Algum dia, tomara, hei de analisar o assunto e tentar formar uma opinião a respeito. Nesse ínterim, preciso descobrir tudo o que puder sobre o conde Drácula, pois isso pode me ajudar a entender. Talvez hoje à noite ele fale de si mesmo, se eu conduzir o assunto nessa direção. Preciso tomar muito cuidado, contudo, para não despertar suspeitas.

Meia-noite – Conversei longamente com o conde. Fiz algumas perguntas sobre a história da Transilvânia, e ele se pôs a falar acaloradamente sobre o tema. Contando de coisas e pessoas, e especialmente de batalhas, falava como se tivesse estado presente a tudo. Depois explicou que era porque, para um boiardo, o orgulho da casa e do nome é seu próprio orgulho, sua própria glória e seu próprio destino. Sempre que mencionava sua casa usava "nós" e dizia quase tudo no plural, feito um rei. Quisera poder transcrever tudo o que contou exatamente como contou, pois para mim isso foi o mais fascinante. Parecia haver ali contida toda a história do país. O conde foi se animando enquanto falava e passou a caminhar pela sala, cofiando o grande bigode branco e agarrando qualquer coisa em que pousasse as mãos como se fosse esmigalhá-la só com a própria força. Transcreverei da melhor forma possível uma das coisas que disse, pois de certa forma é a história de sua raça:

– Nós, székelys, temos direito de ter orgulho, pois em nossas veias corre o sangue de muitas raças de coragem que lutaram como leões para serem os senhores da terra. Aqui, no redemoinho das raças europeias, para onde a tribo úgrica[38] trouxe da Islândia o espírito combativo que lhes havia sido passado por Thor e Odin,[39] e que seus *berserkir*[40] exibiram barbaramente nas costas da Europa, sim, e da Ásia e da África também, até que as pessoas passaram a pensar que eram os próprios lobisomens que haviam chegado, encontraram os hunos,[41] cuja fúria beligerante varrera a terra feito uma labareda viva, a ponto de passarem a dizer que nas veias deles corria o sangue das bruxas antigas, que, expulsas da Cítia,[42] haviam acasalado com os demônios no deserto.

Tolos, tolos! Que demônio ou que bruxa foi jamais grande como Átila,[43] cujo sangue corre nestas veias? – ele ergueu os braços. – Será tão estranho que sejamos uma raça conquistadora, que tenhamos orgulho de que quando o magiar, o lombardo, o ávaro, o búlgaro e o turco perfilaram milhares em nossas fronteiras nós os fizemos recuar?[44] Será estranho que quando Arpad[45] e suas legiões varreram sua terra húngara tenham nos encontrado aqui ao chegar à fronteira, que aqui tenha se completado a Honfoglalás?[46] E quando a invasão húngara avançou para o Oriente, nós székelys fomos considerados parentes pelos vitoriosos magiares, e a nós, durante séculos, foi confiada a guarda da fronteira das terras turcas. Sim, e mais do que isso, o dever sem fim da guarda da fronteira, pois como dizem os turcos, "a água dorme, e o inimigo não tem sono". Quem senão nós recebeu com mais galhardia dentre as quatro nações[47] a "espada sangrenta"[48] ou mais prontamente acudiu o estandarte do rei ao chamado da guerra? Quando essa grande vergonha para meu país foi redimida, a vergonha de Kosovo,[49] na qual as bandeiras dos valáquios e magiares se rebaixaram à bandeira do Crescente? Quem senão um outro da minha raça como voivoda[50] cruzou o Danúbio para derrotar o turco em terra alheia? Esse foi de fato um Drácula! Pena que seu irmão indigno, depois da queda, tenha vendido seu povo ao turco, trazendo a vergonha da escravidão sobre eles! Não foi esse Drácula, de fato, que inspirou aquele outro de sua raça que eras depois inúmeras vezes atravessou com suas tropas para a terra turca, que, quando foi obrigado a recuar, tornou a insistir, de novo e de novo, ainda que tivesse de voltar sozinho do campo sangrento onde suas tropas eram massacradas, já que sabia que sozinho seria capaz do triunfo final? Dizem que ele só pensou em si mesmo. Bah! De que valem camponeses sem um líder? Quando termina a guerra sem um cérebro e um coração para conduzi-la? Novamente, quando, depois da batalha dos Mohacs,[51] expulsamos o jugo húngaro, nós, do sangue Drácula, estávamos entre os líderes, pois nosso espírito não admitiria o fato de não estarmos livres. Ah, meu jovem, os székelys, e os Drácula como o sangue em seus corações, como seus cérebros e suas espadas, podem se gabar de feitos que fungos breves como os Habsburgo[52] e os Romanov[53] jamais alcançarão. Os dias de beligerância terminaram. O sangue é precioso demais nesses tempos de paz desonrosa, e as glórias das grandes raças são apenas histórias que alguém conta.

A essa altura estava quase amanhecendo, e fomos dormir. (Lembrete: este diário se parece terrivelmente com o início das *Mil e uma noites*, pois tudo precisa ser interrompido pelo canto do galo, ou com o fantasma do pai de

Hamlet.)[54]

12 de maio – Começarei pelos fatos, nus e crus, comprovados por livros e estatísticas, e sobre os quais não resta a menor dúvida. Não devo confundi-los com experiências que se valham de minha própria observação ou lembrança. Na noite passada, quando o conde veio de seu quarto, começou a me fazer perguntas sobre aspectos legais e sobre procedimentos em determinados tipos de transação comercial. Eu havia passado o dia dedicado exaustivamente aos livros e, simplesmente para manter a mente ocupada, comentei sobre alguns casos que havia examinado em Lincoln's Inn.[55] Havia um certo método nas perguntas do conde, então vou tentar transcrevê-las na sequência. A informação talvez possa vir a ser útil em algum momento.

Primeiro, ele perguntou se na Inglaterra era possível ter dois advogados ou mais. Expliquei que ele poderia ter uma dúzia se quisesse, mas que não seria inteligente ter mais de um envolvido em cada transação, uma vez que teriam de agir um de cada vez, e essa alternância certamente militaria contra seus interesses. O conde pareceu compreender perfeitamente e continuou perguntando se haveria alguma dificuldade prática em ter um homem para cuidar, digamos, de transações bancárias, e outro para tratar do envio de sua mudança, caso fosse necessário contratar ajuda em um local distante do advogado encarregado das questões bancárias. Pedi que ele explicasse melhor, para que eu não corresse o risco de lhe fornecer uma orientação equivocada, então ele disse:

– Darei um exemplo. Seu amigo e meu, o sr. Peter Hawkins, à sombra de sua bela catedral em Exeter, que fica longe de Londres, compra-me através de sua gentil pessoa minha casa em Londres. Muito bem! Agora, deixe-me ser franco, para que o senhor não julgue estranho eu ter procurado os serviços de um escritório tão longe de Londres em vez de algum advogado residente na cidade. Meu motivo foi que nenhum interesse fosse favorecido, além do meu próprio desejo, e como um advogado londrino talvez pudesse pensar em si mesmo ou em favorecer amigos, procurei meu representante no interior, cujo serviço fosse exclusivamente visar meus interesses. Agora, suponha que eu, que tenho muito o que fazer, queira embarcar cargas, digamos, para Newcastle, ou Durham, ou Harwich, ou Dover, não seria mais fácil contratar um advogado em cada porto?[56]

Respondi que certamente seria o mais simples, mas que nós advogados tínhamos um sistema de agenciamento entre nós, de modo que o serviço local

poderia ser feito na cidade em questão sob ordens de qualquer advogado, portanto, uma vez que o cliente passava para as mãos de um único homem, podia ter seus desejos atendidos por este sem mais preocupações.

– Mas – contrapôs ele – sou livre para tomar minhas próprias decisões. Não é mesmo?

– Evidentemente – respondi, e prossegui: – Isso é muito comum entre homens de negócios, que não gostam que ninguém fique sabendo de todas as suas transações.

– Ótimo! – animou-se ele, e então passou a perguntar sobre como fazer essas contratações e as formalidades para tanto, e sobre todo tipo de dificuldades que poderiam surgir, mas contra as quais, com previdência, poderíamos nos precaver.

Expliquei-lhe tudo da melhor forma que pude, e o conde certamente me deu a impressão de que se sairia um magnífico advogado, pois não havia nada que não tivesse pensado ou previsto. Para alguém que nunca estivera na Inglaterra, e que pelo visto não estava acostumado a fazer muitos negócios, seu conhecimento e argúcia eram magníficos. Quando se deu por satisfeito nos pontos sobre os quais conversamos, e que verifiquei da melhor forma que pude nos livros disponíveis, ele levantou-se de repente e perguntou:

– Você voltou a escrever depois da primeira carta para o nosso amigo sr. Peter Hawkins ou para mais alguém?

Foi com certa amargura no coração que respondi que não, que até então não tivera oportunidade de enviar nenhuma carta.

– Pois então escreva agora, meu jovem amigo – incentivou ele, pousando uma das mãos pesadas em meu ombro –, escreva para o nosso amigo, ou para quem mais quiser, e diga, por favor, que vai ficar mais um mês comigo a contar de hoje.

– O senhor quer que eu fique tanto tempo assim? – perguntei, pois meu coração esfriou só de pensar.

– Quero muito, e não vou aceitar recusa. Quando o seu senhor, seu patrão, como queira, acertou que alguém viria representá-lo, ficou entendido que apenas as minhas necessidades seriam consultadas. Não fiz restrições de custos. Não é mesmo?

O que me restava senão concordar? Era interesse de Hawkins, não meu, e eu precisava pensar nele, não em mim. Além do mais, enquanto o conde Drácula falava, exibia nos olhos e nos modos algo que me fez lembrar que eu

era seu prisioneiro e que, mesmo que não quisesse aceitar, não tinha outra escolha. O conde viu sua vitória na minha mesura, e seu domínio na atribulação expressa em meu rosto, pois começou no mesmo instante a se valer disso, mas à sua maneira suave e irresistível.

– Eu lhe peço, meu bom jovem amigo, que não discorra em suas cartas sobre outros assuntos que não os negócios. Certamente vai agradar aos seus amigos saber que está bem e que deseja voltar logo para casa e estar com eles. Não é mesmo?

Enquanto falava, o conde me passou três folhas de papel e três envelopes. Eram finíssimos envelopes para correspondência internacional, e, olhando para as folhas, depois para o conde, e notando seu sorriso sereno, com os caninos pontiagudos sobressaindo-se sobre o lábio vermelho, compreendi que era como se ele estivesse falando em voz alta que deveria tomar cuidado com o que iria escrever, pois ele seria capaz de ler tudo. De modo que resolvi enviar apenas bilhetes formais por enquanto; mas contar tudo ao sr. Hawkins em segredo, e também para Mina, pois para ela poderia taquigrafar, o que deixaria o conde intrigado, caso viesse a ler. Depois de terminar minhas duas cartas, sentei-me tranquilamente, lendo um livro, enquanto o conde redigia suas próprias correspondências, consultando diversas obras sobre a mesa à medida que escrevia. Por fim, pegou minhas duas cartas e juntou às suas, e pôs de lado seu material de escrita, após o que, no instante em que a porta se fechou atrás de si, inclinei-me sobre as cartas voltadas para baixo na mesa e as examinei. Não tive nenhum pudor em ler, pois naquelas circunstâncias sentia que precisava me proteger de todas as maneiras possíveis.

Uma delas era dirigida a Samuel F. Billington, no número 7 de The Crescent, Whitby, outra a *Herr* Leutner, em Varna, a terceira para o Coutts & Co., Londres,[57] e a quarta aos *Herren* Klopstock e Billreuth, banqueiros, Budapeste. A segunda e a quarta encontravam-se abertas. Estava prestes a ler quando vi a maçaneta se mover. Voltei para o meu assento a tempo apenas de continuar a folhear meu livro, antes que o conde, trazendo na mão ainda outra carta, entrasse na sala. Ele recolheu os envelopes da mesa, selou-os cuidadosamente e, virando-se para mim, anunciou:

– Tenho certeza de que há de me perdoar, mas tenho muito o que fazer sozinho esta noite. Você terá, espero, tudo o que precisa para hoje. – Ao se retirar, virou-se e, após uma pausa, acrescentou: – Permita-me aconselhá-lo, meu caro jovem amigo… Não, deixe-me avisá-lo, com toda a seriedade, que, caso saia desses cômodos, você não deve, de forma alguma, dormir em mais

nenhuma parte do castelo. É um castelo antigo, contém muitas lembranças, e sonhos ruins acometem quem dorme sem prudência. Esteja avisado! Se o sono vier agora ou mais tarde, ou se estiver quase chegando, volte depressa para o seu próprio quarto ou para essas salas, pois seu repouso então será seguro. Mas se não tomar cuidado com isso, aí então... – Ele interrompeu a fala de modo grotesco, mexendo as mãos como se as estivesse lavando.

Entendi perfeitamente. Minha única dúvida era se algum sonho poderia ser mais terrível do que a teia sobrenatural e horrível de trevas e mistério que parecia estar se fechando à minha volta.

Mais tarde – Confirmo as últimas palavras escritas, mas desta vez não há mais dúvidas. Não temerei dormir em lugar algum desde que ele não esteja presente. Coloquei o crucifixo sobre a cabeceira de minha cama, imagino que assim meu descanso será livre de sonhos, e ali o crucifixo ficará.

Assim que o conde saiu, entrei em meu quarto. Pouco depois, não tendo ouvido som algum, saí e subi a escada de pedra de onde se podia olhar para o sul. Comparada com a escuridão estreita do pátio, havia uma certa sensação de liberdade naquela vasta paisagem, ainda que inacessível para mim. Olhando para o pátio, senti que estava de fato numa prisão e desejei respirar ar puro, mesmo que fosse o ar da noite. Estou começando a sentir os efeitos desta existência noturna. Isso está destruindo meus nervos. Assusto-me com minha própria sombra e sou acometido por todo tipo de imaginações horríveis. Deus sabe que há fundamento em meu medo terrível aqui neste lugar amaldiçoado! Fiquei olhando a bela paisagem, banhada ao luar levemente amarelado, até quase amanhecer. Na luz suave, as montanhas distantes se derretiam, e as sombras nos vales e nas gargantas ganhavam um negror aveludado. A pura beleza pareceu me animar. Havia paz e conforto em cada respiração minha. Ao me debruçar na janela, meus olhos notaram algo se movendo no andar de baixo, um pouco à minha esquerda, onde, pela posição dos cômodos, imaginei que ficariam as janelas do quarto do conde. A janela em que eu estava era alta e profunda, dividida ao meio por uma coluna de pedra lavrada que, embora gasta pelo tempo, ainda estava inteira. Mas fazia evidentemente muito tempo que os caixilhos haviam sido removidos. Escondi-me atrás da coluna de pedra e olhei atentamente para fora.

O que vi foi a cabeça do conde saindo pela janela. Não enxerguei seu rosto, mas, pelo pescoço e o movimento das costas e dos braços, sabia que era ele. Em todo caso, não havia como confundir as mãos que já tivera muitas

oportunidades de analisar. A princípio, fiquei interessado e um tanto curioso, pois é espantoso como coisas tão pequenas podem cativar e despertar a curiosidade de um homem quando está preso. Mas minhas sensações se transformaram em repulsa e terror quando vi seu corpo inteiro passar pela janela e começar a descer, rastejando pela parede externa do castelo em direção ao abismo tenebroso, *de cabeça para baixo*, com a capa aberta à sua volta feito grandes asas. Não pude acreditar no que meus olhos viam. De início, pensei se tratar de algum truque do luar, algum efeito assustador da sombra, mas continuei olhando, e não podia ser ilusão minha. Vi suas mãos e pés agarrando-se às frestas das pedras quase sem argamassa pelo desgaste dos anos; e, valendo-se assim de cada ressalto e irregularidade da parede, o conde foi descendo, até que bem depressa, como uma lagartixa.

Que tipo de homem é esse, ou que espécie de criatura é essa que se assemelha tanto a um homem? Sinto o pavor deste lugar horrível me sobrepujar. Estou com medo, um medo horroroso, e não tenho como fugir. Estou cercado de terrores em que não ouso sequer pensar…

15 de maio – Mais uma vez vi o conde descer feito lagartixa pela parede. Desceu de lado, uns trinta metros, depois mais um tanto para a esquerda. Desapareceu por algum buraco ou janela. Quando a cabeça sumiu de vista, inclinei-me para fora, tentando ver melhor, mas de nada adiantou. A distância era muito grande para conseguir um bom ângulo de visão. Sabia que agora ele havia deixado o castelo e pensei em aproveitar a oportunidade para explorar mais do que já havia ousado fazer antes. Voltei para o quarto e, pegando o lampião, experimentei todas as portas. Estavam todas trancadas, como eu já esperava, e as fechaduras eram aparentemente mais recentes. Mas desci a escada de pedra até o saguão por onde entrara na primeira vez. Descobri que conseguia puxar com facilidade os ferrolhos e soltar as grossas correntes. Mas a porta estava trancada, e a chave havia sumido! Deve ficar no quarto do conde. Preciso verificar se a porta dele está destrancada, para que possa pegá-la e fugir. Continuei examinando todas as diversas escadarias e corredores e experimentei todas as portas que encontrei no caminho. Uma ou duas salas pequenas próximas do saguão estavam abertas, mas não havia nada nelas além de mobília antiga, empoeirada pelo tempo e devorada pelas traças. Por fim, contudo, encontrei uma porta no alto de uma escada que, embora parecesse trancada, cedeu levemente quando fiz força. Insisti e descobri que não estava realmente trancada, mas a resistência vinha do fato de que as dobradiças

haviam de alguma forma se soltado, e a pesada porta estava apoiada no chão. Era uma oportunidade que talvez não viesse a ter de novo, de modo que fiz mais força e, depois de muitas tentativas, consegui afastar a porta o suficiente para entrar.

Eu estava agora numa ala do castelo muito mais à direita e num andar inferior às salas que conhecia. Pelas janelas podia ver que esta sequência de cômodos ficava no sul da propriedade, as janelas do último deles se abrindo tanto para o oeste quanto para o sul. Na face sul, assim como na face oeste, havia um grande precipício. O castelo havia sido construído na quina de um grande rochedo, de modo que por três de seus lados era praticamente inexpugnável, e ali havia grandes janelas que fundas, arcos ou canhões jamais conseguiriam atingir; consequentemente, a luz e o conforto, impossíveis em locais que é preciso defender, estavam garantidos ali. A oeste havia um grande vale, e, erguendo-se na distância, grandes recessos irregulares na montanha, picos e mais picos de rochedos juncados de faias e acácias, cujas raízes se agarravam em gretas, rachaduras e rugosidades da rocha. Aquela parte do castelo evidentemente era ocupada pelas damas de outrora, pois a mobília sugeria um conforto maior do que as outras que já vira até então. As janelas não tinham cortinas, e o luar amarelado, invadindo através dos prismas de vidro, permitia que se vissem até mesmo cores, ao mesmo tempo em que atenuava a poeira abundante que pairava sobre tudo e em certa medida disfarçava os estragos do tempo e das traças. Meu lampião parecia ter pouco efeito diante do luar brilhante, mas estava contente por tê-lo comigo, pois havia uma solidão medonha naquele lugar que esfriou meu coração e estremeceu meus nervos. Ainda assim, era melhor do que ficar sozinho nos cômodos que passei a odiar devido à presença do conde, e, depois de tentar controlar um pouco os nervos, senti uma quietude suave me dominar. Aqui estou, sentado junto à escrivaninha de carvalho, onde nos velhos tempos possivelmente uma bela dama também sentou para escrever, com muito zelo e muitos rubores, suas mal traçadas linhas de amor; taquigrafando em meu diário tudo o que aconteceu desde que o fechei pela última vez. O século XIX já vai bem adiantado. E, no entanto, a não ser que meus sentidos me enganem, os séculos antigos possuíam, e possuem, uma força própria que a mera "modernidade" não consegue destruir.

Mais tarde: manhã de 16 de maio – Deus conserve minha sanidade, pois é só o que me resta. Segurança e garantias de segurança ficaram no passado.

Enquanto viver aqui só tenho uma única esperança, a de não perder a razão, se é que, na verdade, já não estou delirando. Se estiver são, então certamente é enlouquecedor pensar que, de todas as coisas vis que espreitam neste lugar odioso, o conde é a que menos me apavora, que ele é a única pessoa a quem posso recorrer por minha segurança, mesmo que isso seja apenas enquanto eu puder servir aos propósitos dele. Deus do céu! Misericordioso Deus, que eu mantenha a calma, pois, sem ela, segue o caminho que conduz à loucura.[58] Começo a ver sob novas luzes coisas que me intrigavam. Até este instante nunca tinha entendido exatamente o que Shakespeare pretendia ao fazer Hamlet dizer:

> Minha lousa! Rápido, minha lousa!
> Preciso registrar…[59]

Pois agora, sentindo como se meu cérebro estivesse desorientado, ou como se houvesse sofrido o choque que terminaria por enlouquecê-lo, recorro ao meu diário em busca de sossego. O costume de repassar com precisão os fatos deve me acalmar.

O alerta misterioso do conde me apavorou na hora. E agora que penso melhor nele, é ainda mais apavorante, pois no futuro ele terá um controle terrível sobre mim. Terei medo até de duvidar do que ele pode vir a dizer!

Depois de escrever em meu diário e guardar o caderno e a pena no bolso, senti sono. O aviso do conde me voltou à mente, mas senti prazer em desobedecê-lo. O cansaço estava vindo, e com ele, a obstinação que o sono traz como passageira. O luar suave havia se atenuado, e a vasta paisagem lá fora me deu uma sensação de liberdade reconfortante. Resolvi não voltar aos quartos sombrios esta noite, mas dormir aqui, onde um dia as damas de antigamente repousaram, cantaram e levaram doces existências, enquanto, no peito delicado, sofriam por seus homens distantes em guerras impiedosas. Arrastei um grande sofá do canto do cômodo para que, ao me deitar, pudesse admirar a paisagem sublime a oeste e ao sul e, sem pensar ou me importar com a poeira, preparei-me para dormir.

Suponho que tenha adormecido. Espero que sim, mas receio que tudo o que se sucedeu foi tão assustadoramente real que, sentado aqui e agora em plena luz da manhã, não consigo acreditar que tenha sido sonho.

Eu não estava sozinho. A sala era a mesma, exatamente igual sob todos os aspectos desde que ali entrei. Eu podia ver minhas próprias pegadas no chão,

iluminadas pela luz brilhante da lua, nos pontos em que eu perturbara o longo acúmulo de pó. No facho de luar à minha frente, havia três jovens damas, a julgar pelo traje e o porte. Quando as vi, pensei estar sonhando, pois, apesar de terem o luar atrás de si, não projetavam sombra sobre o chão. Aproximaram-se de mim e me olharam por algum tempo, então sussurraram entre si. Duas eram morenas, com narizes aquilinos e altos como o do conde, e grandes olhos escuros, penetrantes, que pareciam quase vermelhos em contraste com o amarelo suave da lua. A outra era branca, o mais branca possível, com grandes massas de cabelos dourados e olhos que eram duas safiras pálidas. De alguma forma, pensei reconhecer seu rosto, como se a tivesse visto num pesadelo, mas não consegui me lembrar como nem onde. As três tinham dentes brancos brilhantes que reluziram feito pérolas contra o rubi de seus lábios voluptuosos. Havia neles algo que me inquietava, um certo desejo e ao mesmo tempo um certo medo mortal. Senti no coração um impulso cruel e ardente de que me beijassem com aqueles lábios rubros. Não é bom deixar isso escrito, para que nunca chegue aos olhos de Mina e lhe cause dor, mas é a verdade. Sussurraram algo entre elas e em seguida gargalharam, um riso argênteo, musical, mas duro como um som jamais produzido pela suavidade de lábios humanos. Era como o insuportável tilintar doce de taças de vidro cheias d'água tocadas pela mão de uma pessoa habilidosa. A loira balançou sugestivamente a cabeça, e as outras a estimularam. Uma delas disse:

– Vá! Você primeiro, e nós vamos depois. Você tem direito de começar.

A outra acrescentou:

– Ele é jovem e forte. Haverá beijos para todas.

Fiquei deitado, calado, espreitando, numa agonia de deliciosa ansiedade. A loira veio e se inclinou sobre mim até que senti o movimento de sua respiração. Em certo sentido, era um hálito doce feito mel, e produzia o mesmo tilintar dos nervos que sua voz, mas com um amargor subjacente à doçura, um amargor agressivo como o que se sente no cheiro de sangue.

Tive medo de abrir muito os olhos, mas vi perfeitamente por entre os cílios. A moça ajoelhou-se e inclinou-se sobre mim, simplesmente entregue ao próprio prazer maligno. Havia uma voluptuosidade deliberada que era ao mesmo tempo excitante e repulsiva, e, quando arqueou o pescoço, chegou de fato a lamber os lábios feito um bicho, até que pude ver à luz da lua a umidade cintilante de sua boca escarlate e da língua vermelha deslizando sobre os brancos dentes pontiagudos. A jovem baixou cada vez mais a cabeça, à medida que descia os lábios por minha boca e ao longo de meu queixo, e parecia

prestes a fechá-los em minha garganta. Então parou, e pude ouvir o som de sua língua estalando nos dentes e nos lábios, e senti o hálito quente em minha nuca. A pele de meu pescoço começou a formigar como quando a mão que fará cócegas se aproxima. Concentrei-me no toque macio e trêmulo dos lábios na pele hipersensível e nas pontas duras de dois dentes pontiagudos, que apenas me tocaram e se detiveram. Fechei os olhos num êxtase langoroso e aguardei, com o coração acelerado.

Mas naquele instante outra sensação me percorreu fugaz como um relâmpago. Tive consciência da presença do conde e de que ele parecia tomado por uma tempestade de fúria. Quando meus olhos involuntariamente se abriram, vi sua mão poderosa agarrar o pescoço esguio da loira e com gigantesca força puxá-la para trás, os olhos azuis dela transformados pela raiva, os dentes brancos arreganhados e coléricos, e as faces claras enrubescidas de paixão. Justo o conde! Nunca imaginei tamanha ira e fúria, nem mesmo nos demônios das profundezas. Seus olhos de fato faiscavam. A luz vermelha neles era evidente, como se as chamas do fogo do inferno flamejassem sob eles. O rosto tinha uma palidez macabra, e as linhas de expressão eram marcadas e duras como cabos retesados. As sobrancelhas espessas que se uniam sobre o nariz agora pareciam uma barra de metal incandescente. Com um feroz movimento do braço, o conde atirou a mulher longe de si e foi na direção das outras, como se as fosse expulsar com violência. Foi o mesmo gesto imperioso que eu vira sendo usado com os lobos. Com uma voz que, apesar de baixa e quase sussurrada, parecia cortar o ar e então repercutir pela sala, ele as repreendeu:

– Como ousam tocá-lo, vocês três? Como ousam pôr os olhos nele sendo que as proibi? Para trás, estou avisando! Este homem pertence a mim! Cuidado com ele, ou terão de se ver comigo.

A loira, com uma risada arrogante e sugestiva, voltou-se para o conde e respondeu:

– Você nunca amou ninguém. Você não sabe amar!

Nisso as outras se juntaram a ela, e gargalhadas irônicas, duras e desalmadas invadiram a sala e quase me fizeram desmaiar só de ouvi-las. Pareciam risos de prazer de espíritos malignos. Então, depois me encarar com atenção, o conde se virou e declarou, num sussurro suave:

– Sim, também sei amar. Vocês mesmas foram provas disso no passado. Não é mesmo? Bem, agora, prometo que quando terminar com ele, vocês poderão beijá-lo o quanto quiserem. Agora, fora daqui! Vão! Preciso acordá-

lo, pois há muito trabalho a fazer.

– Ficaremos sem nada hoje à noite? – perguntou uma delas, com uma risada grave, apontando para o saco que ele havia deixado no chão, e que se movia como se abrigasse uma criatura viva.

Em resposta, ele assentiu com a cabeça. Uma das mulheres saltou para a frente e abriu o saco. Se meus ouvidos não me enganaram, ouviu-se um arquejar e um ganido baixo, como o de uma criança sendo sufocada. As mulheres cercaram o saco, e fui tomado pelo terror. Mas as três desapareceram diante de meus olhos, e com elas aquele saco maldito. Não havia porta alguma perto delas, e não poderiam ter passado por mim sem que eu percebesse. Foi como se simplesmente tivessem sumido sob os raios do luar e saído pela janela, pois, na penumbra lá fora, vi por um momento as formas sombrias e indistintas, até que desapareceram por completo.

Então o horror me dominou, e mergulhei na inconsciência.

---

37. Na *Odisseia*, Homero atribui a fuga de Ulisses da feiticeira Circe, que transformou seus homens em porcos, ao fato de ele ter comido uma erva, *Moly homericum*, identificada com o alho (*Allium moly*). A rosa silvestre e a faia da montanha foram acrescentadas posteriormente ao manuscrito por Stoker, a primeira associada ao culto da Virgem Maria, a segunda ligada a Hebe, deusa grega da juventude, e a Yggdrasil, da mitologia nórdica.

38. As línguas fino-úgricas são uma subfamília das línguas urálicas. O húngaro, o estoniano e o finlandês são línguas modernas desse grupo, sendo o húngaro parte do ramo úgrico. A *tribo* úgrica é uma imprecisão do conde.

39. Thor era o deus do trovão, filho de Odin, o pai de todos os deuses da mitologia nórdica. A quinta-feira, *Thursday* em inglês, é o dia consagrado a Thor.

40. Segundo Sabine Baring-Gould, *berserkir*, plural de *berserker*, aparece na saga islandesa Vatnsdæla: "Homem possuído de poderes sobre-humanos e sujeito a acessos de fúria diabólica; aplicado originalmente a bravos guerreiros que usavam *vargstakkrs*, *bear-sarks*, ou capas feitas de pele de urso por sobre a armadura" (*The Book of Were-Wolves*, 1865).

41. Povo nômade equestre que criou um império que se estendia dos montes Urais ao rio Reno e do mar Báltico ao rio Danúbio. Estabeleceram-se nas planícies húngaras por volta de 410 d.C.

42. Região da Eurásia ao norte do mar Negro, próxima à Bulgária e ao baixo Danúbio. Prisco de Pânio, que visitou a corte de Átila em 448, diz que seus seguidores se denominavam "citas".

43. Átila (406-453) foi rei dos hunos (ver nota 41). Conhecido como o Flagelo dos Deuses, foi o maior inimigo do Império Romano, invadiu os Bálcãs duas vezes e governou o maior império europeu de sua época. Até hoje cerca de 100 mil pessoas na Hungria e em países vizinhos reivindicam descendência de Átila.

44. Os lombardos (ou longobardos, "de barbas longas") eram um povo germânico do norte da Europa que no séc.VI invadiu a região no norte da Itália hoje conhecida por Lombardia, onde permaneceram por dois séculos. Perderam a Panônia no começo do séc. IX para os ávaros, povo nômade da Eurásia, que por sua vez fora expulso da Transilvânia por búlgaros, ajudados por outras tribos. A Transilvânia foi incorporada ao

Primeiro Império Búlgaro, que manteve o controle da região até o ano 1000. Para magiar e turco, ver notas 14 e 10.

45. Chefe dos magiares que, em 896, liderou uma invasão da bacia dos Cárpatos. Com a coroação de Estevão I, os magiares assumiram o governo, e a cristianização oficial da região se completou.

46. Em húngaro, literalmente "conquista da terra pátria". Nome dado ao conjunto de eventos que levou à conquista da bacia dos Cárpatos pelos magiares, na virada do séc.IX para o séc.X, e seu estabelecimento na Europa Central.

47. A Unio Trium Nationum, União das Três Nações, foi um pacto firmado em 1437, reunindo a aristocracia húngara (composta principalmente por magiares), os burgos (saxões) e os székelys. As quatro nações a que o conde se refere provavelmente são os magiares, os valáquios, os saxões e os székelys (que não constituíam exatamente uma nação).

48. Quando um nobre recebia uma espada sangrenta, era sinal de emergência nacional e ele era obrigado a reunir exércitos para defender o rei.

49. Atualmente uma república independente. Drácula se refere à batalha de 1389 contra os turcos, conduzidos pelo imperador Murad I, que morreu no conflito. A vitória turca estabeleceu sua presença na Europa Oriental, e os turcos comandaram a região de Kosovo até 1913.

50. Do eslavo antigo *voi* (milícia), *vodi* (liderar): "senhor da guerra", príncipe, duque, comandante principal de uma força militar, equivalente ao título de *Herzog* alemão. No período otomano, voivoda era o título dado ao comandante de uma província.

51. Em 1520, o sultão Suleiman partiu para a conquista da Hungria. Na batalha de Mohács, em 1526, os turcos mataram milhares de húngaros, inclusive o rei Luís II da Hungria. Com o trono vago, os austríacos reivindicaram o direito a governar a região, pois o imperador Carlos V era parente, por casamento, de Luís II. O voivoda Zapolya, da Transilvânia, aproveitou sua força militar e liderou o bloco nacionalista húngaro, que se opôs à ascensão de Ferdinando da Áustria ao trono da Hungria. Suleiman apoiou Zapolya. Quando Zapolya morreu, em 1540, os turcos assumiram o controle do centro do país, dividido entre três governos: a Hungria ocidental, controlada pelos Habsburgo; a Hungria central, controlada pelos turcos; e a Transilvânia, onde austríacos e turcos lutaram durante quase dois séculos pela supremacia.

52. Dinastia austríaca desde o séc.XV até o séc.XX. No séc.XIX o antigo Sacro Império Romano Germânico havia sido reorganizado como Império Austro-Húngaro, ainda controlado pelos Habsburgo. O assassinato do arquiduque Ferdinando, herdeiro do trono austro-húngaro, em 1914, precipitou a Primeira Guerra Mundial. Após o fim do conflito, o império foi dissolvido.

53. A família imperial dos Romanov governou o Império Russo por oito gerações, entre 1613 e 1762. Entre 1762 e 1917, a Rússia foi governada por uma ramificação da Casa de Oldenburgo, que manteve o sobrenome Romanov.

54. Em *As mil e uma noites*, contos orientais reunidos no séc.IX, a rainha persa Sherazade interrompe suas histórias a cada amanhecer, para salvar sua vida. Em *Hamlet*, tragédia de Shakespeare, o fantasma do pai assassinado desaparece com o canto do galo.

55. The Honourable Society of Lincoln's Inn, instituição de ensino jurídico, fundada em 1422. Além de Lincoln's Inn, há outros três Inn's of Court (literalmente, "albergues da corte"): Inner Temple, Middle Temple e Gray's Inn.

56. Durham fica às margens do rio Wear, mas não possui porto; segundo Leonard Wolf (*The Essential Dracula*, 1993), a cidade possui um antigo castelo, construído em 995.

57. Banco privado fundado em 1692. Stoker era amigo da baronesa Angela Bourdett-Coutts, conhecida em seu tempo como a mulher mais rica da Inglaterra e dona do banco. Os outros destinatários são fictícios.

58. Alusão truncada a *Rei Lear*, de Shakespeare: "*O, that way madness lies*", na tradução de Millôr

Fernandes "Oh, esse é o caminho que conduz à demência" (Ato III, Cena 4).

59. Citação também truncada de *Hamlet*, de Shakespeare: "*My tables, – meet it is I set it down/ That one may smile, and smile, and be a villain*" (Ato I, Cena 5). Na tradução de Millôr Fernandes: "Minha lousa! – preciso registrar/ Que se pode sorrir e, sorrindo, ser canalha."

CAPÍTULO 4

DIÁRIO DE JONATHAN HARKER (continuação)

Acordei em minha cama. Se for verdade que não sonhei, o conde deve ter me carregado até aqui. Tentei chegar a uma conclusão sobre o caso, mas não consegui alcançar um resultado que não fosse questionável. Decerto havia algumas pequenas evidências, como as minhas roupas, que estavam dobradas e guardadas de maneira diferente do que costumo fazer. Meu relógio ainda estava sem corda, e tenho hábito de dar corda rigorosamente toda noite antes de dormir, e muitos outros detalhes assim. Mas essas coisas não provam nada, pois podem ser apenas um indício de que minha cabeça não estava funcionando direito, e que, por um motivo ou outro, eu certamente estava muito alterado. Preciso encontrar provas. Só uma coisa me contenta. Se foi mesmo o conde quem me carregou até aqui e me despiu, deve ter feito tudo às pressas, pois meus bolsos estão intactos. Tenho certeza de que este diário seria um mistério que ele não teria permitido. Teria ficado com as anotações ou as destruído. Olhando para este quarto, embora tenha sido para mim cenário de tantos medos, vejo que é agora uma espécie de santuário, pois nada pode ser mais assustador do que aquelas mulheres terríveis, que estavam, que estão, só esperando para sugar meu sangue.

18 de maio – Desci mais uma vez até aquela sala durante o dia, pois *preciso* saber a verdade. Quando cheguei à porta, no alto das escadas, descobri que estava fechada. Fora recolocada com tanta força nos batentes que a madeira trabalhada estava lascada. Pude notar que o ferrolho não havia sido passado, mas a porta está trancada por dentro. Receio que não tenha sido sonho, e devo agir a partir dessa premissa.

19 de maio – Estou mesmo enrascado. Na noite passada, o conde me pediu,

com a voz mais suave, que escrevesse três cartas, uma dizendo que meu trabalho estava quase encerrado, e que eu deveria voltar para casa dali a poucos dias, outra dizendo que partiria na manhã seguinte a contar da data da carta, e uma terceira dizendo que havia deixado o castelo e chegado a Bistritz. Fiquei tentado a protestar, mas, dadas as circunstâncias, seria loucura me rebelar abertamente contra o conde quando me encontrava tão absolutamente submetido a seu poder. Recusar seria levantar suspeitas e despertar sua ira. Ele sabe que sei demais, e que não posso continuar vivo, ou me tornaria perigoso para ele. Minha única chance é prolongar minhas oportunidades. Talvez aconteça alguma coisa que me possibilite fugir. Vi em seus olhos algo daquele acúmulo de fúria que se manifestou quando atacou a loira. O conde me explicou que o correio quase não vinha ao castelo, e que se eu escrevesse agora, garantiria a tranquilidade de meus amigos. E me assegurou com tamanha veemência que iria cancelar as duas últimas correspondências, que seriam interceptadas em Bistritz no momento adequado caso eu viesse a prolongar minha estada, que me opor a ele equivaleria a criar novas desconfianças. Fingi, portanto, concordar com a ideia e perguntei que datas deveria colocar nas cartas. Ele calculou por um minuto, então respondeu:

– A primeira deve ser de 12 de junho, a segunda, 19 de junho, e a terceira, 29 de junho.

Agora sei até quando vou viver. Deus me ajude!

28 de maio – Surgiu uma chance de escapar, ou pelo menos de escrever para casa. Um bando de *szgany* veio ao castelo, e estão acampados no pátio. São ciganos. Meu livro fala deles. São típicos desta região, embora aliados dos demais ciganos espalhados pelo mundo. Há milhares deles na Hungria e na Transilvânia, e vivem praticamente fora da lei. Via de regra são associados a um grande nobre ou boiardo, e adotam o nome dele. Não têm medo nem religião, apenas superstições, e falam entre si em suas próprias variantes da língua romani.[60]

Escreverei algumas cartas e tentarei fazer com que as levem ao correio. Já falei com eles pela janela para começar a conhecê-los. Tiraram os chapéus e fizeram mesuras e muitos gestos, que, no entanto, não consegui entender, assim como não entendo sua língua…

Escrevi as cartas. Para Mina taquigrafei, ao sr. Hawkins pedi simplesmente

que entrasse em contato com ela. Expliquei minha situação a ela, mas sem os horrores que eu podia apenas pressupor. Se abrisse meu coração quanto a eles, Mina ficaria chocada e morreria de medo. Caso as cartas não chegassem ao destino, o conde ainda não saberia meu segredo nem a extensão de meu conhecimento…

Entreguei as cartas. Joguei-as por entre as barras da janela com uma moeda de ouro e expliquei, por gestos, meu desejo de que fossem postadas. O homem que as pegou apertou-as contra o peito e fez uma mesura, em seguida guardou-as no chapéu. Era tudo o que eu podia fazer. Corri de volta para o escritório e comecei a ler. Escrevi isto antes de o conde aparecer…

O conde chegou. Sentou-se ao meu lado e anunciou com sua voz mais suave, enquanto abria duas cartas:

– Os *szgany* me deram isto aqui, algo com que, embora não saiba a origem, devo, evidentemente, tomar cuidado. Veja! – Ele já devia ter lido. – Uma delas é sua, para o meu amigo Peter Hawkins. A outra… – e ao ver os símbolos estranhos quando abriu o envelope, uma expressão sombria se fez em seu rosto, e seus olhos faiscaram furiosos –, a outra é algo vil, um ultraje à amizade e à hospitalidade! Não está assinada. Muito bem! Então não tem importância para nós.

E, calmamente, pôs a carta e o envelope na chama do lampião até se consumirem. Então prosseguiu:

– Vou enviar a carta para o sr. Hawkins, claro, uma vez que é sua. Suas correspondências são sagradas para mim. Perdoe, meu amigo, mas abri inadvertidamente o lacre. Você não quer fechar novamente?

Ele me estendeu a carta e, com uma mesura cortês, passou-me um envelope novo. Tudo que pude fazer foi reendereçá-lo e devolvê-lo em silêncio. Assim que o conde saiu, ouvi a chave girar suavemente na fechadura. Um minuto depois, levantei e experimentei a porta: estava trancada.

Quando, uma ou duas horas mais tarde, o conde entrou silenciosamente na sala, sua chegada me despertou, pois eu havia adormecido no sofá. Foi muito cortês, pareceu bastante alegre e, ao notar que eu cochilara, sugeriu:

– Pois então, meu amigo, está cansado? Vá para a cama. Lá vai descansar melhor. Não vou ter o prazer de sua conversa esta noite, pois tenho muito o que fazer, mas espero que durma bem.

Passei para o quarto, deitei e, por mais estranho que pareça, dormi profundamente e sem sonhos. O desespero também tem suas calmarias.

31 de maio – Hoje pela manhã, acordei pensando em tirar os papéis e envelopes de minha mala e guardá-los no bolso, para poder escrever caso tenha alguma oportunidade, mas novamente tive uma surpresa e um choque!

Todos os papéis haviam sumido – todos os meus memorandos, as anotações sobre as ferrovias e as viagens, minha carta de crédito, a bem dizer, tudo que me poderia ser útil fora do castelo. Sentei e refleti um pouco, então me ocorreu a ideia de procurar os documentos em minha valise e no armário em que havia guardado as roupas.

O paletó que usara na viagem havia sumido, assim como o sobretudo e a manta. Não havia nem sinal deles. Isso me pareceu um novo tipo de maldade…

17 de junho – Pela manhã, sentado na beira da cama, tentando recompor meus pensamentos, escutei um estalar de chicotes e um bater de cascos de cavalos subindo pelo caminho de pedra que conduzia ao pátio. Com alegria, corri para a janela e vi duas carroças articuladas compridas entrarem no pátio, cada uma puxada por oito cavalos grandes, e, na frente de cada parelha, um eslovaco, de chapéu largo, cinturão cravejado de rebites, pele de ovelha suja e botas altas. Traziam também seus cajados compridos na mão. Fui até a porta, na intenção de descer e me juntar aos homens no saguão principal, imaginando que o portão de entrada seria aberto para eles. Outro choque: meu quarto estava trancado por fora.

Corri para a janela e gritei. Estupefatos, eles olharam para cima e apontaram para mim, mas o *hetman*[61] dos *szgany* apareceu na mesma hora e, vendo que apontavam para a minha janela, disse-lhes alguma coisa que os fez rir. A partir de então nenhum esforço de minha parte, nenhum grito de piedade ou proposta agonizante faria com que sequer olhassem para mim. Resolutos, deram-me as costas. As carroças continham grandes caixas quadradas, com grossas alças de corda. Pela facilidade com que os eslovacos as manipulavam e o som oco que faziam ao serem movidas bruscamente, era evidente que estavam vazias. Após descarregá-las e empilhá-las num canto do pátio, receberam um dinheiro dos *szgany* e, cuspindo nas moedas para dar sorte, voltaram preguiçosamente a suas parelhas. Pouco depois, ouvi o estalar de

seus chicotes sumir na distância.

24 de junho, logo antes da manhã – Na noite passada, o conde me deixou mais cedo e se trancou no próprio quarto. Assim que tive coragem, subi correndo a escada em espiral e olhei pela janela que dava para o sul. Pensei que veria o conde, pois alguma coisa está acontecendo. Os *szgany* estão hospedados algures no castelo, trabalhando em alguma coisa. Sei disso porque, de quando em quando, ouço um som abafado e distante como que de pás e picaretas, e, seja o que for, deve ser o final de alguma maldade cruel.

Fazia menos de meia hora que estava ali quando vi algo saindo pela janela do conde. Recuei, vigiando atentamente, e vi o corpo inteiro do homem surgir. Foi outro choque descobrir que estava usando o meu terno de viagem e tinha pendurado no ombro o saco terrível que eu vira as mulheres levarem embora. Não restava dúvidas do que pretendia, e com meus trajes! Era essa então sua nova trama, faria com que as pessoas me vissem, ou achassem que tinham me visto, a fim de deixar uma prova de que eu fora às cidades ou aldeias postar minhas cartas, e de que qualquer maldade que ele viesse a fazer pudesse ser atribuída a mim pelas pessoas da região.

Irrita-me a ideia de que isso esteja acontecendo enquanto estou trancado aqui, um verdadeiro prisioneiro, mas sem a proteção da lei, que é direito e consolo dos criminosos.

Pensei em ver o conde voltar e fiquei sentado, vigiando a janela por um longo tempo. Então comecei a reparar que havia pequenas manchas esquisitas flutuando nos raios do luar. Eram como minúsculos grãos de poeira e rodopiavam, formando grupos que revoavam de modo nebuloso. Observei-os com um certo alívio, e uma espécie de serenidade se instalou em mim. Recostei no parapeito e me acomodei, para desfrutar mais plenamente aquelas travessuras aéreas.

Algo me fez sobressaltar, um ganido baixo e penoso de cães em algum ponto distante no vale, longe de minha visão. Parecia ressoar em meus ouvidos cada vez mais alto, e as nuvens flutuantes de pó tomaram novas formas diante daquele som, dançando à luz da lua. Senti como se me esforçasse para despertar para uma espécie de chamado dos meus instintos. Não, minha alma lutava, e minha sensibilidade um tanto esquecida empenhava-se em responder àquele chamado. Estava sendo hipnotizado! A poeira dançava cada vez mais depressa. Os raios de luar pareciam tremer quando passavam por mim rumo à

massa de trevas mais além. Agrupavam-se mais e mais, até assumirem difusas formas fantasmagóricas. Levei um susto e, inteiramente acordado e em plena posse de minhas faculdades, saí dali correndo e gritando. Os espectros materializando-se gradualmente sob o luar eram as três mulheres fantasmagóricas a quem eu estava condenado. Fugi e me senti um pouco mais seguro em meu quarto, de onde não se via a lua e o lampião brilhava com sua luz forte.

Depois de algumas horas, escutei algo se mexer no quarto do conde, algo como um gemido agudo rapidamente sufocado. E então voltou o silêncio, um silêncio profundo e tenebroso que me deu um calafrio. Com o coração batendo forte, experimentei a maçaneta, mas estava trancado em minha prisão, e não podia fazer nada. Sentei, simplesmente, e chorei.

Sentado ali, ouvi um som vindo do pátio, um grito agoniado de mulher. Corri para a janela e, abrindo-a, espiei por entre as barras. Lá fora, havia de fato uma mulher de cabelos desgrenhados, com as mãos postas sobre o coração como se estivesse cansada de correr. Estava encostada na coluna do portão e, ao ver meu rosto na janela, aproximou-se e berrou com uma voz carregada de ameaças:

– Monstro, devolva meu bebê!

A mulher se ajoelhou e, erguendo as mãos, gritou de novo as mesmas palavras com uma voz que apertou meu coração. Então arrancou os cabelos e bateu no peito, abandonando-se a todas as violências da emoção extravagante. Por fim, aproximou-se mais e, embora já não a pudesse ver, pude ouvir as batidas de suas mãos nuas contra a porta.

Em algum ponto acima de mim no castelo, provavelmente na torre, ouvi a voz do conde chamar com seu sussurro áspero e metálico. Seu chamado aparentemente foi respondido por uivos distantes e esparsos de lobos. Em poucos minutos, como se estivesse abrindo as comportas de uma eclusa, ele fez passar toda uma alcateia pela larga entrada do pátio.

Não se ouviram mais os gritos da mulher, e o uivo dos lobos durou apenas um momento. Logo eles saíram em fila, um por um, lambendo os beiços.

Não consegui nem ter pena, pois entendi o que havia acontecido ao bebê, e, para ela, talvez fosse mesmo melhor morrer.

O que devo fazer? O que posso fazer? Como escapar dessa pavorosa criatura da noite, da treva, do medo?

25 de junho, de manhã – Só quem já sofreu durante a noite sabe como a aurora pode ser doce e ansiada, ao coração e aos olhos. Quando o sol se abriu esta manhã, passando o topo do grande portão da entrada oposto à minha janela, foi como se ali houvesse pousado a pomba da arca.[62] Meu medo se esvaiu como se fosse uma túnica vaporosa dissolvida no calor. Preciso tomar alguma atitude enquanto a coragem deste dia ainda está agindo sobre mim. Na noite passada, uma de minhas cartas datadas foi levada ao correio, a primeira da série fatal que vai acabar apagando da terra os últimos vestígios de minha existência.

Não vou pensar nisso. Hora de agir!

Todas as vezes em que fui molestado, ameaçado ou que de alguma forma estive em perigo ou com medo, era noite. Ainda não vi o conde à luz do dia. Será possível que ele dorme enquanto os outros estão acordados e que esteja acordado enquanto todos dormem? Se ao menos conseguisse entrar em seu quarto! Mas não existe a menor chance. A porta está sempre trancada, é impossível entrar.

Sim, existe uma chance, se eu estiver disposto a me arriscar. Por que um outro corpo não poderia passar por onde o dele passou? Vi quando o conde saiu rastejando pela janela. Por que não faço como ele e entro também pela janela? É uma tentativa desesperada, mas minha necessidade é ainda mais desesperadora. Vou arriscar. Na pior das hipóteses, morro. A morte de um homem não é a morte de um boi, e talvez o temível Além ainda esteja aberto para mim. Deus me ajude nessa empreitada! Adeus, Mina, caso eu fracasse. Adeus, meu fiel amigo e segundo pai. Adeus a todos, e, acima de tudo, adeus, Mina!

Mais tarde no mesmo dia – Fiz minha tentativa e, com a ajuda de Deus, voltei a salvo para o meu quarto. Preciso transcrever todos os detalhes na ordem. Enquanto a coragem estava viva em mim, fui até a janela da face sul e logo me vi do lado de fora. As pedras são grandes, de bordas irregulares, e a argamassa entre elas foi desgastada pelo tempo. Tirei as botas e me aventurei pela saída desesperada. Olhei para baixo apenas uma vez, para ter certeza de que um vislumbre da altura terrível não me abalaria, mas depois disso não olhei mais. Sabia muito bem a direção e a distância até a janela do conde, e fui até lá da melhor maneira que pude, dadas as circunstâncias. Não tive vertigem – imagino que estivesse excitado demais – e, numa rapidez que me pareceu ridícula, me vi ao parapeito, onde fiquei de pé, tentando erguer a janela.

Contudo, estava muito agitado quando me agachei e passei, os pés primeiro, por sob os painéis de vidro. Procurei o conde, mas, para minha surpresa e alegria, fiz uma descoberta. O quarto estava vazio! Era esparsamente mobiliado com objetos estranhos, que pareciam jamais ter sido usados. Os móveis tinham um estilo semelhante ao dos cômodos da face sul e estavam cobertos de poeira. Procurei a chave, mas não estava na fechadura, e não consegui encontrá-la em lugar nenhum. A única coisa que achei foi uma grande pilha de moedas de ouro num canto – moedas de todos os tipos, romanas, inglesas, austríacas e húngaras, gregas e turcas, todas cobertas por uma película de pó, como se estivessem havia muito tempo ali no chão. Nenhuma daquelas peças tinha menos de trezentos anos. Havia também correntes e ornamentos, algumas joias, mas tudo velho e manchado.

Em outro canto do cômodo, havia uma porta pesada. Tentei abri-la, pois não encontrei a chave da porta do quarto, nem da porta externa, que era o principal objeto de minha busca, e precisava continuar procurando, ou todos os meus esforços teriam sido em vão. Estava aberta e levava a um corredor de pedra, e, dali, a uma escadaria circular e íngreme que conduzia ao andar de baixo. Desci, tomando cuidado com os degraus, pois a escada era iluminada apenas pelas brechas na alvenaria pesada. No fundo, havia um corredor escuro, como um túnel, por onde subia um fedor mortalmente doentio de terra velha recém-revolvida. Conforme fui seguindo pelo corredor, o cheiro foi ficando mais próximo e mais forte. Por fim, puxei uma porta pesada que estava entreaberta e me vi no interior de uma antiga capela arruinada, que evidentemente havia sido usada como cripta. O teto estava destruído, e em dois pontos havia degraus levando a algumas sepulturas, mas o terreno fora escavado recentemente, e a terra estava guardada em grandes caixas de madeira, justamente as que haviam sido trazidas pelos eslovacos. Não havia ninguém por perto, e aproveitei para procurar outra saída, mas não achei nada. Em seguida, vasculhei cada centímetro da capela, para não deixar passar uma oportunidade que fosse. Cheguei a entrar nas sepulturas, onde a luz mal conseguia alcançar, embora fazê-lo tenha me apavorado a alma. Em duas delas, só encontrei fragmentos de velhos caixões e montes de terra. Na terceira, no entanto, fiz uma descoberta.

Ali, dentro de uma das caixas grandes, das quais havia cinquenta no total, sobre um monte de terra recém-escavada, jazia o conde! Estava morto ou dormindo, não sei dizer, pois os olhos estavam abertos e fixos, mas não vítreos como a morte, e as faces tinham um calor de vida por trás de toda a

palidez. Os lábios estavam vermelhos como sempre. No entanto, não havia movimento, pulso, respiração ou batimento cardíaco. Inclinei-me sobre ele e tentei encontrar algum sinal de vida, mas foi em vão. Não podia fazer muito tempo que estava ali, pois a fetidez da terra teria passado em poucas horas. A tampa estava ao lado da caixa, furada em alguns pontos. Pensei que ele pudesse estar com as chaves, mas, quando fui procurá-las, fitei os olhos mortos, e havia neles, mesmo mortos, uma expressão de tamanho ódio, ainda que inconsciente de mim ou de minha presença, que acabei fugindo do local, saindo pela janela do quarto e escalando pela parede do castelo. De volta ao meu quarto, caí ofegante na cama e tentei raciocinar…

29 de junho – Hoje é a data de minha última carta, e o conde tomou as medidas para que isso fosse verdade, pois mais uma vez o vi sair do castelo pela mesma janela, usando minhas roupas. Quando desceu pela parede, feito uma lagartixa, desejei ter um revólver, ou outra arma letal qualquer com a qual pudesse destruí-lo. Mas desconfio que nenhuma arma feita por mãos humanas teria efeito sobre a criatura. Não ousei esperar sua volta, pois tive medo de ver aquelas irmãs sinistras. Voltei à biblioteca e fiquei lendo até pegar no sono.

Fui acordado pelo conde, que olhou para mim com o ar mais sombrio que um homem pode assumir e anunciou:

– Amanhã, meu amigo, devemos nos separar. Você voltará para sua bela Inglaterra; eu, para um trabalho que pode ter como consequência que não nos encontremos mais. Sua carta foi despachada. Amanhã não estarei mais aqui, mas está tudo pronto para a sua viagem. Os *szgany*, que ainda têm um serviço a fazer aqui, vão vir pela manhã, e também alguns eslovacos. Quando partirem, minha carruagem virá buscá-lo e o levará ao passo Borgo, para tomar a diligência de Bucovina a Bistritz. Mas tenho esperança de tornar a vê-lo mais vezes no castelo Drácula.

Desconfiei dele e resolvi testar sua sinceridade. Sinceridade! É profanar a palavra associá-la a um monstro desses, de modo que perguntei à queima-roupa:

– Por que não posso partir hoje à noite?

– Porque, meu caro senhor, meu cocheiro e meus cavalos estão fora a meu serviço.

– Mas eu poderia ir andando com prazer. Quero ir embora de uma vez.

O conde sorriu, um sorriso tão suave, astuto e diabólico, que eu sabia que devia haver algum truque por trás daquela simpatia. Ele perguntou:

– E a sua bagagem?

– Não me importa. Posso mandar buscar depois.

O conde se levantou, e comentou, com uma doce cortesia que me fez esfregar os olhos, pois parecia genuína:

– Vocês ingleses têm um ditado que me é muito caro, pois o espírito é o mesmo que comanda os nossos boiardos: "Boas-vindas na chegada, sem delongas na despedida." Venha comigo, meu caro jovem amigo. Você não vai ficar nem mais uma hora em minha casa contra a vontade, embora a sua partida e o seu desejo súbito de me deixar me entristeçam. Venha!

Com uma gravidade solene, foi descendo as escadas na minha frente, levando o lampião, e atravessamos o saguão da entrada. De repente, parou.

– Escute!

Logo em seguida, ouviu-se o uivo de muitos lobos. Foi quase como se o som tivesse começado no momento em que o conde ergueu a mão, como a música de uma grande orquestra que brada sob a batuta do regente. Após uma pausa momentânea, continuou caminhando até a porta, à sua maneira solene, destravou os pesados ferrolhos, afrouxou as grossas correntes e começou a abri-la.

Para meu total espanto, notei que estava destrancada. Desconfiado, olhei rapidamente ao redor, mas não havia nenhum tipo de chave.

Quando a porta começou a se abrir, o uivo dos lobos ficou mais alto e mais furioso. Vi suas bocas vermelhas, com os dentes protuberantes, projetando-se pela fresta da porta, e as patas grossas saltando com suas garras. Naquele instante, soube que não adiantaria lutar contra o conde por enquanto. Com aliados como aqueles sob seu controle, eu nada poderia fazer. Mas a porta continuou se abrindo lentamente, até que só havia o corpo do conde de pé no vão. Subitamente me dei conta de que aquele poderia ser o momento e o método pelo qual ele se livraria de mim. Eu estava sendo entregue aos lobos, mediante minha própria solicitação. Havia uma crueldade diabólica nessa ideia que combinava com o conde, e, no último segundo, exclamei:

– Feche a porta! Vou esperar até amanhã de manhã.

Cobri o rosto com as mãos para esconder as lágrimas de amarga decepção. Com um gesto de seu braço poderoso, o conde bateu a porta, e os grandes

ferrolhos estrondaram, ecoando pelo saguão ao voltarem para seus encaixes.

Em silêncio, regressamos à biblioteca, e depois de um ou dois minutos, retornei ao meu quarto. A última visão que tive do conde Drácula foi ele me mandando um beijo com a mão, com um brilho vermelho de triunfo nos olhos e um sorriso de que Judas no Inferno haveria de se orgulhar.

No quarto, quase dormindo, pensei ter ouvido um sussurro junto à minha porta. Aproximei-me de mansinho e tentei escutar melhor. A menos que meus ouvidos tenham me enganado, distingui a voz do conde:

– Voltem! Voltem para o seu lugar! Ainda não chegou a vez de vocês. Esperem! Tenham paciência! Hoje a noite é minha. Amanhã será de vocês!

Ouvi risadas baixas e suaves e, num acesso de raiva, abri a porta e vi lá fora as três mulheres terríveis lambendo os lábios. Quando me viram, juntaram-se numa gargalhada horrível e fugiram.

Voltei para o quarto e me ajoelhei. Será que estou tão perto do fim? Amanhã! Amanhã! Senhor, ajuda-me, e àqueles que gostam de mim!

30 de junho – Estas podem ser as últimas palavras que escreverei neste diário. Dormi até pouco antes de amanhecer e quando acordei me pus de joelhos, pois estava decidido que, se a Morte viesse, me encontraria pronto.

Por fim, senti aquela súbita mudança no ar e soube que a manhã havia chegado. Então veio o bem-vindo canto do galo, e percebi que estava seguro. Com o coração contente, deixei o quarto e corri até o saguão. Como vira no dia anterior que a porta principal não estava trancada, agora a fuga era iminente. Com as mãos trêmulas de avidez, soltei as correntes e puxei os pesados ferrolhos.

Mas a porta não se moveu. Fiquei desesperado. Puxei-a muitas vezes e a sacudi até que, maciça como era, balançou no batente. Eu podia ver o ferrolho fechado. A porta fora trancada depois que me despedi do conde.

Então me veio um desejo selvagem de encontrar a chave a qualquer custo, e decidi que escalaria pela janela de novo e entraria no quarto do conde. Ele poderia me matar, mas a morte agora me parecia o menor dos males. Sem hesitar, corri para a janela da face leste e desci pela parede, como fizera antes, até o quarto do conde. Estava vazio, mas já era o que eu esperava. Não encontrei chave nenhuma, mas a pilha de moedas de ouro continuava ali. Passei pela porta no canto do cômodo, desci a escada em espiral e segui pelo corredor escuro até a antiga capela. Agora sabia exatamente onde encontrar o

monstro que procurava.

A grande caixa estava no mesmo lugar, encostada à parede, com a tampa cobrindo-a, mas não pregada, embora os pregos já estivessem na posição em que seriam martelados. Eu sabia que a chave deveria estar junto ao corpo do conde, de modo que ergui a tampa e apoiei-a na parede. Então vi uma coisa que encheu minha alma de horror. Lá estava o conde, mas era como se sua juventude houvesse sido parcialmente restaurada, pois o cabelo e o bigode brancos haviam mudado para um grisalho ferroso escuro. As faces estavam menos encovadas, e a pele pálida parecia haver enrubescido sob a superfície. Os lábios estavam mais vermelhos do que nunca, pois neles havia gotas de sangue fresco, que escorriam pelos cantos da boca e desciam pelo queixo até o pescoço. Mesmo os olhos fundos e faiscantes pareciam ter sido colocados ali em meio à carne inchada, pois as pálpebras e as olheiras estavam intumescidas. Ao que tudo indicava, aquela criatura pavorosa simplesmente havia se fartado de sangue. Jazia como uma sanguessuga asquerosa, exausta e empanturrada. Tremi ao me inclinar para tocá-lo e senti profunda repulsa ao seu contato, mas precisava encontrar a chave, ou estaria perdido. Se deixasse a noite chegar poderia servir de banquete semelhante para aquelas três mulheres terríveis. Tateei todo o seu corpo, mas nem sinal da chave. Então parei e olhei para o conde. Havia um sorriso zombeteiro no rosto inchado capaz de me enlouquecer. Aquele era o ser que eu estava ajudando a transferir para Londres, onde, talvez, durante séculos, poderia saciar sua sede de sangue em meio aos milhões de habitantes e criar um novo círculo cada vez maior de semidemônios para atacar os indefesos. Só de pensar nisso fiquei furioso. Veio-me um desejo terrível de livrar o mundo daquele monstro. Não havia arma mortífera disponível, mas peguei uma pá que os empregados haviam usado para encher as caixas e, erguendo-a acima da cabeça, golpeei, com a lâmina para baixo, aquele rosto odioso. Mas assim que o atingi, ele virou a cabeça e abriu os olhos para mim, faiscantes como os de um basilisco. A visão pareceu me imobilizar, e a pá girou na minha mão e desviou-se do rosto do conde, tendo feito apenas um corte fundo acima da testa, antes de cair da minha mão sobre a caixa. Quando a puxei de volta, a lâmina ficou presa na borda da tampa, que acabou se fechando, escondendo aquela cena horrenda. O último relance que tive foi do rosto inchado, manchado de sangue e estampando um sorriso maligno que teria se saído bem nas profundezas do inferno.

Pensei e repensei no que fazer em seguida, mas meu cérebro parecia em

chamas, e aguardei com um desespero cada vez maior dentro de mim. Enquanto esperava, ouvi se aproximar na distância uma cantoria cigana entoada por vozes alegres, cortada pelo barulho de rodas pesadas e o estalar de chicotes. Os *szgany* e os eslovacos de quem o conde falara estavam chegando. Com uma última olhada ao redor e para a caixa que continha o corpo vil, corri dali e entrei no quarto do conde, decidido a fugir assim que a porta fosse aberta. Apurando os ouvidos, fiquei prestando atenção, até ouvir lá embaixo a chave girando na grande fechadura e a pesada porta se abrindo. Tinha de haver alguma outra entrada, ou algum dos homens possuía a chave de outra das muitas portas trancadas. Então ouvi o som de muitos passos pesados sumindo por algum corredor que fazia um eco estrondoso. Voltei correndo até a cripta, onde talvez ficasse essa nova entrada, mas nesse momento uma violenta corrente de ar bateu a porta da escada em espiral com uma força que levantou a poeira das vigas. Quando tentei abri-la, descobri que estava irreversivelmente emperrada. Eu estava preso outra vez, e a trama do destino se fechava cada vez mais sobre mim.

Enquanto escrevo, ouço no corredor lá embaixo o som de muitos pés e o estrondo de coisas pesadas sendo depositadas no chão, sem dúvida são as caixas, carregadas de terra. Em seguida, veio o som das marteladas. É a caixa do conde sendo pregada. Agora posso ouvir um pisotear pesado no saguão, e muitos outros pés perambulando de leve, vindo logo atrás.

A porta está fechada, ouço as correntes. O giro da chave na fechadura. Ouço a chave ser retirada, então outra porta abrir e fechar. Escuto o estalo da tranca e do ferrolho.

Atenção! No pátio e nas pedras do calçamento, é o rolar das rodas pesadas, o estalo dos chicotes e o coro dos *szgany* se afastando.

Estou sozinho no castelo com aquelas mulheres horríveis. Asco! Mina é uma mulher e não tem nada em comum com elas. São diabas do poço do abismo infernal!

Não ficarei sozinho com elas. Preciso tentar escalar a parede do castelo mais do que antes. Levarei um pouco daquele ouro comigo, caso precise depois. Hei de encontrar uma saída deste lugar pavoroso.

E então vou voltar para casa! Depressa, no primeiro trem! Longe deste confim maldito, desta terra perversa onde o diabo e suas crias ainda caminham com pés terrenos!

Pelo menos a misericórdia divina é maior que a daqueles monstros, e o

precipício é íngreme e altíssimo. Aos pés do abismo um homem pode dormir, ainda como homem. Adeus a todos! Mina!

---

60. Complexo de dialetos falados pelos ciganos. O Guia Baedeker de 1896 diz que a população de ciganos na Transilvânia era de 88 mil pessoas. A língua romani mescla contribuições de diversas etnias e línguas, que apresenta muitos traços do híndi (os ciganos começaram a migrar do norte da Índia para a Europa a partir do séc.XIV).

61. Em polonês, "capitão", "chefe dos homens".

62. Em Gênesis 8, Noé solta uma pomba para ver se as águas do dilúvio haviam baixado.

CAPÍTULO 5

CARTA DA SRTA. MINA MURRAY À SRTA. LUCY WESTENRA

9 de maio

Minha queridíssima Lucy,
Perdoe a longa demora para escrever, mas estive simplesmente absorta em meus afazeres. A vida de uma assistente de professora é às vezes uma provação. Não vejo a hora de estar com você, na praia, onde possamos conversar livremente e sonhar acordadas. Tenho trabalhado duro ultimamente, pois quero acompanhar os estudos de Jonathan, e tenho treinado bastante taquigrafia. Quando casarmos, poderei ser útil a ele, e se ficar boa o bastante vou poder anotar o que ele diz e datilografar para ele à máquina, o que também ando praticando assiduamente. Jonathan e eu às vezes trocamos cartas taquigrafadas, e ele está fazendo um diário estenográfico da viagem ao estrangeiro. Quando estiver com você, também farei um diário assim. Não me refiro àquelas agendas com duas páginas para cada semana, e os domingos espremidos no canto, mas um caderno em que possa escrever sempre que tiver vontade. Não imagino que vá ter muito interesse para as outras pessoas, mas não será mesmo feito para elas. Posso até vir a mostrar a Jonathan algum dia, caso haja algo que valha a pena compartilhar, mas será mesmo uma espécie de caderno de exercícios. Farei como uma jornalista: vou entrevistar, anotar descrições e tentar lembrar conversas. Dizem que, com alguma prática, é possível lembrar tudo o que aconteceu ou foi ouvido durante um dia inteiro. Mas isso é o que veremos. Contarei todos os meus singelos planos quando nos encontrarmos. Recebi só um bilhete apressado de Jonathan, da Transilvânia. Ele está bem e deve voltar em uma semana. Estou ansiosa para ouvir todas as novidades dele. Deve ser bom conhecer outros países. Quem dera possamos, digo, Jonathan e eu, visitá-los juntos. O relógio acaba de bater dez horas.

Adeus.

Com amor,

Mina

Conte tudo quando escrever. Você não me conta nada há muito tempo. Ouvi rumores, especialmente sobre um certo homem alto, bonito, de cabelos cacheados???

CARTA DE LUCY WESTENRA A MINA MURRAY

Nº 17, Chatham Street
Quarta-feira

Minha queridíssima Mina,
Devo dizer que é uma *grande* injustiça justamente você me julgar má correspondente. Já lhe escrevi *duas vezes* desde que você foi embora, e a sua última carta foi apenas a sua *segunda*. Além do mais, não tenho nada para contar. Realmente nada que a interesse. A cidade tem estado agradável ultimamente, e vamos bastante a galerias de arte e ao parque, para caminhar e cavalgar. Quanto ao tal homem alto e de cabelos encaracolados, suponho que se refira ao que estava comigo no último concerto Pop.[63] Evidentemente alguém andou espalhando boatos. O cavalheiro era o sr. Holmwood. Ele costuma vir nos visitar e se dá muito bem com mamãe, com quem sempre tem muitos assuntos em comum. Conhecemos há algum tempo um homem que seria perfeito para *você*, se já não estivesse noiva de Jonathan. Excelente partido, bonito, rico e bem-nascido. Médico e muito inteligente. Imagine! Tem só vinte e nove anos, e é dono de um hospício enorme que administra sozinho. Foi o sr. Holmwood quem nos apresentou, e ele veio nos visitar, e agora aparece sempre. Creio ser o homem mais decidido que jamais conheci, e ainda assim, também o mais tranquilo. Parece absolutamente imperturbável. Imagino o poder magnífico que deve exercer sobre os pacientes. Tem o costume curioso de olhar diretamente para o seu rosto, como se tentasse ler seu pensamento. Faz muito isso comigo, mas tenho orgulho de ser um osso duro para ele. Sei porque me olho no espelho. Você já tentou ler o próprio rosto? *Eu já*, é um

bom exercício, e mais trabalhoso do que se pode imaginar, se nunca tentou. Disse-me que sou para ele um curioso estudo psicológico, e modestamente concordo. Você sabe que não me interesso o bastante por roupas a ponto de conseguir descrever a moda atual. Roupa é bobagem. Mais uma gíria, mas não faz mal. Arthur diz o tempo todo. Pronto, está vendo, Mina? Nós sempre acabamos contando nossos segredos uma para a outra desde que éramos *crianças*. Já dormimos juntas, comemos juntas, rimos e choramos juntas, e agora, embora já tenha contado tanto, tenho vontade de falar mais. Oh, Mina, você ainda não adivinhou? Estou apaixonada por ele. Estou vermelha de vergonha ao escrever isso, pois embora *desconfie* que ele está apaixonado por mim, ainda não me disse isso assim em palavras. Mas, oh, Mina, estou apaixonada. Apaixonada! Pronto, já me sinto melhor. Queria estar aí com você, querida, sentada junto à lareira em roupas de baixo, como costumávamos fazer, e aí tentaria contar como estou me sentindo. Nem sei como estou escrevendo isto aqui, mesmo sendo para você. Tenho receio de parar de escrever e acabar rasgando a carta, e não quero parar, porque quero *tanto* contar tudo para você. Escreva *logo*, e me diga tudo o que pensa sobre isso. Mina, reze por minha felicidade.

Lucy

P.S.: Nem preciso dizer que isto é segredo.
Boa noite outra vez,

L.

CARTA DE LUCY WESTENRA A MINA MURRAY

24 de maio

Minha queridíssima Mina,
Obrigada, obrigada, muito obrigada por sua carta tão doce. Foi muito bom poder dividir isso com você e contar com seu apoio.

Minha cara, você sabe, depois da tempestade vem a bonança. Como são verdadeiros os antigos provérbios. Aqui estou eu, que completo vinte anos em

setembro, e até hoje não havia recebido nenhuma proposta, nenhuma proposta séria, e hoje mesmo recebi três. Imagine só! Três propostas no mesmo dia! Não é uma coisa medonha? Sinto pena, muita pena, dos outros dois coitados. Oh, Mina, estou tão feliz que nem sei o que faço de mim mesma. Três propostas, francamente! Mas, por tudo o que é mais sagrado, não conte nada às outras meninas, ou vão ficar tendo ideias mirabolantes e se sentirão magoadas e desdenhadas se no primeiro dia em casa não conseguirem pelo menos seis cada uma. Algumas meninas são tão fúteis! Você e eu, Mina querida, que estamos noivas e vamos em breve nos tornar duas sóbrias e maduras mulheres casadas, podemos desprezar a vaidade. Pois bem, vou contar sobre as três, mas você tem de guardar segredo, minha cara, de *todo mundo*, exceto de Jonathan, claro. Você vai contar a ele, porque eu no seu lugar, sem dúvida, contaria a Arthur. Uma mulher deve contar tudo ao marido. Você também não acha, querida? E eu devo ser justa. Os homens gostam que as mulheres, ao menos suas esposas, sejam tão justas quanto eles. E receio que as mulheres nem sempre são tão justas quanto deveriam ser. Bem, minha querida, a proposta número Um foi logo antes do almoço. Já lhe contei dele, o dr. John Seward, do hospício, do queixo forte e da testa larga. Por fora, parecia bastante calmo, mas estava muito nervoso por dentro. Evidentemente, havia se preparado nos mínimos detalhes e decorado tudo, mas quase sentou na cartola, coisa que os homens não costumam fazer quando estão à vontade, e quando quis parecer descontraído ficou brincando com um bisturi de uma maneira que me deu vontade de gritar de nervoso. Ele falou comigo, Mina, muito diretamente. Disse que gostava muito de mim, ainda que me conhecesse tão pouco, e que a vida dele seria muito melhor comigo ao seu lado para ajudá-lo e animá-lo. Estava prestes a começar a me contar como seria infeliz se eu não gostasse dele, mas ao me ver chorando, disse que ele era um bruto e que não me perturbaria ainda mais naquele momento. Então se afastou e perguntou se eu poderia vir a amá-lo com o tempo, e quando neguei com a cabeça, as mãos dele ficaram trêmulas, e, com alguma hesitação, perguntou-me se eu já gostava de outra pessoa. Escolheu bem as palavras, dizendo que não queria extorquir uma confissão, mas apenas saber, porque se o coração de uma mulher estiver livre, um homem pode ter esperanças. E então, Mina, senti que era meu dever contar que existia sim alguém. Foi só o que eu disse, e em seguida ele se levantou, fitou-me muito intensa e gravemente e, segurando minhas mãos nas suas, disse que esperava que eu fosse muito feliz e que se um dia precisasse de um alguém, poderia confiar que ele seria o meu melhor amigo. Oh, Mina

querida, não consigo deixar de chorar, desculpe-me esta carta toda borrada. Receber uma proposta de casamento é muito bom, mas não é nada agradável ver um pobre sujeito que você sabe que a ama honestamente ir embora de coração partido, menos ainda é ter a consciência de que, não importa o que ele diga naquele momento, você vai sair da vida dele. Minha cara, preciso parar por aqui agora, estou muito triste, embora muito feliz.

De noite

Arthur acabou de ir embora, e me sinto mais animada agora do que quando precisei interromper esta carta, de modo que vou continuar a contar sobre o meu dia. Bem, minha cara, a proposta número Dois foi depois do almoço. É um sujeito muito simpático, um americano do Texas, e parece tão jovem e cheio de vida que é quase impossível que tenha estado mesmo em tantos lugares e experimentado tantas aventuras. Compreendo Desdêmona após ouvir a torrente de proezas que ela ouviu, ainda que de um homem negro.[64] Nós mulheres somos tão covardes que achamos que um homem vai nos livrar de todos os medos e nos casamos com ele. Agora sei o que faria se fosse um homem e quisesse que uma menina me amasse. Não, não sei, pois isso era o sr. Morris nos contando suas histórias, e embora Arthur nunca tenha me contado nada… Minha cara, estou me antecipando. O sr. Quincey P. Morris me encontrou sozinha. Parece que um homem sempre consegue encontrar uma menina sozinha. Não, nem sempre, pois Arthur teve que tentar *criar* a oportunidade duas vezes, e isso com toda a minha ajuda, não me envergonho de confessar agora. Devo dizer antes de mais nada que o sr. Morris nem sempre usa gírias, isto é, nunca com estranhos ou diante de quem não conhece, pois é muito bem-educado e possui modos sofisticados, mas acontece que percebeu que gosto de ouvi-lo usar gírias americanas, e sempre que estou sozinha, sem ninguém mais que possa se chocar, fala essas coisas engraçadas. Receio, minha cara, que inventa tudo, pois elas sempre se adaptam perfeitamente ao que ele quer dizer. Mas gírias são assim mesmo. Não sei se eu mesma vou usá-las algum dia. Não sei se Arthur gosta, nunca o vi falando gíria. Pois bem, o sr. Morris sentou do meu lado e me olhou o mais feliz e contente que podia, mas ainda assim notei que estava muito nervoso. Ele pegou minha mão na sua e disse muito suavemente:

– Srta. Lucy, sei que não sirvo nem para dar o laço do seu sapatinho, mas

acho que se a senhorita for esperar até encontrar um homem que preste, vai acabar se juntando às outras sete mocinhas, segurando vela atrás de noivo.[65] Você não quer simplesmente subir aqui na garupa e irmos embora os dois por essa longa estrada juntos, viajando de dois cabrestos?

Pois bem, ele parecia tão bem-humorado e divertido que não considerei que seria tão difícil recusá-lo quanto o dr. Seward. Por isso respondi, com toda delicadeza, que não sabia nada de garupa, e que ainda não estava pronta para nenhum cabresto. Então ele enfatizou que havia usado um tom negligente e me pediu perdão, caso tivesse cometido um erro ao fazê-lo naquele momento tão solene, tão importante para ele. Dava a impressão de estar falando mesmo sério, e não pude deixar de sentir uma certa exultação por ele ser o número Dois naquele mesmo dia. E então, minha querida, antes que eu conseguisse dizer uma palavra, começou a despejar uma perfeita correnteza de amor, abrindo o coração e a alma aos meus pés. Demonstrou tanta sinceridade que nunca mais vou achar que um homem é sempre divertido, e jamais honesto, só porque às vezes é alegre. Creio que deve ter notado na minha expressão algum obstáculo, pois parou de repente e declarou com um fervor tão viril, que, caso já não estivesse compromissada, eu até seria capaz de amá-lo:

– Lucy, você é uma menina de bom coração, sei disso. Eu nem deveria estar aqui falando como estou agora se não acreditasse que está desimpedida, no mais fundo de sua alma. Diga, como um bom amigo confessa a outro, existe mais alguém de quem você gosta? Porque se existir, nunca mais encosto em um fio de cabelo seu, e serei, se você deixar, um amigo muito fiel.

Minha querida Mina, como podem os homens ser tão nobres quando as mulheres são tão indignas deles? Agora mesmo quase faço troça desse grande coração de genuíno cavalheiro. Desatei a chorar – receio, minha querida, que você vá pensar que esta carta ficou por demais sentimental – e me senti mesmo muito mal. Por que uma moça não pode se casar com três homens, ou com quantos quiser, e evitar todo esse incômodo? Mas isso é uma heresia, e eu nem deveria pensar isso. Fico contente de dizer, contudo, que consegui olhar nos olhos corajosos do sr. Morris, e lhe contei tudo abertamente:

– Sim, amo outra pessoa, embora ele ainda não tenha dito que também me ama.

Fiz bem em lhe falar tão francamente, pois seu rosto se iluminou, e ele estendeu as duas mãos e pegou as minhas, acho que eu mesma lhe dei as mãos, e afirmou, muito sentido:

– Essa é a minha garota corajosa. Prefiro uma chance de conquistá-la um

dia do que todas as chances com qualquer outra no mundo. Não chore, querida. Se for por mim, sou um osso duro de roer e recebo os golpes de pé. Se esse outro sujeito não sabe a felicidade que tem, bem, é melhor que saiba logo, ou terá de se ver comigo. Menina, a sua sinceridade e a sua coragem ganharam a minha amizade, e isso é mais raro do que amor; é menos egoísta, pelo menos. Minha querida, vai ser um caminho solitário para mim daqui até o Juízo Final. Você não me concederia um beijo? Para afastar a escuridão de quando em quando. Você sabe que pode, se quiser. Afinal esse outro bom sujeito, e ele deve ser mesmo bom, um cavalheiro, ou você não poderia se apaixonar por ele, ainda não se declarou.

Isso me conquistou, Mina, pois *foi* ousado e doce da parte dele, e nobre também, para um rival, não? E estava tão triste, que me inclinei e o beijei. Ele se levantou segurando minhas mãos e, ao olhar para o meu rosto – creio que eu estava incrivelmente corada –, disse:

– Menina, peguei na sua mão, e você me beijou, e se essas coisas não fazem de nós amigos, nada mais faria. Obrigado pela sua doce honestidade comigo, e adeus.

Ele apertou minha mão e, pegando seu chapéu, saiu da sala sem olhar para trás, sem lágrima, sem tremer ou sequer fazer uma pausa, e agora estou chorando feito um bebê. Oh, por que um homem como esse sofre tanto enquanto existe um monte de garotas que adorariam até o chão que ele pisa? Sei que eu adoraria se estivesse desimpedida, só que não quero estar desimpedida. Minha cara, isso me deixou bastante abalada, e não serei capaz de escrever sobre minha felicidade agora, depois de lhe contar tudo isso. E não quero ainda falar da proposta número Três enquanto não estiver totalmente feliz.

De quem sempre a adora,

Lucy

P.S.: Ah, sobre a número Três, nem preciso dizer quem foi, não é mesmo? Além do mais, foi tudo muito confuso. Menos de um minuto se passou entre ele entrar na sala, seus braços me envolverem, e ele já estava me beijando. Estou muito, muito feliz, nem sei o que fiz para merecer isso. Só preciso tentar depois demonstrar que não sou ingrata a Deus por toda a Sua bondade comigo ao me mandar um namorado, um marido e um amigo assim.

Adeus.

DIÁRIO DO DR. SEWARD (gravado em fonógrafo[66])

25 de maio – Maré baixa de apetite hoje. Não consegui comer, nem descansar, então volto ao diário. Desde a rejeição de ontem me sinto um tanto vazio. Nada no mundo parece importante o suficiente. Como sabia que a única cura para esse tipo de coisa era trabalhar, fui visitar os pacientes. Escolhi um que me propiciou um estudo muito interessante. É tão estranho que estou determinado a compreendê-lo o melhor que puder. Hoje, creio ter chegado mais perto do que nunca do âmago de seu mistério.

Fiz perguntas mais completas do que jamais tinha feito a ele, com vistas a me tornar senhor dos fatos em sua alucinação. Agora vejo que havia uma certa crueldade no método que adotei para tanto. Como se eu quisesse mantê-lo em sua loucura, coisa que evito com os pacientes como o abismo do inferno. (Lembrete: sob quais circunstâncias eu *não* evitaria o abismo infernal?) *Omnia Romæ venalia sunt*.[67] O inferno tem seu preço! *Verb. sap.*[68] Se existe algo por trás deste instinto, será útil depois reconstituir sua origem com precisão, de modo que é melhor então que eu comece logo…

R.M. Renfield, 59 anos. Temperamento sanguíneo, grande força física, excitação mórbida, períodos de depressão, culminando em alguma ideia fixa que não consigo identificar. Presumo que o temperamento sanguíneo em si e a influência perturbadora resultem num típico atraso mental; um homem possivelmente perigoso, provavelmente perigoso, ainda que generoso. Nos egoístas, a cautela é uma armadura segura contra os inimigos e contra eles mesmos. O que penso a esta altura é que, sendo o ego um ponto fixo, a força centrípeta se equilibra com a centrífuga. Quando um dever, uma causa etc. são o ponto fixo, a centrífuga se sobressai, e apenas acidentes ou uma série de acidentes podem equilibrá-la.

CARTA DE QUINCEY P. MORRIS AO HONORÁVEL SR. ARTHUR HOLMWOOD

25 de maio

Meu caro Art,
Já contamos histórias à beira da fogueira nas pradarias, já curamos as feridas um do outro após tentar desembarcar nas ilhas Marquesas[69] e brindamos à margem do lago Titicaca. Ainda há histórias a contar, feridas para curar e brindes por fazer. Por que você não vem amanhã à noite, para fazermos isso à fogueira do meu acampamento? Não hesito em convidá-lo, pois sei que, amanhã, uma certa dama vai estar ocupada num jantar, e sei que você estará livre. Teremos apenas outra pessoa como companhia, nosso velho amigo do *Korea*, Jack Seward. Ele também vem, e queremos chorar nossas mágoas entre taças de vinho e brindar do fundo do peito ao homem mais feliz da face da terra, que conquistou o coração mais nobre que Deus já fez, e o mais valioso. Prometemos calorosas boas-vindas, parabéns afetuosos e brindes sinceros como a sua mão direita. Também juramos levá-lo para casa se você beber demais à saúde de um certo par de olhos. Venha!

Seu, como sempre fui e serei,

Quincey P. Morris

TELEGRAMA DE ARTHUR HOLMWOOD PARA QUINCEY P. MORRIS

26 de maio

Conte comigo. Tenho notícias que o deixarão de orelhas em pé.

Art

63. Os Pops ou Popular Concerts aconteciam nas tardes de sábado e nas noites de segunda-feira em St. James's Hall, em Londres.

64. Em seu comentário racista, preconceito comum durante o período vitoriano, Lucy se refere a *Otelo, o mouro de Veneza*, de Shakespeare, em que o general mouro Otelo descobre que suas aventuras cativaram o coração de Desdêmona, filha do senador Brabâncio de Veneza.

65. Quincey se refere talvez a Mateus 25:1-10, em que dez virgens (e não sete) levam suas lâmpadas à procura de um noivo. A linguagem do texano Quincey Morris é repleta de usos incomuns para o inglês britânico da época.

66. Thomas Edison inventou o fonógrafo em 1877; Alexander Graham Bell, Chichester Bell e Charles Sumner Tainter desenvolveram uma versão do fonógrafo que denominaram gramofone, patenteado em 1886. Ao lado da taquigrafia e da câmera Kodak, o fonógrafo é outra relativa novidade da época. Ver

também nota 183.

67. Citação truncada de Salústio (86-34 a.C.), em *Guerra contra Jugurta*: *Romæ omnia venalia esse*, ou "Tudo em Roma está à venda".

68. Abreviação da expressão latina "*Verbum sapienti*", forma reduzida de "*Verbum sapienti satis*", "Uma palavra basta para o sábio".

69. Na Polinésia Francesa, a nordeste do Taiti, são o cenário do romance autobiográfico *Typee* (1846), de Herman Melville.

CAPÍTULO 6

DIÁRIO DE MINA MURRAY

24 de julho, Whitby – Lucy foi me buscar na estação, amável e bonita como nunca vi, e fomos para a casa em The Crescent, onde eles alugam quartos. A cidade é uma graça. O riozinho, o Esk, corre por um vale profundo, que se alarga conforme vai chegando ao porto. Um grande viaduto sustentado por pilastras altas atravessa a paisagem, que parece às vezes mais distante do que é na verdade. O vale é de um verde lindo e tão íngreme que quando se está no alto enxerga-se perfeitamente o outro lado, a menos que você esteja perto o suficiente da beirada para olhar para baixo. Todas as casas da cidade antiga – do lado oposto ao que estamos – têm telhados vermelhos e parecem empilhadas umas sobre as outras, como aquelas gravuras que vemos de Nuremberg. No alto da cidade fica a ruína da abadia de Whitby,[70] que foi saqueada pelos dinamarqueses e que é cenário da parte de *Marmion* em que a amante é emparedada viva.[71] É uma ruína nobre, imensa e cheia de pedacinhos bonitos e românticos. Existe uma lenda de que uma dama de branco[72] aparece em uma das janelas. Entre a ruína e a cidade há outra igreja, a paróquia local, cercada por um grande cemitério, repleto de lápides.[73] Este para mim é o lugar mais bonito de Whitby, pois fica bem em cima da cidade, e tem uma ampla vista do porto até o promontório chamado de Kettleness, que se projeta sobre o mar. A encosta sobre o porto é tão íngreme que parte dela desabou e algumas lápides foram destruídas. Em um ponto, algumas delas se espalham pelo caminho de areia lá embaixo. O terreno da igreja tem umas trilhas com bancos ao longo do caminho, e as pessoas passam o dia sentadas neles, admirando a bela vista e aproveitando a brisa. Virei aqui sempre que puder, para escrever. Na verdade, estou escrevendo agora, com o caderno apoiado no joelho e ouvindo a conversa de três senhores idosos sentados ao meu lado. Parece que não fazem nada o dia inteiro além de sentar aqui e conversar.

O porto está logo abaixo de mim, com um longo muro de granito

avançando mar adentro na extremidade oposta e uma curva aberta para fora na ponta, no meio da qual há um farol. Acompanhando o muro pelo lado de fora, corre um sólido quebra-mar, que se dobra para dentro como um cotovelo na extremidade mais próxima, e na ponta do qual há também um farol. Entre o quebra-mar e o muro, fica a estreita entrada do porto, que então se alarga subitamente.

É bonito na maré cheia, mas quando a maré vaza não sobra nada, e se vê apenas o córrego do Esk, atravessando bancos de areia, com rochas aqui e ali. Fora do porto, deste lado, um grande arrecife se estende por quase um quilômetro, começando logo atrás do farol sul. Ao final do arrecife, há uma boia com um sino, que badala quando o tempo está ruim e envia um som plangente pelo vento. Outra lenda diz que os sinos tocam no mar quando um navio se perde. Preciso perguntar àquele senhor sobre isso. Ele está vindo para cá…

É um sujeito divertido. Deve ser incrivelmente velho, pois tem o rosto todo encarquilhado e enrugado como uma casca de árvore. Disse que tem quase cem anos e que foi marinheiro de uma frota pesqueira na Groenlândia na época da batalha de Waterloo.[74] Receio se tratar de uma pessoa muito cética, pois quando perguntei sobre os sinos e a Dama Branca da abadia, foi bastante brusco:

– Eu não esquentaria a cabeça por conta disso, dona. É tudo dos tempos de antigamente. A senhorita me perdoe, não vou dizer que nunca tenha existido tal coisa, mas não é da minha época. Isso é conversa de forasteiro, de viajante, esse tipo de gente, não é assunto para uma mocinha tão simpática como a senhorita. Esses turistas de York e Leeds, que só vêm aqui para comer arenque, tomar chá e comprar azeviche[75] mais barato, talvez acreditem. Não sei quem se dá ao trabalho de inventar essas mentiras para eles, até o jornal está cheio dessas bobagens.[76]

Pensei que seria uma boa pessoa com quem aprender coisas interessantes, então perguntei se não se incomodaria de me contar sobre os velhos tempos da caça às baleias. Ele estava se preparando para começar a falar quando o relógio deu seis horas, ao que levantou-se com muito custo e declarou:

– Preciso pegar o caminho de casa, dona. Minha neta não gosta de esperar quando a janta fica pronta, pois demoro muito na escada, são muitos degraus, e, dona, minha barriga fica vazia junto com o relógio.

Foi embora mancando, e notei que descia os degraus o mais rápido que podia. A escada é uma grande atração do lugar. Unindo a igreja à cidade, há

centenas de degraus, não sei quantos, formando uma curva delicada. O aclive é tão suave que um cavalo conseguiria subir e descer sem problemas. Imagino que originalmente tivessem algo a ver com a abadia. Agora também vou embora. Lucy saiu em passeio com a mãe, e como eram apenas visitas formais, não fui junto. A esta altura, já devem estar de volta.

1º de agosto – Cheguei aqui há uma hora com Lucy, e tivemos uma conversa muito interessante com meu velho amigo e dois outros senhores que sempre se juntam a ele. Evidentemente, ele é o sr. Oráculo dos outros dois, e creio que foi em sua época uma pessoa bastante autoritária. Não concorda com nada e aborrece a todos. Se não consegue vencê-los pelo argumento, ameaça-os e toma o silêncio dos dois como sinal de que concordam com sua opinião. Lucy estava delicadamente linda em seu vestido branco de renda. Ela ganhou uma cor bonita desde que chegou a Whitby. Reparei que os senhores não perderam tempo e logo se aproximaram e sentaram perto dela. Lucy é tão gentil com idosos, que acho que eles se apaixonaram na mesma hora. Até o meu velhinho sucumbiu e não a contradisse vez alguma, mas dedicou atenção redobrada em discordar de mim. Voltei ao assunto das lendas, e ele começou logo uma espécie de sermão. Vou tentar lembrar o que disse e transcrever aqui:

– Isso é tudo bobagem, pura, total e completa bobagem. Só isso e nada mais. Essas histórias de maldição, espíritos, aparições, cães demoníacos, duendes[77] e tudo mais só servem para fazer crianças e mulheres que não têm nada na cabeça chorar. Não passam de fantasias. Isso e todos os presságios, sinais e avisos são invenção de vigários, espertalhões mal-intencionados e farsantes de estação de trem para assustar e confundir os desavisados e conseguir que as pessoas façam coisas que de outro modo não gostariam de fazer. Fico furioso só de pensar. Porque, não contentes de publicar mentiras nos jornais e pregá-las em seus púlpitos, insistem em gravá-las nas lápides. Olhe à sua volta, para onde bem entender. Todas essas lápides, como cabeças erguidas para fora da terra tentando manter o orgulho, estão todas tortas, pensas com o peso das mentiras nelas escritas. Todas elas têm escrito "Aqui jaz o corpo" ou "Consagrado à memória", mas nem metade tem um corpo enterrado, e ninguém dá a mínima para a memória, muito menos considera nada sagrado. É tudo mentira, não passam de mentiras de um tipo ou de outro! Meu Deus, que comoção não vai ser o Dia do Juízo Final, quando eles vierem de mortalha, todos juntos, tentando arrastar consigo as lápides para provar como foram bons, alguns tremendo, apavorados, com as mãos tão enrugadas e

escorregadias do tempo que ficaram no mar que nem conseguem mais cerrar o punho.

Pude notar, pelo ar satisfeito do velho e o modo como olhou ao redor, buscando a aprovação dos colegas, que estava "se exibindo", então comentei, para que continuasse:

– Oh, sr. Swales, o senhor não pode estar falando sério. Decerto essas lápides não estão todas erradas.

– Quem sabe! Talvez algumas coitadas não, mas as que mostram o morto como bonzinho demais, sim, pois tem gente que acha que o mar e um penico são a mesma coisa, contanto que seja seu. É tudo mentira. Agora, veja a senhorita. A senhorita vem aqui, forasteira, e olha esse campo-santo.[78] – Assenti, pois achei melhor concordar, embora não tivesse entendido exatamente seu dialeto. Sabia que tinha algo a ver com o cemitério da igreja. Ele prosseguiu: – E a senhorita acha que todas essas lápides são de gente que morreu e está enterrada aqui, certinha e confortável? – Assenti novamente. – Pois bem, é aí que começa a mentira. Ora, há dezenas dessas tumbas que estão vazias como a caixinha de rapé do velho Dun na sexta-feira à noite. – Ele cutucou um de seus companheiros, e todos deram risada. – Ah, meu Jesus! Como podia ser diferente? Veja aquela ali, do outro lado da trilha, leia!

Fui até lá e li:

– "Edward Spencelagh, comandante naval, assassinado por piratas na costa de Andres, em abril de 1854, aos trinta anos."[79]

Quando voltei, o sr. Swales continuou:

– Quem trouxe ele para casa, é o que me pergunto, para enterrar aqui? Assassinado na costa de Andres! E a senhorita acha que o corpo dele está aqui embaixo! Ora, posso citar uma dúzia de sujeitos cujos ossos estão lá em cima, no mar da Groenlândia – ele apontou em direção ao norte –, ou aonde quer que as correntes os tenham carregado. E são essas lápides aí à sua volta. A senhorita pode, com seus olhos de moça, ler daqui a letra miúda dessas mentiras. Este Braithwaite Lowery, conheci o pai dele, morreu no *Lively*, perto da Groenlândia, em 1820. Andrew Woodhouse: morreu afogado no mesmo mar, em 1777; John Paxton: afogado na altura de cabo Farewell, no ano seguinte. E o velho John Rawlings, cujo avô navegou comigo, morreu afogado no golfo da Finlândia, em 50. A senhorita acha que todos esses homens virão correndo para Whitby quando soarem as trombetas? Tenho cá minhas dúvidas! Estou dizendo para a senhorita, quando chegarem aqui, vão ficar se

acotovelando, amontoados, e vai ser como as nossas brigas sobre o gelo nos velhos tempos, que duravam do raiar do dia ao anoitecer, quando tentávamos cuidar das feridas à luz da aurora boreal.

Era evidentemente uma brincadeira local, pois o velho caiu na gargalhada, e seus camaradas se juntaram ao coro com gosto.

– Mas – argumentei – seguramente o senhor não está com a razão, pois parte do pressuposto de que todas as pessoas, ou suas almas, terão que levar suas lápides consigo no Dia do Juízo Final. O senhor acha mesmo que isso vai ser necessário?[80]

– Ora, para que mais servem as lápides? Responda essa, dona!

– Para consolar os parentes, suponho.

– Para consolar os parentes, a senhorita supõe! – Isso ele proferiu com intensa zombaria. – Qual é o consolo de saber que essas lápides mentem e que todo mundo aqui sabe que é mentira? – Ele apontou para uma pedra tumular deitada como uma laje aos nossos pés, sobre a qual nosso banco se apoiava, perto da beira do penhasco. – Leia as mentiras dessa pedra – ordenou.

De onde eu estava, as letras ficavam de ponta-cabeça, mas Lucy, mais próxima da pedra, inclinou-se e leu:

– "Consagrada à memória de George Canon, que morreu, na esperança da gloriosa ressurreição, no dia 29 de julho de 1873, ao cair das pedras de Kettleness. Este túmulo foi erigido por sua mãe compungida para seu querido e amado filho. Ele era seu único filho, e ela era viúva." Realmente, sr. Swales, não vejo nada de engraçado aqui! – comentou Lucy com muita gravidade e um tanto severamente.

– A senhorita não vê nada de engraçado! Ha, ha! Mas isso é porque a senhorita não sabe que a mãe compungida era uma megera que o odiava porque ele era um torto, um deformado que detestava tanto a mãe que cometeu suicídio para que ela não recebesse o dinheiro do seguro que tinha feito para o filho. Ele estourou o topo da cabeça com um mosquete que eles tinham para espantar corvo. Mas dessa vez não serviu para isso, pois vieram também as moscas e os abutres. E foi assim que ele caiu das pedras. E quanto à esperança de ressurreição gloriosa, eu ouvi muitas vezes o sujeito dizer que preferia ir para o inferno, pois a mãe era tão carola que decerto ia para o céu, e ele não queria ficar no mesmo lugar que ela. Pois então, esta lápide não lhe parece um monte de mentiras? – perguntou ele, batendo com a bengala na pedra. – E o arcanjo Gabriel não vai dar uma gargalhada quando Geordie subir ofegante os

degraus com a lápide equilibrada na cacunda, pedindo para ser considerada como prova?!

Não sabia o que dizer, mas Lucy levantou-se e mudou de assunto:

– Oh, por que o senhor foi nos contar isso? Este é o meu banco preferido, e não posso escolher outro. Agora vou ter que sentar aqui sabendo que estou sobre a tumba de um suicida.

– Isso não vai lhe fazer mal, minha linda, e ainda pode alegrar o pobre Geordie ter uma moça tão bem-apessoada sentada em seu colo. Não há de ser nada. Ora, eu me sento aqui já se vão quase vinte anos, e nunca me aconteceu coisa alguma. Não se preocupe com o que está ou não está embaixo de si! O dia em que a senhorita vir cada um carregando sua lápide, e esse lugar liso feito um campo depois da colheita, pode começar a ter medo. Está na minha hora, preciso ir. Minhas recomendações a vocês, minhas damas! – E lá se foi ele, claudicando.

Lucy e eu ficamos sentadas ali mais um pouco, e era tudo tão bonito diante de nós que nos demos as mãos, e ela me contou tudo de novo sobre Arthur e o casamento que se aproximava. Isso me apertou um tanto o coração, pois fazia um mês que não tinha notícias de Jonathan.

No mesmo dia – Voltei até aqui sozinha, pois estou muito triste. Não chegou carta nenhuma para mim. Espero que não tenha acontecido nada com Jonathan. O relógio acabou de bater nove horas. Vejo as luzes espalhadas pela cidade, às vezes em filas onde há ruas, e às vezes isoladas. Elas acompanham o Esk e desaparecem na curva do vale. À minha esquerda, a visão é obstruída por uma linha negra do telhado da antiga casa vizinha à abadia. Carneiros e ovelhas balem nos campos atrás de mim, e ouço o som dos cascos de burros nas pedras da estrada lá embaixo. A banda no quebra-mar toca uma valsa dura e acelerada, e, mais adiante no cais, na esquina de uma viela, há um encontro do Exército da Salvação. Nenhuma das bandas escuta a outra, mas daqui do alto posso ver as duas. Fico me perguntando por onde andará Jonathan e se estará pensando em mim! Queria que estivesse aqui.

Diário do Dr. Seward

5 de junho – O caso de Renfield fica cada vez mais interessante, conforme

compreendo melhor o homem. Ele possui algumas qualidades bastante desenvolvidas, egoísmo, discrição e determinação. Gostaria de poder acessar o objeto desta última. Parece ter elaborado algum plano, mas do que se trata exatamente, não sei. Uma qualidade que o redime é o amor pelos bichos, embora, na verdade, esse sentimento apresente alterações tão peculiares que por vezes imagino se tratar apenas de uma crueldade anormal. Seus animais de estimação são os mais inesperados. Atualmente, seu passatempo favorito é caçar moscas. Possui no momento uma quantidade que precisei coibir. Para meu espanto, não ficou furioso, como eu esperava que ficasse, mas considerou o caso com uma seriedade singela. Pensou por um momento, então perguntou:

– O senhor pode me conceder mais três dias? Vou me livrar delas.

Obviamente, eu disse que sim. Preciso ficar de olho nele.

18 de junho – Agora Renfield passou a preferir aranhas e juntou várias graúdas dentro de uma caixa. Ele as alimenta com as moscas, e o número destas diminuiu sensivelmente, embora ele tenha usado metade de sua própria comida para atrair mais moscas de fora do quarto.

1º de julho – As aranhas agora estão se tornando um incômodo tão grande quanto as moscas, e hoje avisei que ele precisa se livrar delas também. O paciente pareceu muito triste com isso, então acrescentei que bastava se livrar de algumas. Renfield concordou, animado, e concedi o mesmo tempo de antes para essa redução. Senti muito nojo dele, pois quando uma horrenda varejeira, farta de carniça, entrou no quarto, ele a pegou, segurou-a exultante por alguns segundos entre o indicador e o polegar, e, antes que eu me desse conta do que ia fazer, enfiou-a na boca e engoliu. Ralhei com ele por conta disso, mas Renfield argumentou calmamente que a varejeira era muito gostosa e saudável, que aquilo era vida, vida forte, e que a mosca lhe dava vida. Isso me deu uma ideia, ou rudimentos de uma ideia. Preciso observar como vai fazer para se livrar das aranhas. Evidentemente, Renfield possui um problema mental profundo, pois mantém um pequeno diário em que está sempre anotando alguma coisa. Páginas inteiras preenchidas de números, geralmente com uma sequência de algarismos acrescentados à lista, e então os totais somados, como se ele estivesse "consolidando" alguma contabilidade, como dizem os auditores.

8 de julho – Existe um método em sua loucura, e um rudimento de ideia está se formando em minha mente. Logo será uma ideia completa, e então, ó pensamento inconsciente, deverás ceder lugar ao teu irmão consciente. Mantive-me afastado de meu amigo por alguns dias, para notar melhor caso haja alguma alteração. As coisas continuam iguais, exceto pelo fato de ele ter aberto mão de alguns de seus bichos de estimação e estar agora com outro. Renfield conseguiu capturar um pardal e já o domesticou parcialmente. Seu sistema de domesticação é simples, pois as aranhas diminuíram em número. As que permanecem, contudo, estão bem alimentadas, pois ele ainda lhes dá moscas, que atrai com a própria comida.

19 de julho – Estamos fazendo progressos. Meu amigo possui agora toda uma colônia de pardais, e as moscas e aranhas quase desapareceram. Quando cheguei, ele correu até mim e disse que gostaria de me pedir um grande favor, um favor realmente muito importante. Ao falar, mostrou-se submisso como um cão. Perguntei o que era, e ele respondeu, com uma espécie de enlevo na voz e no porte:

– Um gatinho, um simpático gatinho, pequeno, fofo e brincalhão, com que eu possa brincar, e dar comida, muita comida!

O pedido não me pegou de surpresa, pois eu já vinha notando que seus bichos de estimação continuavam aumentando em tamanho e vivacidade, mas não queria que aquela bela família de pardais domesticados fosse dizimada como as moscas e as aranhas. De modo que disse que veria o que poderia fazer e perguntei se ele não preferia um gato adulto em vez de um filhote. Sua avidez o traiu na resposta:

– Oh, sim, prefiro um gato adulto! Só pedi um gatinho para que você não me recusasse. Ninguém me recusaria um gatinho, não é mesmo?

Balancei a cabeça e disse que, no momento, receava não ser possível, mas que veria o que poderia fazer. Ele ficou acabrunhado, e vi um sinal de perigo em sua expressão, pois aquele olhar subitamente feroz e oblíquo escondia uma intenção assassina. O sujeito é um maníaco homicida que ainda não se desenvolveu. Vou fazer experimentos abordando esse novo desejo e ver como me saio, então saberei mais.

Dez da noite – Voltei a visitá-lo e o encontrei sentado no canto, chorando. Quando entrei, atirou-se de joelhos diante de mim e implorou que eu o

deixasse ter um gato, que sua salvação dependia disso. Fui firme, contudo, e disse que não seria possível. Diante de minha resposta, Renfield afastou-se, calado, e sentou, roendo as unhas, no mesmo canto onde o havia encontrado. Voltarei a visitá-lo amanhã cedo.

20 de julho – Visitei Renfield ainda muito cedo, antes da ronda dos enfermeiros. Encontrei-o acordado, cantarolando uma canção. Espalhava açúcar, que havia economizado, na janela, e começava a caçar moscas novamente. Fazia-o animada e graciosamente. Procurei seus passarinhos, e como não vi nenhum, perguntei onde estavam. Ele respondeu, sem se virar, que haviam fugido pela janela. Havia algumas penas no quarto e uma mancha de sangue em seu travesseiro. Não falei nada, mas saí e pedi ao enfermeiro para me avisar se acontecesse alguma coisa estranha ao longo do dia.

Onze da manhã – O enfermeiro veio me dizer que Renfield estava passando muito mal e que havia vomitado diversas penas.

– Doutor, acho que ele comeu os pardais – disse. – Simplesmente pegou os passarinhos e os comeu crus!

Onze da noite – Dei a Renfield um opiáceo forte agora à noite, o bastante para fazê-lo dormir, e peguei seu diário para ler. O pensamento que vinha se agitando em minha mente nesses últimos dias agora está completo, e minha teoria foi provada. Meu maníaco homicida é de uma variedade peculiar. Terei de inventar uma nova categoria para ele, vou chamá-lo de maníaco zoófago[81] (o que devora vida). Seu desejo é absorver o máximo de vidas que puder, e se pôs a fazê-lo de modo cumulativo. Deu muitas moscas a uma aranha, muitas aranhas a um pássaro, e então quis um gato para comer muitos pássaros. Quais seriam as etapas seguintes de seu plano? Talvez até valesse a pena deixá-lo completar o experimento. Isso poderia ser feito se houvesse motivo suficiente. Os homens desdenharam a vivissecção, mas veja os seus resultados hoje em dia! Por que não promover o progresso da ciência em seu aspecto mais difícil e vital, o conhecimento do cérebro? Se ao menos eu soubesse o segredo dessa mente, se tivesse a chave para a fantasia de um único lunático, poderia elevar meu próprio ramo da ciência a um patamar em que os avanços da fisiologia de Burdon-Sanderson[82] ou o conhecimento cerebral de Ferrier[83] pareceriam ninharias. Se apenas houvesse um motivo suficiente! Não posso nem pensar

muito nisso, para não me sentir tentado. Um bom motivo talvez viesse a calhar, pois será que também não possuo um cérebro excepcional, congenitamente falando?

Como o sujeito argumentou bem! Lunáticos sempre são assim dentro de seu escopo. Pergunto-me em quantas vidas ele calcula o valor de um homem, ou se uma já basta. Ele fechou a conta com precisão, e hoje começou um novo registro. Quantos de nós iniciam um novo registro a cada dia de nossas vidas?

Para mim, parece que foi ontem que minha vida terminou junto com minha nova esperança e que comecei de fato um novo registro. Assim será até que o Grande Registrador[84] me adicione e feche o meu balanço em termos de perdas e ganhos. Oh, Lucy, Lucy, não posso ficar irritado com você, nem posso ficar irritado com meu amigo cuja felicidade é a tua, devo simplesmente esperar resignadamente e trabalhar. Trabalhar! Trabalhar!

Se tivesse uma causa forte como meu pobre amigo louco aqui, uma causa boa, generosa, que me fizesse trabalhar, isso sim seria felicidade.

Diário de Mina Murray

26 de julho – Estou angustiada, e me expressar aqui me acalma. É como sussurrar coisas no nosso próprio ouvido e escutá-las ao mesmo tempo. E tem algo nos símbolos da taquigrafia que a torna diferente do ato de escrever. Estou triste por Lucy e por Jonathan. Fiquei sem notícias de Jonathan por algum tempo, e estava muito preocupada, mas ontem o querido sr. Hawkins, que é sempre muito gentil, enviou-me uma carta dele. Eu havia escrito a ele, perguntando se tinha alguma notícia, e ele respondeu que havia acabado de receber um bilhete, que me encaminhou. É um bilhete de uma linha apenas, datado do castelo Drácula, dizendo que ele estava indo para casa. Não soava como uma carta de Jonathan. Não entendi e fiquei angustiada. Então, nesse meio-tempo, embora esteja bem, Lucy voltou ao antigo hábito de andar durante o sono. A mãe dela havia comentado sobre isso, e combinamos que eu trancaria a porta de nosso quarto todas as noites. Para a sra. Westenra, sonâmbulos sempre sobem no telhado ou caminham à beira do abismo, e quando são acordados subitamente caem dando gritos desesperados, que ecoam por toda parte. Coitada, está naturalmente aflita com Lucy e me disse que o marido, o pai de Lucy, fazia a mesma coisa, acordava no meio da noite

e, se ninguém o impedisse, se vestia e saía. Lucy vai se casar no outono, e já está planejando como vai ser o vestido e a decoração da casa. Eu a entendo perfeitamente, pois vou fazer a mesma coisa, só que Jonathan e eu começaremos nossa vida de modo muito mais simples e, juntos, tentaremos pagar as contas. O sr. Holmwood – o honorável Arthur Holmwood, filho único de lorde Godalming – virá para Whitby em breve, assim que conseguir sair de Londres, pois o pai não está muito bem. Creio que Lucy está contando os minutos para a chegada dele. Ela quer levá-lo até o banco do jardim da igreja no penhasco e lhe mostrar a beleza da cidade. Ouso dizer que o que a aflige é a espera. Ela vai estar ótima quando o noivo chegar.

27 de julho – Nenhuma notícia de Jonathan. Estou ficando muito aflita por ele, embora não saiba por que, mas de todo modo gostaria que ele escrevesse, ainda que uma única linha. Lucy tem caminhado no sono mais do que nunca, e toda noite acordo com ela se mexendo no quarto. Por sorte, tem feito tanto calor que ela não vai se resfriar. Mas ainda assim, a angústia de a todo instante ser despertada está começando a ter efeito sobre mim, e tenho estado nervosa e com o sono leve. Graças a Deus, a saúde de Lucy continua boa. O sr. Holmwood foi chamado de repente a Ring para visitar o pai, cuja saúde se agravou. Lucy se irrita com esse atraso em seu reencontro, mas não deixa que isso interfira em sua aparência. É um tanto obstinada, e suas maçãs do rosto têm um tom róseo adorável. Perdeu também aquele aspecto anêmico que tinha. Torço para que continue assim.

3 de agosto – Mais uma semana se passou, e nenhuma notícia de Jonathan, nem do sr. Hawkins, que havia entrado em contato comigo antes. Oh, espero que não esteja doente. Certamente teria escrito. Voltei a ler sua última carta, mas de algum modo não me convenci. Não é o estilo dele, e no entanto é sua letra. Não há dúvida quanto a isso. Lucy não caminhou muito durante o sono essa semana, mas sua concentração me parece estranha, e não entendo o motivo. Mesmo durante o sono, é como se estivesse me vigiando. Tenta abrir a porta e, vendo que está trancada, fica procurando a chave pelo quarto.

6 de agosto – Mais três dias sem notícias. Esse suspense está me deixando apavorada. Se eu ao menos soubesse para onde escrever ou aonde ir, ficaria mais tranquila. Mas ninguém tem notícias de Jonathan desde a última carta. Só

posso rezar a Deus, pedindo paciência. Lucy está mais excitável do que nunca, mas afora isso, está bem. A noite passada ameaçou chover, e os pescadores disseram que vem vindo uma tempestade. Preciso tentar aprender os sinais do tempo. Hoje o dia está cinzento, e, enquanto escrevo, o sol está escondido atrás de grossas nuvens, bem alto sobre Kettleness. Está tudo cinza exceto a grama verde, que parece de esmeraldas em meio a tanto gris: pedras terrosas cinzentas, nuvens cinzentas tingidas de sol na extremidade mais distante, pairando sobre o mar cinzento, onde bancos de areia se estendem como dedos cinzentos. O mar está quebrando na praia e nos bancos de areia com um rugido, abafado pela neblina que avança terra adentro. O horizonte sumiu na névoa cinzenta. Tudo é vastidão; as nuvens se acumulam feito rochas gigantes, e há uma espécie de "marulho" sobre o mar que soa como um presságio do fim do mundo. Há vultos escuros pela praia, aqui e ali, às vezes ocultos no nevoeiro, e "homens como árvores que andam".[85] Os barcos pesqueiros se apressam a voltar para casa, e sobem e descem as ondas ao se aproximarem do porto, inclinando-se até os embornais tocarem a água. Aí vem o sr. Swales. Está caminhando na minha direção, e, pelo modo como tirou o chapéu, vejo que está disposto a conversar.

Fiquei muito tocada com a transformação no pobre velho. Quando sentou ao meu lado, comentou muito gentilmente:

– Queria confessar uma coisa à senhorita.

Pude notar que não estava à vontade, de modo que tomei sua mão enrugada e pedi que falasse abertamente. Então ele prosseguiu, deixando a mão na minha:

– Receio, minha querida, que devo ter deixado a senhorita chocada com todas as crueldades que eu disse nas últimas semanas, sobre os mortos e outras coisas assim, mas não fiz por mal, quero que a senhorita se lembre disso quando eu for embora. Nós velhos caducos, já com um pé na cova, não gostamos de pensar nessas coisas, não queremos sentir medo, e é por isso que faço pouco-caso, para aliviar um pouco a minha própria angústia. Mas, dona, pelo amor do Senhor, não tenho medo de morrer, nem um pouco, só que não quero morrer se puder evitar. Minha hora não deve tardar, pois sou velho, e cem anos é tempo demais para qualquer um almejar. Estou tão perto que a Velha Ceifadora já está afiando a foice. Dona, não consigo me livrar desse costume de me gabar sempre que posso. Um dia o Anjo da Morte soará sua trombeta para mim. Mas não é preciso choro nem vela, minha querida! – acrescentou, ao ver que eu estava com lágrimas nos olhos. – Se ele vier esta

noite mesmo, não vou recusar seu chamado. Pois a vida afinal é só a espera de uma outra coisa diferente disso que estamos fazendo, e a morte é a única certeza que podemos ter. Mas estou contente, pois ela está chegando para mim, minha querida, e está vindo depressa. Pode chegar enquanto estamos aqui olhando e divagando. Quem sabe naquele vento lá no mar que vem carregado de naufrágios e desgraças, aflições sofridas e corações tristes. Veja só! Veja só! – exclamou ele, de repente. – Tem alguma coisa naquele vento e no nevoeiro que tem o jeito e o som e o gosto e o cheiro da morte. Está no ar. Sinto que está vindo. Senhor, quando chegar a minha hora, que me encontre bem-disposto!

O sr. Swales ergueu as mãos devotamente e tirou o chapéu. A boca continuou se mexendo como se estivesse rezando. Após alguns minutos de silêncio, levantou-se, apertamos as mãos, ele me deu sua bênção, despediu-se e lá se foi manquejando. Aquilo me deixou comovida e muito triste.

Fiquei contente quando o guarda-costeiro se aproximou, com sua luneta embaixo do braço. Ele parou para conversar comigo, como sempre faz, mas o tempo todo ficou olhando para uma estranha embarcação.

– Não consigo ver direito que navio é aquele – disse ele. – Sei que é russo, pela aparência. Mas navega de modo esquisito. Como se estivesse à deriva. Parece que está vendo a tempestade chegando, mas não se decide a rumar para o norte, no mar aberto, ou a aportar aqui. Veja! É muito estranho como parece à deriva, como se não houvesse ninguém no leme, mudando a rota a cada sopro do vento. Amanhã saberemos mais.

---

70. Também conhecida como abadia de Santa Hilda, a abadia de Whitby foi construída no séc.VII, mas seu atual estilo gótico data do séc.XVIII. O saque por parte dos dinamarqueses que é mencionado em seguida ocorreu no séc.IX.

71. "Marmion: a Tale of Flodden Field" (1808), poema narrativo de Walter Scott, que se passa em 1513 e no qual lorde Marmion, que deseja se livrar do pretendente da rica herdeira Clara de Clare, acusa-o de traição, auxiliado por sua amante, Constance de Beverley, uma freira seduzida por ele. Tendo alcançado seu objetivo, Marmion abandona Constance, que é condenada por quebrar seus votos e emparedada viva no convento de Santa Hilda.

72. A imagem da dama de branco, era provavelmente efeito de um jogo de luz nos meses de verão, conforme registra Lionel Charlton: "Embora tenhamos certeza de que é apenas um reflexo causado pelo esplendor dos raios de sol, dizem, e entre o vulgo se acredita, tratar-se de uma aparição de lady Hilda, em sua mortalha, ou ainda em sua glória" (*History of Whitby*, 1779).

73. Trata-se da igreja de St. Mary, localizada no alto de uma escadaria de 199 degraus, ao final da Church Street, e que fornece uma bela vista da cidade. O local terá destaque adiante na trama.

74. A batalha de Waterloo, em junho de 1815, marca a queda definitiva de Napoleão Bonaparte, derrotado

pelo exército do duque de Wellington.

75. Segundo o Guia Baedeker de 1894, Whitby, muito pitoresca e turística, era o maior produtor mundial de azeviche, gema de carvão cortado, polido e transformado em joia, do qual se origina a expressão *jet black*, "preto como azeviche"; âmbar negro das joias de luto, de uso esotérico.

76. Todas as falas desse personagem, adiante nomeado como sr. Swales, no original de Stoker revelam uma pronúncia e construções peculiares de um dialeto de Whitby, muito característico do norte da Inglaterra.

77. Seres fantásticos do folclore do norte da Inglaterra. No original, *barguest*, um cachorro preto com dentes e garras enormes, e *bogle*, do alemão *Bögge*, fantasma ou *goblin*.

78. No original, *kirk-garth*; no dialeto do sr. Wales, *kirk*, igreja, *garth*, jardim. Trata-se do atual *churchyard*, o cemitério mantido dentro do terreno da igreja.

79. Nas notas de Stoker para o romance, ele copiou a inscrição de uma lápide em Whitby: "Edward Spencelagh M.M., murdered by pirates, Coast of Andres 12th April 1854. *aet* 30." Os próximos exemplos mencionados pelo sr. Swales também se encontram nas anotações de Stoker quando da viagem a Whitby.

80. A crença de que os mortos deveriam comparecer com suas lápides no Juízo Final perante Deus no céu, e a contestação da veracidade das inscrições tumulares (um suicida e alguns náufragos em mares distantes), prepara o terreno para uma justificativa racional das impressionantes ações que se passarão no cemitério adiante no romance e coloca Swales, essa espécie de Velho do Restelo (personagem pessimista de *Os Lusíadas* de Camões) de Yorkshire, que denuncia a hipocrisia da sociedade e o convencionalismo da cultura, dos turistas, dos jornais, ao lado dos cruzados contra Drácula, como uma espécie de mártir do romance.

81. Do grego *zoöphagous* (*zoo*, animal, *phagos*, comer), significa literalmente apenas comer animais, embora seja usado para comer animais vivos. Renfield possui uma contabilidade dos seres devorados, cuja progressão projetada sugere ao psiquiatra que ele chegará ao assassinato ou ao suicídio. A contabilidade de vidas, de sangue, é comandada pelo vampiro, que atrai para si o somatório de todos os seres consumidos por suas futuras vítimas.

82. Sir John Scott Burdon-Sanderson (1828-1905), médico fisiologista e patologista, pioneiro nas lutas pela vivissecção, muito admirado por Charles Darwin. Em 1895, tornou-se, por indicação real, catedrático de medicina na universidade de Oxford.

83. Sir David Ferrier (1843-1928), pioneiro neurologista escocês, autor de *The Functions of the Brain* (1878) e diretor do laboratório experimental do West Riding Lunatic Asylum, hospital dirigido por James Crichton-Browne.

84. Anjo da tradição abraâmica (judaica, cristã e islâmica). Associado ao arcanjo Gabriel (Ezequiel 9:3-4) ou a Pravuil (Segundo Enoque); e, no islã, aos dois anjos escribas (*kiraman katibin*), Raqib e Atid.

85. Marcos 8:24.

CAPÍTULO 7

RECORTE DO JORNAL THE DAILYGRAPH, DE 8 DE AGOSTO[86]
(colado no diário de Mina Murray)

Do nosso correspondente local

Whitby – Uma das maiores e mais súbitas tempestades de que se tem registro acabou de acontecer na cidade, com resultados ao mesmo tempo estranhos e peculiares. O tempo estava algo abafado, mas nada incomum para o mês de agosto. A tarde de sábado foi clara como nunca, e um grande número de veranistas aproveitou o dia de ontem para visitar Mulgrave Woods, Robin Hood's Bay, Rig Mill, Runswick, Staithes[87] e os diversos destinos turísticos pela região de Whitby. Os vapores *Emma* e *Scarborough* percorreram toda a costa, e houve um número extraordinário de viagens partindo e chegando de Whitby. O dia foi excepcionalmente claro até o entardecer, quando alguns dos alcoviteiros que frequentam o jardim do cemitério da igreja de East Cliff para observar, daquele penhasco impressionante, o amplo trecho de mar visível ao norte e ao leste, alertaram para uma súbita aparição de cirros altos no céu a noroeste. O vento estava soprando de sudoeste, brando, grau que na linguagem barométrica equivale ao "Número 2, brisa leve". O guarda-costeiro encarregado logo emitiu um alerta, e um velho pescador, que durante mais de cinquenta anos acompanha os sinais meteorológicos de East Cliff, previu de maneira enfática a chegada de uma súbita tempestade. O cair da tarde foi muito bonito, grandioso com suas massas de nuvens esplendidamente coloridas, e reuniu um grande grupo de pessoas na orla da falésia do cemitério da antiga igreja para apreciar o espetáculo. Antes que o sol sumisse atrás da massa negra de Kettleness, ousadamente recortado contra o céu do poente, seu trajeto descendente foi marcado por uma miríade de nuvens nas cores do arrebol – rubro, roxo, rosa, verde, lilás e todos os tons de dourado –,

pontuadas aqui e ali por massas não muito grandes, mas de negror aparentemente absoluto, em todos os formatos, além de delineadas por silhuetas colossais. A experiência não passou despercebida pelos pintores, e sem dúvida alguns dos esboços de "Prelúdio à Grande Tormenta" irão adornar as paredes da Academia Real e do Instituto Real no próximo mês de maio.[88] Diversos capitães então decidiram ali que sua "lancha" ou sua "mula", como denominam os diferentes tipos de embarcação, permaneceriam no porto até a tempestade passar. O vento foi diminuindo ao longo da noite, e, à meia-noite, fez-se uma calmaria mortal e um calor sufocante, marcado por aquela intensidade acabrunhante que, com a aproximação da trovoada, afeta as pessoas de natureza sensível. Havia poucas luzes no mar, pois mesmos os vapores mercantes que percorrem o litoral, e que em geral se mantêm bem junto à costa, ficaram mais afastados mar adentro, e apenas uns poucos barcos pesqueiros podiam ser vistos. A única vela visível era uma escuna estrangeira com todo o velame aberto, que aparentemente seguia para oeste. Enquanto a embarcação permaneceu à vista, a imprudência ou ignorância de seus oficiais foi tema de prolíficos comentários, e foram enviados sinais para que reduzisse a velocidade diante do perigo. Antes que a noite caísse, a escuna foi vista com as velas drapejando soltas, enquanto deslizava sobre as vagas ondulantes, "estática como um barco pintado/ sobre uma pintura do mar".[89]

Logo antes das dez horas a calmaria no ar ficou por demais opressiva, e a quietude tão intensa que o balido de uma ovelha no campo ou o latido de um cão na cidade podiam ser ouvidos distintamente, e a banda no ancoradouro, com seu ar francês jovial, soava em desacordo com a grande harmonia silenciosa da natureza. Pouco depois da meia-noite, veio um som inusitado do mar, e bem no alto a atmosfera começou a trazer um estrondo estranho, distante e sepulcral.

Então, sem aviso, irrompeu a tempestade. Com uma rapidez que na hora pareceu incrível, e mesmo depois ainda é impossível de conceber, toda a paisagem se convulsionou ao mesmo tempo. As ondas subiram furiosas, uma maior que a outra, até que em pouquíssimos minutos o mar, que no instante anterior estava liso, parecia um monstro a rugir e a devorar tudo. A espuma branca das ondas explodia loucamente na areia da praia e subia pelos contrafortes do penhasco. Outras estouravam sobre os quebra-mares, banhando as lanternas dos faróis em cada extremidade do porto de Whitby. O vento rugia feito trovão e soprava com tanta força que era difícil até mesmo para homens fortes manter os pés no chão sem se agarrar com firmeza ao ferro dos postes e

gradis. Foi necessário evacuar todo o cais da multidão de curiosos, pois do contrário o número de baixas da noite teria aumentado bastante. Para agravar as dificuldades e os perigos do momento, massas de nevoeiro avançaram terra adentro. Nuvens brancas, úmidas, que varriam tudo feito fantasmas, tão encharcadas, carregadas e frias que não era preciso muito esforço da imaginação para pensar que os espíritos dos mortos no mar tinham vindo tocar os vivos com as mãos pegajosas da morte, e muita gente tremeu de medo quando aquelas coroas fúnebres de bruma do mar passaram. Às vezes, a névoa se abria, e podia-se ver um trecho de mar, sob os clarões fortes e rápidos dos relâmpagos, seguidos pelo súbito estrondo dos trovões, que faziam todo o céu tremer como se estivesse sendo pisoteado pela tempestade.

Algumas dessas cenas eram de uma grandiosidade imensurável e de interesse absorvente. A cada onda, o mar, erguendo verdadeiras montanhas de água, lançava para o céu poderosas massas de espuma branca que a tempestade parecia raptar em espirais e levar consigo para o espaço. Aqui e ali apenas um barco pesqueiro, com a vela em trapos, buscava desesperadamente abrigo antes do próximo estrondo; e vez por outra um pássaro marinho de asas brancas era arremessado pela tormenta. No topo de East Cliff, um novo holofote estava pronto para ser experimentado, mas nunca havia sido usado. Os oficiais encarregados puseram-no em funcionamento e, nos intervalos entre lufadas de neblina, vasculharam a superfície do mar. Uma ou duas vezes o serviço foi muito eficaz, como quando um barco pesqueiro, com água pela amurada, vinha às cegas para dentro do porto e conseguiu, com ajuda do facho do holofote, escapar do perigo de se chocar contra o cais. À medida que os barcos alcançavam a segurança do porto, ouvia-se um grito de alegria da multidão na orla, um grito que por um momento parecia rasgar a borrasca e ser levado embora por ela.

Logo o holofote encontrou mais adiante uma escuna com as velas abertas, aparentemente a mesma embarcação que havia sido avistada durante a noite. O vento, a essa altura, havia se voltado para leste, e um alvoroço tomou conta dos curiosos no penhasco quando se deram conta do terrível perigo que a embarcação enfrentava. Entre a escuna e o porto havia o grande arrecife contra o qual tantos bons navios de quando em quando se chocavam, e, com aquele vento, seria praticamente impossível que ela conseguisse acertar a entrada do porto. Estava quase na hora da maré cheia, mas as ondas eram tão grandes que, ao voltarem, quase se via o fundo, e a escuna, com as velas abertas, vinha tão depressa que, no dizer de um velho marinheiro, “ia acabar batendo em algum

lugar, ainda que no inferno". Nesse instante, veio outro nevoeiro, maior do que todos até então, uma massa de névoa úmida que parecia pairar sobre tudo como um dossel cinzento e deixar disponível aos homens apenas o sentido da audição, pois o rugir da tempestade, o estrondo do trovão e o ribombar das poderosas ondas atravessou aquela imensidão esquecida ainda mais alto do que antes. Os fachos do holofote se detiveram na boca da enseada do outro lado do Cais Leste, onde se esperava que fosse ocorrer o choque, e os homens ficaram ali, aguardando exasperados. Subitamente o vento virou para nordeste, e o restante da neblina se dissolveu nessa mudança. E então, *mirabile dictu*,[90] bem entre os dois quebra-mares, saltando de onda em onda a toda velocidade, a estranha escuna desviou antes do choque, com todas as velas abertas, e ganhou a segurança do porto. O holofote acompanhou seu movimento, e um calafrio atravessou todos que a viram, pois amarrado ao leme havia um cadáver, com a cabeça pensa, balançando horrivelmente para a frente e para trás a cada solavanco da embarcação. Nenhum outro vulto sequer foi visto no convés. Um grande clamor se instaurou quando todos se deram conta de que aquele navio, como que por milagre, havia conseguido chegar ao porto conduzido pela mão de um morto! Seja como for, tudo se passou mais depressa do que o necessário para escrever estas palavras. A escuna, no entanto, não parou, mas passou direto pelo porto, encalhando no banco de areia e nas pedras lavadas pelas muitas marés e muitas tempestades no canto sudeste do quebra-mar logo abaixo de East Cliff, conhecido no local como cais de Tate Hill.

O choque da escuna contra a elevação arenosa foi evidentemente considerável. O massame, o poleame e o velame ficaram inteiramente danificados, e parte do aparelho de laborar do convés superior veio abaixo.[91] Porém o mais estranho de tudo: no instante em que a embarcação tocou a costa, um imenso cão surgiu no convés, vindo de algum andar inferior, como que impelido pelo baque, correu para a proa e saltou na areia. O animal disparou direto para a falésia íngreme, onde o cemitério da igreja termina sobre o Cais Leste tão abruptamente que algumas das lápides – tumbas e pedras tumulares, segundo o vernáculo de Whitby – efetivamente se projetam para fora, onde o penhasco caiu. Em seguida, o cão sumiu na escuridão, que parecia se intensificar no limite do facho do holofote.

Não havia ninguém no cais de Tate Hill nesse momento, pois todos os moradores das casas próximas estavam dormindo ou lá no alto com as outras pessoas. De modo que o guarda-costeiro encarregado do lado leste do porto,

que logo desceu correndo para o pequeno ancoradouro, foi o primeiro a subir a bordo. Depois de iluminarem a entrada do porto sem encontrar nada, os homens que trabalhavam no holofote voltaram a luz para o local do naufrágio e a mantiveram ali. O guarda correu para a popa e, quando se aproximou do leme, inclinou-se para examinar e recuou de repente, como que acometido de uma emoção súbita. Isso instigou a curiosidade geral, e muitas pessoas acudiram correndo. É uma boa caminhada desde West Cliff até Tate Hill, pela ponte móvel, mas este correspondente é um bom corredor e foi bem mais rápido que a multidão. Quando lá cheguei, no entanto, já havia uma aglomeração no ancoradouro, e o guarda-costeiro e a polícia a impediam de entrar no navio. Por cortesia do barqueiro, recebi permissão, como jornalista, de subir ao convés, e estive entre o pequeno grupo que viu o marujo morto quando ainda amarrado ao leme.

Não é de estranhar que o guarda-costeiro tenha ficado tão surpreso, ou até mesmo espantado, pois não é sempre que se tem uma visão daquelas. O homem estava simplesmente preso pelas mãos, uma atada à outra, a uma das manoplas do leme. Entre a mão de dentro e a madeira havia um crucifixo, com cujo rosário os pulsos estavam amarrados ao leme, e tudo isso reforçado por cabos. O pobre coitado talvez tenha se sentado em algum momento, mas o drapejar e tremular das velas havia rompido o castelo de popa[92] e o arrastado para os lados, de modo que os cabos roçando sua pele cortaram a carne até o osso. Foi feito acurado escrutínio do estado das coisas, e um médico, o cirurgião J.M. Caffyn, de 33 anos, de East Elliot Place, que chegou ao local logo depois de mim, declarou que o homem devia estar morto há pelo menos dois dias. Em seu bolso havia uma garrafa, cuidadosamente arrolhada, vazia, exceto por um pequeno rolo de papel, que se revelaria um adendo ao diário de bordo. O guarda-costeiro disse que o próprio homem deve ter se amarrado, dando os nós com os dentes. O fato de um guarda-costeiro ter sido o primeiro a subir a bordo pode vir a resultar em complicações futuras, no Tribunal do Almirantado,[93] pois guardas-costeiros não podem ficar com o espólio, que é um direito do primeiro civil a entrar em um navio náufrago. As línguas da lei, no entanto, já estão agitadas, e um jovem estudante de direito afirmou categoricamente que os direitos do proprietário da escuna já foram completamente violados, uma vez que seu bem está sendo detido em desacordo com os estatutos de mãos-mortas,[94] pois o leme, enquanto emblema, se não prova, de possessão delegada, está na *mão de um morto*. Não é preciso acrescentar que o finado marujo foi cuidadosamente removido do local em que

manteve sua honrosa vigia e guarda até a morte, com uma firmeza nobre como a do jovem Casabianca,[95] e levado ao necrotério para aguardar a investigação.

A súbita tempestade está passando, e sua fúria já se atenuou. As pessoas se dispersam, e o céu começa a avermelhar sobre as colinas de Yorkshire. Enviarei, a tempo da próxima edição, mais detalhes sobre a escuna náufraga e seu trajeto miraculoso até o porto em meio à tormenta.

Whitby, 9 de agosto – O desenrolar do estranho naufrágio na tempestade da noite passada foi quase mais perturbador do que o próprio acidente. Descobriu-se que a escuna é russa, da cidade de Varna, e que se chama *Demeter*. Está quase inteiramente cheia de balastro de areia prateada, apenas com uma pequena quantidade de carga, uma série de grandes caixas cheias de terra. A carga era destinada a um advogado de Whitby, o sr. S.F. Billington, localizado no número 7 de The Crescent, que esta manhã subiu a bordo e tomou posse formalmente dos bens a ele consignados. O cônsul russo também, agindo em nome do proprietário da escuna, tomou posse formalmente da embarcação e pagou tudo o que era devido à autoridade portuária. Por aqui, não se fala em outra coisa que não essa estranha coincidência. Os oficiais da Câmara do Comércio foram bastante minuciosos no intuito de que fosse tudo feito dentro das regras existentes. Como o caso promete "dar o que falar", eles estão evidentemente determinados a que não haja motivos para qualquer outra queixa. Manifestou-se muito interesse a respeito do cão que saltou da escuna na hora do choque, e diversos membros da Sociedade Protetora dos Animais, que é bastante ativa em Whitby, demonstraram interesse em ficar com o animal. Para decepção de todos, contudo, o cão não foi encontrado. Parece ter ido embora da cidade. Talvez tenha se assustado e fugido para os campos de urze, onde quem sabe ainda esteja escondido, aterrorizado. Há quem se apavore diante da possibilidade, com medo de que se torne um perigo mais tarde, uma vez que evidentemente se trata de um animal feroz. Bem cedo esta manhã, um grande cachorro, mestiço de mastife e pertencente a um comerciante de carvão próximo ao cais de Tate Hill, foi encontrado morto na estrada diante do quintal de seu dono. O cão deve ter lutado, e claramente seu adversário era selvagem, pois a garganta do animal estava rasgada, e o ventre, aberto como que por garras selvagens.

Mais tarde no mesmo dia – Por gentileza do inspetor da Câmara de Comércio,

recebi permissão para consultar o diário de bordo da escuna *Demeter*, que estava em ordem até três dias passados, mas que não continha nada digno de nota além do fato de que alguns homens haviam desaparecido. O mais interessante, na verdade, está no papel encontrado na garrafa, que hoje foi analisado pelo inquérito. E não me ocorre jamais ter-me deparado com narrativa mais estranha do que o relatado sobre os dois dias anteriores. Como não há motivo para sigilo, foi-me permitido usar o texto, de modo que ofereço aos leitores a transcrição, omitindo apenas detalhes técnicos de náutica e das atribuições do contramestre. Aparentemente, o capitão foi acometido por uma espécie de mania antes mesmo de avançar em águas profundas, e isso se acentuou de forma persistente ao longo da viagem. Claro que minha afirmação deve ser tomada com reservas, uma vez que escrevo a partir do que me é ditado por um funcionário do consulado russo, que gentilmente traduziu para mim, uma vez que não dispunha de muito tempo.

DIÁRIO DE BORDO DA ESCUNA DEMETER

De Varna até Whitby

Escrito a 18 de julho, coisas tão estranhas acontecendo, que doravante tomarei notas precisas até aportarmos.

No dia 6 de julho, terminamos de carregar – areia prateada e caixas de terra. Ao meio-dia, zarpamos. Vento leste, fresco. Tripulação, cinco ajudantes… dois imediatos, cozinheiro e eu (capitão).

A 11 de julho, ao amanhecer, entramos no Bósforo.[96] Oficiais da alfândega turca vieram a bordo. *Backsheesh*.[97] Tudo em ordem. Zarpamos às quatro da tarde.

Em 12 de julho, atravessamos o Dardanelos.[98] Mais oficiais de alfândega e uma lancha do esquadrão costeiro. Mais *backsheesh*. Oficiais realizam inspeção completa, mas rápida. Querem que saiamos logo. Ao escurecer, chegamos ao arquipélago do Egeu.[99]

No dia 13 de julho, passamos pelo cabo Matapão.[100] Tripulação insatisfeita com alguma coisa. Parecem assustados, mas não dizem nada.

No 14 de julho, a tripulação estava um tanto aflita. Homens todos muito firmes, que já viajaram comigo antes. O imediato não conseguiu apurar o que havia de errado. Disseram apenas que havia *alguma coisa* e fizeram o sinal da cruz. O imediato perdeu a paciência com um dos homens nesse dia e bateu nele. Esperávamos uma briga feia, mas não houve nada.

No dia 16 de julho, o imediato relatou de manhã que um dos homens, Petrofsky, havia desaparecido. Não sabia o que havia acontecido. Na noite anterior, Petrofsky fizera a vigília de bombordo durante oito sinos[101] e foi rendido por Abramoff, mas não voltou mais para o beliche. Tripulação abatida como nunca vi igual. Alegam que vai acontecer o mesmo a eles todos, mas não dizem mais nada além de que há *alguma coisa* a bordo. O imediato está muito impaciente com eles. Teme problemas pela frente.

Em 17 de julho, ontem, um dos homens, Olgaren, veio à minha cabine, pasmo, e me confessou que achava que havia um homem estranho a bordo. Disse que durante a vigia se abrigara da chuva atrás do castelo de proa, quando viu um homem alto, magro, que não se parecia com ninguém da tripulação, saindo pela escotilha e seguindo pelo convés até desaparecer. Ele o seguiu com cuidado, mas quando chegou à popa não viu ninguém, e todas as escotilhas estavam fechadas. Estava em pânico, com um medo supersticioso, e receio que esse pânico possa se espalhar. Para evitar isso, hoje vou inspecionar a escuna de ponta a ponta.

Mais tarde no mesmo dia, reuni toda a tripulação e comuniquei que, como eles evidentemente pensavam haver mais alguém a bordo, faríamos uma inspeção completa. O primeiro imediato, irritado, achou aquilo uma loucura, e que ceder àquele tipo de tolice acabaria com o moral dos homens; disse então que o cabrestante[102] manteria os marujos nos eixos. Deixei que ele assumisse o leme, enquanto o restante da tripulação começou a vistoria, todos juntos, com lanternas. Não deixamos de inspecionar um recanto sequer da escuna. Como levávamos apenas as grandes caixas de madeira, não havia onde alguém pudesse se esconder. Terminada a busca, os homens ficaram muito mais aliviados e voltaram a trabalhar com afinco. O primeiro imediato ficou

furioso, mas não disse nada.

22 de julho – Tempo ruim nos últimos três dias, todos os homens ocupados no velame – sem tempo para sentir medo. Parecem ter esquecido o pavor. O primeiro imediato voltou às boas com a tripulação. Elogiei os homens pelo bom trabalho durante o mau tempo. Passamos Gibraltar[103] e o estreito. Tudo segue bem.

24 de julho – O navio parece estar amaldiçoado. Já com um homem a menos, e entrando no golfo de Biscaia[104] com uma tempestade pela frente, perdemos outro homem na noite passada – desaparecido. Como o primeiro, fez a vigia da noite e não foi mais visto. Com a tripulação em pânico, estabeleci turnos de vigia sempre com dois homens, uma vez que eles temem ficar sozinhos. Isso irritou o primeiro imediato. Receio que tenhamos problemas, que ele ou os homens partam para a violência.

28 de julho – Quatro dias de inferno, sacudidos em uma espécie de *maëlstrom*[105] e ventos tempestuosos. Ninguém dormiu. Tripulação exausta. Não sei como faremos as vigias, uma vez que nenhum dos homens se encontra em condições. O segundo imediato se ofereceu para ficar no leme e fazer a vigia, e assim dar aos homens algumas horas de sono. O vento atenuou, o mar ainda está terrível, mas sentimos menos, pois a escuna está mais estável.

29 de julho – Mais uma tragédia. Na noite passada, não foi possível fazer vigias em duplas, pois a tripulação estava muito cansada. Quando o vigia da manhã chegou ao convés não havia ninguém além do homem no leme. Ele gritou, e todos fomos para o convés. Fizemos uma inspeção completa, mas não encontramos ninguém. E agora, sem o segundo imediato, a tripulação está em pânico. O imediato e eu resolvemos nos manter armados doravante e aguardarmos até descobrir algum sinal do motivo.

30 de julho – Última noite. Feliz por estarmos nos aproximando da Inglaterra. Bom tempo, velas abertas. Retirei-me exausto, dormi pesadamente, fui acordado pelo imediato dizendo que tanto os dois homens da vigia como o homem do leme haviam sumido. Somos agora apenas eu, o imediato e dois homens em todo o navio.

1º de agosto – Dois dias de nevoeiro, e nenhuma embarcação à vista. Esperava que no canal da Mancha conseguisse sinalizar pedindo ajuda ou aportar algures. Sem força para manobrar o velame sozinhos, precisamos correr à frente do vento. Não arrisquei mais mexer nas velas, pois não conseguiria abri-las depois. É como se estivéssemos à deriva, condenados a um destino terrível. O imediato agora está mais desolado do que os outros dois homens. Sua natureza mais forte parece ter se voltado contra ele. Os homens estão além do alcance do medo, trabalhando impassível e pacientemente, já esperando o pior. São russos, o imediato é romeno.

2 de agosto, meia-noite – Adormeci por alguns minutos e acordei ouvindo um berro, parecia vir de bombordo. Não conseguia enxergar nada na neblina. Corri para o convés e tropecei no imediato. Disse que ouviu um grito e veio correndo, mas não viu sinal do vigia. Outro desaparecido. Senhor, socorrei! O imediato acha que acabamos de passar pelos estreitos de Dover, pois quando o nevoeiro rareou, ele viu North Foreland,[106] no mesmo instante em que ouviu o outro homem gritar. Se estiver certo, estamos agora no mar do Norte, e só Deus poderá nos conduzir pelo nevoeiro, que parece se mover conosco, e Ele parece ter nos abandonado.

3 de agosto – À meia-noite, fui render o homem do leme e, quando cheguei, não encontrei ninguém. Como o vento estava constante e batendo de popa, seguíamos sem guinadas. Não corri o risco de deixar o leme, então gritei pelo imediato. Segundos depois, ele apareceu no convés de ceroulas. Estava com os olhos arregalados e vidrados, e fiquei com receio de que tivesse perdido a razão. Ele se aproximou de mim e sussurrou ofegante, com a boca no meu ouvido, como se temesse que o próprio ar pudesse ouvi-lo:

– Está *aqui*. Agora eu sei. Na vigia da noite, vi a Coisa, parece um homem, alto, magro e branco feito um fantasma. Ali na proa, olhando para a frente. Esgueirei por trás e enfiei a faca, mas a faca atravessou a Coisa, como se fosse de ar. – Enquanto falava, pegou a faca e golpeou com força o vazio. Então prosseguiu: – Mas está aqui, e vou encontrar essa Coisa. Que está só esperando, talvez dentro de uma daquelas caixas. Vou abrir uma por uma. Você fica no leme.

E com expressão alarmada, levando o dedo aos lábios, desceu. Vinha subindo um vento turbulento, e eu não podia deixar o leme. Vi quando ele

voltou ao convés com uma caixa de ferramentas e uma lanterna, e desceu pela escotilha. Está enlouquecido, decidido, furioso, e não adianta tentar impedi-lo. Não vai conseguir nada com aquelas caixas grandes, a nota diz que só trazem argila, e tentar arrastá-las não vai surtir efeito. De modo que fico aqui, cuido do leme e escrevo estas notas. Conto apenas com Deus e aguardo o nevoeiro se dissipar. Então, se não conseguir manobrar para algum porto com esse vento, vou cortar as velas, e me deixar à deriva, sinalizando pedidos de socorro…

Está quase acabando. Quando esperava que o imediato fosse voltar mais calmo – pois escutei suas pancadas algures na carga, e um pouco de trabalho deve lhe fazer bem agora –, ouvi da escotilha um grito súbito e sobressaltado que congelou meu sangue. O imediato veio subindo pelo convés em disparada na minha direção, um louco furioso, com os olhos arregalados e o rosto convulsionado pelo medo.

– Socorro! Me ajude! – exclamou ele, e então fitou o manto de neblina que nos rodeava. Seu horror se converteu em desespero, e, com a voz firme, ele disse: – É melhor o senhor vir comigo, capitão, antes que seja tarde demais! *Ele* está aqui! Agora desvendei o segredo. O mar há de me salvar Dele, e é tudo que me resta!

Antes que eu pudesse articular palavra ou avançar para agarrá-lo, subiu na amurada e deliberadamente se atirou no mar. Imagino que agora também desvendei o segredo. Era ele o louco que se livrara dos homens, um por um, e agora se juntou aos outros. Deus me ajude! O que vou dizer de todos esses horrores quando chegar ao porto? *Chegar* ao porto! Será que um dia vou chegar?

4 de agosto – Ainda em meio à neblina, que a aurora não atravessa, sei que é dia porque sou marinheiro, pois não há qualquer outro indício de sol. Não arrisquei descer até a carga, não arrisquei deixar o leme, de modo que fiquei aqui a noite inteira e o vislumbrei na penumbra. Ele! Deus me perdoe, mas o imediato tinha razão ao se atirar pela amurada. Melhor morrer feito homem. Morrer feito marinheiro em águas profundas, não há o que se dizer contra isso. Mas sou capitão, e não posso abandonar o navio. Mas hei de dar um basta nesse demônio ou monstro, pois vou atar minhas mãos ao leme quando minha força começar a falhar, e com elas amarrarei aquilo que Ele, a Coisa, não há de ousar tocar. E então, com bom ou mau vento, vou salvar minha alma e minha honra de capitão. Estou ficando fraco, e a noite se aproxima. Se Ele me

olhar nos olhos outra vez, talvez eu não tenha tempo de agir… Se naufragarmos, que este frasco seja encontrado, e quem o encontrar possa entender. Do contrário… bem, todos vão saber que honrei a confiança que me foi depositada. Deus e a Virgem Santíssima e Todos os Santos, socorrei uma pobre alma ignorante que tenta cumprir seu dever…

O veredito, claro, fica em aberto. Não há evidências a acrescentar, e se o próprio homem cometeu todos os assassinatos não há quem possa dizer. As pessoas daqui quase todas defendem que o capitão é simplesmente um herói, e a ele caberá um funeral público. Já se decidiu que seu corpo será levado em cortejo de barcos, Esk acima, depois trazido de volta ao cais de Tate Hill, de onde subirão com ele os degraus da abadia, pois o capitão será enterrado no cemitério da igreja do penhasco. Os proprietários de mais de uma centena de embarcações já consignaram seu interesse de acompanhá-lo até a sepultura.

Ninguém mais teve notícias do grande cão, motivo de luto para muitos moradores, pois, da forma como a opinião pública se mostra neste momento, ele seria adotado pela cidade. O funeral vai ser amanhã, e assim se encerrará mais um "mistério do mar".

Diário de Mina Murray

8 de agosto – Lucy ficou irrequieta a noite inteira, e também não consegui dormir. A tempestade foi assustadora, e quando estrondava nos dutos da chaminé, me fazia tremer. Quando ouvi um estampido agudo, pensei se tratar de um tiro distante. Por estranho que pareça, Lucy não acordou. No entanto, levantou-se duas vezes e se trocou. Por sorte, das duas vezes acordei a tempo de conseguir despi-la, sem a acordar, e a coloquei de volta na cama. É uma coisa muito estranha, esse sonambulismo, pois assim que é impedida fisicamente, sua intenção, se havia alguma, desaparece, e ela retoma quase exatamente a rotina de sua vida.

De manhã bem cedo, nos levantamos e descemos até o porto para ver se havia acontecido alguma coisa durante a noite. Havia pouca gente ali, e embora o sol estivesse bom, e o ar claro e fresco, as ondas altas e soturnas, que pareciam escurecidas pelo contraste com a espuma branca feito neve, abriam passagem pela entrada do porto como um brutamontes atravessando

uma multidão às cotoveladas. De alguma forma, me senti contente por Jonathan não estar no mar na noite passada, mas em terra. Mas, oh, como saber se está em terra ou no mar? Onde está ele agora e como? Estou cada vez mais angustiada por essa falta de notícias. Se ao menos soubesse o que fazer, faria qualquer coisa!

10 de agosto – O funeral do pobre capitão mercante hoje foi muito emocionante. Todos os barcos do porto pareciam estar lá, e o caixão foi levado por capitães durante todo o trajeto do cais de Tate Hill até o cemitério da igreja. Lucy foi comigo, e chegamos antes ao nosso velho banco, enquanto o cortejo de barcos subia o rio até o viaduto e depois voltava. A vista de onde estávamos era ótima, e assistimos à procissão quase inteira. O pobre sujeito foi enterrado próximo do nosso banco, de modo que, quando chegou a hora, ficamos em pé no assento e acompanhamos tudo. Coitada de Lucy, parecia muito aborrecida. O tempo todo contrariada e irritadiça, e só consigo imaginar que seus sonhos à noite devem estar agindo sobre ela. Há uma coisa muito estranha se passando com Lucy. Não admite para mim que tenha algum motivo para tanta agitação ou, se existe de fato, ela mesma não sabe qual é. Há ainda uma causa adicional, que é o fato de o pobre sr. Swales ter sido encontrado morto esta manhã no nosso mesmo banco, com o pescoço quebrado. Segundo o médico, evidentemente caiu para trás no banco, como que apavorado, pois havia uma expressão de medo e horror em seu semblante que os homens disseram que fora de dar calafrios. Pobre velhinho querido! Talvez tenha visto a Morte com seus olhos moribundos! Lucy é tão delicada e sensível que sente essas coisas mais agudamente que outras pessoas. Agora mesmo, aborreceu-se com uma coisa a que nem dei importância, embora eu também goste muito de bichos. Um dos homens que veio observar os navios estava acompanhado de seu cão, que está sempre com ele. São ambos silenciosos, e nunca vi esse homem se alterar, nem o cachorro latir. Durante o enterro, o cão não atendeu ao chamado do dono, que estava no banco conosco, mas ficou a alguns metros de nós, latindo e uivando. O dono a princípio falou suavemente com o animal, depois asperamente e então gritou irritado. Mas nada que fizesse surtiu efeito, nem conseguiu fazê-lo se calar. O bicho estava furioso, com os olhos selvagens e todo o pelo eriçado feito rabo de gato quando está bravo. Por fim, o homem também se enfureceu. Foi até lá, chutou o cão e o pegou pelo pelame da nuca, então arrastou-o e atirou-o sobre a lápide onde fica o banco. No momento em que o bicho tocou a pedra, o pobrezinho começou a tremer. Nem

tentou fugir, mas se agachou, trêmulo, ganindo, e ficou em tamanho estado de terror que tentei, ainda que também sem efeito, consolá-lo. Lucy também ficou consternada, mas não tocou o cão, só olhou para ele com uma expressão de agonia. Tenho muito medo de que ela seja de uma natureza sensível demais para passar pela vida sem atribulações. Certamente vai sonhar com isso hoje à noite. Toda essa aglomeração de coisas – o navio trazido ao porto por um defunto, a postura dele, amarrado ao leme com um crucifixo e um terço, o comovente funeral, o cão, ora furioso, ora aterrorizado – vai ser material para os seus sonhos.

Creio que vai ser melhor para ela só ir para a cama quando estiver fisicamente cansada, de modo que vou levá-la para uma longa caminhada junto aos penhascos até Robin Hood's Bay e voltar. Assim não há de se sentir muito inclinada ao sonambulismo.

---

86. Jornal inventado por Stoker, inspirado provavelmente no *Daily Telegraph*, de Londres, que tinha distribuição nacional e publicava esse tipo de matéria. No capítulo 11, aparecerá a *Pall Mall Gazette*, de Londres; no capítulo 13, a *Westminster Gazette*. A moldura desse capítulo (isto é, a história principal que encapsula outras histórias) inclui a transcrição de uma folha encontrada dentro de uma garrafa, escrita em russo pelo capitão do *Demeter*, traduzida oralmente por um funcionário do consulado para o jornalista.

87. Locais turísticos, pitorescos e reais.

88. Royal Academy of Arts, em Londres, que reúne os melhores profissionais de cada arte, e Royal Institute of Painters in Water Colours, fundada em 1831, como dissidência da Royal Society, de 1804, e que é o equivalente na área da aquarela ao que a Royal Academy é para as artes em geral.

89. Famoso verso da "Balada do velho marinheiro" (1798), de Samuel Taylor Coleridge: "*As idle as a painted ship/ Upon a painted ocean*."

90. Em latim no original: "por incrível que pareça".

91. Conjunto respectivamente de cabos, polias e velas de um navio; juntos formam o aparelho de laborar da embarcação.

92. Local elevado da parte de trás do convés principal do navio, onde ficam o leme e a ponte de comando.

93. Instância suprema da jurisdição marítima inglesa.

94. No original, *mortmain*, bens da igreja sob proteção do rei.

95. Personagem-título do poema da poetisa inglesa Felicia Hemans (1826) sobre um jovem que não deixa seu posto em um convés em chamas sem que o pai ordene.

96. Estreito que liga o mar Negro ao mar de Mármara (mar interno entre o mar Negro e o Egeu), e, portanto, a Ásia à Europa, dividindo Constantinopla (hoje Istambul) ao meio.

97. Do persa, originado do pálavi, desde o sânscrito *bhiksha*: gorjeta, propina, por extensão do sentido primeiro de dom, dádiva, presente.

98. Conhecido como Helesponto pelos gregos, é o estreito que liga o mar Egeu ao mar de Mármara. Desde 1841, tanto o Bósforo como o Dardanelos estão sob controle turco.

99. Os gregos se referiam ao mar Egeu como "arquipélago" ("arquí", principal; "pélago", mar), ou seja, seu "mar principal", onde ficam as principais ilhas gregas (como Creta, Rodes etc.). Com o tempo, a

denominação se estendeu às próprias ilhas do mar grego e ao conjunto de ilhas em geral.

100. Ou cabo Tênaro, é o ponto mais meridional da Grécia continental e da península Balcânica.

101. Os quartos de vigia (turnos de quatro horas) eram marcados por toques de sino a cada meia hora, sendo o oitavo e último toque, que indicava o fim do turno de vigia, composto por quatro badaladas duplas.

102. Refere-se à roda de tração e cabo presa ao convés, girada por quatro homens, utilizada para erguer a âncora e outros objetos pesados no convés.

103. Estreito que liga o mar Mediterrâneo ao oceano Atlântico, entre a Espanha e o Marrocos.

104. Mar Cantábrico ou golfo de Gasconha, entre o norte da Espanha e o sudoeste da França.

105. Do nórdico *malström*, que deriva do holandês *maalstrom*: *malen*, moer; *strom*, curso de água, turbilhão. Os maiores *maëlstroms* conhecidos se localizam na Noruega e na Escócia.

106. Farol de 1691 próximo à cidade balneária de Margate, no litoral de Kent, é o ponto do Reino Unido mais próximo do continente europeu (34 km). A frota holandesa foi derrotada pelos ingleses na altura de North Foreland, em 1666, durante a Segunda Guerra Anglo-Holandesa, pelo controle do comércio marítimo.

CAPÍTULO 8

DIÁRIO DE MINA MURRAY (continuação)

No mesmo dia, às onze da noite – Nossa, como estou cansada! Se não tivesse feito de meu diário um dever, nem o abriria agora. A caminhada foi deliciosa. Após algum tempo, Lucy voltou a ficar animada, graças, creio, a umas vacas simpáticas que vieram nos olhar de perto, em um campo próximo ao farol, dando-nos um tremendo susto. Acredito que esquecemos tudo, exceto, é claro, o medo pessoal, e isso de certa forma limpou o terreno e nos permitiu recomeçar. Tomamos um "senhor chá" em Robin Hood's Bay, em uma simpática e antiga estalagem, com uma janela bem pertinho das pedras cobertas de algas da praia. Acho que teríamos chocado a "Nova Mulher"[107] com nosso apetite. Os homens são mais tolerantes, Deus os abençoe! Por fim, voltamos caminhando com algumas, ou melhor, muitas paradas para descansar e os corações o tempo todo alvoroçados pelo medo dos bois selvagens. Lucy ficou realmente cansada, e pretendíamos ir direto para cama. Mas o jovem cura veio nos visitar, e a sra. Westenra pediu que ficasse para a ceia. Lucy e eu tivemos que lutar contra o sono. Sei que, de minha parte, foi uma luta árdua, e me sinto uma heroína. Espero que um dia os bispos se reúnam e decidam formar um novo tipo de curas que, por mais que sejam pressionados, não fiquem para a ceia e que percebam quando uma jovem está cansada. Lucy dormiu e respira com suavidade. Suas faces voltaram a ficar mais coradas, e ela está, oh, uma graça. Se o sr. Holmwood se apaixonou apenas de vê-la na sala de estar, me pergunto o que diria se a visse agora. Algum dia, um defensor da "Nova Mulher" vai lançar a ideia de que os homens e as mulheres deveriam poder ver uns aos outros dormindo antes de fazerem ou aceitarem propostas de casamento. Mas imagino que, no futuro, a própria "Nova Mulher" não se contentará em apenas aceitar. Ela mesma fará a proposta. E o fará muito bem! Sinto um certo consolo ao pensar nisso. Estou feliz agora que a querida Lucy parece melhor. Realmente acredito que tenha se recuperado e que os

problemas durante o sono acabaram. Ficaria muito feliz se tivesse notícias de Jonathan… Deus o abençoe e proteja.

11 de agosto, às três horas da madrugada – Volto ao diário. Não tenho sono, por isso me ponho a escrever. Estou agitada demais para dormir. Tivemos uma aventura, uma experiência agonizante. Adormeci assim que fechei o diário… De repente, despertei por completo e sentei na cama, sentindo um medo horrível e um vazio à minha volta. O quarto estava escuro, de modo que não enxergava a cama de Lucy e tive de sair tateando à sua procura. A cama estava vazia. Acendi um fósforo e vi que Lucy não estava no quarto. A porta estava fechada, mas não trancada, como eu havia deixado. Tive receio de acordar sua mãe, que ultimamente tem se sentido pior do que de costume, então vesti uma roupa e me preparei para procurá-la. Quando estava saindo do quarto, ocorreu-me que, dependendo do que Lucy estivesse usando, eu poderia ter alguma pista sobre as intenções da sonâmbula. Penhoar significaria procurar pela casa; vestido, que ela teria saído. Mas o penhoar e o vestido estavam no lugar. "Graças a Deus", pensei comigo, "ela não pode ter ido muito longe, uma vez que está só de camisola". Desci correndo as escadas e fui até a sala de estar. Nada! Então procurei em todos os outros cômodos da casa, com um medo cada vez maior a me gelar o coração. Por fim, cheguei à porta da entrada e a encontrei aberta. Não escancarada, mas o trinco não estava fechado. As pessoas da casa tomam o cuidado de trancar a porta toda noite, então receei que Lucy tivesse saído do jeito que estava. Não havia tempo para pensar no que poderia acontecer. Um medo vago se impôs a tudo e obscureceu todos os detalhes. Peguei um xale grande, pesado, e saí correndo. O relógio bateu uma hora quando cheguei a The Crescent, e não havia vivalma na rua. Corri pela North Terrace, mas não vi sinal do vulto branco que esperava encontrar. Na beirada de West Cliff, sobre o ancoradouro, olhei para East Cliff, do outro lado do porto, com esperança ou receio – não sei qual – de avistar Lucy em nosso banco favorito. A lua estava cheia e brilhante, com pesadas nuvens negras passando depressa, o que transformava todo o cenário num diorama[108] fugaz de luz e sombras conforme elas iam singrando. Por um momento ou dois não consegui enxergar nada, pois a sombra de uma nuvem ocultou a igreja de St. Mary e tudo ao redor. Quando a nuvem passou, consegui entrever as ruínas da abadia surgindo na paisagem, e, à medida que uma faixa estreita de luz, afiada como uma espada, ia se movendo, a igreja e o cemitério tornavam-se visíveis aos poucos. Qualquer que fosse minha expectativa, foi correspondida,

pois ali, em nosso banco favorito, a luz prateada do luar iluminava um vulto reclinado, branco como a neve. A passagem da nuvem foi rápida demais para distinguir muita coisa, pois a sombra encerrou a luz quase imediatamente, mas me pareceu que havia algo escuro de pé, atrás do banco em que eu avistara o vulto branco, debruçando-se sobre ele. O que era, homem ou fera, não sei dizer. Não esperei ter outro vislumbre, desci correndo os degraus íngremes até o cais e segui ao longo do mercado de peixe até a ponte, que era o único caminho até East Cliff. A cidade parecia morta, pois não me deparei com uma alma sequer. Melhor assim, afinal não queria que ninguém fosse testemunha do estado da pobre Lucy. O tempo e a distância pareceram infinitos, meus joelhos tremeram e fiquei ofegante ao subir os intermináveis degraus até a abadia. Devo ter ido depressa, e, no entanto, era como se meus pés fossem de chumbo e cada articulação de meu corpo estivesse enferrujada. Quando estava chegando ao topo, pude ver o banco e o vulto, pois estava agora perto o suficiente para enxergar mesmo através das sombras. Sem dúvida, havia alguma coisa, esguia e negra, inclinada sobre o vulto branco recostado. Gritei apavorada:

– Lucy! Lucy!

E a coisa ergueu a cabeça. De onde estava, pude distinguir um rosto pálido e olhos vermelhos faiscantes. Lucy não respondeu, e corri até o portão do cemitério. Conforme entrei, a igreja ficou entre mim e o banco, e por um minuto perdi minha amiga de vista. Quando voltei a ver o banco, a nuvem tinha passado, e o luar reluzia tão claramente que reparei que Lucy reclinava a cabeça no encosto. Estava sozinha, e não havia sinal de outra criatura viva por perto.

Quando me debrucei sobre ela, notei que ainda estava dormindo. Tinha os lábios entreabertos e estava respirando, embora não tão suavemente como de costume, mas de forma ofegante, pesada, como se tivesse dificuldade para encher inteiramente os pulmões a cada vez. Ao me aproximar mais, ela ergueu a mão em seu sono e, tremendo de leve, puxou a gola da camisola para cima, como se sentisse frio no pescoço. Envolvi-a com o xale quente, cobrindo o pescoço com as pontas, pois temia que pegasse um resfriado mortal naquela noite fria, quase despida como estava. Receei despertá-la de uma vez, então, para manter as mãos livres e conseguir ajudá-la, prendi o xale com um grande alfinete de segurança. Mas devo ter sido descuidada em minha aflição e acabei espetando ou arranhando sua pele, pois de quando em quando, depois que sua respiração se acalmou, ela levava a mão à garganta e gemia. Assim que

terminei de cobri-la cuidadosamente, tirei meus sapatos e os calcei nos pés dela, e só então comecei a despertá-la com suavidade. A princípio, Lucy não reagiu, mas aos poucos foi ficando mais e mais inquieta em seu sono, gemendo e suspirando algumas vezes. Por fim, como o tempo estava passando depressa, sacudi-a com força, até que finalmente abriu os olhos e despertou. Não pareceu surpresa em me ver, pois, é claro, não se deu conta de onde estava. Lucy sempre acorda graciosamente, e mesmo naquele momento, com o corpo tremendo de frio e a mente algo perplexa por se ver de camisola no cemitério da igreja no meio da noite, não perdeu o encanto. Estremeceu um pouco e me abraçou. Quando falei para voltar de uma vez comigo para casa, levantou-se sem dizer nada, obediente como uma criança. No caminho, o cascalho feriu meus pés, e Lucy percebeu que eu me contraía de dor. Ela parou e insistiu que eu calçasse meus sapatos, mas eu não quis. Contudo, ao chegarmos à trilha do lado de fora do cemitério, onde havia uma poça d'água remanescente da tempestade, cobri meus pés de lama, um de cada vez, para que, caso encontrássemos alguma pessoa no caminho, ninguém reparasse que eu estava descalça.

Demos sorte, chegamos em casa sem encontrar uma pessoa sequer. Só vimos um homem, que não parecia muito sóbrio, seguindo por uma rua adiante de nós. Mas nos escondemos junto a uma porta até ele desaparecer por um dos becos que existem aqui, pequenas passagens estreitas, ou *wynds*,[109] como eles chamam na Escócia. Meu coração bateu tão forte que achei que fosse desmaiar. Estava muito aflita com Lucy, não apenas por sua saúde, pois não queria que sofresse exposta ao frio, mas também por sua reputação caso a história se espalhasse. Entramos em casa, e, depois de lavarmos os pés e fazermos uma oração de agradecimento juntas, coloquei-a na cama. Antes de adormecer, ela pediu – implorou até – que eu não contasse a ninguém, nem para a mãe dela, sobre sua aventura sonâmbula. A princípio hesitei, mas pensando na saúde da mãe de Lucy, e que saber de uma coisa dessas a deixaria apavorada, e considerando também em como a história poderia ser distorcida caso se tornasse pública – ou melhor, em como sem dúvida seria distorcida –, julguei mais sensato jurar silêncio. Espero ter agido certo. Tranquei a porta, e a chave está amarrada em meu pulso, talvez assim não seja incomodada outra vez. Lucy está dormindo profundamente. O reflexo da madrugada desponta lá longe em cima do mar…

No mesmo dia, ao meio-dia – Segue tudo bem. Lucy dormiu até a hora em que

fui acordá-la e aparentemente nem se mexeu durante o sono. A aventura da noite não parece havê-la perturbado, pelo contrário, é como se lhe tivesse feito bem, pois está melhor esta manhã do que há semanas. Infelizmente, percebi que meu descuido com o alfinete de segurança acabou ferindo seu pescoço. Na verdade, podia ter sido grave, pois a pele está furada. Devo ter espetado a pele solta e atravessado, pois há dois pontos vermelhos como furos de agulha, e havia uma gota de sangue na gola da camisola. Quando pedi desculpas e me mostrei preocupada, ela riu, pôs a mão em meu ombro e disse que nem havia sentido. Por sorte, não deve ficar cicatriz, pois são furos minúsculos.

No mesmo dia, à noite – Passamos um dia feliz. O ar estava límpido, o sol brilhante, e havia uma brisa fresca. Levamos o almoço para Mulgrave Woods, a sra. Westenra foi de carruagem pela estrada, e Lucy e eu caminhamos pela trilha que contorna o penhasco e nos encontramos com ela na entrada do parque. Eu mesma estava um pouco triste, pois só me sentiria *absolutamente* feliz se Jonathan estivesse comigo. Mas, ora! Só mais um pouco de paciência. À noite, passeamos pelo Casino Terrace, ouvimos boa música, do repertório de Spohr e Mackenzie,[110] e fomos dormir cedo. Lucy parece mais serena do que nos últimos tempos e pegou logo no sono. Trancarei a porta e guardarei a chave comigo, da mesma forma que antes, embora não creia que haverá problema hoje.

12 de agosto – Minhas expectativas estavam equivocadas, pois duas vezes ao longo da noite fui despertada por Lucy tentando sair do quarto. Mesmo no sono, ela parecia um tanto impaciente ao descobrir que a porta estava fechada e voltava para a cama com uma espécie de protesto. Acordei de madrugada, ouvindo o gorjeio dos passarinhos do lado de fora da janela. Lucy acordou também, e fiquei contente ao ver que estava ainda melhor do que na manhã de ontem. Toda aquela graciosidade de antes parecia ter voltado, e ela veio e se aconchegou ao meu lado e me falou tudo sobre Arthur. Contei como estou preocupada com Jonathan, e ela tentou me consolar. Bem, acho que conseguiu, pois embora a solidariedade não possa alterar os fatos, pode torná-los mais suportáveis.

13 de agosto – Mais um dia tranquilo, e dormi outra vez com a chave

amarrada ao pulso. Novamente acordei no meio da noite, e vi Lucy sentada na cama, apontando para a janela. Levantei silenciosamente e, abrindo a janela, olhei para fora. A lua brilhava, e o efeito suave da luz sobre o mar e o céu – mesclados em um único mistério silencioso – era de uma beleza indescritível. Entre mim e o luar esvoaçava um grande morcego, indo e vindo em grandes espirais. Uma ou duas vezes o bicho chegou bem perto de mim, mas imagino que tenha se assustado ao me ver, e saiu agitando as asas pelo porto, na direção da abadia. Quando me afastei da janela, Lucy havia se deitado outra vez e dormia placidamente. Não se mexeu mais a noite inteira.

14 de agosto – Passei o dia em East Cliff, lendo e escrevendo. Lucy parece ter se apaixonado por este lugar tanto quanto eu, e é difícil convencê-la a sair daqui na hora do almoço, do chá ou do jantar. À tarde, ela fez um comentário curioso. Estávamos voltando para jantar em casa e, ao chegarmos ao topo da escada de West Pier, paramos para admirar a paisagem, como costumamos fazer. O sol se punha, bem baixo no céu, quase escondido atrás de Kettleness. A luz avermelhada que cobria o penhasco e a antiga abadia parecia banhar tudo em um belo tom de rosa. Ficamos caladas por um momento, e subitamente Lucy murmurou consigo mesma:

– Aqueles olhos vermelhos de novo! Iguais aos dele.

Foi uma observação tão insólita e despropositada que me deixou perturbada. Afastei-me um pouco, para poder enxergar bem o rosto de Lucy sem encará-la, e reparei que estava como que sonhando acordada, com uma expressão estranha que não consegui decifrar, então não disse nada, mas acompanhei a direção de seu olhar. Lucy parecia estar fitando o nosso banco favorito, onde havia um vulto escuro sentado sozinho. Fiquei muito assustada, pois, por um instante, era como se o desconhecido tivesse grandes olhos em que bruxuleavam duas chamas, mas, ao observá-lo uma segunda vez, a ilusão se desfez. A luz avermelhada do poente brilhava nas janelas da igreja de St. Mary, atrás do nosso banco favorito, e, conforme o sol se punha, as refrações e reflexões eram suficientes para dar a impressão de que eram chamas em movimento. Chamei a atenção de Lucy para esse efeito peculiar, e ela voltou a si, sobressaltada, mas ainda parecia triste. Talvez estivesse lembrando daquela noite terrível aqui no alto. Não tocamos no assunto, por isso permaneci calada, e voltamos à casa, para jantar. Lucy ficou com dor de cabeça e foi se deitar mais cedo. Vi quando ela dormiu e saí para passear um pouco sozinha. Caminhei ao longo dos penhascos em direção ao oeste,

dominada por uma tristeza contida, pois pensava em Jonathan. Ao voltar para casa, o luar era tão claro que, embora parte de The Crescent estivesse às escuras, dava para enxergar tudo. Olhei de relance para nossa janela e vi Lucy, com a cabeça esticada para fora. Abri meu lenço e acenei. Ela não reparou nem fez qualquer movimento. No mesmo instante, a luz do luar passou por um ângulo da casa e iluminou a janela. Lucy estava com a cabeça nitidamente apoiada no parapeito, de olhos fechados, dormindo, e, ao seu lado, sentado no parapeito, havia algo que parecia um pássaro grande. Não queria que minha amiga se resfriasse, então corri escada acima, mas quando entrei no quarto, ela já estava voltando para a cama, desacordada, arquejante e com a mão no pescoço, como se protegendo-o do frio.

Não quis acordá-la, só a acomodei melhor e a cobri. Passei a chave na porta e no trinco na janela.

Minha amiga parece tão meiga dormindo, mas está mais pálida do que de costume, e não gostei nada de ver em seu semblante uma expressão exausta e olheiras fundas. Receio que esteja aflita por algum motivo. Quem dera eu pudesse descobrir do que se trata.

15 de agosto – Levantei mais tarde que de costume. Lucy, lânguida e cansada, continuou a dormir mesmo depois de sermos chamadas. Tivemos uma feliz surpresa ao desjejum. O pai de Arthur melhorou e quer que o casamento saia logo. Lucy está tomada por uma felicidade serena, e a mãe ficou contente e pesarosa ao mesmo tempo. Mais tarde, ela me explicou o motivo. Está triste porque não terá mais Lucy só para si, mas satisfeita porque em breve a filha terá alguém para protegê-la. Pobrezinha, uma senhora tão meiga! Confessou-me que está à beira da morte. Não contou a Lucy e me fez jurar segredo. Seu médico lhe disse que ela tem, no máximo, alguns meses de vida, pois seu coração está cada vez mais fraco. A qualquer momento, até mesmo agora, um choque súbito a mataria com quase toda certeza. Ah, fomos prudentes em não contar da terrível noite sonâmbula de Lucy.

17 de agosto – Nada de diário por dois dias inteiros. Não tive vontade de escrever. É como se uma espécie de dossel sombrio cobrisse nossa felicidade. Nenhuma notícia de Jonathan, e Lucy parece estar ficando cada vez mais fraca, enquanto os dias de sua mãe vêm se esgotando. Não entendo por que Lucy está padecendo dessa maneira. Ela come bem, dorme bem e toma ar fresco, mas o

tempo todo o rosado de sua face vem desbotando, e ela fica cada vez mais fraca e lânguida, dia após dia. À noite, escuto seus arquejos de falta de ar. Continuo indo dormir com a chave da porta presa ao pulso, mas Lucy se levanta, anda pelo quarto e senta no parapeito da janela aberta. Na noite passada, acordei com ela debruçada para fora da janela e não consegui despertá-la, estava como num desmaio. Quando por fim fiz com que voltasse a si, estava muito fraca e chorava em silêncio, entre longas e dolorosas arfadas. Perguntei como conseguira chegar até a janela, mas Lucy balançou a cabeça e me deu as costas. Espero que seu padecimento não se deva ao infeliz episódio com o alfinete de segurança. Observei seu pescoço agora que adormeceu, e os furos minúsculos parecem não ter cicatrizado. Ainda estão abertos, talvez até maiores do que antes, e as bordas das feridas, empalidecidas. São como pequenos pontos brancos com os centros vermelhos. Se não sararem dentro de um ou dois dias, insistirei para que o médico venha examiná-la.

CARTA DE SAMUEL F. BILLINGTON & FILHO, ADVOGADOS DE WHITBY, AOS SENHORES CARTER, PATERSON & COMPANHIA, DE LONDRES

17 de agosto

Prezados senhores,
É com prazer que enviamos a nota referente aos bens transportados pela Great Northern Railway. Os mesmos deverão ser entregues em Carfax, perto de Purfleet, assim que chegarem ao setor de carga da estação de King's Cross. A casa se encontra vazia no momento, mas anexamos aqui as chaves, todas elas com etiquetas de identificação.

Solicitamos aos senhores a gentileza de depositar as caixas do pedido – cinquenta ao todo – na construção parcialmente em ruínas que faz parte da propriedade e que está marcada na planta anexa com a letra "A". Seu funcionário reconhecerá o local com facilidade, uma vez que se trata da antiga capela da mansão. Os bens partem hoje à noite no trem das nove e meia e devem chegar a King's Cross às quatro e meia da tarde de amanhã. Conforme o desejo de nosso cliente, a entrega terá de ser feita o mais rápido possível, pelo que agradecemos se sua equipe estiver pronta em King's Cross na hora determinada e dali puder encaminhar os bens a seu destino. Para evitar

eventuais atrasos durante os procedimentos de rotina envolvendo pagamentos de seus serviços, anexamos também aqui um cheque no valor de dez libras (£10), cujo recebimento solicitamos acusar. Caso o custo seja inferior a essa quantia, os senhores poderão nos devolver o troco; caso seja superior, enviaremos prontamente um cheque com a diferença assim que nos informarem o valor. Ao sair da propriedade, deixem as chaves no saguão central da casa, onde o proprietário poderá encontrá-las ao entrar com uma cópia da chave principal que já está em seu poder.

Esperamos não haver ultrapassado os limites da cortesia comercial ao insistir com tanta ênfase que os senhores sejam os mais expeditos nesses trâmites.

Seguimos, prezados senhores, à sua disposição,

Samuel F. Billington & Filho

CARTA DOS SENHORES CARTER, PATERSON & COMPANHIA, DE LONDRES, AOS SENHORES BILLINGTON & FILHO, DE WHITBY

21 de agosto

Prezados senhores,
Acusamos recebimento de dez libras e enviamos cheque no valor de uma libra, dezessete xelins e nove *pence*, referente ao troco, conforme o comprovante de recibo anexado. Os bens foram entregues exatamente de acordo com suas instruções, e as chaves foram deixadas num envelope no saguão principal, conforme nos foi orientado.

Seguimos, caros senhores, à disposição.

Respeitosamente,

Em nome de Carter, Paterson & Companhia

DIÁRIO DE MINA MURRAY

18 de agosto – Hoje estou feliz e escrevo sentada no banco do cemitério da igreja. Lucy está melhor do que nunca. De ontem para hoje, dormiu bem a noite inteira e não me incomodou uma vez sequer. A cor parece estar voltando a seu rosto, embora ainda esteja tristemente pálida e abatida. Se estivesse um pouco anêmica que fosse, eu entenderia, mas não é o caso. Está alegre e cheia de vida e entusiasmo. Sua reticência mórbida parece ter passado, e acabou de me lembrar, como se eu precisasse ser lembrada, *daquela* noite e de que foi aqui, neste mesmo banco, que a encontrei adormecida. Enquanto falava, divertida, bateu com o salto da bota na lápide de pedra e comentou:

– Meus pobres pezinhos não fizeram muito barulho daquela vez! O coitado do velho sr. Swales diria que é porque eu não queria acordar Geordie.

Como demonstrou esse espírito expansivo, perguntei se tivera algum sonho que fosse naquela noite. Antes de responder, seu semblante foi tomado pela expressão meiga e enternecida que lhe é peculiar, o tal olhar que Arthur – chamo-o de Arthur por influência dela – diz que adora, e, a bem da verdade, não duvido que adore mesmo. Então prosseguiu de um modo algo sonhador, como se tentasse se lembrar:

– Não sonhei exatamente, mas tudo pareceu real. Só queria estar aqui. Não sei por quê, pois estava com medo de alguma coisa que não sei o que era. Embora imagine que estivesse dormindo, lembro de caminhar pelas ruas e pela ponte. Um peixe saltou quando passei, e me inclinei para olhar. Ouvi muitos cães uivando, enquanto subia os degraus. Era como se a cidade inteira estivesse cheia de cães latindo ao mesmo tempo. Lembro vagamente de uma coisa comprida, escura, com olhos vermelhos como o que vimos no pôr do sol, e de algo ao mesmo tempo muito suave e muito amargo ao meu redor. Então foi como se eu afundasse em águas verdes profundas, havia um canto em meus ouvidos, como dizem que escutam os afogados, e depois, senti como se tudo se afastasse de mim. Minha alma parecia ter saído de meu corpo e flutuar no ar. Acho que me lembro de, a certa altura, ver o farol oeste logo abaixo de mim, então tive uma sensação agonizante, como se estivesse no meio de um terremoto, e voltei e encontrei você me sacudindo. Vi você me sacudindo e só depois senti suas mãos em meu corpo.

Em seguida, começou a rir. Nada daquilo me pareceu natural, e eu a ouvi com a respiração suspensa. Não gostei do que escutei e achei melhor desviar seus pensamentos do assunto, então falamos de outras coisas, e Lucy voltou a ser como antes. Quando chegamos em casa, a brisa fresca fizera efeito sobre ela, e seu rosto pálido estava realmente mais corado. A mãe ficou exultante ao

vê-la, e passamos as três uma noite muito feliz juntas.

19 de agosto – Alegria, alegria, alegria! Embora nem tudo seja alegria. Finalmente chegaram notícias de Jonathan. Meu querido está doente, por isso não escreveu. Não receio mais pensar nisso ou dizê-lo em voz alta, agora que sei o que se passa. O sr. Hawkins me enviou a carta que recebeu e escreveu para mim, oh, muito gentil. Partirei pela manhã ao encontro de Jonathan, posso eu mesma cuidar dele, caso seja necessário, e tentarei levá-lo para casa. O sr. Hawkins diz que não seria nada mau se nos casássemos por lá mesmo. Chorei lendo a carta da boa irmã até sentir o papel úmido em meu peito, onde a guardei. São notícias de Jonathan, e devem ficar perto de meu coração, pois ele *está* em meu coração. Minha viagem já está toda planejada, e minha bagagem, pronta. Levo apenas uma muda de roupa. Lucy levará meu baú para Londres e ficará com ele até que eu mande buscar, pois é possível que… Não devo escrever mais nada. Guardarei para dizê-lo a Jonathan, meu marido. A carta que ele viu e tocou há de ser meu consolo até nos encontrarmos.

CARTA DA IRMÃ AGATHA, HOSPITAL DE SÃO JOSÉ E SANTA MARIA, EM BUDAPESTE, À SRTA. WILHELMINA MURRAY

12 de agosto

Prezada senhorita,
Escrevo a pedido do sr. Jonathan Harker, que não está com força suficiente para tal, embora esteja melhorando, graças a Deus, a são José e a santa Maria. O sr. Harker se encontra sob nossos cuidados há quase seis semanas, sofrendo de violenta febre cerebral.[111] Ele deseja enviar seu amor e dizer, nesta carta que redijo em seu nome, para o sr. Peter Hawkins, de Exeter, com o devido respeito, que lamenta o atraso e que todo o serviço está completo. Ele solicita algumas poucas semanas para repousar em nosso sanatório na montanha, mas depois retornará. Por fim, pede-me para dizer que não possui dinheiro suficiente consigo, mas que gostaria de pagar por sua estada aqui, para que outros que precisam mais não fiquem desamparados.

Creia-me,

Às suas ordens, com solidariedade e todas as bênçãos,

Irmã Agatha

P.S.: Aproveito que meu paciente adormeceu para abrir a carta e contar-lhe mais um pouco. O sr. Harker me falou tudo sobre a senhorita, e que em breve se tornará sua esposa. Deus abençoe os dois! Segundo nosso médico, ele sofreu um choque preocupante e, em seu delírio, as coisas que disse foram assustadoras – sobre lobos, veneno e sangue, fantasmas e demônios, e receio prosseguir. Por um bom tempo ainda, tome cuidado para que nada que possa excitá-lo dessa maneira aconteça. Os vestígios de uma doença como a dele não desaparecem com facilidade. Devíamos ter escrito antes, mas não sabíamos a quem, e ele não trazia nada consigo, nada que conseguíssemos compreender. Chegou de trem de Clausemburgo, e o guarda foi informado pelo chefe da estação que ele a invadiu aos berros, pedindo uma passagem para casa. Vendo pelo comportamento violento que era inglês, eles lhe deram um bilhete para a última parada.

Pode ter certeza de que seu noivo está sendo bem tratado. O sr. Harker conquistou todos os nossos corações com sua doçura e gentileza. Está mesmo cada vez melhor, e não tenho dúvidas de que em poucas semanas voltará a ser o que era. Mas, por segurança, tome cuidado. Que vocês tenham, peço a Deus, a são José e a santa Maria, muitos e muitos anos de felicidade.

Diário do dr. Seward

19 de agosto – Estranha e súbita mudança em Renfield na noite passada. Por volta das oito, ele começou a ficar excitado e a fungar como um cão de caça que fareja algo. O enfermeiro ficou impressionado e, sabendo de meu interesse pelo caso, estimulou-o a falar. Ele costuma ser respeitoso com o enfermeiro, às vezes até servil, mas essa noite, segundo me contou o homem, foi bastante arrogante. Não se dignou a lhe dirigir a palavra. A única coisa que disse foi:

– Não quero falar com você. Você não conta. O mestre está chegando.

O enfermeiro acredita que se trata de uma súbita forma de mania religiosa que se abateu sobre ele. Caso seja isso, precisaremos de reforços, pois um homem forte com tendências homicidas e mania religiosa ao mesmo tempo pode ser perigoso. Trata-se de uma combinação terrível. Às nove da noite fui visitá-lo pessoalmente. A atitude do paciente para comigo foi a mesma que

teve com o enfermeiro. Em sua autoafirmação sublime, não enxergava a diferença entre mim e o enfermeiro. Parece mesmo uma mania religiosa, e em breve pensará que é Deus. Tais distinções infinitesimais entre um homem e outro são ninharias para um Ser Onipotente. A que ponto esses loucos se deixam levar! O verdadeiro Deus cuida para que um único pardal não caia do ninho antes do tempo. Mas o Deus criado pela vaidade humana não diferencia a águia do pardal. Oh, se os homens soubessem!

Durante meia hora ou mais, Renfield foi ficando gradativamente mais excitado. Não deixei claro que o estava vigiando, mas o mantive sob estrita observação. De repente, surgiu em sua expressão aquele olhar alterado que vemos sempre que um louco capta uma ideia e, com isso, o movimento espasmódico da cabeça e das costas que os enfermeiros manicomiais conhecem tão bem. Ele ficou muito calmo, levantou-se, sentou na beira da cama resignadamente e pôs-se a olhar para o vazio com olhos opacos. Pensei que poderia descobrir se sua apatia era real ou fingida, e tentei fazê-lo falar sobre seus bichos de estimação, tema que nunca deixara de despertar sua atenção. A princípio, não deu resposta, mas por fim afirmou, categoricamente:

– Deixe-os para lá! Não dou a mínima para eles.

– Como? – perguntei. – Você quer dizer que não se importa com as aranhas?

(Atualmente seu passatempo são as aranhas, e seu caderno vem sendo preenchido pelas colunas de pequenos algarismos.) A isto, ele respondeu, enigmático:

– As damas de honra alegram os olhos que aguardam a chegada da noiva. Mas quando a noiva chega, então as damas não brilham aos olhos cheios de lágrimas.[112]

Não se explicou, mas permaneceu obstinadamente sentado em sua cama o tempo todo em que estive com ele.

Esta noite estou exausto e desanimado. Não consigo deixar de pensar em Lucy e em como as coisas poderiam ter sido diferentes. Se não dormir logo, recorrerei ao cloral, o Morfeu[113] dos tempos modernos: $C_2HCl_3O + H_2O$![114] Preciso tomar cuidado para que não se torne um vício. Não, não tomarei hoje! Pensei em Lucy, e não a desonrarei misturando as duas coisas. Se for o caso, esta noite passarei insone…

Mais tarde – Contente por ter tomado essa resolução, ainda mais por tê-la

levado a cabo. Deitei-me e fiquei me mexendo, e ouvi o relógio bater apenas duas vezes, antes de o vigia da noite vir me avisar, enviado pela enfermaria, que Renfield havia fugido. Vesti-me às pressas e desci correndo. Meu paciente é perigoso demais para andar solto por aí. Aquelas ideias dele poderiam ter efeitos arriscados em estranhos. O enfermeiro estava esperando por mim. Disse que, havia menos de dez minutos, olhara pela portinhola e vira Renfield, que parecia estar dormindo na cama. O que chamou sua atenção foi o barulho da janela sendo escancarada. Ele correu para o quarto e só viu os pés do paciente saindo pela janela, e mandou me chamar na mesma hora. Renfield vestia apenas suas roupas de dormir, e não pode estar muito longe. O enfermeiro achou melhor prestar atenção para que lado ele estava indo, em vez de tentar segui-lo e acabar perdendo-o de vista enquanto corresse até o portão do edifício. Ele é um sujeito robusto e não conseguiria sair pela janela. Sou magro, então, com sua ajuda, saí eu mesmo, passando primeiro os pés, e, como estávamos num andar baixo, pousei no chão incólume. O enfermeiro me disse que o paciente havia ido para a esquerda e tomara uma linha reta, então corri o mais depressa que pude. Ao atravessar a fileira de árvores, vi um vulto branco escalar o muro alto que separa nosso terreno da casa abandonada.

Voltei correndo, mandei o vigia reunir três ou quatro homens imediatamente e vir comigo até a propriedade de Carfax, caso nosso amigo se provasse perigoso. Usei uma escada e, depois de subir o muro, pulei para o outro lado. Consegui ver o vulto de Renfield desaparecer ao contornar a casa, então corri atrás dele. Do outro lado da construção, encontrei-o encostado à antiga porta de carvalho com dobradiças de ferro da capela. Aparentemente, estava conversando com alguém, mas receei me aproximar demais para escutar o que dizia, pois não queria assustá-lo ou que ele fugisse. Perseguir um enxame errante de abelhas não é nada se comparado a correr atrás de um lunático sem roupas em pleno surto de fuga! Minutos depois, no entanto, pude reparar que não parecia se dar conta de nada à sua volta, então arrisquei chegar mais perto, ainda mais porque meus homens haviam pulado o muro e o estavam cercando. Ouvi-o dizer:

– Estou aqui para servi-Lo, Mestre. Sou Seu escravo, e o Senhor me recompensará, pois serei fiel. Há muito tempo que O idolatro. Agora que o Senhor está próximo, espero as Suas ordens, e o Senhor não Se esquecerá de mim, não é mesmo, querido Mestre, na distribuição de Suas benesses?

Ele, de fato, *é* um pedinte inveterado. Mesmo quando acredita estar diante de uma Presença Real, pensa em pães e peixes.[115] Suas manias formam uma

combinação perturbadora. Quando o encurralamos, lutou feito um tigre. Tem uma força descomunal, pois parecia mais um animal selvagem do que um homem. Nunca vi um lunático em tamanho paroxismo de fúria antes, e espero não tornar a ver. Foi sorte termos descoberto sua força e o perigo que representa ainda a tempo. Com esse vigor e determinação, ele poderia ter cometido muitas barbaridades antes de ser preso. Agora está seguro, em todos os sentidos. Nem o próprio Jack Sheppard[116] conseguiria se livrar da camisa de força em que ele se encontra, acorrentado à parede da sala acolchoada. Seus gritos são pavorosos, mas os silêncios que os intercalam são ainda piores, mudos como a morte, pois a cada esgar e movimento revelam sua intenção assassina.

Agora ele acaba de dizer as primeiras palavras coerentes:

– Serei paciente, Mestre. A hora está chegando, está chegando!

Então aproveitei o ensejo, e cheguei também a meu quarto. Estava excitado demais para dormir, mas este diário me acalmou, e sinto que conseguirei descansar um pouco hoje à noite.

---

107. A "Nova Mulher" representava uma rejeição dos papéis tradicionais da mulher vitoriana e era defendida por diversos autores, como Bernard Shaw, H.G. Wells e Winnifred Harper Cooley, autora de *The New Womanhood* (1904).

108. O diorama, um precursor do cinema, foi inventado em 1821, em Paris, por Louis Daguerre e Charles-Marie Bouton. Trata-se de um expositor rotatório de imagens, pinturas ou vistas panorâmicas de até vinte metros, na penumbra, iluminadas de modo a sugerir profundidade das cenas. Na primeira vez em que Mina vê o conde, a descrição se vale de efeitos óticos, que irão se repetir ao longo do romance nas raras materializações do vampiro.

109. Típica alameda ou passagem estreita das cidades da Escócia e do norte da Inglaterra; do nórdico antigo *venda*, que indicava o fim de uma rua principal, ligando duas ruas geralmente em desnível.

110. Louis Spohr (1784-1859), famoso compositor alemão, violinista, regente e professor de música da época vitoriana; inventou a queixeira para violino; e Sir Alexander Campbell Mackenzie (1847-1935), compositor e violinista escocês, mais conhecido por seus oratórios.

111. Termo genérico da era vitoriana para descrever qualquer tipo de frenesi nervoso, crise febril com delírios ou reação histérica decorrente de estresse emocional. Em *O morro dos ventos uivantes* (1847) e em *Madame Bovary* (1856), Catherine e Emma sofriam desse mesmo mal.

112. A frase enigmática de Renfield foi interpretada por Leslie S. Klinger assim: as damas de honra aqui seriam as moscas e aranhas, que só parecem bonitas até a chegada da atração principal (*The New Annotated Dracula*, 2008).

113. Deus grego dos sonhos. Conforme Mário da Gama Kury, "cabia-lhe aparecer sob a forma (em grego *morphé* = forma) de seres humanos e apresentar-se às pessoas adormecidas durante os sonhos destas (*Dicionário de mitologia grega e romana*, 1990). Morfeu é filho de Hipnos, o Sono. Ver também nota 163.

114. Primeiro narcótico (indutor de sono), sintetizado em 1832, sua ação é relativamente rápida (entre meia e uma hora). Ministrado na forma de cristais ou flocos dissolvidos em água.

115. Alusão ao milagre da multiplicação dos pães e dos peixes efetuado por Jesus, em que este alimentou cinco mil pessoas a partir de dois peixes e cinco pães apenas. É o único milagre, além da ressurreição, que consta dos quatro Evangelhos (Mateus 14:13, Marcos 6-31, Lucas 9:10 e João 6:5). Em Mateus 15:32 e em Marcos 8:1, Jesus efetua outro milagre, que alimenta quatro mil pessoas, a partir de sete pães e alguns peixes.

116. Jack Sheppard (1702-24), famoso ladrão inglês, notório por suas quatro engenhosas fugas da prisão e por tentar escapar da própria execução, em Tyburn, a 16 de novembro de 1724. O personagem Macheath, da *Ópera dos mendigos* (1728), de John Gay, é inspirado em Sheppard.

CAPÍTULO 9

CARTA DE MINA HARKER A LUCY WESTENRA

Budapeste, 24 de agosto

Minha caríssima Lucy,
Sei que você deve estar aflita para saber tudo o que aconteceu desde que nos despedimos na estação de Whitby. Pois bem, minha querida, cheguei ao porto de Hull sem problemas, tomei o navio para Hamburgo e, por fim, o trem para cá. Creio que mal consigo me lembrar da viagem, exceto que sabia que estava indo encontrar Jonathan e que, como precisaria estar acordada para cuidar dele, era melhor dormir o máximo que pudesse no trajeto. Encontrei meu querido, oh, tão magro, pálido e abatido... Toda resolução desapareceu de seus olhos amados, e aquela serena dignidade que eu disse haver em seu rosto sumiu. É uma sombra de si mesmo e não se lembra de nada do que aconteceu consigo em muito tempo. Pelo menos é o que quer me fazer acreditar, e jamais poderia contestá-lo. Sofreu um choque terrível, e receio que tentar relembrá-lo talvez possa afetar seu pobre cérebro. A irmã Agatha, que é uma boa criatura e uma enfermeira nata, disse que, em seus delírios, Jonathan falou de coisas terríveis. Mas quando pedi que me contasse o que era, ela simplesmente fez o sinal da cruz e respondeu que jamais repetiria aquilo, que os delírios de um doente eram segredos de Deus e que, se uma enfermeira no exercício de sua vocação acabava ouvindo, deveria respeitar essa confiança. Ela é uma alma boa, doce e generosa e, no dia seguinte, quando viu que eu ficara perturbada, tocou no assunto de novo, acrescentando:

– Só posso dizer o seguinte, minha querida. Que não se trata de nenhum pecado que ele tenha cometido, e que você, como futura esposa, não tem motivo para se preocupar. Ele não a esqueceu, nem esqueceu o que deve à senhorita. O medo dele se referia a coisas grandiosas e terríveis, coisas que

nenhum mortal pode abordar.

Imagino que a boa alma tenha achado que eu poderia ficar com ciúme de meu pobrezinho ter se apaixonado por alguma outra garota. *Ciúme* de Jonathan! E, no entanto, minha cara, confesso, apenas aos sussurros, que senti um estremecimento de alegria ao ter *certeza* de que não havia outra mulher por trás de seus problemas. Agora estou sentada ao lado de sua cama, onde posso ver seu rosto enquanto dorme. Ele está acordando!…

Ao despertar, Jonathan me pediu seu paletó, pois queria pegar alguma coisa no bolso. Falei com irmã Agatha, e ela trouxe todos os seus pertences. Vi que entre eles estava o diário, e estava prestes a pedir para ler, pois sabia que poderia conter alguma pista sobre os acontecimentos, mas imagino que Jonathan tenha percebido esse desejo em meus olhos, pois me mandou ficar junto à janela, dizendo que queria ficar sozinho um instante. Por fim, chamou-me de volta e anunciou, muito solene:

– Wilhelmina – soube, na mesma hora, que era fatalmente sério, pois Jonathan jamais me chamara assim desde que me pedira em casamento –, você sabe, querida, o que penso sobre a confiança entre marido e mulher. Não deve haver segredos, nada oculto. Sofri um grande choque e, quando tento me lembrar do que houve, sinto a cabeça girar; não sei mais se foi real ou o delírio de um louco. Você sabe que tive febre cerebral e que isto equivale a enlouquecer. O segredo está aqui dentro, e não quero sabê-lo. Quero retomar minha vida aqui, com o nosso casamento. – Pois, minha cara, havíamos decidido nos casar assim que as formalidades terminassem. – Você está disposta, Wilhelmina, a compactuar com a minha ignorância? Aqui está o diário. Tome-o e guarde consigo, leia-o se quiser, mas jamais me deixe saber do que se trata, a não ser, realmente, que algum dever solene se imponha e seja necessário recordar as horas amargas, dormidas ou acordadas, de sanidade ou de loucura, aqui registradas.

Ele se reclinou exausto. Pus o diário embaixo de seu travesseiro e o beijei. Pedi que a irmã Agatha implorasse à madre superiora permissão para que nos casássemos hoje à tarde e estou aguardando a resposta dela…

Ela veio e me disse que o capelão da igreja da missão inglesa já foi chamado. Casaremos daqui a uma hora, ou assim que Jonathan acordar.

Lucy, a hora chegou e já passou. Sinto-me muito solene, mas estou muito, muito feliz. Jonathan acordou um pouco depois do horário, e já estava tudo pronto. Ele sentou na cama, erguido por mais travesseiros. Respondeu seu "Sim" com firmeza e força. Mal consegui falar. Meu coração estava tão pleno

que qualquer palavra quase me sufoca. As queridas irmãs foram muito gentis. Deus permita que eu jamais as esqueça, nem com a morte, nem com as doces responsabilidades que assumi. Preciso lhe contar de meu presente de casamento. Quando o capelão e as irmãs me deixaram sozinha com meu marido – oh, Lucy, é a primeira vez que escrevo estas palavras: "meu marido" –, peguei o diário embaixo de seu travesseiro, embrulhei com uma folha branca de papel, amarrei com um pedaço de fita azul bem claro que usava no pescoço e lacrei o nó com cera quente e, como sinete, usei meu anel de noivado. Então beijei o volume e o mostrei ao meu marido, dizendo a ele que aquele diário continuaria assim e seria um sinal externo e visível para nós, ao longo de nossas vidas, de que confiávamos um no outro, de que eu jamais o abriria a não ser que fosse para o bem dele ou algum outro dever mais grave. Em seguida, ele tomou minha mão, e, oh, Lucy, foi a primeira vez que tomou a mão da *esposa*, e disse que aquilo era a coisa mais cara que existia em todo o mundo, e que ele reviveria todo o passado para conquistá-la, se fosse necessário. Pobrezinho, queria dizer uma parte do passado, mas não consegue ainda pensar no tempo, e não me admira se a princípio ainda misturar não só os meses, mas os anos.

Bem, minha cara, o que eu poderia dizer? Só consegui garantir-lhe que eu era a mulher mais feliz do mundo e que não tinha nada para lhe dar além de mim mesma, minha vida e minha confiança, e com isso iam meu amor e minhas obrigações durante todos os dias de minha vida. E, minha querida, quando ele me beijou e me puxou para junto de si com as mãos fracas, foi como um voto solene entre nós…

Estimada Lucy, você sabe por que estou lhe contando tudo isso? Não só porque, para mim, é tudo tão bonito, mas porque você sempre foi, e é, muito importante para mim. Foi meu privilégio ser sua amiga e guia quando você saiu da escola para se preparar para o mundo. Quero que você veja agora, e com os olhos de uma esposa muito feliz, aonde o dever me levou, para que na sua própria vida de casada você possa também ser muito feliz, como eu. Minha cara, Santo Deus, sua vida pode ser tudo o que promete ser, um longo dia de sol, sem ventos fustigantes, sem abandono do dever, sem desconfiança. Não lhe desejarei dor alguma, pois isso jamais poderá acontecer, mas espero sim que você seja *sempre* feliz como estou *agora*. Adeus, minha querida. Enviarei logo esta carta e talvez escreva de novo muito em breve. Preciso parar agora, pois Jonathan está acordando. Vou cuidar do meu marido!

Sua sempre afetuosa,

Mina Harker

Carta de Lucy Westenra a Mina Harker

Whitby, 30 de agosto

Minha queridíssima Mina,
Oceanos de amor e milhões de beijos, e que você possa logo estar de volta em casa com seu marido. Queria que você voltasse a tempo de ficar mais um pouco conosco aqui. O ar de Whitby logo deixaria Jonathan recuperado. Eu me recuperei muito bem. Estou com pleno apetite, cheia de vida e dormindo bem. Você gostará de saber que parei completamente com o sonambulismo. Creio que há uma semana que não saio da cama, isto é, depois de me deitar à noite. Arthur disse que engordei. Por falar nisso, esqueci de contar que Arthur está aqui. Passeamos e caminhamos, remamos, jogamos tênis e pescamos juntos. Estou mais apaixonada do que nunca. Ele diz que me ama mais agora, mas duvido, pois a princípio ele me disse que não poderia me amar mais do que me amava na época. Mas isso é tudo bobagem. Lá vem ele, está me chamando. Então por enquanto isso é tudo o que tinha para lhe dizer. Da sua amiga,

Lucy

P.S.: Mamãe mandou lembranças. Ela parece estar melhor, pobrezinha.
P.P.S.: Vamos nos casar no dia 28 de setembro.

Diário do dr. Seward

20 de agosto – O caso de Renfield ficou ainda mais interessante. Agora se acalmou, pois há surtos de letargia em sua paixão. Durante a semana seguinte ao ataque, foi violento todos os dias. Então, uma noite, quando a lua apareceu, calou-se e ficou murmurando sozinho:

– Agora posso esperar. Agora posso esperar.

O enfermeiro veio me chamar, então corri para vê-lo. Ainda estava com a

camisa de força e na sala acolchoada, mas aquele olhar difuso havia desaparecido de seu rosto, e os olhos recuperaram algo de sua ternura suplicante, ou quase poderia dizer, com reservas, submissa. Fiquei contente com a mudança e pedi que o soltassem. Os enfermeiros hesitaram, mas por fim atenderam meu desejo sem protestar. Foi curioso o paciente demonstrar humor suficiente para notar a desconfiança dos enfermeiros, pois aproximou-se de mim e disse num sussurro, olhando-os furtivamente:

– Acham que eu seria capaz de machucar você! Imagine só, *eu* machucar *você*! Tolos!

Foi um alívio, de alguma forma, para os meus sentimentos descobrir que sou dissociado dos outros na mente desse pobre louco, mas ainda assim não entendi seu raciocínio. Devo presumir que possuo algo em comum com ele, de modo que estamos, como de fato estamos, juntos, ou será que ele precisa receber de mim algum bem tão estupendo que meu bem-estar é necessário para ele? Vou ter de descobrir isso mais adiante. Hoje à noite Renfield não vai revelar nada. Nem a oferta de um gatinho ou mesmo de um gato adulto o deixaria tentado. Ele apenas diria: "Não coleciono gatos. Tenho mais o que pensar agora e posso esperar. Agora posso esperar."

Deixei-o após algum tempo. O enfermeiro me contou que ele permaneceu calado até pouco antes do amanhecer, quando começou a se mostrar contrariado e, aos poucos, violento, até que, por fim, atingiu um paroxismo que o exauriu de tal maneira que desmaiou e caiu em uma espécie de coma.

…Há três noites seguidas vem acontecendo a mesma coisa, Renfield passa o dia inteiro violento e se acalma quando a lua aparece, permanecendo assim até o sol nascer. Queria ter alguma hipótese da causa. Seria quase como se houvesse uma influência que vem e vai. Boa ideia! Hoje à noite brincaremos de sãos contra loucos. Ele fugiu uma vez sem nossa ajuda. Esta noite facilitaremos a fuga. Daremos uma chance a ele, e deixaremos os homens a postos caso sejam necessários…

23 de agosto – "O inesperado sempre acontece." Como Disraeli[117] entendia bem a vida… Nosso passarinho não voou quando viu que a gaiola estava aberta, de modo que todos os nossos planos sutis foram em vão. Ao menos provamos uma coisa, que os surtos de letargia duram um tempo considerável. No futuro, poderemos soltar suas amarras por algumas horas todos os dias.

Dei ordens ao enfermeiro da noite para simplesmente deixá-lo trancado na sala acolchoada, depois que ele se acalmar, até a hora do sol nascer. A pobre alma há de gostar desse alívio ainda que sua mente não saiba apreciá-lo. Ora! O inesperado outra vez! Vieram me chamar. O paciente fugiu de novo.

Mais tarde – Outra aventura noturna. Renfield engenhosamente esperou o enfermeiro entrar na sala para examiná-lo. Então escapou correndo e atravessou o corredor. Mandei os enfermeiros irem atrás dele. Mais uma vez invadiu o terreno da casa abandonada, e o encontramos no mesmo lugar, encostado à porta da antiga capela. Quando me viu, ficou furioso, e se os enfermeiros não o tivessem agarrado, teria tentado me matar. Já o havíamos detido, quando uma coisa estranha aconteceu. Subitamente, Renfield redobrou suas forças, para em seguida tornar a se acalmar, de uma hora para outra. Olhei para os lados instintivamente, mas não enxerguei nada. Então acompanhei o olhar do paciente, mas também não vi coisa alguma no céu enluarado, exceto um grande morcego, que batia as asas fantasmagóricas em silêncio, rumo ao oeste. Morcegos em geral voam em círculos, mas esse parecia seguir em linha reta, como se soubesse aonde estava indo ou tivesse uma intenção própria. No mesmo instante, o paciente ficou calmo e disse:

– Não precisa me amarrar. Irei pacificamente!

Voltamos para casa sem um transtorno sequer. Sinto que há algo de agourento em sua calma e não me esquecerei do que aconteceu esta noite…

Diário de Lucy Westenra

Hillingham, 24 de agosto – Vou fazer como Mina e passar a registrar as coisas por escrito. Então poderemos ter longas conversas quando nos encontrarmos. Fico pensando quando isso acontecerá. Queria que ela estivesse aqui comigo de novo, porque estou muito infeliz. Ontem à noite devo ter sonhado outra vez como quando estava em Whitby. Talvez seja a mudança do ar ou a volta para casa. Para mim, é tudo escuro e horrível, pois não consigo me lembrar de nada. Mas estou tomada por um medo vago e me sinto muito fraca e exausta. Quando Arthur veio almoçar, ficou muito triste ao me ver, e não consegui ter presença de espírito para me mostrar animada. Gostaria de poder dormir no quarto da mamãe hoje à noite. Vou inventar uma desculpa

para tal.

25 de agosto – Outra noite ruim. Mamãe não quis aceitar minha proposta. Ela também não parece muito bem e sem dúvida receia me deixar preocupada. Tentei me manter acordada, o que consegui por um tempo, mas quando o relógio bateu meia-noite despertei de um cochilo, portanto devo ter adormecido. Ouvi uma espécie de arranhar ou de bater de asas na janela, mas não fui ver o que era, e como não me lembro de mais nada, imagino que tenha pegado no sono. Mais pesadelos. Quem dera eu conseguisse me lembrar dos sonhos. Hoje cedo acordei horrivelmente fraca. Meu rosto está com uma palidez macabra, e meu pescoço dói. Deve ser algum problema de pulmão, pois sinto que não consigo respirar o suficiente. Tentarei me animar quando Arthur chegar, do contrário sei que ele ficará angustiado ao me ver assim.

Carta de Arthur Holmwood para o dr. Seward

Albemarle Hotel, 31 de agosto

Meu caro Jack,
Gostaria de lhe pedir um favor. Lucy está doente; isto é, não tem nada específico, mas está com uma aparência pavorosa que piora a cada dia. Perguntei a ela se existe algum motivo, não tive coragem de perguntar à mãe, pois perturbar a mente da pobre senhora a respeito da filha em seu estado de saúde poderia ser fatal. A sra. Westenra me confessou que seu mal foi revelado – doença do coração –, embora a pobre Lucy ainda não saiba. Tenho certeza de que existe algo corroendo a cabeça de minha querida menina. Quase me distraio ao pensar nela. Vê-la assim me dá uma pontada de dor. Contei a ela que pediria a você que a examinasse, e, embora tenha relutado a princípio – e sei por quê, velho amigo –, por fim consentiu. Estou certo de que será uma tarefa dolorosa para você, meu camarada, mas é pelo bem *dela*, e não posso hesitar em pedir, nem você em aceitar. Venha almoçar em Hillingham amanhã, às duas, para não despertar suspeitas na sra. Westenra, e depois do almoço Lucy terá oportunidade de ficar a sós com você. Estou muito aflito, quero consultá-lo em particular depois do seu exame. Não falte!

Arthur

TELEGRAMA DE ARTHUR HOLMWOOD PARA O DR. SEWARD

1º de setembro

Tive que visitar meu pai, que piorou. Carta em breve. Escreva à noite para Ring. Se necessário, por telegrama.

CARTA DO DR. SEWARD PARA ARTHUR HOLMWOOD

2 de setembro

Meu caro e velho amigo,
Com relação à saúde da srta. Westenra, apresso-me em fazê-lo saber logo que, na minha opinião, não há nenhum distúrbio funcional ou doença que eu conheça. Ainda assim, não estou de forma alguma satisfeito com sua aparência. Ela está dolorosamente diferente de quando a vi pela última vez. Claro que você deve ter em mente o fato de que não tive oportunidade de examiná-la plenamente como teria desejado. Nossa amizade cria uma certa dificuldade que nem a ciência médica nem os costumes podem suplantar. Seria melhor contar exatamente o que aconteceu, deixando que você tire, até certo ponto, suas próprias conclusões. A seguir, vou relatar o que fiz e as atitudes que proponho que sejam tomadas.

Encontrei a srta. Westenra aparentemente alegre. A mãe estava presente, e, em poucos segundos, concluí que a filha fazia tudo o que podia para enganá-la e evitar que se afligisse. Sem dúvida, se ainda não sabe, imagina que o caso da sra. Westenra exija essa precaução. Almoçamos, empenhados em demonstrar animação, e conseguimos, como que em recompensa por nossos esforços, sentir um entusiasmo genuíno por alguns momentos. Então a sra. Westenra foi se deitar, e Lucy ficou sozinha comigo. Fomos até seu quarto, e até chegarmos ali o entusiasmo persistiu, pois havia criados passando. Assim que a porta se fechou, a máscara caiu de seu rosto, e ela afundou na cadeira

com um longo suspiro, escondendo os olhos com as mãos. Quando vi seu entusiasmo passar, tirei logo vantagem dessa reação para tentar diagnosticá-la. Ela me disse muito suavemente:

– Nem sei dizer como odeio falar sobre mim mesma.

Lembrei-lhe que o sigilo do médico era sagrado, mas que você estava abalado e angustiado com ela. A srta. Westenra entendeu na mesma hora o que eu queria dizer e resumiu a situação:

– Conte a Arthur tudo o que quiser. Não me importo comigo, só com ele!

De modo que estou à vontade.

Percebi facilmente que sofria de carência sanguínea, mas não consegui identificar os sinais mais comuns de anemia, e só por acaso pude testar uma amostra de seu sangue,[118] pois ao abrir uma janela emperrada uma corda se rompeu e ela cortou de leve a mão em um caco de vidro. Não foi nada grave, mas me propiciou a oportunidade de coletar algumas gotas e examiná-las. A análise qualitativa indica condição normal e demonstra, devo inferir, uma saúde vigorosa. Quanto aos aspectos físicos, fiquei bastante satisfeito por não haver motivo para aflição, mas como parece existir alguma outra causa, concluí que deve ser mental. Ela se queixa de dificuldade para respirar satisfatoriamente às vezes e do sono pesado e letárgico, com sonhos assustadores, mas dos quais não consegue se lembrar. Disse que, quando era menina, costumava andar dormindo, e que esse costume voltou em Whitby, onde uma vez saiu à noite e foi até East Cliff, sendo encontrada pela srta. Murray. Mas garantiu que o hábito não tornou a se manifestar ultimamente. Fiquei na dúvida, então fiz o melhor que podia segundo meus conhecimentos. Escrevi a meu velho amigo e mestre, professor Van Helsing,[119] de Amsterdã, que conhece mais sobre doenças obscuras do que qualquer outra pessoa no mundo. Pedi que viesse e, como você me disse que seria tudo por sua conta, expliquei quem você era e quais as suas relações com a srta. Westenra. Isso, caro colega, foi feito em obediência à sua solicitação, pois estou orgulhoso e feliz por fazer o que puder por ela. Sei que, por uma questão pessoal, Van Helsing faria qualquer coisa por mim, de modo que não importa o motivo da vinda dele, deveremos acatar seus desejos. Trata-se de um homem aparentemente autoritário, isto porque sabe do que está falando melhor do que ninguém. É um filósofo, um metafísico e um dos mais avançados cientistas da atualidade, além de possuir, acredito, uma mente absolutamente aberta. Isso aliado a nervos de aço, um temperamento frio como o gelo, determinação indomável, autocontrole e tolerância, virtudes que chegam a ser bênçãos, e o

coração mais generoso e genuíno que existe. Essas são as armas que usa na nobre tarefa que vem desempenhando para a humanidade, tanto na teoria quanto na prática, pois o espectro de suas opiniões é tão abrangente quanto sua simpatia. Conto-lhe isso para que você saiba por que tenho tanta confiança nele. Pedi que o professor viesse o mais rápido possível. Voltarei a visitar a srta. Westenra amanhã. Ela se encontrará comigo nas lojas, para não preocuparmos a mãe com uma visita tão próxima da primeira.

Sempre seu amigo,

John Seward

CARTA DE ABRAHAM VAN HELSING, DOUTOR EM MEDICINA, DOUTOR EM FILOSOFIA, DOUTOR EM LETRAS ETC. ETC. AO DR. SEWARD

2 de setembro

Meu bom amigo,
Acabo de receber sua carta e já estou indo encontrá-lo. Por sorte, posso partir imediatamente, sem prejudicar ninguém que conte comigo. Se o acaso fosse diferente, então seria uma pena para os que aqui precisassem de mim, pois partiria ao seu chamado para ajudar os que lhe são caros. Diga ao seu amigo que, quando você, com tanta habilidade, sugou de minha ferida o veneno da gangrena daquela faca que nosso outro colega, nervoso demais, deixou escapar,[120] fez mais por ele, que agora precisa de minha ajuda, do que toda a grande fortuna de sua família poderia fazer. Mas ajudar seu amigo é um prazer a mais; é por você que vou. Arranje-me um quarto no Great Eastern Hotel, para que eu possa ficar próximo, e, por favor, deixe combinado o encontro com a jovem dama amanhã não muito tarde, pois é provável que eu precise voltar a Amsterdã amanhã mesmo à noite. Mas, se for necessário, posso retornar em três dias e ficar mais. Até breve, adeus, meu estimado John.

Van Helsing

CARTA DO DR. SEWARD PARA ARTHUR HOLMWOOD

3 de setembro

Meu caro Art,
Van Helsing veio e já se foi. Esteve comigo em Hillingham, e descobrimos que, por sugestão de Lucy, a mãe havia ido almoçar fora, de modo que ficamos sozinhos com ela. O professor fez um exame cuidadoso da paciente. Ele me fará um relato, e lhe passarei suas orientações, pois evidentemente não estive presente o tempo inteiro. Receio que esteja muito preocupado, mas disse que ainda precisa pensar. Quando contei de nossa amizade e da forma como você me confiou o caso, ele ressaltou:

– Você deve dividir com ele todas as suas conjecturas. Mas contar o que estou pensando só se você adivinhar, caso tenha coragem. Não, não estou brincando. Isto aqui não é brincadeira, mas uma questão de vida ou morte, talvez até mais do que isso.

Perguntei o que queria dizer com aquilo, pois falava com muita seriedade. Nós já havíamos voltado para a cidade, e ele estava tomando uma xícara de chá antes de voltar a Amsterdã. Não quis me dar mais uma pista sequer. Não fique irritado comigo, Art, pois essa reticência da parte dele significa que todo o seu cérebro está trabalhando pelo bem dela. Van Helsing falará abertamente quando chegar a hora, tenha certeza disso. Então comentei com ele que simplesmente escreveria um relato da consulta, como se estivesse fazendo um artigo especial para o *Daily Telegraph*.[121] Aparentemente, o professor não me ouviu, mas observou que os fungos em Londres não eram tão perigosos quanto na época em que viveu aqui, como estudante. Receberei seu relatório amanhã, se ele conseguir terminá-lo. Em todo caso, Van Helsing me escreverá uma carta.

Pois bem, quanto à consulta, Lucy estava mais animada e certamente parecia ter melhorado desde o primeiro dia em que eu a vira. Perdera um pouco da palidez macabra que o deixou preocupado, e a respiração estava normal. Foi muito meiga com o professor (como sempre é) e tentou deixá-lo à vontade, embora eu tenha notado que a pobrezinha estava se esforçando demais para isso. Acredito que Van Helsing também tenha percebido, pois reparei, sob as sobrancelhas hirsutas, um olhar de relance que conheço muito bem. Ele então começou a discorrer sobre diversos assuntos – exceto sobre nós mesmos e doenças – com tamanho desembaraço e simpatia que vi a animação fingida de Lucy se tornar realidade. Em seguida, sem qualquer mudança aparente, o professor passou a falar delicadamente sobre sua visita e

acrescentou, com gentileza:

– Minha querida jovem senhorita, é para mim um prazer muito grande, pois a senhorita é muito amada. Isso já é muita coisa, minha cara, ainda que houvesse algo mais que não vejo. Eles disseram que a senhorita estava desanimada, com uma palidez macabra. O que tenho a dizer a eles? "Bah!" – E estalou os dedos na minha direção, antes de continuar: – Mas a senhorita e eu mostraremos como eles estão enganados. Como ele – e apontou para mim com o olhar e o gesto que usava na sala de aula, ou, mesmo depois, em uma ocasião específica que nunca me deixa esquecer – poderia saber alguma coisa sobre jovens senhoritas? Ele tem lá seus loucos para brincar e trazer de volta à felicidade e aos seus entes queridos. É muito trabalho, no entanto, oh, existem recompensas em restaurar tal felicidade. Mas as jovens senhoritas! Ele não tem esposa, nem filha, e as moças não se abrem para os jovens, só para os velhos, como eu, que já viram muitas tristezas e seus motivos. Portanto, minha cara, vamos mandá-lo agora sair para fumar seu cigarro no jardim, enquanto você e eu ficamos aqui jogando conversa fora sozinhos.

Entendi a sugestão e fui dar uma volta, até que o professor apareceu na janela e pediu que eu entrasse. Ele parecia preocupado, mas disse:

– Fiz um exame cuidadoso, mas não há nenhum problema fisiológico. Concordo com você que tenha havido perda de sangue; houve, porém não há mais. No entanto, nada nela indica se tratar de anemia. Pedi que chamasse a empregada, para lhe fazer uma ou duas perguntas e não deixar escapar nada. Sei bem o que ela vai me dizer. E, de fato, há uma causa, sempre há uma causa para tudo. Preciso voltar para casa e pensar. Envie-me um telegrama por dia, e se houver alguma alteração voltarei. A doença, pois não estar bem é uma doença, me interessa, e a meiga e querida moça me interessa também. Ela me encanta, e por ela, ainda que não fosse por você ou pela doença, voltarei.

Conforme expliquei antes, ele não disse mais nada, nem mesmo quando ficamos a sós. E então agora, Art, você sabe tudo o que sei. Ficarei zelosamente atento. Entendo que seu pobre pai está em dificuldades. Deve ser uma coisa terrível para você, meu caro e velho amigo, ficar nessa posição entre duas pessoas tão amadas. Sei de seu senso de dever para com seu pai, e você está certo em se guiar por isso. Mas, se for necessário, mandarei chamá-lo para ver Lucy, de modo que você não precisa ficar mais angustiado ainda até que eu lhe dê notícias.

DIÁRIO DO DR. SEWARD

4 de setembro – O paciente zoófago continua a nos interessar. Teve apenas um outro surto, e isso foi ontem, em horário incomum. Pouco antes do meio-dia, começou a ficar agitado. O enfermeiro reconheceu os sintomas e pediu ajuda na mesma hora. Por sorte, os homens vieram correndo e chegaram a tempo, pois, ao meio-dia em ponto, Renfield ficou tão violento que precisaram de todas as forças para imobilizá-lo. Cerca de cinco minutos depois, no entanto, voltou a se acalmar e, por fim, mergulhou em uma espécie de melancolia, estado em que se encontra até agora. O enfermeiro relatou que os gritos durante o paroxismo foram realmente apavorantes. Eu estava ocupado na hora, atendendo outros pacientes, que ficaram assustados. Na verdade, posso entender muito bem o efeito, pois os sons perturbaram até a mim, mesmo a uma certa distância. Agora está na hora do jantar dos pacientes, e Renfield resmunga sozinho a um canto, com uma expressão aparvalhada, grave, contrita, que parece antes sugerir do que demonstrar qualquer coisa específica. Não consigo entender exatamente o quê.

Mais tarde no mesmo dia – Outra alteração em meu paciente. Às cinco horas fui visitá-lo, e o encontrei aparentemente alegre e contente como costumava ser. Estava caçando suas moscas e as engolindo, e anotava cada captura fazendo marcas na porta, entre as placas almofadadas. Ao me ver, aproximou-se, desculpou-se pelo mau comportamento e me pediu de modo humilde, constrangido, para ser levado de volta ao próprio quarto e que lhe devolvessem seu caderno. Achei que seria bom satisfazê-lo, então o paciente foi transferido para o antigo quarto com a janela aberta. Renfield espalhou o açúcar do chá no parapeito da janela e vem conseguindo coletar um bocado de moscas. Agora não as come mais, ele as guarda em uma caixa, como fazia antes, e já está examinando os cantos do quarto em busca de uma aranha. Tentei fazê-lo falar sobre os últimos dias, pois qualquer indício de seus pensamentos seria extremamente útil, mas ele não disse mais nada. Por um ou dois momentos, pareceu-me muito triste e adotou uma voz distante, como se falasse consigo mesmo e não comigo.

– Tudo acabado! Está tudo acabado! Ele me abandonou. Não há esperança para mim a não ser que eu mesmo o faça! – Então virou-se para mim, subitamente decidido, e disse: – Doutor, o senhor faria a gentileza de me trazer

um pouco mais de açúcar? Creio que seria muito bom para mim.

– E as moscas? – perguntei.

– Isso! As moscas também gostam, eu gosto das moscas, portanto, também gosto de açúcar.

E ainda existem pessoas tão desavisadas que pensam que os loucos não raciocinam. Trouxe um suprimento duplo de açúcar e imagino ter feito dele o homem mais feliz do mundo. Quem dera pudesse sondar sua mente.

Meia-noite – Outra alteração. Eu acabara de retornar de uma visita à srta. Westenra, que encontrei muito melhorada, e estava de pé junto ao portão, olhando o sol se pôr, quando ouvi Renfield gritar outra vez. Como o quarto dele fica naquele lado da casa, pude ouvi-lo melhor do que pela manhã. Foi um choque para mim deixar a maravilhosa beleza enevoada do pôr do sol sobre Londres, com suas luzes difusas, sombras retintas e todas as tonalidades magníficas que se formam tanto nas nuvens poluídas quanto na água poluída, e me dar conta da austeridade sombria de meu edifício de pedra fria, com sua aura de angústia arquejante, só com meu próprio coração desolado a suportar tudo. Cheguei ao quarto dele quando o sol já desaparecia e, de sua janela, vi o disco vermelho terminar de descer. Conforme sumia, Renfield foi ficando cada vez menos agitado, e quando se fez noite ele fraquejou nas mãos que o detinham, feito uma massa inerte, e caiu no chão. É magnífico, contudo, o poder de recuperação dos lunáticos, pois alguns minutos depois ele se levantou bastante sereno e olhou ao redor. Fiz sinal para que os enfermeiros não o agarrassem, afinal estava ansioso para ver o que Renfield faria. Foi direto para a janela e espanou o restante de açúcar do parapeito. Então pegou sua caixa de moscas e a esvaziou do lado de fora da janela, jogando a caixa fora. Depois fechou a janela, e atravessando o quarto sentou-se na cama. Tudo isso me deixou surpreso, então perguntei:

– Você não vai mais colecionar moscas?

– Não – respondeu ele. – Estou farto de todo esse lixo!

Certamente se trata de um caso maravilhosamente interessante. Gostaria de ter um vislumbre de sua mente ou do motivo de suas súbitas paixões. Espere. Se conseguirmos descobrir por que seus paroxismos ocorrem ao meio-dia e ao entardecer, talvez haja aí uma pista afinal. Será que existe uma influência maligna do sol em períodos específicos que afetam determinadas naturezas, como a lua faz com outras? É o que veremos.

TELEGRAMA DO DR. SEWARD, DE LONDRES, PARA O DR. VAN HELSING, DE AMSTERDÃ

4 de setembro

Paciente ainda bem hoje.

TELEGRAMA DO DR. SEWARD, DE LONDRES, PARA O DR. VAN HELSING, DE AMSTERDÃ

5 de setembro

Paciente melhorou bastante. Bom apetite, sono natural, boa disposição, ganhando cor.

TELEGRAMA DO DR. SEWARD, DE LONDRES, PARA O DR. VAN HELSING, DE AMSTERDÃ

6 de setembro

Terrível mudança para pior. Venha logo. Não espere mais nem uma hora. Enviarei telegrama a Holmwood só depois de encontrar o senhor.

---

117. Benjamin Disraeli (1804-81), duas vezes primeiro-ministro inglês, escreveu: "Aquilo por que ansiamos raramente ocorre; o que menos esperamos geralmente acontece" (*Henrietta Temple*, 1837). A ideia, contudo, é possivelmente baseada ou inspirada no dramaturgo romano Plauto (254-184 a.C.), que escreveu: "Coisas pelas quais você não espera acontecem com mais frequência do que coisas pelas quais você espera" (*Mostelaria*, Ato I, Cena 3).

118. Os glóbulos vermelhos se regeneram mais lentamente do que o plasma e outros componentes do sangue; caso Lucy tivesse perdido sangue, seria possível notar uma quantidade menor de células vermelhas.

119. As notas de Stoker para o livro revelam que ele alia três indivíduos na construção deste personagem: um professor de história alemão, um pesquisador psíquico e um detetive, também advogado. Batizado também como Abraham (Bram), a princípio Van Helsing se chamaria Max Windeshoeffel, o que levou

estudiosos a associarem o professor a Max Müller (1823-1900), professor de línguas e filologia comparada de Oxford, especialista em religião e mitologia.

120. Seward tem 29 anos no momento da narrativa (a década de 1890), e o fato aludido aqui deve ter se passado em seu período de estudante (provavelmente na década de 1880). A assepsia (especialmente com ácido carbólico) na prevenção de infecções durante cirurgias começou a ser defendida por Joseph Lister na década de 1860.

121. Primeiro "jornal de um *penny*" de Londres, muito popular e de estilo sensacionalista, foi fundado em 1855 e ainda hoje é um dos mais vendidos da Inglaterra; apelidado Torygraph, por sua linha conservadora (seguindo o apelido do partido).

CAPÍTULO 10

CARTA DO DR. SEWARD PARA ARTHUR HOLMWOOD

6 de setembro

Meu caro Art,
As notícias hoje não são muito boas. Lucy regrediu um pouco esta manhã. Existe, no entanto, uma coisa positiva advinda dessa piora. A sra. Westenra estava naturalmente aflita com a filha e me consultou profissionalmente. Aproveitei a oportunidade e contei a ela que meu antigo mestre, Van Helsing, o grande especialista, estava vindo me visitar, e que Lucy ficaria sob nossos cuidados conjuntos. De modo que agora podemos ir e vir sem alarmá-la inadvertidamente, pois, para ela, um choque significaria morte súbita, e isto, fraca como Lucy está, pode ser desastroso. Estamos cercados de dificuldades, todos nós, meu pobre amigo, mas, queira Deus, havemos de conseguir superá-las. Se for necessário, escreverei, então, se você não tiver notícias minhas, esteja certo de que estou apenas esperando novidades. Perdoe a pressa.

Seu sempre amigo,

John Seward

DIÁRIO DO DR. SEWARD

7 de setembro – A primeira coisa que Van Helsing me perguntou quando nos encontramos em Liverpool Street foi:

– Você disse alguma coisa para o seu jovem amigo, o namorado dela?

– Não – respondi. – Estava esperando encontrar o senhor, como disse no telegrama. Escrevi uma carta para ele avisando apenas que o senhor estava a

caminho, porque a srta. Westenra não estava muito bem, e que eu o manteria informado caso necessário.

– Certo, meu amigo – assentiu ele. – Muito bem! Melhor o jovem não saber de nada por enquanto. Talvez nunca venha a saber. Rezo por isso, mas, se preciso for, o informaremos de tudo. E, meu bom amigo John, deixe-me precavê-lo. Você lida com loucos. Todos os homens são loucos de uma maneira ou de outra, e da mesma forma que você age com discernimento com os seus, aja também com os de Deus, com o restante do mundo. Você não conta a seus pacientes o que faz nem por que faz. Não lhes diz o que está pensando. Então deixemos o conhecimento em seu lugar, onde possa repousar, onde possa reunir outros conhecimentos e dar frutos. Por enquanto, você e eu deveremos manter o que sabemos aqui e aqui. – Ele me tocou na altura do coração e na testa, então tocou a si próprio nos mesmos lugares. – Tenho, no momento, algumas ideias. Mais tarde vou revelar tudo a você.

– Por que não agora? – perguntei. – Talvez seja útil. Podemos chegar a uma conclusão.

Ele me fitou e disse:

– Meu amigo John, quando o trigo está alto, antes de amadurecer, e a seiva da Mãe Terra está dentro dele, e o sol ainda não começou a pintá-lo com seu ouro, o chefe da família pega uma espiga, esfrega entre as mãos calejadas e sopra para longe o joio verde, dizendo: "Veja! O trigo está bom, dará uma boa safra quando chegar a hora."

Disse a ele que não entendi como aquilo se aplicava ao nosso caso. Em resposta, Van Helsing puxou minha orelha jocosamente, como costumava fazer tempos atrás em suas aulas, e prosseguiu:

– O bom chefe de família diz isso naquele momento porque o sabe, mas ele só o faz na hora em que o sabe. No entanto, você não vai ver um chefe de família desenterrando o trigo plantado para ver se está crescendo. Isso é coisa de criança que brinca de chefe de família, e não de quem considera aquilo o trabalho de sua vida. Entende agora, amigo John? Eu semeei o meu trigo, e a natureza tem seu trabalho de fazê-lo brotar. Se brotar, nos será promissor, e vou esperar até a espiga começar a crescer.

Van Helsing parou de falar, pois evidentemente viu que eu havia entendido. Então retomou, solene:

– Você sempre foi um aluno aplicado, e o seu caderno sempre foi o mais completo da classe. Espero que esse bom hábito não tenha sido abandonado.

Lembre-se, meu amigo, que o conhecimento é mais forte que a memória, e não se deve confiar no mais fraco. Mesmo que você não tenha mais o costume de manter um diário, permita-me ressaltar que esse caso de sua querida senhorita pode vir a ser, e atente para o fato de que eu disse "pode vir a ser", de tal interesse, não apenas para nós como para outros, que os demais casos vão ficar a ver navios, como vocês dizem. Anote tudo o que puder. Nenhum detalhe é pequeno demais. Aconselho você a registrar até mesmo suas dúvidas e suposições. Talvez depois seja interessante confrontar a verdade de suas hipóteses. Aprendemos com o fracasso, não com o sucesso!

Quando descrevi os sintomas de Lucy, os mesmos de antes, mas infinitamente acentuados, Van Helsing pareceu muito preocupado, mas não disse nada. Levou consigo uma maleta com diversos instrumentos e remédios, "a macabra parafernália de nosso ofício benevolente", como um dia chamou, durante uma aula, o equipamento de um professor do ofício da cura. Ao entrarmos, fomos recebido pela sra. Westenra. Ela estava aflita, mas não tanto quanto eu esperava. A natureza, em um de seus temperamentos benevolentes, determinou que até a morte tenha antídotos para seus terrores. Ali, em um caso em que qualquer choque poderia ser fatal, as coisas se ordenaram de modo a que, por um motivo ou por outro, tudo o que não seja pessoal – mesmo a terrível mudança na filha a quem é tão apegada – não parece atingi-la. Trata-se de algo similar à forma como a sra. Natureza envolve um corpo estranho com uma capa de tecido insensível que evita o mal que de outra maneira aquele contato causaria ao organismo. Se isso constitui uma vaidade deliberada, então devemos pensar duas vezes antes de condenar alguém pelo vício do egoísmo, pois seus motivos podem ter raízes mais profundas que ignoramos.

Usei meu conhecimento dessa fase da patologia espiritual e estabeleci como regra que a sra. Westenra não deveria manter-se próxima da filha nem pensar em sua doença mais do que o absolutamente necessário. Ela concordou tão prontamente, tão prontamente que vi outra vez a mão da natureza lutando pela vida. Van Helsing e eu entramos no quarto de Lucy. Se fiquei chocado quando a vi ontem, a visão de hoje me deixou horrorizado. Estava branca, de uma palidez macabra, feito giz. Toda cor parecia haver sumido, mesmo dos lábios e das gengivas, e os ossos da face estavam muito proeminentes. A respiração, custosa, dolorida de ver e ouvir. O semblante de Van Helsing ficou rígido como mármore, e as sobrancelhas convergiram até quase tocar-lhe o nariz. Lucy jazia imóvel e não parecia ter forças sequer para falar, de modo que, por algum tempo, ficamos todos em silêncio. Por fim, Van Helsing fez um

sinal para mim, e saímos cautelosamente do quarto. No instante em que fechamos a porta, ele caminhou apressado pelo corredor até o cômodo seguinte, que estava aberto, então puxou-me depressa para dentro e fechou a porta.

– Meu Deus! – exclamou. – Isso é terrível. Não há tempo a perder. Ela vai morrer por pura falta de sangue para manter o coração funcionando. Precisamos fazer uma transfusão imediatamente. Você ou eu?

– Sou mais jovem e mais forte, professor. É melhor que seja eu.

– Então se apronte logo. Vou pegar minha maleta. Vim preparado.

Desci com ele, e, no caminho, ouvimos baterem à porta da entrada. Quando chegamos ao saguão, a empregada havia acabado de abrir a porta, e Arthur entrou às pressas. Veio até mim e disse num sussurro agoniado:

– Jack, fiquei muito angustiado. Li nas entrelinhas de sua carta e fiquei aflito. Papai melhorou, então vim para cá correndo para ver com meus próprios olhos. Esse cavalheiro é o dr. Van Helsing? Sou muito grato ao senhor por ter vindo.

A princípio, quando o professor pôs os olhos nele, ficou irritado com a interrupção logo naquele momento, mas em seguida, ao perceber o porte robusto e reconhecer a jovem e forte virilidade que parecia emanar de Arthur, seus olhos brilharam. Sem esperar mais, estendeu a mão e anunciou:

– Chegou em boa hora, meu caro. O namorado da querida senhorita. Ela está mal, muito, muito mal. Não, meu filho, não fique assim – pois subitamente Arthur empalideceu e sentou, quase desmaiado, em uma cadeira –, você vai ajudá-la. Você é capaz de fazer mais do que qualquer um de nós, e sua coragem é sua melhor aliada.

– O que posso fazer? – perguntou Arthur, abruptamente. – Diga-me, e assim farei. Minha vida é dela, daria até a última gota do meu sangue por Lucy.

O professor possui uma faceta muito espirituosa, e, conhecendo-o há muito tempo, detectei um traço de humor na resposta.

– Meu jovem, eu não lhe pediria tanto, não precisa ser até a última!

– O que devo fazer? – Os olhos de Arthur faiscavam, e suas narinas abertas estremeciam de determinação. Van Helsing espalmou a mão em seu ombro.

– Venha! – convocou ele. – Você é homem, e precisamos de um homem. É melhor do que eu e do que meu amigo John. – Arthur pareceu intrigado, e o

professor continuou explicando com gentileza. – A jovem senhorita está mal, muito mal. Precisa de sangue, e sangue ela terá, ou vai morrer. Meu amigo John e eu a examinamos, e agora vamos fazer o que chamamos de transfusão sanguínea: transferir sangue das veias cheias de uma pessoa para as veias mais vazias de outra que necessita dele. John ia ser o doador, pois é mais jovem e mais forte do que eu – nesse instante, Arthur pegou minha mão e a apertou com força, sem dizer uma palavra –, mas agora que está aqui, você é melhor do que nós, velho ou moço, empenhados demais no mundo do pensamento. Nossos nervos não são tão serenos, nem nosso sangue tão brilhante quanto o seu! [122]

Arthur se virou para o professor e disse:

– Se o senhor soubesse com que alegria eu morreria por ela, o senhor entenderia… – ele parou com a voz embargada.

– Bom menino! – exultou Van Helsing. – Dentro de não muito tempo, você ficará feliz por saber que fez tudo que poderia por seu amor. Agora venha e fique quieto. Pode beijá-la uma vez antes do procedimento, mas depois vai ter de sair ao meu sinal. Não diga nada à senhora. Você sabe como ela está. Não pode sofrer choques, saber do que se passa aqui seria um abalo para ela. Venha!

Subimos os três para o quarto de Lucy. Arthur foi orientado a esperar do lado de fora. Lucy virou a cabeça e nos fitou, sem dizer nada. Não estava dormindo, estava apenas fraca demais para esse esforço. Seus olhos falaram por ela, e isso foi tudo. Van Helsing tirou alguns itens da maleta e os deixou sobre uma mesinha, longe dos olhos da paciente. Em seguida, preparou um narcótico e, aproximando-se da cama, anunciou entusiasmado:

– Agora, mocinha, aqui está o seu remédio. Beba tudo, como uma boa menina. Vou erguer sua cabeça para ficar mais fácil de engolir. Isso. – Ela se esforçou e conseguiu beber.

Fiquei perplexo com a demora para o narcótico fazer efeito. Isso, na verdade, indicava a extensão de sua fraqueza. O tempo pareceu infinito até o sono começar a pesar em suas pálpebras. Por fim, no entanto, a droga começou a manifestar sua potência, e Lucy caiu em sono profundo. Quando o professor se deu por satisfeito, mandou Arthur entrar e pediu que tirasse o paletó. Em seguida, acrescentou:

– Agora você pode dar aquele beijo, enquanto trago a mesinha. Amigo John, ajude-me aqui!

Dessa forma, nenhum de nós estava olhando quando ele se inclinou sobre a

noiva.

Virando-se para mim, Van Helsing sussurrou:

– Ele é tão jovem e forte, e tem um sangue tão puro, que nem precisaremos desfibrinar.[123]

E assim, com agilidade, mas com total método, Van Helsing realizou a operação. No decorrer da transfusão, algo semelhante a vitalidade pareceu voltar às faces da pobre Lucy, e, sob a palidez crescente no rosto de Arthur, reluzia uma alegria absoluta. Logo comecei a ficar aflito, pois, mesmo forte, a perda de sangue estava surtindo efeito em meu amigo. Isso me deu uma extensão da dificuldade terrível pela qual o sistema de Lucy deveria estar passando, pois o que enfraquecia seu noivo a restaurava apenas parcialmente. Mas o rosto do professor permanecia impávido, e ele ficou de pé, com o relógio na mão e os olhos fixos na paciente, voltando-se de quando em quando para Arthur. Eu podia ouvir meu próprio coração bater. Então Van Helsing anunciou com a voz suave:

– Não se mexa. Já basta. Cuide dele. Vou tratar dela.

Quando tudo acabou, dava para ver como Arthur estava enfraquecido. Fiz um curativo na ferida e apoiei-o pelo braço, para levá-lo dali. Nesse instante, Van Helsing, que parece ter olhos na nuca, anunciou, sem se voltar para nós:

– Acredito que o namorado corajoso mereça outro beijo, o que pode ter agora.

E como havia encerrado a operação, ajeitou o travesseiro sob a cabeça da paciente. Ao fazê-lo, a gargantilha de veludo preta que ela sempre usava no pescoço, afivelada com um broche antigo de diamante que o namorado lhe dera, subiu um pouco, revelando uma ferida vermelha na pele. Arthur não reparou, mas pude ouvir Van Helsing inspirando fundo, o que era um dos sinais externos de sua emoção. O professor não comentou nada na hora, mas se virou para mim e ordenou:

– Agora desça com o jovem e corajoso namorado, dê-lhe vinho do Porto e deixe-o repousar um pouco. Depois, ele precisa ir para casa descansar, dormir e comer bastante, para recuperar tudo o que deu a seu amor. Não pode ficar aqui. Por favor, não me interrompa! Entendo que esteja ansioso pelo resultado. Mas saiba que, de todo modo, a operação foi bem-sucedida. Você salvou a vida da jovem desta vez e agora pode ir para casa, descansar com a consciência tranquila de que tudo o que podia fazer está feito. Vou contar tudo a ela quando melhorar. Por tudo que fez, Lucy não poderá deixar de amá-lo.

Adeus.

Quando Arthur foi embora, voltei para o quarto. Lucy dormia suavemente, mas sua respiração estava mais forte. Eu podia ver as cobertas se moverem conforme seu peito arquejava. Sentado junto ao leito, Van Helsing olhava atentamente para ela. A faixa de veludo cobria novamente a marca vermelha. Perguntei ao professor num sussurro:

– O que acha que é essa ferida no pescoço?

– O que *você* acha?

– Ainda não examinei – respondi, e no mesmo instante ele começou a desafivelar a faixa.

Bem na altura da jugular externa havia duas perfurações que, apesar de pequenas, não pareciam nada saudáveis. Não havia sinal de infecção, mas as bordas estavam brancas e gastas, como que por alguma trituração. Então me ocorreu, de repente, que a ferida, ou o que quer que fosse, poderia ser a origem da manifesta perda de sangue; mas abandonei a teoria logo que se formou, pois uma coisa dessas não poderia ser verdade. Toda a cama estaria encharcada de escarlate com o sangue que a jovem deveria ter perdido para causar a palidez anterior à transfusão.

– Pois então? – perguntou Van Helsing.

– Bem – respondi –, não consigo deduzir nada.

O professor se levantou.

– Preciso voltar a Amsterdã hoje à noite – anunciou. – Há livros e objetos lá de que necessito. Você deve ficar aqui a noite inteira, e não tire os olhos dela.

– Devo chamar uma enfermeira? – perguntei.

– Somos os melhores enfermeiros, você e eu. Fique de vigília a noite toda. Cuide para que seja bem alimentada e que nada a perturbe. Não durma durante a noite. Podemos descansar depois, você e eu. Vou voltar o quanto antes. E então vamos começar.

– Começar? – perguntei. – O que diabos o senhor quer dizer?

– É o que vamos ver! – ele respondeu, enquanto saía apressado. Voltou no momento seguinte, enfiou a cabeça pelo vão da porta e me advertiu com um dedo em riste: – Lembre-se, você está encarregado dela. Se a deixar e a paciente tiver uma recaída, nunca mais dormirá tranquilo!

DIÁRIO DO DR. SEWARD (continuação)

8 de setembro – Passei a noite acordado ao lado de Lucy. O opiáceo agiu até o anoitecer, e ela despertou naturalmente. Parecia outra pessoa. Até sua disposição estava melhor, e estava cheia de uma vivacidade feliz, mas pude notar evidências da absoluta prostração pela qual tinha passado. Quando avisei à sra. Westenra que o dr. Van Helsing havia orientado que eu passasse a noite em vigília ao lado de Lucy, ela quase esbravejou diante da ideia, dizendo que a filha acordara recuperada e com excelente disposição. Fui firme, contudo, e me preparei para o longo serão. Depois que a criada a preparou para dormir, entrei no quarto, havendo feito uma ceia nesse ínterim, e tomei um assento junto ao leito. Lucy não fez objeções, na verdade me fitava com gratidão sempre que nossos olhares se encontravam. Depois de um longo intervalo, percebi que começava a adormecer, mas logo forçou-se a se recompor e espantou o sono. Isso se repetiu diversas vezes, sempre sob muito esforço e a intervalos cada vez menores à medida que o tempo passava. Era como se não quisesse dormir, então abordei imediatamente o assunto.

– Você não quer dormir?

– Não. Estou com medo.

– Medo de dormir! Mas por quê? É o prêmio pelo qual todos mais ansiamos.

– Ah, não se você estivesse como eu, se o sono fosse um presságio do horror!

– Um presságio do horror! Mas o que você quer dizer?

– Não sei. Oh, eu não sei. O mais terrível é isso. Toda essa fraqueza me vem no sono. Fico apavorada só de pensar.

– Mas, minha menina, hoje você pode dormir. Estarei aqui vigiando e prometo que nada vai lhe acontecer.

– Ah, então confiarei em você! – disse ela.

Aproveitei a oportunidade e acrescentei:

– Juro que se vir qualquer sinal de pesadelo vou acordá-la na mesma hora.

– Jura que me acorda? Acorda mesmo? Você está sendo muito bom para mim. Pois então vou dormir! – E quase ao terminar de dizer isso, soltou um profundo suspiro de alívio, recostou-se e adormeceu.

Fiquei a noite inteira ao lado dela. Lucy nem se mexeu, dormiu longamente, um sono profundo, revigorante, restaurador. Os lábios

ligeiramente entreabertos, o peito arfante, subindo e descendo com a regularidade de um pêndulo. Havia um sorriso em seu rosto, e era evidente que nenhum pesadelo viera perturbar sua paz de espírito.

De manhã cedo, a criada entrou no quarto. Deixei-a cuidando de Lucy e fui para casa, pois estava aflito por muitas coisas. Enviei um breve telegrama para Van Helsing e outro para Arthur, contando do excelente resultado da operação. Meu trabalho, com suas muitas obrigações, tomou-me o dia inteiro. Quando consegui perguntar pelo paciente zoófago, já estava escuro. O relatório foi bom. Renfield ficara calmo boa parte do dia e da noite anterior. Durante o jantar, chegou um telegrama de Van Helsing, de Amsterdã, sugerindo que eu fosse a Hillingham pela noite, pois eu poderia ser útil, e dizendo que ele partiria com o correio noturno e me encontraria bem cedo pela manhã.

9 de setembro – Cheguei a Hillingham bastante cansado e exaurido. Mal piscara os olhos por duas noites seguidas, e meu cérebro começava a acusar o torpor que denota a exaustão cerebral. Lucy estava acordada e bem-disposta. Quando apertou minha mão, encarou-me nos olhos e disse:

– Nada de passar a noite em claro hoje. Você está esgotado. Já estou muito bem de novo. Estou mesmo. E se um de nós tiver de velar o sono do outro, sou eu quem velará o seu.

Não quis discutir a questão e fui fazer minha ceia. Lucy me acompanhou, e, entusiasmado por sua presença encantadora, fiz uma excelente refeição e bebi dois cálices de um Porto mais do que excelente. Então Lucy me conduziu para o segundo andar e mostrou-me um quarto ao lado do dela, onde havia uma lareira acesa aconchegante.

– Bem – disse ela –, você dormirá aqui. Vou deixar a porta aberta, e a minha também. Deite no sofá, pois sei que nada fará vocês médicos usarem a cama enquanto houver um paciente no horizonte. Eu chamo se quiser alguma coisa, e você pode vir no mesmo instante.

Só pude concordar, pois, arrasado que estava, não conseguiria ficar acordado nem que quisesse. E assim, mediante nova promessa de me chamar caso precisasse de alguma coisa, deitei no sofá e me esqueci de tudo.

DIÁRIO DE LUCY WESTENRA

9 de setembro – Estou muito feliz esta noite. Andei tão miseravelmente fraca que conseguir pensar e me mexer pela casa é como sentir a luz do sol após uma longa lufada de vento leste em um céu cinzento. De alguma forma, Arthur parece agora muito mais próximo de mim. Como se eu pudesse sentir sua presença mais calorosa ao meu redor. Imagino que a doença e a fraqueza sejam coisas egoístas que fazem com que o nosso olhar e a nossa simpatia se voltem para o nosso próprio íntimo, ao passo que a saúde e a força dão rédeas ao amor, e, em pensamento e em sentimento, podemos perambular por onde quisermos. Sei onde meus pensamentos estão agora. Se ao menos Arthur também soubesse! Meu querido, meu querido, seus ouvidos devem estar ardendo enquanto você dorme, como os meus ardem comigo acordada. Oh, abençoado repouso da noite passada! Como dormi bem, com o querido e bom dr. Seward a velar meu sono. E hoje à noite não terei medo de adormecer, pois ele está por perto e posso chamá-lo. Obrigada a todos por serem tão bons para mim. Graças a Deus! Boa noite, Arthur.

Diário do dr. Seward

10 de setembro – Acordei com a mão do professor em minha cabeça e me pus de pé em um segundo. Isso é uma das coisas que aprendi no manicômio.

– E como está nossa paciente?

– Estava bem quando a deixei, ou melhor, quando ela me deixou – respondi.

– Vamos, vejamos – disse ele. E entramos juntos no quarto.

A cortina estava fechada, e fui abri-la delicadamente, enquanto Van Helsing se aproximava do leito a passos de gato.

Assim que abri a cortina e a luz da manhã inundou o quarto, ouvi a inspiração ciciante e grave do professor e, como sabia o quão rara era aquela reação, um medo mortal atravessou meu coração. Quando me aproximei, ele recuou, e sua exclamação de horror – *Gott in Himmel!*[124] – nem precisou do reforço da expressão agoniada. Van Helsing ergueu a mão e apontou para a cama, e seu rosto de ferro estava pálido, lívido. Senti a perna bamba.

Ali na cama, aparentemente em transe, jazia a pobre Lucy, mais horrivelmente pálida e exangue do que nunca. Até os lábios estavam brancos, e as gengivas pareciam haver se retraído, expondo os dentes, como vemos às

vezes em um cadáver após prolongada enfermidade. Van Helsing ergueu a perna como quem vai batê-la no chão com raiva, mas o instinto de toda uma vida e os longos anos de costume o acalmaram, e ele baixou o pé suavemente.

– Depressa! – exclamou. – Busque o conhaque.

Corri até a sala de jantar e voltei com a garrafa. Umedecemos os lábios da pobrezinha e, juntos, esfregamos as palmas das mãos, os punhos e o coração. Van Helsing auscultou o coração e, após alguns momentos de suspense excruciante, falou:

– Não é tarde demais. Ainda está pulsando, embora muito suavemente. Todo o nosso trabalho foi desfeito; vamos ter que começar tudo de novo. Agora não temos mais o jovem Arthur aqui. Vou ter de recorrer a você mesmo desta vez, amigo John.

Enquanto falava, o professor vasculhava sua maleta e pegava os instrumentos da transfusão. Eu havia tirado o paletó e arregaçado a manga da camisa. Não havia possibilidade de usarmos um opiáceo no momento, e tampouco necessidade; assim, sem demora, iniciamos a operação. Após algum tempo, que não pareceu tão curto, pois drenar o sangue de alguém, por mais interessado que seja o doador, é uma sensação terrível, Van Helsing ergueu o dedo em alerta.

– Não se mexa – advertiu. – Pois receio que, recuperando as forças, ela possa acordar, e isso seria um perigo, oh, um grande perigo. Mas devo me precaver. Vou aplicar uma injeção hipodérmica de morfina nela.[125]

Então, com destreza e agilidade, ele levou a cabo seu intento. O efeito sobre Lucy não foi ruim, pois o transe sutilmente se tornou um sono narcótico. Foi com uma sensação de orgulho pessoal que pude ver um discreto rubor retornando às faces e aos lábios pálidos. Ninguém sabe, até experimentar, qual a sensação de ter o próprio sangue drenado para as veias da mulher amada.

O professor me olhava com uma expressão crítica.

– Já basta – anunciou.

– Já? – retruquei. – O senhor tirou muito mais de Art.

Ao que ele abriu uma espécie de sorriso triste e respondeu:

– Ele é o namorado dela, o *noivo*. Você tem muito trabalho pela frente, muito mais o que fazer por ela e por outros, e por ora isso foi o bastante.

Quando interrompemos a transfusão, ele foi cuidar de Lucy, enquanto eu fazia um curativo no local de minha incisão. Fiquei deitado, aguardando ele me atender, pois fiquei tonto e tive um pouco de náusea. Logo depois, Van

Helsing conferiu o furo em meu braço e me mandou descer e buscar uma taça de vinho para mim mesmo. Eu estava saindo do quarto, quando ele se aproximou e sussurrou:

– Lembre-se, nada disso deve ser comentado. Se o namorado aparecer inesperadamente, como antes, não conte a ele. O rapaz ficaria ao mesmo tempo apavorado e com ciúme. Não queremos que nenhuma das duas coisas aconteça. Pois bem!

Quando voltei, ele me olhou atentamente e disse:

– Você não está mais tão abatido. Entre no quarto, deite-se no sofá e descanse um pouco, depois faça um bom desjejum e volte aqui para me ajudar.

Acatei suas ordens, pois sabia que era o certo e o mais prudente. Tinha feito a minha parte, e agora minha próxima tarefa era me fortalecer. Estava muito fraco e, na fraqueza, perdi algo do deslumbramento com o que havia acontecido. Adormeci no sofá; no entanto, imaginava incessantemente como Lucy poderia ter sofrido aquele retrocesso e como poderia ter perdido tanto sangue sem que houvesse nenhum indício dessa perda. Creio que continuei a me fazer tais perguntas em meus sonhos, pois, dormindo ou acordado, meus pensamentos sempre voltavam às duas pequenas perfurações no pescoço e à aparência gasta das bordas, por minúsculas que fossem.

Lucy dormiu até mais tarde e, quando acordou, estava muito bem e forte, embora nem tanto quanto na véspera. Depois que Van Helsing a examinou, saiu para dar uma volta e me deixou encarregado, com instruções específicas de que eu não a deixasse sozinha nem por um momento. Ouvi sua voz no saguão, perguntando o caminho até o posto telegráfico mais próximo.

Lucy conversou comigo com desembaraço e parecia inteiramente alheia ao que havia acontecido. Tentei mantê-la entretida e interessada. Quando a mãe subiu para vê-la, não pareceu perceber qualquer mudança na filha, mas me disse agradecida:

– Somos muito gratas, dr. Seward, por tudo o que o senhor tem feito, mas agora o senhor realmente tem de tomar cuidado para não trabalhar demais. O senhor também está pálido. O que precisa é de uma esposa para atendê-lo e cuidar do senhor, isso sim!

Lucy corou diante da fala da mãe, ainda que apenas momentaneamente, pois suas pobres veias não poderiam suportar muito tempo o sangue subindo-lhe à cabeça. A reação foi uma palidez excessiva enquanto me fitava com olhos suplicantes. Sorri e assenti com a cabeça, pousando um dos dedos sobre

os lábios. Com um suspiro, ela voltou a se recostar entre os travesseiros.

Duas horas depois, Van Helsing voltou e me disse:

– Agora vá para casa, coma e beba bastante. Fique forte. Passarei a noite aqui, vigiando eu mesmo a mocinha. Você e eu precisamos estar atentos ao caso dela e não podemos deixar mais ninguém saber. Meus motivos são graves. Não, não me pergunte quais são. Pense o que quiser. Não receie imaginar até o mais improvável. Boa noite.

Na saída, duas das criadas vieram me perguntar se poderiam as duas, ou pelo menos uma delas, passar a noite com a srta. Lucy. Imploraram que eu deixasse, e quando respondi que era o desejo do dr. Van Helsing que apenas ele ou eu ficássemos com ela, rogaram piedosamente que eu intercedesse junto ao "cavalheiro estrangeiro". Fiquei muito comovido. Já vi muitas e muitas vezes a generosidade feminina em circunstâncias similares, mas, talvez por estar fraco no momento, ou porque era o bem-estar de Lucy que estava em jogo, a devoção das duas me tocou. Voltei para cá a tempo de jantar e cumprir minhas obrigações. Está tudo bem, e escrevo isto enquanto espero o sono chegar. Está chegando.

11 de setembro – Fui até Hillingham esta tarde. Encontrei Van Helsing bem-disposto e Lucy muito melhor. Pouco depois, chegou uma grande encomenda internacional para o professor. Ele abriu o pacote com muita pompa – fingida, é claro – e tirou um grande buquê de flores brancas.

– São para a srta. Lucy – anunciou.

– Para mim? Oh, dr. Van Helsing!

– Sim, minha cara, mas não para a senhorita brincar com elas. São medicinais. – Então Lucy fez uma expressão contrariada. – Não fique assim, não são para beber em decocção ou de qualquer forma nauseante, de modo que a senhorita não precisa torcer esse nariz encantador, ou vou contar ao meu amigo Arthur, e ele não há de gostar de ver toda essa beleza que adora assim contorcida. Ah, bela mocinha, agora sim, o simpático nariz voltou ao normal. As flores são medicinais, mas a senhorita não sabe como funcionam. Ficarão na sua janela, como uma linda guirlanda, e uma também no seu pescoço, para a senhorita dormir bem. Ah, sim! Da mesma maneira que o lótus, essas flores também farão com que seus problemas sejam esquecidos. O aroma lembra muito as águas do Lete, e também a fonte da juventude que os Conquistadores procuraram nas Flóridas, mas só encontraram tarde demais.[126]

Enquanto Van Helsing falava, Lucy examinou as flores e sentiu o aroma. Em seguida, jogou-as no chão e exclamou, entre o riso e o asco:

– Oh, professor, creio que o senhor está pregando uma peça. Ora, essas flores são apenas alho comum.

Para minha surpresa, Van Helsing levantou-se e, com a mandíbula de ferro retraída e as bastas sobrancelhas unidas, proclamou com toda severidade:

– Não me venha com gracinhas! Nunca prego peças! Existe um propósito sério no que estou fazendo, e devo alertar a senhorita para não caçoar de mim. Tome cuidado, se não pelo seu próprio bem, pelo bem dos outros. – Então, vendo a pobre Lucy assustada, como seria de se esperar, continuou com mais delicadeza: – Oh, mocinha, minha querida, não tenha medo de mim. Faço isso pelo seu bem, pois há muitas propriedades boas nessas flores comuns. Veja, eu mesmo vou arranjá-las no seu quarto. E vou fazer a guirlanda para o seu pescoço. Mas isso é segredo! Nada de contar às pessoas que fazem perguntas demais. Temos que obedecer, e calar faz parte da obediência, e a obediência vai entregar a senhorita forte e saudável outra vez aos braços amorosos que aguardam sua recuperação. Agora fique aqui sentada um momento. Venha, amigo John, ajude-me a decorar o quarto com meu alho, que veio lá de Haarlem, onde meu amigo Vanderpool cultiva ervas em suas estufas o ano inteiro. Precisei enviar um telegrama ontem, para que o alho chegasse hoje.

Entramos no quarto, levando as flores conosco. As medidas que o professor adotou decerto eram estranhas e não se encontravam prescritas em nenhuma farmacopeia que eu conhecesse. Primeiro, fechou as janelas e as trancou. Em seguida, pegou um punhado de flores e esfregou-as na moldura das janelas, como que para garantir que nenhum sopro de vento pudesse entrar sem se impregnar do aroma do alho. Em seguida, passou a réstia por todo o batente da porta, em cima, embaixo e nas laterais, e procedeu da mesma forma na lareira. Tudo isso me pareceu grotesco, e eu comentei:

– Bem, professor, sei que o senhor sempre tem um motivo para aquilo que faz, mas agora fiquei intrigado. Ainda bem que não há nenhum cético aqui, pois ele diria que o senhor está fazendo algum feitiço para afastar os maus espíritos.

– Talvez eu esteja! – respondeu ele em voz baixa, enquanto preparava a guirlanda para Lucy usar no pescoço.

Por fim, esperamos Lucy fazer sua toalete para a noite e, quando ela estava na cama, arrumamos a guirlanda de alho em volta de seu pescoço. As últimas

palavras de Van Helsing foram:

– Cuidado para não deixar a guirlanda se soltar e, mesmo que o quarto lhe pareça abafado esta noite, não abra a janela nem a porta.

– Prometo – disse Lucy. – E muito obrigada aos dois por serem tão bons para mim! Oh, o que fiz para ser abençoada com amigos assim?

Quando deixamos a casa em meu cabriolé, que nos aguardava, Van Helsing disse:

– Esta noite vou poder dormir em paz. Depois de duas noites viajando, um dia inteiro de muita leitura, tanta aflição no dia seguinte e mais outra noite acordado, sem piscar, preciso mesmo de sono. Me pegue amanhã de manhã bem cedo, e viremos juntos ver nossa linda mocinha, que estará muito mais forte graças ao meu "feitiço". Ah, ah!

O professor parecia tão confiante que eu, lembrando-me de minha própria confiança duas noites antes, cujo resultado fora tão pernicioso, fiquei perplexo e um tanto aterrorizado. Deve ter sido a fraqueza que me fez hesitar em dizer isso ao meu amigo, mas a sensação estava lá, como lágrimas contidas.

---

122. Após quase dois séculos e meio de experimentos majoritariamente fatais − incluindo transfusões entre diferentes espécies, transfusão de leite para o sangue e a crença, por parte dos médicos inclusive, de que junto com o sangue transferiam-se atributos e características de um ser para o outro −, em 1901-02 o austríaco Karl Lansteiner isolou os quatro grupos sanguíneos, abrindo caminho para o teste de compatibilidade antes das transfusões. Foi somente em 1939-40 que o mesmo Lansteiner, com outros pesquisadores, descobriu o sistema Rh.

123. A fibrina, coagulante, era removida do sangue agitando-se o recipiente com contas de vidro; só em 1914 foram descobertos os anticoagulantes, que permitiriam a estocagem de sangue, utilizados durante a Primeira Guerra Mundial.

124. Em alemão (curiosamente, sendo holandês o idioma materno de Van Helsing) no original: "Deus do Céu!"

125. Na época, a morfina também era usada como sedativo, assim como o ópio; o uso intravenoso, no entanto, só seria indicado em caso de dor aguda.

126. Passagem orientalista, com alusão ao episódio da ilha dos lotófagos, da *Odisseia*, de Homero, em que os homens de Ulisses se deixam entorpecer pelo lótus; ao rio Lete, no Hades, inferno da mitologia grega, cuja água, quando bebida, provocava esquecimento; e aos exploradores espanhóis do séc.XVI, como Ponce de León, que procuravam a fonte da juventude.

CAPÍTULO 11

Diário de Lucy Westenra

12 de setembro – Estão todos sendo muitos bondosos comigo. Adoro o querido dr. Van Helsing. Não sei por que ficou tão angustiado com essas flores. Ficou tão bravo que me deixou realmente apavorada. Mas ele deve ter razão, pois já me sinto mais à vontade com elas. De alguma forma, não me assusta mais a ideia de passar a noite sozinha, e vou poder dormir sem medo. Não vou me importar com o barulho de asas batendo do lado de fora da janela. Oh, que esforços terríveis tive de fazer ultimamente contra o sono, a dor da insônia, a dor do medo de dormir e enfrentar os horrores desconhecidos que se apresentam para mim! Benditos aqueles cujas vidas seguem sem medos, pavores, e para quem o sono é uma bênção que chega com a noite, trazendo apenas bons sonhos. Bem, aqui estou hoje à noite, torcendo para adormecer, deitada como Ofélia na peça, com "grinaldas de virgem" e "braçadas de flores brancas".[127] Nunca gostei de alho, mas hoje acho uma delícia! Existe uma paz neste aroma. Sinto o sono chegando. Boa noite a todos.

Diário do dr. Seward

13 de setembro – Fui até o Berkeley e encontrei Van Helsing, pontual como de costume. A carruagem pedida no hotel estava à nossa espera. O professor pegou sua maleta, que agora leva sempre consigo.

Descreverei tudo exatamente como aconteceu. Van Helsing e eu chegamos a Hillingham às oito. Fazia uma manhã adorável. O sol brilhante e todo o frescor do início do outono pareciam completar o trabalho anual da Natureza. As folhas vinham ganhando todas as belas tonalidades da estação, mas ainda não haviam começado a cair das árvores. Quando entramos, encontramos a

sra. Westenra saindo de seu quarto. Ela sempre acorda cedo. Cumprimentou-nos afetuosamente e anunciou:

– Os senhores ficarão contentes de ver como Lucy melhorou. Minha menina ainda está dormindo. Abri a porta do quarto e a vi, mas não entrei, para não perturbá-la.

O professor sorriu e pareceu bastante contente. Esfregou as mãos e disse:

– Ah! Creio ter diagnosticado o caso. Meu tratamento está funcionando.

Ao que ela respondeu:

– O senhor não deve ficar com todo o crédito, doutor. O estado de Lucy esta manhã se deve em parte a mim também.

– O que a senhora quer dizer, madame? – perguntou o professor.

– Ora, estava aflita com a minha querida na noite passada e fui até o quarto dela. Dormia profundamente, tanto que nem mesmo a minha entrada a despertou. Mas o quarto estava muito abafado. Cheio daquelas flores horríveis, fedorentas, por toda parte, e Lucy tinha até mesmo um bocado delas em volta do pescoço. Receei que o odor forte pudesse ser excessivo para a pobrezinha naquele estado de fraqueza, então tirei tudo e abri um pouco a janela para deixar entrar um pouco de ar fresco. Vocês verão como ela melhorou, tenho certeza.

A sra. Westenra se retirou para seu toucador, onde costumava fazer o desjejum. Enquanto falava, observei o rosto do professor e notei como perdia a cor. Ele conseguiu manter o controle na presença da pobre senhora, pois sabia de sua condição e como um choque lhe seria terrível. Chegou até a sorrir ao manter a porta aberta para ela passar. Mas assim que a mãe de Lucy desapareceu, Van Helsing me puxou para a sala de jantar, brusca e subitamente, e fechou a porta.

Então, pela primeira vez na vida, o vi desabar. Levou as mãos à cabeça em uma espécie de desespero mudo, em seguida bateu as palmas desoladamente. Depois sentou em uma poltrona e, com as mãos cobrindo o rosto, começou a soluçar, alto, soluços secos que pareciam vir do fundo do coração. Por fim, ergueu os braços mais uma vez, como se suplicasse ao universo inteiro.

– Deus! Deus! Deus! – exclamou. – O que fizemos, o que essa pobre criatura fez para merecer sofrer tanto assim? Será que existe ainda uma maldição contra nós, vinda desde o antigo mundo pagão, para que essas coisas aconteçam, e dessa maneira? Essa pobre mãe, que tudo ignora, por melhor que seja sua intenção, age de modo a causar a perdição do corpo e da alma da

própria filha, e não podemos lhe contar nada, não podemos alertá-la, do contrário morreria, morreriam as duas. Oh, tanta maldição sobre nós! Como pode ser que todas as forças demoníacas estejam contra nós? – De repente, pôs-se de pé. – Venha – disse –, venha, precisamos examiná-la e agir. Demônios ou não, ou todos os demônios juntos, não importa. Precisamos combatê-los por todos os meios.

Ele foi até a porta da entrada, em busca da maleta, e subimos juntos até o quarto de Lucy.

Como anteriormente, abri as cortinas, enquanto Van Helsing ia até o leito. Dessa vez, ele não se espantou ao ver no pobre rosto a mesma palidez cérea e pavorosa. A expressão em seu olhar foi de tristeza sincera e infinita compaixão.

– Como eu esperava – murmurou, com aquela sua respiração ciciante que significava tanto.

Sem dizer mais nada, foi até a porta e trancou-a, então começou a dispor sobre a mesinha os instrumentos para outra transfusão de sangue. Eu já havia percebido a necessidade do procedimento e comecei a tirar o paletó, mas o professor me deteve com a mão em riste.

– Não! – anunciou. – Hoje você conduz a operação. Eu serei o doador. Você já está enfraquecido. – Enquanto falava, tirou o paletó e arregaçou a manga da camisa.

Outra transfusão. De novo, o narcótico. De novo, a volta do rubor nas faces sombrias e a respiração regular do sono saudável. Dessa vez, fiquei vigiando, enquanto Van Helsing se recompunha e descansava.

Por fim, ele aproveitou o ensejo para dizer à sra. Westenra para não retirar nada do quarto de Lucy sem consultá-lo, que aquelas flores tinham valor medicinal e que respirar seu aroma fazia parte do processo de cura. Então assumiu o caso sozinho, dizendo que ficaria acordado aquela noite e na seguinte, e que mandaria me chamar quando precisasse.

Depois de uma hora, Lucy despertou de seu sono, revigorada, radiante e aparentemente recuperada de sua terrível provação.

O que significa tudo isso? Estou começando a me perguntar se o costume de viver entre os insanos não estaria afetando meu próprio cérebro.

DIÁRIO DE LUCY WESTENRA

17 de setembro – Quatro dias e quatro noites de paz. Estou ficando outra vez tão forte que mal me reconheço. É como se tivesse vivido um longo pesadelo e acabado de acordar para ver a beleza do sol e sentir o frescor do ar da manhã ao meu redor. Tenho uma pálida lembrança de longos momentos de angústia e temor, de uma escuridão em que não havia sequer a dor da esperança para tornar a aflição mais pungente. E então longos períodos de esquecimento, e a volta à vida, como que emergindo de um mergulho profundo sob enorme pressão. Mas desde que o dr. Van Helsing veio ficar comigo, todos esses sonhos ruins parecem ter passado. Os ruídos que costumavam me apavorar até me tirar do sério, o barulho das asas batendo nas janelas, as vozes distantes que pareciam soar tão perto de mim, os sons ásperos que vinham não sei de onde e me ordenavam fazer não sei o quê, tudo isso cessou. Vou para a cama agora sem medo de dormir. Nem tento me manter acordada. Acabei me acostumando ao alho, e todos os dias chega um carregamento novo de Haarlem. O dr. Van Helsing vai embora esta noite, pois tem de passar um dia em Amsterdã. Mas não preciso mais que alguém fique comigo. Estou bem o suficiente para dormir sozinha. Graças a Deus, à mamãe, ao querido Arthur e a todos os nossos amigos que têm sido tão bons! Nem vou sentir a diferença, pois ontem à noite o dr. Van Helsing dormiu na poltrona por um bom tempo. Encontrei-o duas vezes cochilando quando acordei. Mas não tive medo de voltar a pegar no sono, mesmo com os galhos de árvore ou os morcegos ou coisa que o valha arranhando quase raivosamente a minha janela.

THE PALL MALL GAZETTE[128]

18 de setembro

Lobo fugido
Uma perigosa aventura de nosso repórter

Entrevista com o zelador do Jardim Zoológico

Após muitas tentativas e recusas, sempre usando as palavras *Pall Mall Gazette* como uma espécie de amuleto, consegui localizar o zelador do setor do Zoológico em que ficam os lobos. Thomas Bilder reside em um dos chalés

do terreno, atrás da jaula do elefante, e se preparava para o chá da tarde quando o encontrei. Thomas e a esposa são gente acolhedora, idosos, sem filhos, e se a hospitalidade que me ofereceram for uma regra, suas vidas devem ser bastante confortáveis. O zelador não entrou no que ele mesmo chamou de "negócio" até terminarmos a refeição e estarmos todos satisfeitos. Quando a mesa foi retirada, acendeu seu cachimbo e anunciou:

– Agora o senhor pode me perguntar o que quiser. O senhor me perdoe não falar de assuntos profissionais antes da refeição. Também dou de comer aos lobos, aos chacais e às hienas do nosso setor antes de fazer qualquer pergunta para eles.

– Como assim, fazer perguntas a eles? – indaguei, tentando deixá-lo de bom humor.

– Bater um porrete na cabeça dos bichos, por exemplo. Ou coçar a orelha deles, quando o cavalheiro quer se exibir para as moças. Não me incomodo de bater com o porrete antes de dar o jantar, mas costumo esperar que eles tenham tomado seu licor e seu café, digamos assim, antes de coçar a orelha. Se o senhor me permite – acrescentou, filosoficamente –, existe uma mesma natureza neles, animais, e em nós. O senhor vem aqui me fazer perguntas sobre o meu assunto, e eu, casmurro que sou, não fosse por essa sua meia libra,[129] preferia ver a sua caveira a responder qualquer coisa. Nem quando o senhor me perguntou com sarcasmo se eu preferiria que o senhor verificasse com o superintendente se podia me entrevistar. Sem ofensa, mas eu mandei o senhor para o inferno?

– Mandou.

– E quando o senhor disse que ia me denunciar por usar linguagem obscena, isso me doeu. Mas a meia libra deixou tudo em ordem. Eu não ia discutir, então esperei a comida, e dei meu uivo como fazem os lobos, os leões e os tigres. Mas, bendita seja, agora que a velha me encheu de bolo e me lavou por dentro com um bule de chá, fiquei aceso, e o senhor pode coçar as minhas orelhas o quanto quiser que não vou rosnar. Pode vir com suas perguntas. Sei o que quer, é por causa do lobo que escapou.

– Exatamente. Gostaria do seu ponto de vista sobre o caso. Só me diga o que aconteceu, e assim que eu me inteirar dos fatos, vou querer também a sua opinião sobre o motivo para a fuga, e como o senhor acha que o caso terminará.

– Certo, patrão. Eis a história completa, praticamente. O lobo, que aqui

chamamos de Bersicker, era um dos três cinzentos que vieram da Noruega para o Jamrach,[130] e nós o compramos dele há quatro anos. Era um bom lobo, bem-comportado, nunca deu trabalho que eu me lembre. O que mais me espantou foi que ele que fugiu, e não algum outro animal. Mas aí é que está: não se pode confiar nem em lobo, nem em mulher.

– Não o leve a mal, senhor! – interveio a sra. Tom, com uma gargalhada. – Ele cuida dos animais há tanto tempo que é uma bênção ainda não ter virado lobo! Mas meu marido não faz por mal.

– Bem, senhor, ontem, umas duas horas depois de dar a comida aos bichos, ouvi uma confusão. Estava fazendo um leito na jaula do macaco para o jovem puma que adoeceu. Mas quando ouvi os gemidos e os uivos, saí correndo. Lá estava Bersicker, forçando a grade feito um louco, como se quisesse sair. Não tinha muita gente ontem, só um sujeito alto, magro, de nariz adunco e barba pontuda, com alguns pelos brancos. Tinha uma expressão dura, fria e olhos vermelhos, e não simpatizei com ele, parecia estar irritando os animais. Usava luvas brancas, e apontou para a jaula e disse:

"'Zelador, esses lobos parecem perturbados com alguma coisa.'

"'Talvez seja com o senhor', respondi, pois não gostei da arrogância dele. Mas o sujeito não se incomodou como achei que fosse se incomodar. Deu só um sorriso insolente, com uma boca cheia de dentes brancos afiados.

"'Oh, não, eles não gostariam de mim', disse.

"'Oh, sim, eles gostariam sim', retruquei, imitando o sujeito. 'Eles sempre gostam de um ossinho para roer e limpar os dentes na hora do chá, coisa que o senhor tem de sobra.'

"Bem, foi uma coisa esquisita, mas quando os animais viram a gente conversando eles deitaram, e quando fui até Bersicker ele me deixou fazer carinho nas orelhas como sempre. Então o sujeito veio, e não é que ele também passou a mão pela grade e fez carinho nas orelhas do velho lobo!

"'Tome cuidado', avisei. 'Bersicker é ligeiro.'

"'Não se preocupe', respondeu ele. 'Estou acostumado!'

"'O senhor também trabalha com isso?', perguntei, tirando o chapéu, pois um homem que também trabalha com lobos, e tal e coisa, pode ser uma boa amizade para um zelador.

"'Não', disse ele, 'não exatamente com isso, mas já tive diversos lobos de estimação.' E ele tirou o chapéu como um nobre e saiu andando. O velho Bersicker ficou olhando até ele sumir de vista, depois voltou a deitar num

canto e não saiu mais a tarde inteira. Bem, na noite passada, assim que a lua apareceu, os lobos aqui começaram todos a uivar. Não tinha motivo para aquilo. Não tinha ninguém por perto, só uma pessoa chamando um cachorro no fundo de um jardim na rua do parque. Saí uma ou duas vezes para ver se estava tudo bem, e os uivos pararam. Pouco antes da meia-noite, fui fazer uma última ronda antes de me recolher e, juro para o senhor, quando cheguei em frente à jaula do velho Bersicker, vi as barras quebradas e retorcidas e a jaula vazia. E isso é tudo o que sei com certeza."

– Alguém mais viu alguma coisa?

– Um dos nossos jardineiros estava voltando de uma noitada nessa hora e viu um grande cão cinzento saindo pelo jardim. Pelo menos foi o que ele disse, mas eu mesmo não acredito, pois ele não falou nada à esposa quando chegou em casa, e só depois que a fuga do lobo foi divulgada, e passamos a noite fazendo buscas no parque, atrás de Bersicker, que ele se lembrou de ter visto alguma coisa. Minha opinião é que a noitada tinha subido à cabeça dele.

– Certo, sr. Bilder, e o senhor tem alguma explicação para a fuga do lobo?

– Bem, senhor – respondeu ele, com uma espécie de modéstia desconfiada –, eu diria que sim, mas não sei se o senhor vai ficar satisfeito com a minha teoria.

– Claro que vou. Se alguém como o senhor, que possui experiência com os animais, não puder arriscar uma boa teoria, quem mais poderia?

– Pois bem, senhor, eis o que penso. Para mim, ao que parece, o lobo fugiu… porque queria sair.

Pela gargalhada que Thomas e a esposa deram, percebi que a piada já havia sido usada antes, e que toda aquela explicação era só um ardil elaborado. Eu não poderia competir com o digno Thomas em matéria de galhofa, mas julguei conhecer um caminho mais seguro e direto para o seu coração, portanto disse:

– Ora, sr. Bilder, consideremos que o primeiro meio soberano tenha cumprido sua missão, e que este irmão dele aqui está esperando que o senhor me diga o que acha que vai acontecer.

– Tem razão, senhor – respondeu ele, bruscamente. – Sei que vai me desculpar pela brincadeira, mas a minha senhora aqui piscou para mim, e isso me levou a continuar com a troça.

– Eu, não! – exclamou a velha senhora.

– Minha opinião é a seguinte: o lobo está escondido em algum canto. O

jardineiro que antes não se lembrava depois falou que o lobo correu para o norte, galopando mais depressa que um cavalo, mas não acredito nele, pois, o senhor sabe, lobo não galopa nem corre mais que um cão, não foi feito para isso. Lobos são criaturas muito bonitas nos livros de história, e ouso dizer que quando se juntam e caçam algo que tenha medo deles, fazem um som diabólico e destroçam o outro bicho, qualquer que seja ele. Deus me perdoe, mas na vida real o lobo é só uma criatura inferior, não tem metade da esperteza e da coragem de um bom cão, e menos de um quarto da ferocidade. Este que fugiu não está acostumado a caçar nem a se alimentar sozinho, e é mais provável que ele esteja aí pelo parque, escondido e tremendo de medo e, se for capaz de pensar, está imaginando onde vai arranjar seu café da manhã. Ou talvez tenha ido um pouco mais longe e se enfiado num porão de carvão. Imagina o susto da cozinheira ao dar com os olhos verdes dele brilhando para ela no escuro! Se ele não conseguir comida, vai ter de procurar sozinho, e pode dar sorte de achar um açougue. Se não encontrar, e uma babá sair para passear com seu soldado, deixando a criança no carrinho... bem, então não vou me surpreender se o censo acusar um bebê a menos. Só isso.

Eu estava prestes a lhe dar o outro meio soberano, quando alguma coisa passou perto da janela, e o rosto do sr. Bilder se transformou de surpresa.

– Deus me perdoe! – exclamou. – Se não é o velho Bersicker voltando sozinho!

O zelador foi até a porta e a abriu, procedimento que me pareceu inteiramente desnecessário. Sempre considerei o animal selvagem mais bonito quando existe um obstáculo intransponível entre nós. Uma experiência pessoal intensificou essa convicção, em vez de diminuí-la.

Mas nada como o costume, afinal, pois Bilder e a esposa não tinham mais consideração pelos lobos do que eu pelos cães. O animal era tão pacífico e bem-comportado como o pai de todos os lobos de livros infantis: o ex-amigo da Chapeuzinho Vermelho quando estava conquistando a confiança da menina.

A cena foi uma perfeita mistura de comédia e paixão. O lobo mau, que durante metade de um dia havia paralisado Londres e deixado todas as crianças da cidade tremendo, estava ali feito um penitente arrependido e foi recebido e acarinhado como uma espécie de filho pródigo lupino. O velho Bilder examinou-o com terna solicitude e, depois de terminar a avaliação do penitente, concluiu:

– Pois aí está, sabia que o velho camarada acabaria arranjando problemas. Eu não disse? Veja, está com a cabeça toda cortada e cheia de cacos de vidro.

Deve ter pulado algum muro. É um absurdo que as pessoas ponham garrafas quebradas no alto dos muros. É isso que acontece. Venha, Bersicker.

O zelador levou o lobo, trancou-o numa jaula com um pedaço de carne que satisfaria, em quantidade, as condições elementares do animal e foi avisar o chefe.

Também fui embora, para relatar com exclusividade a única informação que se tem hoje sobre a estranha fuga do zoológico.

DIÁRIO DO DR. SEWARD

17 de setembro – Após o jantar, eu estava ocupado em meu escritório, colocando em dia minha contabilidade, que, devido à pressão de outros afazeres e às muitas visitas a Lucy, infelizmente estava atrasada. De repente, a porta se escancarou, e meu paciente entrou correndo, com uma expressão desfigurada de paixão. Levei um susto, pois um paciente sozinho invadir o escritório do superintendente é algo praticamente inédito para mim. Veio na minha direção sem hesitar por um instante sequer. Tinha na mão uma faca, e vendo que aquilo era perigoso, tentei manter a escrivaninha entre nós. Mas ele era rápido e forte demais para mim e, antes que eu conseguisse me equilibrar, me atacou e cortou gravemente meu pulso esquerdo. Contudo, antes que conseguisse me ferir de novo, acertei-o com a direita, e ele caiu de costas no chão. Meu pulso sangrava, formando uma pequena poça no tapete. Vi que o paciente não pretendia mais me atacar e tratei de fazer um curativo no pulso, sem deixar de vigiar atentamente a figura prostrada. Quando os enfermeiros entraram, e voltamos nossas atenções para ele, sua atitude me deu náuseas. Estava deitado no chão, lambendo o sangue que havia escorrido de minha ferida feito um cão. Foi imobilizado com facilidade e, para minha surpresa, saiu placidamente com os enfermeiros, repetindo apenas:

– O sangue é a vida! O sangue é a vida![131]

Não posso me dar ao luxo de perder mais sangue no momento. Já perdi demais para meu bem-estar físico ultimamente, e a prolongada tensão causada pela doença de Lucy, com suas fases horríveis, começa a pesar sobre mim. Estou agitado e exausto demais, preciso descansar, descansar, descansar. Felizmente Van Helsing não me chamou, de modo que não terei de me privar de sono. Não conseguiria passar sem dormir esta noite.

TELEGRAMA DO DR. VAN HELSING, DE ANTUÉRPIA, PARA O DR. SEWARD, EM CARFAX (enviado a Carfax, Sussex, pois o condado não foi especificado; entregue com atraso de vinte e duas horas)

17 de setembro

Não deixe de ir a Hillingham esta noite. Se não puder passar a noite inteira, faça visitas frequentes e garanta que as flores estejam no lugar. Muito importante, não falte. Estarei consigo assim que possível, quando chegar.

DIÁRIO DO DR. SEWARD

18 de setembro – Prestes a tomar o trem para Londres. O telegrama de Van Helsing me encheu de desolação. Uma noite inteira perdida, e sei por amarga experiência o que pode acontecer em uma noite. Claro que é possível que esteja tudo bem, mas o que *pode* ter acontecido? Sem dúvida, uma maldição horrível paira sobre nós, para que todo tipo de acidente possível frustre qualquer coisa que tentemos fazer. Vou levar este cilindro comigo para completar o registro no fonógrafo de Lucy.

MEMORANDO DEIXADO POR LUCY WESTENRA

17 de setembro, à noite – Escrevo isto e deixo onde possa ser encontrado, para que ninguém por acaso acabe se complicando por minha causa. Isto é um registro exato do que aconteceu hoje à noite. Sinto que estou morrendo de fraqueza, e mal tenho forças para escrever, mas devo fazê-lo ainda que morra enquanto escrevo.

Fui me deitar como de costume, tomando cuidado para que as flores ficassem no lugar, conforme a orientação do dr. Van Helsing, e logo peguei no sono.

Acordei com o som de asas batendo junto à janela, um fenômeno que havia começado depois do episódio de sonambulismo daquela noite, no penhasco de Whitby, quando Mina me salvou, e que agora entendo muito bem. Não estava

com medo, mas desejei que o dr. Seward estivesse no quarto ao lado – conforme o dr. Van Helsing disse que estaria –, para que pudesse chamá-lo. Tentei pegar no sono, mas não consegui. Então voltei a sentir medo de dormir e decidi ficar acordada. Perversamente, o sono resolveu aparecer quando eu não queria mais. Então, como receava estar sozinha, abri minha porta e perguntei:

– Tem alguém aí?

Ninguém respondeu. Não queria acordar mamãe, por isso fechei a porta de novo. Então, lá fora, entre as sebes, ouvi uma espécie de uivo como o de um cão, só que mais feroz e mais grave. Fui até a janela e olhei para fora, mas não vi nada, exceto um grande morcego, que evidentemente estava batendo suas asas contra a janela. Voltei para a cama, decidida a não dormir. Nesse momento, a porta se abriu e mamãe apareceu. Vendo pelo meu movimento que eu não estava dormindo, ela entrou e sentou ao meu lado. Ainda mais meiga e suave que de costume, ela me falou:

– Fiquei aflita com você, querida, e vim ver se estava tudo bem.

Não quis que minha mãe se resfriasse sentada ali e pedi que viesse dormir comigo, por isso ela entrou sob as cobertas e se deitou ao meu lado. Nem chegou a tirar o penhoar, pois falou que ficaria só um pouquinho e voltaria para a própria cama. Enquanto estava deitada ali, abraçada comigo, o bater e o roçar das asas na janela recomeçou. Mamãe levou um susto, ficou um pouco apavorada e exclamou:

– O que foi isso?

Tentei acalmá-la, o que custou um pouco, e então ela tornou a deitar em silêncio. Mas eu podia ouvir seu pobre coração batendo terrivelmente acelerado. Pouco depois, o uivo soou outra vez na sebe, e, em seguida, algo se chocou contra a janela, espalhando um monte de cacos de vidro pelo chão. A persiana se escancarou com o vento, e, por entre as vidraças quebradas, vi a cabeça de um grande e esguio lobo cinzento. Mamãe berrou apavorada, sentou-se com dificuldade e tateou desesperada em busca de algo com que se proteger. Entre outras coisas, agarrou a guirlanda que o dr. Van Helsing insistira que eu usasse no pescoço e a arrancou de mim. Permaneceu sentada por um ou dois segundos, apontando para o lobo e fazendo um som gutural, estranho e horrível. Então caiu para trás, como que atingida por um raio; sua cabeça bateu na minha testa, me deixando tonta por um momento. O quarto, e tudo o mais, parecia girar. Continuei olhando fixamente para a janela, mas o lobo havia se afastado, e milhares de pequenas manchas esvoaçaram pela

janela quebrada e ficaram rodopiando em espirais[132] como a coluna de poeira que os viajantes descrevem quando sopra o simum no deserto.[133] Tentei me mexer, mas estava como que enfeitiçada. O corpo da pobre mamãe, que já parecia estar frio, pois seu coração havia parado de bater, pesava sobre mim, e me esqueci de tudo por um momento.

O tempo que transcorreu até que eu recuperasse a consciência não pareceu longo, mas foi horrível, muito mesmo. Não longe dali, soava um sino. Todos os cães das redondezas uivavam, e na sebe, ali fora, gorjeava um rouxinol. Fiquei confusa e perplexa de aflição, terror e fraqueza, mas o canto do pássaro parecia a voz de minha mãe morta voltando para me consolar. O barulho deve ter acordado as criadas, pois escutei seus pés descalços se aproximando de minha porta. Chamei-as, elas entraram e, quando viram o que havia acontecido e o que jazia sobre a minha cama, gritaram. O vento invadiu o quarto pela janela quebrada, e a porta bateu. Depois que me levantei, elas ergueram o corpo de minha querida mãe, deitaram-na sobre a cama e a cobriram com um lençol. Estavam tão apavoradas e nervosas que mandei que fossem até a sala de jantar e bebessem uma taça de vinho cada uma. A porta se abriu, escancarada por um instante, e depois tornou a bater. As criadas berraram e saíram juntas para a sala de jantar, e depositei as flores de alho que ainda tinha comigo sobre o peito de minha querida mãe. Enquanto elas ainda estavam na sala, lembrei da recomendação do dr. Van Helsing, mas não quis mexer nas flores, e, além do mais, teria algumas criadas para passar a noite comigo. Estranhei a demora delas em voltar para o quarto. Chamei-as, ninguém respondeu, então fui procurá-las na sala.

Meu coração quase parou quando vi o que havia acontecido. As quatro jaziam inconscientes no chão, arquejantes. A garrafa de xerez estava na mesa, pela metade, mas havia um estranho cheiro acre no ar. Desconfiada, examinei a garrafa. Era cheiro de láudano,[134] e, olhando para o aparador, vi que o frasco que o médico receitara para a mamãe – oh! e que ela não usará mais – estava vazio. O que vou fazer? O que vou fazer? Voltei para o quarto, para junto de minha mãe. Não posso abandoná-la, estou sozinha, exceto pelas criadas desacordadas, que alguém drogou. Sozinha com as mortas! Não ouso sair, pois escuto o uivo grave do lobo através da janela quebrada.

O ar parece cheio de manchas flutuantes, rodopiando no vão da janela, e as luzes ardem azuis e fracas. O que vou fazer? Deus me proteja dos perigos desta noite! Guardarei este papel junto ao peito, onde encontrarão quando vierem me acudir. Morreu minha mãe querida! Está chegando a minha hora

também. Adeus, querido Arthur, se eu não passar desta noite. Fique com Deus, meu amado, e que o Senhor me ajude!

---

127. Lucy se refere à cena do enterro de Ofélia, em *Hamlet* (Ato V, Cena 1), quando o padre diz: "*Yet here she is allow'd her virgin crants,/ Her maiden strewments, and the bringing home/ Of bell and burial*" ("Contudo lhe foram concedidas grinaldas de virgem,/ Braçadas de flores brancas e tímpanos e séquito/ Acompanhando-a à última morada", na tradução de Millôr Fernandes).

128. Jornal vespertino de Londres, fundado em 1865. Em 1883, foi convertido em "jornal de um *penny*", de apelo popular, e passou a ser editado por W.T. Stead, o qual publicou uma série de reportagens sobre abusos e prostituição infantil que contribuiu para a elevação da idade mínima para o consentimento sexual de 13 para 15 anos no Reino Unido.

129. Um valor altíssimo para a época.

130. Charles Jamrach (1815-91) foi um negociante de animais e naturalista amador, colecionador de "curiosidades orientais", as quais fornecia para zoológicos particulares e circos; sua loja em Ratcliffe Highway, leste de Londres, era a maior do mundo nesse gênero. Em 1857, um de seus tigres de bengala escapou e Jamrach salvou um menino de ser devorado.

131. Deuteronômio 12:23.

132. Alusão à coluna de nuvens que está em Êxodo 13:21 ("E o Senhor ia adiante deles, de dia numa coluna de nuvens para os guiar pelo caminho, e de noite numa coluna de fogo para os alumiar, a fim de que caminhassem de dia e de noite"), citado textualmente mais adiante. Para mais sobre a imagem da materialização do vampiro, ver a Apresentação a este volume.

133. Ou samiel, vento quente que sopra do centro da África em direção ao norte.

134. Tintura marrom-avermelhada de ópio dissolvido em álcool, que contém morfina e codeína, entre outros sedativos. Usada contra cólicas menstruais na era vitoriana, além de analgésico e sonífero, tornou-se uma droga popular, pois era mais barata que uma garrafa de vinho ou de gim.

CAPÍTULO 12

DIÁRIO DO DR. SEWARD

18 de setembro – Tomei uma carruagem e fui direto para Hillingham, onde cheguei cedo. Pedi que o cocheiro me aguardasse no portão e subi a pé o caminho até a entrada. Bati de leve à porta e toquei a sineta o mais discretamente que pude, na esperança de que uma criada viesse me receber, pois receava perturbar Lucy ou a mãe. Após algum tempo, como ninguém apareceu, bati e toquei a sineta de novo, e nada. Amaldiçoando a preguiça das criadas por ainda estarem dormindo àquela hora – afinal, já eram dez da manhã –, bati e toquei outra vez, só que mais impaciente, mas ainda assim ninguém apareceu. Até então, só havia culpado as criadas, mas naquele momento um medo terrível começou a me dominar. Seria aquela desolação outro elo da cadeia do destino que parecia cada vez mais apertada à nossa volta? Estariam todas mortas naquela casa aonde eu chegara tarde demais? Sabia que os minutos de atraso, segundos até, poderiam significar horas de risco para Lucy, caso ela tivesse sofrido outra daquelas recaídas assustadoras, e dei a volta na casa para ver se havia outra entrada.

Não encontrei. Todas as janelas e portas estavam fechadas e trancadas, e voltei derrotado ao pórtico de entrada. Nesse instante, ouvi o patear de cascos de uma carruagem chegando em velocidade. Pararam junto ao portão, e, segundos depois, encontrei Van Helsing subindo o caminho da entrada. Quando me viu, disse ofegante:

– Então é você, e pelo visto acabou de chegar. Como ela está? É tarde demais? Não recebeu meu telegrama?

Respondi o mais depressa e da forma mais coerente que consegui que só recebera o telegrama naquela manhã e que havia chegado naquele minuto e até então não conseguira me fazer ouvir por ninguém na casa. O professor parou e ergueu o chapéu, anunciando solenemente:

– Então receio que tenhamos chegado tarde demais. Seja o que Deus quiser! – Com sua energia de sempre recuperada, prosseguiu: – Vamos. Se não há entrada, talvez precisemos criar uma. Agora tempo é tudo para nós.

Contornamos a casa até os fundos, onde havia uma janela na cozinha. O professor tirou uma pequena serra cirúrgica da maleta e, passando-a para mim, apontou as barras de ferro que protegiam a janela. Comecei a serrar e logo consegui cortar três barras. Em seguida, com uma faca comprida e fina, empurramos o trinco e abrimos a janela. Ajudei o professor a entrar e o segui para dentro da casa. Não havia ninguém na cozinha nem nos aposentos das criadas, que ficavam logo ao lado. Procuramos em todos os cômodos à medida que íamos avançando, e, na sala de jantar, iluminada apenas pelos raios de luz das frestas da janela, encontramos as quatro criadas deitadas no chão. Sequer cogitamos que estivessem mortas, pois sua respiração pesada e o cheiro acre de láudano na sala não deixavam dúvidas sobre o que lhes havia acontecido. Van Helsing e eu nos entreolhamos, e, enquanto saíamos da sala, ele disse:

– Podemos cuidar delas depois.

Em seguida, subimos para o quarto de Lucy. Por alguns instantes, paramos junto à porta para escutar, mas não ouvimos som algum. Com os rostos pálidos e as mãos trêmulas, abrimos delicadamente a porta e entramos no quarto.

Como descrever o que vimos? Na cama, jaziam duas mulheres, Lucy e a mãe. A mãe, deitada no centro da cama, estava coberta por um lençol branco, cuja ponta havia sido virada pelo vento que entrava pela janela quebrada, revelando o rosto exangue e branco, cristalizado numa expressão de terror. Ao lado dela, estava Lucy, com o rosto ainda mais pálido e sem sangue que o da outra. As flores de alho, que antes envolviam seu pescoço, repousavam sobre o peito da mãe, e a garganta estava descoberta, exibindo as duas feridas que já havíamos notado antes, mas horrivelmente brancas e desfiguradas. Sem dizer palavra, o professor se inclinou sobre o leito, com a cabeça quase tocando o peito da pobre Lucy. Então, como se ouvisse alguma coisa, virou o rosto depressa, pôs-se de pé e exclamou:

– Não é tarde demais! Depressa! Depressa! Busque o conhaque!

Desci as escadas voando e voltei com o conhaque, tomando o cuidado de antes sentir o cheiro e o gosto, para ver se não estava intoxicado como a garrafa de xerez que encontrei sobre o aparador. As criadas ainda respiravam, porém mais depressa, e imaginei que o efeito do narcótico deveria estar passando. Não esperei para ter certeza, mas voltei até Van Helsing. Como da outra vez, ele esfregou o conhaque nos lábios, nas gengivas, nos punhos e nas

palmas das mãos dela. Por fim, anunciou:

– É tudo o que posso fazer no momento. Vá acordar as criadas. Esfregue o rosto delas com uma toalha molhada. Peça que aqueçam água, acendam o fogo e preparem um banho quente. Esta pobre alma está quase tão fria quanto a outra a seu lado. Vai precisar ser aquecida antes de qualquer coisa.

Saí na mesma hora e não tive dificuldade em acordar três das criadas. A quarta era apenas uma garotinha, e a droga evidentemente a afetara mais, de modo que a deitei no sofá e deixei que dormisse. As outras se mostraram confusas a princípio, mas conforme a memória foi voltando, começaram a gritar e a soluçar histericamente. Fui duro com elas, contudo, e não as deixei falar. Disse que a perda de uma vida já havia sido o bastante, e que se elas demorassem, iriam sacrificar a srta. Lucy. Então, entre lágrimas e soluços, puseram-se a trabalhar, semivestidas como estavam, e prepararam o fogo e a água. Por sorte, o fogo da cozinha e dos aquecedores ainda estava aceso, e havia bastante água quente. Arranjamos uma banheira, pegamos Lucy nos braços e a colocamos dentro. Enquanto esfregávamos seus braços e pernas, ouvimos batidas à porta. Uma das criadas saiu às pressas, recompôs-se e foi atender. Então voltou e sussurrou que havia um cavalheiro à porta com uma mensagem do sr. Holmwood. Pedi que o avisasse que iria precisar esperar, pois não poderíamos receber ninguém naquele momento. Ela desceu com o recado, e, absorto em nosso trabalho, esqueci-me completamente dele.

Nunca vi em toda a minha experiência o professor trabalhar com seriedade mais fatalista. Sabia – e ele também – que se tratava de uma luta ferrenha contra a morte e, durante uma pausa, comentei isso com ele. Van Helsing me respondeu enigmático, com a expressão mais grave que seu semblante poderia conter:

– Se fosse esse o caso, eu pararia agora no ponto em que estamos e a deixaria ir embora em paz, pois não vejo luz nem esperança de vida para ela.

Retomou o trabalho com vigor renovado e ainda mais frenético, se é que isso é possível.

Logo percebemos que o calor começava a surtir algum efeito. O coração de Lucy estava um pouco mais audível ao estetoscópio, e o movimento de seus pulmões passou a ser perceptível. O rosto de Van Helsing se iluminou, e, quando a retiramos da banheira e a enrolamos em um lençol quente, ele comemorou:

– Vencemos a primeira batalha! O rei está em xeque!

Levamos Lucy para outro quarto, que já estava preparado, a deitamos na cama e forçamos algumas gotas de conhaque em sua garganta. Reparei que Van Helsing atara um delicado lenço de seda em seu pescoço. Ela ainda estava inconsciente e muito mal, talvez no pior estado que jamais presenciáramos.

Van Helsing chamou uma das criadas e pediu que ficasse no quarto e não tirasse os olhos dela até que voltássemos, em seguida retirou-se comigo.

– Precisamos conversar sobre o que vamos fazer agora – disse, enquanto descíamos a escada.

No saguão, abriu a porta da sala de jantar, entramos, e ele fechou cuidadosamente a porta atrás de si. A janela estava aberta, mas a cortina permanecia fechada, em observância ao luto que as mulheres inglesas das classes inferiores respeitam rigidamente. A sala, portanto, estava na penumbra. Mas havia luz suficiente para nossos propósitos. A gravidade do semblante de Van Helsing era de alguma forma atenuada por uma expressão de perplexidade. Estava claro que algo lhe torturava a mente, então esperei um instante, e ele falou primeiro.

– O que vamos fazer? A quem podemos recorrer? Vamos precisar de outra transfusão de sangue, e depressa, ou a vida da pobrezinha não vai durar uma hora mais. Você já está exausto. Eu também. Receio confiar nas criadas, mesmo que tivessem coragem de doar. O que vamos fazer por aquele que abriria as próprias veias por ela?

– Mas afinal qual é o problema que vocês têm comigo?

A pergunta veio do sofá do outro lado do cômodo, e o timbre trouxe alívio e alegria ao meu coração, pois era a voz de Quincey Morris. Van Helsing reagiu com irritação ao ouvi-lo, mas sua expressão se atenuou, e ele pareceu contente ao me ouvir exclamar, enquanto corria na direção dele com as mãos estendidas:

– Quincey Morris! O que o traz aqui? – perguntei, quando nos cumprimentamos.

– Creio que Art seja o motivo.

Ele me entregou um telegrama:

Há três dias Seward não se comunica, estou terrivelmente angustiado. Não posso sair. Papai ainda mal. Mande notícias de Lucy. Não demore.

Holmwood

– Acho que cheguei bem na hora. Só me digam o que fazer.

Van Helsing se aproximou, pegou a mão dele e, olhando bem em seus olhos, afirmou:

– O sangue de um homem corajoso é a melhor coisa do mundo quando uma mulher está em perigo. O senhor é um homem, sem dúvida. Bem, o diabo trabalha contra nós, mas Deus nos envia auxílio quando mais precisamos.

Mais uma vez procedemos à macabra operação. Não tenho coragem de repassar todos os detalhes. Lucy sofrera um choque terrível e os efeitos foram mais graves do que antes, pois mesmo com uma grande quantidade de sangue entrando nas veias, seu corpo não reagiu ao tratamento tão bem quanto nas outras ocasiões. O esforço que fazia para voltar à vida foi algo pavoroso de ver e de ouvir. Contudo, a atividade do coração e dos pulmões melhorou, Van Helsing lhe deu uma injeção subcutânea de morfina, como antes, e o efeito foi bom. A inconsciência se tornou um sono profundo. O professor ficou ao lado dela, enquanto desci com Quincey Morris e mandei uma das criadas pagar o cocheiro que estava aguardando. Dei uma taça de vinho para Quincey e o deixei descansando, então disse à cozinheira que preparasse um bom desjejum. Em seguida, ocorreu-me um pensamento, e voltei para o quarto em que Lucy estava agora. Entrei em silêncio e encontrei Van Helsing segurando algumas folhas de papel. Por sua postura, sentado e com uma das mãos junto à testa, percebi que havia lido o conteúdo das folhas e estava refletindo a seu respeito. Havia um olhar de satisfação sombria em seu rosto, como o de alguém que teve uma dúvida resolvida. Por fim, estendeu-me o papel, dizendo apenas:

– Isto caiu do colo de Lucy quando a levamos para a banheira.

Quando terminei de ler, encarei o professor e, depois de uma pausa, perguntei:

– Pelo amor de Deus, o que isso quer dizer? Ela estava, ou está, louca? Ou que perigo horrível será este?

Fiquei tão perplexo que não sabia mais o que dizer. Van Helsing pegou de volta o papel e ponderou:

– Não se preocupe com isso agora. Concentre-se no presente. Quando for a hora, você saberá e entenderá tudo, mas não por enquanto. O que você veio me dizer?

Isso me trouxe de volta aos fatos e ao meu estado de antes.

– Vim falar sobre a certidão de óbito. Se não agirmos corretamente e com

prudência, pode haver um inquérito, e vamos ter de mostrar esse papel. Espero que não haja necessidade de uma investigação, pois, se houver, isso certamente mataria a pobre Lucy, se ela não morrer antes. Eu sei, o senhor sabe, e o outro médico que cuidava da sra. Westenra sabe que ela sofria de uma doença cardíaca, e podemos provar que morreu disso. Vamos expedir a certidão logo, e eu mesmo a levarei para o cartório e de lá para o agente funerário.

– Muito bem, oh, meu amigo John! Bem pensado! Decerto a srta. Lucy, se está triste pelos inimigos que a afligem, pelo menos pode ficar feliz pelos amigos que a amam. Um, dois, três, todos abriram suas veias por ela, além deste velho aqui. Ah, sim, eu percebi, amigo John. Não sou cego! Gosto ainda mais de vocês todos por isso! Agora, pode ir.

No saguão, encontrei Quincey Morris com um telegrama para Arthur no qual explicava que a sra. Westenra havia morrido, que Lucy estava mal, mas que agora estava melhorando, e que Van Helsing e eu estávamos com ela. Expliquei-lhe aonde ia, e ele me apressou, mas quando já estava de saída, perguntou:

– Será que podemos trocar duas palavras sozinhos quando você voltar, Jack?

Assenti em resposta e parti. Não houve problemas no cartório, e combinei que o agente funerário do bairro viesse à noite tirar as medidas para o caixão e acertar os detalhes do enterro.

Quando voltei Quincey estava me esperando. Disse que falaria com ele assim que soubesse como Lucy estava e subi até o quarto dela. Ainda dormia, e o professor parecia não ter saído de sua cabeceira. Ele levou o indicador aos lábios, e entendi que esperava que ela acordasse a qualquer momento e receava apressar a natureza. Então desci para falar com Quincey e o levei para a copa, que, por estar com as cortinas abertas, me pareceu um lugar mais alegre, ou menos soturno, do que os outros cômodos da casa. Quando estávamos a sós, ele me disse:

– Jack Seward, não quero me meter onde não sou chamado, mas não se trata de uma situação comum. Você sabe que eu adoro essa garota e quis me casar com ela, mas embora isso tudo seja passado, não consigo evitar de me sentir angustiado da mesma forma. O que está acontecendo com ela afinal? Esse holandês… e vi que é um sujeito simpático, seu velho amigo… disse, quando vocês estavam na sala de jantar, que precisavam fazer *outra* transfusão de sangue, e que vocês dois estavam exaustos. Ora, sei que médicos

conversam em segredo, e que ninguém pode querer saber o que dizem em particular. Mas, seja o que for, não se trata de uma situação comum, e eu fiz a minha parte. Não fiz?

– Fez – concordei, e ele continuou:

– Suponho que você e Van Helsing já fizeram o que fiz hoje. Não fizeram?

– Fizemos.

– E imagino que Art também. Quando o encontrei há quatro dias, na casa dele, estava estranho. Nunca vi nada assim acontecer tão depressa desde uma vez em que estava nos Pampas e tinha uma égua de que eu gostava muito e que bateu as botas da noite para o dia. Um daqueles morcegos grandes que eles chamam de vampiro[135] atacou minha égua à noite, e com o que bebeu e a veia deixada aberta, pela manhã, não havia sangue suficiente para fazer com que ela se levantasse nas quatro patas, e precisei meter uma bala em sua cabeça. Jack, se você puder me contar sem trair a confiança de alguém, me diga: Arthur foi o primeiro a doar sangue, não foi?

Enquanto falava, o pobre sujeito parecia terrivelmente aflito. Torturado pelo suspense em relação à mulher que amava, sua total ignorância do terrível mistério que a envolvia só intensificava a dor que sentia. Seu coração sangrava, e precisou de toda a sua virilidade, e não era pouca, para não desabar. Fiz uma pausa antes de responder, pois não queria trair o que o professor desejava manter em segredo. Mas Quincey já sabia de tantas coisas e intuíra tantas outras, que não havia motivo para não responder, portanto o fiz de forma sucinta.

– Foi.

– E quando isso começou?

– Há cerca de dez dias.

– Dez dias! Então, Jack Seward, imagino que a pobre e linda criatura que todos adoramos recebeu em suas veias o sangue de quatro homens fortes. Rapaz, nem caberia tanto sangue no corpo dela. – Então, aproximando-se de mim, acrescentou com um sussurro feroz: – Como esse sangue todo saiu?

Balancei a cabeça.

– Eis o xis do problema – respondi. – Van Helsing está simplesmente desesperado, e eu não sei o que pensar. Não consigo nem arriscar uma suposição. Uma série de pequenas circunstâncias jogou por terra todos os nossos cálculos de que Lucy estaria sendo vigiada adequadamente. Mas isso não acontecerá de novo. Aqui ficaremos até que tudo esteja bem, ou mal.

Quincey estendeu a mão.

– Conte comigo – afirmou. – Você e o holandês só precisam me dizer o que fazer, e eu farei.

Quando Lucy acordou, no meio da tarde, seu primeiro movimento foi apalpar o colo e, para minha surpresa, tirar o papel que Van Helsing me dera para ler. O cuidadoso professor o havia recolocado no lugar, para que, ao despertar, ela não ficasse preocupada. Seus olhos se iluminaram e se alegraram ao nos ver. Em seguida, percorreram o quarto, e, reparando onde estava, ela estremeceu, gritou e cobriu o rosto pálido com as mãos finas. Ambos entendemos que havia se dado conta da morte da mãe. Então fizemos o que podíamos para consolá-la. Sem dúvida, a solidariedade lhe diminuiu um pouco a dor, mas Lucy estava muito triste e debilitada, e chorou calada, fraca, por um longo tempo. Dissemos que um de nós ou os dois ficaríamos com ela o tempo todo, e isso pareceu consolá-la. Ao cair da noite, ela adormeceu. Foi então que uma coisa estranha aconteceu. Enquanto dormia, tirou do colo o papel e o rasgou. Van Helsing se aproximou e pegou os pedaços de sua mão. Mesmo assim, ela continuou o movimento de rasgá-los, como se ainda os segurasse; por fim, estendeu as mãos e as abriu como se para espalhar os fragmentos. Van Helsing pareceu surpreso, e suas sobrancelhas se juntaram como que movidas por um pensamento, que guardou para si.

19 de setembro – Lucy dormiu intermitentemente a noite inteira, sempre temerosa de adormecer, e despertou um tanto mais fraca. O professor e eu nos revezamos na vigília e não a deixamos desatendida um momento sequer. Quincey Morris não comentou suas intenções, mas eu sabia que passara a noite patrulhando à volta da casa.

Quando raiou o dia, a inclemente luz do sol revelou os estragos sofridos pela saúde da pobre Lucy. Ela mal conseguiu virar a cabeça, e o pouco alimento que foi capaz de ingerir não pareceu lhe fazer bem. Às vezes dormia, e tanto Van Helsing quanto eu reparamos na diferença entre o sono e a vigília. Durante o sono, Lucy parecia mais forte, embora abatida, e sua respiração se mostrava mais suave. A boca entreaberta exibia gengivas pálidas e retraídas, revelando mais os dentes, que pareciam definitivamente mais compridos e afiados que de costume. Ao acordar, a suavidade dos olhos evidentemente alterava sua expressão, pois ela parecia voltar a ser a mesma de antes, só que moribunda. À tarde, perguntou por Arthur, e enviamos um telegrama pedindo que viesse. Quincey foi buscá-lo na estação.

Quando Arthur chegou, já eram quase seis da tarde, e o sol estava forte e quente, a luz vermelha infiltrando-se pela janela e dando mais cor às faces pálidas de Lucy. Ao ver a noiva, Arthur ficou mudo de emoção, e ninguém conseguiu falar. Nas horas que se passaram, os períodos de sono – ou melhor, o estado comatoso em que ela mergulhava – tornaram-se mais frequentes, de modo que os momentos em que era possível conversar foram ficando reduzidos. A presença de Arthur, contudo, pareceu funcionar como um estimulante. Lucy se recuperou um pouco e falou com ele com mais entusiasmo do que demonstrara desde que havíamos chegado. Ele também se controlou, e conversou com ela o mais animadamente que conseguiu, para que tirassem o melhor proveito da situação.

Agora já é quase uma hora da manhã, e ele e Van Helsing estão sentados junto ao leito a velar seu sono. Devo rendê-los daqui a quinze minutos e registro isto no fonógrafo de Lucy. Eles tentarão descansar até as seis horas. Receio que amanhã nossa vigília chegue ao fim, pois o choque foi grande demais. A pobrezinha não está conseguindo mais reagir. Deus nos ajude.

CARTA DE MINA HARKER PARA LUCY WESTENRA
(jamais lida pela destinatária)

17 de setembro

Minha queridíssima Lucy,
Tenho a impressão de que não recebo notícias suas há *séculos*, ou pelo menos desde a última vez em que lhe escrevi. Sei que você vai me perdoar quando ler todas as minhas novidades. Bem, consegui trazer meu marido de volta. Quando chegamos a Exeter, havia uma carruagem esperando por nós, e dentro dela, mesmo sofrendo de gota, o sr. Hawkins. Ele nos levou para a casa dele, onde nos instalou em cômodos simpáticos e confortáveis, e jantamos juntos. Depois da refeição, o sr. Hawkins anunciou:

– Meus caros, quero brindar à sua saúde e prosperidade, e que todas as bênçãos recaiam sobre vocês. Conheço-os desde crianças, e vi, com amor e orgulho, ambos se tornarem adultos. Agora quero que façam o lar de vocês aqui comigo. Não tenho mais mulher, nem filho. A vida acabou para mim, e em meu testamento deixarei tudo para vocês.

Chorei, querida Lucy, quando Jonathan e o querido velhinho apertaram as mãos. Foi uma noite muito, muito feliz.

Então estamos aqui, instalados nesta bela casa antiga, e tanto do meu quarto quanto da sala de estar posso ver os imensos olmos da alameda da catedral, com seus grandes galhos negros destacados contra as pedras amareladas e antigas da catedral, e ouço a gritaria das gralhas, crocitando lá no alto, tagarelando o dia inteiro, como fazem as gralhas – e as pessoas. Estou ocupada, nem preciso lhe dizer, arrumando nossas coisas e cuidando da casa. Jonathan e o sr. Hawkins trabalham o dia inteiro, pois agora que Jonathan virou sócio, o sr. Hawkins precisa passar para ele tudo o que sabe sobre os clientes.

Como vai sua querida mãe? Queria passar pela cidade um ou dois dias para vê-la, mas agora não posso, com tantas responsabilidades, e Jonathan ainda inspira cuidados. Ele começou a ganhar peso de novo, mas estava terrivelmente fraco depois do longo padecimento. Até hoje, por vezes, se agita no sono e acorda de repente, todo trêmulo, até que eu o acalme e ele volte à habitual placidez. Seja como for, graças a Deus, com o passar dos dias essas ocasiões têm ficado menos frequentes, e espero que com o tempo desapareçam de vez. Agora que lhe contei todas as minhas novidades, quero saber de você. Quando vai se casar, onde e quem fará a cerimônia, o que você vai vestir, vai ser um casamento público ou privado? Conte-me tudo, querida, conte-me tudo sobre tudo, pois não há nada que seja do seu interesse que não seja importante para mim também. Jonathan pediu que lhe mandasse os seus "respeitos", mas não acho que seja o suficiente de um sócio-júnior da importante firma Hawkins & Harker. Assim sendo, como você me adora, e ele a adora, e eu a adoro com todas as flexões do verbo adorar, envio da parte dele simplesmente "amor" em vez de respeitos. Adeus, queridíssima Lucy, e todas as bênçãos.

Da sua amiga,

Mina Harker

RELATÓRIO DE PATRICK HENNESSEY, DOUTOR EM MEDICINA, MEMBRO DO COLÉGIO REAL DE CIRURGIÕES, LICENCIADO PELO COLÉGIO DE MÉDICOS DO REI E DA RAINHA, NA IRLANDA, ETC. ETC. PARA JOHN SEWARD, DOUTOR EM MEDICINA

20 de setembro

Prezado senhor,
Segundo sua solicitação, anexo relatório sobre a situação do caso deixado ao meu encargo. Com relação ao paciente Renfield, existem mais desenvolvimentos a relatar. Ele teve outro surto, que poderia ter terminado pior, mas que, por sorte, não teve resultados desagradáveis. Esta tarde, uma carroça com dois homens chegou à casa abandonada cujo terreno é vizinho ao nosso, e para a qual, o senhor há de se lembrar, o paciente fugiu duas vezes. Os homens pararam junto à nossa entrada para confirmar o endereço com o porteiro, pois eram ambos forasteiros. Eu mesmo estava olhando pela janela do escritório, fumando depois do jantar, e vi um deles se aproximar da casa. Ao passar pela janela do quarto de Renfield, o paciente começou a xingá-lo, chamando-o de todos os piores nomes que sabia. O rapaz, que parecia um sujeito decente, contentou-se em mandá-lo "calar aquela boca suja de mendigo", ao que nosso paciente acusou-o de roubo e de ter vindo aqui para assassiná-lo, e disse que não iria se entregar sem lutar, caso o outro quisesse correr aquele risco. Abri a janela e fiz sinal para que o sujeito não desse importância, ele então avaliou o lugar e entendeu o que funcionava aqui, dizendo:

– Deus me perdoe, senhor, não vou me incomodar com o que um louco internado me diz. Tenho pena do senhor e do meu patrão que precisam viver perto de um bicho selvagem desses.

Em seguida, perguntou bastante polidamente o caminho, e expliquei onde ficava o portão da casa abandonada. Ele foi embora ainda sob ameaças e xingamentos do nosso paciente. Desci para ver o que havia despertado aquela raiva toda, uma vez que Renfield costuma ser um sujeito educado, e, com exceção de seus surtos violentos, nada do gênero havia ocorrido antes. Para meu espanto, encontrei-o comportado e simpático. Tentei fazê-lo falar sobre o incidente, mas o paciente me perguntou serenamente do que eu estava falando e me fez crer que não se lembrava do caso. Lamento dizer que isso foi apenas outra prova de sua astúcia, pois meia hora depois tive mais notícias dele. Dessa vez, havia fugido pela janela do quarto e estava correndo pela alameda. Chamei os enfermeiros e corri atrás dele, pois temia que estivesse com más intenções. Quando vi a mesma carroça que havia descido a rua mais cedo, trazendo pesadas caixas de madeira, meu medo se justificou. Os homens enxugavam o suor da testa, as faces vermelhas como após um grande esforço.

Antes que eu o alcançasse, o paciente os abordou e, puxando um deles para fora da carroça, começou a bater sua cabeça contra o chão. Se eu não o tivesse detido naquele momento, acredito que teria matado o homem ali mesmo. Seu colega desceu da carroça e o acertou na cabeça com o cabo de seu pesado chicote. Foi um golpe horrível, mas Renfield não pareceu dar importância e o agarrou também, passando a lutar contra nós três, empurrando-nos para os lados como se fôssemos três filhotes de gato. O senhor sabe que não sou nenhum peso-pena, e os outros também eram parrudos. A princípio, Renfield lutou calado, mas conforme conseguimos dominá-lo, e os enfermeiros lhe puseram a camisa de força, começou a gritar:

– Não vão conseguir me dominar! Não vão me roubar! Não vão me matar! Vou lutar por meu Mestre e Senhor! – e todo tipo de semelhantes delírios incoerentes.

Foi com considerável dificuldade que conseguiram trazê-lo de volta para casa e trancá-lo na cela acolchoada. Um dos enfermeiros, Hardy, teve um dedo quebrado. Mas já o atendi e ele passa bem.

A princípio, os dois carregadores fizeram alarde sobre um processo por perdas e danos, e juraram que nos levariam à justiça. As ameaças, no entanto, vieram acompanhadas de uma desculpa indireta para o fato de terem sido ambos derrotados por um louco frágil. Disseram que se não estivessem cansados de carregar aquelas caixas pesadas para cima da carroça não teriam tido nenhum trabalho com o doente. Alegaram ainda como motivo para a derrota a natureza árida de sua ocupação e a imperdoável distância que estavam de um local de diversão pública. Entendi onde queriam chegar com aquilo, e, depois de um trago de um grogue forte cada um, ou talvez um pouco mais, e uma libra em cada bolso, eles relevaram a agressão, disseram que havia loucos piores e que voltariam qualquer dia, só pelo prazer de encontrar um sujeito tão bom quanto este que lhe escreve. Anotei seus nomes e endereços, caso seja necessário. São eles: Jack Smollet, de Dudding's Rents, King George's Road, em Great Walworth, e Thomas Snelling, de Peter Farley's Row, Guide Court, em Bethnal Green.[136] Ambos são empregados de Harris & Sons, Companhia de Transporte e Mudança, estabelecida em Orange Master's Yard, no Soho.

Voltarei a escrever para informá-lo de qualquer assunto de interesse que ocorra por aqui e enviarei telegrama caso aconteça algo importante.

Creia-me, caro senhor,

Às suas ordens,

Patrick Hennessey

CARTA DE MINA HARKER PARA LUCY WESTENRA
(jamais lida pela destinatária)

18 de setembro

Minha queridíssima Lucy,
Sofremos um triste golpe. O sr. Hawkins morreu muito subitamente. Algumas pessoas poderiam supor que não se trata de algo tão triste para nós, mas acabamos criando tanto amor por ele que foi como se perdêssemos um pai. Nunca tive pai nem mãe, de modo que a morte do querido velhinho foi de fato um golpe para mim. Jonathan está muito arrasado. Não só pela tristeza profunda, pois o bom e querido homem foi seu amigo a vida inteira e agora, no final, o tratava como um filho e lhe deixou uma fortuna que, para pessoas de origem modesta como nós, é uma riqueza além de qualquer sonho de avareza, mas Jonathan sente também por outros motivos. Ele diz que a responsabilidade sobre seus ombros agora o deixa nervoso. Começou a duvidar da própria capacidade. Estou tentando animá-lo, e a minha fé *nele* o ajuda a ter fé em si mesmo. Mas esse foi o pior efeito do grave choque pelo qual passou. Oh, é muito duro que uma natureza meiga, singela, nobre e forte como a de Jonathan – uma natureza que permitiu que ele, com a ajuda de nosso bom amigo, subisse de funcionário a proprietário em poucos anos – possa ter sido tão abalada que a própria essência de sua força tenha ido embora. Perdoe-me, minha querida, se venho incomodá-la com meus problemas em meio à sua felicidade, mas, minha adorada Lucy, precisava contar para alguém, pois o esforço de manter uma aparência corajosa e entusiasmada aos olhos de Jonathan é um desafio para mim, e não tenho ninguém mais a quem me confessar. Temo voltar a Londres, o que devemos fazer depois de amanhã, pois o pobre sr. Hawkins deixou em testamento o desejo de ser enterrado ao lado do pai. Como ele não tem nenhum outro parente, Jonathan conduzirá a cerimônia. Tentarei passar correndo para vê-la, querida, ainda que por poucos minutos. Perdoe o incômodo.

Com todas as bênçãos,
De quem a adora,

Mina Harker

DIÁRIO DO DR. SEWARD

20 de setembro – Apenas a determinação e o costume me fazem registrar isto hoje à noite. Estou tão angustiado, desanimado, cansado do mundo e de tudo o que existe, inclusive da própria vida em si, que não me importaria se ouvisse neste momento o bater das asas do anjo da morte. E ele vem batendo essas asas soturnas com força ultimamente, a mãe de Lucy e o pai de Arthur, e agora… Volto ao meu registro.

Rendi Van Helsing da vigília de Lucy. Queríamos que Arthur fosse descansar também, mas ele se recusou a princípio. Só quando argumentei que precisaríamos da ajuda dele ao longo do dia, e que, pelo bem de Lucy, não poderíamos todos sucumbir ao cansaço, ele concordou em se deitar. Van Helsing foi muito gentil.

– Venha, meu filho – disse. – Venha comigo. Você está enfermo, fraco e sofreu muitas tristezas e dores mentais, além do que foi descontado de suas forças, como bem sabemos. Não deve ficar sozinho, pois estar sozinho agora é ser dominado pelo medo e pela inquietação. Vamos para a sala de estar, junto àquela grande lareira, onde há dois sofás. Você vai se deitar em um, e eu, no outro, e nossa solidariedade vai nos consolar, mesmo que sem palavras, e mesmo que peguemos no sono.

Arthur foi com o professor, olhando uma última vez para o rosto de Lucy, sobre o travesseiro, quase tão branco quanto a roupa de cama. A jovem estava praticamente imóvel, e esquadrinhei o quarto para confirmar que estava tudo em ordem. Pude notar que o professor procedera neste quarto da mesma forma que no outro, valendo-se do alho. A janela recendia a alho, e em volta do pescoço de Lucy, por sobre o lenço de seda que Van Helsing a obrigara a usar, havia toda uma réstia das mesmas flores odoríferas. Lucy respirava com estertores, e seu rosto estava pior do que nunca, a boca aberta exibindo as gengivas pálidas. Na penumbra, sob aquela luz imprecisa, seus dentes pareciam mais compridos e pontiagudos do que pela manhã. Especialmente os caninos, que, por algum truque da iluminação, pareciam maiores e mais afiados do que os demais. Sentei-me junto ao leito, e ela se remexeu inquieta. No mesmo momento, ouvi uma espécie de bater de asas abafado ou pancadas

na janela. Aproximei-me com todo cuidado e espiei pela fresta. A lua estava cheia, e pude ver que o ruído vinha de um grande morcego, que voava em círculos – sem dúvida atraído pela luz, ainda que fraca –, e de quando em quando suas asas se chocavam contra a janela. Quando voltei à minha poltrona, notei que Lucy havia se movido discretamente e arrancara as flores do pescoço. Recoloquei a guirlanda o melhor que pude, e me sentei a velar seu sono.

Não muito depois, ela acordou, e dei-lhe comida, seguindo as prescrições de Van Helsing. Comeu muito pouco e, ainda assim, languidamente. Não parecia mais haver aquela luta inconsciente pela vida e pela recuperação das próprias forças que até então caracterizara seu padecimento. Achei curioso que no momento em que voltou à consciência, tornou a apertar as flores contra o peito. O estranho era que sempre que retornava ao estado letárgico, respirando com estertores, afastava as flores de alho, e, quando acordava, as agarrava e trazia para junto de si. Não havia dúvidas quanto a isso, pois nas longas horas que se seguiram ela teve muitos surtos de sono e despertar, e repetiu as duas atitudes diversas vezes.

Às seis da manhã, Van Helsing veio me render. Arthur havia começado a cochilar, e, por pena do rapaz, deixou-o dormindo. Quando viu o rosto de Lucy, inspirou fundo outra vez, de forma ciciante, e sussurrou rispidamente:

– Abra a cortina. Preciso de luz!

Então se inclinou sobre ela e, com o rosto bem junto ao de Lucy, examinou-a atentamente. Tirou as flores de alho e ergueu o lenço de seda do pescoço dela. Ao fazê-lo, recuou sobressaltado e deixou escapar um "*Mein Gott!*"[137] que morreu ainda na garganta. Aproximei-me e olhei também o pescoço de Lucy, e o que vi me deu um estranho calafrio.

As feridas haviam desaparecido completamente.

Por cinco minutos inteiros, Van Helsing fitou nossa paciente com a expressão máxima da austeridade. Por fim, virou-se para mim e anunciou calmamente:

– Lucy está morrendo. Não vai durar muito mais. E vai fazer toda diferença se morrer consciente ou dormindo, ouça o que estou dizendo. Acorde o pobre rapaz e traga-o para vê-la uma última vez. Ele confiou em nós, e prometemos que o avisaríamos.

Fui até a sala e o acordei. Arthur permaneceu confuso por um momento, mas quando viu a luz do sol entrando pelas frestas da janela pensou que já era

tarde demais e expressou seu temor. Garanti que Lucy ainda estava dormindo, mas disse com toda delicadeza possível que Van Helsing e eu receávamos que o fim estivesse próximo. Ele cobriu o rosto com as mãos, ajoelhou-se junto ao sofá e ficou ali, talvez um minuto inteiro, cabisbaixo, rezando, enquanto os ombros estremeciam de tristeza. Peguei sua mão e o levantei do chão.

– Venha, meu caro amigo, junte todas as suas forças. Será melhor e mais fácil para ela.

Quando entramos no quarto de Lucy, notei que Van Helsing, com sua habitual previdência, havia arrumado tudo e deixara o lugar o mais agradável possível. Chegara até a escovar os cabelos dela, de modo que se espraiavam sobre o travesseiro com suas ondulações ensolaradas de antes. Assim que entramos, ela abriu os olhos e, ao vê-lo, sussurrou suavemente:

– Arthur! Oh, meu amor, estou tão contente que você veio!

Ele estava prestes a beijá-la, quando Van Helsing o puxou para trás.

– Não – sussurrou o professor –, ainda não! Segure a mão dela, isso a consolará mais.

Arthur segurou a mão da noiva e se ajoelhou a seu lado, e Lucy se mostrou em sua melhor forma, com todos os seus contornos suaves combinando com a beleza angelical de seus olhos. Aos poucos, fechou os olhos e voltou a dormir. Por alguns minutos, seu peito arquejou suavemente, seu fôlego indo e vindo como o de uma criança cansada.

E então, imperceptivelmente, veio a estranha mudança que eu havia presenciado durante a noite. Passou a respirar com estertores, de boca aberta, e as gengivas pálidas, retraídas, exibindo dentes mais longos e afiados do que nunca. Em uma espécie de sonambulismo, vago, inconsciente, abriu os olhos, que agora estavam vidrados e arregalados, e disse numa voz suave e voluptuosa como eu nunca ouvira de seus lábios:

– Arthur! Oh, meu amor, estou tão contente que você veio! Beije-me!

Arthur partiu ávido para beijá-la, mas, no mesmo instante, Van Helsing, que, como eu, ficara espantado com a voz dela, interveio e, agarrando-o pelo pescoço com as duas mãos, puxou-o para trás com uma força furiosa que nunca pensei que possuísse, praticamente arrastando-o pelo quarto.

– Não! – exclamou. – Pela sua alma e pela dela, não!

E ficou parado entre eles como um leão acuado.

Arthur ficou tão perplexo que por um momento não soube o que fazer ou dizer e, antes que algum impulso de violência o dominasse, deu-se conta do

lugar e da ocasião e decidiu se calar e esperar.

Mantive os olhos fixos em Lucy, assim como Van Helsing, e vimos um espasmo como que de raiva percorrer seu rosto feito uma sombra. Ela rangeu os dentes afiados, fechou os olhos e respirou com dificuldade.

Logo depois, tornou a abri-los com toda meiguice e, estendendo a mão fina, pálida e fraca, puxou a de Van Helsing, grande e morena, para junto de si e a beijou:

– Meu sincero amigo – disse, com a voz fraca, mas cheia de uma paixão indizível. – Meu sincero amigo e amigo dele! Oh, proteja-o e me dê a paz!

– Prometo! – respondeu ele, solenemente, ajoelhando-se ao lado dela e segurando sua mão, como quem presta um juramento. Então virou-se para Arthur e disse: – Venha, meu filho, segure a mão dela e beije-a na testa, apenas uma vez.

Seus olhares, e não seus lábios, se cruzaram, e foi assim que se despediram.

Os olhos de Lucy se fecharam, e Van Helsing, que a vigiava de perto, pegou Arthur pelo braço e o afastou do leito.

Por fim, a respiração de Lucy voltou a ficar ruidosa e, de repente, cessou de vez.

– Está tudo acabado – disse Van Helsing. – Ela está morta!

Segurei Arthur pelo braço e levei-o para a sala de estar, onde ele sentou, cobrindo o rosto com as mãos e soluçando tanto que quase não consegui me controlar também.

Voltei para o quarto, e Van Helsing estava examinando a pobre Lucy, com o semblante mais grave que nunca. Alguma mudança havia ocorrido no corpo dela. A morte lhe devolvera parte da beleza, pois a fronte e as faces haviam recuperado os contornos delicados. Até os lábios haviam perdido a palidez mortiça. Era como se o sangue, já não mais necessário para o funcionamento do coração, tivesse suavizado o máximo possível a rispidez da morte.

Pensamos que ela morria, mas ela dormia,
e que estava dormindo, quando estava morta.[138]

Parei ao lado de Van Helsing e falei:

– Ah, enfim, pobre menina, está em paz agora. Tudo acabado!

Ele virou-se para mim e ponderou com grave solenidade:

– Infelizmente, não é bem assim! Não é bem assim. Isso é só o começo!

Quando perguntei o que queria dizer, Van Helsing se limitou a balançar a cabeça e respondeu:

– Não há nada que possamos fazer agora. Espere e verá.

---

135. Em se tratando dos Pampas argentinos, provavelmente um *Desmodus rotundus*, conhecido como vampiro de Azara, em homenagem ao naturalista espanhol Félix de Azara (1754-1821). É uma das três únicas espécies hematófagas dentre as mais de mil espécies de morcegos.

136. Walworth, bairro operário de Londres, onde Charles Chaplin nasceu. Bethnal Green, famoso por seus cortiços, em 1888 era um bairro onde Jack o Estripador (ver nota 2) agia.

137. Em alemão no original: "Meu Deus!"

138. No original *"We thought her dying whilst she slept,/ and sleeping when she died"*. Versos de "The death bed" (1831), do poeta inglês Thomas Hood. Em 1876, quando Stoker conheceu o ator Henry Irving, este declamou "The dream of Eugene Aram", de Hood. Hood é também autor do famoso poema "The bridge of the sights" (1844), de onde Poe tirou a frase "*Anywhere out of the world*", copiada por Baudelaire, que em 1865 traduziu "The bridge of sights" para o francês ("Le pont des soupirs").

CAPÍTULO 13

DIÁRIO DO DR. SEWARD (continuação)

A cerimônia foi marcada para o dia seguinte, de modo que Lucy e a mãe pudessem ser enterradas juntas. Cuidei de todas as formalidades fúnebres, e o solícito agente funerário demonstrou que sua equipe fora contaminada – ou abençoada – por sua obsequiosa delicadeza. Até a mulher que tratava dos preparativos mortuários comentou comigo, em segredo, de colega para colega de profissão, quando saiu da câmara funerária:

– A jovem deu um belo cadáver, senhor. É um grande privilégio cuidar dela. Não seria exagero dizer que atrairá prestígio ao nosso estabelecimento!

Reparei que em nenhum momento Van Helsing se afastou muito do corpo. Isso foi possível devido à desordem em que a casa se encontrava. Não havia parentes próximos, e como Arthur precisou voltar no dia seguinte para o enterro do pai, não conseguimos avisar ninguém que precisasse estar presente à cerimônia. Dadas as circunstâncias, Van Helsing e eu nos encarregamos da burocracia. Ele insistiu em verificar os documentos de Lucy pessoalmente. Perguntei por que, pois receava que ele, como estrangeiro, não estivesse a par de todas as exigências da lei britânica, e que qualquer desatenção pudesse acarretar problemas desnecessários. O professor respondeu:

– Já sei, já sei. Você se esquece de que além de médico, sou advogado. Mas não se trata da lei. Você sabe disso, ou não teria evitado o legista. Tampouco se trata apenas de evitar o legista neste caso. É que pode haver outros papéis como este.

Enquanto falava, tirou de dentro do caderno o memorando que estivera escondido no colo de Lucy e que ela rasgara durante o sono.

– Se descobrir quem é o advogado da falecida sra. Westenra, lacre todos os documentos e escreva para ele hoje à noite. Quanto a mim, vou passar a noite de guarda neste cômodo e no antigo quarto da srta. Lucy e procurar eu

mesmo o que quer que seja. Não é certo que até seus pensamentos acabem nas mãos de desconhecidos.

Fui cumprir minha parte do trabalho e, meia hora depois, havia encontrado o nome e o endereço do advogado da sra. Westenra e redigido uma carta para ele. Os papéis da pobre dama estavam em ordem. Havia orientações explícitas quanto ao local do enterro. Eu acabara de selar o envelope, quando, para minha surpresa, Van Helsing entrou no quarto, dizendo:

– Posso ajudá-lo, amigo John? Estou livre agora, e se puder lhe ser útil, estou às ordens.

– O senhor encontrou o que estava procurando? – perguntei. Ao que ele respondeu:

– Não estava procurando nada especificamente. Só esperava encontrar algo, e encontrei tudo o que havia: algumas cartas, umas poucas notas e um diário recém-começado. Mas aqui estão, e por ora não devemos dizer nada a ninguém sobre isso. Amanhã à tarde, vou ver o pobre rapaz e, com a autorização dele, estudar o material.

Quando terminamos o que estávamos fazendo, o professor me disse:

– E agora, amigo John, creio que possamos nos recolher. Precisamos dormir, você e eu, descansar para recuperar as forças. Amanhã temos muito o que fazer, mas por ora não somos mais necessários. Ai de nós!

Antes de nos recolhermos, fomos ver a pobre Lucy. O agente funerário havia feito um bom trabalho, pois o quarto fora convertido em uma pequena *chapelle ardente*.[139] Havia toda sorte de belas flores brancas, e a morte se transformara em algo o menos repulsivo possível. O rosto estava coberto por uma mortalha. Quando o professor se inclinou sobre o corpo e afastou delicadamente o pano, ficamos espantados com a beleza diante de nós, as grandes velas de cera provendo luz o suficiente para enxergá-lo bem. Todo o encanto adorável de Lucy voltara na morte, e as horas passadas, em vez de deixar traços dos "dedos aniquiladores da Decadência",[140] restauraram a beleza da vida, a ponto de eu não conseguir acreditar que estava diante de um cadáver.

O professor parecia profundamente circunspecto. Não a amara como eu, e não havia necessidade de lágrimas em seus olhos. Ele ordenou:

– Fique aqui até eu voltar. – E saiu do quarto.

Retornou com um punhado de alhos que fora buscar na caixa que ficara no saguão, mas que não chegara a ser aberta, e dispôs as flores junto das outras

sobre a cama e ao redor dela. Então tirou do próprio pescoço, por dentro do colarinho, um pequeno crucifixo de ouro e o depositou sobre os lábios da morta. Repôs a mortalha sobre o rosto de Lucy e saiu.

Eu estava me trocando em meu quarto quando, com uma batida de aviso na porta, ele entrou e logo se pôs a falar:

– Amanhã quero que você traga para mim, antes do anoitecer, um conjunto de bisturis para autópsia.

– Precisamos fazer uma autópsia? – perguntei.

– Sim e não. Quero fazer uma operação, mas não é o que você está pensando. Agora posso lhe dizer, mas não diga nada a ninguém. Quero cortar a cabeça e tirar o coração dela. Ah! Você, um cirurgião, ficou chocado! Logo você, que já vi conduzir, entre a vida e a morte, sem hesitações da mão ou da coragem, cirurgias que nos faziam estremecer. Oh, mas eu não deveria esquecer, meu caro amigo John, que você a amava; e não esqueci, e é por isso que farei essa operação sozinho, e você não vai me ajudar. Gostaria de operá-la hoje à noite, mas pelo bem de Arthur não vai ser possível. Ele deve vir amanhã, depois do enterro do pai, e há de querer vê-la, há de querer ver *isso*. Então, quando ela já estiver no caixão, pronta para ser enterrada no dia seguinte, você e eu vamos vir, quando todos estiverem dormindo. Vamos desaparafusar a tampa do caixão e fazer nossa operação, depois vamos recolocar a tampa no lugar, de modo que ninguém saiba, além de nós dois.

– Mas por que tudo isso? Ela está morta. Por que mutilar seu pobre corpo sem necessidade? E se não há necessidade de autópsia, nem nada a ganhar com isso, nem para ela, nem para nós, para a ciência ou para o conhecimento humano, por que fazer isso? Sem motivos, seria algo monstruoso.

Em resposta, Van Helsing pôs a mão em meu ombro e disse, com infinita ternura:

– Amigo John, me compadeço de seu coração que está sangrando, e gosto de você ainda mais por saber que está sangrando assim. Se eu pudesse, carregaria eu mesmo o peso que está carregando. No entanto, existem coisas sobre as quais você não tem conhecimento, mas que um dia vai saber, e agradeça por eu conhecê-las, embora não sejam nada agradáveis. John, meu filho, você é meu amigo há muitos anos, alguma vez já me viu fazer algo sem um bom motivo? Posso errar, sou apenas um homem, mas acredito em tudo o que faço. Não foi por isso que você me chamou quando as grandes atribulações começaram? Sim! Você não ficou espantado, ou melhor,

horrorizado, quando não deixei Arthur beijar sua amada, embora ela estivesse morrendo, e o puxei para trás com toda a minha força? Sim! E, no entanto, você não viu como ela me agradeceu, com seus belos olhos moribundos e a voz também tão fraca, e beijou minha velha mão áspera e me abençoou? Sim! E você não me ouviu fazer uma promessa para ela, jurar, até ela fechar os olhos agradecida? Sim! Bem, tenho bons motivos para tudo o que faço. Por muitos anos, você confiou em mim. Assim como nas últimas semanas, quando coisas estranhas aconteceram e você poderia ficar em dúvida. Pois então acredite em mim mais um pouco, amigo John. Se não confiar em mim, vou ter de dizer o que tenho em mente, e talvez isso não seja bom. Hei de agir, com ou sem a sua confiança; e sem a confiança de meu amigo, vou agir com o coração pesado e me sentir muito sozinho, justamente quando preciso de toda ajuda e toda coragem com que puder contar! – Ele fez uma pausa, por um momento, e prosseguiu solenemente: – Amigo John, temos pela frente dias estranhos e terríveis. Sejamos um só, e não dois, trabalhando juntos para um bom propósito. Você não confia mais em mim?

Apertei sua mão e jurei que confiava. Segurei a porta do quarto para ele sair e a fechei em seguida. Mas, nesse meio-tempo, vi uma das criadas passar em silêncio pelo corredor – de costas para mim, de modo que não podia me ver – e entrar no quarto onde Lucy jazia. A visão me comoveu. Devoção é algo tão raro, e ficamos muito gratos aos que a demonstram espontaneamente por quem amamos. Ali estava uma pobre menina deixando de lado os terrores que naturalmente deveria ter a respeito da morte, para velar sozinha o esquife da patroa que tanto adorava, de modo que o pobre barro não seguisse solitário rumo ao repouso eterno.

Devo ter dormido bastante e profundamente, pois era dia claro quando Van Helsing me acordou ao entrar em meu quarto. Ele veio até a cabeceira e me disse:

– Não precisa mais se preocupar com os bisturis. Não vamos mais fazer aquilo.

– Por que não? – perguntei. Sua solenidade na noite anterior havia me deixado muito impressionado.

– Por que – respondeu muito sério – é tarde demais, ou muito cedo. Veja! – Em sua mão, estava o pequeno crucifixo de ouro. – Isto foi roubado ontem à noite.

– Como pode ter sido roubado – perguntei perplexo –, se está com o senhor?

– Porque recuperei da infeliz imprestável que o roubou, da mulher que o tirou da morta e dos vivos. Ela vai ter seu castigo, mas não pelas minhas mãos. Não sabia o que estava fazendo, portanto, foi um simples furto. Agora precisamos esperar.

Van Helsing saiu, deixando-me com um novo mistério para pensar, um novo quebra-cabeça com que lidar.

A manhã foi pavorosa, mas ao meio-dia chegou o advogado: o sr. Marquand, da Wholeman, Sons, Marquand & Lidderdale. Foi muito simpático, ficou satisfeito com o que havíamos feito e nos aliviou de todos os encargos e detalhes. Durante o almoço, contou-nos que fazia um tempo que a sra. Westenra esperava morrer a qualquer instante do coração, por isso havia colocado todos os seus afazeres em absoluta ordem. Informou que, com exceção de uma determinada propriedade em morgadio[141] do pai de Lucy – que agora, na ausência de um herdeiro direto, voltaria em herança a um ramo distante da família –, todos os bens, imóveis e pessoais, passariam exclusivamente a Arthur Holmwood. Depois de nos explicar tudo isso, prosseguiu:

– Para ser sincero, fizemos o máximo para evitar tal disposição testamentária e apontamos certas contingências que poderiam deixar a filha sem um centavo ou no mínimo menos livre do que deveria em relação a uma aliança matrimonial. Na verdade, insistimos tanto sobre o assunto que quase entramos em conflito, pois ela nos perguntou se estávamos ou não preparados para satisfazer suas vontades. Claro, a partir daí, não tivemos outra alternativa senão aceitar. Estávamos certos em princípio, e, em noventa e nove por cento dos casos, seríamos capazes de demonstrar a certeza de nosso juízo pela lógica dos acontecimentos. Mas, francamente, devo admitir que, na situação atual, qualquer outra disposição teria tornado impossível satisfazer os desejos dela. Pois, como morreu antes da filha, a filha teria herdado as propriedades, e, mesmo que tivesse sobrevivido à mãe apenas cinco minutos, ao falecer sem testamento, e é praticamente impossível haver testamento em circunstâncias como estas, suas propriedades seriam consideradas como sob sucessão intestada.[142] Nesse caso, lorde Godalming, embora fosse um querido amigo da falecida, não teria direito nenhum à herança. E, por serem distantes, dificilmente os herdeiros abririam mão do que seria seu por direito por razões sentimentais para com um completo desconhecido. Eu lhes garanto, meus caros senhores, estou muito satisfeito com o resultado, perfeitamente satisfeito.

Era um bom sujeito, mas sua satisfação com a única minúscula parte da

história em que estava oficialmente interessado em meio a uma tragédia tão grande foi uma lição exemplar dos limites da compaixão.

Ele não se demorou muito, mas disse que voltaria mais tarde e falaria com lorde Godalming. Sua chegada, contudo, foi um certo alívio para nós, pois nos garantiu que não seríamos alvo de críticas terrivelmente hostis por nenhuma de nossas atitudes. Arthur devia chegar às cinco horas, por isso, um pouco antes desse horário, entramos na câmara ardente. Era-o de fato, pois agora mãe e filha jaziam ali. O agente funerário, fiel a seu ofício, fizera o melhor arranjo possível, e a atmosfera mortuária do lugar nos deixou imediatamente desolados. Van Helsing ordenou que se voltasse ao arranjo anterior, explicando que, como lorde Godalming estava para chegar, seria menos terrível para sua sensibilidade ver apenas os restos de sua noiva e o de mais ninguém. O agente funerário pareceu chocado com a própria estupidez e se esforçou para deixar tudo como havíamos deixado na noite anterior, de modo que, quando Arthur chegasse, esses abalos à sua sensibilidade fossem evitados na medida do possível.

Pobre sujeito! Parecia desesperadamente triste e abatido. Até mesmo sua virilidade robusta mostrava-se algo diminuída sob o esforço de suas emoções tão requisitadas. Eu sabia que sempre fora verdadeira e devotadamente apegado ao pai, e perdê-lo, naquele momento, havia sido um golpe amargo. Foi afetuoso comigo, como sempre, e delicadamente cortês com Van Helsing. Mas não pude deixar de notar que havia alguma restrição da parte dele. O professor também notou e pediu que eu subisse com ele. Acompanhei-o até a porta do quarto, pois imaginei que quisesse ficar sozinho com a noiva, mas Arthur me pegou pelo braço e me levou para dentro consigo, dizendo, num sussurro rouco:

– Você também a amava, meu velho. Ela me contou tudo, e nenhum outro amigo tinha um lugar mais fundo no coração de Lucy que você. Não sei como agradecer tudo o que fez por ela. Ainda não consigo conceber…

E então, rompeu em prantos, abriu os braços sobre os meus ombros e deitou a cabeça em meu peito, exclamando:

– Oh, Jack! Jack! O que vou fazer agora? De uma hora para a outra, parece que a vida acabou para mim, e não existe nada no mundo pelo que viver.

Consolei-o da melhor maneira que pude. Nesses casos os homens não precisam se expressar demais. Um aperto de mão e o braço mais firme sobre o ombro do outro são expressões de solidariedade muito caras ao coração de um homem. Fiquei imóvel e calado até que ele parasse de soluçar, então o chamei

suavemente:

– Venha vê-la.

Fomos juntos até o leito e erguemos a mortalha do rosto dela. Deus! Como estava linda! Cada hora parecia acentuar sua beleza. Aquilo me deixou um tanto assustado e espantado. Quanto a Arthur, começou a tremer e a delirar, contrariado, como se estivesse com febre. Por fim, depois de uma longa pausa, perguntou num sussurro baixo:

– Jack, ela morreu mesmo?

Garanti que infelizmente sim e – por sentir que uma dúvida horrível como aquela não deveria se estender por nem mais um minuto se eu pudesse evitar – sugeri que é comum o rosto do morto se tornar mais suave, chegando até mesmo a restaurar a beleza da juventude, especialmente quando a morte é precedida de um sofrimento agudo ou prolongado. Meu comentário pareceu dirimir toda e qualquer dúvida quanto a isso. Depois de se ajoelhar ao lado do leito e de fitá-la afetuosa e demoradamente, Arthur virou-se de lado. Avisei-lhe que era preciso dar adeus, pois o caixão tinha de ser preparado, então ele se voltou para a noiva, segurou sua mão morta e a beijou, em seguida se debruçou sobre ela e beijou sua testa. Ao sair, olhou para trás, amorosamente.

Deixei-o na sala de estar e disse a Van Helsing que Arthur já havia se despedido de Lucy, então o professor foi até a cozinha avisar o agente funerário que podia seguir com os procedimentos e parafusar o caixão. Ao voltar, contei-lhe da pergunta de Arthur, e o professor retrucou:

– Não me surpreende. Agora mesmo também fiquei na dúvida por um instante!

Jantamos todos juntos, e reparei que o pobre Art estava se esforçando para amenizar a situação. Van Helsing ficara calado durante todo o jantar, mas quando acendemos nossos charutos, começou a falar:

– Lorde… – porém Arthur o interrompeu:

– Não, não, isso não, pelo amor de Deus! Ainda não, em hipótese alguma, não! Perdão, senhor. Não quis ofendê-lo. Minha perda é muito recente.

O professor respondeu muito delicadamente:

– Só usei o título porque fiquei na dúvida. Não posso chamá-lo de "senhor" e passei a gostar de você, meu querido menino, isso mesmo, a amar você como Arthur.

Arthur estendeu a mão e apertou calorosamente a do professor.

– Pode me chamar como quiser – disse. – Espero sempre ter apenas o

título de amigo. E quero dizer que estou sem palavras para agradecer sua bondade para com a minha pobre amada. – Ele parou por um momento, depois continuou: – Sei que Lucy compreendeu sua bondade ainda melhor do que eu. E se fui rude ou de alguma forma deixei a desejar quando o senhor agiu tão… o senhor se lembra… – o professor assentiu –, por favor, me perdoe.

Van Helsing respondeu com ternura séria:

– Sei que foi duro para você confiar em mim naquele momento, pois para confiar em tal violência é necessário compreensão. E entendo que não confie em mim agora, ou que não possa fazê-lo, pois ainda não compreendeu do que se trata. E ainda pode acontecer de eu precisar de sua confiança mesmo que você não consiga, ou não queira, ou não possa compreender tudo. Mas haverá um dia em que você vai confiar inteira e completamente em mim, e em que vai compreender o caso com tanta clareza como se iluminado pela luz do sol. Então vai me agradecer por tudo, do princípio ao fim, pelo seu bem, pelo bem dos outros e pelo bem da nossa querida a quem jurei proteger.

– Não tenho dúvidas, senhor, não tenho dúvidas – concordou Arthur com afetuosidade. – Sempre confiarei no senhor em tudo. Sei e acredito que o senhor tem um coração muito nobre, e é amigo de Jack, e era amigo dela. O senhor fará como achar melhor.

O professor pigarreou algumas vezes, como se fosse falar, e, por fim, acrescentou:

– Posso lhe perguntar uma coisa agora?

– Claro.

– Você sabe que a sra. Westenra lhe deixou todas suas propriedades?

– Não, pobre querida. Jamais me ocorreu.

– E como é tudo seu, você tem direito de fazer o que quiser. Só peço que me dê permissão de ler todos os papéis e cartas da srta. Lucy. Acredite, não se trata de mera curiosidade. Pode ter certeza de que ela sem dúvida aprovaria meu motivo. Está tudo aqui comigo. Recolhi-os antes de sabermos que o senhor era o herdeiro, para que não fosse parar em mãos de estranhos que, através das palavras dela, pudessem vasculhar sua alma. Ficarei com eles, se concordar. Nem mesmo você poderá vê-los por enquanto, mas estarão seguros comigo. Nenhuma palavra passará em branco, e eu vou devolvê-los oportunamente. É um pedido difícil, mas você me daria sua permissão, pelo bem de Lucy?

Arthur respondeu vigorosamente, como o amigo que eu costumava

conhecer:

– Dr. Van Helsing, faça como achar melhor. Sinto que dizendo isso estou fazendo algo que minha amada teria aprovado. Não o incomodarei com perguntas até chegar a hora.

O velho professor levantou-se e anunciou com solenidade:

– E faz muito bem. Haverá sofrimento para todos nós, mas nem tudo será dor, tampouco a dor vai durar para sempre. Nós e você, sobretudo você, meu menino, precisaremos passar por águas amargas para chegar às águas doces.[143] Mas devemos ter coragem no coração, ser generosos e cumprir nosso dever, e então vai ficar tudo bem!

Nessa noite, dormi no sofá do quarto de Arthur. Van Helsing passou em claro. Ficou andando de um lado para outro, como que patrulhando a casa, sem perder de vista o quarto em que Lucy jazia no caixão, coberta de flores de alho silvestre, que emanavam, por entre o perfume de lírios e rosas, um pesado e intenso aroma noite afora.

Diário de Mina Harker

22 de setembro – No trem para Exeter. Jonathan dormiu. Parece que foi ontem que escrevi neste diário pela última vez, e, no entanto, de lá para cá tanta coisa mudou. Estava em Whitby e tinha o mundo inteiro diante de mim, Jonathan estava longe, e eu não tinha notícias suas. Agora, estamos casados, Jonathan é advogado, sócio, rico e dono do próprio negócio, o sr. Hawkins está morto e enterrado, e Jonathan padece de outro ataque que pode deixar sequelas. Algum dia talvez ele me pergunte sobre isso. Vou anotar tudo. Estou enferrujada na taquigrafia – o que a prosperidade inesperada não faz com a gente –, de modo que talvez seja bom de qualquer forma refrescá-la com um pouco de exercício…

A cerimônia foi muito singela e solene. Entre os presentes só havíamos nós, os criados, um ou dois antigos amigos do sr. Hawkins, de Exeter, seu agente em Londres e um cavalheiro da parte de Sir John Paxton, o presidente da Incorporated Law Society.[144] Jonathan e eu ficamos de mãos dadas e lamentamos que nosso melhor e mais querido amigo tivesse nos deixado…

Voltamos em silêncio para o centro da cidade, tomando uma condução até Hyde Park Corner.[145] Jonathan imaginou que eu gostaria de pegar um trecho da

Row,[146] então nos sentamos. Mas havia pouca gente, e foi triste e desolador ver tantos assentos vazios. Aquilo nos fez pensar na poltrona vazia em casa. E assim, saímos do parque e seguimos a pé pela Piccadilly.[147] Jonathan me segurava pelo braço, como costumava fazer nos velhos tempos antes de eu ir para a escola. Achei isso inadequado, pois é impossível passar anos ensinando etiqueta e decoro a outras meninas sem que um pouco do pedantismo da coisa acabe lhe afetando; mas tratava-se de Jonathan, e ele era meu marido, e não conhecíamos ninguém que estivesse nos vendo – nem nos importávamos que nos olhassem –, de modo que continuamos caminhando. Estava observando uma moça muito bonita, com um chapéu largo de passeio, sentada em uma vitória[148] na frente da Guiliano's,[149] quando senti Jonathan apertar meu braço com força, a ponto de machucar, e exclamar em voz baixa:

– Meu Deus!

Estou sempre aflita com Jonathan, pois fico com medo que algum surto nervoso possa deixá-lo abalado outra vez. Por isso voltei-me depressa para ele e perguntei o que havia de errado.

Estava muito pálido, os olhos parecendo saltar para fora das órbitas, fitando, entre aterrorizado e surpreso, um homem alto, magro, de nariz adunco, bigode preto e barba pontuda, que também observava a bela garota. Encarava-a com tanta intensidade que nem reparou em nós, de modo que pude olhar bem para ele. Não era um rosto simpático. Era duro, cruel e sensual, com grandes dentes brancos, pontiagudos como os de um animal e que pareciam ainda mais alvos em contraste com o vermelho dos lábios. Jonathan o encarava tanto que receei que ele nos notasse. Meu medo era que o sujeito pudesse levar a mal, pois parecia brutal e cruel. Perguntei a meu marido o que estava acontecendo, e ele respondeu, evidentemente pensando que eu sabia o mesmo que ele:

– Você viu quem é?

– Não, querido. Não o conheço. Quem é?

A resposta me deixou chocada e alarmada, pois foi proferida como se ele não soubesse que estava falando comigo, Mina:

– É o próprio homem, em pessoa!

Pobrezinho de meu amado, estava evidentemente aterrorizado com alguma coisa, profundamente aterrorizado. Acredito que se não tivesse a mim para se apoiar, teria caído ali mesmo no chão. Continuava encarando o sujeito. Um homem saiu da joalheria com um pequeno pacote e entregou à moça, que então partiu. O sujeito moreno manteve os olhos fixos nela, e quando a carruagem

subiu a Piccadilly, ele a seguiu na mesma direção, tomando um fiacre. Jonathan o acompanhou com o olhar e murmurou, como se falasse consigo mesmo:

– Acredito que é o conde, mas ele rejuvenesceu. Meu Deus, será possível? Oh, meu Deus! Meu Deus! Se eu soubesse! Se eu soubesse!

Jonathan estava tão aflito que tive medo de estender o assunto com alguma pergunta, portanto me calei. Caminhamos mais um trecho, em seguida entramos no Green Park[150] e sentamos um pouco. Fazia um dia quente para o outono, e havia um banco confortável na sombra. Depois de alguns minutos encarando o vazio, Jonathan fechou os olhos e adormeceu em silêncio, com a cabeça apoiada em meu ombro. Achei que aquilo seria bom para ele, então não o incomodei. Acordou cerca de vinte minutos depois e me disse animado:

– Ora, Mina, peguei no sono? Perdoe minha indelicadeza. Venha, vamos tomar um chá em algum lugar.

Evidentemente esquecera o moreno estrangeiro por completo, da mesma forma como durante a doença se esquecera de tudo que este episódio agora lhe fizera recordar. Não gostei do lapso de memória. Isso pode ocasionar ou agravar alguma coisa em seu cérebro. Não perguntarei nada, pois temo lhe causar mais danos que benefícios, mas preciso de alguma forma saber o que aconteceu em sua viagem ao estrangeiro. Receio ter chegado a hora de romper o lacre do diário e saber o que está escrito nele. Oh, Jonathan, sei que você há de me perdoar.

Mais tarde no mesmo dia – Foi muito triste, sob todos os aspectos, voltar para a casa vazia sem a presença querida de quem foi tão bom para nós. Jonathan ainda está pálido e sente tonturas, como se sua doença tivesse voltado, e agora chegou um telegrama de um certo Van Helsing, quem quer que seja:

Lamento informar que a sra. Westenra faleceu há cinco dias, e que Lucy faleceu antes de ontem. Ambas foram enterradas hoje.

Oh, que abundância de tristezas em tão poucas palavras! Pobre sra. Westenra! Pobre Lucy! Partiram para sempre, nunca mais voltarão! E pobre, pobre Arthur, perder tamanha doçura na vida! Deus nos ajude a suportar tanta atribulação.

DIÁRIO DO DR. SEWARD

22 de setembro – Tudo acabado. Arthur voltou a Ring e levou Quincey Morris consigo. Que bom sujeito esse Quincey! Acredito do fundo do coração que sofreu tanto quanto qualquer um de nós com a morte de Lucy, mas se portou bravamente. Se a América continuar produzindo homens como ele, será sem a menor dúvida uma potência mundial. Van Helsing está deitado, descansando para a viagem. Seguirá hoje à noite para Amsterdã, mas disse que vai estar de volta amanhã à noite, pois só precisa resolver determinadas coisas que só podem ser feitas pessoalmente. Vai me encontrar então, se puder. Disse que ainda tem um trabalho a fazer em Londres que poderá levar algum tempo. Que pena do meu velho camarada! Receio que o esforço das últimas semanas tenha afetado até a sua saúde de ferro. Pude notar que passou o enterro inteiro segurando as emoções. Ao final de tudo, estávamos ao lado de Arthur, que, pobre amigo, falava sobre a transfusão de seu sangue para as veias de Lucy. Vi o rosto de Van Helsing empalidecer e corar alternadamente. Arthur dizia que desde então se sentia como se os dois fossem de fato casados, e que agora ela era sua esposa aos olhos de Deus. Nenhum de nós comentou nada sobre as outras transfusões, nem jamais o fará. Arthur e Quincey seguiram juntos para a estação, e Van Helsing e eu viemos para cá. Assim que ficamos a sós na carruagem, ele teve um verdadeiro ataque histérico. Mais tarde negou que fosse histeria e insistiu que foi apenas seu senso de humor se afirmando sob condições terríveis. Riu até chegar às lágrimas e precisou fechar as cortinas para que ninguém visse e interpretasse mal. Depois chorou, até voltar a cair na gargalhada. Em seguida, riu e chorou ao mesmo tempo, feito uma mulher. Tentei falar sério com ele, como se faz com uma mulher nessas circunstâncias, mas de nada adiantou. Homens e mulheres são tão diferentes na manifestação da força e da fraqueza dos nervos! Por fim, quando seu rosto voltou a ficar grave e sério, perguntei por que toda aquela euforia justo naquele momento. Sua resposta foi tipicamente lógica, assertiva e misteriosa ao mesmo tempo:

– Ah, você não compreende, amigo John. Não pense que não estou triste, embora esteja rindo. Veja, chorei mesmo com a gargalhada a me engasgar. Mas também não pense que lamento quando choro, pois a gargalhada também me veio. Nunca se esqueça de que o riso que bate à porta e diz "Posso entrar?" não é verdadeiro. Não! O riso é um rei e vem quando e como bem entende. Não pede licença, não escolhe o momento apropriado. Ele diz "Cheguei". Repare, por exemplo, meu coração está de luto por aquela menina tão nova e

tão meiga. Dei meu sangue por ela, mesmo velho e cansado. Dei meu tempo, meus conhecimentos, meu sono. Deixei outros pacientes sem nada, para ela dei tudo. E, no entanto, rio junto à sua sepultura, rio quando a terra da pá do coveiro cai sobre seu caixão e bate no meu coração, "Tum, tum!", até que o sangue volte para o meu rosto. Meu coração sangrou por aquele pobre garoto, da idade do filho que eu teria, se houvesse tido a bênção de ele sobreviver, e com o mesmo cabelo e os mesmos olhos que ele teria hoje. Pois aí está, agora você entende por que gosto tanto dele. E mesmo assim, quando ele diz coisas que tocam meu coração de marido e fazem meu coração de pai sentir mais saudade dele do que jamais senti de qualquer outro homem... nem mesmo de você, amigo John, pois somos mais parecidos em experiência do que como pai e filho... mesmo nessa hora, o Rei Riso vem e grita e berra em meu ouvido, "Cheguei! Cheguei!", até o sangue voltar a dançar e trazer um pouco do sol que carrega consigo para o meu rosto. Oh, amigo John, é um mundo estranho, um mundo triste, um mundo cheio de desgraças, dores e atribulações. E, ainda assim, quando o Rei Riso chega, faz tudo isso dançar conforme a música que ele toca. Corações sangrando, ossos secos no cemitério e lágrimas ardentes, tudo dança junto à música que ele faz com aquela boca sem sorriso. Acredite, amigo John, é um rei bom, generoso. Ah, nós homens e mulheres somos todos como cordas tesas com uma força que nos puxa em diferentes direções. As lágrimas vêm e, como a chuva, molham as cordas, contraindo-as até que talvez a força seja excessiva, e nós nos rompemos. Mas o Rei Riso vem como um raio de sol e alivia a tensão, e conseguimos continuar na labuta, qualquer que seja.

Não quis magoá-lo fingindo não entender seu ponto, mas como ainda não entendia o motivo de tanto riso, perguntei-lhe qual era. Enquanto respondia, seu rosto foi ficando sério, e Van Helsing comentou em um tom de voz muito diferente:

– Ah, foi a sombria ironia de tudo aquilo... Aquela adorável dama com a guirlanda de flores, que parecia tão bela como a vida a ponto de nos perguntarmos se estaria morta de verdade, deitada naquela aprazível capela de mármore no solitário cemitério da igreja, onde jazem tantas de sua estirpe, como a mãe que a adorava, e que ela própria também adorava... E aquele sino sagrado dobrando "Blem! Blem! Blem!", tão triste e vagaroso... E aqueles homens santos, com túnicas brancas de anjo, fingindo ler seus livros, e, o tempo todo, seus olhos perdiam a página, e todos nós ali, cabisbaixos... E tudo isso por quê? Ela já morreu, pronto! Não é mesmo?

– Bem – retruquei –, por tudo o que é mais sagrado, professor, ainda não consigo entender o motivo das gargalhadas. Ora, sua explicação torna o enigma ainda mais difícil do que antes. Mesmo que a cerimônia fosse cômica, e o pobre Art e a sua tristeza? Pois ele estava de coração partido.

– Justamente. Ele não disse que a transfusão do sangue para as veias dela fizera de Lucy sua esposa?

– Sim, e foi uma ideia delicada e consoladora para ele.

– De fato. Mas existe uma dificuldade aí, amigo John. Se for assim, e os outros doadores? Ah, ah! Então a meiga donzela seria poliândrica, e eu, com minha pobre esposa morta para mim, mas viva pela lei da Igreja, embora tenha perdido a razão… mesmo eu, que sou um marido fiel dessa esposa ausente, seria bígamo.

– Tampouco vejo graça nisso! – retruquei, pois não gostei nada de ouvi-lo dizendo esse tipo de coisa. O professor pôs a mão no meu braço e se desculpou:

– Amigo John, perdoe-me se o magoei. Não demonstrei esse sentimento na frente dos outros, pois sabia que os machucaria, mas apenas a você, meu velho amigo em quem confio. Se você pudesse ter visto no fundo do meu coração no momento em que quis rir, se pudesse tê-lo feito quando a risada chegou, se pudesse vê-lo agora, quando o Rei Riso já guardou sua coroa e tudo o que é seu, pois vai se afastar de mim por muito, muito tempo, talvez tivesse pena de mim mais do que de qualquer outra pessoa.

Fiquei comovido com a ternura do tom de sua voz e perguntei por quê.

– Porque eu sei!

Agora nos separamos; e por muitos e longos dias, a solidão pousará em nossos telhados com suas asas melancólicas. Lucy jaz na tumba de seus ancestrais, uma capela senhorial no cemitério solitário de uma igreja, longe da agitação londrina, onde o ar é fresco, e o sol nasce atrás de Hampstead Hill, e onde as flores silvestres crescem livremente.

E assim posso encerrar este diário, e só Deus sabe se um dia começarei outro. Se o fizer, ou mesmo se retornar a este, será para tratar de outras pessoas, de outros assuntos, pois aqui, no final, onde o romance de minha vida está contado, antes de retomar o fio da meada do trabalho de minha vida, digo infeliz e sem esperança:

FINIS[151].

THE WESTMINSTER GAZETTE[152]

25 de setembro

Mistério em Hampstead

O bairro de Hampstead vem sendo acometido por uma série de acontecimentos que se assemelham aos divulgados pelos autores de reportagens como "Terror em Kensington", "A Mulher do Punhal" ou "A Mulher de Preto". Nos últimos dois ou três dias, ocorreram diversos casos de crianças pequenas perdidas ou que não voltaram para casa depois de brincar em Hampstead Heath. Em todos os casos, as crianças eram pequenas demais para fazer um relato inteligível o suficiente, mas suas desculpas coincidem em dizer que teriam estado com uma certa "bloofer lady".[153] Era sempre no final da tarde que davam por sua falta, e, em duas ocasiões, as crianças só foram encontradas na manhã seguinte. No bairro, todos supõem que, como o primeiro menino a sumir teria alegado que uma "bloofer lady" o convidara para passear, os outros ouviram a expressão e passaram a usá-la a torto e a direito. Isso é muito natural, uma vez que a brincadeira favorita desses pequenos no momento é enganar uns aos outros por meio de estratagemas. Um correspondente nos escreve dizendo que ver os pequerruchos fingindo ser a "bloofer lady" é extremamente divertido. Ele sugere ainda que alguns de nossos caricaturistas deveriam aprender alguma coisa sobre a ironia do grotesco ao comparar a realidade e a imagem. De acordo com os princípios gerais da natureza humana, a "bloofer lady" deveria ser um papel popular nessas apresentações ao ar livre. Nosso leitor acrescenta, ingenuamente, que nem Ellen Terry[154] conseguiria ser tão persuasivamente sedutora como algumas dessas criancinhas de rosto sujo fingem ou mesmo imaginam ser.

Existe, contudo, um aspecto possivelmente sério na questão, pois algumas das crianças, na verdade todas as que desapareceram à noite, voltaram com escoriações ou feridas no pescoço. As marcas parecem ter sido feitas por uma ratazana ou um pequeno cão e, embora individualmente não sejam muito graves, demonstram que, seja qual for o animal que as infligiu, possui um sistema ou método próprio. A polícia do distrito foi instruída a ficar atenta a crianças perdidas, especialmente às menores, em toda a região de Hampstead Heath, e a qualquer cão extraviado que possam encontrar.

THE WESTMINSTER GAZETTE

25 de setembro
Edição extraordinária especial

Horror em Hampstead
Outra criança ferida
A "Bloofer Lady"

Acabamos de receber a informação de que outra criança, desaparecida ontem à noite, só foi encontrada no final da manhã, sob um arbusto de tojo em Hampstead Heath, perto de Shooter's Hill, região que é talvez menos frequentada do que outras partes do bairro. A criança apresentava as mesmas feridas minúsculas no pescoço conforme noticiado em outros casos. Estava terrivelmente fraca e parecia bastante emaciada. Depois de parcialmente recuperada, também contou a mesma história, de ter sido convidada para passear pela "bloofer lady".

---

139. Em francês no original: câmara ardente, capela mortuária, recinto onde o cadáver fica até ser enterrado.

140. Verso do famoso poema "The Giaour, a fragment of a Turkish tale" (1813), de Lord Byron; Giaour, do turco *gavour*, é uma palavra ofensiva para infiel, forasteiro, no caso o cristão que se apaixona por Leila, a qual morre e depois é vingada quando seu amado mata Hassan, dono de seu harém. ("*Before Decay's effacing fingers/ Have swept the lines where beauty lingers*"; "Antes que os dedos aniquiladores da Decadência/ Varressem os traços onde fica a beleza.")

141. *Entail*, na Inglaterra de Jane Austen, *majorat*, na França de Balzac, *morgadio*, em Portugal e no Brasil: termos específicos para limites no direito de sucessão, geralmente impostos por escritura, que assumiram formas distintas em diversos países da Europa até a segunda metade do séc.XIX. Como Lucy não teve filho homem, ela não poderia transmitir a herança.

142. Ou seja, sem testamento, em cujo caso são as leis, e não a vontade do falecido, que devem ser cumpridas. Provavelmente ele se refere ao "ramo distante" mencionado na cláusula do morgadio e que poderia vir a contestar o testamento que beneficiava Arthur. É curioso notar que a maioria dos personagens do livro não tem parentes mencionados.

143. Alusão a Êxodo 13:23-25.

144. Órgão regulador dos advogados no Reino Unido.

145. Extremo sudeste do Hyde Park, um dos maiores parques reais de Londres e um dos locais mais elegantes, frequentados e animados de Londres durante a década de 1890; seu belo portão foi construído em 1828.

146. Criada em 1690, pelo rei Guilherme III, a Rotten Row (literalmente "pista podre", em corruptela do

francês Route du Roi, "rota do rei"), é uma pista do Hyde Park destinada a passeios equestres, que ia originalmente de Hyde Park Corner até Queen's Gate, com uma faixa para carruagens ao lado. Na época do romance, era ponto de encontro da elite. Hoje em dia vai até a Serpentine Road.

147. Rua que vai da Piccadilly Circus a Hyde Park Corner; o trecho leste concentra alguns dos principais endereços comerciais do West End, e o trecho oeste, elegantes residências e clubes, hoje convertidos em escritórios.

148. Carruagem da era vitoriana para dois passageiros e um cocheiro, puxada por um ou dois cavalos e de cobertura retrátil.

149. Provavelmente a famosa joalheria de Carlo Giuliano (1831-95), que existiu no número 115 da Piccadilly.

150. Área verde de duzentos e quarenta mil metros quadrados entre o palácio de Buckingham e Piccadilly. A Constitution Hill Road separa o parque dos jardins do palácio e conecta Hyde Park Corner à avenida The Mall. Assim como o Hyde Park, é um dos parques reais de Londres.

151. Em latim no original: "fim".

152. Jornal conhecido pelo liberalismo de suas posições, publicado a partir de 1893 por George Newnes, que obtivera sucesso com as revistas *Tit-Bits* (lida por Leopold Bloom no *Ulisses* [1922], de James Joyce) e *Strand*, em que saíram as histórias de Sherlock Holmes.

153. Provável corruptela do inglês "*beautiful lady*", bela dama, na pronúncia das crianças. No romance de Charles Dickens *Our Mutual Friend* (1865), um menino moribundo se refere a Bella Wifer como "boofer lady", no sentido de *beautiful*, bela. "

154. Ellen Terry (1847-1928), uma das principais atrizes shakespearianas inglesas, sócia de Henry Irving, representou Ofélia, de *Hamlet*, e Pórcia, de *O mercador de Veneza*. Para mais sobre o tema, ver a Apresentação a este volume.

CAPÍTULO 14

DIÁRIO DE MINA HARKER

23 de setembro – Jonathan está melhor, depois de uma noite ruim. Estou muito contente por ele ter bastante trabalho para fazer, pois isso afasta sua mente de coisas terríveis, e, oh, como me alegra que já não se sinta sobrecarregado pela responsabilidade da nova posição. Sabia que iria cair em si, e estou muito orgulhosa de ver o meu Jonathan à altura de sua ascensão e mantendo o ritmo com todos os deveres que agora lhe cabem. Hoje ele ficará fora até tarde, pois disse que nem almoçaria em casa. Meus afazeres domésticos estão terminados, então abrirei o diário dele no estrangeiro, me trancarei no quarto e lerei tudo.

24 de setembro – Não tive ânimo de escrever ontem à noite, de tanto que o terrível registro de Jonathan me perturbou. Meu pobre amado! Como deve ter sofrido, seja verdade ou mera imaginação. Eu me pergunto se alguma coisa ali realmente aconteceu. Será que delirou em febre e depois escreveu todas aquelas coisas terríveis ou teve mesmo algum motivo para tanto? Suponho que jamais saberei, pois não vou arriscar tocar no assunto com ele. E, no entanto, aquele homem que vimos ontem! Jonathan parecia bastante convicto, pobrezinho! Imagino que o funeral o tenha perturbado e feito sua mente voltar no tempo… Ele acredita mesmo em tudo isso. Lembro o que disse no dia do nosso casamento: "a não ser, realmente, que algum dever solene se imponha e seja necessário recordar as horas amargas, dormidas ou acordadas, de sanidade ou de loucura…" Parece haver um fio de continuidade em tudo isso… O temível conde estava a caminho de Londres. Caso seja verdade e ele esteja na cidade, com milhões de habitantes… Pode ser que esse dever solene se imponha, e se isso acontecer, não poderemos recuar… Preciso estar preparada. Vou buscar minha máquina de escrever agora mesmo e começar a transcrever o diário. Assim vamos estar prontos para que outros leiam, caso

seja necessário. E se for preciso, quem sabe, se eu estiver em condições, o pobre Jonathan talvez não se incomode, pois poderei falar por ele e evitar que fique perturbado ou preocupado com tudo isso. Se um dia Jonathan superar esse nervosismo, pode ser que queira me contar tudo, e poderei lhe fazer perguntas, descobrir as coisas e saber como consolá-lo.

CARTA DO DR. VAN HELSING PARA A SRA. MINA HARKER

24 de setembro

(Confidencial)

Prezada senhora,
Peço perdão por lhe escrever, pois foi este amigo distante quem enviou as tristes notícias do falecimento da srta. Lucy Westenra. Graças à generosidade de lorde Godalming, recebi autorização para ler as cartas e papéis dela, pois estou profundamente preocupado com certos assuntos de vital importância. Entre esses documentos, encontrei algumas cartas suas que demonstram que vocês eram grandes amigas e como a senhora a amava. Oh, madame Mina, em nome desse amor, eu imploro, ajude-me. É pelo bem dos outros que peço, para desfazer um grande equívoco e amenizar atribulações muito terríveis, que podem ser maiores do que a senhora imagina. Seria possível encontrá-la pessoalmente? A senhora pode confiar em mim. Sou amigo do dr. John Seward e de lorde Godalming (este era o Arthur da srta. Lucy). Por ora, nosso encontro deve ser particular. Irei a Exeter imediatamente, se a senhora me conceder o privilégio de me receber, dizendo onde e quando. Imploro seu perdão, madame. Li suas cartas à pobre Lucy, e sei que a senhora é uma pessoa boa e que seu marido está sofrendo. Então lhe peço, se for possível, que a senhora não o informe de minha visita, para não incomodá-lo. Mais uma vez rogo pelo seu perdão, e desculpe-me.

Van Helsing

TELEGRAMA DA SRA. MINA HARKER AO DR. VAN HELSING

25 de setembro

Venha hoje no trem das nove e quinze, se o senhor conseguir pegá-lo. Posso recebê-lo a qualquer hora.

Wilhelmina Harker

DIÁRIO DE MINA HARKER

25 de setembro – Não consigo deixar de me sentir terrivelmente nervosa, conforme se aproxima a hora da visita do dr. Van Helsing, pois de alguma forma espero que isso vá esclarecer um pouco a triste experiência de Jonathan, e como ele cuidou de minha querida Lucy em seus últimos momentos poderá me dizer algo sobre ela. Eis o motivo da visita: ele deve querer falar sobre o sonambulismo de Lucy, e não sobre Jonathan. Por isso jamais saberei a verdade dos fatos! Como sou tola... Esse diário pavoroso tomou conta de minha imaginação e tinge todo o resto com suas próprias cores. Claro que o doutor vem falar de Lucy. O tal hábito deve ter voltado a se manifestar na pobrezinha, e aquela noite pavorosa no penhasco deve tê-la feito adoecer. Quase me esqueço, absorvida pelos meus próprios assuntos, como ela passou mal depois daquilo. Lucy deve ter contado sobre sua aventura sonâmbula no penhasco, e que eu sabia, e agora ele quer que eu revele tudo o que sei, para poder compreender melhor. Espero ter feito a coisa certa ao não falar nada sobre isso à sra. Westenra. Jamais me perdoarei se alguma atitude minha, ou mesmo a ausência de uma atitude, tiver causado algum mal à pobre e querida Lucy. Espero também que o dr. Van Helsing não me culpe. Sofri tantas atribulações e angústias ultimamente que não sei se conseguiria suportar mais no momento.

Imagino que chorar às vezes nos faça bem, pois limpa o ar, como a chuva. Talvez a leitura do diário ontem tenha me deixado abalada, e então Jonathan saiu esta manhã e ficará um dia e uma noite longe de mim. É a primeira vez que nos separamos desde o casamento. Espero que meu amado se cuide, e que não aconteça nada que o perturbe. Agora são duas horas, e o doutor chegará a qualquer momento. Não direi nada sobre o diário de Jonathan, a não ser que ele toque no assunto. Estou contente por ter datilografado o meu diário, pois,

caso ele pergunte sobre Lucy, poderei emprestar o texto a ele; isso vai poupar tempo.

Mais tarde no mesmo dia – O doutor já veio e já se foi. Oh, que encontro estranho, deixou minha cabeça girando! Sinto como se fosse tudo um sonho. Será que é verdade, ao menos uma parte? Se não tivesse lido o diário de Jonathan antes, jamais teria sequer aceitado a possibilidade. Pobre, pobre e querido Jonathan! Como deve ter sofrido... Deus queira que isso nunca mais venha a perturbá-lo de novo. Vou tentar protegê-lo disso tudo. Mas pode ser até um consolo e um auxílio para ele, ainda que terrível e pavoroso em suas consequências, saber com certeza que seus olhos, seus ouvidos e seu cérebro não o enganaram, e que é tudo verdade. Talvez seja a dúvida que o esteja assombrando. Talvez, quando a dúvida for removida, e a verdade, não importa qual – se sonho ou se realidade –, for provada, ele fique mais satisfeito e seja capaz de suportar melhor o choque. O dr. Van Helsing deve ser um bom homem, além de muito inteligente, se é amigo de Arthur e do dr. Seward, e se eles o trouxeram da Holanda para cuidar de Lucy. Depois de conhecê-lo, sinto que *é* bom e generoso e de caráter nobre. Quando voltar amanhã, perguntarei sobre Jonathan. E então, Deus, que toda essa tristeza e angústia possam acabar bem. Eu costumava achar que gostaria de fazer entrevistas. O amigo de Jonathan que trabalha no *Exeter News*[155] disse que a memória é tudo nesse tipo de trabalho, e que você precisa conseguir transcrever exatamente quase todas as palavras ditas, mesmo que depois tenha que refinar um pouco o resultado. A entrevista de ontem foi peculiar. Vou tentar registrá-la literalmente.

Eram duas e meia quando bateram à porta. Tomei coragem, *à deux mains*,[156] e aguardei. Minutos depois, Mary abriu a porta e anunciou:

– O dr. Van Helsing.

Levantei-me e fiz uma mesura. Ele veio na minha direção, um homem de porte mediano, forte, com os ombros erguidos sobre um peito largo, e o pescoço bem equilibrado no tronco, assim como a cabeça sobre o pescoço. A postura da cabeça me impressionou de imediato, pois indicava tanto inteligência quanto força. A cabeça é nobre, de bom tamanho, grande atrás das orelhas. O rosto, bem escanhoado, exibe um queixo duro, quadrado, uma boca grande e resoluta, flexível, e um nariz considerável, reto, mas com narinas ágeis e sensíveis, que parecem se abrir quando as sobrancelhas fartas descem e a boca se retesa. A testa é larga e bem talhada, erguendo-se a princípio quase linear e então se curvando para trás no alto de duas calosidades ou

protuberâncias bem afastadas; uma testa que o cabelo arruivado jamais poderia cobrir, mas que faz com que ele caia naturalmente para trás e pelos lados. Os grandes olhos azuis escuros são bem afastados e se alternam entre vivazes, ternos e austeros, conforme os humores do homem. Ele me perguntou:

– Sra. Harker, não?

Assenti com a cabeça.

– Costumava ser srta. Mina Murray, não?

Assenti novamente.

– É Mina Murray quem venho visitar, a amiga da pobre e querida menina Lucy Westenra. Madame Mina, venho por causa da falecida.

– Senhor – respondi –, sua melhor recomendação para mim é que foi amigo e benfeitor de Lucy Westenra. – E estendi a mão.

Ele a tomou na sua e disse com ternura:

– Oh, madame Mina, sei que a amiga da pobre menina deve ser boa pessoa, mas eu precisava ver com meus próprios olhos… – Terminou a fala com uma mesura cortês.

Perguntei sobre o que gostaria de falar, e ele começou sem rodeios:

– Li suas cartas para a srta. Lucy. Perdão, mas precisei começar a investigar por algum ponto, e não havia ninguém a quem perguntar. Sei que a senhora esteve com ela em Whitby. Lucy chegou a começar um diário… não se assuste, madame Mina, isso foi depois que a senhora foi embora, e foi uma imitação do seu hábito de escrever… Nesse diário, ela faz inferências a respeito de certas coisas durante um episódio de sonambulismo em que diz que a senhora a salvou. É com grande perplexidade, portanto, que venho aqui e pergunto se a senhora faria a gentileza de me contar o que puder lembrar a respeito disso.

– Creio, dr. Van Helsing, que posso contar tudo.

– Ah, então a senhora tem boa memória para os fatos, para os detalhes? Isso não é muito comum entre as jovens damas.

– Não, doutor, mas deixei tudo por escrito na ocasião. Posso lhe mostrar, se o senhor quiser.

– Oh, madame Mina, ficarei muito grato. Seria um grande favor.

Não resisti à tentação de brincar com ele um pouco – imagino que seja um resquício da maçã original que permanece em nossas bocas –, de modo que lhe entreguei o diário em taquigrafia. Ele o segurou, fazendo uma grande mesura, e perguntou:

– Posso ler?

– Se o senhor quiser – respondi o mais humildemente que pude.

Ele abriu o diário e, por um instante, ficou espantado. Levantou-se e novamente fez uma longa mesura.

– Oh, mas que mulher inteligente! – exclamou. – Eu já sabia que o sr. Jonathan era um homem de muitos méritos, mas ora, a esposa possui todas as prendas. A senhora me faria a honra de ler para mim? Infelizmente, não sei taquigrafia.

A essa altura a graça havia passado, e me senti quase envergonhada. Então peguei a cópia datilografada em minha pasta de trabalho e entreguei para ele.

– Perdão – disse. – Não consegui evitar. Mas imaginei que o senhor gostaria de fazer perguntas sobre a querida Lucy, e que talvez não tivesse tempo para esperar, não por mim, mas porque sei que seu tempo é precioso, por isso transcrevi à máquina para o senhor.

Ele pegou as folhas e seus olhos brilharam.

– A senhora é muito generosa – disse. – Posso ler agora? Talvez queira lhe fazer algumas perguntas quando terminar.

– Será um prazer – respondi. – Leia enquanto peço o almoço, e então o senhor poderá me fazer suas perguntas enquanto comemos.

Ele agradeceu com uma mesura, sentou em uma poltrona de costas para a luz e se deixou absorver pelos papéis, enquanto saí para providenciar o almoço e garantir que nada o interrompesse. Quando voltei, encontrei-o andando apressado de um lado para outro da sala, o rosto vermelho de excitação. Correu até mim e segurou minhas duas mãos.

– Oh, madame Mina – exclamou –, como retribuir tudo o que lhe devo? Este papel é como a luz do sol. Ele abriu um portal para mim. Estou deslumbrado, ofuscado por tanta luz, e, no entanto, as nuvens ainda a ofuscam a todo instante. Mas isso a senhora não compreende, nem poderia compreender. Oh, mas como sou grato à senhora, que mulher inteligente. Madame – acrescentou, muito solene –, se algum dia Abraham van Helsing puder fazer qualquer coisa pela senhora ou pelos seus, quero que me diga. Será um prazer e uma honra poder servi-la como amigo; como amigo, é que lhe digo que tudo o que aprendi, tudo o que puder fazer, será pela senhora e por aqueles a quem a senhora quer bem. Existem trevas na vida, e existe a luz. A senhora é uma dessas luzes. A senhora terá uma vida feliz, uma vida boa, e o seu marido dará graças pela sua companhia.

– Mas, doutor, o senhor me elogia demais, e nem me conhece.

– Como não a conheço? Eu, que sou um velho; eu, que estudei os homens e as mulheres a vida inteira, que me especializei no cérebro e em tudo que diz respeito a ele ou que dele decorre! Que li seu diário, que tão gentilmente transcreveu para mim e que transpira verdade a cada linha. E que li sua carta tão meiga para a pobre Lucy, contando do seu casamento e da sua confiança. Como poderia não a conhecer? Oh, madame Mina, mulheres sinceras contam, suas vidas inteiras, dia a dia, hora a hora, e minuto a minuto, coisas que os anjos podem captar. E nós, homens que desejamos aprender, possuímos um quê de olhos de anjos. Seu marido é de natureza nobre, e a senhora também, pois confia, e não existe confiança em naturezas perversas. E quanto a seu marido, conte-me sobre ele. Está bem? A febre passou, já está forte e vigoroso?

Vi nisso uma abertura para lhe perguntar sobre Jonathan, então comentei:

– Estava quase recuperado, mas ficou muito abalado com a morte do sr. Hawkins.

Ele interrompeu:

– Oh, sim. Eu sei. Eu sei. Li as duas últimas cartas da senhora.

Prossegui:

– Imagino que isso o tenha perturbado, pois quando estávamos na cidade, na quinta-feira passada, teve outra espécie de choque.

– Um choque, logo depois de uma febre! Isso não é bom. Que tipo de choque foi esse?

– Pensou ter visto alguém que lhe fez lembrar de algo terrível, algo que deve ter provocado a febre.

E então tudo aquilo se abateu sobre mim subitamente. A pena que sentia por Jonathan, o horror por que ele passou, todo o mistério assustador de seu diário e o medo que se agitava em mim desde então, tudo me arrebatou convulsivamente. Imagino que tenha ficado histérica, pois me atirei de joelhos no chão, ergui os braços e implorei que fizesse meu marido ficar bom de novo. O doutor segurou minhas mãos e me levantou, em seguida me levou até o sofá e sentou ao meu lado. Tomando minha mão na sua, disse, oh, com uma doçura infinita:

– Minha vida é árida, solitária e tão repleta de trabalhos que não tive muito tempo para amizades, mas, desde que fui chamado por meu amigo John Seward, conheci tantas pessoas boas e vi tamanha nobreza que sinto, mais do

que nunca, a solidão de minha vida... e ela só tem aumentado com o passar dos anos. Acredite, portanto, que venho aqui cheio de respeito pela senhora, e a senhora me dá esperança. Esperança não no que estou procurando, mas de que ainda existem mulheres sinceras que tornam a vida feliz, mulheres boas, cujas vidas e cujas verdades podem servir de lições valiosas para as crianças que ainda virão. Estou contente, contente que eu possa ser de alguma utilidade para a senhora. Pois se seu marido está sofrendo, ele sofre de algo dentro do meu espectro de estudo e experiência. Prometo que farei com prazer *tudo* o que puder por ele, tudo para que ele volte a ser forte e viril, e a senhora volte a ser feliz.[157] Agora a senhora precisa comer. A senhora está sobrecarregada e talvez angustiada demais. Seu marido Jonathan não gostaria de vê-la tão pálida, e ver desgosto em quem ama não lhe fará bem. Portanto, pelo bem dele, a senhora precisa se alimentar e sorrir. A senhora já me contou sobre Lucy, por isso não vamos mais falar nisso, para evitar aflição. Vou passar esta noite em Exeter, pois preciso pensar muito no que a senhora me contou, e depois de pensar vou lhe fazer algumas perguntas, se me permitir. E então a senhora também vai me explicar o máximo que puder sobre os problemas de seu marido Jonathan. Agora coma, depois me conte tudo.

Terminado o almoço, voltamos à sala de estar, e ele me pediu:

– Agora quero saber tudo sobre ele.

Quando chegou a hora de falar com aquele grande erudito, comecei a temer que ele fosse me julgar uma tola, uma fraca, e Jonathan, um louco – aquele diário era tão estranho –, e hesitei em prosseguir. Mas o doutor foi tão meigo e gentil. Havia prometido me ajudar, e confiei nele, então disse:

– Dr. Van Helsing, o que tenho para lhe dizer é tão estranho que o senhor não pode rir de mim nem de meu marido. Desde ontem, estou com uma espécie de febre de tantas dúvidas. O senhor precisa ser bondoso e não me julgar tola por acreditar um pouco em coisas tão inusitadas.

Ele me tranquilizou por gestos e palavras, dizendo:

– Oh, minha cara, se a senhora soubesse como é estranho o assunto pelo qual estou aqui, seria a senhora a rir. Aprendi a não desdenhar das crenças de ninguém, por mais inusitadas que pareçam. Tento manter a mente aberta, e não vão ser as coisas comuns da vida que haverão de fechá-la, mas as peculiares, as extraordinárias, as que fazem a pessoa duvidar se está louca ou sã.

– Obrigada, mil vezes obrigada! O senhor tirou um peso de minha consciência. Se me permite, vou lhe dar um documento para ler. É extenso,

mas eu o datilografei. Isso explica o meu problema e o de Jonathan. É uma cópia dos diários dele no estrangeiro, com tudo o que lhe aconteceu. Não arrisco dizer nada a respeito. Leia o senhor mesmo e faça seu julgamento. E então, quando nos encontrarmos, talvez o senhor possa fazer a gentileza de me dizer o que pensa.

– Prometo – jurou ele, quando lhe entreguei os papéis. – Se me permite, virei visitar a senhora e o seu marido pela manhã, o mais cedo que puder.

– Jonathan vai chegar às onze e meia da manhã, e o senhor pode almoçar conosco e encontrá-lo. Em seguida, o senhor pode tomar o trem expresso das 15h34, que vai deixá-lo em Paddington[158] antes das oito da noite.

O dr. Van Helsing ficou surpreso com meu conhecimento sobre os horários, mas é porque não sabe que estudei todos os trens que chegam e partem de Exeter, para ajudar Jonathan em caso de urgência.

E assim ele levou os papéis consigo e partiu. E estou sentada aqui, pensando… pensando não sei no quê.

CARTA DO DR. VAN HELSING PARA A SRA. MINA HARKER (manuscrita)

25 de setembro, seis da tarde

Cara madame Mina,
Li o magnífico diário de seu marido. A senhora pode dormir sem se preocupar. Por estranho e terrível que pareça, é *verdade*! Juro pela minha vida. Talvez o pior seja o caso dos outros, mas para ele e para senhora não há o que temer. Seu marido é um sujeito nobre; e permita-me que lhe diga, por experiência no trato com os homens, alguém que fez o que ele fez, escalando aquela parede e entrando naquele quarto, sim, e depois descendo uma segunda vez, não é um tipo que ficará abalado permanentemente por um choque. Seu cérebro e seu coração estão bem, isso posso jurar, antes mesmo de vê-lo, de modo que a senhora pode ficar sossegada. Tenho muitas outras coisas para perguntar a ele. Agradeço por poder ter vindo hoje, pois descobri tanto de uma vez que novamente estou maravilhado – maravilhado, mais do que nunca – e preciso pensar.

Seu mais fiel servidor,

Abraham van Helsing

Carta da sra. Mina Harker ao dr. Van Helsing

25 de setembro, seis e meia da tarde

Meu caro dr. Van Helsing,
Mil vezes obrigada por sua generosa carta, que tirou um grande peso de minha consciência. Contudo, se for verdade, que coisas terríveis existem no mundo, que coisa pavorosa se aquele homem, aquele monstro, estiver de fato em Londres! Tenho medo de pensar. Neste momento, enquanto escrevo, recebi um telegrama de Jonathan, dizendo que ele parte hoje de Launceston, às 6h25, e estará aqui às 10h18 da noite, de modo que não terei medo esta noite. O senhor poderia, portanto, em vez de almoçar, vir fazer o desjejum conosco às oito, se não for muito cedo? Caso esteja com pressa, o senhor pode pegar o trem das dez e meia, que o deixará em Paddington às 2h35 da tarde. Não se incomode de responder esta carta, entenderei que, se não houver resposta, o senhor virá para o desjejum.

Creia-me,
Sua amiga fiel e grata,

Mina Harker

Diário de Jonathan Harker

26 de setembro – Pensei que nunca mais voltaria a escrever neste diário, mas chegou a hora. Quando entrei em casa ontem à noite, Mina estava com o jantar pronto e, depois da refeição, contou-me da visita de Van Helsing, que lhe dera cópias de nossos diários e de como estava angustiada comigo. Em seguida, me mostrou a carta do doutor em que ele dizia que tudo o que eu escrevera era verdade. Isso fez de mim um novo homem. Era a dúvida sobre a realidade daquilo tudo que me havia derrubado. Sentia-me impotente, no escuro, desconfiado. Mas, agora que *eu sei*, não tenho mais medo, nem do conde. Ele obteve sucesso afinal em seu desejo de vir para Londres, portanto, foi ele

mesmo que eu vi na rua. Mas rejuvenesceu, como é possível? Se Van Helsing for mesmo tudo o que Mina diz, é a pessoa certa para desmascará-lo e caçá-lo. Ficamos acordados até tarde, conversando sobre tudo isso. Mina está se vestindo, e vou passar no hotel daqui a alguns minutos para buscá-lo... Ele ficou, creio, surpreso ao me ver. Quando entrei em seu quarto e me apresentei, tomou-me pelo ombro, aproximou meu rosto da luz e disse, após um exame atento:

– Mas madame Mina falou que você estava doente, que sofreu um choque.

Foi engraçado ouvir minha esposa ser chamada de "madame Mina" por aquele velho gentil e de expressão firme. Sorri e respondi:

– Eu *estava* doente, *sofri* de fato um choque, mas o senhor já me curou.

– Como assim?

– Com sua carta para Mina ontem à noite. Eu estava em dúvida, e tudo ganhava tintas de irrealidade; não sabia no que acreditar, nem mesmo na evidência de meus próprios sentidos. Sem saber no que acreditar, não sabia o que fazer, e simplesmente continuei trabalhando naquilo que até então era a rotina da minha vida. A rotina então deixou de me bastar, e passei a duvidar de mim mesmo. Doutor, o senhor não sabe o que é duvidar de tudo, até de si mesmo. Não, o senhor não sabe, e nem poderia, com sobrancelhas como essas.

Ele pareceu contente e riu ao dizer:

– Ora! Você é um fisionomista. Aprendo aqui mais a cada hora. Será um grande prazer fazer o desjejum com vocês, e, oh, meu jovem, perdoe os elogios deste velho, mas a sua esposa é uma verdadeira bênção.

Eu poderia ficar um dia inteiro ouvindo seus elogios para Mina, então simplesmente assenti com a cabeça e fiquei em silêncio.

– Ela é uma das mulheres de Deus, feita pelas mãos Dele para nos mostrar, aos homens e às outras mulheres, que há um Céu onde podemos entrar, e que a luz pode existir aqui na terra. Tão sincera, tão meiga, tão nobre e altruísta, e isso, devo dizer, é muito nesta época tão cética e egoísta... E você... Li todas as cartas para a pobre srta. Lucy, e algumas delas falam de você, de modo que o conheci há alguns dias, quando conheci os outros, mas só consegui desvendá-lo verdadeiramente ontem à noite. Você me daria sua mão, não? E sejamos amigos pelo resto da vida.

Nós nos cumprimentamos, e ele se mostrou tão franco e gentil que embargou a voz.

– E agora – prosseguiu –, posso lhe pedir uma ajuda? Tenho uma grande

tarefa pela frente, e para começar é preciso saber. Você vai poder me ajudar nisso. Pode me contar o que aconteceu antes de sua ida à Transilvânia? Mais adiante posso precisar de mais ajuda, de outro tipo de ajuda, mas a princípio isso me basta.

– Veja bem, senhor, o que precisa fazer está relacionado ao conde? – perguntei.

– Sim, está – respondeu ele, solene.

– Sendo assim, estou com o senhor de corpo e alma. Vou lhe passar todos os papéis, mas como o seu trem parte às dez e meia, o senhor não vai ter tempo de ler. Pode levá-los consigo e examiná-los no trem.

Após o desjejum, levei-o até a estação. Ao se despedir, Van Helsing perguntou:

– Você viria à cidade se eu o chamasse, e traria também madame Mina?

– Ambos iremos quando o senhor quiser – garanti.

Havia comprado os jornais matinais para ele, e os vespertinos de Londres, da tarde anterior, e, enquanto conversávamos junto à janela do trem, esperando a partida, ele passou a vista nos periódicos. Seus olhos, de repente, depararam-se com alguma notícia – pela cor do papel, era da *Westminster Gazette* –, e ele empalideceu. Leu absorto, resmungando consigo mesmo:

– *Mein Gott! Mein Gott!* Mas já!? Tão cedo!

Não creio que estivesse falando comigo naquele momento. Então o trem apitou e partiu. Ele voltou a si, esticou-se para fora da janela e acenou.

– Minhas recomendações à madame Mina. Escrevo assim que puder.

DIÁRIO DO DR. SEWARD

26 de setembro – Na verdade, não se tratava em absoluto do fim. Menos de uma semana desde que proferi a palavra "*Finis*", estou aqui, começando tudo de novo, ou melhor, prosseguindo com meus registros. Até esta tarde não tinha motivos para pensar no que aconteceu. Renfield recuperou, na medida do possível, a mesma sanidade de antes. Está bem adiantado em sua coleção de moscas e já começou a preencher a coluna das aranhas, de modo que não tem me dado trabalho. Recebi uma carta de Arthur, escrita no domingo, em que dizia que estava conseguindo suportar magnificamente bem. Quincey Morris está com ele, e isso lhe tem sido de grande ajuda, pois é um poço borbulhante

de entusiasmo. Quincey também me escreveu um bilhete, e fiquei sabendo que Arthur está começando a recuperar sua antiga leveza, portanto estou tranquilo quanto a eles. Quanto a mim mesmo, estava voltando à minha rotina de trabalho com o mesmo ânimo que costumava ter, a ponto de quase poder dizer que a ferida que a pobre Lucy deixou em mim vinha cicatrizando. Mas agora foi tudo reaberto, e só Deus sabe como vai terminar. Tenho para mim que Van Helsing também sabe, mas só deixa escapar um pouco a cada vez, para aguçar a curiosidade. Ontem foi a Exeter e passou a noite por lá. Voltou hoje e invadiu meu quarto por volta das cinco e meia, jogando no meu colo a *Westminster Gazette* de ontem.

– O que você acha disso? – perguntou, ali parado de braços cruzados.

Olhei para o jornal, pois realmente não entendi a que ele se referia, mas o professor tomou-o de minhas mãos e indicou um parágrafo sobre crianças desaparecidas em Hampstead. Aquilo não me dizia nada, até que li uma passagem que descrevia pequenas feridas no pescoço das vítimas. Então uma ideia me ocorreu, e li com mais atenção.

– E aí? – insistiu ele.

– São como as marcas da pobre Lucy.

– E o que isso lhe sugere?

– Simplesmente que deve existir uma causa comum. Seja o que for que feriu o pescoço dela também feriu essas crianças.

Não entendi exatamente sua resposta.

– Isso é verdade indiretamente, mas não diretamente.

– O que o senhor quer dizer, professor? – perguntei. Estava inclinado a gracejar de sua seriedade, afinal, quatro dias de descanso e liberdade daquela angústia ardente e excruciante ajudam a restaurar o humor. Mas quando vi a expressão em seu rosto, desisti. Nunca, mesmo em pleno desespero por conta da pobre Lucy, sua expressão foi tão austera. – Conte-me! – roguei. – Não posso arriscar nenhuma opinião. Não sei o que pensar e não disponho de dados para formular qualquer conjectura.

– Você está querendo me dizer, amigo John, que não desconfia de nada que possa ter provocado a morte da pobre Lucy, nem mesmo depois de todas as pistas dadas, não apenas pelos fatos, como também por mim?

– Desconfio de prostração nervosa seguida por grande perda de sangue.

– E como o sangue foi perdido?

Balancei a cabeça.

Ele se aproximou, sentou ao meu lado e continuou:

– Você é um homem inteligente, amigo John. Raciocina bem, e sua intuição é poderosa, mas tem muitos preconceitos. Não deixa que seus olhos vejam nem que seus ouvidos escutem, e pensa que o que está fora da sua vida cotidiana não lhe diz respeito. Você não acha que existem coisas além da sua capacidade de compreensão, mas que, no entanto, estão aí? E que algumas pessoas conseguem ver o que outras não veem? Mas existem coisas velhas e novas que não devem ser contempladas por olhos humanos, pois eles sabem, ou pensam que sabem, de fatos que outros homens lhes contaram. Ah, a falha da nossa ciência é querer explicar tudo, e quando não consegue, diz que não há nada que explicar. No entanto, vemos se desenvolverem à nossa volta, a cada dia, novas crenças, que se julgam novas, mas que, na verdade, são apenas as mesmas velhas crenças fingindo-se de novas, como as damas elegantes na ópera. Imagino que você não acredite em transferência corporal.[159] Não? Nem em materialização.[160] Não? Tampouco em corpo astral.[161] Não? Em leitura de pensamento.[162] Não? Em hipnose… [163]

– Acredito – respondi. – Charcot[164] já demonstrou muito bem a hipnose.

Ele sorriu e continuou:

– Então, com isso você concorda. Certo? Portanto, você obviamente sabe como a hipnose funciona e pode acompanhar a mente do grande Charcot, que infelizmente já não está entre nós, e entrar na alma de seu paciente. Não? Então, amigo John, devo entender que você simplesmente aceita o fato e está satisfeito em passar em branco da premissa à conclusão? Não? Então me diga, pois sou um estudioso do cérebro, como você aceita a hipnose e rejeita a leitura do pensamento? Deixe-me dizer, meu amigo, que existem coisas feitas hoje em dia na ciência da eletricidade que teriam sido consideradas heresia pelo mesmo homem que a descobriu e condenadas à fogueira por bruxaria. Sempre haverá mistérios na vida. Por que será que Matusalém[165] viveu novecentos anos, e Old Parr[166] cento e sessenta e nove, e ainda assim a pobre Lucy, com o sangue de quatro homens nas veias, não conseguiu sobreviver um dia a mais? Pois, se tivesse sobrevivido mais um dia, teríamos conseguido salvá-la. Você conhece todos os mistérios da vida e da morte? Conhece toda a anatomia comparada e pode dizer por que qualidades animais aparecem em determinados homens, e não em outros? Sabe me dizer por que, enquanto outras aranhas morrem pequenas, muito cedo, aquela aranha enorme viveu por séculos na torre da antiga igreja espanhola e cresceu tanto que, ao descer pela teia, bebia o óleo de todas as lâmpadas da igreja?[167] Sabe me dizer por que

nos Pampas, sim, e em outros lugares, existem morcegos que saem à noite, abrem as veias do gado e dos cavalos e sugam seu sangue? E como, em algumas ilhas dos mares ocidentais, existem morcegos que ficam pendurados nas árvores o dia inteiro, e aqueles que os viram os descreveram como nozes ou sementes gigantescas, e que, quando os marinheiros dormem no convés por causa do calor, eles voam e os atacam, e na manhã seguinte os marinheiros são encontrados mortos, pálidos como a srta. Lucy?

– Santo Deus, professor! – exclamei, alarmado. – O senhor quer dizer que Lucy foi mordida por um morcego desses, e que esse mesmo morcego está aqui em Londres, em pleno século XIX?

Van Helsing acenou a mão, pedindo silêncio, e prosseguiu:

– Você sabe me dizer por que a tartaruga vive mais do que gerações de homens, por que o elefante continua vivendo ano após ano até formar dinastias, e por que o papagaio nunca morre, a menos que seja mordido por gatos, cachorros ou coisa que o valha? Sabe me dizer por que os homens sempre acreditaram, em todas as eras e lugares, que existem homens e mulheres que nunca morrem? Todos nós sabemos, afinal a ciência atestou o fato, que existem sapos presos dentro de rochas há milhares de anos, em buracos tão pequenos que só cabe o próprio sapo, desde a infância do mundo. Você pode me dizer como o faquir indiano conseguiu se fazer de morto e ser enterrado, ter a sepultura fechada, com trigo plantado por cima, e, depois do trigo colhido, cortado e semeado, colhido e cortado outra vez, então os homens vieram e abriram a sepultura, e lá estava o faquir indiano, vivo, que se levantou e saiu andando como antes?

Nesse ponto, precisei interrompê-lo. Já estava ficando desnorteado. O professor havia enchido tanto a minha cabeça com sua lista de excentricidades da natureza e impossibilidades possíveis que minha imaginação se inflamou. Entendi vagamente que queria me passar alguma lição, como costumava fazer muito tempo atrás, em sua sala em Amsterdã. Mas naquela época, ele costumava me dizer qual era a questão, de modo que eu conseguia tê-la em mente o tempo todo. Mas agora, não podia contar com sua ajuda e, no entanto, queria poder acompanhar seu raciocínio, por isso lhe pedi:

– Professor, faça de mim seu aluno favorito outra vez. Diga-me qual é a tese, para que eu possa aplicar seus conhecimentos enquanto o senhor avança. No momento, estou indo de um lado para outro feito um louco, delirante, tentando seguir uma ideia. Sinto-me um novato atolando em um pântano na neblina, pulando de moita em moita, num esforço cego de avançar sem saber

para onde.

– Eis uma boa imagem – comentou ele. – Bem, vou lhe dizer. Minha tese é a seguinte: quero que você acredite.

– Em quê?

– Em coisas nas quais não pode acreditar. Deixe-me dar um exemplo. Certa vez, um americano definiu a fé como "a faculdade que nos permite acreditar em coisas que sabemos não serem verdadeiras".[168] Eu, pelo menos, concordo com ele. Queria dizer que devemos manter a mente aberta e não deixar que um pouco da verdade obstrua o fluxo de uma grande verdade, como uma pedra pequena no trilho do trem. Primeiro alcançamos a pequena verdade. Muito bem! Nós a conservamos e a valorizamos, no entanto, não podemos pensar que ela é a verdade total do universo.

– Então o senhor não quer que eu permita que uma convicção prévia impeça a receptividade de minha mente com relação a algum assunto estranho. Entendi corretamente a lição?

– Ah, você ainda é o meu aluno favorito. Ainda vale a pena ensinar para você. Agora que está disposto a entender, precisa dar o primeiro passo rumo à compreensão. Você acha que os pequenos furos no pescoço das crianças foram feitos pelo mesmo causador dos furos no pescoço da srta. Lucy?

– Suponho que sim.

Ele se levantou e anunciou solenemente:

– Aí é que você se engana. Oh, se ao menos fosse isso! Mas infelizmente, não! É pior, muito, muito pior do que isso.

– Pelo amor de Deus, professor Van Helsing, o que o senhor quer dizer?! – exclamei.

Ele se deixou cair com um gesto de desespero na cadeira e apoiou os cotovelos na mesa, cobrindo o rosto com as mãos enquanto falava.

– Os furos no pescoço das crianças foram feitos pela srta. Lucy!

---

155. Jornal fictício da cidade onde os Harker moravam.

156. Em francês no original: "com as duas mãos". A expressão equivale a "com coragem, voluntariamente ou sem hesitar".

157. A conversa deixa implícito que a prostração de Jonathan, decorrente de sua experiência de quatro meses na Transilvânia, resultou em impotência sexual.

158. Estação de trem em Londres, ponto final da Great Western Railway, que vinha de Exeter.

159. A ideia de que "o espírito" de uma pessoa pode se transferir para outro corpo.

160. Surgimento de objetos aparentemente sólidos onde não havia nada. Era uma das formas de demonstrar a realidade do espiritismo, na era vitoriana: durante as sessões, alguns objetos se materializavam, e ocorriam as manifestações de espíritos. Algo similar às aparições das vampiras e do conde.

161. Conceito adotado pela teosofia e pelos videntes, compreendido como um vaso ou recipiente para o espírito, as emoções, os desejos e as paixões. Invisível aos não iniciados, o corpo astral seria capaz de migrar quando a pessoa dorme, durante uma "projeção astral". Em seu romance *The Jewel of Seven Stars* (1903), Stoker faz o sr. Trelawney dizer: "É que o indivíduo que tem esse dom pode, se quiser, bastando pensar, transferir seu corpo para onde quer que ele decida, pela dissolução e reencarnação das partículas."

162. Telepatia, comunicação direta entre mentes, transmitindo pensamentos, ideias, sentimentos, sensações e imagens mentais.

163. Do grego *hipnos*, sono. O termo "hipnotismo" foi criado pelo médico escocês James Braid, em 1842, para o processo de indução de um estado de consciência periférica reduzida, em que a pessoa fica mais sugestionável. O médico alemão setecentista Franz Mesmer, defensor do magnetismo animal, desenvolveu técnicas de indução ao sonambulismo.

164. Jean-Martin Charcot (1825-93), cientista francês, pai da neurologia moderna e influência determinante para Sigmund Freud. Desenvolveu técnicas de hipnose para o tratamento da histeria. Autor de *Os demoníacos na arte* (1887) e *Os disformes e os doentes na arte* (1889).

165. Personagem do livro do Gênesis (5:21-27), filho de Enoque e avô de Noé, o homem mais longevo que já teria existido: morreu aos novecentos e sessenta e nove anos, no dilúvio, que teria ocorrido quando Noé tinha seiscentos anos.

166. Thomas Parr (1483-1635) teria vivido, na verdade, 152 anos, segundo a lápide em Westminster – que em si é um atestado de sua celebridade, além dos retratos pintados por Rubens e Van Dyck. A única fonte escrita a mencioná-lo é um panfleto do poeta John Taylor, de 1635.

167. Não se sabe a referência de Van Helsing para esse e outros casos peculiares mencionados nessa passagem, mas em 1821 a revista *Atheneum* citava um caso semelhante que teria acontecido em 1751 na catedral de Milão, em que uma aranha gorda, de quase dois quilos, vivia de beber óleo. A aranha foi enviada morta ao imperador austríaco, em Viena. Este é um dos grandes "monólogos" de Van Helsing, agora lembrando muito as considerações de Ishmael sobre a baleia em *Moby Dick* (1851), de Melville.

168. Tudo indica ser um dito comum na época, e não uma citação exata de um autor específico. Variações da frase ocorrem, por exemplo, nas obras dos escritores ingleses oitocentistas Samuel Butler e Mark Twain.

CAPÍTULO 15

DIÁRIO DO DR. SEWARD (continuação)

Durante algum tempo fui dominado por pura ira. Foi como se o professor tivesse dado um tapa no rosto de Lucy em vida. Bati com força na mesa, me levantei e exclamei:

– Dr. Van Helsing, o senhor está louco?

Ele ergueu a cabeça e olhou para mim, e de alguma forma a ternura de seu rosto me acalmou inteiramente.

– Quem dera estivesse! – retrucou. – A loucura seria mais fácil se comparada a uma verdade como essa. Oh, meu amigo, por que, você acha, fiz um rodeio tão longo, por que demorar tanto para dizer algo tão simples? Porque odeio você e sempre o odiei em toda a minha vida? Porque queria lhe causar dor? Porque queria, a esta altura, me vingar de quando você salvou a minha vida de uma morte terrível? Ah, não!

– Perdão – pedi.

Ele continuou:

– Meu amigo, foi porque queria ser gentil ao revelar tudo a você, pois sei que você amava aquela doce criatura. Mas mesmo agora não espero que você acredite. É tão difícil aceitar definitivamente uma verdade abstrata, que podemos duvidar que tal coisa seja possível quando sempre acreditamos no oposto dela. É ainda mais difícil aceitar uma verdade concreta assim tão triste e a respeito de alguém como a srta. Lucy. Hoje à noite provarei isso. Atreve-se a vir comigo?

Isso me desconcertou. Ninguém quer provar tal verdade; exceto Byron, para o ciúme.

Provar a si mesmo a verdade que mais abomina.[169]

O professor percebeu minha hesitação e acrescentou:

– A lógica é simples, não é nenhum raciocínio de louco desta vez, nada de saltar de moita em moita em um pântano na neblina. Se não for verdade, então a prova será um alívio. Na pior das hipóteses, não causará mal algum. Mas se for verdade! Ah, aí reside o pavor. No entanto, todo pavor deve ajudar minha causa, pois nela existe uma certa necessidade de crença. Ora, vou lhe dizer o que pretendo fazer. Primeiro, vamos agora mesmo visitar essa criança no hospital. O dr. Vincent, do North Hospital, onde o jornal diz que a criança está, é meu amigo, e creio que seu também, uma vez que vocês estudaram juntos em Amsterdã. Ele deixaria dois cientistas verem seu caso, ou senão, dois amigos. Não vamos dizer nada, apenas que gostaríamos de saber do que se trata. E depois…

– E depois?

Ele tirou uma chave do bolso e a mostrou.

– E depois passaremos a noite, você e eu, no cemitério em que Lucy foi enterrada. Esta é a chave que abre a capela da sepultura. Peguei com o coveiro para dar a Arthur.

Meu coração ficou pesado no peito, pois senti que teríamos pela frente uma provação terrível. Não podia fazer nada, contudo, então reuni toda a coragem que tinha e disse que era melhor nos apressarmos, pois a tarde já estava passando…

Encontramos a criança acordada. Já havia dormido um pouco e comido alguma coisa e, no geral, passava bem. O dr. Vincent tirou o curativo do pescoço e nos mostrou as perfurações. Não havia dúvida da semelhança com as do pescoço de Lucy. Eram menores, e as bordas pareciam mais frescas, só isso. Perguntamos a Vincent ao que ele atribuía as feridas, e ele respondeu que devia ser a mordida de algum animal, talvez um rato, mas no fundo estava inclinado a pensar que se tratava de um dos muitos morcegos que habitam as colinas do norte de Londres.

– Entre tantos morcegos inofensivos – observou – poderia haver algum espécime selvagem, de uma variedade mais maligna, vindo do sul. Um marinheiro pode ter trazido consigo para casa, e o bicho conseguiu escapar. Ou até mesmo um morcego jovem que tenha fugido do Jardim Zoológico, ou um que tenha sido criado em cativeiro a partir de um morcego vampiro. Essas coisas acontecem, vocês sabem. Há dez dias escapou um lobo, e acho que foi localizado nessa região. Por uma semana as crianças só queriam saber de

brincar de Chapeuzinho Vermelho em Hampstead Heath e pelas vielas do bairro, até aparecer essa "bloofer lady" assustadora. Desde então, foi uma festa. Mesmo esse pobrezinho, quando acordou hoje, pediu à enfermeira para ir embora. Quando ela perguntou por que, disse que queria brincar com a "bloofer lady".

– Espero que alerte os pais para mantê-lo sob estrita vigilância, quando mandar o menino para casa – disse Van Helsing. – Essas brincadeiras de fugir são as mais perigosas. Se ele passar outra noite na rua, pode ser fatal. Mas, em todo caso, imagino que você não vai dar alta por alguns dias, vai?

– Claro que não, ele deve ficar aqui por pelo menos mais uma semana, ou até mais, se as feridas não fecharem.

Nossa visita ao hospital consumiu mais tempo do que esperávamos, e o sol se pôs enquanto estávamos lá dentro. Quando Van Helsing se deu conta de como estava escuro, comentou:

– Não há pressa. Só está mais tarde do que eu pensava. Venha, vamos encontrar um lugar para comer alguma coisa, depois seguimos nosso caminho.

Jantamos no Jack Straw's Castle[170] com uma pequena multidão de ciclistas e outros sujeitos simpaticamente barulhentos. Por volta das dez, saímos da taberna. Já estava bem escuro, e os poucos lampiões aqui e ali intensificavam o breu quando saíamos dos focos isolados de luz. O professor evidentemente havia estudado o caminho que deveríamos fazer, pois prosseguia sem hesitar. Quanto a mim, estava bastante confuso sobre nossa localização. Conforme avançamos pelo bairro, encontramos cada vez menos pessoas, até que, por fim, ficamos surpresos ao ver o cavalo da polícia montada fazendo sua ronda pelos subúrbios. Afinal, chegamos ao muro do cemitério da igreja e o escalamos. Com um pouco de dificuldade – pois estava muito escuro e o lugar nos pareceu deveras estranho –, encontramos o mausoléu da família Westenra. O professor pegou a chave, abriu a porta, que rangeu, e recuou, educada, mas inconscientemente, para que eu entrasse primeiro. A oferta continha uma deliciosa ironia, pela cortesia em ceder a preferência naquela ocasião tão macabra. Meu companheiro me seguiu depressa e fechou a porta com cuidado, depois de se assegurar de que ela só se fechava com a chave, e não com uma mola – caso em que poderíamos estar em maus lençóis. Então vasculhou a valise e, tirando um fósforo e um pedaço de vela, tratou de iluminar o ambiente. Durante o dia, quando ornada de flores frescas, a sepultura já tinha uma aparência sombria e repulsiva o bastante. Agora, no entanto, passados alguns dias, com as flores pendendo rançosas e mortiças, o branco ficando

encardido e o verde se tornando marrom, já sob o domínio das aranhas e dos besouros, com a pedra descolorida pelo tempo, e a argamassa incrustada de poeira, e o tênue bruxulear de uma vela refletido pelo ferro enferrujado e musgoso, o latão fosco e a prata opaca, o efeito era mais angustiante e sórdido do que se poderia imaginar. Transmitia irresistivelmente a ideia de que a vida – a vida animal – não era a única coisa passageira.

Van Helsing começou a trabalhar sistematicamente. Erguendo a vela para ler os nomes nas inscrições e segurando-a de modo que o espermacete[171] pingasse em gotas que endureciam ao tocar o metal, assegurou-se de que estava diante do caixão de Lucy. Com outra busca em sua maleta, tirou uma chave de fenda.

– O que vai fazer? – perguntei.

– Abrir o ataúde. Você ainda não está convencido.

Ele começou a tirar os parafusos e, por fim, removeu a tampa, exibindo o revestimento interno de chumbo. A visão foi quase demais para mim. Parecia-me uma afronta à morta, como teria sido tirar as roupas dela ainda em vida, durante o sono. Na verdade, segurei a mão dele para detê-lo. O professor disse apenas:

– Você verá.

E, mais uma vez vasculhando a valise, tirou uma serra minúscula. Com um golpe ágil que me fez estremecer, enfiou a chave de fenda através do chumbo, produzindo um furo pequeno, mas que era o suficiente para passar a ponta da serra. Preparei-me para o jato de gás que o cadáver de uma semana iria emanar. Nós, médicos, que fomos obrigados a estudar os riscos de nosso ofício, estamos habituados a essas coisas, por isso recuei até a porta. Mas o professor não parou nem por um momento. Serrou cerca de meio metro de um dos lados do caixão de chumbo e depois atravessou por cima, até o outro lado. Erguendo a folha solta, dobrou-a para trás, em direção ao pé do caixão, e, segurando a vela na abertura, chamou-me para ver.

Aproximei-me e olhei. O caixão estava vazio.

Foi decerto uma surpresa para mim, e sofri um choque considerável. Van Helsing, porém, nem se mexeu. Estava mais seguro do que nunca e prosseguiu em sua tarefa, agora mais à vontade.

– Está satisfeito agora, amigo John? – perguntou.

Respondi, sentindo toda a teimosia de minha natureza contestadora despertar dentro de mim:

– Estou satisfeito de ver que o corpo de Lucy não está no caixão, mas isso só prova uma coisa.

– E que coisa é essa, amigo John?

– Que o corpo não está aí.

– A lógica é boa – considerou ele –, até certo ponto. Mas como você explica o fato de não estar aí?

– Talvez um ladrão de cadáveres – sugeri. – Algum empregado do agente funerário pode ter roubado. – Senti que estava dizendo bobagem, mas ainda assim foi o único motivo razoável que consegui imaginar. O professor suspirou.

– Ah, sim! – disse ele. – Precisamos de mais provas. Venha comigo.

Ele tornou a fechar o caixão, recolheu todos os seus pertences, guardou-os na valise, assoprou a chama e colocou a vela também na valise. Abrimos a porta e saímos. O professor fechou a porta atrás de nós e a trancou. Por fim, passou-me a chave, dizendo:

– Pode guardar com você? É melhor você ter certeza.

Acenei para que ficasse com a chave ele mesmo, e ri, mas não foi um riso animado, devo dizer.

– Uma chave não significa nada – comentei. – Existem muitas duplicatas, e, de todo modo, não é difícil abrir uma fechadura dessas.

Ele não respondeu, mas colocou a chave no bolso. Então me mandou vigiar um dos lados do cemitério enquanto ficaria de guarda no outro. Assumi meu posto atrás de um teixo e vi o vulto dele se mover, até que as lápides e as árvores o ocultaram de minha vista.

Foi uma vigília solitária. Pouco depois de tomar minha posição ouvi um relógio distante bater meia-noite, e depois uma e duas horas. Estava tenso e com frio, além de irritado com o professor, por me levar em tal empreitada, e comigo mesmo, por ter aceitado. O frio e o cansaço não me deixavam observar com atenção, mas o sono não era suficiente para trair a confiança que ele depositara em mim, de modo que, no geral, foram horas terríveis e angustiantes.

De repente, ao me virar, pensei ter visto algo como um rastro branco movendo-se entre dois teixos escuros do outro lado do cemitério. No mesmo instante, uma massa negra se afastou do lado em que o professor estava e correu na direção do rastro branco. Então também fui atrás, mas precisei desviar das lápides e sepulturas desalinhadas, e acabei tropeçando nos

túmulos. O céu estava carregado, e um galo cantou à distância, antes da hora. Logo adiante, depois do arvoredo de juníperos, que margeavam o caminho até a igreja, um vulto branco difuso voou na direção do mausoléu. O mausoléu em si estava oculto pelas árvores, e não consegui ver por onde o vulto sumiu. Ouvi um rumor de movimento no local em que o vira e, ao me aproximar, encontrei o professor segurando em seus braços uma criança muito pequena. Ao me ver, passou-me a criança e perguntou:

– Satisfeito agora?

– Não – respondi, de um modo que me pareceu agressivo.

– Não está vendo a criança?

– Sim, é uma criança, mas quem a trouxe para cá? E está ferida?

– É o que veremos – disse o professor, e, sem mais, saímos do cemitério, ele levando a criança adormecida no colo.

Quando já estávamos a uma certa distância, nos aproximamos de umas árvores, riscamos um fósforo e examinamos o pescoço da criança. Não havia um arranhão ou cicatriz de qualquer tipo.

– Eu estava certo? – perguntei, triunfante.

– Chegamos a tempo então – disse o professor, aliviado.

Tínhamos de decidir o que fazer com a criança e conversamos a respeito. Se a levássemos a uma delegacia de polícia, precisaríamos prestar contas de nossos movimentos naquela noite ou, no mínimo, fazer alguma declaração sobre como a havíamos encontrado. Por fim, resolvemos levá-la para Hampstead Heath e, quando ouvíssemos um policial se aproximando, deixaríamos a criança em um lugar onde ele não poderia deixar de notá-la. Então iríamos para casa o mais depressa possível. Correu tudo bem. Chegando ao parque, ouvimos os passos pesados do policial, colocamos a criança na calçada e ficamos observamos até que ele a viu e moveu a lanterna de um lado para outro. Ouvimos sua exclamação de espanto e saímos em silêncio. Por sorte, conseguimos tomar um fiacre perto do Spaniards[172] e voltamos para o centro da cidade.

Não consigo dormir, por isso resolvi fazer este registro. Mas preciso tentar descansar pelo menos algumas horas, pois Van Helsing vai me chamar ao meio-dia. Ele insiste que eu vá com ele em outra expedição.

27 de setembro – Eram duas da tarde quando conseguimos encontrar uma oportunidade para nossa empreitada. O enterro do meio-dia havia terminado, e

os últimos participantes se retiravam com vagar, quando, olhando atentamente por detrás de alguns amieiros, vimos o coveiro trancar o portão. Sabíamos que estaríamos sozinhos até a manhã seguinte se quiséssemos, mas o professor me disse que iríamos precisar de uma hora no máximo. Mais uma vez, tive a horrível sensação da realidade das coisas, em que todos os esforços da imaginação parecem deslocados, e me dei conta distintamente dos perigos da lei em que incorríamos com nosso trabalho sacrílego. Além do mais, na minha opinião, tudo aquilo era inútil. Se violar um caixão revestido de chumbo para ver se uma mulher falecida há uma semana estava mesmo morta já fora ultrajante, abrir a sepultura de novo agora parecia o ápice da loucura, sobretudo quando sabíamos, pela evidência dos nossos próprios olhos, que o caixão estava vazio. Dei de ombros, contudo, e permaneci calado, pois Van Helsing tinha esse costume de fazer tudo à sua maneira, por mais que alguém retrucasse. O professor pegou a chave, abriu o mausoléu e, outra vez, sugeriu com cortesia que eu entrasse primeiro. O lugar não estava tão apavorante quanto na noite anterior, mas, oh, que aparência cruel quando o sol se infiltrou. Van Helsing caminhou até o caixão de Lucy, e eu o segui. Ele se inclinou sobre o ataúde e forçou a borda de chumbo, e um choque de surpresa e desolação me atravessou.

Lá estava Lucy, aparentemente como a havíamos visto na noite anterior ao enterro. Estava, se isso é possível, ainda mais radiantemente bela do que nunca, e mal pude acreditar que estivesse mesmo morta. Os lábios estavam vermelhos, não, mais rubros do que antes, e, nas faces, um delicado rubor.

– Será um truque? – perguntei.

– Está convencido agora? – devolveu o professor e, enquanto falava, estendeu a mão e afastou os lábios da morta de um modo que me fez estremecer, exibindo os dentes brancos. – Está vendo? Estão mais pontiagudos do que antes. Com este e este outro – e ele tocou um dos caninos e o outro dente logo abaixo –, as criancinhas podem ter sido mordidas. Acredita agora, amigo John?

Mais uma vez a hostilidade contestadora se acendeu dentro de mim. Eu não *podia* aceitar uma ideia tão espantosa como a que o professor estava sugerindo. Assim, numa tentativa de argumentar que me envergonhou mesmo naquele momento, eu disse:

– Ela pode ter sido colocada aqui ontem à noite.

– É mesmo? E por quem?

– Não sei. Alguém.

– E, no entanto, está morta há uma semana. A maioria das pessoas não conserva essa aparência.

Eu não tinha resposta para isso, então me calei. Van Helsing não pareceu se dar conta de meu silêncio. De todo modo, não demonstrou nem tristeza, nem triunfo. Olhava atentamente para o rosto da morta, ergueu as pálpebras e examinou os olhos, e, novamente abrindo os lábios, observou os dentes. Por fim, virou-se para mim e disse:

– O que temos aqui difere de tudo o que já foi registrado, trata-se de uma vida dupla que não é comum. Lucy foi mordida pelo vampiro quando estava em transe, sonâmbula. Ah, você ficou sobressaltado; você não sabe, amigo John, mas logo vai entender tudo. Durante o transe, o vampiro conseguiu voltar para sugar mais sangue. Ela morreu em transe, e em transe também se torna uma morta-viva.[173] É por isso que ela difere de todos os outros casos. Geralmente, quando um morto-vivo dorme em casa – ao dizer isso, Van Helsing fez um movimento amplo com o braço, para indicar o que era a "casa" de um vampiro –, seu rosto indica o que ele é. Mas esta, tão doce como quando não era uma morta-viva, retorna ao nada de uma morta comum. Veja, não há nada de maligno aqui, e vai ser difícil ter que matá-la em seu sono.

Isso gelou meu sangue, e comecei a me dar conta de que estava aceitando as teorias de Van Helsing. Mas se Lucy estava realmente morta, por que a ideia de matá-la me causava tanto terror? O professor olhou para mim e evidentemente notou a mudança em meu rosto, pois acrescentou, quase alegre:

– Ah, agora você acredita?

Respondi:

– Não me pressione demais. Estou disposto a acreditar. Como você vai fazer esse maldito trabalho?

– Vou cortar a cabeça fora, encher a boca com alho e fincar uma estaca atravessando o corpo.

Estremeci de pensar na mutilação do corpo da mulher que amei. E, no entanto, a sensação não foi tão intensa quanto eu imaginava. Estava, na verdade, começando a estremecer pela presença daquele ser, daquela morta-viva, como disse Van Helsing, e a odiá-la. Será possível que o amor seja todo subjetivo ou todo objetivo?

Aguardei por um tempo considerável que Van Helsing começasse, mas ele permaneceu parado, absorto em pensamentos. Então fechou a valise

subitamente e disse:

– Estava pensando e cheguei a uma conclusão sobre o melhor caminho a tomar. Se eu simplesmente seguisse minha inclinação, faria agora, neste momento, o que deve ser feito. Mas existem outras coisas a serem consideradas, coisas mil vezes mais difíceis sobre as quais nada sabemos. É muito simples. Ela ainda não tirou nenhuma vida, embora seja uma questão de tempo, e agir agora evitaria esse perigo para sempre. Mas talvez precisemos de Arthur mais tarde, e como contar a ele algo assim? Se até você, que viu as feridas no pescoço de Lucy e viu feridas semelhantes na criança no hospital, se até você, que viu o caixão vazio ontem à noite e ocupado hoje por uma mulher que ficou mais corada e mais bonita depois de uma semana morta, se até você, que sabe de tudo isso e viu o vulto branco ontem à noite trazendo a criança para o cemitério, duvida dos próprios sentidos, como posso esperar que Arthur, que não sabe de nenhuma dessas coisas, acredite? Ele duvidou de mim quando o impedi de beijá-la em seu leito de morte. Sei que me perdoou por, no que considerou um engano de minha parte, ter feito coisas que o impediram de se despedir como ele queria, e agora ele pode pensar que, por outro engano, esta mulher foi enterrada viva, e, por um engano maior ainda, que nós a matamos. Então vai argumentar que fomos nós, os equivocados, que a assassinamos por causa de nossas ideias, e vai ser muito infeliz para sempre. No entanto, jamais vai ter certeza, e isso é o pior de tudo. Em alguns momentos, vai imaginar que aquela que amou foi enterrada viva, e isso vai tingir seus sonhos com os horrores que ela deve ter sofrido; em outros, vai considerar que poderíamos estar certos, e que sua amada era, afinal, uma morta-viva. Não! Já fiz isso com ele uma vez e, de lá para cá, aprendi bastante. Agora que sei que é tudo verdade, estou cem mil vezes mais convencido de que ele deve passar pelas águas amargas para chegar à água doce. Pobre sujeito, a provação que terá de enfrentar vai fazer a própria face do céu lhe parecer negra. Só então poderemos agir de uma vez por todas e lhe dar alguma paz. Já me decidi. Vamos. Você vai voltar para o seu manicômio e garantir que tudo esteja bem. Quanto a mim, vou passar a noite sozinho aqui no cemitério. Encontre-me no Berkeley Hotel amanhã às dez da noite. Também vou chamar Arthur e aquele belo rapaz americano que doou sangue. Vamos todos ter muito trabalho pela frente. Vou acompanhá-lo até Piccadilly e jantar por lá, pois preciso voltar para cá antes que o sol se ponha.

E assim, trancamos o mausoléu e partimos. Pulamos o muro do cemitério, o que não era muito difícil, e tomamos um fiacre até Piccadilly.

BILHETE DEIXADO PELO DR. VAN HELSING EM SUA VALISE, NO BERKELEY HOTEL, PARA O DR. JOHN SEWARD (não entregue)

27 de setembro

Amigo John,
Escrevo isto caso algo aconteça. Vou passar a noite em claro, sozinho, naquele cemitério. Agrada-me que a morta-viva, srta. Lucy, não saia esta noite, de modo que, amanhã, esteja mais faminta. Portanto, vou preparar algumas coisas de que ela não gosta – alho e crucifixo – e selar a porta do mausoléu. Ela é jovem como morta-viva e há de tomar cuidado. Além do mais, esses itens vão servir apenas para evitar que ela saia; não vão impedi-la de entrar, pois neste momento a morta-viva estará desesperada, e deverá buscar o ponto de menor resistência, qualquer que seja ele. Vou passar a noite inteira a postos, do crepúsculo até depois da alvorada, e se houver algo que eu ainda precise aprender, hei de descobrir. Não temo pela srta. Lucy nem tenho medo dela, mas o outro que a tornou uma morta-viva tem agora o poder de encontrar o mausoléu da srta. Lucy e lá se abrigar. Ele é astuto, como sei pelo relato do sr. Jonathan e pelo modo como nos enganou o tempo todo ao brincar com a vida da srta. Lucy, e nós perdemos. Mortos-vivos são fortes em muitos aspectos. Esse sempre possui em suas mãos a força de vinte homens, e, mesmo que nós quatro tenhamos doado a nossa força à srta. Lucy, na verdade, tudo isso passou para ele. Além do mais, pode convocar seu lobo e não sei o que mais. De modo que se vier esta noite, vai me encontrar ali, e mais ninguém… até que seja tarde demais. Mas talvez ele não se arrisque naquele lugar. Não há motivos para que o faça. Seu território é muito mais farto em caça do que o cemitério em que dorme a morta-viva e onde este velho estará de vigia.

Portanto, escrevo isto caso… Pegue os papéis que estão guardados com este, os diários de Harker e todo o resto, e leia. Depois encontre esse grande morto-vivo, e corte-lhe fora a cabeça, queime-lhe o coração ou finque uma estaca no coração, para que o mundo possa dele se livrar.

Sendo assim, adeus.

Van Helsing

DIÁRIO DO DR. SEWARD

28 de setembro – É maravilhoso o que uma boa noite de sono pode fazer pela pessoa. Ontem estive prestes a aceitar as ideias monstruosas de Van Helsing, mas agora elas parecem brotar furtivamente diante de mim como ultrajes ao bom senso. Não tenho dúvida de que ele acredita naquilo tudo. Pergunto-me se seu cérebro não estaria começando a vacilar de alguma forma. Tem de haver *alguma* explicação racional para todas essas coisas misteriosas. Será possível que o próprio professor tenha feito tudo isso ele mesmo? É tão anormalmente inteligente que, caso tenha enlouquecido, seria capaz de levar a cabo seu intento no que diz respeito a alguma ideia fixa de modo assombroso. Odeio pensar nisso, e, a bem da verdade, descobrir que Van Helsing está ficando louco seria um espanto tão grande quanto aceitar sua teoria. De qualquer forma, vou observar suas atitudes com toda atenção. Talvez consiga lançar alguma luz nesse mistério.

29 de setembro, pela manhã – Ontem à noite, pouco antes das dez, Arthur e Quincey entraram no quarto de Van Helsing. O professor nos contou tudo o que queria que fizéssemos, mas se dirigiu especialmente a Arthur, como se todas as nossas vontades se concentrassem nele. Começou dizendo que esperava que todos nós o acompanhássemos:

– Pois – explicou – há uma tarefa grave[174] a ser cumprida. Então você ficou surpreso com a minha carta?

A pergunta foi dirigida a lorde Godalming.

– Fiquei. Na verdade, ela me deixou um pouco preocupado. Foram tantos percalços na minha casa ultimamente que bem poderia passar sem isso. Também fiquei curioso com o que o senhor quis dizer. Quincey e eu conversamos a respeito, mas quanto mais falávamos, mais intrigados ficávamos, a ponto de agora eu evitar arriscar qualquer sentido para qualquer coisa.

– Eu também – observou Quincey Morris, lacônico.

– Oh – exclamou o professor –, então os senhores estão ambos mais próximos de começar a entender do que o nosso amigo John aqui, que ainda tem de refazer um longo percurso até chegar sequer ao início.

Estava claro que Van Helsing tinha percebido o retorno da dúvida que marcara meu estado de espírito anterior sem que eu tivesse de dizer uma

palavra sequer. Então, virando-se para os outros dois, acrescentou com intensa gravidade:

– Quero a permissão dos senhores para fazer hoje à noite o que julgo ser o melhor. Sei que estou pedindo muito; e os senhores somente entenderão o quanto depois que souberem o que vou propor. Portanto, peço sua confiança assim, no escuro, para que depois, mesmo que fiquem com raiva de mim por algum tempo, e não me iludo quanto a essa possibilidade, não culpem a si mesmos por nada.

– Pelo menos, o senhor é franco – interveio Quincey. – O professor tem meu consentimento. Não entendi direito o que quer, mas posso jurar que é honesto, e para mim isso é o bastante.

– Obrigado – respondeu Van Helsing, orgulhoso. – Tenho a honra de contá-lo entre os meus amigos de confiança, e essa consideração me é muito cara. – Ele estendeu a mão, que Quincey apertou.

Em seguida, foi a vez de Arthur se pronunciar:

– Dr. Van Helsing, não sou de "pagar sem ver", como se diz na Escócia, e no que concerne à minha honra de cavalheiro ou à minha fé cristã, não posso fazer uma promessa dessas. Se puder me garantir que o que o senhor pretende não infringe nenhuma dessas duas, então meu consentimento está dado, muito embora, por tudo o que me é sagrado, não consiga entender aonde o senhor quer chegar.

– Aceito suas condições – disse Van Helsing –, e a única coisa que lhe peço é que, se sentir necessidade de condenar alguma atitude minha, reflita bem antes e se certifique de que suas premissas não estão sendo violadas.

– Combinado! – disse Arthur. – É justo. E agora chega de conversa-fiada, posso saber o que vamos fazer então?

– Quero que os senhores venham comigo, em segredo, até o cemitério de Kingstead.

O semblante de Arthur se contraiu com um certo espanto:

– Onde a pobre Lucy está enterrada?

O professor assentiu. Arthur continuou:

– E uma vez que estivermos lá?

– Vamos entrar no mausoléu!

Arthur se pôs de pé.

– Professor, o senhor está falando sério ou isso é alguma brincadeira monstruosa? Perdão, pelo visto o senhor fala sério. – Voltou a sentar, mas

reparei que estava mais ereto e orgulhoso, como se tivessem mexido com seus brios. Fez-se um silêncio, até que voltou a perguntar: – E uma vez dentro do mausoléu?

– Vamos abrir o caixão.

– Assim já é demais! – vociferou ele, irritado, voltando a se levantar. – Estou disposto a ter paciência em tudo o que for razoável, mas isso, essa profanação do túmulo, de alguém que… – Quase engasgou de indignação.

O professor o fitou com pena.

– Se pudesse poupá-lo dessa dor, meu pobre amigo – disse ele –, Deus sabe que o faria. Mas hoje à noite nossos pés deverão trilhar caminhos espinhosos, caso contrário, mais tarde e para sempre, os pés que o senhor ama trilharão chamas eternas!

Arthur encarou-o lívido e o alertou:

– Cuidado, senhor, muito cuidado com o que fala!

– Não seria melhor ouvir o que tenho a dizer? – perguntou Van Helsing. – Assim pelo menos o senhor vai entender o limite de minha proposta. Devo prosseguir?

– Parece justo – interveio Morris.

Depois de uma pausa, Van Helsing continuou, evidentemente com dificuldade:

– A srta. Lucy morreu, não é mesmo? Sim! Portanto não é possível lhe causar mal nenhum. Mas se ela não estiver morta…

Arthur se pôs de pé, sobressaltado:

– Santo Deus! – exclamou. – O que o senhor quer dizer com isso? Houve algum engano e ela foi enterrada viva? – Ele emitiu um gemido de angústia que nenhuma esperança poderia atenuar.

– Eu não disse que ela está viva, meu filho. Nem pensei nisso. Não digo nada senão que ela pode ser uma morta-viva.

– Morta-viva! Mas não viva! O que o senhor quer dizer? Isso é tudo um pesadelo ou o quê?

– Existem mistérios sobre os quais os homens só podem formular hipóteses e que, ao longo das eras, serão solucionados apenas em parte. Acredite, estamos agora diante de um desses mistérios. Mas ainda não terminei. Posso cortar fora a cabeça da falecida srta. Lucy?

– Por Deus, não! – gritou Arthur em um arroubo de paixão. – Por nada no mundo vou consentir em nenhuma mutilação do cadáver dela. Dr. Van Helsing,

o senhor está me provocando além dos limites. O que fiz para o senhor me torturar assim? O que essa pobre menina, tão meiga, fez para que o senhor queira causar tamanha desonra em sua própria sepultura? É o senhor que está louco, por dizer essas coisas, ou o louco sou eu, por lhe dar ouvidos? Nem ouse pensar nessa profanação. O senhor não tem o meu consentimento para nada. Tenho o dever de proteger o túmulo de Lucy contra qualquer ultraje e, por Deus, é o que vou fazer!

Van Helsing se levantou do lugar onde estivera sentado o tempo todo e disse, grave e austero:

– Meu lorde Godalming, também tenho um dever, um dever para com os outros, para com o senhor e para com a morta. E, por Deus, vou cumprir esse dever! Tudo o que quero por enquanto é que venha comigo, que observe e escute. Se mais tarde, quando eu lhe pedir o mesmo que pedi agora, o senhor não se mostrar mais ávido do que eu por agir nesse sentido, então… Então vou cumprir o meu dever, qualquer que seja ele. E nesse momento, se for esse o desejo de lorde Godalming, vou estar à disposição para prestar contas à Vossa Senhoria, basta o senhor dizer onde e quando.

Sua voz embargou, e ele prosseguiu, num tom cheio de compaixão:

– Mas eu imploro, não fique com raiva de mim. Em minha longa vida de atos nem sempre muito agradáveis, que algumas vezes me doeram o coração desempenhar, jamais tive tarefa tão pesada quanto essa agora. Acredite, se em algum momento o senhor mudar de ideia ao meu respeito, basta um olhar seu para esquecermos esta hora triste, pois eu faria o que fosse preciso para poupá-lo da tristeza. Pense bem. Pois o que me faria dedicar tanto trabalho e tanta tristeza? Saí de minha terra e vim para cá fazer todo o bem que podia, a princípio para satisfazer um pedido de meu amigo John, e depois para ajudar uma doce e meiga dama a quem também vim a amar. Por ela, envergonho-me até de dizer, mas digo de bom grado, dei o mesmo que o senhor, o sangue de minhas veias. Doei, eu que nem era, como o senhor, seu namorado, mas apenas seu médico e amigo. Doei também minhas noites e meus dias, antes da morte, depois da morte. E se a minha própria morte puder lhe fazer algum bem, mesmo agora que é uma morta-viva morta, é o que ela vai ter de mim, de boa vontade.

O professor disse isso com um orgulho grave e doce, e Arthur ficou muito emocionado. Apertou a mão do velho e respondeu com a voz embargada:

– Oh, é duro pensar nisso, não consigo entender, mas pelo menos irei com o senhor e aguardarei.

169. Citação (ligeiramente errada no original) de "Don Juan" (1818), de Byron (canto 1, estrofe 138): "*To prove himself the thing he most abhorr'd.*"

170. Famoso pub que existiu em Hampstead, na região oeste de Londres, construído a partir de um estábulo, em 1721. Jack Straw foi supostamente um dos ativistas que sublevaram camponeses contra Ricardo II em 1381, discursando em sua carroça de feno. Reconstruído após os danos sofridos na Segunda Guerra, hoje encontra-se transformado em edifício de apartamentos.

171. Líquido oleoso produzido no crânio dos cachalotes, associado à flutuação, pois aumenta de densidade e afunda ao ser resfriado pela água. Foi muito valioso no séc.XIX, usado na fabricação de velas.

172. Construído em 1585 como casa de campo do embaixador da Espanha em Londres, o local foi convertido por dois irmãos espanhóis em hospedaria e pub no séc.XVIII, tendo sido frequentado ao longo dos anos por nomes como Lord Byron, John Keats e Charles Dickens. Funciona até hoje na Spaniard Road.

173. No original, *un-dead*, termo que foi um dos títulos pensados por Stoker para o romance.

174. Para mais sobre a expressão (e a missão), ver a Apresentação a este volume.

CAPÍTULO 16

DIÁRIO DO DR. SEWARD (continuação)

Faltavam quinze para a meia-noite quando entramos no cemitério, escalando pela parte baixa do muro. A noite estava escura com raros vislumbres de luar por entre as manchas de nuvens carregadas que cobriam o céu. Ficamos todos juntos, com Van Helsing pouco adiante, para nos mostrar o caminho. Ao chegarmos perto do mausoléu, olhei bem para Arthur, pois receava que a proximidade de um lugar de triste memória fosse incomodá-lo, mas ele suportou bem. O próprio mistério daquela empreitada era uma espécie de antídoto contra seu luto. O professor destrancou a porta e, notando uma hesitação natural entre nós por diversos motivos, resolveu o dilema entrando ele mesmo primeiro. Nós o seguimos, e ele fechou a porta. Em seguida, acendeu uma lanterna escura[175] e apontou para o caixão. Arthur deu um passo, hesitante. Van Helsing voltou-se para mim:

– Você esteve aqui comigo ontem. O corpo da srta. Lucy estava no caixão?

– Estava.

O professor se virou para os outros, dizendo:

– Os senhores ouviram, e, ainda assim, ninguém aqui acredita em mim.

Ele pegou sua chave de fenda e desaparafusou a tampa do caixão. Arthur ficou olhando, pálido, mas calado. Quando a tampa foi removida, deu outro passo à frente. Evidentemente, não sabia que havia um caixão de chumbo por dentro ou, de qualquer forma, não se lembrou disso. Ao ver o rasgo no chumbo, o sangue lhe subiu ao rosto por um instante, mas voltou a descer na mesma hora, de modo que permaneceu com aquela palidez macabra. Continuou mudo. Van Helsing forçou a borda do chumbo para trás, todos olhamos para dentro e recuamos de súbito.

O caixão estava vazio!

Durante alguns minutos ninguém disse nada. O silêncio foi rompido por

Quincey Morris:

– Professor, já lhe dei meu consentimento. Basta-me a sua palavra. Normalmente eu nem faria uma pergunta dessas, não cometeria a desonra de suspeitar de alguma coisa, mas isso é um mistério que vai além da honra e da desonra. Foi o senhor quem fez isso?

– Juro pelo que é mais sagrado que não a removi nem sequer a toquei. O que aconteceu foi o seguinte. Duas noites atrás meu amigo Seward e eu viemos aqui, com a melhor das intenções, acreditem. Abri o caixão, que estava lacrado, e o encontramos como está agora, vazio. Então ficamos esperando e vimos um vulto branco passar por entre as árvores. No dia seguinte, voltamos aqui durante o dia, e ela estava deitada aí dentro. Não estava, amigo John?

– Estava.

– Na primeira noite, chegamos bem a tempo. Outra criancinha havia desaparecido, e nós a encontramos, graças a Deus, ilesa entre os túmulos. Ontem vim para cá antes de escurecer, pois quando o sol se põe os mortos-vivos podem sair. Esperei a noite inteira até que o sol nasceu, mas não vi nada. O mais provável é que seja porque pus alho na dobradiça das portas e outras coisas que os mortos-vivos não suportam. Ontem à noite não houve movimento, de modo que hoje, antes que o sol se pusesse, tirei o alho e as outras coisas. E não é que encontramos o caixão vazio? Mas prestem atenção. Até aqui, já são muitas coisas estranhas. Esperem lá fora comigo, sem sermos notados nem ouvidos, e os senhores testemunharão coisas ainda mais estranhas. Pois então – nesse ponto, Van Helsing fechou a portinhola da lanterna –, vamos lá para fora.

Abriu a porta, e saímos, com ele deixando o mausoléu por último e trancando a porta atrás de si.

Oh! Mas como o ar da noite estava fresco e puro após o terror daquele mausoléu. Como foi doce ver as nuvens correndo ao longe, os clarões passageiros do luar entre as nuvens cerradas, cruzando e passando, como a alegria e a tristeza na vida de um homem. Como foi doce respirar aquele ar fresco, imaculado de qualquer nódoa de morte e decrepitude. Que humanizador ver as luzes avermelhadas do céu sobre a colina e ouvir o rumor abafado na distância, marca da vida de uma grande cidade. Cada um de nós a sua maneira, estávamos todos solenes e derrotados. Arthur ficou calado, e eu podia ver que estava empenhado em captar o propósito e o sentido íntimo do mistério. Eu mesmo me senti razoavelmente paciente e um tanto inclinado outra vez a deixar de lado todas as dúvidas e acatar as conclusões de Van

Helsing. Quincey Morris exibia a fleuma de alguém que aceita todas as coisas, e as aceita no espírito de bravura serena, em detrimento de tudo o que tem. Sem poder fumar na tocaia, cortou um bom naco de tabaco e começou a mascar. Quanto a Van Helsing, empenhou-se decididamente. Primeiro tirou da valise uma massa fina, que parecia ser de biscoito, cuidadosamente enrolada em um guardanapo branco. Em seguida, pegou dois punhados de uma coisa esbranquiçada, que parecia massa de pão ou de vidraceiro. Partiu o biscoito e o misturou na massa com as mãos. Então enrolou a massa em tiras finas, que grudou nas frestas entre a porta e o batente, na entrada do mausoléu. Aquilo me intrigou, e, olhando de perto, perguntei o que estava fazendo. Arthur e Quincey também se aproximaram, curiosos. O professor respondeu:

– Estou selando o mausoléu para que a morta-viva não consiga entrar.

– E essa massa que o senhor colocou vai impedi-la?

– Vai.

– O que o senhor usou? – dessa vez, foi Arthur quem perguntou. Van Helsing tirou o chapéu com reverência e anunciou:

– Hóstia. Trouxe de Amsterdã. Tenho uma Indulgência.[176]

A resposta desconcertou até o mais cético entre nós, e, individualmente, sentimos que, na presença de um propósito tão sincero como o do professor, propósito que envolvia o uso da coisa mais sagrada para ele, era impossível desconfiar. Num silêncio respeitoso, assumimos as posições designadas a cada um em torno do mausoléu, mas ocultos de alguém que se aproximasse. Tive pena dos outros dois, especialmente de Arthur. Já havia passado em minhas visitas anteriores pelo horror daquela vigília, e, ainda assim, eu, que uma hora atrás rejeitara as provas, sentia o coração se apertar. As sepulturas nunca pareceram tão brancas e macabras. Os ciprestes, os teixos e os juníperos jamais encarnaram tão bem a melancolia fúnebre. O vento na copa de uma árvore ou roçando a relva nunca foi tão agourento. Jamais um galho rachou tão misteriosamente, nem o uivo distante dos cães enviou mais doloroso presságio através da noite.

Fez-se um longo período de silêncio, imenso, dolente, vazio, e então ouvimos o professor emitir um sibilo agudo. Ele apontou, e, lá embaixo na alameda dos teixos, vimos um vulto branco se aproximar, um vulto branco difuso, trazendo alguma coisa escura no peito. O vulto parou, e nesse momento um raio de luar passou por entre as nuvens em movimento e revelou, com sua claridade impressionante, uma mulher de cabelos escuros, vestida com uma

mortalha branca. Não conseguimos enxergar o rosto, pois estava voltado para baixo, inclinado sobre uma criança de cabelos loiros. Depois de uma pausa, ouvimos um grito breve e agudo, como o de uma criança que dorme ou de um cão sonhando diante do fogo. Estávamos prestes a ir na direção dela, mas a mão erguida do professor, escondido atrás de um teixo, fez com que recuássemos. Então vimos o vulto branco avançar novamente. Estava agora perto o suficiente para vermos com clareza, e o luar seguia iluminando tudo. Meu coração ficou frio como gelo, e pude ouvir Arthur engolir em seco ao reconhecer os traços de Lucy Westenra. Lucy Westenra, sim, mas tão mudada! A doçura havia se convertido em crueldade adamantina, impiedosa, e a pureza, em voluptuosa promiscuidade. Van Helsing saiu de trás do teixo, e, obedientes a seu gesto, todos avançamos também, formando uma fileira diante da porta do mausoléu. O professor ergueu a lanterna e abriu a portinhola. Com a luz concentrada sobre o rosto de Lucy, pudemos ver que os lábios estavam vermelhos de sangue fresco e que o fio escorrendo pelo queixo manchara a pureza da mortalha branca.

Estremecemos de horror. Sob o tremular da luz, era possível notar que até os nervos de aço de Van Helsing haviam ficado abalados. Arthur estava ao meu lado, e se eu não tivesse segurado seu braço e o sustentado, teria caído.

Quando Lucy – chamo a criatura diante de nós de Lucy, pois conservava sua forma – nos viu, recuou com um rosnado bravio, como o de uma gata pega de surpresa, então seus olhos nos esquadrinharam. Eram os olhos de Lucy na forma e na cor, mas, em vez das órbitas puras e delicadas que conhecíamos, eram impuros e cheios de fogo infernal. Naquele momento, o que restava do meu amor virou ódio e repulsa. Se era preciso matá-la, eu o faria com um prazer brutal. Ao nos fitar, seus olhos reluziram com um brilho profano, e o rosto se enfeitou com um sorriso voluptuoso. Oh, Deus, como estremeci ao presenciar aquilo! Com um movimento descuidado, cruel feito um demônio, ela jogou no chão a criança que até então trazia agarrada com força ao peito, rosnando feito um cão diante de um osso. A criança soltou um grito agudo e permaneceu caída no chão, gemendo. O sangue-frio desse gesto fez Arthur gemer também. Quando Lucy avançou na direção dele com os braços abertos e um sorriso lascivo, ele recuou e cobriu o rosto com as mãos. Mas ela continuou se aproximando dele e, cheia de langor e volúpia, o chamou:

– Venha comigo, Arthur. Deixe os outros aí e venha comigo. Meus braços estão ávidos por você. Venha, e poderemos nos deitar juntos. Venha, meu marido, venha!

Havia algo de diabolicamente meigo naquele tom de voz, algo que lembrava o tilintar do vidro e que ressoou em nossos cérebros mesmo que as palavras tenham sido dirigidas a outro homem. Quanto a Arthur, parecia em transe e, tirando as mãos do rosto, abriu os braços. Lucy estava prestes a saltar sobre ele quando Van Helsing interveio e se interpôs entre os dois com seu pequeno crucifixo de ouro. Ela recuou e, com uma expressão subitamente distorcida, cheia de raiva, correu para a entrada do mausoléu.

Contudo, a cerca de meio metro da porta, parou, como que impedida por alguma força irresistível. Então se virou, e seu rosto apareceu no clarão do luar e iluminado pela lanterna de Van Helsing, cujos nervos agora não tremiam mais. Jamais vi tanta perversidade frustrada em uma expressão e espero que nunca mais ninguém presencie isso. A cor bonita se tornou lívida, os olhos pareciam soltar faíscas do fogo do inferno, as sobrancelhas se franziram como se as dobras da carne fossem as escamas das serpentes de Medusa,[177] e a adorável boca manchada de sangue se converteu em uma abertura quadrada, como a das máscaras das paixões dos gregos e dos japoneses.[178] Se existe uma expressão do desejo de matar – um olhar capaz de provocar a morte – foi a que vimos naquele momento.

E assim, por meio minuto, que pareceu uma eternidade, ela ficou parada entre o crucifixo erguido e a entrada obstruída pela massa sagrada. Van Helsing rompeu o silêncio, perguntando a Arthur:

– Diga-me, oh, meu amigo! Posso continuar o meu trabalho?

Arthur deixou-se cair de joelhos e respondeu, cobrindo o rosto com as mãos:

– Faça como quiser, amigo! Faça como quiser. Um horror como esse não pode existir nunca mais.

E, abatido, deixou escapar um soluço.[179]

Quincey e eu nos aproximamos dele ao mesmo tempo e o seguramos pelos braços. Ouvimos o clique da lanterna sendo fechada quando Van Helsing a pôs no chão. Aproximando-se do mausoléu, ele começou a retirar das frestas parte da massa sagrada que havia colocado ali. Quando ele se afastou, ficamos pasmos de horror com o que vimos: a mulher, com seu corpo tão real quanto o nosso naquele momento, entrou pela fresta por onde mal passaria a lâmina de uma faca. Ficamos todos aliviados quando o professor calmamente repôs a massa nas frestas da porta.

Isso feito, ele pegou a criança do chão e disse:

– Venham comigo agora, meus amigos. Não podemos fazer mais nada até amanhã. Vai haver outro enterro ao meio-dia, pouco depois disso, portanto, estaremos aqui de novo. Às duas da tarde, os amigos do morto já terão saído, e, quando o coveiro trancar o portão, ficaremos aqui dentro. Então teremos mais coisas a fazer, mas será diferente desta noite. Quanto a esse garotinho, não parece em estado grave e amanhã à noite deve estar curado. Vamos deixá-lo onde a polícia possa encontrá-lo, como da outra vez, e voltar para casa.

Aproximando-se de Arthur, acrescentou:

– Meu amigo Arthur, você tem uma dolorida provação pela frente, mas depois, quando olhar para trás, verá como foi necessário passar por isso. Você está agora em águas amargas, meu filho. Mas amanhã a esta hora, queira Deus, já terá passado por elas e bebido da água doce. Portanto, não se lamente demais. Até lá, não pedirei seu perdão.

Arthur e Quincey vieram para casa comigo, e tentamos nos animar no caminho. Havíamos deixado o garotinho em segurança e estávamos cansados; então dormimos um sono mais ou menos real.

29 de setembro, à noite – Pouco antes do meio-dia, nós três – Arthur, Quincey Morris e eu – fomos buscar o professor. Foi curioso notar que, de comum acordo, estávamos todos de preto. Arthur por causa do luto, claro, mas nós outros por instinto. Chegamos ao cemitério à uma e meia e ficamos caminhando, evitando ser notados, de modo que, quando os operários terminaram de fechar a sepultura e o coveiro, acreditando que não havia mais ninguém ali, trancou o portão, ficamos com o local inteiro à nossa disposição. Van Helsing, em vez de sua pequena valise preta, trazia consigo uma bolsa comprida de couro, semelhante a uma sacola de críquete. Estava evidentemente muito pesada.

Quando ficamos sozinhos e ouvimos sumir o som dos últimos passos na rua, seguimos o professor silenciosamente até o mausoléu, como se obedecêssemos a uma ordem. Van Helsing abriu a porta, entramos e a fechamos. Então tirou a lanterna da sacola, acendeu-a, e também duas velas de cera, que grudou sobre outros caixões derretendo as bases, obtendo assim luz suficiente para trabalhar. Quando abriu a tampa do caixão de Lucy, todos olhamos – Arthur tremendo feito um choupo – e constatamos que o cadáver jazia ali, com toda a beleza da morta. Mas não havia mais amor em meu coração, nada além da aversão pela Coisa impura que tomara a forma de Lucy

sem sua alma. A expressão no rosto de Arthur foi endurecendo à medida que a fitava. Por fim, ele perguntou a Van Helsing:

– Este é mesmo o corpo de Lucy ou só um demônio com a forma dela?

– É o corpo dela, mas ao mesmo tempo não é. Espere um pouco e você a verá como era, e como é de verdade.

Ela parecia um pesadelo de Lucy ali deitada, os dentes pontiagudos, as manchas de sangue, a boca voluptuosa que dava calafrios só de ver, toda a aparência carnal e sem espírito, como uma zombaria demoníaca com a doce pureza de Lucy. Van Helsing, metódico como sempre, começou a tirar da sacola diversos pertences e a aprontá-los para serem usados. Primeiro pegou um ferro de solda e um pouco de chumbo; depois uma pequena lamparina a óleo, que, acesa no canto do mausoléu, ardia com uma chama azul muito quente; então seus bisturis, que dispôs ao alcance da mão; e, por fim, uma estaca roliça de madeira, de uns cinco centímetros de espessura e pouco menos de um metro de comprimento. Uma das extremidades da estaca fora endurecida no fogo e afiada até ficar pontiaguda. Depois da estaca, sacou um pesado martelo, como o que se usa para quebrar carvão. Para mim, qualquer que seja a operação, os preparativos de um médico são sempre estimulantes e absorventes; para Arthur e Quincey, no entanto, aquilo causou uma espécie de consternação. Mas ambos conservaram a coragem e permaneceram calados e serenos.

Quando estava tudo pronto, Van Helsing anunciou:

– Antes de mais nada, preciso lhes dizer uma coisa sobre as lendas e as experiências dos antigos e de todos aqueles que estudaram os poderes dos mortos-vivos. Quando se tornam isso, a mudança vem acompanhada pela maldição da imortalidade. Eles não podem mais morrer, devendo continuar, era após era, agregando novas vítimas e multiplicando os males do mundo. Pois todo aquele que morre vítima de um morto-vivo também se torna morto-vivo e passa a caçar novas vítimas. E assim o círculo segue sempre se alargando, como as ondas de uma pedra atirada na água. Amigo Arthur, se você tivesse dado aquele beijo antes que a pobre Lucy falecesse, ou depois, na noite em que abriu os braços para ela, com o tempo, após morrer, também teria se tornado um *nosferatu*,[180] como se diz na Europa Oriental, e produziria para sempre mais desses mortos-vivos que nos enchem de horror. A carreira dessa nossa querida dama infeliz está só começando. Aquelas criancinhas cujo sangue sugou ainda não passaram pelo pior, mas se continuar viva, morta-viva, cada vez mais as crianças vão perder seu sangue e, graças ao poder exercido

sobre elas, vão continuar vindo até Lucy, que vai sugar seu sangue com aquela boca cruel. Mas, se ela morrer definitivamente, tudo isso cessará. As minúsculas feridas no pescoço das crianças vão desaparecer, e elas voltarão a brincar sem jamais saber o que se passou. Mas a maior bênção de todas será quando esta morta-viva descansar na verdadeira morte, pois a alma da pobre dama que todos amamos estará livre outra vez. Em vez de fazer maldades à noite e tornar-se cada vez mais vil durante o dia ao assimilar o que fez, ela assumirá seu lugar em meio aos outros Anjos. De modo que, meu amigo, bendita seja a mão que lhe der o golpe que a libertará. Estou disposto a tanto, mas não haverá entre nós alguém com mais direito a isso? Não será uma alegria pensar depois, no silêncio da noite, enquanto o sono não vem: "Foi minha mão que a enviou para junto das estrelas. Foi a mão daquele que ela mais amou, a mão daquele que dentre todos ela teria escolhido, se tivesse escolha?" Diga-me se existe alguém assim entre nós?

Olhamos todos para Arthur. E, como nós, ele entendeu a infinita bondade da sugestão de que caberia a ele devolver Lucy à nossa lembrança sagrada, e não profana. Deu um passo à frente e, embora a mão tremesse e o rosto estivesse pálido como neve, disse corajosamente:

– Meu sincero amigo, do fundo de meu coração partido, agradeço. Diga o que devo fazer, e não hesitarei! – Van Helsing pôs a mão em seu ombro e prosseguiu:

– Rapaz corajoso! Basta um momento de coragem, e pronto. A estaca deve ser cravada através dela. Será uma provação terrível, não se deixe enganar, mas será breve, e depois a sua alegria compensará essa dor. Você vai deixar este mausoléu sombrio como se flutuasse. Mas você não poderá hesitar depois de começar. Pense que nós aqui, seus verdadeiros amigos, estamos ao seu redor, rezando por você o tempo todo.

– Continue – exigiu Arthur, rispidamente. – Diga o que devo fazer.

– Pegue esta estaca com a mão esquerda, apontada para o coração, e segure o martelo com a mão direita. Então, quando começarmos a rezar pela morta a oração que vou ler deste livro e que os outros vão repetir comigo, crave a estaca em nome de Deus, para que a morta que amamos reencontre a paz e que a morta-viva se vá.

Arthur pegou a estaca e o martelo, e, depois que sua mente se concentrou na ação, suas mãos não tremeram nem hesitaram. Van Helsing abriu o missal e começou a ler, e Quincey e eu repetimos da melhor forma que pudemos. Arthur posicionou a ponta da estaca sobre o coração, e, olhando de perto notei a

cavidade formada na carne branca. Então martelou com toda a força.

A Coisa se retorceu no caixão, e um grito horrendo, de gelar o sangue, saiu dos lábios vermelhos abertos. O corpo sacudiu e tremeu, contorcendo-se com selvageria. Os dentes brancos e pontiagudos morderam até cortar os lábios, e a boca ficou suja de uma espuma carmesim. Arthur, porém, não hesitou. Parecia uma imagem de Thor, com o braço resoluto subindo e descendo, batendo cada vez mais fundo na estaca da misericórdia, enquanto o sangue do coração perfurado jorrava aos borbotões. O rosto impávido de Arthur parecia irradiar a sensação de um alto dever sendo cumprido. Essa visão nos transmitiu coragem, e nossas vozes reverberaram dentro do pequeno mausoléu.

E então, o tremor e as contorções do corpo se acalmaram, os dentes soltaram a carne, e o rosto relaxou. Até que, por fim, ela parou de se mexer. A tarefa terrível estava terminada.

O martelo caiu da mão de Arthur. Ele bambeou e, se não o tivéssemos amparado, teria tombado. Grandes gotas de suor pingavam de sua testa, e a respiração estava ofegante. Havia de fato sido um esforço tremendo, e, se não tivesse sido obrigado a tal tarefa por considerações sobre-humanas, jamais teria conseguido levá-la a cabo. Por alguns minutos, ficamos tão absorvidos por nosso amigo que não olhamos mais para o caixão. Quando o fizemos, contudo, um murmúrio de surpresa e espanto saiu de cada um de nós. Fitávamos tão avidamente, que Arthur se levantou, pois estava sentado no chão, e veio ver também, e então uma luz estranha de contentamento se fez em seu rosto e afastou de uma vez a penumbra de horror que ele trazia no semblante.

Ali não jazia mais a Coisa vil que tanto tememos e que acabamos por odiar tanto que o trabalho de destruir fora considerado um privilégio concedido ao mais apropriado entre nós. Ali jazia Lucy tal como a conhecêramos em vida, com seu rosto de incomparável doçura e pureza. É verdade que também estavam presentes os traços da atribulação, da dor e da desolação que vimos em seus últimos dias. Mas mesmo esses nos eram caros, pois eram marcas que confirmavam nela o que sabíamos. Todos nós entendemos ali que a serenidade sagrada que jazia feito a luz do sol sobre o rosto e o corpo devastado era apenas um sinal e um símbolo terreno da serenidade que doravante reinaria para sempre.

Van Helsing se aproximou, pousou a mão no ombro de Arthur e perguntou:

– E agora, Arthur, meu amigo, meu caro rapaz, estou perdoado?

A reação àquele esforço terrível veio quando ele apertou a mão do velho e, puxando-a para perto dos lábios, beijou-a e respondeu:

– Está perdoado! Deus abençoe o senhor por devolver à minha amada sua alma e me trazer a paz.

Ele pôs as mãos nos ombros do professor e, deitando a cabeça em seu peito, chorou baixinho por um tempo, enquanto permanecemos ali, imóveis. Quando Arthur afastou a cabeça, Van Helsing lhe disse:

– E agora, meu filho, você pode beijá-la. Beije seus lábios mortos se quiser, como Lucy faria nos seus, se tivesse escolha. Pois ela não é mais um diabo sorridente, não será mais uma Coisa vil por toda a eternidade. Já não é mais a morta-viva do Demônio. Teve a morte verdadeira em Deus, sua alma agora está com Ele!

Arthur se inclinou sobre o caixão e a beijou, em seguida pedimos que ele e Quincey saíssem do mausoléu. O professor e eu serramos a base da estaca, deixando a ponta no corpo. Então cortamos fora a cabeça e enchemos a boca de alho. Soldamos o caixão de chumbo, aparafusamos a tampa, recolhemos nossos pertences e saímos. Quando o professor trancou a porta, entregou a chave a Arthur.

Lá fora, o clima estava ameno, o sol brilhava, os pássaros cantavam, e parecia que toda a natureza havia sido afinada em um tom diferente. Havia alegria, riso e paz por toda parte, pois estávamos tranquilos quanto a um ponto, e contentes, ainda que fosse um júbilo moderado.

Antes de partirmos, Van Helsing acrescentou:

– Agora, meus amigos, uma etapa do nosso trabalho foi cumprida, talvez a mais terrível para nós. Mas ainda temos pela frente uma tarefa maior: encontrar o causador dessa nossa tristeza e destruí-lo. Tenho pistas que podemos seguir, mas será uma tarefa longa e difícil, que envolverá perigos e muita dor. Posso contar com a ajuda de vocês? Todos nós aprendemos a acreditar, não foi? E sendo assim, sabemos qual é o nosso dever, não sabemos? Isso mesmo! E não é verdade que prometemos continuar até o amargo fim?

Um de cada vez, apertamos sua mão e fizemos nossa promessa. Então o professor acrescentou, ao nos despedirmos:

– Vamos nos encontrar para jantar depois de amanhã, às sete, na casa do amigo John. Convidarei outras duas pessoas, que vocês ainda não conhecem, e estou disposto a contar tudo sobre o nosso trabalho e os nossos planos. Amigo

John, venha comigo até o meu hotel, pois preciso consultá-lo sobre muitas coisas, e você pode me ajudar. Hoje à noite parto para Amsterdã, mas devo estar de volta amanhã à noite. E então nossa grande busca vai começar. Mas antes devo explicar tudo, para que vocês possam saber o que fazer e o que temer. Então vamos repetir nossas promessas. Pois temos uma tarefa terrível pela frente e, depois que fincarmos nosso arado nesse terreno, não poderemos voltar atrás.

---

175. Ou lanterna furta-fogo, em inglês chamada de *dark lantern*, era uma variação da lanterna de mão a querosene que podia ser escurecida deslizando-se um anteparo que cobria a chama sem extingui-la.

176. Remissão, fornecida pela Igreja católica, de um castigo temporal devido a um pecado.

177. Medusa, uma das três Górgonas da mitologia grega, era uma mulher de cabelos de serpente, presas de javali e pele de escamas. Mesmo após ser decapitada por Perseu, sua cabeça petrificava quem olhasse para ela. Numa das variantes do mito, Medusa era uma bela jovem até se deitar com Poseidon no templo de Atena, que, furiosa, transformou-a na figura monstruosa. Na antiguidade, a imagem da Medusa era utilizada para afugentar o mal.

178. As máscaras da Comédia e da Tragédia do teatro clássico grego, que indicavam ao público a emoção predominante do personagem. Máscaras são utilizadas até hoje no teatro nô japonês, para expressar uma gama ampla de sentimentos.

179. João 11:33.

180. Termo de etimologia controversa, traz o sentido de causador de doenças, portador de pragas (como no grego *nosophorus*); repugnante, insuportável (como no romeno *nesuferitul*); ou espírito imundo, referindo-se a Satã (também do romeno, *necurat*). Stoker retirou o termo de obras da escritora e colecionadora escocesa Emily Gerard, como *Transylvanian Superstitions* (1885) e *The Land Beyond the Forest* (1888).

CAPÍTULO 17

DIÁRIO DO DR. JOHN SEWARD (continuação)

Quando chegamos ao Berkeley Hotel, Van Helsing encontrou um telegrama esperando por ele:

Chegando de trem. Jonathan em Whitby. Novidades importantes.

Mina Harker

O professor ficou contentíssimo.

– Ah, a maravilhosa madame Mina – exclamou. – Pérola entre as mulheres! Ela chega, e não posso ficar. Ela precisa ir para a sua casa, amigo John. Você deve buscá-la na estação. Envie-lhe um telegrama em trânsito, para que esteja preparada.

Depois de enviar o telegrama, bebemos uma xícara de chá, e o professor me contou sobre um diário de Jonathan Harker no estrangeiro e me entregou cópias datilografadas dele e do diário que a sra. Harker manteve em Whitby.

– Fique com isso – rogou ele – e leia com atenção. Quando eu voltar, você já vai estar inteirado de todos os fatos, e vamos poder começar melhor nossa empreitada. Mantenha esses papéis em segurança, pois eles contêm um tesouro. Você vai precisar de toda a sua fé, mesmo você que passou por uma experiência como a de hoje. O que está escrito aqui – e, ao falar, pousou a mão pesada na resma de papéis – pode ser o princípio do fim para você, para mim e muitos outros, ou pode fazer soar o dobre fúnebre do morto-vivo que perambula pela terra. Leia tudo, eu imploro, com a mente aberta, e se puder acrescentar alguma coisa à história aqui contida, faça-o, pois tudo é importante. Você manteve um diário sobre todas essas coisas estranhas, não foi? Pois então! Vamos repassar tudo isso juntos quando nos encontrarmos.

Ele então se preparou para partir e tomou um fiacre até Liverpool Street.

Segui para Paddington, onde cheguei cerca de quinze minutos antes de o trem da sra. Harker entrar na estação.

Após o alvoroço do desembarque nas plataformas, a multidão se dissipou, e eu já estava começando a ficar preocupado de ter me desencontrado de minha convidada, quando uma jovem de rosto meigo e aparência delicada aproximou-se de mim e, após uma breve troca de olhares, perguntou:

– Dr. Seward, presumo?

– A senhora deve ser a sra. Harker! – respondi na hora, ao que ela me estendeu a mão.

– Reconheci o senhor pela descrição da pobre Lucy, mas… – Ela parou de repente, e um rubor súbito se espalhou por seu rosto.

O rubor que corou o meu de alguma forma nos deixou à vontade, pois foi uma resposta tácita ao dela. Peguei sua bagagem, que incluía uma máquina de escrever, e, depois que enviei um telegrama pedindo à minha criada que preparasse uma sala e um quarto para recebermos a sra. Harker, tomamos o metrô[181] até Fenchurch Street.

Não demoramos a chegar. A sra. Harker sabia, evidentemente, que o local era um manicômio, mas notei que não conseguiu conter um tremor ao entrarmos.

Ela me disse que, se possível, gostaria de vir à minha sala, pois tinha muitas coisas a dizer. Então aqui encerro este registro diário em meu fonógrafo enquanto espero por ela. Ainda não tive oportunidade de ler os papéis que Van Helsing deixou comigo, embora estejam aqui na minha frente. Ela não sabe como o tempo é precioso, nem o tipo de tarefa que temos pela frente. Devo tomar cuidado para não apavorá-la. Aí vem ela!

Diário de Mina Harker

29 de setembro – Assim que me arrumei, desci até o escritório do dr. Seward e parei por um momento à porta, pois pensei ter escutado sua voz falando com alguém. Como, no entanto, ele pedira que eu me apressasse, bati e obedeci, ao ouvi-lo dizer:

– Entre.

Para minha grande surpresa, não havia ninguém na sala além dele. Estava sozinho e tinha na mesa a sua frente algo que reconheci por descrições como

um fonógrafo. Nunca tinha visto aquilo e fiquei muito interessada.

– Espero não tê-lo feito aguardar por muito tempo – desculpei-me –, mas ouvi sua voz e achei que estava com mais alguém.

– Oh – respondeu ele, sorrindo –, só estava fazendo um registro do meu diário.

– Seu diário? – perguntei, surpresa.

– É. Registro tudo nesse aparelho. – Enquanto falava pôs a mão sobre o fonógrafo. Fiquei muito entusiasmada com aquilo e exclamei:

– Ora, isso supera até mesmo a taquigrafia! Posso ouvir alguma coisa?

– Claro – respondeu, animado, e se levantou para fazê-lo funcionar. Então hesitou, com uma expressão perturbada no rosto. – A verdade é que… – começou, constrangido – só tenho meu diário gravado aqui, e como registro exclusivamente… ou quase exclusivamente… meus casos médicos, pode ser embaraçoso, isto é, quero dizer… – Ele fez uma pausa, e tentei tirá-lo daquele constrangimento.

– O senhor ajudou a querida Lucy no final da vida. Gostaria de saber como ela morreu. Ficaria muito agradecida por qualquer coisa que possa descobrir a seu respeito. Lucy me era muito querida.

Para minha surpresa, ele respondeu, com uma expressão de horror:

– Saber como ela morreu? Nem por nada neste mundo!

– Por que não? – perguntei, pois tive um pressentimento grave e terrível.

Ele fez outra pausa, e pude notar que tentava inventar uma desculpa. Aos poucos, gaguejou:

– Na verdade, não sei como escolher um trecho específico do diário. – Notei que, enquanto falava, uma ideia lhe ocorria, e, numa simplicidade inconsciente, com outra voz e a ingenuidade de um menino, ele disse: – É verdade, juro pela minha honra. Palavra de índio![182]

Não pude deixar de sorrir, ao que ele franziu o cenho.

– Dessa vez, eu me entreguei! – continuou. – Mas saiba que, apesar de ter feito registros durante meses, nunca me ocorreu como faria para encontrar um determinado caso em particular que quisesse consultar mais tarde.

A essa altura, eu estava convencida de que o diário de um médico que acompanhara Lucy poderia ter algo a acrescentar à somatória de nossos conhecimentos sobre aquela Criatura terrível, portanto arrisquei, com ousadia:

– Então, dr. Seward, é melhor o senhor me deixar fazer uma cópia datilografada na minha máquina de escrever.

Ele adquiriu uma palidez definitivamente mortiça e exclamou:

– Não! Não! Não! Nem por nada neste mundo. Jamais deixaria a senhora saber dessa história terrível!

Então havia sido terrível. Minha intuição estava certa! Pensei por um momento, esquadrinhando inconscientemente o escritório em busca de alguma coisa ou oportunidade que pudesse me ajudar, até que meus olhos se depararam com uma grossa pilha de folhas datilografadas sobre a mesa. Os olhos dele fixaram-se nos meus e, sem que ele pensasse, seguiram na mesma direção. Quando pousaram sobre os papéis, o dr. Seward entendeu o que eu queria dizer.

– O senhor não me conhece – eu disse. – Depois de ler esses papéis, o meu diário e o de meu marido, datilografados por mim, vai me compreender melhor. Dediquei todos os meus pensamentos e o meu coração a essa causa. Mas, é claro, o senhor não me conhece… ainda, e não devo esperar que já confie em mim.

O dr. Seward sem dúvida é um homem de natureza nobre. A pobre Lucy estava certa sobre o seu caráter. Ele se levantou e abriu uma grande gaveta em que guardava uma série de cilindros ocos de metal cobertos de cera escura e disse:

– A senhora tem razão. Não confiei porque não a conhecia. Mas agora a conheço, e permita-me dizer que deveria tê-la conhecido muito antes. Sei que Lucy lhe contou a meu respeito. Ela também me falava da senhora. Deixe-me fazer a única reparação que está em meu poder. Pegue os cilindros e ouça tudo. Os seis primeiros são muito pessoais e não deverão horrorizá-la. Assim, a senhora vai me compreender melhor. Quando terminar, o jantar vai estar servido. Nesse ínterim, vou ler esses documentos e serei capaz de entender melhor determinadas coisas.

Ele levou o fonógrafo até a sala reservada para mim e ajustou o aparelho. Agora hei de aprender algo agradável, tenho certeza, pois vou descobrir a outra parte de uma história de amor verdadeiro sobre a qual só conheço um dos lados por enquanto…

Diário do dr. Seward

29 de setembro – Fiquei tão absorto pelo maravilhoso diário de Jonathan

Harker e o de sua esposa que não percebi o tempo passar. Quando a criada veio chamar para o jantar, a sra. Harker ainda não havia descido, de modo que respondi:

– Deve estar cansada. Deixemos o jantar para daqui a uma hora. – E continuei com meu trabalho.

Quando ela entrou, eu havia acabado de terminar o seu relato. Ela estava docemente elegante, porém muito triste, e com os olhos vermelhos de lágrimas. Isso de alguma forma me comoveu bastante. Deus sabe que ultimamente tenho tido motivos para chorar! Mas o consolo das lágrimas me tem sido negado, e agora a visão daqueles olhos meigos, iluminados por lágrimas recentes, atingiu meu coração em cheio. De modo que disse o mais delicadamente que pude:

– Lamento muito se lhe causei angústia.

– Oh, não, não me angustiou – respondeu ela. – Mas fiquei mais comovida com sua tristeza do que consigo expressar. Trata-se de uma maravilha de máquina, mas cruelmente verdadeira. Ela me revelou, com sua própria entonação, a angústia de seu coração. Como uma alma clamando a Deus Todo-Poderoso. Que ninguém mais precise ouvir suas palavras ditas outra vez! Veja, tentei ser útil e datilografei tudo na minha máquina de escrever. Agora ninguém mais precisa ouvir o seu coração batendo como eu ouvi.

– Ninguém precisa saber… ninguém deve jamais saber… – respondi em voz baixa. Ela pôs a mão na minha e contestou, muito gravemente:

– Ah, mas as pessoas precisam saber, sim!

– Precisam? Por quê? – perguntei.

– Porque isso faz parte de uma história terrível, faz parte da morte da pobre Lucy e de tudo o que levou a ela. Porque, na luta que temos diante de nós para varrer esse monstro terrível da face da Terra, vamos precisar de todo o conhecimento e toda a ajuda que conseguirmos. Creio que esses cilindros contêm mais do que o senhor pretendia que eu soubesse. Mas nos seus registros há muitas luzes para esse mistério obscuro. Posso contar com a sua ajuda, não posso? Já sei de tudo até determinado ponto e, embora tenha chegado apenas até o dia 7 de setembro no seu diário, sou capaz de entender como a pobre Lucy sofreu e que destino terrível estava se configurando. Jonathan e eu temos trabalhado noite e dia desde que o professor Van Helsing foi nos visitar. Ele foi a Whitby em busca de mais informações e estará aqui amanhã, para nos ajudar. Não precisamos de segredos entre nós. Trabalhando

juntos e com absoluta confiança, sem dúvida seremos mais fortes do que se algum de nós permanecesse no escuro.

Ela me fitou de maneira tão afável e demonstrando, ao mesmo tempo, tamanha coragem e resolução no semblante, que acatei de uma vez seus anseios.

– Faça como achar melhor – aquiesci. – Deus me perdoe se ajo errado! Ainda há coisas terríveis para aprender, mas se a senhora veio até aqui atrás da história da morte da pobre Lucy, sei que não ficará satisfeita enquanto não souber de tudo. Não, talvez o fim... o fim verdadeiro... lhe ofereça um vislumbre de paz. Venha, vamos jantar. Precisamos nos manter fortes para o que teremos de enfrentar. Temos uma tarefa cruel e terrível pela frente. Depois de comer, a senhora vai saber o restante, e posso responder qualquer pergunta que queira fazer, caso haja algo que não tenha entendido, mas que tenha parecido evidente para nós presentes.

Diário de Mina Harker

29 de setembro – Depois do jantar, voltei ao escritório com o dr. Seward. Ele trouxe o fonógrafo da sala reservada a mim, e eu peguei minha máquina de escrever. Em seguida, o dr. Seward me instalou em uma poltrona confortável, arrumou o fonógrafo de modo que eu pudesse manuseá-lo sem me levantar e me mostrou como pará-lo, caso quisesse fazer uma pausa. Por fim, teve a gentileza de pegar uma cadeira e se acomodar de costas para mim, de modo que eu pudesse ficar o mais à vontade possível, e começou a ler. Aproximei o garfo de metal dos meus ouvidos e escutei.[183]

Quando a terrível história da morte de Lucy – e tudo o que se seguiu – terminou, recostei impotente na poltrona. Por sorte não tenho predisposição para desmaios. Assim que me viu, o dr. Seward levantou-se num salto de sua cadeira e, com uma exclamação de horror, pegou às pressas uma garrafa no armário e serviu-me um conhaque, o que em poucos minutos me deixou recuperada. Estava com o cérebro em torvelinho, e se, depois de tamanha multidão de horrores, não houvesse por fim um raio sagrado de luz a dar à minha querida Lucy a paz, não teria suportado tudo aquilo sem fazer uma cena. Era tudo tão brutal, misterioso e estranho que, se não soubesse da experiência de Jonathan na Transilvânia, não teria acreditado. A bem dizer, não sabia no

que acreditar, e assim escapei dessa dificuldade concentrando-me em outra coisa. Tirei a capa da máquina de escrever e pedi ao dr. Seward:

– Deixe-me transcrever tudo isso agora. Precisamos estar prontos quando o dr. Van Helsing chegar. Enviei um telegrama a Jonathan para vir para cá assim que chegar de Whitby. Neste caso, as datas são tudo, e creio que se conseguirmos aprontar todo esse material e colocarmos todos os itens em ordem cronológica, já teremos feito muita coisa. O senhor me disse que lorde Godalming e o sr. Morris também estão vindo. Será bom podermos contar tudo a eles quando chegarem.

Ele ajustou o fonógrafo em ritmo lento, e comecei a datilografar a partir do décimo sétimo cilindro. Usei papel-carbono e produzi três cópias do diário, assim como havia feito com o restante do material. Estava tarde quando terminei, mas o dr. Seward havia saído para fazer sua ronda dos pacientes. Terminada a ronda, ele voltou e sentou perto de mim, onde ficou lendo, de modo que não me senti sozinha enquanto batia à máquina. Ele é muito bom e atencioso. O mundo parece estar cheio de homens bons, ainda que *haja* monstros também. Antes de deixar sua sala, lembrei do que havia lido no diário de Jonathan sobre a perturbação do professor ao se deparar com algo no jornal vespertino de Londres na estação de Exeter. E assim, vendo que o dr. Seward havia guardado esses jornais, tomei emprestadas as edições da *Westminster Gazette* e da *Pall Mall Gazette* e as levei para o meu quarto. Lembrei do quanto o *Dailygraph* e a *Whitby Gazette*, que eu havia recortado, nos ajudaram a entender os terríveis acontecimentos em Whitby, quando o conde Drácula aportou, por isso vou ler todos esses jornais vespertinos desde aquela data, e quem sabe eles me lançarão alguma nova luz sobre o caso. Não tenho sono, e o trabalho vai me ajudar a manter a calma.

Diário do dr. Seward

30 de setembro – O sr. Harker chegou às nove. Havia recebido o telegrama da esposa pouco antes de sair. Trata-se de um homem de inteligência rara, o que não se deduz da aparência, além de cheio de energia. Se seu diário for verdade – e, a julgar pelas experiências extraordinárias dos últimos tempos, deve ser –, é também um homem de grande coragem. Aquela segunda descida à cripta foi uma prova notável de ousadia. Depois de ler seu relato, senti-me

preparado para encontrar um bom exemplo de virilidade, mas não o pacato cavalheiro com ar de executivo que apareceu aqui hoje.

Mais tarde – Depois do almoço, Harker e a esposa foram para o quarto deles, e, ao passar por lá há alguns minutos, ouvi o bater da máquina de escrever. Estão empenhados ferreamente no caso. A sra. Harker contou que estão costurando em ordem cronológica cada pedaço de evidência que possuem. Harker conseguiu as cartas trocadas entre o destinatário das caixas em Whitby e a transportadora de Londres responsável por elas. Agora está lendo a transcrição que a esposa fez do meu diário. O que será que estão achando… Aí está ele…

É estranho que nunca tenha me ocorrido que a casa ao lado possa ser o esconderijo do conde! Deus sabe que tivemos um bocado de pistas como a conduta do paciente Renfield! O maço de cartas associado à compra da casa veio junto com a transcrição. Oh, se ao menos tivéssemos lido isso antes, talvez pudéssemos ter salvado a pobre Lucy! Pare! Assim é que se enlouquece! Harker voltou e está novamente compilando o material. Diz que até a hora do jantar vão poder oferecer uma narrativa coesa. Acha que, nesse ínterim, eu deveria visitar a cela de Renfield, pois até então ele tem sido uma espécie de índice das idas e vindas do conde. Ainda não sou capaz de entender claramente, mas quando puder conferir os dias exatos, imagino que vá conseguir. Que bom que a sra. Harker transcreveu meus cilindros! De outro modo não teria como localizar as datas…

Encontrei Renfield sentado placidamente em seu quarto, com as mãos entrelaçadas e um sorriso benevolente. Nesse momento, pareceu-me são como qualquer outra pessoa sã que já vi. Sentei e conversei com ele sobre diversos assuntos, temas que o paciente tratou com naturalidade. Ele mesmo, então, de moto próprio, tocou no assunto de ir embora para casa, algo que, até onde sei, jamais havia sugerido durante todo o seu período internado. Na verdade, falou com bastante segurança sobre receber alta imediatamente. Creio que se não tivesse conversado antes com Harker e lido as cartas e as datas das crises, estaria pronto para assinar sua alta após um breve período de observação. Agora já não sei, tenho suspeitas obscuras. Todos os surtos haviam sido associados de alguma forma à proximidade do conde. O que explicaria então essa absoluta placidez? Estaria ele instintivamente satisfeito com o triunfo

final do vampiro? Espere aí. O paciente é um zoófago e, em seus ataques diante da porta da capela da casa abandonada, falava em um "mestre". Isso tudo parece confirmar nossa ideia. De todo modo, pouco depois fui embora. Meu amigo parece muito sensato no momento para instigá-lo demais com questões profundas. Ele pode começar a pensar, e aí… Por isso saí. Desconfio desse humor pacato dele, de modo que pedi ao enfermeiro que ficasse de olho e que deixasse uma camisa de força preparada caso fosse necessário.

DIÁRIO DE JONATHAN HARKER

29 de setembro, no trem para Londres – Quando recebi o gentil recado de Billington dizendo que me forneceria qualquer informação que estivesse em seu poder, achei melhor ir até Whitby e fazer, em pessoa, todas as perguntas que tinha em mente. Meu objetivo agora era refazer o trajeto da carga horrenda do conde até sua casa em Londres. Depois, poderemos nos valer disso. O filho de Billington, um rapaz simpático, foi me buscar na estação e me levou à casa do pai, onde eles haviam decidido que era melhor eu passar a noite. São hospitaleiros, genuínos anfitriões de Yorkshire, daqueles que dão tudo ao hóspede e o deixam completamente à vontade. Sabiam que eu estava ocupado e que minha estada seria breve, e o sr. Billington deixou todos os papéis relativos à consignação das caixas prontos em seu escritório. Tive oportunidade de rever de relance uma das cartas que avistara na mesa do conde antes de saber de seus planos diabólicos. Tudo havia sido pensado com muito cuidado, e feito sistematicamente e com precisão. Ele parecia preparado para todo tipo de obstáculo que por acaso se interpusesse em seu caminho. Para usar um americanismo, não quisera "correr nenhum risco", e a absoluta minúcia com que suas instruções eram levadas a cabo era simplesmente o resultado lógico de suas precauções. Vi a nota fiscal e copiei o que dizia: "Cinquenta caixas de terra comum, para serem usadas com propósitos experimentais." Também vi uma carta à firma de Carter Paterson e a sua resposta e fiz cópias das duas. Essa era toda a informação que o sr. Billington poderia me oferecer, portanto desci até o porto, onde encontrei a guarda-costeira, os funcionários da Alfândega e o comandante da Capitania dos Portos. Todos tinham algo a dizer sobre a estranha chegada do navio ao porto, que já ocupa um lugar na tradição local, mas ninguém tinha nada a acrescentar à simples descrição de "cinquenta caixas de terra comum". Em seguida,

conversei com o chefe da estação, que gentilmente me pôs em contato com os homens que haviam efetivamente recebido as caixas. A quantidade descrita por eles batia com a nota fiscal, e não tinham mais nada a dizer, exceto que eram "enormes e mortalmente pesadas" e que carregá-las foi um trabalho árduo. Um deles acrescentou que o pior foi não haver nenhum cavalheiro "como o senhor, doutor", para demonstrar o apreço por seus esforços em forma líquida. Outro comentou jocosamente que a sede gerada foi tanta que nem com todo o tempo transcorrido ela havia passado completamente. Desnecessário dizer que, antes de partir, fiz questão de sanar suas queixas definitiva e apropriadamente.

30 de setembro – O chefe da estação de Whitby foi generoso e escreveu ao chefe de King's Cross, seu velho companheiro, de modo que, quando cheguei de manhã, pude lhe perguntar sobre as caixas. Ele, por sua vez, também me pôs em contato com os funcionários em questão, e confirmei que a quantidade recebida por eles também batia com a nota original. As chances de se sentir uma sede anormal eram mais limitadas nesse caso. No entanto, foi feito um bom uso delas, e, mais uma vez, me vi obrigado a lidar com o assunto de forma *ex post facto*.[184]

Dali, fui ao escritório central de Carter Paterson, onde fui recebido com a máxima cortesia. Eles verificaram a transação em seus diários e registros de correspondência e telefonaram[185] na mesma hora para o escritório de King's Cross, para obter mais detalhes. Por sorte, os homens que haviam feito parte da equipe de carregamento estavam por ali, esperando trabalho, e o funcionário os encaminhou na mesma hora, enviando por intermédio de um deles o recibo e todos os papéis referentes à entrega das caixas em Carfax. Mais uma vez, o total batia com a nota fiscal original. Os carregadores puderam suprir a escassez de palavras escritas com alguns novos detalhes. Estes, logo descobri, eram quase unicamente associados à natureza poeirenta do serviço e à consequente sede desenvolvida em seus operadores. Quando lhe permiti uma oportunidade, através da moeda corrente em nosso reino, de saciar, mais tarde, aquele mal necessário, um dos homens comentou:

– Aquela casa, doutor, é o lugar mais esquisito em que já pisei. Maldição! Mas faz cem anos que ninguém entra nela. A camada de pó era tão grossa que dava para dormir em cima sem machucar os ossos. E o lugar estava tão abandonado que dava para sentir o cheiro da velha Jerusalém lá dentro. A antiga capela, então, era demais da conta! Eu e meu colega saímos o mais

depressa possível. Deus, eu que não ficaria ali até de noite nem por uma libra.

Conhecendo o local, acreditei nele, mas se soubesse o que sei, tenho certeza de que teria subido seu preço.

Uma coisa me deixou satisfeito. *Todas* as caixas que chegaram a Whitby, vindas de Varna a bordo do *Demeter*, foram depositadas em segurança na antiga capela de Carfax. Portanto, deve haver cinquenta caixas na capela, a menos que alguma já tenha sido removida, o que receio que tenha acontecido, conforme o diário do dr. Seward.

Vou tentar encontrar o carroceiro que coletou as caixas em Carfax quando Renfield os atacou. Essa pista pode nos fornecer muita informação.

Mais tarde – Mina e eu trabalhamos o dia inteiro e pusemos todos os papéis em ordem.

Diário de Mina Harker

30 de setembro – Estou tão feliz que mal consigo me conter. Imagino que seja uma reação ao medo assombroso que senti de que este caso terrível e a reabertura da velha ferida pudesse agir em detrimento de Jonathan. Vi quando ele partiu rumo a Whitby: havia coragem em seu semblante, mas passei mal de tanta apreensão. O esforço, contudo, fez bem a ele. Nunca o vi tão decidido, tão forte e cheio de energia vulcânica como agora. Justamente como o querido e bom professor Van Helsing disse, Jonathan é um homem de fibra e está melhorando diante de uma pressão que teria matado uma criatura mais fraca. Voltou cheio de vida, esperança e determinação. Deixamos tudo em ordem para hoje à noite. Sinto-me eufórica de excitação. Imagino que devêssemos sentir pena de alguém tão perseguido quanto o conde. A questão é justamente esta: aquela Coisa não é humana, nem mesmo chega a ser um bicho. Ler o relato do dr. Seward sobre a morte da pobre Lucy e o que se seguiu a ela é o bastante para secar as fontes de compaixão no peito de qualquer um.

Mais tarde – Lorde Godalming e o sr. Morris chegaram antes do previsto. O dr. Seward tinha saído a serviço e levara Jonathan consigo, então tive eu mesma que recebê-los. Foi um encontro doloroso, pois trouxe à tona todas as esperanças da pobre Lucy de alguns meses atrás. Claro que os dois já tinham

ouvido Lucy falar de mim, e parecia que o dr. Van Helsing também havia "enchido a minha bola",[186] como se expressou o sr. Morris. Pobres sujeitos, nenhum deles tem consciência de que sei tudo sobre as propostas de cada um a Lucy. Ficaram incertos sobre o que dizer e fazer, pois ignoravam a extensão de meu conhecimento. Assim, permanecemos em terreno neutro. De todo modo, eram águas passadas, e concluí que o melhor a fazer seria atualizá-los sobre o caso até a data de hoje. Sabia, pelo diário do dr. Seward, que ambos estiveram presentes na hora da morte de Lucy – sua morte definitiva –, e que eu não precisava temer revelar nenhum segredo antes da hora. Então expliquei, da melhor maneira que pude, que eu havia lido todos os papéis e diários, e que, depois de datilografar tudo, meu marido e eu havíamos acabado de colocá-los em ordem. Dei uma cópia a cada um para que pudessem ler na biblioteca. Quando lorde Godalming recebeu a sua e a folheou – é uma pilha e tanto –, perguntou-me:

– A senhora datilografou tudo isso, sra. Harker? – Assenti, e ele prosseguiu: – Não consigo entender qual é o propósito de tudo isso, mas vocês são pessoas tão boas e generosas, e têm trabalhado com tanto afinco e honestidade, que tudo o que posso fazer é acatar cegamente suas ideias e tentar ajudá-los. Já tive uma lição sobre aceitar os fatos que tornaria um homem humilde até o último minuto de sua vida. Além do mais, sei que você amava minha Lucy… – Aqui ele se virou e cobriu o rosto com as mãos.

Pude ouvir as lágrimas na sua voz. O sr. Morris, com instintiva delicadeza, apenas pousou a mão no ombro do amigo por um momento e saiu em silêncio da sala. Imagino que exista algo na natureza da mulher que permita que um homem desabe diante dela e expresse seus sentimentos mais ternos ou emocionais sem que isso comprometa sua virilidade, pois quando lorde Godalming se viu sozinho comigo, sentou no sofá e começou a falar direta e abertamente. Sentei ao lado dele e peguei sua mão. Espero que não tenha achado ousado da minha parte, e, se voltar a pensar nisso mais tarde, que nunca procure entender assim. Que insulto o meu, *sei* que jamais vai pensar uma coisa dessas. Trata-se de um cavalheiro legítimo. E eu disse a ele, pois pude ver seu coração partido:

– Eu amava a querida Lucy e sei o que ela significava para você e o que você significava para ela. Éramos como irmãs, e agora que ela se foi, você deixaria que eu fosse como uma irmã para você nessa sua aflição? Sei as tristezas por que você passou, embora não possa avaliar a profundidade delas. Se a simpatia e a compaixão puderem ajudar na sua aflição, você deixaria que

eu oferecesse as minhas em nome de Lucy?

No instante seguinte, o pobre e querido sujeito estava arrasado de tristeza. Pareceu extravasar de uma única vez tudo o que tinha sofrido calado nos últimos dias. Ficou bastante histérico, erguendo as mãos abertas para o céu na perfeita agonia do luto. Depois se levantou e sentou de novo, e as lágrimas lhe escorreram pelo rosto. Senti uma pena infinita daquele homem e abri meus braços sem pensar. Com um soluço, ele deitou a cabeça em meu ombro e chorou feito uma criança exausta, trêmulo de emoção.

Nós mulheres temos algo de mãe que nos faz suplantar problemas menores quando o espírito materno é invocado. Senti aquela cabeça grande de um homem triste descansando em mim como se fosse a do bebê que um dia pode vir a deitar em meu colo, e fiz carinho em seus cabelos como se ele fosse meu filho. Na hora, nem pensei em como tudo aquilo foi estranho.

Pouco depois, seus soluços cessaram, e ele se levantou e pediu desculpas, embora não disfarçasse a emoção. Disse que fazia dias e noites – dias exaustivos e noites insones – que não conseguia falar com ninguém do modo como um homem deve fazer em um momento de tristeza. Não havia nenhuma mulher com cuja solidariedade pudesse contar ou com quem, devido à terrível circunstância de sua tristeza, ele pudesse falar abertamente.

– Agora sei como sofri – disse, enxugando os olhos –, mas ainda não entendo, e ninguém jamais poderá entender, o alívio que foi a sua doce compaixão comigo hoje. Logo vou compreender melhor, e, acredite, embora já lhe seja muito grato, minha gratidão crescerá com essa compreensão. Posso ser um irmão para você, por toda a vida, em nome da querida Lucy?

– Por nossa querida Lucy – prometi, e nos demos as mãos.

– Sim, e por você também – acrescentou ele –, pois se a estima e a gratidão de um homem são dignas de conquistar, hoje você conquistou a minha. Se um dia no futuro você vier a precisar de ajuda, creia, basta me chamar. Deus queira que isso nunca aconteça e que nada apague o sol da sua vida, mas caso um dia isso acontecer, prometa que irá me avisar.

Ele foi tão franco, e sua tristeza estava tão fresca, que achei que isso iria consolá-lo, então assegurei-lhe:

– Prometo.

Quando saí para o corredor, vi o sr. Morris olhando pela janela. Ele se virou ao ouvir os meus passos e perguntou:

– Como está Art? – Então, reparando em meus olhos vermelhos,

prosseguiu: – Ah, vejo que a senhora o estava consolando. Pobre sujeito! Ele bem que precisa. Ninguém melhor que uma mulher para ajudar um homem com problemas do coração, e ele não tem ninguém que o console.

Suportava a própria dor com tamanha bravura que meu coração sangrou por ele. Vi o manuscrito em sua mão e entendi que, quando o lesse, se daria conta do tanto que eu sabia, então lhe disse:

– Quem dera eu pudesse consolar todo aquele que sofre por problemas do coração. Você me aceita como sua amiga e promete que virá me procurar quando precisar de consolo? Mais tarde vai entender o que quero dizer.

Ele viu que eu falava sério, então se aproximou, pegou minha mão, ergueu-a até os lábios e beijou-a. Parecia pouco consolo a alguém tão corajoso e altruísta, e, impulsivamente, inclinei-me para a frente e o beijei. As lágrimas lhe vieram aos olhos, e pode notar que um nó se formou momentaneamente em sua garganta. Ele disse com toda calma:

– Menina, enquanto viver, você jamais vai se lamentar por essa bondade em seu coração! – E entrou no escritório de seu amigo.

"Menina"! A mesma palavra com que se referia a Lucy, e, oh, que bom amigo ele se mostrou ser!

---

181. Inaugurado em 1863, o metrô de Londres foi o primeiro do mundo, e em 1896, transportava cento e dez milhões de passageiros por ano. Fenchurch Street, mencionada em seguida, não é no entanto uma estação.

182. No original, "*honest Indian*", expressão idiomática popularizada em língua inglesa a partir do sucesso dos romances do norte-americano Mark Twain, como *As aventuras de Tom Sawyer* (1876) e *As aventuras de Huckleberry Finn* (1885), e que alude ao fato de que os nativos norte-americanos não teriam costume de mentir.

183. Nos primeiros aparelhos de reprodução sonora, até meados do séc.XIX, a vibração de um garfo apoiado ao cilindro gravado produzia um som. Posteriormente, o garfo seria substituído por um cone, semelhante ao dos gramofones. Na década de 1890, o modelo de Seward, portanto, já seria algo obsoleto.

184. Em latim no original. Expressão do âmbito jurídico que significa "depois de ocorridos os fatos".

185. O telefone foi patenteado em 1876, nos Estados Unidos, pelo escocês Alexander Graham Bell, constituindo uma relativa novidade tecnológica no romance, ao lado da estenografia e do fonógrafo.

186. *Blowing my trumpet*, no inglês americano de Quincey. A expressão mais comum é "*blow your own trumpet*", literalmente "soprar o próprio trompete", gabar-se.

CAPÍTULO 18

DIÁRIO DO DR. SEWARD

30 de setembro – Cheguei em casa às cinco horas e descobri que Godalming e Morris não só haviam chegado como já haviam lido a transcrição dos diversos diários e cartas que Harker e sua esposa maravilhosa haviam organizado. Harker ainda não havia retornado de sua visita aos transportadores sobre os quais o dr. Henessey me escrevera. A sra. Harker nos serviu uma xícara de chá, e posso dizer honestamente que, pela primeira vez desde que me mudei para cá, esta velha casa pareceu um *lar*. Quando terminamos, a sra. Harker me perguntou:

– Dr. Seward, posso lhe pedir um favor? Gostaria de ver o seu paciente, o sr. Renfield. Por favor, deixe-me vê-lo. O que o senhor disse sobre ele em seu diário me interessou muito!

Estava tão atraente e bonita que não pude recusar, e não havendo motivo para lhe negar o pedido, levei-a comigo. Quando entrei no quarto de Renfield, disse-lhe que uma senhora gostaria de vê-lo, ao que ele simplesmente perguntou:

– Por quê?

– Ela está de visita na casa e gostaria de visitar todos que estão aqui – respondi.

– Oh, pois muito bem então – concordou. – Pode trazê-la, claro. Só me dê um minuto para eu arrumar um pouco o lugar.

Seu método de arrumação foi peculiar, ele simplesmente engoliu todas as moscas e aranhas das caixas antes que eu pudesse impedi-lo. Era evidente que temia alguma intromissão. Depois de terminada sua asquerosa façanha, disse alegremente:

– Faça entrar a senhora – e sentou na beira da cama, cabisbaixo, mas com as pálpebras erguidas, para que pudesse vê-la chegar.

Por um momento, achei que pudesse ter alguma intenção homicida. Lembrei de como ficara calado pouco antes de me atacar em meu próprio escritório e tomei a precaução de me posicionar onde pudesse detê-lo facilmente, caso tentasse saltar sobre a sra. Harker. Ela entrou no quarto com uma graciosidade desembaraçada que seria capaz de despertar na mesma hora o respeito de qualquer lunático que ali estivesse, pois o desembaraço é uma das qualidades mais respeitadas pelos loucos. Foi até ele, sorrindo simpática, e estendeu a mão.

– Boa noite, sr. Renfield – cumprimentou. – Sabe, conheço o senhor pelo que o dr. Seward me contou a seu respeito.

Ele não respondeu nada imediatamente, mas a olhou com intensidade e o cenho franzido. O semblante deu lugar a uma expressão de espanto mesclado a dúvida, e então, para minha total perplexidade, perguntou:

– A senhora não é a moça com quem o doutor queria casar, é? Não pode ser, sabe, pois ela morreu.

A sra. Harker abriu um sorriso meigo ao responder:

– Ah, não! Tenho meu próprio marido, com quem me casei antes mesmo de conhecer o dr. Seward, ou ele a mim. Sou a sra. Harker.

– Então o que a senhora está fazendo aqui?

– Meu marido e eu somos hóspedes, estamos visitando o dr. Seward.

– Pois então melhor ir embora.

– Mas por quê?

Achei que aquela conversa poderia não agradar à sra. Harker da mesma forma que a mim, por isso intervim:

– Como você sabia que eu queria me casar com alguém?

A resposta dele foi simplesmente desdenhosa, dada durante uma pausa em que afastou os olhos da sra. Harker para me fitar por um momento, antes de voltar a encará-la:

– Que pergunta burra!

– Muito pelo contrário, sr. Renfield – contestou a sra. Harker, imediatamente vindo em minha defesa.

Renfield ofereceu a ela cortesia e respeito na mesma medida em que demonstrara desdém por mim:

– A senhora obviamente há de compreender, sra. Harker, que quando um homem é amado e honrado tanto quanto o nosso anfitrião, tudo o que se associa a ele passa a ser do interesse de nossa pequena comunidade. O dr.

Seward é amado não só em sua casa e por seus amigos, mas também por seus pacientes, alguns dos quais mal conseguem manter o equilíbrio mental e costumam distorcer causa e efeito. Como eu mesmo sou interno de um manicômio, não posso deixar de reparar que as tendências sofísticas de alguns dos outros pacientes se inclinam para erros *non causa* e *ignoratio elenchi*.[187]

Arregalei os olhos diante desse novo desdobramento. Ali estava meu próprio lunático de estimação – o mais grave caso de seu tipo que jamais conheci – conversando sobre filosofia elementar com os modos de um cavalheiro bem-educado. Talvez a presença da sra. Harker tenha tocado uma corda emotiva em sua memória. Se essa nova fase era espontânea ou se, em alguma medida, vinha da influência inconsciente da presença dela, a sra. Harker devia possuir algum dom ou poder muito raro.

Continuamos a conversar por um tempo, e, vendo que ele parecia bem-comportado, a sra. Harker arriscou a conduzi-lo para seu assunto favorito, olhando hesitante para mim antes de começar. Mais uma vez, fiquei perplexo, pois Renfield abordou a questão com a imparcialidade de alguém completamente são, chegando a dar a si mesmo como exemplo ao mencionar certas coisas.

– Ora, eu mesmo sou um caso de alguém que tinha uma crença estranha. Na verdade, não era de espantar que meus entes queridos ficassem preocupados e insistissem para que eu fosse mantido sob controle. Eu costumava achar que a vida era uma única entidade positiva e perpétua, e que, consumindo uma infinidade de coisas vivas, independentemente de quão inferiores na escala da criação elas fossem, seria possível prolongar a vida indefinidamente. Por um momento, levei essa crença tão a sério que cheguei a tentar tirar uma vida humana. O doutor aqui é testemunha da ocasião em que tentei matá-lo para fortalecer meu poder vital, assimilando em meu próprio corpo a vida dele por intermédio de seu sangue. Estava me valendo, é claro, da passagem das Escrituras que diz: "Porquanto a vida de toda carne é o seu sangue."[188] Embora, a bem dizer, o vendedor de um certo placebo para purificar o sangue tenha vulgarizado o truísmo a um extremo desprezível.[189] Não é verdade, doutor?

Assenti em resposta, pois estava tão aturdido que não sabia o que pensar ou o que dizer. Era difícil imaginar que havia menos de cinco minutos ele devorara todas as suas aranhas e moscas. Olhando para o relógio, vi que devia ir à estação encontrar Van Helsing, de modo que disse à sra. Harker que estava na hora de irmos embora. Ela me acompanhou no mesmo instante, depois de

dizer satisfeita ao sr. Renfield:

– Adeus, espero vê-lo mais vezes e sob circunstâncias mais agradáveis para o senhor.

Ao que, para meu espanto, ele respondeu:

– Adeus, minha cara. Queira Deus que eu nunca mais volte a ver o seu rosto meigo. Que Deus abençoe e acompanhe a senhora!

Deixei os rapazes em casa e fui encontrar Van Helsing na estação. O pobre Art parecia mais animado como nunca, desde o início da doença de Lucy, e Quincey recobrou o entusiasmo que há muito tempo não demonstrava.

Van Helsing saltou do vagão com a avidez descuidada de um menino. Logo me viu e correu na minha direção, dizendo:

– Ah, amigo John, como vão as coisas? Bem? Certo! Andei ocupado, pois vim para cá para ficar por bastante tempo, se preciso for. Já está tudo acertado, e tenho muito o que contar. Madame Mina está com você? Sim. E o belo esposo? E Arthur e meu amigo Quincey, também? Ótimo!

No caminho de casa, relatei a ele o que havia acontecido. Quando comecei a explicar como meu diário se revelara útil a partir da sugestão da sra. Harker, o professor me interrompeu.

– Ah, a magnífica madame Mina! Ela tem o cérebro de um homem... um cérebro que, fosse o de um homem, faria dele um sujeito brilhante... e o coração de uma mulher. Acredite em mim, o bom Deus tinha um propósito ao fazê-la, para se valer dessa excelente combinação. Amigo John, até agora a sorte fez dessa mulher um grande auxílio para nós. Mas depois desta noite ela não vai mais precisar se envolver neste caso tão terrível. Não é bom que corra um risco tão grande. Nós homens estamos determinados a destruir esse monstro. Determinados, não, obrigados por jura, não é mesmo? Mas isso não é tarefa para uma mulher. Mesmo que nada lhe aconteça, seu coração talvez fraqueje diante de tantos e tamanhos horrores, e ela pode vir a sofrer, tanto acordada, dos nervos, quanto dormindo, por seus pesadelos. Além do mais, sendo uma mulher tão jovem e recém-casada, pode ter outras coisas em mente com o tempo, se não agora. Você disse que ela transcreveu tudo, então devemos consultá-la, mas amanhã ela dirá adeus à tarefa, e nós seguiremos sozinhos.

Concordei calorosamente com ele e contei o que havíamos descoberto em sua ausência: que a casa que Drácula havia comprado era vizinha da minha. O professor ficou espantado e pareceu acometido de uma grande preocupação.

– Oh, se soubéssemos disso antes! – exclamou. – Talvez pudéssemos ter chegado a tempo de salvar a pobre Lucy. De todo modo, "não se deve chorar pelo leite derramado", como vocês dizem. Não vamos pensar nisso, vamos seguir nosso caminho até o fim.

Então mergulhou num silêncio que durou até entrarmos pelo portão de minha casa. Antes de nos prepararmos para o jantar, dirigiu-se à sra. Harker:

– Fiquei sabendo, madame Mina, pelo meu amigo John, que a senhora e seu marido ordenaram cronologicamente todo o material de que dispomos até o momento.

– Até este momento, não, professor – respondeu ela, impulsivamente –, só até hoje de manhã.

– E por que não até agora? Já tivemos boas provas de como as pequenas coisas podem dar clareza ao conjunto. Compartilhamos nossos segredos, e até agora ninguém se considerou prejudicado por isso.

A sra. Harker começou a enrubescer e, tirando um papel do bolso, disse:

– Dr. Van Helsing, será que o senhor poderia ler isto e me dizer se também deve entrar no conjunto? É meu registro de hoje. Também senti a necessidade de escrever tudo, por mais trivial que fosse, mas há pouca coisa aqui que não seja pessoal. Será que deve entrar?

O professor leu tudo seriamente e devolveu o papel, dizendo:

– Não precisa entrar se a senhora não quiser, mas espero que entre. Isso só fará o seu marido amar ainda mais a senhora, e todos nós, seus amigos, honrá-la ainda mais, além da nossa estima e do nosso amor.

Ela pegou o papel, corando outra vez, e abriu um sorriso.

E assim, até este momento, até esta hora exata, todos os registros que temos estão completos e na ordem. O professor levou uma das cópias para ler depois do jantar, antes da hora de nosso encontro, que foi marcado para as nove. O restante de nós já leu tudo, de modo que, quando nos reunirmos, vamos estar informados de todos os fatos e poder traçar nosso plano de batalha contra esse inimigo terrível e misterioso.

Diário de Mina Harker

30 de setembro – Quando nos reunimos no escritório do dr. Seward duas horas depois do jantar, que havia sido às seis, formamos inconscientemente uma

espécie de conselho ou comitê. O professor Van Helsing assumiu a cabeceira da mesa, tendo sido conduzido até ali pelo dr. Seward, após entrar na sala. Ele me pediu para sentar à sua direita e fazer as vezes de secretária. Jonathan ocupou o lugar ao meu lado. Na nossa frente estavam lorde Godalming, ao lado do professor; o dr. Seward, no centro; e, por fim, o sr. Morris. O professor foi o primeiro a falar:

– Imagino que todos aqui estejam familiarizados com os fatos relatados nestes papéis. – Nós assentimos, e ele prosseguiu: – Então seria bom, creio, explicar a vocês algumas coisas sobre o tipo de inimigo que vamos enfrentar. Em seguida, vou contar um pouco da história desse homem, que mandei ser averiguada. Só então vamos poder discutir sobre como devemos agir e tomar as medidas adequadas.

"Vampiros existem. Alguns de nós têm provas disso. E mesmo que não tivéssemos evidências de nossa infeliz experiência, os ensinamentos e os registros do passado bastariam a uma pessoa de mente sã. Admito que a princípio fui cético. Se não fosse pelos longos anos de prática em manter a mente aberta, não teria acreditado até os fatos explodirem em meus ouvidos, dizendo: 'Veja! Veja! Somos provas, somos provas.' Por Deus, se soubesse antes o que sei agora, não, se ao menos suspeitasse, uma vida muito preciosa para muitos de nós que a amávamos teria sido poupada. Mas isso é passado, e precisamos trabalhar para que outras pobres almas não pereçam enquanto pudermos salvá-las. O *nosferatu* não morre como a abelha depois que pica. Só fica mais forte e, tornando-se mais forte, tem ainda mais poder de fazer o mal. Este vampiro que está no meio de nós tem, sozinho, a força de vinte homens. Sua astúcia é mais do que mortal, pois resulta do acúmulo de eras. Possui ainda o auxílio da necromancia, que é, como podemos deduzir pela etimologia, a adivinhação por meio dos mortos, e todos os mortos que puder abordar estarão sob seu poder e obedecerão suas ordens. Ele é brutal e, mais que brutal, é um demônio insensível e sem coração. Pode, com algumas limitações, comandar os elementos: a tempestade, o nevoeiro, o trovão; governar todas as coisas más: a ratazana, a coruja, o morcego, a mariposa, a raposa e o lobo; tornar-se grande ou pequeno; e tem o poder de sumir e permanecer invisível. Como então devemos começar nosso ataque? Como descobrir seu paradeiro e, depois de encontrá-lo, como destruí-lo? Meus amigos, é muita coisa… a tarefa que assumimos é terrível, e as consequências fariam estremecer os mais ousados. Pois se falharmos nessa luta, ele certamente vencerá, e então o que seria de nós? A vida não é nada; e não temo

a morte. Mas se falharmos, não vai ser só uma questão de vida ou morte. Vamos nos tornar iguais a ele, criaturas impuras da noite, sem coração e sem consciência, vivendo de sugar os corpos e as almas dos que mais amamos. Os portões do céu estarão fechados para sempre para nós, quem os abriria de novo? Vamos seguir por toda a eternidade sendo desprezados por todos, manchas na face do sol de Deus, flechas no flanco Dele que morreu pelos homens. Mas estamos diante de um dever e, nesse caso, devemos recuar? Por mim, digo que não, mas sou velho, e a vida, com o sol, os belos lugares e o canto dos pássaros, sua música e seu amor, ficaram para trás. Vocês são jovens. Alguns tiveram tristezas, mas ainda terão belos dias pela frente. O que me dizem?"

Enquanto o doutor falava, Jonathan segurou minha mão. Quando o vi estendê-la na direção da minha, tive medo, oh, tanto medo, de que a natureza horrível de nossos perigos o estivesse afetando. Mas seu toque foi como um retorno à vida para mim: tão forte, confiante e resoluto. A mão de um homem corajoso fala por si mesma, não é preciso nem o amor de uma mulher para se ouvir sua música.

Quando o professor terminou de falar, e meu marido olhou nos meus olhos, e eu, nos olhos dele, não foi preciso palavras entre nós.

– Respondo por Mina e por mim – anunciou.

– Conte comigo, professor – garantiu o sr. Quincey Morris, lacônico como sempre.

– Estou com vocês – acrescentou lorde Godalming –, por Lucy, antes de mais nada.

O dr. Seward simplesmente assentiu. O professor se levantou e, depois de pousar o crucifixo na mesa, estendeu as mãos para os lados. Tomei sua mão direita, e lorde Godalming, a esquerda. Jonathan, por sua vez, pegou minha mão direita com a esquerda e se esticou sobre a mesa para segurar a do sr. Morris. E assim, quando todos demos as mãos, nosso pacto solene se firmou. Senti meu coração gelar, mas nem sequer me ocorreu voltar atrás. Retomamos nossos lugares, e o dr. Van Helsing continuou com um entusiasmo que demonstrava que a grave tarefa havia começado. Era uma tarefa para ser levada a sério, como uma transação comercial ou qualquer outro negócio na vida:

– Ora, vocês sabem o que teremos de combater, mas nós também não somos fracos. Temos do nosso lado o poder da união, um poder negado aos

vampiros. Além disso, temos fontes científicas, somos livres para agir e pensar, e as horas do dia e da noite são nossas em igual medida. Na verdade, no que diz respeito aos nossos poderes, eles são ilimitados, e somos livres para usá-los. Temos a dedicação a uma causa e um objetivo altruísta a atingir. Isso já é bastante coisa.

"Agora, vejamos até que ponto os poderes gerais dispostos contra nós são restritos, e tudo o que esse indivíduo é incapaz de fazer. Em suma, consideremos as limitações do vampiro em geral, e deste vampiro específico.

"Tudo o que precisamos consultar são as tradições e as superstições. Isso a princípio não parece muito, quando se trata de uma questão de vida ou morte… digo, mais do que de vida ou morte. No entanto, devemos nos dar por satisfeitos, primeiro porque não temos escolha, pois não há mais nada ao nosso dispor, e segundo, porque, afinal de contas, as tradições e as superstições são tudo. Por acaso, a crença das pessoas em vampiros, ainda que não a nossa, infelizmente, não se baseia justamente nessas tradições e superstições? Um ano atrás, quem de nós aceitaria essa possibilidade, em pleno século XIX, científico, cético e prático?[190] Nós chegamos a rejeitar uma crença que vimos justificada diante de nossos próprios olhos. Consideremos então que o vampiro e a crença em suas limitações e em sua cura estejam momentaneamente fundados na mesma base. Pois saibam vocês que ele é conhecido em todos os lugares em que o homem viveu: na Grécia e na Roma antiga; e floresceu por toda a Alemanha, na França, na Índia e até no Quersoneso Dourado;[191] e na China, tão distante de nós em todos os sentidos, até lá ele esteve, e ainda hoje existem crias suas. Ele seguiu o rastro do *berserker* islandês, do huno filho do diabo, do eslavo, do saxão e do magiar. Até o momento, portanto, temos tudo de que podemos nos valer para agir. E, sim, essas crenças são justificadas pelo que constatamos em nossa infeliz experiência. O vampiro vive eternamente e não morre pela mera passagem do tempo. Pode florescer quando consegue se fartar do sangue dos vivos. Mais do que isso, nós já vimos que é capaz de rejuvenescer, que suas faculdades vitais se fortalecem e parecem se renovar quando seu alimento especial é farto. Mas ele não floresce sem essa dieta, pois não se alimenta como os outros. Até mesmo o amigo Jonathan, que viveu com ele por semanas, nunca o viu comer, jamais! Ele não faz sombra, e espelhos não o refletem, como também Jonathan observou. Possui a força de muitos homens, testemunhada outra vez por Jonathan quando o conde bateu a porta contra os lobos e quando o ajudou a sair da diligência. É capaz de se transformar em lobo, como vimos na chegada

do navio em Whitby, quando dilacerou o cão; em morcego, como a madame Mina presenciou na janela, em Whitby, e como o amigo John o viu voar dessa casa vizinha, e meu amigo Quincey notou na janela da srta. Lucy. Pode surgir da neblina que ele mesmo cria, o nobre capitão daquele navio teve provas disso, mas, até onde sabemos, a distância que é capaz de abarcar com essa neblina é limitada, e ela só pode se formar em torno dele. Surge nos raios do luar como uma poeira elementar, como mais uma vez Jonathan viu aquelas irmãs fazerem no castelo Drácula. Pode se tornar tão pequeno, como fez a srta. Lucy, que agora jaz na paz definitiva, a ponto de passar por uma fresta na porta do mausoléu. Uma vez que descobre o modo, é capaz de sair ou entrar em qualquer lugar, por mais bem vedado que seja, ainda que soldado com fogo, ou solda de estanho e chumbo, como vocês dizem. Enxerga no escuro, um poder considerável, em seu mundo de penumbras e trevas. Ah, mas ainda não terminei. É capaz de tudo isso, mas não é livre. Não, é mais prisioneiro do que um escravo das galés, do que um louco na cela do hospício. Não pode ir aonde bem entende. Mesmo ele, que não pertence à natureza, deve obedecer a algumas das leis naturais, o porquê não sabemos. O fato é que, a princípio, não pode entrar em lugar nenhum a menos que alguém da casa o convide, embora depois disso possa entrar à vontade. Seu poder termina, como o de todas as criaturas más, com a chegada do dia. Apenas em alguns momentos goza de uma liberdade limitada. Se não estiver em seu lugar de origem, só consegue se transformar ao meio-dia ou exatamente ao nascer e ao pôr do sol. Tais coisas nos foram contadas, e, a partir desse nosso registro, podemos prová-las por inferência. Portanto, embora possa fazer o que bem entende, dentro de seus limites, quando tem sua terra natal, seu caixão, seu inferno ou um lugar profano, como vimos quando foi à sepultura do suicida em Whitby, ainda assim, em outros momentos, só consegue se transformar na hora certa. Dizem, também, que só é capaz de atravessar a água corrente na maré vazante ou enchente. E, por fim, existem coisas que o afligem tanto que lhe retiram o poder, como o alho, o que já sabemos. E ele nada significa para os objetos sagrados, como este símbolo, meu crucifixo, que jaz entre nós agora, enquanto debatemos a questão. Mas, quando se vê na presença deles, se afasta e mantém um silêncio respeitoso. Existem outros objetos, e contarei sobre eles caso se façam necessários em nossa busca. Um galho de rosa silvestre no caixão o impedirá de sair, uma bala consagrada disparada dentro do caixão fará com que ele tenha uma morte definitiva, e quanto à estaca atravessada, já vimos seu poder, assim como o da cabeça cortada como golpe de misericórdia para a paz

eterna. Testemunhamos com nossos próprios olhos.

"Assim, quando encontrarmos a morada desse ex-homem, se agirmos segundo o que sabemos, poderemos confiná-lo em seu caixão e destruí-lo. Mas ele é inteligente. Pedi ao meu amigo Arminius,[192] da Universidade de Budapeste, que me fizesse seu relato e, usando todos os meios disponíveis, o colega me contou o que pode ter acontecido. O conde, na verdade, deve ter sido o voivoda Drácula, que conquistou esse nome lutando contra os turcos, junto ao grande rio da fronteira sob o domínio turco. Caso seja, então não se trata de um homem comum, pois, naquele tempo, e por séculos depois disso, foi considerado o mais inteligente, o mais astuto e o mais corajoso dos filhos da 'terra além da floresta'.[193] Esse cérebro poderoso e essa determinação ferrenha foram com ele para a sepultura e, agora, se colocam contra nós. Segundo Arminius, os Drácula eram uma raça grande e nobre, embora de quando em quando houvesse ramos considerados por seus contemporâneos como tendo tratos com o Malvado. Aprenderam seus segredos na Scholomance,[194] nas montanhas que circundam o lago Hermanstadt,[195] onde o diabo exige que o décimo aluno fique consigo. Nos nossos registros, aparecem palavras como *stregoica*, bruxa; *Ördög* e *pokol*, Satã e inferno; e, em um dos manuscritos, o próprio Drácula é referido como um *wampyr*,[196] termo que podemos compreender muito bem. De seu lombo, saíram grandes homens e boas mulheres, e suas sepulturas tornam sagrada a terra em que só essa aberração pode habitar. Pois um de seus grandes terrores é que essa coisa má tem raízes profundas em tudo o que é bom, e ele não consegue repousar em solo desprovido de memórias sagradas."

Enquanto Van Helsing falava, o sr. Morris tinha os olhos fixos na janela, até que se levantou em silêncio e saiu da sala. Houve uma breve pausa, e o professor continuou:

– E agora vamos decidir o que fazer. Temos muita informação, e precisamos definir nossa estratégia. Sabemos, por meio de Jonathan, que foram transportadas cinquenta caixas de terra do castelo até Whitby, e que todas elas foram entregues em Carfax. Sabemos também que algumas das caixas foram removidas. Parece-me que o nosso primeiro passo deveria ser confirmar se as caixas restantes ainda estão na casa do outro lado desse muro ou se mais alguma foi retirada. Caso isso tenha acontecido, precisamos localizar…

Nesse momento, fomos interrompidos de maneira muito assustadora. Ouviu-se um disparo de pistola fora da casa, e o vidro da janela se partiu com

uma bala, que ricocheteou no teto e foi parar na parede oposta. Receio que, no fundo, seja uma covarde, pois dei um grito. Todos os homens ficaram de pé, lorde Godalming correu para a janela e a abriu. No mesmo instante, ouvimos a voz do sr. Morris:

– Sinto muito! Não quis assustá-los. Vou entrar e explicar o que houve – no minuto seguinte, voltou à sala e contou: – Foi uma idiotice da minha parte, peço que me perdoe, sra. Harker, do fundo do coração. Creio que a deixei terrivelmente apavorada. Mas acontece que, enquanto o professor estava falando, um grande morcego pousou no parapeito da janela. Estou tão horrorizado com esses malditos bichos desde os últimos acontecimentos, que não pude suportar e saí para dar um tiro nele, como venho fazendo nas últimas noites, sempre que me deparo com um. Você costumava rir de mim por isso, Art.

– E você o acertou? – perguntou o dr. Van Helsing.

– Não sei, acho que não, porque saiu voando para dentro do bosque.

Sem dizer mais, o sr. Morris voltou ao seu lugar, e o professor retomou a palavra.

– Temos de localizar cada uma dessas caixas, e quando estivermos prontos, devemos capturar ou matar esse monstro em seu antro, ou, por assim dizer, esterilizar a terra, para que ele não possa mais encontrar segurança nela. Portanto, no final, vamos encontrá-lo em sua forma humana entre o meio-dia e o poente, e assim combatê-lo quando está mais vulnerável.

"E quanto a você, madame Mina, esta noite será o fim de sua participação até tudo ficar bem. A senhora é muito preciosa para correr esse risco. Quando nos despedirmos hoje à noite, por favor, não faça nenhuma objeção. Nós lhe contaremos tudo na hora certa. Somos homens, capazes de suportar, mas a senhora será nossa estrela-guia e nossa esperança, e vamos ficar mais à vontade sabendo que está a salvo, ao contrário de nós."

Todos os homens, até mesmo Jonathan, demonstraram alívio, mas não me pareceu certo que enfrentassem perigos e arriscassem a própria segurança – sendo a força a principal segurança – para cuidar da minha. No entanto, estavam decididos, e, embora me fosse uma decisão amarga, não pude dizer nada, senão aceitar a atenção cavalheiresca deles para comigo.

O sr. Morris retomou a discussão:

– Como não há tempo a perder, voto para que façamos a inspeção da casa dele agora mesmo. Para o vampiro, tempo é tudo, e uma ação rápida de nossa

parte pode evitar outra vítima.

Admito que meu coração começou a fraquejar quando a hora de agir foi se aproximando, mas permaneci calada, pois temia que, se me impusesse como um estorvo ou um obstáculo à tarefa deles, me deixassem de fora de suas reuniões por completo. Neste momento, estão todos em Carfax, com tudo de que necessitam para entrar na casa.

Típicos homens, mandaram-me para a cama, como se uma mulher pudesse dormir quando os que ama estão em perigo! Vou me deitar e fingir que estou dormindo, para que Jonathan não fique mais angustiado comigo quando voltar.

DIÁRIO DO DR. SEWARD

1º de outubro, 4 horas da manhã – Quando estávamos prestes a sair de casa, recebi um recado urgente de Renfield, pedindo que eu fosse visitá-lo naquele instante, pois tinha algo da maior importância para me falar. Mandei dizer que estava ocupado e que o atenderia pela manhã. O enfermeiro acrescentou:

– Ele parece muito incomodado, doutor. Nunca o vi tão inquieto. Não sei ao certo, mas acho que se o senhor não for agora, vai ter outro daqueles ataques violentos.

Sabia que o enfermeiro não diria aquilo sem motivo, então respondi:

– Certo, vou agora mesmo. – E pedi aos outros que me esperassem alguns minutos, pois precisava ver meu "paciente".

– Leve-me com você, amigo John – pediu o professor. – A descrição do caso dele em seu diário me interessou muito, e teve uma relação, aqui e ali, com o *nosso* caso. Gostaria muito de vê-lo, especialmente agora que está com a mente perturbada.

– Posso ir também? – perguntou lorde Godalming.

– E eu também? – disse Quincey Morris.

– E eu? – acrescentou Harker. Assenti e fomos todos juntos pelo corredor.

Nós o encontramos em estado de considerável excitação, porém muito mais racional em seu discurso e em seus modos do que eu jamais o vira. Havia uma estranha compreensão de si mesmo, diferente de tudo o que já observara em um lunático. E ele dava como certo que suas razões convenceriam pessoas inteiramente sãs. Entramos os cinco no quarto, mas ninguém disse nada a princípio. Seu pedido foi que eu lhe desse alta do manicômio e o mandasse

para casa. Isso ele embasou com argumentos sobre sua completa recuperação, e demonstrou sua própria sanidade efetiva.

– Imploro a seus amigos – disse ele –, talvez não se incomodem de ser testemunhas do meu caso. Por falar nisso, você não me apresentou.

Estava tão aturdido que a estranheza de apresentar um louco internado não me ocorreu no momento. Além do mais, havia uma certa dignidade nos modos do sujeito, como se estivesse acostumado a ser tratado em pé de igualdade, portanto logo fiz a apresentação:

– Lorde Godalming; professor Van Helsing; sr. Quincey Morris, do Texas; sr. Jonathan Harker; sr. Renfield. – Ele apertou a mão dos presentes, dizendo a cada um:

– Lorde Godalming, tive a honra de conviver com seu pai no clube Windham.[197] Lamento saber, pelo fato de que o senhor carrega seu título, que ele nos deixou. Era um homem amado e honrado por todos os que o conheceram e, segundo ouvi dizer, na juventude foi inventor de um ponche de rum flambado, muito apreciado na noite do Derby.[198] Sr. Morris, o senhor deveria se orgulhar de seu grande estado. Seu ingresso na União foi um precedente que pode ter efeitos muito mais amplos, agora que o polo e os trópicos podem se aliar às Estrelas e Listras.[199] O poder do tratado pode ainda se revelar um vasto motor de alargamento, quando a doutrina Monroe[200] assumir seu verdadeiro lugar como uma fábula política. E como descrever o prazer de conhecer Van Helsing? Senhor, permita-me abolir o título convencional. Quando um indivíduo revoluciona a terapêutica com uma descoberta como a da evolução contínua do tecido cerebral, as formas tradicionais de tratamento parecem inadequadas, uma vez que o limitariam dentro de uma única categoria. Cavalheiros, peço aos senhores, que, por nacionalidade, hereditariedade ou posse de dons naturais, são capacitados para ocupar seus respectivos lugares no mundo lá fora, que sejam testemunhas de que estou são, pelo menos como a maioria dos homens que vivem em plena posse de suas liberdades. Tenho certeza de que o senhor, dr. Seward, humanitário e médico judiciário, além de cientista, vai considerar um dever moral lidar comigo como alguém que deve ser avaliado sob circunstâncias excepcionais. – E fez esse último apelo com um ar de convicção que não deixou de ter seu encanto.

Creio que ficamos todos perplexos. Apesar de tudo o que sabia sobre o caráter e a história daquele homem, estava convencido de que sua razão havia sido restaurada, e senti um forte impulso de lhe dizer que estava satisfeito com

sua sanidade e que providenciaria as formalidades necessárias para liberá-lo pela manhã. Achei melhor esperar, contudo, antes de fazer uma declaração tão séria, pois havia tempos que conhecia as súbitas transformações a que aquele paciente em particular estava sujeito. Então me contentei em fazer uma declaração genérica de que ele parecia estar melhorando rapidamente, que eu teria uma longa conversa com ele pela manhã e então veria o que poderia fazer para atender seu pedido. Renfield não ficou satisfeito com isso, pois respondeu depressa:

– Dr. Seward, receio que o senhor não tenha entendido o que estou pedindo. Quero sair daqui agora, neste exato momento, de uma vez por todas, se possível. O tempo urge, e em nosso acordo tácito com a velha ceifadora é parte essencial do contrato. Tenho certeza de que bastaria manifestar esse desejo tão simples, porém tão sério, a um médico tão admirável como o dr. Seward, para garantir que seja atendido.

Ele me fitou intensamente e, vendo a negativa em meu semblante, voltou-se para os demais e analisou-os de perto. Sem encontrar resposta, prosseguiu:

– Será possível que eu tenha me enganado em minha suposição?

– É possível sim – respondi, com uma franqueza que na hora me soou brutal.

Fez-se uma pausa considerável, ao final da qual ele prosseguiu lentamente:

– Então suponho que deva apenas mudar as bases de minha súplica. Permita-me que lhe peça essa concessão, esse favor, esse privilégio, como queira chamar. Estou disposto a lhe implorar, não por motivos pessoais, mas visando ao bem de terceiros. Não estou em posição de revelar a totalidade de minhas razões, mas o senhor pode, garanto, acreditar que são boas, sólidas e generosas, e surgidas do mais nobre senso de dever. Se o senhor pudesse vasculhar meu coração, aprovaria plenamente os sentimentos que me animam. Não, mais do que isso, o senhor me incluiria entre os seus melhores e mais sinceros amigos.

Mais uma vez ele nos encarou de perto. Minha convicção de que aquela súbita transformação de todo o seu método intelectual não passava de outra fase de sua loucura estava cada vez maior, por isso decidi deixar que continuasse mais um pouco, sabendo, por experiência, que, mais cedo ou mais tarde, como todos os loucos, ele acabaria se traindo. Van Helsing o encarava com a máxima intensidade, as sobrancelhas grossas quase se tocando em seu semblante fixo pela concentração. Ele se dirigiu a Renfield num tom que não

me surpreendeu na hora, mas que, pensando em retrospecto, era o tom de quem fala a um igual:

– Você não pode dizer abertamente o verdadeiro motivo de querer sair hoje à noite? Dou a minha palavra de que se o revelar a mim, que sou um estrangeiro sem preconceitos e com o costume de manter a mente aberta, o dr. Seward vai lhe conceder, por seu próprio risco e responsabilidade, o privilégio que deseja.

Renfield negou tristemente com a cabeça e uma expressão pungente de remorso no rosto. O professor prosseguiu:

– Ora, pense bem. Você reivindica o privilégio da razão no mais alto grau, porque pretende nos impressionar com sua total sensatez. É você quem age assim; você, de cuja sanidade temos motivos para duvidar, já que ainda não foi liberado do tratamento médico por esse mesmo defeito. Se não nos ajudar em nosso esforço de escolher o melhor caminho, como vamos desempenhar o dever a que você mesmo nos obriga? Seja prudente e nos ajude, e nós também o ajudaremos a atingir seu objetivo, caso esteja ao nosso alcance.

Renfield continuou negando com a cabeça ao responder:

– Dr. Van Helsing, não tenho nada a dizer. Seu argumento é perfeito, e se eu pudesse contar, não hesitaria um momento em fazê-lo, mas não sou meu próprio senhor nesse assunto. Só peço que confie em mim. Se isso me for recusado, a responsabilidade não será mais minha.

Achei que era hora de encerrarmos aquela cena, que ia se tornando comicamente solene, e fui até a porta, dizendo apenas:

– Venham, amigos, temos um trabalho a fazer. Boa noite.

Contudo, conforme ia me aproximando da porta, uma nova transformação ocorreu no paciente. Ele veio na minha direção tão depressa que, por um momento, tive medo de que estivesse prestes a cometer outro ataque homicida. Meus temores, no entanto, eram infundados, pois ele estendeu as mãos numa súplica e repetiu seu pedido de maneira comovente. Conforme foi percebendo que o excesso de emoção militava contra ele mesmo, fazendo com que restabelecêssemos as antigas relações entre nós, tornou-se ainda mais expressivo. Olhei de relance para Van Helsing e vi minha convicção refletida nos olhos dele, de modo que fiquei um pouco mais irredutível em minha atitude, se não mais austero, e deixei claro que seus esforços não lhe adiantariam de nada. Eu já havia presenciado essa crescente excitação nele quando tinha de fazer um pedido ao qual dava muita importância, como, por

exemplo, quando quis um gato, e estava pronto para ver a mesma sombria aquiescência naquele momento. Minha expectativa não se concretizou, pois quando percebeu que seu apelo não obteria sucesso, Renfield começou a ficar frenético. Atirou-se de joelhos no chão, estendeu as mãos unidas para o céu, entrelaçando os dedos numa súplica plangente, e despejou uma torrente de solicitações, com lágrimas rolando pela face, e o rosto e o corpo inteiro transmitindo a mais profunda emoção.

– Deixe-me implorar de novo, dr. Seward, oh, eu suplico, deixe-me sair desta casa de uma vez. Mande-me embora como quiser e para onde quiser, mande enfermeiros comigo, com chicotes e correntes, deixe que me levem na camisa de força, amarrado, agrilhoado, até mesmo numa jaula, mas deixe-me sair deste lugar. O senhor não sabe o que faz mantendo-me aqui. Estou falando do fundo do coração, com minha própria alma. O senhor não sabe a quem está prejudicando, nem como, e não posso contar. Pobre de mim! Não posso contar. Por tudo o que for mais sagrado, por tudo o que o senhor quer bem, pelo seu amor perdido, por sua esperança ainda viva, em nome do Todo-Poderoso, tire-me daqui e salve minha alma da culpa! Homem, está me ouvindo? Não entendeu? Não vai aprender nunca? Não sabe que estou são e sincero agora, que não sou nenhum lunático num surto de loucura, mas um homem são lutando pela própria alma? Oh, escute o que estou dizendo! Preste atenção! Deixe-me ir embora, deixe-me ir embora!

Pensei que quanto mais longe aquilo fosse, mais louco ele ficaria, e isso causaria um outro surto, então peguei-o pela mão e o levantei.

– Ora, vamos – disse, rispidamente –, pare com isso, já foi o bastante. Vá para a cama e tente se comportar.

Ele parou de súbito e me fitou com atenção por alguns momentos. Então, sem dizer uma palavra, levantou-se, afastou-se e sentou na beira da cama. Como das outras vezes, o colapso havia começado, conforme eu já esperava.

Quando me aproximei da porta, o último a sair do quarto, ele me disse em tom tranquilo e educado:

– Dr. Seward, espero que depois o senhor não se esqueça de que fiz o que pude para convencê-lo esta noite.

---

187. Em latim no original. Expressões do âmbito jurídico que significam "sem motivo" e "ignorância da acusação", respectivamente.

188. A expressão está em Levítico 17:14 e Deuteronômio 12:23.

189. A referência é possivelmente ao purificador de sangue Clarke's World-Famed Blood Mixture, existente na época, cujo slogan era "For the blood is the life" (Pois o sangue é a vida).

190. O conflito do pensamento científico e racional com os aspectos irracionais e sobrenaturais da existência do vampiro constitui o cerne do romance. Para mais sobre o tema, ver a Apresentação a este volume.

191. Atual península (do grego *chersoneso*) da Malásia, segundo os antigos rica em ouro.

192. Provável referência ao húngaro Arminius Vambéry (1832-1913), professor de línguas orientais da Universidade de Budapeste, com quem Stoker teve contato. Para mais sobre o tema, ver a Apresentação a este volume.

193. Isto é, a Transilvânia, que significa literalmente isso.

194. A escritora e colecionadora escocesa Emily Gerard, possível fonte de Stoker, descreve a Scholomance como uma lendária escola de magia negra dirigida pelo próprio demônio (ver também a Apresentação a este volume). Segundo Leslie S. Klinger (*The New Annotated Dracula*, 2008), Nicolae Paduraru, renomado estudioso romeno do *Drácula*, situa-a nas "rochas de Salomão", no lago Bâlea, no alto dos Cárpatos, entre Sibiu (ver nota seguinte) e Brasov, na Romênia.

195. Não existe lago com esse nome. Trata-se da nomenclatura alemã para a cidade de Sibiu (Nagyszeben, em húngaro), atual capital Transilvânia, de forte influência saxã.

196. Nas notas para o romance, Stoker identifica o conde como "count Wampyr", nome depois apagado.

197. Clube social batizado com o nome do político inglês William Windham (1750-1810). Fundado em 1828, na antiga residência de Windham, mudou-se para St. James's Square em 1892 e existiu até 1941.

198. A mais importante corrida de cavalos da Inglaterra, criada em 1780, ocorre anualmente até hoje, sempre no início de junho, em Epsom Downs. O dia do Derby é um prestigioso acontecimento social, elegante, mas com grande participação popular.

199. O Texas foi anexado aos Estados Unidos em 1845. O polo é provável alusão ao Alasca e "os trópicos", ao Havaí, também territórios anexados aos Estados Unidos (as "Estrelas e Listras", como sua bandeira é chamada).

200. Política internacional dos Estados Unidos com relação aos outros países americanos, instituída em 1823 pelo presidente James Monroe, contrária à interferência europeia nas Américas.

CAPÍTULO 19

DIÁRIO DE JONATHAN HARKER

1º de outubro, 5 horas da manhã – Juntei-me aos outros na busca à casa com a mente tranquila, pois creio nunca ter visto Mina tão absolutamente forte e bem. Fiquei contente por ter concordado em ficar e deixar que os homens se encarregassem do trabalho. De alguma forma, temia que se envolvesse em nossa empreitada pavorosa, mas agora que a parte dela já está feita e que, graças a sua energia, inteligência e intuição, toda a história foi organizada de forma que cada detalhe tem sentido, ela pode muito bem considerar sua participação terminada e deixar, daqui para frente, o restante conosco. Creio que ficamos todos um tanto perturbados com a cena do sr. Renfield. Quando saímos de seu quarto, permanecemos em silêncio até voltarmos para o escritório. Então o sr. Morris comentou com o dr. Seward:

– Ora, Jack, se aquele sujeito não estava blefando, deve ser o louco mais são que já vi na vida. Não tenho certeza, mas acho que tinha um propósito sério, e se for mesmo o caso, foi muito duro para ele não conseguir realizá-lo.

Lorde Godalming e eu ficamos calados, mas o dr. Van Helsing observou:

– Amigo John, você entende mais de lunáticos do que eu, e dou graças por isso, pois receio que, se dependesse de mim, já o teria liberado antes do último surto histérico. Vivendo e aprendendo, pois, na presente tarefa, não devemos correr nenhum risco, como diria meu amigo Quincey. É melhor assim.

O dr. Seward respondeu a ambos de um modo vago e sonhador:

– A única coisa que sei é que concordo com você. Se fosse um lunático comum, teria me arriscado e confiado nele, mas parece tão envolvido com o conde, como uma espécie de indicador de sua presença, que receio cometer algum erro ajudando-o em seus caprichos. Não consigo esquecer o fervor com que implorou por um gato, para depois tentar dilacerar meu pescoço com os

dentes. Além do mais, refere-se ao conde como seu "mestre e senhor" e pode estar querendo sair para ajudá-lo de alguma forma diabólica. Aquela coisa horrenda possui lobos e ratos e sua própria espécie como auxiliares, de modo que imagino que não seria baixo demais para ele usar um louco respeitável. Mas o sujeito sem dúvida pareceu sincero. Só espero que tenhamos tomado a decisão certa. Essas coisas, somadas à tarefa selvagem que temos em mãos, são o bastante para desencorajar qualquer um.

O professor se aproximou dele e, pondo a mão em seu ombro, disse, à sua maneira grave e gentil:

– Não tema, amigo John. Estamos tentando cumprir nosso dever em um caso triste e terrível. Só nos resta fazer o que nos parecer o melhor. O que mais podemos esperar, exceto a piedade do bom Deus?

Lorde Godalming, que havia saído por alguns minutos, retornou, erguendo um pequeno apito de prata enquanto falava:

– Aquela casa velha deve estar cheia de ratos. Se for esse o caso, tenho um antídoto.

Transposto o muro, fomos em direção à casa, tomando cuidado de seguir pela sombra das árvores do jardim sempre que a lua aparecia. Ao chegarmos à entrada, o professor abriu sua sacola e tirou uma série de objetos, que organizou na escada em quatro pequenos grupos, um para cada um de nós. Por fim, ele disse:

– Meus amigos, estamos prestes a adentrar um perigo terrível e precisamos de muitos tipos de armas. Nosso inimigo não é apenas espiritual. Lembrem-se de que possui a força de vinte homens, e que, embora nossos pescoços e nossas gargantas sejam comuns, e portanto frágeis e quebradiços, o pescoço e a garganta dele não estão sujeitos ao mero vigor físico. Talvez um homem mais forte, ou um grupo de homens que, unidos, seja mais forte do que ele, possa eventualmente detê-lo, mas não vai conseguir feri-lo tal como ele pode nos ferir. Devemos, portanto, evitar tocá-lo. Guardem isso próximo ao coração de vocês. – Enquanto falava, ergueu um pequeno crucifixo de prata e o entregou a mim, que estava mais próximo: – Ponham essas flores em volta do pescoço. – Então me passou uma guirlanda de flores de alho secas. – Para inimigos mais mundanos, este revólver e esta faca; para ajudar em geral, essas minúsculas lâmpadas elétricas que vocês podem prender ao peito; por fim, para tudo e sobretudo, isto, que não deveremos conspurcar desnecessariamente. – Era um pedaço de hóstia sagrada, que pôs em um envelope e me entregou. Cada um de nós recebeu equipamentos semelhantes. Ele continuou: – Agora, amigo John,

onde estão as chaves-mestras? Pois se pudermos abrir a porta, não vamos precisar arrombar a janela, como fizemos na casa da srta. Lucy.

O dr. Seward experimentou uma ou duas chaves, valendo-se de sua destreza mecânica de cirurgião. Logo uma serviu; depois de algumas tentativas, o trinco cedeu e, com um ruído enferrujado, girou. Empurramos a porta, e ela se abriu lentamente, fazendo ranger as dobradiças velhas. Foi impressionante como parecia a imagem que formei a partir do diário do dr. Seward ao descrever a abertura do mausoléu da srta. Westenra, e imagino que a ideia também tenha ocorrido aos demais, pois todos se retraíram ao mesmo tempo. O professor foi o primeiro a avançar, dando um passo pela abertura da porta.

– *In manus tuas, Domine!*[201] – invocou ele, fazendo o sinal da cruz ao passar o umbral.

Fechamos a porta atrás de nós, para que as lâmpadas não chamassem a atenção de ninguém na rua. O professor experimentou a maçaneta, para garantir que conseguiríamos abrir a porta por dentro, caso tivéssemos pressa de sair. Então acendemos as lâmpadas e começamos nossa busca.

A luz que elas emitiam projetava todo tipo de formas estranhas, conforme os fachos se entrecruzavam ou a opacidade de nossos corpos produzia grandes sombras. Por tudo o que me era sagrado, não consegui evitar a sensação de que havia mais alguém entre nós. Suponho que tenha sido resultado da lembrança da minha terrível experiência na Transilvânia, tão poderosamente reavivada por aquele ambiente sombrio. Creio que a sensação foi comum a todos nós, pois notei que os outros também olhavam por sobre os ombros a cada ruído ou sombra nova, como eu mesmo vinha fazendo.

O lugar inteiro estava coberto por uma poeira espessa. O assoalho parecia ter uma camada de vários centímetros de pó, interrompida apenas por algumas pegadas recentes, nas quais, ao aproximar minha lâmpada, era possível notar as marcas das tachas de um solado de botas. As paredes pareciam forradas por uma capa densa e fofa de poeira, que se acumulara nos cantos, sobre as grossas teias de aranha, até arrebentarem-nas parcialmente com seu peso e parecerem velhos trapos rasgados. Sobre uma mesa do saguão de entrada havia um grande molho de chaves, cada uma delas identificada com uma etiqueta amarelada pelo tempo. Haviam sido usadas diversas vezes, pois o manto de poeira sobre a mesa ostentava marcas semelhantes às que apareceram quando o professor as pegou. Ele se virou para mim e disse:

– Você conhece este lugar, Jonathan, pelo menos, mais do que nós. Fez

cópias das plantas desta casa. Onde fica a capela?

Eu tinha uma ideia da direção, mas não chegara a entrar em minha visita anterior. Assim, tomei a dianteira e, após alguns equívocos, me vi diante de uma porta de carvalho baixa e em arco, reforçada por placas de ferro.

– É aqui – disse o professor, aproximando sua lâmpada de um pequeno mapa da casa, copiado de minha correspondência referente à compra do imóvel.

Com alguma dificuldade, encontramos a chave no molho e abrimos a porta. Estávamos preparados para algo desagradável, pois, ao empurrarmos a porta, um ar malcheiroso exalou pela fresta, mas nenhum de nós jamais esperava um odor como aquele. Os outros nunca haviam encontrado o conde pessoalmente, e eu sempre o vira em jejum, em seus aposentos, ou saciado de sangue fresco, num edificio arruinado e a céu aberto. Aquele lugar, no entanto, era pequeno e estreito, e o longo período de abandono tornara o ar estagnado e fétido. O próprio ar viciado emanava um cheiro de terra, como de um miasma seco. Mas quanto ao odor em si, como poderia descrevê-lo? Não era só por ser composto de tudo o que havia de doentio na mortalidade e no cheiro pungente e acre do sangue, mas parecia que a própria degradação se havia degradado. Arre! Sinto náuseas só de pensar. Cada alento exalado por aquele monstro parecia ter se impregnado naquele lugar e intensificado sua repugnância.

Sob circunstâncias normais, tamanho fedor teria encerrado nossa empreitada, mas não se tratava de um caso comum, e o propósito elevado e terrível em que estávamos envolvidos nos deu uma força que ia além de meras considerações físicas. Após essa hesitação involuntária em consequência do primeiro bafejo nauseante, pusemo-nos a trabalhar juntos, como se aquele local repugnante fosse um mar de rosas.

Fizemos um exame minucioso do lugar, seguindo a orientação do professor:

– A primeira coisa a apurar é quantas caixas restam, depois temos de examinar cada buraco, canto e fresta, e ver se conseguimos alguma pista sobre o que teria acontecido com as outras.

Um simples olhar bastou para saber quantas ainda havia, pois os baús de terra eram volumosos e não deixavam dúvida. Apenas vinte e nove das cinquenta!

Por um instante, levei um susto, pois lorde Godalming havia virado de costas subitamente e olhado pela porta em arco para o corredor escuro lá fora.

Olhei também e senti o coração parar por um momento. Em algum lugar, espiando por entre a sombra, achei ter vislumbrado o vulto das feições cruéis do conde, a curva do nariz, os olhos vermelhos, os lábios rubros, a terrível palidez. Foi por um instante só, e logo lorde Godalming disse:

– Pensei ter visto um rosto, mas eram apenas sombras. – E voltou para a capela.

Apontei minha lâmpada para o lado de fora e saí até o corredor. Não havia sinal de ninguém, e, como também não havia cantos, portas e tampouco outro tipo de abertura que fosse, mas apenas paredes sólidas, nem mesmo *ele* conseguiria se esconder ali. Ponderei que o medo havia auxiliado a imaginação e não disse nada.

Alguns minutos depois, notei Morris saindo subitamente de um canto em que estava trabalhando. Acompanhamos os movimentos dele com os olhos, pois sem dúvida havia um certo nervosismo crescendo em nós, e vimos uma massa fosforescente que brilhava como se feita de estrelas. Instintivamente demos um passo atrás. O lugar começou a ganhar vida, infestado de ratos.

Por um momento ou dois, ficamos paralisados de medo, todos nós, exceto lorde Godalming, que aparentemente estava preparado para uma emergência como aquela. Correndo em direção à grande porta de carvalho e ferro que o dr. Seward havia descrito por fora e que eu mesmo havia visto em minha visita, enfiou a chave na fechadura, girou os imensos ferrolhos e escancarou a porta. Então, pegando o pequeno apito de prata do bolso, assoprou, emitindo um silvo cavo e plangente. O assovio foi respondido por latidos que vieram de detrás da casa do dr. Seward, e, cerca de um minuto depois, três terriers[202] vieram correndo, contornando a casa. Inconscientemente, havíamos todos corrido para a porta, e, no caminho, reparei que a poeira estava muito remexida. As caixas retiradas haviam saído por ali. Mas, no minuto que acabara de passar, o número de ratos havia aumentado imensamente. Pareciam pulular por toda parte, até que a luz da lâmpada iluminando seus corpos escuros e refletindo em seus olhos ameaçadores fez a cena parecer um barranco de terra cravejado de pirilampos. Os cães vieram correndo, mas, ao chegarem ao umbral, pararam de súbito, rosnaram e, erguendo simultaneamente os focinhos, começaram a uivar da maneira mais lúgubre. Os ratos se multiplicavam aos milhares, e saímos da igreja.

Lorde Godalming pegou um dos cães no colo, levou-o para dentro e colocou-o no chão. No instante em que suas patas tocaram o piso, ele pareceu recuperar a coragem e atacou seus inimigos naturais. Os ratos fugiram do cão

tão depressa que ele mal teve tempo de tirar a vida de uns dez, quando os outros cães, trazidos no colo da mesma maneira, atacaram outros tantos e toda a massa dos roedores desapareceu.

Com a partida deles, foi como se uma presença maligna também tivesse sumido, pois os cães ficaram correndo e latindo contentes, atacando subitamente seus inimigos prostrados pelo chão, revirando-os, e os sacudiam no ar com movimentos selvagens. Todos retomamos nosso entusiasmo. Fosse pela purificação da atmosfera mortífera com a abertura da porta da capela, ou pelo alívio que sentimos de estar ao ar livre, não sei, mas decerto a sombra do pavor deslizou sobre nós como um manto, e a nossa presença ali perdeu algo de seu significado sombrio, ainda que não relaxássemos minimamente em nossa decisão. Fechamos a porta externa da capela e a trancamos com a barra e o cadeado, e, trazendo os cães conosco, começamos nossa busca pela casa. Não encontramos nada além de uma quantidade extraordinária de poeira, toda ela intacta, exceto pelas minhas próprias pegadas da primeira visita. Em nenhum momento, os cães demonstraram qualquer sintoma de inquietude e, mesmo quando voltamos para a capela, continuaram correndo à nossa volta como se tivessem chegado de uma caça a coelhos no bosque, durante o verão.

Quando saímos da propriedade, a manhã se aproximava no leste. Tendo tirado do molho a chave da porta principal, o dr. Van Helsing trancou-a cuidadosamente e guardou-a no bolso.

– Até o momento – anunciou –, nossa jornada noturna foi um sucesso. Nada do que eu temia que pudéssemos sofrer nos aconteceu, e ainda conseguimos descobrir quantas caixas estão faltando. Mais do que tudo, fico contente que esse primeiro passo, talvez o mais difícil e perigoso, tenha sido dado sem termos precisado da meiguíssima madame Mina e sem perturbar seus pensamentos, acordada ou dormindo, com visões, sons e aromas horríveis que ela talvez jamais esquecesse. Uma lição, também, que tiramos disso, se é que podemos generalizar a partir de uma particularidade, é que as bestas-feras que obedecem aos comandos do conde não estão inteiramente sob seu poder espiritual. Pois embora aqueles ratos tenham vindo até ele, obedecendo ao seu chamado assim como os lobos que conclamou do topo de seu castelo para impedir a fuga de Jonathan e diante do grito daquela pobre mãe, fugiram correndo desses cãezinhos do meu amigo Arthur. Temos outros assuntos diante de nós, outros perigos, outros temores, e esse monstro... Ele não usou seu poder sobre as feras pela última ou única vez esta noite. Creio que tenha ido para outro lugar. Muito bem! Isso nos deu a oportunidade de gritar "xeque"

nesta partida de xadrez que jogamos pelas almas humanas. Agora vamos para casa. A madrugada está aí, e temos motivos para nos contentar com nossa primeira noite de trabalho. Pode-se dizer que temos ainda muitas noites e dias pela frente, cheios de riscos, mas devemos persistir, e não recuar diante de perigo algum.

Encontramos a casa em silêncio, exceto por uma triste criatura que berrava numa ala distante e um gemido baixo vindo do quarto de Renfield. O pobre condenado sem dúvida torturava a si mesmo, à maneira dos insanos, com doloridos pensamentos descabidos.

Entrei em nosso quarto na ponta dos pés e encontrei Mina dormindo, respirando tão suavemente que precisei chegar muito perto para me certificar de que estava viva. Estava mais pálida do que de costume. Espero que a reunião que tivemos esta noite não a tenha aborrecido. Estou realmente grato por minha esposa ter sido deixada de fora das próximas tarefas e mesmo de nossas deliberações. É um sacrifício extremo para uma mulher suportar. No princípio, não pensava assim, mas agora tenho certeza. De modo que fiquei contente com o combinado. Ela pode ficar apavorada de ouvir certas coisas, e, no entanto, escondê-las pode ser pior do que contar tudo, caso ela desconfie que estamos ocultando alguma coisa. Doravante nosso trabalho será um livro lacrado para Mina, pelo menos até podermos lhe dizer que acabou e que a terra está livre de um monstro do mundo inferior. Aposto que será difícil manter silêncio dada a confiança que existe entre nós, mas preciso ser resoluto, e amanhã não vou dizer nada sobre os afazeres desta noite e vou me recusar a comentar o que aconteceu. Vou dormir no sofá, para não perturbá-la.

1º de outubro, mais tarde – Imagino que seja natural que todos tenhamos dormido até mais tarde, pois o dia anterior havia sido cheio, e a noite passou sem nenhum descanso. Até Mina deve ter sentido a exaustão, pois mesmo eu tendo dormido até quase o meio-dia, acordei antes dela e precisei chamá-la duas ou três vezes para que despertasse. A bem dizer, dormia tão profundamente que, por alguns segundos, não me reconheceu e ficou me olhando numa espécie de terror vazio, como se tivesse despertado no meio de um pesadelo. Reclamou que estava exausta, e deixei que descansasse até mais tarde. Agora sabemos que vinte e uma caixas foram removidas, e se várias delas tiverem sido levadas juntas, vamos ser capazes de localizar todas, o que evidentemente simplificaria muito o nosso trabalho, e o quanto antes a questão for resolvida, melhor. Hoje vou fazer uma visita a Thomas Snelling.

DIÁRIO DO DR. SEWARD

1º de outubro – Era já quase meio-dia quando fui acordado pelo professor, entrando em meu quarto. Estava mais alegre e animado do que de costume, e é bastante evidente que a tarefa da noite passada ajudou a aliviar um pouco o peso da tristeza. Depois de repassar nossa aventura, ele disse, de repente:

– Seu paciente me interessa muito. Se incomoda de ir visitá-lo comigo esta manhã? Ou se você estiver muito ocupado, posso ir sozinho também. É uma experiência nova para mim encontrar um lunático que filosofa e argumenta com tanta propriedade.

Eu tinha trabalhos urgentes a fazer, de modo que disse que agradeceria se ele pudesse ir sozinho, pois assim não o obrigaria a esperar por mim. Chamei um enfermeiro e lhe passei as instruções necessárias. Antes que o professor saísse do quarto sugeri que tomasse cuidado para não se deixar levar por nenhuma falsa impressão a respeito de meu paciente.

– Mas – respondeu ele – quero que ele fale de si mesmo e da ilusão que o levou a consumir seres vivos. Ele disse a madame Mina, segundo li em seu diário de ontem, que houve uma época em que alimentou essa crença. Do que está rindo, amigo John?

– Perdoe-me, mas a resposta está aqui – disse, pousando a mão sobre as folhas datilografadas. – Quando nosso lunático são e erudito fez essa declaração sobre como *costumava* comer criaturas vivas, sua boca na verdade estava asquerosamente cheia de moscas e aranhas que havia acabado de engolir pouco antes de a sra. Harker entrar no quarto.

Van Helsing sorriu também.

– Muito bem! – exclamou ele. – Sua memória é perfeita, amigo John. Eu devia ter me lembrado disso. No entanto, é essa mesma obliquidade do pensamento e da memória que faz da doença mental um estudo fascinante. Talvez eu adquira mais conhecimentos a partir da loucura desse lunático do que de ensinamentos dos mais sábios. Quem sabe?

Prossegui com meu trabalho e logo já havia resolvido os assuntos mais prementes. Não me pareceu que houvesse transcorrido muito tempo, mas Van Helsing já estava de volta ao meu escritório.

– Estou interrompendo? – perguntou, educadamente, parado junto à porta.

– De maneira nenhuma – respondi. – Entre. Já encerrei meu trabalho e estou disponível. Posso ir agora com você, se preferir.

– Não precisa, já estive com ele!

– E então?

– Infelizmente, parece não me ter em alta conta. Nossa conversa foi breve. Quando entrei no quarto, estava sentado em um banco no centro, com os cotovelos apoiados nos joelhos, e o rosto numa expressão de contrariedade taciturna. Falei com o maior entusiasmo, com toda a cerimônia, demonstrei o máximo de respeito que pude. Ele não disse nada. "Você não me conhece?", perguntei. A resposta não foi lisonjeira: "Conheço bem até demais; você é aquele velho louco do Van Helsing. Por mim, podia pegar essas suas teorias idiotas sobre o cérebro e levá-las para longe daqui. Malditos holandeses obtusos!" Não disse mais uma palavra sequer, mas sentou-se em sua solenidade implacável, indiferente à minha presença, como se eu nem estivesse no quarto. Por ora, perdi a oportunidade de aprender algo com um lunático tão brilhante. Assim, se não se importa, vou trocar algumas palavras felizes e me alegrar com a doce presença de madame Mina. Amigo John, é uma alegria indescritível que ela não tenha de passar por mais apuros nem se preocupar com nossos afazeres terríveis. Ainda que sintamos falta de seu auxílio, é melhor assim.

– Concordo do fundo do coração – respondi fervorosamente, pois não queria que ele fraquejasse nesse assunto. – É melhor mantermos a sra. Harker fora disso. As coisas já estão ruins o suficiente para nós, homens do mundo, que já passamos por muitos apuros na vida. Isso não é lugar para uma mulher, e se ela continuar em contato com o caso, sem dúvida vai ficar arrasada com o tempo.

E assim, Van Helsing foi conversar com a sra. e o sr. Harker. Quincey e Art saíram em busca de pistas sobre as caixas de terra. Vou terminar minha ronda dos pacientes e vamos nos reunir esta noite.

Diário de Mina Harker

1º de outubro – É estranho para mim ser deixada no escuro como hoje. Depois de tantos anos de confiança entre mim e Jonathan, vejo-o claramente evitando certos assuntos, sobretudo o mais vital de todos. Esta manhã dormi até mais tarde depois das fadigas de ontem, e embora Jonathan também tenha dormido mais, acordou antes de mim. Falou comigo antes de sair do quarto, suave e

terno como sempre, mas não disse uma palavra sobre o que aconteceu durante a visita à casa do conde. No entanto, deveria saber que eu estava terrivelmente angustiada. Pobrezinho! Imagino que isso o tenha perturbado até mais do que a mim. Eles concluíram que era melhor que eu não participasse mais desse trabalho tenebroso, e eu concordei. Mas saber que meu marido esconde alguma coisa de mim! E agora estou chorando feito uma tola, mesmo tendo *certeza* de que isso se deve ao grande amor que ele sente por mim e às melhores intenções da parte de homens tão fortes.

Isso me fez bem. Bem, um dia Jonathan há de me contar tudo. E para que não pense por um momento que vou esconder alguma coisa dele, decidi continuar com meu diário como sempre. Assim, se algum dia desconfiar de mim, vou mostrar a ele cada um dos anseios do meu coração, dispostos aqui para que seus olhos adorados possam ler. Sinto-me estranhamente triste e desanimada hoje. Suponho que seja em consequência da terrível excitação.

Ontem à noite, só fui para a cama quando os homens saíram porque me mandaram ir dormir. Não estava com sono, mas sim cheia de uma angústia devoradora. Fiquei pensando no que se passou desde que Jonathan veio me ver em Londres, e tudo me pareceu uma tragédia horrível, com o destino pressionando incessantemente rumo a um fim fatídico. Tudo o que fazemos parece, por mais correto que seja, acarretar justamente o que mais deploramos. Se eu não tivesse ido a Whitby, talvez a pobre Lucy ainda estivesse conosco agora. Ela só foi visitar o cemitério depois que cheguei, e se não tivesse ido até lá durante o dia comigo não teria voltado sonâmbula à noite. E se não tivesse voltado em seu sonambulismo, aquele monstro não a teria destruído como destruiu. Oh, mas por que afinal fui a Whitby? Pois então: estou chorando outra vez! Não sei o que me deu hoje. Não posso demonstrar isso a Jonathan, pois se ele souber que chorei duas vezes só esta manhã – eu, que nunca choro sozinha, e a quem ele nunca fez derramar uma lágrima –, meu querido companheiro ficaria abaladíssimo. Vou exibir um semblante determinado, e se sentir vontade de chorar, ele jamais vai ficar sabendo. Imagino que seja uma das lições que nós, pobres mulheres, precisamos aprender…

Não recordo exatamente como adormeci ontem à noite. Lembro de ter ouvido latidos repentinos e uma série de sons estranhos, como de orações proferidas aos berros, vindas do quarto do sr. Renfield, que fica embaixo do meu. E então um silêncio se fez sobre tudo, um silêncio tão profundo que me deixou preocupada, e me levantei para olhar pela janela. Estava tudo escuro e

quieto, e as sombras negras lançadas pelo luar pareciam cheias de um mistério silencioso. Nada se mexia lá fora, estava tudo soturno e imóvel como a morte ou o destino, de modo que uma neblina branca muito fina que se deslocava com lentidão quase imperceptível sobre o gramado na direção da casa parecia possuir vontade ou vitalidade própria. Creio que essa digressão de meus pensamentos tenha me feito bem, pois quando voltei para a cama senti a letargia me dominar. Deitei-me um pouco, mas não consegui dormir, então me levantei e olhei pela janela outra vez. A neblina estava se espalhando e agora já estava bem junto à casa, de modo que pude vê-la se acumular numa camada grossa contra a parede, como se estivesse escalando até as janelas. O pobre coitado ficou mais ruidoso que nunca, e, embora não conseguisse distinguir uma palavra do que dizia, identifiquei de alguma forma um tom de súplica apaixonada em sua voz. Então ouvi um rumor de luta, e entendi que os enfermeiros estavam tentando detê-lo. Fiquei tão apavorada que voltei para a cama, puxei as cobertas sobre a cabeça e tampei os ouvidos com os dedos. Perdi completamente o sono, ou pelo menos foi o que pensei, mas devo ter adormecido, pois além dos sonhos, não me lembro de nada até a manhã seguinte, quando Jonathan me acordou. Creio que foi um esforço para mim e levei algum tempo para me dar conta de onde estava e de que era Jonathan quem estava ali debruçado sobre mim. Meu sonho foi deveras peculiar, quase um exemplo típico do modo como o que pensamos acordados se mescla aos sonhos ou continua neles.

Pensei que estava dormindo, esperando Jonathan voltar. Estava muito angustiada por ele e não podia fazer nada. Sentia os pés, as mãos e o cérebro pesados, de modo que nada acontecia no ritmo normal. Então fiquei dormindo, intranquila e pensativa. Comecei a me dar conta de que o ar estava denso, úmido e frio. Afastei as cobertas do rosto e percebi, para minha surpresa, que o quarto todo estava na penumbra. A luz do gás, que deixara acesa para Jonathan, era mínima, quase que só uma minúscula centelha vermelha através da neblina, que evidentemente ficara mais espessa e se infiltrara no quarto. Então me ocorreu que eu havia fechado a janela antes de deitar. Eu teria me levantado para me certificar, mas uma letargia plúmbea parecia agrilhoar meus braços e pernas e até mesmo minha força de vontade. Continuei deitada e esperei que ela passasse, e foi isso. Fechei os olhos, mas ainda conseguia enxergar através das pálpebras. (É incrível como os sonhos conseguem nos pregar peças, e como nossa imaginação nos engana facilmente.) A neblina foi ficando cada vez mais espessa, então percebi por onde estava entrando, pois

podia vê-la infiltrando-se como fumaça – ou com a energia branca da água fervente –, não pela janela, mas por entre as frestas da porta. A neblina foi se adensando até se concentrar em uma espécie de pilar de nuvens dentro do quarto, em cujo topo eu podia ver a luz do gás brilhante feito um olho vermelho. As coisas começaram a girar na minha cabeça quando a coluna enevoada rodopiou dentro do quarto, e através dela me vieram as palavras da Escritura "uma coluna de nuvem para guiá-los durante o dia e uma coluna de fogo, durante a noite".[203] Seria possível que durante o sono eu estivesse recebendo algum tipo de orientação espiritual? Mas a coluna servia de guia tanto para o dia quanto para a noite, pois o fogo estava no olho vermelho, que, diante daquela ideia, me ofereceu uma nova fascinação. Então, enquanto eu olhava para ele, o fogo se dividiu e pareceu brilhar para mim através da neblina feito dois olhos vermelhos, iguais aos que Lucy me descrevera em sua divagação momentânea, no penhasco, quando a luz do sol poente refletira nos vitrais da igreja de St. Mary.

Subitamente, me dei conta com horror de que Jonathan vira aquelas mulheres terríveis se tornando reais através de uma espiral de neblina ao luar, e devo ter desmaiado em meu sonho, pois tudo se tornou trevas. O último esforço consciente de minha imaginação foi me mostrar um rosto branco de tão pálido inclinado sobre mim, pairando na neblina. Devo tomar cuidado com esse tipo de sonho, pois podem perturbar a razão se forem muito frequentes. Eu pediria ao dr. Van Helsing ou ao dr. Seward alguma coisa que me ajudasse a dormir, só que receio deixá-los preocupados. Um sonho desses agora se agregaria às preocupações que eles já têm comigo. Esta noite vou me esforçar para dormir naturalmente. Se não conseguir, amanhã eu peço uma dose de cloral, o que não pode me fazer mal uma vez só e vai me dar uma boa noite de sono. A noite passada me deixou mais cansada do que se eu não tivesse dormido.

2 de outubro, dez horas da noite – Ontem dormi, mas não sonhei. Devo ter dormido pesado, pois não acordei quando Jonathan veio para a cama, mas o sono não me restaurou, e hoje ainda me sinto terrivelmente fraca e desanimada. Passei todo o dia de ontem tentando ler ou deitada, cochilando. À tarde, o sr. Renfield perguntou se podia me ver. Pobre coitado, foi muito gentil e, quando cheguei, beijou minha mão e rogou a Deus que me abençoasse. De algum modo, isso me afetou muito. Choro ao pensar nele. É uma fraqueza nova com a qual devo tomar cuidado. Jonathan ficaria arrasado se soubesse que

ando chorando. Ele e os outros saíram na hora do jantar e voltaram cansados. Fiz o que pude para alegrá-los, e suponho que esse esforço tenha me feito bem, pois esqueci o quanto estava cansada. Depois do jantar, me mandaram dormir e foram fumar, segundo disseram, mas eu sabia que queriam conversar sobre o que cada um havia feito ao longo do dia. Reparei pelos modos de Jonathan que tinha algo importante para comunicar aos outros. Eu não estava com sono como deveria, por isso, antes que saíssem, pedi ao dr. Seward que me desse algum tipo de opiáceo, pois não dormira bem na noite anterior. Ele preparou muito gentilmente uma solução de sonífero e me entregou, dizendo que não me faria mal, pois era bem branda... Bebi e estou esperando o sono, mas até agora nada... Espero não ter agido mal, pois conforme o sono começou a flertar comigo, me veio um novo medo: de que posso ter sido tola ao me privar do poder de despertar. Talvez queira acordar. Aí vem o sono. Boa noite.

---

201. Em latim, no original. A citação completa seria: "*In manus tuas, Domine, commendo spiritum meum*", ou "Em tuas mãos, Senhor, entrego meu espírito" (Salmos 31:5).

202. Provavelmente manchester terriers, ou "terriers de cavalheiro", tradicionalmente utilizados como rateiros (caçadores de ratos) nas competições vitorianas de *rat-baiting* – uma espécie de esporte, com apostas, no qual ratos eram soltos e o cão que matasse o maior número deles no menor tempo vencia.

203. Êxodo 13:21.

CAPÍTULO 20

DIÁRIO DE JONATHAN HARKER

1º de outubro, à noite – Fui encontrar Thomas Snelling em sua casa, em Bethnal Green, mas infelizmente ele não estava em condições de se lembrar de nada. A mera perspectiva da cerveja que minha aguardada visita despertara nele se revelou excessiva, e ele havia começado cedo demais sua ansiada carraspana. Fiquei sabendo, contudo, pela esposa, que me pareceu bastante decente, pobre alma, que ele era apenas assistente de Smollet, o responsável pelo transporte. Então tomei um fiacre até Walworth e encontrei o sr. Joseph Smollet em casa, em mangas de camisa, bebendo chá direto do pires. Trata-se de um sujeito decente, esperto, sem dúvida um trabalhador bom e confiável, e com ideias próprias. Lembrava-se de todo o incidente envolvendo as caixas e, após consultar um magnífico caderno cheio de orelhas, que retirou de algum misterioso receptáculo do bolso de trás de suas calças e que continha registros hieroglíficos feitos com um lápis velho, deu-me o endereço do destinatário. Havia, segundo ele, seis caixas no carregamento que ele levou de Carfax até o número 197 da Chicksand Street,[204] em Mile End, New Town, e outras seis que foram descarregadas na Jamaica Lane, em Bermondsey. Se a intenção do conde era espalhar aqueles refúgios macabros por toda a cidade, os locais foram escolhidos como um ponto inicial, de modo que depois ele pudesse distribuir as caixas de forma mais ampla. A maneira sistemática como aquilo havia sido orquestrado me fez pensar que ele provavelmente não iria se limitar a duas áreas de Londres. Estava agora concentrado no extremo leste da margem norte, no leste da margem sul e no sul da cidade. O norte e o oeste certamente não ficariam de fora de seus planos diabólicos – sem falar na própria City[205] e no coração da Londres elegante, no sudoeste e no oeste. Voltei à casa de Smollet e perguntei se ele podia nos dizer se mais alguma das caixas havia sido removida de Carfax.

Ele respondeu:

– Bem, doutor, o senhor me tratou muito bem – eu havia lhe dado meio soberano –, e vou lhe contar tudo o que sei. Quatro noites atrás, no 'Are an' 'Ounds,[206] em Pincher's Alley, ouvi um sujeito chamado Bloxam contar como ele e o colega tinham feito um servicinho poeirento numa casa velha de Purfleet. Não existem muitos desses serviços por aqui, e acho que talvez Sam Bloxam possa lhe contar mais.

Perguntei se ele podia me dizer onde encontrá-lo. Disse-lhe que se me desse o endereço receberia outro meio soberano. Então ele engoliu o resto do chá num gole e se levantou, dizendo que iria procurar aqui e ali. Na porta, parou e acrescentou:

– Olha, doutor, não faz sentido o senhor ficar esperando. Pode ser que eu encontre logo o Sam, pode ser que não, mas de todo modo ele não deve estar em condições de lhe dizer muita coisa que preste hoje à noite. Sam é um tipo curioso quando começa a beber. Se o senhor me der um envelope selado e com o seu endereço, vou apurar por onde anda o Sam e enviar para o senhor esta noite mesmo. Mas é melhor o senhor ir falar com ele bem cedo, ou pode não encontrar o sujeito. Sam sempre sai junto com a alvorada, não importa quanto tenha bebido na noite anterior.

Foi tudo muito prático; uma das crianças saiu com um centavo para comprar um envelope e uma folha de papel, e ficou com o troco. Quando voltou, escrevi o endereço no envelope e colei o selo. Smollet prometeu mais uma vez que enviaria o endereço sem falta, assim que o encontrasse, e tomei o caminho de casa. De qualquer forma, estamos na pista certa. Estou cansado hoje e preciso dormir. Mina está num sono pesado e parece um tanto pálida. Seus olhos indicam que chorou. Pobrezinha, não tenho dúvida de que ficou angustiada por não saber mais notícias sobre o caso, o que na certa a deixa duplamente angustiada, comigo e com os outros. Mas é melhor assim. É melhor ficar frustrada e preocupada agora do que sofrer um colapso nervoso depois. Os médicos tinham razão ao insistir que ela ficasse de fora desse assunto pavoroso. Tenho que ser firme, pois esse fardo de silêncio em particular deve repousar sobre mim. Jamais vou tocar no assunto com ela, sob circunstância alguma. Na verdade, talvez não seja uma tarefa árdua, pois ela mesma se mostrou reticente e não falou mais do conde e seus malefícios desde que lhe contamos sobre a nossa decisão.

2 de outubro, à noite – Que dia longo, exaustivo e excitante. O primeiro correio trouxe meu envelope com um pedaço de papel sujo dentro em que

estava escrito, com lápis de carpinteiro e em letra irregular:

Sam Bloxam, Korkrans, 4, Poters Cort, Bartel Street, Walworth. Pergunte pelo cargado.

Li a carta na cama e levantei sem despertar Mina. Ela parecia pesada, sonolenta e pálida, nada bem. Decidi não acordá-la, mas, quando voltasse dessa nova busca, tomaria providências para mandá-la para Exeter. Creio que vai ficar mais feliz em nossa própria casa, com suas tarefas diárias com que se entreter, do que aqui conosco, sem poder saber de nada. Falei brevemente com o dr. Seward e expliquei-lhe aonde estava indo, prometendo voltar e contar o resto assim que descobrisse alguma coisa. Tomei um fiacre até Walworth e encontrei, com alguma dificuldade, Potter's Court. A ortografia de Smollet me enganou.[207] No entanto, quando encontrei o endereço, não foi difícil localizar a pensão Corcoran. Quando perguntei pelo "cargado" ao homem que veio atender a porta, ele balançou a cabeça, e disse:

– Não conheço, não. Não tem ninguém aqui com esse nome. Nem nunca ouvi falar em toda a minha vida. Acho que não existe aqui nem em lugar nenhum.

Peguei a carta de Smollet e, ao reler, me ocorreu que o erro de grafia do endereço talvez me desse uma luz.

– O senhor é o quê? – perguntei.

– Sou o carregado – respondeu ele.

Entendi na hora que estava na pista certa. A escrita havia de fato me confundido. Uma gorjeta de meia coroa franqueou-me o conhecimento do encarregado, e fiquei sabendo que o sr. Bloxam, que já havia curado no sono toda a cerveja da noite anterior na pensão Corcoran, saíra para o trabalho em Poplar[208] às cinco horas daquela manhã. Ele não sabia me dizer exatamente onde ficava o trabalho, mas tinha uma vaga ideia de que era uma espécie de "armazém desses novos", e com essa descrição fraca me dirigi a Poplar. Era meio-dia, quando ouvi falar de um edifício que poderia satisfazer a especificação – obtive a pista em um café, onde alguns trabalhadores estavam almoçando. Um deles comentou que estavam construindo um "armazém frio"[209] na Cross Angel Street, e como isso batia com a descrição de um "armazém desses novos", tomei um fiacre e fui até lá. Uma breve conversa com um porteiro mal-humorado e um gerente ainda mais ríspido, ambos apaziguados

com a moeda corrente, colocou-me no rastro de Bloxam. Quando eu disse que estava disposto a pagar sua diária ao gerente pelo privilégio de lhe fazer algumas perguntas sobre um assunto particular, mandaram buscá-lo. Era um sujeito inteligente o bastante, embora rude na fala e nos modos. Prometi pagar pela informação e lhe dei um sinal, e assim ele me contou que fizera duas viagens entre Carfax e uma casa em Piccadilly, e que levara nove caixas, "muito pesadas", da primeira para a segunda, com um cavalo e uma carroça alugada por ele mesmo com esse propósito. Perguntei se saberia me dizer o número da casa em Piccadilly, ao que respondeu:

– Olha, doutor, esqueci o número, mas ficava perto de uma grande igreja branca, ou coisa que o valha, não muito alta. Também é uma casa velha, só que não tão velha quanto a de onde tiramos as malditas caixas.

– Como você entrou nas duas casas, se estavam vazias?

– Havia um velho sujeito que estava me esperando na casa em Purfleet. Ele me ajudou a tirar as caixas e a colocar na carroça. Maldito seja, nunca vi um camarada mais forte, e era um velho, de bigode branco, e tão magro que você diria que não fazia mais nem sombra.

O comentário me deu um calafrio!

– Ora, ele levantava um dos lados do baú como se fosse uma caixa de chá, e eu bufando e suando para conseguir segurar o meu lado, e olha que não sou nenhum frangote.

– Como você conseguiu entrar na casa em Piccadilly? – perguntei.

– Ele também estava lá. Deve ter saído correndo e chegado antes de mim, pois quando toquei a campainha, veio atender pessoalmente e me ajudou a entrar com as caixas no saguão.

– Todas as nove? – perguntei.

– Isso mesmo, foram cinco na primeira viagem e quatro na segunda. Foi um trabalhão, que deu muita sede, e nem me lembro mais como voltei para casa.

Eu o interrompi:

– As caixas ficaram no saguão de entrada?

– Isso mesmo, era um saguão enorme, e não havia mais nada lá dentro além das caixas.

Fiz outra tentativa de aprofundar o assunto:

– Você não ficou com nenhuma chave?

– Não usei chave nenhuma. O velho cavalheiro abriu a porta pessoalmente, e depois fechou quando fui embora. Não lembro como foi da última vez, mas

isso é por causa da cerveja.

– E você não lembra o número da casa?

– Não, senhor. Mas o senhor não vai ter nenhuma dificuldade em achar. É uma alta, com fachada de pedra, um arco e uma escadaria levando até a porta. Conheço bem aqueles degraus, depois de levar as caixas com mais três homens que vieram ajudar para ganhar uns cobres. O velho cavalheiro lhes deu xelins, e eles, vendo que conseguiram tanto, quiseram mais. Mas ele pegou um deles pelo ombro e atirou escada abaixo, e os outros fugiram xingando.

Achei que com essa descrição conseguiria encontrar a casa, então paguei ao meu amigo pela informação e tomei um fiacre até Piccadilly. Havia descoberto uma novidade dolorosa. O conde era capaz, evidentemente, de transportar as caixas de terra sozinho. Se isso fosse verdade, o tempo era valioso, pois agora que conseguira distribuir até certo ponto suas caixas, poderia, a qualquer momento, completar sua missão sem que ninguém visse. Em Piccadilly Circus, saltei do fiacre e caminhei para oeste. Depois do Junior Constitutional,[210] deparei com a casa descrita e fiquei convicto de que aquele era o segundo antro adquirido por Drácula. A casa parecia abandonada havia muito tempo. As janelas estavam incrustadas de poeira, e as venezianas fechadas. Toda a argamassa da construção estava negra da passagem do tempo, e a tinta havia descascado quase inteiramente das ferragens. Era possível notar que até recentemente havia uma grande placa de aviso imobiliário na sacada. Mas a placa fora arrancada bruscamente, e os arames que a prendiam ainda estavam lá. Atrás da sacada, vi algumas pranchas avulsas, cujas bordas irregulares pareciam brancas. Daria tudo para ter visto a placa intacta, pois isso talvez fornecesse uma pista sobre o antigo proprietário. Lembrei de minha experiência na pesquisa e compra do imóvel de Carfax, e não pude evitar de sentir que se conseguisse encontrar o antigo dono poderia descobrir de alguma maneira como obter acesso à casa.

Não havia mais nada para apurar na propriedade de Piccadilly nem nada que eu pudesse fazer, então dei a volta até os fundos para ver se conseguia alguma informação. Os estábulos estavam em atividade, pois as casas de Piccadilly eram quase todas habitadas. Perguntei a um ou dois cavalariços e ajudantes que vi por ali se sabiam alguma coisa sobre a casa vazia. Um deles comentou que ouvira dizer que fora vendida recentemente, mas não conhecia o antigo proprietário. Disse-me, contudo, que até pouco tempo atrás havia uma placa de "Vende-se", e que talvez a imobiliária Mitchell, Sons & Candy pudesse informar alguma coisa, pois ele se lembrava de ter visto esse nome na

placa. Não quis parecer muito ávido ou que meu informante soubesse ou desconfiasse demais, então agradeci da maneira usual e fui embora caminhando. Estava escurecendo, e a noite de outono se aproximava, então não perdi mais um minuto sequer. Localizei o endereço da imobiliária Mitchell, Sons & Candy em uma lista telefônica do Berkeley Hotel e logo estava no escritório da firma, na Sackville Street.

O cavalheiro que me recebeu se mostrou especialmente polido, mas lacônico na mesma medida. Depois de me dizer que a casa em Piccadilly – que chamou sempre de "mansão" ao longo de nossa breve conversa – havia sido vendida, considerou minha visita concluída. Quando perguntei quem a comprara, ele arregalou os olhos um pouco e, após alguns segundos, repetiu:

– A casa foi vendida, senhor.

– Perdão – respondi, também polido –, mas tenho um motivo especial para querer saber quem a comprou.

Novamente ele fez uma pausa e ergueu as sobrancelhas ainda mais.

– A casa foi vendida, senhor – foi, outra vez, sua resposta sucinta.

– Certamente o senhor não se importaria em me dar mais alguma informação – insisti.

– Me importaria, sim – retrucou ele. – Os assuntos dos clientes da Mitchell, Sons & Candy são considerados absolutamente sigilosos.

Era um pedante de primeira grandeza, e não adiantava discutir com ele. Achei melhor pagar na mesma moeda:

– Seus clientes, senhor, devem estar felizes por terem um guardião obstinado de sua confiança. Também trabalho no ramo. – Então lhe entreguei meu cartão de visita. – Não estou interessado por mera curiosidade, mas venho da parte de lorde Godalming, que deseja saber algo sobre a propriedade que estava, segundo ele ficou sabendo, à venda até recentemente.

Essas palavras deram uma feição distinta à conversa. Ele respondeu:

– Gostaria de poder ajudá-lo, sr. Harker. Gostaria, sobretudo, de poder ajudar Sua Senhoria. Prestamos um pequeno serviço de aluguel para ele, quando era apenas o honorável sr. Arthur Holmwood. Se o senhor me der o endereço de lorde Godalming, vou consultar a diretoria sobre o caso, e, de todo modo, enviaremos uma resposta pelo correio de hoje à noite. Será um prazer se pudermos nos desviar de nossas regras para fornecer essa informação.

Minha intenção era garantir uma amizade, e não fazer um inimigo, então

agradeci, dei o endereço do dr. Seward e vim embora. A essa altura, já estava escuro, e eu, cansado e faminto. Bebi uma xícara de chá na Aërated Bread Company[211] e voltei para Purfleet no primeiro trem.

Encontrei todos em casa. Mina parecia cansada e pálida, mas fez um esforço galante de se mostrar alegre e animada. Meu coração ficou apertado ao pensar que precisara ocultar tudo de minha esposa e que isso havia provocado sua inquietude. Graças a Deus, essa será a última noite em que vai participar de nossas conferências e sentir o incômodo de não partilhar de nossa confiança. Foi preciso reunir toda a minha coragem para sustentar nossa resolução de mantê-la fora de nossa tarefa sombria. Ela demonstra estar um tanto mais conformada, ou senão o próprio assunto passou a lhe parecer repugnante, pois quando alguma alusão acidental nos escapa, chega a estremecer. Estou contente por termos tomado essa decisão a tempo, com a convicção de que nosso conhecimento cada vez maior acabaria sendo uma tortura para ela.

Não poderia contar aos outros sobre as descobertas do dia até estarmos sozinhos, por isso, depois do jantar – e de um pouco de música para manter as aparências mesmo entre nós –, levei Mina para o quarto e a deixei se preparando para dormir. Minha querida menina estava mais afetuosa comigo do que nunca e se agarrou a mim como se quisesse que eu ficasse, mas havia muito o que conversar, e precisei sair. Graças a Deus, a interrupção das confidências não mudou as coisas entre nós.

Quando desci, encontrei os outros reunidos no escritório, em frente à lareira. Eu havia escrito em meu diário durante a viagem de trem, e simplesmente li para eles, pois era a melhor maneira de lhes passar minhas informações. Quando terminei, Van Helsing disse:

– Foi um dia produtivo, amigo Jonathan. Sem dúvida, já estamos na pista das caixas perdidas. Se encontrarmos todas naquela casa, nosso trabalho vai estar perto do fim. Mas se estiver faltando alguma, vamos ter de continuar procurando até encontrá-la. Então daremos o *coup*[212] final e caçar o maldito até a sua morte definitiva.

Ficamos sentados por um tempo, e, de repente, o sr. Morris perguntou:

– Mas me digam uma coisa, como faremos para entrar nessa casa?

– Conseguimos entrar na outra – respondeu rapidamente lorde Godalming.

– Mas, Art, isso é diferente. Entramos na propriedade em Carfax, só que tínhamos a noite e um parque murado a nos proteger. Invadir uma casa em

Piccadilly, seja de dia, seja de noite, é outra história. Confesso que não vejo como entrar se aquele pedante da imobiliária não nos der algum tipo de chave. Talvez seja melhor esperar até a carta dele chegar, amanhã de manhã.

Lorde Godalming franziu o cenho, levantou-se e caminhou pela sala. Depois de um tempo, parou e anunciou, fitando-nos, um por um:

– Quincey tem razão. Essa história de invasão de domicílio é coisa séria. Da primeira vez, nós nos safamos, mas agora se trata de um serviço um tanto esdrúxulo. A não ser que encontremos o molho de chaves do conde.

Como não havia nada que pudesse ser feito antes do amanhecer, e o mais aconselhável era aguardar até que lorde Godalming recebesse notícias de Mitchell, resolvemos não agir antes do desjejum. Durante um bom tempo, permanecemos sentados, fumando e discutindo o caso em seus vários aspectos e abordagens. Aproveitei a oportunidade para atualizar o diário até o momento. Estou com muito sono e vou para a cama…

Só mais uma coisa. Mina dorme profundamente, com a respiração ritmada. Sua testa está marcada por pequenas rugas, como se estivesse pensando mesmo durante o sono. Ainda está pálida, mas não parece abatida como hoje pela manhã. Amanhã, espero que tudo isso tenha sido sanado. Ela vai ficar à vontade em nossa casa em Exeter. Oh, mas como estou com sono!

Diário do dr. Seward

1º de outubro – Estou intrigado de novo com Renfield. Suas mudanças de humor estão tão súbitas que é difícil acompanhar e, como estão sempre associadas a algo além de seu próprio bem-estar, configuram um estudo interessante. Esta manhã, quando fui vê-lo após o repúdio sofrido por Van Helsing, sua postura era a de um homem no comando do próprio destino. Estava, a bem dizer, agindo como tal – ainda que de um ponto de vista subjetivo. Não se importava com nada terreno, estava nas nuvens e contemplava lá do alto as fraquezas e deficiências de nós, pobres mortais. Pensei em aproveitar o ensejo para aprender alguma coisa, então perguntei:

– E as moscas?

Ele sorriu para mim com um ar altivo, superior, um sorriso que ficaria bem em Malvólio,[213] e respondeu:

– A mosca, meu caro senhor, possui uma característica curiosa. Suas asas

são típicas das potências aéreas das faculdades psíquicas. Os antigos estavam certos ao representar a alma como uma borboleta!

Decidi levar adiante a analogia até seu extremo lógico, então disse rapidamente:

– Oh, agora você está atrás de uma alma, é isso?

A loucura se impôs à razão, e uma expressão intrigada se formou em seu semblante. Balançando a cabeça com uma certeza que raras vezes vi nele, Renfield rebateu:

– Não, não! Não estou atrás de alma nenhuma. Só me interessa a vida. – Nesse ponto, ele se entusiasmou. – Mas isso não me importa agora. A vida está boa. Tenho tudo o que quero. O senhor precisará de um novo paciente, doutor, se quiser estudar zoofagia!

Isso me deixou um tanto intrigado, por isso o instiguei:

– Então você comanda a vida. Suponho que seja uma espécie de deus?

Ele sorriu com uma inefável superioridade benevolente.

– Oh, não! Longe de mim arrogar-me atributos de deidade. Não me interessam sequer Seus feitos especificamente espirituais. Se é para declarar minha posição intelectual no que tange às coisas puramente terrenas, coloco-me no lugar que Enoque[214] ocupou espiritualmente!

Isso se configurou um problema para mim, pois não consegui lembrar na hora o papel de Enoque. Por isso, tive de fazer uma pergunta simples, mesmo sentindo que ao fazê-lo perdia pontos aos olhos do lunático.

– E por que Enoque?

– Porque ele foi com Deus.

Não entendi a analogia, mas não quis admitir, então voltei a insistir no que ele havia negado.

– Quer dizer que você não se importa com a vida e não quer saber de almas. Por que não? – perguntei depressa e com um tom de severidade proposital, no intuito de desconcertá-lo.

A tentativa surtiu efeito. Por um instante, Renfield retomou inconscientemente sua subserviência de antes, inclinou-se diante de mim e literalmente rastejou-se aos meus pés ao dizer:

– Não quero alma nenhuma, é verdade, é verdade! Não quero. Não saberia o que fazer com almas. Almas não me serviriam de nada. Não poderia comê-las, nem…

Ele se interrompeu de repente, e a astúcia de pouco antes se espalhou em

seu semblante, como o vento na superfície da água.

– E, doutor, quanto à vida, o que é ela afinal? Quando se tem tudo de que se precisa, e se sabe que nada lhe faltará, isso basta. Tenho amigos, bons amigos, como o senhor, dr. Seward – isto foi dito com indescritível malícia. – Sei que nunca me faltarão meios de vida!

Creio que, em meio à sua enevoada insanidade, via em mim algum antagonismo, pois recuou instantaneamente e recorreu ao último refúgio de alguém como ele, o silêncio acovardado. Em pouco tempo, entendi que não adiantava mais insistir. Renfield ficou taciturno, então fui embora.

Mais tarde naquele dia, mandou me chamar. Em geral, não teria ido sem um motivo especial, mas estou tão interessado nele que fiz esse esforço com prazer. Além do mais, fiquei contente por ter algo para passar o tempo. Harker saiu, foi atrás de pistas, assim como lorde Godalming e Quincey. Van Helsing está em meu escritório repassando o material preparado pelos Harker. Parece pensar que pelo conhecimento preciso de todos os detalhes poderá lançar alguma luz sobre eventuais pistas. Pediu para não ser perturbado em seu trabalho sem motivo. Eu o teria levado comigo para visitar o paciente, mas pensei que depois da última rejeição ele podia não querer voltar lá. Havia ainda outro motivo. Renfield talvez não falasse tão abertamente diante de um terceiro como quando estávamos sozinhos.

Encontrei-o sentado no centro do quarto em sua banqueta, postura que geralmente indicava uma certa energia mental de sua parte. Quando entrei, ele perguntou de supetão, como se as palavras estivessem na ponta da língua:

– E o que têm as almas?

Estava claro, portanto, que minha suposição fora correta. O processo mental inconsciente estava funcionando, até mesmo com o lunático. Resolvi aprofundar a questão.

– Você que me diga! – devolvi.

Ele não respondeu por um momento, mas ficou olhando ao redor, e para cima e para baixo, como se esperasse alguma inspiração para o que diria a seguir.

– Não quero saber de alma nenhuma! – disse baixinho, apologeticamente. A questão parecia estar consumindo sua mente, e então resolvi insistir, "ser cruel para ser justo".[215] E assim, perguntei:

– Você gosta de vida, você quer mais vida?

– Ah, sim! Mas quanto a isso não há nenhum problema. O senhor não

precisa se preocupar!

– Mas como você pode obter vida sem a alma? – perguntei.

Isso pareceu intrigá-lo, então continuei:

– Você há de passar um mau bocado quando estiver lá fora, com as almas de milhares de moscas, aranhas, pássaros e gatos zumbindo, piando e miando à sua volta. Sabe, você tirou as vidas deles e agora precisa arcar com suas almas!

Isso aparentemente afetou sua imaginação, pois Renfield tampou os ouvidos com os dedos e fechou os olhos bem apertados, feito um garotinho quando ensaboam seu rosto. Havia algo de patético na cena que me comoveu. Ela também me serviu de lição, pois era como se eu tivesse um menino diante de mim, uma simples criança, embora os traços fossem gastos, e os pelos no queixo, brancos. Era evidente que ele estava passando por algum processo de distúrbio mental, e, sabendo como seus humores no passado haviam ensejado interpretações de coisas que ele aparentemente desconhecia, achei melhor entrar em sua mente da melhor forma que pude e acompanhá-lo. O primeiro passo era restaurar a confiança entre nós, assim perguntei bem alto, para que me escutasse mesmo vedando os ouvidos:

– Você quer açúcar para atrair suas moscas de novo?

Ele pareceu acordar de repente e balançou a cabeça, respondendo com uma gargalhada:

– De jeito nenhum! Moscas são pobres seres vivos, afinal! – Após uma pausa, acrescentou: – E também não quero suas almas zumbindo ao meu redor.

– E as aranhas? – insisti.

– Ao inferno com as aranhas! Para que servem aranhas? Nelas não há sequer o que comer ou... – Ele parou subitamente como se lembrasse de um tema proibido.

"Ora, ora!", pensei comigo mesmo, "é a segunda vez que ele se interrompe de repente antes de pronunciar a palavra 'beber'. O que será que isso quer dizer?"

Renfield pareceu se dar conta do lapso, pois se apressou em acrescentar, como que para desviar minha atenção do fato:

– Não dou a menor importância a esses assuntos. "Ratos, camundongos e esses pequenos gamos",[216] como dizia Shakespeare, poderiam ser chamados de "milho de engorda". Já superei todo esse absurdo. Tentar me interessar por carnívoros menores, quando sei o que tenho diante de mim, é o mesmo que

pedir a um homem para comer moléculas com palitinhos chineses.

– Entendi – prossegui. – Você prefere cravar os dentes em coisas grandes? O que diria de comer um elefante de café da manhã?

– Que coisa ridícula! – Ele estava ficando cada vez mais consciente da situação, então achei melhor continuar pressionando.

– Como será – comentei em tom reflexivo – a alma do elefante?

O efeito que eu desejava foi alcançado, pois ele logo caiu de seu trono e se tornou novamente criança.

– Não me interessa a alma do elefante, nem nenhuma outra! – exclamou. Durante alguns momentos ficou sentado, abatido. De repente, pôs-se de pé, com os olhos faiscantes e todos os indícios de uma intensa excitação cerebral. – Para o inferno, você e as suas almas! – berrou. – Por que me atormenta com isso? Já não tenho o bastante com que me preocupar, dores o suficiente com que me distrair, sem precisar pensar em almas?

Renfield mostrou-se tão hostil que achei que estava prestes a sofrer outro surto homicida, então soprei meu apito. Contudo, no instante em que o fiz, ele ficou calmo e se desculpou:

– Perdão, doutor. Eu me esqueci. O senhor não vai precisar de ajuda. Estou com a cabeça tão ocupada que fiquei propenso à irritação. Se soubesse o problema com que estou lidando, que estou tentando resolver, teria pena de mim e me toleraria, me perdoaria. Eu lhe peço, não me ponha na camisa de força. Quero pensar e não consigo refletir direito quando meu corpo está confinado. Tenho certeza de que o senhor há de entender!

Ele evidentemente havia recuperado o autocontrole, então, quando os enfermeiros apareceram, dispensei-os. Renfield ficou observando-os irem embora. Quando a porta foi fechada, disse com considerável dignidade e doçura:

– Dr. Seward, o senhor mostrou muita consideração comigo. Acredite, sou muito, muito grato ao senhor!

Achei melhor deixá-lo naquele estado e saí de seu quarto. Certamente existe algo a ser ponderado sobre a situação do paciente. Diversos pontos parecem constituir o que um jornalista americano chamaria de "uma matéria", se forem colocados na ordem correta. São eles:

Não diz a palavra "beber".

Teme pensar em ser atormentado pela "alma" de qualquer ser.

Não teme vir a precisar de "vidas" no futuro.

Despreza as formas menores de vida como um todo, embora tema ser assombrado por suas almas.

Logicamente, todas essas coisas apontam para uma mesma direção! Ele tem um tipo de certeza de que vai alcançar alguma forma mais elevada de vida. Tem pavor da consequência disso: o fardo de uma alma. Portanto, a vítima que tem em mente é uma vida humana!

E a certeza...?

Santo Deus! O conde esteve com ele, e um novo plano terrível deve estar prestes a acontecer!

Mais tarde – Depois da ronda dos pacientes, fui falar com Van Helsing e lhe contei sobre minha suspeita. Ele se mostrou solene e, depois de pensar no caso por algum tempo, me pediu que o levasse até Renfield. Foi o que fiz. Ao chegarmos à porta do quarto, ouvimos o lunático cantando alegremente lá dentro, como costumava fazer em um tempo que agora parece distante. Quando entramos, vimos com espanto que havia espalhado o açúcar como antes. As moscas, letárgicas do outono, começavam a zunir dentro do quarto. Tentamos fazê-lo falar sobre o assunto de nossa conversa anterior, mas ele não correspondeu. Continuou com sua cantoria, como se não estivéssemos ali. Tinha na mão um pedaço de papel e o estava dobrando, como se fosse um livro. Tivemos que sair tão ignorantes como havíamos entrado.

Seu caso é de fato curioso. Devemos observá-lo hoje à noite.

CARTA DA FIRMA MITCHELL, SONS & CANDY PARA LORDE GODALMING

1º de outubro

Prezado senhor,

É sempre uma alegria para nós atender suas solicitações. Com relação ao desejo de Vossa Senhoria, expresso pelo sr. Harker em seu nome, fornecemos as seguintes informações sobre a venda e compra do imóvel sito ao número 347, Piccadilly. Os vendedores originais são os executores do testamento do falecido sr. Archibald Winter-Suffield. O comprador é um nobre estrangeiro, conde De Ville,[217] que efetuou a compra pagando com notas de "dinheiro vivo", se Vossa Senhoria puder perdoar o uso de uma expressão vulgar. Além

disso, nada mais sabemos sobre ele.

Seguimos sendo, meu senhor,

Vossos humildes servos,

Mitchell, Sons & Candy

DIÁRIO DO DR. SEWARD

2 de outubro – Deixei um enfermeiro no corredor na noite passada e pedi que me fizesse um registro acurado de qualquer ruído que ouvisse do quarto de Renfield, dando instruções de que me chamasse caso acontecesse qualquer coisa estranha. Depois do jantar, quando nos reunimos em torno da lareira do escritório, após a sra. Harker ter ido dormir, discutimos as tentativas e descobertas do dia. Harker foi o único que trouxe resultados, e estamos com muita expectativa de que sua pista seja importante.

Antes de me deitar, passei novamente pelo quarto do paciente e olhei pela portinhola. Renfield dormia profundamente, o peito subindo e descendo com a respiração regular.

Hoje cedo, o enfermeiro encarregado veio me dizer que, pouco depois da meia-noite, o paciente começou a ficar irrequieto, dizendo suas orações sem parar e em voz mais alta. Perguntei se isso foi tudo. Ele respondeu que só ouviu isso. Havia algo estranho no enfermeiro, desconfiei e perguntei à queima-roupa se ele tinha dormido. Ele disse que não. Mas admitiu ter "tirado um cochilo". É uma pena que não se possa confiar nos homens quando não estão sendo vigiados.

Hoje Harker saiu atrás de sua pista, e Art e Quincey foram arrumar cavalos. Godalming acha que será bom termos cavalos sempre a postos, pois assim que obtivermos mais informações não haverá tempo a perder. Vamos ter de esterilizar toda a terra importada entre a aurora e o crepúsculo. Assim pegaremos o conde em seu momento mais fraco e sem refúgios. Van Helsing foi ao Museu Britânico consultar algumas autoridades em medicina antiga. Os médicos antigos lidaram com coisas que seus sucessores não aceitam, e o professor está pesquisando curas contra feiticeiras e demônios que podem vir a nos ser úteis mais tarde.

Às vezes, penso que estamos todos loucos e que a qualquer momento

vamos acordar para a realidade, presos em camisas de força.

Mais tarde – Fizemos outra reunião. Finalmente parece que estamos na pista certa, e nosso trabalho de amanhã pode ser o princípio do fim. Pergunto-me se o silêncio de Renfield tem algo a ver com isso. Seu humor tem acompanhado as ações do conde, e talvez a iminência da destruição do monstro o tenha afetado de maneira sutil. Se fizéssemos ideia do que se passa em sua mente, desde minha discussão com ele até sua retomada da caça às moscas, talvez tivéssemos uma pista valiosa. Agora ele está quieto por um tempo… Isso foi ele? Um grito selvagem parece ter vindo de seu quarto…

O enfermeiro entrou correndo e me disse que Renfield havia de alguma maneira sofrido um acidente. Ele ouviu o paciente gritar e quando entrou no quarto, Renfield estava de bruços no chão, todo coberto de sangue. Preciso ir imediatamente…

---

204. Pequena travessa perpendicular a Brick Lane, região central dos ataques de Jack o Estripador (ver nota 2); o número 197 é fictício.

205. "A "City of London" original, com seu governo próprio, ainda hoje o centro financeiro de Londres.

206. Corruptela de Hare and Hounds ("Lebre e Cães"), nome comum de alguns pubs e clubes londrinos. Em *O homem invisível* (também de 1897), de H.G. Wells, aparece a hospedaria Coach and Horses ("Cocheiro e Cavalos").

207. A ortografia de Smollet, visível também em outros termos explicitados nesta passagem da história, indica seu inglês popular.

208. Bairro de East London, perto das docas, na margem norte do Tâmisa. O conde distribuiu caixas dos dois lados do rio.

209. A refrigeração era uma relativa novidade. Em 1875 utilizou-se gelo pela primeira vez para transportar carne dos Estados Unidos à Europa. Quatro anos depois foi introduzida a refrigeração mecânica com ar seco de Bell-Coleman, que usava um motor a vapor para comprimir o ar e não precisava de nenhum elemento químico.

210. Clube de cavalheiros londrino, fundado em 1887 no número 101 da Piccadilly, aliado ao Partido Conservador. Em 1896 tinha mais de 5.500 membros.

211. Em 1857, John Dauglish patenteou o método de inflar massas com gás carbônico, que fazia a massa crescer mais rápido, fundando a Aërated Bread Company (ABC), que logo tinha várias lojas em Londres.

212. Em francês no original: golpe.

213. Mordomo narcisista e arrogante, que acaba sendo ridicularizado em *Noite de Reis*, de Shakespeare.

214. Pai de Matusalém (Gênesis 5:21-24), foi poupado do dilúvio e arrebatado por Deus, para não experimentar a morte. Existem dois livros apócrifos da Bíblia atribuídos a Enoque.

215. Fala de Hamlet na tragédia de Shakespeare (*Hamlet*, Ato III, Cena 4).

216. Variação de uma fala de Edgar, que se faz passar pelo mendigo louco Tom, em *Rei Lear*, de

Shakespeare (Ato III, Cena 4): "Só camundongos e ratos, e pequenos gamos/ Foram a comida de Tom por sete anos" ("*But mice and rats, and such small deer/ Have been Tom's food for seven long years*").

217. Trocadilho do conde entre De Ville e *devil*, diabo em inglês. É esse tipo de humor em Stoker que faz suspeitar que Harker possa ser uma versão de Hamlet, cujo episódio fantasmagórico (a experiência na Transilvânia, no caso de Harker) o deixou em profunda melancolia e prostração, e cuja descoberta de que não estava louco o fez agir.

CAPÍTULO 21

DIÁRIO DO DR. SEWARD

3 de outubro – Quero repassar com exatidão tudo o que aconteceu, da melhor forma que conseguir me lembrar, desde meu último registro. Nenhum detalhe deve ser esquecido. Procederei com toda calma.

Cheguei ao quarto de Renfield e o encontrei no chão, deitado sobre o lado esquerdo do corpo, em uma poça brilhante de sangue. Quando o acudi, logo reparei que havia sofrido ferimentos terríveis. Não parecia haver nem sinal da unidade de propósito entre as partes do corpo que caracteriza a sanidade mesmo letárgica. Seu rosto estava horrivelmente machucado, como se tivesse sido batido contra o chão. A bem dizer, a poça de sangue se originara das feridas no rosto. O enfermeiro ajoelhado ao lado do corpo me disse, quando o viramos:

– Acho que quebrou a coluna, doutor. Veja, tanto o braço quanto a perna direita e toda a lateral do corpo estão paralisados.

Como aquilo poderia ter acontecido era algo que intrigava o enfermeiro mais do que tudo. Ele parecia absolutamente perplexo, e suas sobrancelhas se uniram ao refletir:

– Não entendo como as duas coisas se deram juntas. Ele pode ter machucado o rosto desse jeito batendo a cabeça no chão. Vi uma moça fazer isso uma vez no Manicômio de Eversfield, antes de ser imobilizada. E imagino que possa ter quebrado o pescoço ao cair da cama, no caso de uma convulsão estranha. Mas, por tudo o que é mais sagrado, não vejo as duas coisas acontecendo ao mesmo tempo. Se a coluna estava quebrada, ele não teria como bater tanto a cabeça, e se o rosto já estava assim antes de cair da cama, haveria alguma evidência disso.

Pedi a ele:

– Por favor, avise o dr. Van Helsing para vir aqui imediatamente. Preciso

dele agora, não podemos perder um minuto.

O enfermeiro foi correndo, e, em poucos minutos, o professor apareceu, de camisola e chinelo. Quando viu Renfield no chão, olhou atentamente para ele por um momento e virou-se para mim. Acho que leu o pensamento em meu olhar, pois disse, tranquilo, obviamente na intenção de que o enfermeiro o escutasse:

– Ah, que acidente infeliz! Ele vai precisar de observação rigorosa e cuidados extremos. Eu mesmo vou ajudar o senhor, dr. Seward, mas primeiro tenho de me vestir. Se puderem ficar aqui com ele, volto em poucos minutos.

O paciente agora respirava com estertores e era fácil notar que sofrera uma lesão séria. Van Helsing voltou numa rapidez extraordinária, trazendo consigo seu estojo de cirurgia. Evidentemente havia pensado sobre o caso e já estava decidido, pois, mesmo antes de examinar o paciente, sussurrou para mim:

– Dispense o enfermeiro. Precisamos estar a sós com ele quando acordar, depois da operação.

Assim, anunciei:

– Acho que podemos assumir a partir de agora, Simmons. Você já fez tudo o que podia. Continue a ronda dos pacientes. O dr. Van Helsing precisa trabalhar. Avise-me imediatamente se algo fora do normal acontecer com os outros internos.

O enfermeiro se retirou, e passamos a um exame minucioso do paciente. As feridas no rosto eram superficiais. A verdadeira contusão era uma fratura afundada do crânio que se estendia por toda a área motora. O professor pensou por um momento e disse:

– Temos de reduzir a pressão e retomar a condição normal o máximo que conseguirmos. A velocidade da hemorragia indica que foi um golpe terrível. Toda a área motora parece afetada. O edema no cérebro vai aumentar depressa, de modo que precisaremos fazer uma trepanação[218] imediatamente ou pode ser tarde demais.

Enquanto ele falava, ouviu-se uma batida suave à porta. Fui atender e encontrei Arthur e Quincey de pijama e chinelo no corredor; o primeiro disse:

– Escutei seu enfermeiro avisar o dr. Van Helsing sobre um acidente. Então acordei Quincey, ou melhor, chamei-o, porque ele não estava dormindo. As coisas estão acontecendo com velocidade e estranheza demais para se dormir profundamente esses dias. Penso que amanhã à noite tudo será diferente.

Vamos ter de recapitular tudo e agir com um pouco mais de previdência do que temos tido. Podemos entrar?

Assenti, mantive a porta aberta até que os dois entrassem, então tornei a fechá-la. Quando Quincey viu a posição e o estado do paciente, e notou a horrível poça de sangue no chão, exclamou em voz baixa:

– Meu Deus! O que aconteceu com ele? Pobre, pobre-diabo!

Expliquei rapidamente e acrescentei que esperávamos que recuperasse a consciência depois da operação, ainda que apenas por um breve período de tempo, na pior das hipóteses. Ele se dirigiu até a cama e sentou, com Godalming a seu lado. Ficamos observando com paciência.

– Vamos aguardar só o bastante para decidir o melhor ponto para fazer a trepanação – anunciou Van Helsing –, para remover o coágulo sanguíneo com a maior rapidez e precisão possível, pois é evidente que a hemorragia está aumentando.

Os minutos de espera passaram em assustadora lentidão. Senti um peso horrível no coração e, pelo semblante de Van Helsing, deduzi que estava com um certo receio ou apreensão diante do que se sucederia. Temi as palavras que Renfield poderia dizer. Estava definitivamente com medo de pensar, mas a certeza do que iria acontecer me dominava, afinal já tinha lido sobre homens que ouviram as larvas da broca de madeira.[219] O pobre sujeito respirava por espasmos aleatórios. A cada instante, parecia que ele abriria os olhos e falaria, mas então vinha outro estertor demorado, e ele retornava a uma prostração maior que antes. Por mais acostumado que eu estivesse com leitos de enfermos e de morte, aquele suspense me afligia cada vez mais. Quase ouvia meu próprio coração bater, e o sangue latejava em minhas têmporas como marteladas. Por fim, o silêncio se tornou agonizante. Olhei para meus companheiros, um depois do outro, e vi pelos rostos corados e as pestanas porejadas de suor que estavam sofrendo a mesma tortura. Havia um suspense tenso sobre todos nós, como se a qualquer momento fosse badalar um sino terrível e poderoso sobre as nossas cabeças quando menos esperássemos.

Por fim, chegou uma hora em que era evidente que o paciente estava piorando depressa. Renfield poderia morrer a qualquer momento. Olhei para o professor e notei que me encarava fixamente. Seu semblante estava austero quando falou:

– Não há tempo a perder. As palavras dele podem salvar muitas vidas. É o que venho pensando, parado aqui. Pode ser que exista uma alma em risco!

Vamos operar logo acima da orelha.

Sem dizer mais nada, Van Helsing deu início à trepanação. Por alguns momentos, os estertores continuaram. Então veio uma inspiração tão longa que parecia que seu peito ia se romper. De repente, ele abriu os olhos, que ficaram arregalados, vidrados, em uma expressão louca e desamparada. Seu semblante se manteve assim por alguns momentos, então foi atenuado em uma surpresa agradável, e de seus lábios saiu um suspiro aliviado. Renfield se remexeu convulsivamente e, ao fazê-lo, disse:

– Vou ficar calmo, doutor. Mande tirar essa camisa de força. Tive um sonho terrível, que me deixou tão fraco que não consigo me mexer. O que houve com meu rosto? Parece inchado, e a dor é medonha. – Ele tentou virar a cabeça, mas o mero esforço fez seus olhos ficarem vidrados novamente, então coloquei a cabeça com cuidado de volta na posição.

Em seguida, Van Helsing demandou, em voz baixa e tom grave:

– Conte-nos sobre seu sonho, sr. Renfield.

Ao ouvir a voz, seu rosto se iluminou em meio às mutilações, e ele respondeu:

– É o dr. Van Helsing. Quanta bondade sua estar aqui. Dê-me um pouco d'água, meus lábios estão secos, e tentarei contar. Sonhei…

Ele parou, parecendo prestes a desmaiar. Chamei Quincey baixinho e pedi:

– Busque o conhaque no escritório!

Num instante, o americano voltou com uma taça, a garrafa de conhaque e uma jarra d'água. Umedecemos os lábios ressecados, e o paciente logo reviveu. Parecia, no entanto, que seu pobre cérebro ferido estivera funcionando o tempo todo, pois, ao tornar a ficar consciente, cravou-me um olhar confuso e agoniado que nunca vou esquecer e me disse:

– Não devo me iludir. Não foi sonho nenhum, foi tudo uma sombria realidade. – Em seguida, seus olhos percorreram o quarto. Ao notar as duas pessoas sentadas pacientemente na beira da cama, continuou: – Se eu ainda tivesse alguma dúvida, eles seriam a prova de que foi real.

Por um instante, seus olhos se fecharam, não de dor ou por sono, mas voluntariamente, como se tentasse reunir todas as suas faculdades em um esforço final. Quando os abriu, disse às pressas e com mais energia do que havia demonstrado até então:

– Rápido, doutor, estou morrendo! Sinto que tenho apenas alguns minutos, e depois voltarei para a morte… ou coisa pior! Molhe meus lábios com

conhaque de novo. Preciso dizer uma coisa antes de morrer. Ou pelo menos antes que meu pobre cérebro esmagado morra. Obrigado! Foi naquela noite depois que o senhor saiu, quando implorei que me deixassem ir embora. Não consegui dizer na hora, pois senti como se minha língua estivesse amarrada. Mas estava tão são naquele momento, exceto por um aspecto, quanto agora. Fiquei desesperado por muito tempo depois que o senhor saiu, pareceram-me horas. Então senti uma paz súbita. Foi como se o cérebro se acalmasse, e me dei conta de onde estava. Ouvi os cães latirem nos fundos da casa, mas não onde Ele estava!

Van Helsing o ouvia sem sequer piscar, mas sua mão veio até a minha e a apertou com força. No entanto, não deixou transparecer nada, apenas assentiu discretamente com a cabeça e pediu, em voz baixa:

– Continue.

Renfield prosseguiu:

– Ele subiu até a janela na neblina, como eu havia o visto fazer muitas vezes, mas antes era sólido, não um fantasma, e seus olhos faiscavam como os de um homem furioso. Gargalhava com sua boca vermelha, e os dentes brancos e pontiagudos reluziram ao luar quando se virou para trás e fitou o bosque, onde os cães latiam. A princípio, não o convidei a entrar, embora soubesse que Ele o queria, como sempre quis esse tempo todo. Só que Ele começou a me prometer coisas, não com palavras, mas fazendo-as.

O professor o interrompeu:

– Como assim?

– Fazendo com que as coisas acontecessem. Como quando me mandava moscas durante o dia. Moscas grandes e gordas com aço e safira nas asas. E enormes mariposas, à noite, com uma caveira e ossos cruzados nas costas.

Van Helsing assentiu e sussurrou para mim, inconscientemente:

– A *Acherontia átropos*, da família dos esfingídeos, que vocês chamam de borboleta-caveira ou mariposa-da-morte?[220]

O paciente continuou sem se interromper:

– Então Ele começou a sussurrar. "Ratos, ratos e mais ratos! Centenas, milhares, milhões deles, e cada um, uma vida. E cães para comê-los, e gatos também. Tudo vida! Tudo sangue vivo, vermelho, com anos de vida contidos, e não meras moscas zumbindo!" Dei uma risada, pois queria ver o era capaz de fazer. Então os cães uivaram lá longe, depois das árvores escuras da casa Dele. E Ele me convocou até a janela. Levantei e olhei para fora. Ele ergueu

as mãos e, aparentemente, chamou sem usar nenhuma palavra. Uma massa escura se espalhou sobre o gramado, aproximando-se com o formato de uma labareda. Ele deslocou a neblina para a direita e depois para a esquerda, e pude ver que havia milhares de ratos com os olhos vermelhos faiscantes, iguais aos Dele, só que menores. Ele ergueu a mão de novo, e todos os ratos pararam. Pensei tê-Lo ouvido me dizer: "Eu lhe darei todas essas vidas, sim, e muitas e muitas outras mais e maiores, por eras e eras incontáveis, se você se curvar e me idolatrar!"[221] Em seguida, uma nuvem vermelha, da cor do sangue, pareceu se fechar sobre meus olhos, e sem que eu percebesse o que estava fazendo me vi abrindo a janela e dizendo: "Entre, meu Mestre e Senhor!" Os ratos haviam todos sumido, mas Ele deslizou para dentro do quarto por uma fresta da janela, uma fresta de uns dois ou três centímetros, como faz a Lua que se infiltra pela mais ínfima rachadura e me visita em todo o seu tamanho e esplendor.

Sua voz ficou mais fraca, então molhei seus lábios com conhaque de novo, e ele continuou, mas foi como se sua memória não tivesse parado de funcionar durante o intervalo, pois a história havia avançado quando ele a retomou. Eu estava prestes a pedir que voltasse ao ponto em que havia parado, mas Van Helsing sussurrou para mim:

– Deixe que ele continue. Não o interrompa. Ele não pode voltar atrás, e talvez não consiga se perder o fio da meada.

Renfield foi em frente:

– Fiquei o dia inteiro esperando notícias Dele, mas Ele não me mandou nada, nem uma mosca-varejeira, e quando a lua apareceu, eu estava muito irritado. Então Ele deslizou pela fresta da janela fechada sem sequer bater, me deixando furioso. Zombou de mim, e seu rosto branco me encarou através da neblina com os reluzentes olhos vermelhos, e foi em frente, como se fosse o dono do lugar, e eu não fosse ninguém. Nem o cheiro Dele era o mesmo quando passou por mim. Não consegui agarrá-lo. Achei que, de alguma forma, a sra. Harker devia ter entrado no quarto.

Os dois homens sentados na beirada da cama se levantaram e se aproximaram, ficando de pé atrás dele, de modo que não podiam vê-lo, mas conseguiam ouvi-lo melhor. Ficaram ambos calados, mas o professor se alterou e estremeceu. Sua expressão, no entanto, ficou ainda mais sombria e austera. Renfield prosseguiu, sem perceber:

– Quando a sra. Harker veio me ver esta tarde, já não era mais a mesma. Estava como o chá depois que enchem o bule de água.

Nesse ponto todos reagimos, mas ninguém disse nada. Ele continuou:

– Só notei que estava aqui quando falou, e ela não me pareceu a mesma pessoa. Não gosto de gente pálida. Gosto de gente cheia de sangue nas veias, e as dela pareciam secas. Na hora, não percebi, mas quando foi embora comecei a pensar e fiquei louco ao entender que Ele estava retirando a vida de dentro dela. – Senti que os outros também estremeceram como eu; mas, afora isso, continuamos impassíveis. – Então, quando Ele veio esta noite, eu estava pronto. Vi a neblina se infiltrando no quarto e agarrei bem apertado. Sempre ouvi dizer que os loucos possuem uma força sobrenatural. E como sabia que era louco, pelo menos às vezes, decidi usar essa força. Pois é, e Ele percebeu, pois teve que sair da neblina para lutar comigo. Segurei firme e achei que ia derrotá-lo, pois não queria que continuasse sugando a vida da sra. Harker, até que vi os olhos Dele. Eles me queimaram por dentro, e minha força virou água. Ele escapou, e quando tentei me agarrar a Ele, ergueu-me no ar e me atirou no chão. Uma nuvem vermelha se formou diante de meus olhos, e ouvi um som semelhante ao do trovão, e a neblina se esvaiu por debaixo da porta. – Sua voz foi se tornando cada vez mais fraca e os estertores mais frequentes.

Van Helsing se levantou instintivamente.

– Agora sabemos o pior – disse. – Ele está aqui, e sabemos o que pretende fazer. Talvez não seja tarde demais. Vamos pegar nossas armas, as mesmas da outra noite, mas sem demora, não temos um minuto a perder.

Não havia necessidade de expressar nosso medo, nem nossa convicção, em palavras, pois era algo de que todos partilhávamos. Saímos às pressas e buscamos em nossos quartos as mesmas coisas que havíamos levado quando invadimos a casa do conde. O professor já estava com as suas prontas e, quando nos encontramos no corredor, apontou para elas e disse:

– Trago sempre comigo e vou continuar a fazê-lo até esse assunto infeliz terminar. Sejam também prudentes, meus amigos. Nosso inimigo não é comum. Que tristeza! Que tristeza, que a nossa querida madame Mina tenha que sofrer! – Ele parou, com a voz embargada, e meu coração se encheu não sei se de fúria ou de terror.

Paramos diante da porta dos Harker. Art e Quincey recuaram, e este disse:

– Devemos incomodá-la?

– É preciso – respondeu Van Helsing, em tom soturno. – Se a porta estiver trancada, vou ter de arrombá-la.

– Mas isso não será um susto terrível para ela? Não se arromba o quarto

de uma dama!

Van Helsing disse, solenemente:

– Você sempre tem razão. Mas é um caso de vida ou morte. Todos os quartos são iguais para o médico. E mesmo que não sejam, para mim, esta noite, o são. Amigo John, quando eu girar a maçaneta, se esta porta não abrir, apoie seu ombro e empurre; e vocês também, meus amigos. Agora!

Ele girou a maçaneta ao falar, mas a porta não abriu. Nós nos atiramos contra ela, que acabou cedendo com um estrondo, e quase caímos de cara no chão, dentro do quarto. Na verdade, o professor chegou a cair, e, ao se colocar de quatro para se erguer, pude olhar por cima dele. O que vi me deixou pasmo. Meus pelos se eriçaram na nuca, e senti o coração parar.

O luar estava tão claro que, mesmo através da espessa persiana amarela, havia luz suficiente para enxergar. Deitado na cama, no lado mais próximo à janela, estava Jonathan Harker, com o rosto vermelho e a respiração ofegante, como em estado de estupor. Ajoelhada sobre o colchão do outro lado da cama, de costas para ele, estava sua esposa, toda de branco. Junto a ela, de pé, havia um homem alto, magro e vestido de preto. Estava de costas para nós, mas, no instante em que pusemos os olhos nele, identificamos o conde – por todos os indícios, até a cicatriz na testa. Com a mão esquerda, segurava as da sra. Harker, mantendo seus braços esticados. Com a direita, agarrava-a pela nuca, forçando seu rosto para baixo sobre o peito dele. A camisola branca estava suja de sangue, e um fio escorria pelo peito nu do conde, exposto por suas roupas abertas. A posição dos dois lembrava terrivelmente uma criança forçando um gatinho a enfiar o focinho no pires de leite, para obrigá-lo a beber.

Quando arrombamos a porta, o conde se virou para nós, e vi se formar em seu rosto a expressão infernal sobre a qual só havia lido a respeito. Seus olhos emitiam faíscas vermelhas de paixão diabólica. No nariz branco e aquilino, as grandes narinas se alargaram e estremeceram, e os dentes brancos e pontiagudos cerraram-se numa mordida de fera selvagem, atrás dos lábios carnudos gotejando sangue. Com um único movimento, atirou sua vítima de volta na cama – que caiu como se tivesse sido arremessada do alto – e veio em nossa direção. A essa altura, o professor já estava de pé e exibia o envelope que continha a hóstia sagrada. O conde parou de súbito, assim como a pobre Lucy fizera diante do mausoléu, e recuou acovardado. Erguemos os crucifixos e avançamos, e ele encolheu-se ainda mais. Uma grande nuvem negra singrou pelo céu, fazendo o luar desaparecer subitamente. E quando o

lampião se acendeu sob o fósforo riscado por Quincey, tudo o que vimos foi um vapor difuso a sumir, diante dos nossos olhos, pela fresta da porta, que, com o impacto da nossa entrada, havia retornado à posição original. Van Helsing, Art e eu fomos até a sra. Harker, que a essa altura recuperara o fôlego e, com isso, soltara um grito tão selvagem, tão ensurdecedor e desesperador que me pareceu que ecoaria em meus ouvidos até o dia da minha morte. Por alguns segundos, ficou deitada em postura de impotência e desalinho. O rosto estava lívido, a palidez acentuada pela perda do sangue que lhe manchava os lábios, as faces e o queixo. De seu pescoço, escorria um fio de sangue. Os olhos estavam enlouquecidos de terror. Então ela cobriu o rosto com as pobres mãos machucadas, que, mesmo em sua brancura, exibiam as marcas vermelhas do terrível aperto do conde, e, por trás das palmas, veio um gemido baixo e desolado que fez o grito pavoroso parecer apenas uma breve expressão de uma tristeza infinita. Van Helsing deu um passo adiante e cobriu-a delicadamente com a manta, enquanto Art, depois de fitar seu rosto por um momento com desespero, saiu correndo do quarto. Van Helsing sussurrou para mim:

– Jonathan está com aquele estupor que sabemos que o vampiro é capaz de causar. Não vamos poder fazer nada pela pobre madame Mina até que ela se recupere. Preciso acordá-lo!

O professor molhou a ponta de uma toalha em água fria e começou a esfregar as faces dele, enquanto a esposa continuava segurando o rosto com as mãos e soluçando de uma maneira que era de cortar o coração. Abri as cortinas e olhei pela janela. O luar ainda estava claro, e pude ver Quincey Morris correndo pelo gramado e se escondendo na sombra de um grande teixo. Fiquei intrigado com aquilo, mas, naquele exato momento, ouvi Harker soltar uma breve exclamação ao acordar parcialmente e se virar na cama. Em seu rosto, como era de se esperar, havia uma expressão de louca perplexidade. Pareceu zonzo por alguns segundos, então retomou plena consciência de súbito e se levantou sobressaltado. A esposa reagiu ao movimento brusco e virou-se para ele com os braços estendidos, como se fosse abraçá-lo. No mesmo instante, contudo, recolheu os braços e, unindo os cotovelos, manteve as mãos diante do rosto e estremeceu até a própria cama ranger.

– Em nome de Deus, o que está acontecendo? – exclamou Harker. – Dr. Seward, dr. Van Helsing, o que foi isso? O que houve? O que há de errado? Mina, querida, o que foi? Por que todo esse sangue? Meu Deus, meu Deus! A que ponto chegamos! – e, ficando de joelhos, juntou as mãos com força. – Bom

Deus, nos ajude! Ajude minha esposa! Por favor, ajude minha esposa!

Com um rápido movimento, pulou da cama e começou a se recompor, toda a sua virilidade despertando diante da necessidade de um esforço imediato.

– O que foi que aconteceu? Digam-me tudo! – gritou sem pausas. – Dr. Van Helsing, o senhor adora Mina, sei disso. Faça alguma coisa para salvá-la. Ele não pode ter ido muito longe. Fique com ela enquanto procuro por *ele*!

A esposa, em meio ao terror, o horror e a aflição, percebeu o perigo que o marido correria. Esquecendo na mesma hora a própria tristeza, agarrou-o e implorou:

– Não! Não! Jonathan, você não pode me abandonar. Já sofri o bastante esta noite, Deus sabe o quanto, sem precisar temer que ele lhe faça mal. Você precisa ficar aqui comigo. Fique com seus amigos que vão cuidar de você!

Ao falar, sua expressão se tornou frenética. E quando ele cedeu ela o puxou para a beirada da cama e se agarrou ferozmente ao esposo.

Van Helsing e eu tentamos acalmá-los. O professor ergueu seu crucifixo dourado e assegurou-lhe com maravilhosa serenidade:

– Não tenha medo, minha cara. Estamos aqui, e enquanto isto estiver perto de você nada de impuro poderá se aproximar. Você está segura agora, e vamos precisar de calma e fazer outra reunião.

Ela estremeceu e se calou, deitando a cabeça no colo do marido. Quando se levantou, o pijama dele estava manchado de sangue nos pontos em que os lábios e as minúsculas feridas no pescoço dela o tocaram. No instante em que percebeu o sangue, Mina recuou com um gemido baixo e sussurrou entre soluços sufocantes.

– Impura, impura![222] Não posso mais tocá-lo nem beijá-lo. Oh, logo eu ser agora sua pior inimiga e a pessoa que mais deve temer!

Ao ouvir isso, Jonathan reagiu em tom resoluto:

– Que absurdo, Mina! Que vergonha você dizer isso. Não quero nem vou ouvir isso de você. Que Deus me julgue por meu merecimento e me castigue com sofrimentos ainda mais amargos do que os deste momento se por alguma atitude ou vontade minha algo se interpuser entre nós!

Ele estendeu os braços e a abraçou contra o peito, onde ela permaneceu soluçando por um tempo. Jonathan olhou para nós por sobre a cabeça inclinada da esposa, e seus olhos brilharam marejados acima das narinas dilatadas. A boca estava tensa e fixa feito aço. Depois de um tempo, os soluços ficaram mais espaçados e suaves, e ele me perguntou, falando com

estudada calma, o que deve ter exigido o máximo de seus nervos:

– E agora, dr. Seward, conte-me o que aconteceu. Já entendi o fato fundamental. Quero todos os detalhes.

Ele escutou impassível, enquanto eu explicava exatamente o que havia acontecido, mas suas narinas se dilataram e seus olhos faiscaram quando lhe descrevi como as mãos impiedosas do conde haviam segurado sua esposa naquela posição horrorosa, com a boca sobre a ferida aberta no peito dele. O que chamou minha atenção, mesmo naquele momento, foi o fato de que, embora o rosto pálido de paixão se contorcesse convulsivamente sobre a cabeça baixa da esposa, as mãos dele acariciavam terna e amorosamente os cabelos revoltos dela. Assim que terminei meu relato, Quincey e Godalming bateram à porta. Eles entraram após ouvirem nosso chamado. Van Helsing me fitou inquisitivamente. Entendi que queria que tirássemos vantagem da chegada dos dois para distrair, se possível, os pensamentos do casal infeliz um do outro e de si próprios. Então assenti para ele e perguntei o que os dois haviam visto ou feito. Ao que lorde Godalming respondeu:

– Nem sinal dele no corredor ou em qualquer dos quartos. Procurei no escritório mas, embora tenha passado por lá, já havia ido embora. No entanto…

Ele parou de súbito, ao ver a pobre figura na cama. Van Helsing insistiu gravemente:

– Vamos, amigo Arthur. Não tem cabimento continuar ocultando as coisas. Nossa única esperança agora é saber tudo. Pode falar!

E assim, Art prosseguiu:

– Ele esteve no escritório e, embora não possa ter sido por mais que uns poucos segundos, transformou o lugar em um verdadeiro caos. Todo o material datilografado foi queimado, e as chamas azuis ainda bruxuleavam entre as cinzas brancas. Os cilindros do seu fonógrafo também foram atirados ao fogo, e a cera alimentou ainda mais as labaredas.

Nesse ponto, o interrompi.

– Graças a Deus, a outra cópia está no cofre!

Seu rosto se iluminou por um momento, mas voltou a se desanimar quando continuou.

– Desci correndo, mas não vi nenhum sinal dele. Procurei no quarto de Renfield, mas não encontrei nada além do… – Ele fez outra pausa.

– Continue – exigiu Harker abruptamente.

Então Arthur baixou a cabeça e, umedecendo os lábios com a língua, prosseguiu:

– Além do cadáver do pobre coitado.

A sra. Harker levantou o rosto e, olhando para cada um de nós alternadamente, anunciou, num tom solene:

– Seja o que Deus quiser!

Não pude evitar a sensação de que Art estava escondendo alguma coisa. Mas, pressupondo que o fazia com um propósito, não disse nada.

Van Helsing se virou para Morris e perguntou:

– E você, amigo Quincey, alguma novidade para nos contar?

– Talvez – respondeu ele. – Pode vir a ter alguma relevância mais tarde, mas por ora não sei dizer. Achei que seria bom saber para onde o conde iria quando saiu da casa. Não o vi sair, mas vi um morcego passar pela janela de Renfield e voar para o oeste. Achei que iria voltar para Carfax sob alguma forma, mas deve ter se escondido em outro antro. Não vai mais aparecer por aqui esta noite, pois o céu já vermelhou no leste, e vem chegando a alvorada. Só vamos poder trabalhar amanhã!

As últimas palavras foram ditas entredentes. Ficamos calados por uns dois minutos talvez, e pensei ter ouvido até nossos corações batendo. Por fim, pousando a mão carinhosamente sobre a cabeça da sra. Harker, Van Helsing disse:

– E agora, madame Mina… minha pobre e querida madame Mina… conte-nos exatamente o que aconteceu. Deus sabe que não quero que a senhora sofra, mas é importante que saibamos de tudo. Pois agora, mais do que nunca, todo o trabalho deve ser feito depressa, com precisão e com uma seriedade mortal. O dia em que tudo isso terá fim está próximo, se isso for possível, e agora temos a oportunidade de viver e aprender.

A pobre dama tremia, e, pelo modo como apertava o marido contra o corpo e baixava a cabeça cada vez mais fundo em seu colo, eu podia ver a tensão de seus nervos. Então ergueu o rosto decidida e estendeu a mão a Van Helsing, que a tomou na sua e, depois de se abaixar e beijá-la com reverência, apertou-a. A outra mão estava presa à do marido, que a abraçava, protetor, com o outro braço. Após uma breve pausa, em que evidentemente ordenava seus pensamentos, começou:

– Tomei o sonífero que o senhor teve a gentileza de me dar, mas demorou muito a fazer efeito. Era como se eu estivesse ficando mais desperta, e

milhares de fantasias horríveis começaram a se acumular em minha cabeça. Todas associadas à morte, a vampiros, sangue, dor e aflição. – O marido gemeu involuntariamente, e ela se virou para ele e disse com carinho: – Não tenha medo, querido. Você precisa ser corajoso e forte, e me ajudar nessa tarefa horrível. Se soubesse o esforço que é para mim falar dessa coisa pavorosa, entenderia o quanto preciso de sua ajuda. Bem, percebi que, para o remédio funcionar, eu deveria tentar ajudá-lo com minha força de vontade, e assim decidi resolutamente que iria dormir. O sono não deve ter demorado, pois não me lembro de mais nada. Não acordei quando Jonathan chegou, e a próxima coisa que me vem à memória é que ele estava deitado ao meu lado. Havia, dentro do quarto, a mesma neblina que eu já notara antes. Mas agora não me recordo se vocês já sabem disso. Depois vão ver no meu diário. Senti o mesmo terror vago que havia sentido da outra vez e tive a mesma sensação de uma presença. Virei-me para chamar Jonathan, mas percebi que dormia profundamente, como se tivesse sido ele a tomar o sonífero, e não eu. Tentei acordá-lo, mas não consegui. Isso me deu muito medo, e olhei para os lados aterrorizada. Nesse momento, senti de fato o coração se apertar dentro de mim. Ao lado da cama, como que saído de dentro da neblina, ou melhor, como se a neblina tivesse se condensado em sua figura, pois sumira inteiramente, havia um homem alto, magro e todo de preto. Reconheci-o imediatamente pelas descrições. O rosto muito pálido, o nariz alto, aquilino e no qual a luz caía formando uma linha fina, os lábios vermelhos entreabertos, com longos dentes brancos pontiagudos, e os olhos vermelhos que já havia visto no pôr do sol nas janelas da igreja de St. Mary, em Whitby. Reconheci também a cicatriz vermelha na testa no ponto em que Jonathan o atingira. Por um momento, meu coração parou de bater, e eu teria gritado se não estivesse paralisada. Nesse meio-tempo, ele falou, num sussurro agudo e cortante, apontando para Jonathan:

"'Silêncio! Se der um pio, esmago os miolos dele na sua frente.' Fiquei apavorada e perplexa demais para fazer ou dizer qualquer coisa. Com um sorriso de escárnio, ele me segurou firme pelo ombro com uma das mãos e despiu meu pescoço com a outra, dizendo: 'Primeiro, um pouco de refresco em recompensa por meu esforço. Melhor ficar quieta. Não é a primeira nem a segunda vez que suas veias aplacam minha sede!' Eu estava aturdida e, estranhamente, não quis impedi-lo. Suponho que seja parte da maldição horrível que recai sobre a vítima quando ele a toca. E, oh, meu Deus, meu Deus, tenha piedade de mim! Ele pôs os lábios fétidos em meu pescoço!"

O marido tornou a gemer. Ela apertou ainda mais sua mão, olhou para ele com pena, como se estivesse ferido, e continuou:

– Senti minha força se esvaindo, como se fosse desmaiar. Não sei dizer por quanto tempo essa coisa horrível durou, mas me pareceu uma eternidade até que ele retirasse a boca asquerosa, impura e insolente de meu pescoço. Vi que estava pingando de sangue fresco!

A lembrança pareceu sobrepujá-la, e Mina esmoreceu e teria caído não fosse o braço do marido a sustentá-la. Com grande esforço, recuperou-se e retomou a história:

– Em seguida, ele me perguntou em tom de troça: "Quer dizer que você, como os outros, também quis usar seu cérebro contra mim? Quis ajudar esses homens a me caçar e a frustrar meus desígnios?! Agora você sabe, e eles também, em parte, e logo entenderão por completo, o que significa cruzar o meu caminho. Deveriam ter poupado suas energias para usar perto de casa. Enquanto tentavam tramar contra mim... eu, que comando nações inteiras e que criei intrigas por elas, que lutei por elas, centenas de anos antes que eles tivessem nascido... enquanto tentavam tramar contra mim, eu os minava em seus intentos. E você, a mais amada por eles, agora é minha, carne da minha carne, sangue do meu sangue, membro da minha família, minha dadivosa prensa de vinho[223] provisória, e que mais tarde será minha companheira e minha auxiliar. Você vai ser vingada a seu tempo, pois nenhum deles vai deixar de lhe prover do que necessita. Mas agora vai ser punida pelo que fez. Você os ajudou a me prejudicar. E, portanto, vai obedecer aos meus chamados. Quando meu pensamento disser 'Venha!', você vai atravessar terras e mares ao meu comando. E, para que isso aconteça, tome!" Em seguida, desabotoou a camisa e, com as longas unhas pontiagudas, abriu uma veia do peito. Quando o sangue começou a sair, pegou meus pulsos com uma das mãos, segurou-os firmemente e, com a outra, agarrou meu pescoço e apertou minha boca contra a ferida, de modo que ou eu sufocaria ou engoliria seu... Oh, meu Deus! Meu Deus! O que foi que eu fiz? O que fiz para merecer esse destino, eu, que sempre tentei andar no caminho da mansidão e da virtude a vida toda. Deus, tenha piedade de mim! Olhe por uma pobre alma em perigo pior do que a morte. E, em sua misericórdia, tenha pena daqueles que lhe querem bem! – Então ela começou a esfregar os lábios como que para limpá-los da impureza.

Enquanto Mina contava sua história terrível, o céu começou a clarear no leste, e a cena foi ganhando nitidez. Harker estava imóvel e calado, mas, conforme a narrativa pavorosa prosseguia, uma expressão sombria foi

cobrindo seu rosto, acentuando-se à medida que a luz da manhã se instaurava, até que, quando o primeiro facho avermelhado da aurora se projetou, sua carne pareceu mais escura em contraste com os cabelos embranquecidos.[224]

Combinamos que um de nós ficaria à disposição do par infeliz até nos reunirmos para decidir a atitude a ser tomada.

De uma coisa tenho certeza: não havia casa mais desgraçada sob o sol, em todo o arco de seu percurso diário.

---

218. Técnica cirúrgica que consiste em perfurar um orifício em um osso, especialmente do crânio. Usava-se a trefina, uma espécie de broca, ou lâmina redonda, semelhante a um saca-rolhas, para cortar pedaços cilíndricos do osso do crânio. A trepanação é mais um procedimento médico-científico do romance, além da transfusão de sangue e da hipnose.

219. No original, *death-watch*, provável referência à *Xestobium rufovillosum*, praga da madeira cujo som lembra o tiquetaquear de um relógio e que acreditava-se ser um presságio da morte. Aparece no conto *The Tell-Tale Heart* (1843), de Edgar Allan Poe.

220. Cuja coloração do tórax lembra uma caveira; aparece em *O silêncio dos inocentes* (1988), livro de Thomas Harris adaptado para o cinema em 1991.

221. Mateus 4:9.

222. "Todo homem atingido pela lepra terá suas vestes rasgadas e a cabeça descoberta. Cobrirá a barba e clamará: Impuro! Impuro!" (Levítico 13:45).

223. O conde compara Mina a uma máquina de produzir vinho (aqui o sangue, claro), utilizada até hoje em vinícolas: espécie de tina de madeira com uma prensa interna que esmaga as uvas.

224. Jonathan, além de impotente, ficou grisalho. O fenômeno pelo qual os cabelos embranqueceriam em função de um grande estresse é descrito como fato científico no livro de Thomas Pettigrew *On Superstitions Connected with the History and Practice of Medicine and Surgery* (1844), que consta das anotações de Stoker para o livro, embora seja um resultado da perda gradativa de melanina.

CAPÍTULO 22

DIÁRIO DE JONATHAN HARKER

3 de outubro – Como preciso fazer alguma coisa ou vou acabar enlouquecendo, escrevo neste diário. Agora são seis da manhã, e dentro de meia hora vamos nos reunir no escritório e comer alguma coisa, pois o dr. Van Helsing e o dr. Seward concordaram que sem nos alimentar não vamos conseguir dar o melhor de nós. E Deus sabe que hoje o melhor de nós será exigido. Continuarei escrevendo a cada oportunidade, pois não ouso parar para pensar. Todas as ocorrências, grandes e pequenas, deverão constar deste registro. Talvez, no final, sejam as pequenas coisas a nos ensinar mais do que tudo. Este aprendizado, grande ou pequeno, não poderia ter sido passado a Mina ou a mim em situação pior do que esta em que nos encontramos hoje. Seja como for, só nos cabe confiar e esperar pelo melhor. Pobre Mina, acaba de me dizer, com lágrimas escorrendo em seu rosto adorado, que é na atribulação e na provação que nossa fé é testada, que devemos continuar confiando, e que Deus vai nos ajudar até o fim. O fim! Oh, meu Deus! Mas que fim?… Ao trabalho! Ao trabalho!

Quando o dr. Van Helsing e o dr. Seward voltaram da visita ao pobre Renfield, passamos solenemente ao que deveria ser feito. Primeiro, o dr. Seward nos contou que, quando ele e o dr. Van Helsing entraram no quarto do paciente, encontraram-no deitado no chão, prostrado. O rosto estava todo machucado, a cabeça, rachada, e os ossos do pescoço, quebrados.

O dr. Seward perguntou ao enfermeiro de plantão no corredor se escutara alguma coisa. Ele disse que estava sentado – confessou ter cochilado um pouco –, quando ouviu vozes no quarto, e então Renfield exclamou bem alto, diversas vezes:

– Deus! Deus! Deus!

Em seguida, o enfermeiro ouviu o baque de um corpo caindo e, quando

entrou no quarto, viu-o no chão, de bruços, como os médicos o haviam encontrado. Van Helsing perguntou se ele havia ouvido "vozes" ou "uma voz", e ele respondeu que não saberia dizer. Que a princípio lhe pareceram duas vozes, mas como não havia mais ninguém no quarto, só poderia ter sido uma mesmo. Ele poderia jurar, se preciso fosse, que a palavra "Deus" havia sido proferida pelo paciente. O dr. Seward nos disse, quando estávamos sozinhos, que não quis prolongar o assunto. A possibilidade de um inquérito deveria ser considerada, e de nada adiantaria revelar a verdade, pois ninguém iria acreditar. A bem dizer, achava que, baseando-se no testemunho do enfermeiro, poderia fornecer um atestado de óbito por contusão decorrente de uma queda da cama. Caso o legista exigisse, haveria um inquérito formal, que necessariamente chegaria ao mesmo resultado.

Quando começamos a discutir a questão de qual seria o nosso próximo passo, a primeira decisão foi que Mina deveria partilhar de nossa plena confiança. Nenhuma informação, por mais dolorosa que fosse, poderia ser ocultada. Ela mesma concordou que isso seria o mais prudente, e foi penoso vê-la tão corajosa, porém tão triste e em desespero tão profundo.

– Não devemos esconder nada uns dos outros – reforçou ela. – Infelizmente, já guardamos segredos demais! Além disso, não há nada no mundo que possa me causar mais dor do que já sofri… ou do que estou sofrendo agora! Aconteça o que acontecer, para mim, será uma nova esperança e uma nova coragem!

Van Helsing, que a fitava fixamente enquanto ela falava, argumentou de forma súbita, porém com gentileza:

– Mas, querida madame Mina, a senhora não está com medo; não pela senhora, mas pelos outros, depois do que aconteceu?

O semblante dela se enrijeceu, seus olhos, no entanto, cintilaram com a devoção de uma mártir ao responder:

– Ah, não! Pois já tomei minha decisão!

– A respeito do quê? – perguntou ele, delicadamente, enquanto todos nós permanecemos imóveis, pois, cada um à sua maneira, todos tínhamos uma vaga ideia do que Mina queria dizer. A resposta veio com uma simplicidade direta, como se ela estivesse apenas constatando um fato:

– Porque se descobrir em mim mesma, e vou ficar muito atenta, algum sinal de perigo a qualquer ente querido, morrerei!

– A senhora não está pensando em se matar, está? – perguntou ele,

abruptamente.

– Estou. Se não houver ninguém entre os que me amam que possa me poupar desse incômodo, desse esforço tão desesperado! – Ela fitou o professor sugestivamente enquanto falava. Ele estava sentado, mas se levantou e se aproximou dela, pousando a mão em sua cabeça, ao declarar solenemente:

– Minha filha, haverá alguém, se for para o seu bem. Eu mesmo poderia dar minha palavra a Deus de que encontraria essa eutanásia[225] para a senhora, mesmo agora, se isso fosse o melhor a fazer. Não, se fosse o mais seguro a fazer! Mas, minha filha… – Por um momento, o professor pareceu engasgar, e um grande nó se formou em sua garganta. Ele engoliu em seco e prosseguiu: – Temos aqui homens que ficariam entre a senhora e a morte. A senhora não pode morrer. Pela mão de ninguém, muito menos pela sua própria. Enquanto aquele que conspurcou sua doce existência não tiver a morte definitiva, a senhora não pode morrer. Pois enquanto ele estiver entre os céleres mortos-vivos, a sua morte a tornará igual a ele. Não, a senhora precisa viver! Precisa lutar e se empenhar para viver, mesmo que a morte lhe pareça um consolo indizível. A senhora tem que enfrentar a Morte em pessoa, seja ela uma dor ou uma alegria, durante o dia ou durante a noite, na segurança ou no perigo! Pela sua alma, exijo que não morra. Não, que sequer pense na morte, até este grande mal passar.

A pobrezinha adquiriu uma palidez mortal, e se remexeu e estremeceu como areia movediça na subida da maré. Ficamos todos calados. Não havia o que pudéssemos fazer. Aos poucos, ela foi se acalmando e, virando-se para ele, disse suavemente, mas muito tristonha, ao estender a mão:

– Prometo, meu caro amigo, que se Deus me deixar viver, vou batalhar por isso. Até que, se Ele decidir que é chegada a hora, este horror tenha se afastado de mim.

Era tão bondosa e corajosa que todos sentimos o coração fortalecer para o trabalho e para lutar por ela, e começamos a discutir o que faríamos a seguir. Disse-lhe que deveria guardar todos os documentos no cofre, além dos papéis, diários e registros de fonógrafo que pudéssemos usar doravante, e que continuasse escrevendo em seu diário, como vinha fazendo até ali. Ela ficou contente com a perspectiva de uma atividade, se é que "contente" poderia ser usado em relação a um interesse tão sombrio.

Como sempre, Van Helsing havia pensado em tudo antes de nós e já tinha preparada a ordem exata de nosso serviço.

– Talvez tenha sido bom que, em nossa reunião depois da visita a Carfax, tenhamos decidido não fazer nada com as caixas de terra que estavam lá – começou ele. – Se tivéssemos feito alguma coisa, o conde poderia ter adivinhado nosso propósito e, sem dúvida, teria tomado medidas antecipadas para frustrar o mesmo esforço com relação às outras caixas. Neste momento, ele não conhece nossas intenções. Mais do que isso, muito provavelmente, não sabe que temos o poder de esterilizar seus antros de modo que não possa mais utilizá-los. Nosso conhecimento atual sobre a localização das caixas é tal que, após examinarmos a casa de Piccadilly, talvez identifiquemos todas elas. Hoje, portanto, é a nossa vez, e nisso reside nossa esperança. O sol que se ergueu sobre nossa tristeza hoje cedo nos protegerá em seu percurso. Até que se ponha hoje à noite, o monstro vai permanecer na forma que assumiu agora. Ele está confinado dentro dos limites de seu invólucro terreno. Não pode se desfazer no ar rarefeito nem desaparecer através de frestas, frinchas e gretas. Se quiser passar por uma porta, vai ter de abri-la como qualquer mortal. Portanto, temos o dia de hoje para encontrar todos os antros e esterilizá-los. Assim, se não o tivermos capturado e destruído no processo, o teremos encurralado num canto em que a captura e a destruição sem dúvida hão de ocorrer, mais cedo ou mais tarde.

Nesse momento, me levantei num salto, pois não podia me conter ao pensar que estávamos desperdiçando minutos e segundos preciosos para a vida e a felicidade de Mina, afinal, enquanto conversássemos, era impossível agir. Mas Van Helsing ergueu a mão em alerta.

– Não, amigo Jonathan – disse ele –, neste caso, como diz o seu provérbio, o caminho mais rápido é o mais longo. Quando chegar a hora, teremos de agir, e agir depressa. Mas pense, o mais provável é que a solução do problema esteja naquela casa em Piccadilly. O conde pode ter comprado muitas propriedades. E deve ter documentos, chaves e outras coisas dessas propriedades. Há de ter papéis para escrever, um talão de cheques. Em algum lugar, deve haver muitos pertences. Por que não nesse endereço tão central, tão tranquilo, no qual pode entrar e sair pela porta da frente ou dos fundos a qualquer hora, onde, em meio ao trânsito intenso, não há ninguém que repare nele? Vamos fazer uma busca naquela casa. E quando soubermos o que ela esconde, vamos fazer o que nosso amigo Arthur, em seu jargão de caça, chama de "acossar na própria toca" e capturar nossa velha raposa, certo? Não é mesmo?

– Então vamos de uma vez – exclamei. – Estamos desperdiçando um tempo

precioso, muito precioso!

Sem se mexer, o professor rebateu simplesmente:

– E como vamos entrar na casa de Piccadilly?

– De algum jeito! – exclamei. – Nem que seja preciso arrombar.

– E a polícia? Onde ela vai estar e o que vai dizer sobre isso?

Fiquei mudo. Sabia que se ele desejava postergar a ação era porque tinha um bom motivo. Então pedi, com o máximo de delicadeza que consegui:

– Não espere mais do que o necessário. Tenho certeza de que o senhor entende a tortura que estou sofrendo.

– Ah, meu filho, claro que entendo! E não desejo aumentar sua angústia. Mas pense bem no que podemos fazer antes de o mundo começar a se mover. Então será a nossa vez. Eu refleti muito, e me parece que o modo mais simples é o melhor. Nós queremos entrar na casa, mas não temos a chave. Não é isso?

Assenti.

– Agora suponha que você fosse, na verdade, o dono daquela casa e, ainda assim, não conseguisse entrar nela. E imagine que não soubesse do invasor, o que faria?

– Chamaria um bom chaveiro e pediria que abrisse para mim.

– E a polícia interferiria, não é mesmo?

– Oh, não! Não se soubesse que o sujeito havia sido contratado para isso.

– Pois então – ele me encarou atentamente ao falar –, o que está em questão é a consciência de quem contratou e a crença do policial de que o contratante agiu ou não de boa-fé. A polícia deve ser composta por homens atenciosos e habilidosos, muito habilidosos, em interpretação de intenções para se darem ao trabalho de investigar um caso como esse. Não, não, meu amigo Jonathan, você pode abrir a fechadura de uma centena de casas vazias em Londres, ou de qualquer cidade no mundo, e se agir como se deve agir e na hora em que se deve agir, ninguém há de interferir. Li sobre um cavalheiro que tinha uma bela casa em Londres; quando foi passar o verão na Suíça e trancou a casa, um ladrão arrombou uma janela dos fundos e conseguiu entrar. Ele então caminhou pela casa, abrindo as janelas que davam para a rua, e entrou e saiu pela porta da frente, diante dos olhos da polícia. Em seguida, organizou um leilão na propriedade, com anúncio e placa no portão. E quando chegou o dia, vendeu, com um famoso leiloeiro, todos os bens que aquele outro homem possuía. Depois foi até um empreiteiro e vendeu a casa, combinando que o empreiteiro a demoliria e retiraria o entulho dentro de determinado prazo. E a

polícia e outras autoridades o ajudaram em tudo o que foi preciso. Quando o dono voltou das férias na Suíça, encontrou apenas um buraco onde antes ficava sua casa. Tudo isso foi feito *en règle*, e o nosso trabalho também deverá ser feito *en règle*.[226] Se formos cedo demais, o policial, que nessa hora não tem muito o que pensar, pode desconfiar. Vamos depois das dez, quando há muita gente por ali, e numa hora em que essas coisas seriam feitas se fôssemos de fato os donos da casa.

Não pude deixar de notar que ele tinha razão e que o terrível desespero no rosto de Mina se relaxou só de pensar. Havia esperança naquele bom conselho. Van Helsing continuou:

– Talvez encontremos mais pistas dentro da casa. De todo modo, enquanto alguns de nós estivermos fazendo essa busca, o restante pode procurar os outros lugares em que ele talvez tenha mais caixas de terra: em Bermondsey e em Mile End.

Lorde Godalming se levantou.

– Posso ser útil aqui – disse. – Enviarei um telegrama pedindo para o meu pessoal mandar cavalos e carruagens aonde for mais conveniente.

– Veja bem, velho camarada – interveio Morris –, é uma ideia sensacional deixar tudo pronto caso precisemos de cavalos, mas você não acha que suas carruagens com o brasão da família em uma viela de Walworth ou de Mile End chamariam atenção demais para o nosso propósito? Acho melhor usarmos fiacres quando formos para o sul ou para o leste. E até mesmo deixá-los a uma certa distância da vizinhança aonde formos.

– O amigo Quincey tem toda razão! – concordou o professor. – Pode-se dizer que ele tem a cabeça no lugar, como vocês falam. Seus olhos estão voltados para o horizonte.[227] Temos uma coisa difícil para fazer, e não queremos ninguém nos observando, se possível.

Mina demonstrou grande interesse em tudo, e fiquei feliz ao ver que a exigência das tarefas a ajudava a esquecer por algum tempo a terrível experiência da noite. Estava muito branca, de uma palidez quase macabra, e tão magra que seus lábios mal se fechavam, exibindo os dentes com certo destaque. Não comentei isso com ela, para não lhe causar uma mágoa desnecessária, mas meu sangue esfriou nas veias ao pensar no que havia ocorrido à pobre Lucy depois que o conde sugou seu sangue. Ainda não havia sinal de que os dentes estivessem ficando pontiagudos, mas era tudo muito recente, e temi pelo que viria com o tempo.

Ao discutirmos a sequência de nossos atos e a distribuição de nossas forças, surgiram novos motivos para dúvidas. Por fim, concordamos que, antes de irmos a Piccadilly, primeiro deveríamos destruir o antro do conde mais próximo de nós. Caso ele descobrisse logo, ainda estaríamos à sua frente em nosso trabalho. E sua presença em forma puramente material, em seu momento mais vulnerável, poderia ser uma nova vantagem.

Quanto à distribuição de nossas forças, o professor sugeriu que, depois da visita a Carfax, deveríamos ir todos juntos a Piccadilly. Eu e os dois médicos ficaríamos por lá, enquanto lorde Godalming e Quincey encontrariam os antros de Walworth e Mile End e os destruiriam. Era possível, quiçá provável, disse o professor, que o conde aparecesse em Piccadilly durante o dia, e que se isso acontecesse teríamos de lidar com ele ali mesmo, naquele exato momento. De todo modo, talvez conseguíssemos enfrentá-lo somando nossas forças. Eu me opus ferrenhamente ao plano, pelo menos quanto à minha participação nele, pois disse que pretendia ficar e proteger Mina. Já havia tomado essa decisão, mas Mina não quis nem me ouvir. Argumentou que poderia haver algum empecilho legal em que eu fosse útil. Que entre os papéis do conde talvez houvesse alguma pista que eu compreendesse por conta de minha experiência na Transilvânia. E que, na verdade, toda a força que pudéssemos amealhar seria necessária para lidar com o poder extraordinário do conde. Precisei ceder, pois a determinação de Mina foi inabalável. Ela disse que todos teríamos de trabalhar juntos e que essa era sua última esperança.

– Quanto a mim – concluiu ela –, não tenho medo. A situação já está ruim o bastante. E qualquer coisa que aconteça será uma espécie de esperança ou consolo. Vá, marido! Deus há de me proteger, se Ele quiser, aqui sozinha, tanto quanto se houvesse mais alguém presente.

Então me exaltei e exclamei:

– Então, em nome de Deus, vamos logo, estamos perdendo tempo. O conde pode chegar a Piccadilly antes do que imaginamos.

– Não mesmo! – disse Van Helsing, erguendo a mão.

– Mas por quê? – perguntei.

– Você se esquece – rebateu ele, com um genuíno sorriso – de que na noite passada ele teve um farto banquete e vai dormir até tarde?

Se eu me esqueci! Como poderia... nunca vou esquecer! Como qualquer um de nós poderia esquecer aquela cena terrível! Mina se esforçou muito para manter a expressão corajosa, mas a dor a sobrepujou, e ela cobriu o rosto com

as mãos, estremeceu e gemeu. Van Helsing não pretendia relembrar a experiência apavorante. Em seu esforço intelectual, simplesmente se esquecera dela e de sua participação. Quando se deu conta do que tinha dito, ficou horrorizado com a insensatez e tentou consolá-la.

– Oh, madame Mina – desculpou-se –, minha querida madame Mina, ai de mim! Ter sido eu entre todos que tanto a reverenciam a dizer algo tão desatencioso. Estes meus velhos lábios idiotas e esta minha estúpida cabeça de ancião não merecem, mas a senhora vai esquecer esse deslize, não vai? – Ao falar, curvou-se ao lado dela, numa reverência.

Mina pegou a mão dele e, fitando-o aos prantos, disse, numa voz rouca:

– Não, não vou esquecer, pois é melhor que me lembre. E com isso vou ter tantas lembranças doces do senhor, que vou guardar junto a essa amarga. Agora, vocês precisam ir logo. O desjejum está servido, e temos que comer para ficar fortes.

Foi uma refeição estranha. Tentamos parecer entusiasmados e encorajar uns aos outros, e Mina foi a mais animada e vibrante. Quando terminamos, Van Helsing se levantou e disse:

– Certo, meus caros amigos, vamos avançar em nossa terrível empreitada. Estamos todos armados contra ataques fantasmagóricos e carnais, como na noite em que visitamos pela primeira vez o antro de nosso inimigo? – Todos confirmamos. – Pois bem então. Agora, madame Mina, a senhora está, de qualquer forma, *bem* segura aqui até o sol se pôr. E vamos estar de volta antes disso… se… Vamos estar de volta! Mas antes de irmos embora, deixe-me vê-los armados contra ataques pessoais. Eu mesmo, desde que vocês desceram, preparei seus quartos daquela forma que conhecemos de modo que Ele não possa entrar. Agora deixem-me protegê-los. Tocarei suas testas com esta hóstia sagrada em nome do Pai, do Filho e…

Ouvimos um grito apavorante que quase congelou nossos corações. Ao tocar a testa de Mina, a hóstia derreteu sua pele… queimando fundo a carne como se fosse um pedaço de metal fundido. O cérebro de minha pobre amada entendeu o significado daquele fato com a mesma velocidade com que seus nervos perceberam a dor, e, juntos, os dois a dominaram de tal maneira que sua natureza extenuada se fez ouvir naquele grito apavorante. Mas as palavras vieram rapidamente ao pensamento dela. O eco do grito ainda não havia cessado de soar no ar quando veio a reação, e Mina caiu de joelhos no chão, numa prostração agonizante. Cobrindo o rosto com seus belos cabelos, como o leproso antigo com seu manto, ela clamou:

– Impura! Impura! Até o Todo-Poderoso evita minha carne poluída! Levarei esta marca da vergonha em minha testa até o Dia do Juízo.

Todos pararam. Atirei-me ao lado dela, na agonia de uma tristeza desamparada, e abracei-a com força. Por alguns minutos nossos corações tristes bateram juntos, enquanto os amigos à nossa volta esconderam os olhos com lágrimas que escorriam em silêncio. Por fim, Van Helsing virou-se e, com tanta solenidade que não pude deixar de sentir que estava de alguma forma inspirado e transmitindo coisas que lhe eram extemporâneas, declarou:

– É possível que você leve esta marca até que Deus em pessoa considere adequado, como certamente Ele há de considerar, no Dia do Juízo, para redimir todos os males da Terra e de Seus filhos que aqui Ele colocou. E, oh, madame Mina, minha querida, minha querida, rezo para que nós que a amamos possamos estar lá para ver quando essa cicatriz vermelha, sinal do conhecimento de Deus sobre o que se passou, seja apagada e deixe sua testa pura como sabemos ser seu coração. Pois tão certo como estamos vivos, essa cicatriz vai sumir quando Deus achar por bem tirar esse fardo pesado de cima de nós. Até lá, vamos carregar nossa Cruz, como o Filho fez em obediência à vontade do Pai. Talvez sejamos instrumentos escolhidos de Seu bel-prazer que irão alcançar o Seu chamado como o Filho o alcançou por meio de açoites e da vergonha, de lágrimas e de sangue, dúvidas e medos, e esta é a diferença entre Deus e o homem.

Havia esperança nas palavras dele, e consolo. Expressavam sua resignação. Tanto Mina quanto eu pudemos sentir isso, e, juntos, pegamos as mãos do velho e nos inclinamos para beijá-las. E assim, sem dizer mais uma palavra, nos ajoelhamos e, de mãos dadas, juramos lealdade uns aos outros. Juramos tirar o véu de tristeza de cima daquela mulher que, cada um à sua maneira, todos amávamos. E imploramos por ajuda e orientação na terrível tarefa que tínhamos diante de nós.

Por fim, havia chegado a hora de começar. Disse adeus a Mina, despedida que nenhum de nós vai esquecer até a morte, e partimos.

De uma coisa, tenho certeza. Se descobrirmos que Mina se tornará vampira no final, então ela não entrará nessa terra desconhecida e terrível sozinha. Suponho que seja por isso que nos velhos tempos um vampiro significava muitos vampiros. Assim como seus corpos hediondos só podem descansar em terra sagrada, o mais sagrado amor era o sargento que recrutava para suas tropas macabras.

Entramos em Carfax sem dificuldades e encontramos tudo na mesma

posição da primeira visita. Era difícil acreditar que em um cenário tão prosaico de abandono, poeira e decadência houvesse espaço para tamanho pavor como o que já conhecíamos. Se não estivéssemos convictos – e não tivéssemos as terríveis memórias a nos instigar –, dificilmente teríamos levado adiante aquela empreitada. Não encontramos documento algum, tampouco sinais de uso da casa. Na antiga capela, as grandes caixas pareciam idênticas às da última vez. De pé, diante de nós, o dr. Van Helsing anunciou, solenemente:

– E agora, meus amigos, temos um dever a cumprir. Vamos esterilizar esta terra, tão santificada por memórias sagradas, que ele trouxe de uma região remota para uso tão profano. O conde escolheu esta terra por ter sido santa. Assim, vamos derrotá-lo com suas próprias armas, pois vamos torná-la ainda mais sagrada. Ela foi santificada para uso do homem, agora a santificaremos para Deus.

Enquanto falava, tirou de sua sacola uma chave de fenda e uma chave inglesa, e, em pouco tempo, o tampo de uma das caixas estava aberto. A terra tinha um cheiro de mofo e de guardado, mas não demos importância, pois nossa atenção estava concentrada no professor. Tirando de seu estojo um pedaço da hóstia sagrada, depositou-a com reverência sobre a terra e então, fechando a tampa, começou a aparafusá-la com nossa ajuda.

Uma por uma, repetimos o procedimento com todas as grandes caixas, e as deixamos do mesmo jeito como as encontramos, exceto pelo pedaço de hóstia. Quando cerramos a porta atrás de nós, o professor concluiu, ainda solene:

– Já fizemos muito! Pode ser que consigamos o mesmo sucesso com todas as outras, e então, ao poente de hoje, o sol poderá brilhar sobre a testa imaculada da madame Mina, branca feito o marfim e sem nenhuma mancha!

Ao passarmos pelo gramado em direção à estação para tomarmos o trem, pudemos ver a fachada do manicômio. Olhei avidamente e vi Mina na janela do quarto. Acenei para ela e assenti com a cabeça para indicar que nosso trabalho ali havia sido bem-sucedido. Ela assentiu em resposta, demonstrando haver entendido. A última coisa que vi foi sua mão acenando em despedida. Foi com o coração pesado que nos dirigimos à estação para tomar o trem, que já se preparava para partir quando chegamos à plataforma.

Escrevo isto no trem.

Piccadilly, meio-dia e meia – Pouco antes de chegarmos a Fenchurch Street,

lorde Godalming me disse:

– Quincey e eu vamos procurar um chaveiro. É melhor você não vir, caso haja alguma dificuldade. Pois nessas circunstâncias não seria tão grave para nós invadir uma casa abandonada. Mas você é advogado, e a Incorporated Law Society poderia dizer que você sabia muito bem o que estava fazendo.

Objetei, pois não queria me esquivar de nada perigoso, nem mesmo o risco de ser odiado, mas ele continuou:

– Além do mais, um grupo menor vai chamar menos atenção. Meu título convencerá o chaveiro e qualquer policial que possa aparecer. É melhor você esperar com Jack e o professor em Green Park, em algum lugar de onde possam ver a casa. Quando virem a porta se abrir e o chaveiro ir embora, podem se aproximar. Estaremos esperando e vamos abrir a porta para vocês.

– Boa ideia! – disse Van Helsing, então nos calamos.

Godalming e Morris tomaram um fiacre, e seguimos em outro. Na esquina da Arlington Street, saltamos e caminhamos por dentro do Green Park. Meu coração bateu mais forte quando vi a casa onde tantas de nossas esperanças estavam concentradas, surgindo sombria e silenciosa em seu abandono entre as vizinhas mais vivas e bem-cuidadas. Sentamo-nos em um banco com uma boa visão da fachada e começamos a fumar nossos charutos para despertar o mínimo de atenção possível. Os minutos pareceram passar com pés de chumbo enquanto aguardamos a chegada dos outros.

Por fim, vimos um fiacre de quatro rodas se aproximar. Dele saltaram lorde Godalming e Morris, ambos bem descontraídos. E do assento do cocheiro desceu um operário corpulento com um cesto de junco cheio de ferramentas. Morris pagou ao cocheiro, que tocou a aba do chapéu e partiu. Juntos, eles subiram a escada da entrada, e lorde Godalming indicou o que queria que ele fizesse. O chaveiro tirou o casaco lentamente, pendurou numa das lanças da grade e disse algo a um policial que passava naquele momento. O policial assentiu, e o chaveiro se ajoelhou e pousou o cesto ao seu lado. Depois de vasculhar um pouco, tirou uma série de ferramentas que dispôs ordenadamente no chão. Então se levantou, olhou pelo buraco da fechadura, assoprou lá dentro e, virando-se para os senhores clientes, comentou alguma coisa. Lorde Godalming sorriu, e o sujeito pegou um grande molho de chaves. Após escolher uma delas, começou a experimentá-la na fechadura, sentindo se servia. Depois de tentar por um tempo, experimentou uma segunda chave e, por fim, uma terceira. De repente, a porta se abriu com um leve empurrão, e os três entraram no saguão. Continuamos sentados. Meu charuto ardia

furiosamente, mas o de Van Helsing havia se apagado. Aguardamos pacientemente o chaveiro sair e recolher seu cesto. Então ele segurou a porta entreaberta entre os joelhos, enquanto enfiava uma chave na fechadura. Esta chave entregou afinal a lorde Godalming, que sacou o porta-moedas e lhe deu um trocado. O homem tocou a aba do chapéu, recolheu o cesto, vestiu o casaco e foi embora. Nenhuma outra alma presenciou a transação.

Quando o chaveiro já havia se distanciado bastante, nós três atravessamos a rua e batemos à porta. Quincey Morris abriu-a imediatamente. Lorde Godalming estava ao seu lado, acendendo um charuto.

– O lugar está com um cheiro horrível – disse, quando entramos.

De fato, o cheiro era asqueroso. Como a antiga capela de Carfax. E pela nossa experiência prévia estava claro que o conde vinha frequentando bastante o local. Andamos pela casa, sempre juntos para o caso de um ataque, pois sabíamos que nosso inimigo era forte e astuto, e até então nem sequer tínhamos certeza se o conde estaria na casa. Na sala de jantar, que ficava no final do saguão, encontramos oito caixas de terra. Apenas oito das nove que procurávamos! Nosso trabalho não havia terminado, e não terminaria jamais se não encontrássemos a última caixa. Primeiro, abrimos as cortinas da janela que dava para um pátio estreito de pedras, nos fundos de um estábulo, pintado de forma a imitar a fachada de uma casa em miniatura. O estábulo não tinha janelas, de modo que não nos preocupamos que ninguém nos observasse. Não perdemos tempo examinando os baús. Com as ferramentas que havíamos trazido conosco, abrimos um por um e repetimos o procedimento que fizéramos com os outros na antiga capela. Era evidente que o conde não estava na casa, e passamos a vasculhar seus pertences.

Após uma vista de relance pelos demais cômodos, do porão ao sótão, chegamos à conclusão de que apenas a sala de jantar continha alguma coisa que pudesse pertencer ao conde. E assim passamos a examinar tudo minuciosamente. Os documentos estavam espalhados, com alguma ordem, sobre a grande mesa de jantar. Havia um grande maço de papéis com as escrituras de propriedade da casa de Piccadilly, documentos da compra das casas de Mile End e de Bermondsey, papel de carta, envelopes, canetas e nanquim. Tudo embalado em papel de embrulho para proteger da poeira. Havia ainda uma escova de roupas, uma escova de cabelo e um pente, um jarro e uma bacia – cheia de uma água suja e avermelhada, como que de sangue. Por fim, um grande molho de chaves, de todos os tipos e tamanhos, provavelmente das outras casas. Após examinarmos as chaves, lorde

Godalming e Quincey Morris tomaram nota dos diversos endereços das casas no leste e no sul da cidade, guardaram as chaves e saíram em sua missão de destruir as caixas desses respectivos lugares. Nós três permanecemos aqui e, com o máximo de paciência que conseguimos, estamos esperando por eles… ou pelo conde.

---

225. Embora fosse uma prática corrente desde a Antiguidade, no contexto do romance o termo se refere ao uso de morfina ou clorofórmio para facilitar a morte de um paciente. O rei Jorge V, neto da rainha Vitória, recebeu uma dose de morfina e cocaína para acelerar sua morte, em 1935.

226. Em francês no original: segundo as regras.

227. Para mais sobre esta passagem, ver a Apresentação ao presente volume.

CAPÍTULO 23

DIÁRIO DO DR. SEWARD

3 de outubro – A espera por Godalming e Quincey Morris pareceu terrivelmente longa. O professor tentou manter nossas cabeças ocupadas o tempo todo. Entendi sua boa intenção pelos olhares furtivos que lançava de tempos em tempos para Harker. O pobre sujeito está tão sufocado de angústia que é uma tristeza olhar para ele. Ontem à noite, parecia um homem feliz, tinha uma expressão forte, jovial, cheia de energia, e cabelos castanhos escuros. Hoje é um velho, acabado, derrotado, cujos cabelos brancos combinam com os olhos fundos e vermelhos e as rugas carregadas de tristeza em seu rosto. Sua energia permanece intacta. Na verdade, parece uma chama viva. Talvez isso seja sua salvação, pois se tudo correr bem, é o que o levará até o fim desse período desesperador. De alguma maneira, ele então acordará de novo para as realidades da vida. Pobre sujeito, e eu que pensava que meus próprios problemas eram graves, mas os dele…! O professor sabe bem disso, e está fazendo o melhor para manter sua cabeça ativa. O que disse foi, naquelas circunstâncias, de um interesse absorvente. Até onde consigo lembrar, foi o seguinte:

– Eu tenho estudado, lido e relido todo o material associado a esse monstro desde que tive acesso a ele, e quanto mais estudo, maior me parece a necessidade de aniquilá-lo definitivamente. Em todos os relatos, há sinais de seu avanço. Não apenas de seu poder, mas também de seu conhecimento. Segundo apurei das pesquisas de meu amigo Arminius de Budapeste, em vida, o conde foi um homem magnífico. Soldado, político e alquimista, sendo este último o ápice do desenvolvimento da ciência de seu tempo. Tinha um cérebro privilegiado, uma erudição incomparável e um coração que não conheceu o medo ou o remorso. Ousou até mesmo frequentar a Scholomance, e não havia um único ramo do conhecimento de sua época em que não fosse versado. Bem, nele os poderes do cérebro sobreviveram à morte física, embora

aparentemente a memória não esteja completa. Em algumas faculdades mentais, ele tem sido, e ainda é, apenas um menino.[228] Mas está crescendo, e algumas coisas que pareciam infantis a princípio agora adquirem a estatura de atitudes de um homem. Ele está experimentando e está se saindo bem. Se não cruzarmos seu caminho, pode ainda vir a ser, se falharmos, pai ou fundador de uma nova ordem de seres, que só pode levar à Morte, e não à Vida.

Harker gemeu e disse:

– E tudo isso está contra minha amada! Mas como assim experimentando? Saber disso pode nos ajudar a derrotá-lo!

– Todo esse tempo, desde que chegou, ele vem experimentando seu poder, lenta, mas seguramente. O grande cérebro infantil está trabalhando. Para nossa sorte, ainda se trata de um cérebro infantil. Pois se tivesse ousado arriscar certas coisas desde o princípio, estaria há muito tempo além de nossas forças. Seja como for, pretende obter sucesso, e um homem que possui séculos atrás de si pode se dar ao luxo de esperar e avançar lentamente. "*Festina lente*"[229] pode muito bem ser o seu lema.

– Não entendi – comentou Harker, exausto. – Oh, seja mais claro comigo! Talvez a tristeza e a atribulação tenham entorpecido meu cérebro.

O professor pôs a mão delicadamente em seu ombro e disse:

– Ah, meu filho, serei mais claro. Você não percebe que, recentemente, esse monstro vem ganhando conhecimento experimentalmente? Que vem usando esse paciente zoófago para conseguir acesso à casa do amigo John? Pois o nosso vampiro só pode entrar pela primeira vez numa casa se for convidado por um morador, embora depois disso possa ir e vir quando bem entender. Mas esses não foram seus experimentos mais importantes. Vocês não repararam que, a princípio, todas essas grandes caixas foram transportadas por outros? Tudo o que sabia na época era que precisava ser assim. Mas durante todo esse tempo, seu grande cérebro infantil se desenvolveu e começou a se perguntar se ele mesmo não poderia mover as caixas. Então começou a ajudar os carregadores. E, por fim, quando descobriu que poderia carregá-las, tentou deslocá-las sozinho. E foi o que fez, espalhando suas próprias sepulturas. Apenas ele sabe onde estão escondidas. Talvez pretenda enterrá-las bem fundo no chão, para que possa usá-las à noite ou nas horas em que puder mudar de forma; todas as caixas lhe são igualmente úteis, e ninguém pode saber que são seus esconderijos! Mas, meu filho, não se desespere, ele só ficou sabendo disso tarde demais! Agora, com exceção de um, todos os seus antros foram esterilizados. E antes que a noite caia, vamos esterilizar

esse último. Assim ele não terá onde repousar e se esconder. Demorei a agir esta manhã para que pudéssemos ter certeza. Não temos, por acaso, mais a perder do que ele? Então por que não sermos mais cuidadosos do que ele? Pelo meu relógio, é uma hora da tarde, portanto, se tudo correu bem, os amigos Arthur e Quincey devem estar chegando a qualquer momento. Hoje é o nosso dia, e temos de seguir em frente sem fraquejar, ainda que lentamente, e não perder nenhuma oportunidade. Veja! Seremos cinco quando os outros dois tiverem voltado.

Enquanto o professor falava, fomos surpreendidos por batidas na porta da frente, a batida dupla do carteiro. Num impulso, seguimos todos para o saguão. Erguendo a mão a nos pedir silêncio, Van Helsing foi até a porta e abriu. O rapaz lhe entregou um telegrama. O professor tornou a fechar a porta e, depois de olhar o endereço, abriu e leu em voz alta:

Cuidado com D. Ele acaba de sair às pressas de Carfax, às 12h45, em direção ao sul. Parece estar indo a caminho de vocês.

Mina

Houve uma pausa, interrompida pela voz de Jonathan Harker:

– Agora, graças a Deus, vamos nos encontrar em breve!

Van Helsing virou-se depressa para ele e disse:

– Deus intervirá à maneira e ao tempo Dele. Não tenha medo, mas também não comemore ainda. Pois o que desejamos agora pode se converter na causa de nosso fracasso.

– Neste momento, nada mais me importa senão varrer esse monstro da face da Terra – Jonathan respondeu acaloradamente. – Venderia minha alma para tanto!

– Oh, acalme-se, acalme-se, meu filho! – disse Van Helsing. – Deus não compra almas assim, e o Diabo, embora possa comprar, não mantém a palavra. Mas Deus é piedoso e justo, e conhece a sua dor e a sua devoção a madame Mina. Pense bem em como a dor dela seria dupla se ouvisse suas palavras destemperadas. Não tenha medo de nenhum de nós, somos todos dedicados a esta causa, e hoje tudo isso se encerrará. Está chegando a hora da ação. Hoje, este vampiro está limitado aos poderes de homem e, antes do anoitecer, não vai poder se transformar. Vai demorar até chegar aqui… Veja, já é uma e vinte… Ainda temos um tempo até que ele apareça, por mais rápido que se

mova. Só precisamos torcer para que lorde Arthur e Quincey cheguem primeiro.

Cerca de meia hora depois de recebermos o telegrama da sra. Harker, ouvimos uma batida discreta e resoluta na porta da frente. Foi uma batida comum, como costumam fazer milhares de cavalheiros, mas que fez o coração do professor e o meu acelerarem. Nós nos entreolhamos e, juntos, fomos até o saguão. Estávamos prontos para usar nossas armas – a espiritual na mão esquerda, a mortal, na direita. Van Helsing girou o trinco e, mantendo a porta entreaberta, recuou, deixando ambas as mãos livres para agir. A alegria de nossos corações deve ter se expressado em nossos semblantes quando, na escada, perto da porta, vimos lorde Godalming e Quincey Morris. Eles entraram depressa e fecharam a porta atrás de si, o primeiro dizendo, ao avançar pelo saguão:

– Tudo certo. Encontramos os dois lugares. Seis caixas em cada. Destruímos todas.

– Destruíram? – perguntou o professor.

– Para ele!

Ficamos calados por um minuto, até que Quincey disse:

– Não há nada a fazer senão esperar aqui. Se, contudo, ele não aparecer até as cinco, precisamos ir embora. Não podemos deixar a sra. Harker sozinha depois que anoitecer.

– Ele vai chegar a qualquer momento – respondeu Van Helsing, depois de consultar suas anotações. – *Nota bene*,[230] segundo o telegrama da madame, ele saiu de Carfax em direção ao sul. Isso quer dizer que ia atravessar o rio, mas ele só pode fazê-lo na maré baixa, o que deve ter ocorrido pouco antes da uma da tarde. O fato de ter ido para o sul possui um significado para nós. Por enquanto, está apenas desconfiado e saiu de Carfax a caminho do local em que menos esperaria encontrar alguma interferência. Vocês devem ter estado em Bermondsey pouco antes dele. O fato de não estar aqui ainda demonstra que foi a Mile End em seguida. Isso lhe tomou algum tempo, pois precisaria ser transportado sobre o rio de alguma maneira. Acreditem em mim, meus amigos, não vamos ter de esperar muito mais agora. Devemos preparar um plano de ataque, para não desperdiçar nenhuma oportunidade. Vamos, não há tempo a perder. Peguem suas armas! Estejam preparados!

Enquanto falava, o professor ergueu a mão em alerta, pois todos ouvimos uma chave sendo inserida suavemente na fechadura da porta da frente.

Mesmo naquele momento, não pude deixar de me admirar com a maneira com que um espírito dominante se autoafirma. Em todas as nossas expedições de caça e aventuras pelo mundo, Quincey Morris sempre fora o que inventava o plano de ação, e Arthur e eu estávamos habituados a obedecê-lo tacitamente. Agora, ao que parece, o velho hábito se renovava como que por instinto. Com um olhar de relance, Morris estabeleceu um plano de ataque e, sem dizer uma única palavra, apenas com um gesto, colocou cada um de nós na sua posição. Van Helsing, Harker e eu ficamos logo atrás da porta, para que quando fosse aberta, o professor pudesse protegê-la enquanto nós dois nos interpuséssemos entre o recém-chegado e a saída. Godalming e Quincey, um atrás do outro, permaneceram fora de visão, prontos para bloquear a janela. O suspense da espera fez os segundos passarem com a lentidão de um pesadelo. Ouvimos passos lentos, cuidadosos, lá fora. Evidentemente, o conde estava preparado para uma surpresa, ou pelo menos parecia temer algo.

De repente, com um único salto, ele entrou, passando por nós antes que conseguíssemos estender a mão para impedi-lo. Havia algo de pantera naquele movimento, algo tão pouco humano, que pareceu nos recuperar na mesma hora do choque de sua chegada. O primeiro a agir foi Harker, que, com um gesto ágil, atirou-se na frente dele. Quando o conde nos viu, um rosnado horrível se formou em seu rosto, exibindo os caninos longos e pontudos. Mas o sorriso maligno logo se transformou num olhar fixo e frio de desdém leonino. Sua expressão se alterou de novo quando, com um único impulso, todos avançamos sobre ele. Foi uma pena que não tivéssemos organizado melhor nosso plano de ataque, pois, na hora, não soube exatamente o que fazer. Nem sequer era capaz de dizer se nossas armas mortíferas teriam alguma serventia. Harker, evidentemente, quis pôr a questão à prova, pois sacou sua grande faca *kukri*[231] e fez um corte feroz e súbito no monstro. Foi um golpe poderoso; só mesmo a rapidez diabólica do salto para trás do conde conseguiu salvá-lo. Um segundo a mais, e a lâmina trinchante teria atravessado o coração. No entanto, a ponta apenas rasgou o tecido de sua casaca, abrindo um talho largo por onde caíram um maço de cédulas de dinheiro e uma cachoeira de moedas de ouro. A expressão no rosto do conde foi tão infernal que, por um momento, temi pelo destino de Harker, embora visse que ele preparava a faca para um novo golpe. Instintivamente, avancei num impulso protetor, segurando o crucifixo e a hóstia na mão esquerda. Senti uma energia poderosa envolver meu braço, e não foi nenhuma surpresa ver o monstro recuar diante de movimentos similares feitos espontaneamente pelos outros. Seria impossível descrever a expressão de

ódio e maldade frustrada, de raiva e fúria infernais, que se formou no rosto do conde. Sua coloração cerosa se tornou amarelo-esverdeada em contraste com os olhos faiscantes, e a cicatriz vermelha na pele pálida da testa parecia uma ferida latejante. No instante seguinte, escapou por debaixo do braço de Harker com um mergulho sinuoso, antes que o segundo golpe fosse desferido, e, agarrando um punhado de dinheiro do chão, atravessou correndo o saguão e se atirou contra a janela. Caiu lá embaixo, no corredor de pedra, em meio ao impacto e ao som de vidro estilhaçado. Entre o barulho dos cacos de vidro pude distinguir o tilintar das moedas de ouro, pois alguns soberanos caíram no chão de pedra.

Corremos até a janela e vimos quando ele se levantou ileso do chão. O conde correu escada acima, atravessou o pátio de pedras e empurrou a porta do estábulo. Então virou-se e exclamou para nós:

– Vocês pensam que vão me deter, vocês com essas caras pálidas, um do lado do outro, feito cordeiros num açougue. Pois ainda vão se arrepender, todos vocês! Vocês pensam que me deixaram sem lugar para descansar, mas eu tenho mais. Minha vingança acabou de começar! E vai continuar por séculos, pois o tempo está do meu lado. Suas meninas, que vocês tanto amam, já são minhas. E através delas vocês e os outros também ainda vão ser meus, minhas criaturas, sob o meu comando, e serão os meus chacais quando eu quiser me alimentar. Bah!

Com um riso zombeteiro e desdenhoso, ele passou rapidamente pela porta, e nós ouvimos o ferrolho enferrujado ranger quando a trancou atrás de si. Mais adiante, outra porta se abriu e bateu. O primeiro de nós a falar foi o professor. Dando-nos conta da dificuldade de acompanhá-lo estábulo adentro, corremos para o saguão de entrada.

– Nós aprendemos uma coisa... muitas coisas! Apesar das palavras ousadas, o conde está com medo de nós. Ele teme o tempo, e teme a necessidade! Caso contrário, por que a pressa? O próprio tom de sua fala o traiu ou meus ouvidos muito me enganam. Por que pegar aquele dinheiro? Depressa, sigam-no. Vocês são caçadores de animais selvagens e entendem do assunto. Quanto a mim, vou garantir que nada aqui possa ser útil a ele, caso volte.

Enquanto falava, pôs o restante do dinheiro no bolso, tirou as escrituras das propriedades do maço de papéis em que Harker as havia deixado, atirou todas as demais coisas na lareira e acendeu o fogo com um fósforo.

Godalming e Morris saíram às pressas para o pátio, e Harker pulou pela

janela, atrás do conde. Este, contudo, havia trancado a porta do estábulo, e, quando eles conseguiram abri-la, já não havia sinal de seu paradeiro. Van Helsing e eu tentamos averiguar alguma coisa nos fundos da casa, mas os estábulos estavam vazios, e ninguém havia visto nada.

Estávamos no final da tarde, e o anoitecer não tardaria a chegar. Tivemos de admitir que o jogo havia terminado por hoje. Com o coração pesado, concordamos com o professor quando ele disse:

– Vamos voltar para madame Mina. Pobre, pobre e querida madame Mina. Tudo o que podíamos fazer agora está feito, e lá, pelo menos, vamos poder protegê-la. Mas não devemos nos desesperar. Só existe mais uma caixa de terra, e temos de tentar encontrá-la. Quando conseguirmos, talvez fique tudo bem outra vez. – Pude ver que falava com o máximo de bravura para tentar consolar Harker. O pobre sujeito estava bastante abalado, soltando, de quando em quando, um gemido baixo que não conseguia conter. Pensava na esposa.

Com os corações entristecidos, voltamos para minha casa, onde encontramos a sra. Harker à nossa espera, com uma aparência alegre que revelava bastante sua coragem e seu desapego. Quando viu nossos semblantes abatidos, seu rosto ficou pálido feito a morte. Durante um ou dois segundos, seus olhos se fecharam como se fizesse uma oração secreta. E então ela disse, numa voz entusiasmada:

– Jamais vou poder agradecer a todos vocês o bastante. Oh, meu pobre querido! – Enquanto falava, pegou a cabeça grisalha do marido nas mãos e beijou. – Encoste a cabeça aqui e descanse. Vai ficar tudo bem, meu querido! Deus há de nos proteger, se Ele assim o desejar em Sua infinita bondade. – O pobre sujeito gemeu. Não havia lugar para palavras em sua angústia sublime.

Nosso jantar foi um tanto perfunctório, e creio que tenha nos animado um pouco. Talvez tenha sido o mero calor animal de se alimentar quando se está faminto – afinal nenhum de nós havia comido nada desde o desjejum – ou quem sabe a noção de companheirismo, mas o fato é que nos sentimos menos desgraçados, e a perspectiva do dia seguinte não se revelou totalmente desprovida de esperança. Fiel à nossa promessa, relatamos à sra. Harker tudo o que se passara. E embora ficasse ora branca como a neve, quando o perigo parecia ameaçar seu marido, ora corada, quando a dedicação dele se manifestava, escutou com coragem e serenidade. Quando chegamos à parte em que Harker atacou o conde tão temerariamente, ela agarrou o braço do marido e apertou, como se assim pudesse protegê-lo de um eventual perigo futuro. Não disse nada, no entanto, até a narrativa acabar e o assunto se encaminhar

para o presente. Então, sem soltar a mão do marido, Mina se levantou e falou. Oh, quem dera ser capaz de dar uma ideia dessa cena: a meiguíssima e boníssima mulher, em toda a radiante beleza de sua juventude e entusiasmo; com a cicatriz vermelha na testa, da qual tinha plena consciência e que nos fazia ranger os dentes pela lembrança de quando e como havia sido feita; a bondade amorosa em contraste com o nosso ódio sombrio; a fé terna em contraste com nossos medos e dúvidas; e nós, sabedores de que, em um plano simbólico, ela, com toda a sua bondade, pureza e fé, era uma excluída de Deus.

– Jonathan – começou ela, e a palavra soou como música em seus lábios, de tanto amor e ternura que continha –, querido Jonathan, e todos vocês, meus caros e verdadeiros amigos, quero que tenham uma coisa em mente durante todo esse tempo de pavor. Sei que ainda precisam lutar. Que devem destruí-lo como destruíram a falsa Lucy para que a verdadeira Lucy pudesse alcançar a vida eterna. Mas essa não deve ser uma missão de ódio. Aquela pobre alma que foi envolvida em toda essa desgraça é o caso mais triste de todos. Apenas pensem na alegria que ele também terá quando a pior parte de si for destruída para que sua melhor parte alcance a imortalidade espiritual. Vocês devem ter pena dele também, ainda que isso não impeça suas mãos de destruí-lo.

Enquanto Mina falava, pude ver o rosto de seu marido escurecer e se enrugar, como se a paixão dentro dele estivesse secando seu ser até o cerne. Instintivamente, a mão da esposa apertou a sua com ainda mais força, até seus dedos ficarem brancos. Ela não hesitou diante da dor que eu sabia que deveria estar sentindo, mas fitou-o com olhos mais suplicantes que nunca. Quando concluiu, Harker se pôs de pé, quase arrancando a própria mão das que a seguravam, e exclamou:

– Que Deus me permita ter esse monstro diante de mim só o suficiente para destruir sua existência terrena. Se além disso eu puder enviar sua alma para arder eternamente no inferno, eu também o faria!

– Oh, acalme-se! Acalme-se, em nome do bom Deus. Não diga essas coisas, Jonathan, meu marido amado, ou você vai me deixar arrasada de medo e horror. Pense bem, meu querido… Tenho refletido sobre isso o dia inteiro… que… talvez… um dia… eu também possa vir a precisar dessa compaixão, e que alguém como você, e com igual motivo para a raiva, pode vir a negá-la a mim! Oh, meu esposo! Meu querido, eu o teria poupado desse pensamento se houvesse outra maneira. Mas peço a Deus para que Ele não tenha considerado suas palavras desmedidas mais do que o gemido magoado de um homem muito

apaixonado e abalado pelo sofrimento. Oh, Deus, que esses pobres cabelos brancos sirvam de prova de tudo o que ele sofreu, ele, que durante toda a sua vida não fez nenhum mal, e sobre quem tantas tristezas foram derramadas.

Todos os homens presentes começaram a chorar nesse momento. Não havia como evitar as lágrimas, e choramos copiosamente. Ela também chorou, ao ver que seus doces conselhos haviam prevalecido. O marido se atirou a seus pés e, abraçando-a, escondeu o rosto nas dobras de seu vestido. Van Helsing fez sinal para que saíssemos da sala, deixando os dois corações apaixonados com seu Deus.

Antes que o casal se recolhesse, o professor preparou o quarto contra qualquer tentativa de invasão do vampiro e garantiu à sra. Harker que ela poderia descansar em paz. Ela tentou se convencer disso e, claramente pelo bem do marido, fez um esforço para se mostrar satisfeita. Foi uma atitude corajosa, e, creio e dou fé, não sem sua recompensa. Van Helsing havia deixado à mão um sino que cada um deveria tocar em caso de emergência. Depois que o casal se recolheu, Quincey, Godalming e eu combinamos que ficaríamos acordados, dividindo a noite em turnos entre nós, para garantir a segurança da pobre dama aflita. O primeiro turno coube a Quincey, de modo que o restante de nós deve dormir agora, assim que pudermos. Godalming já foi se deitar, pois será o segundo a ficar de vigia. Agora que meu trabalho está encerrado, também vou dormir.

Diário de Jonathan Harker

Madrugada de 3 para 4 de outubro, quase meia-noite – Achei que o dia de ontem jamais fosse acabar. Passei o dia com uma vontade intensa de dormir, em certa medida graças a uma crença cega de que ao acordar encontraria tudo mudado, e qualquer mudança agora há de ser para melhor. Antes de nos despedirmos, discutimos qual seria o próximo passo, mas não conseguimos chegar a nenhuma conclusão. Tudo o que sabemos é que ainda há uma última caixa de terra remanescente, e que só o conde conhece sua localização exata. Caso ele resolva se esconder, pode ser que logre nos iludir por anos a fio. E nesse ínterim... pensar nisso é tão horrível, que não ouso aventar a hipótese agora. Uma coisa sei: se jamais existiu uma mulher que reúne toda a perfeição, é minha pobre e querida injustiçada. Amo-a mil vezes mais pela doce piedade

demonstrada ontem à noite, compaixão que fez meu ódio pelo monstro parecer desprezível. Decerto Deus não há de permitir que o mundo se torne mais pobre pela perda de tal criatura. Isso para mim é uma esperança. Estamos todos à deriva contra os recifes, e a fé é nossa única âncora. Graças a Deus, Mina adormeceu, e parece dormir um sono sem sonhos. Tenho medo dos sonhos que ela poderia ter, com essas lembranças terríveis a inspirá-los. Desde que anoiteceu que não me parece tão calma quanto agora. Então, por algum tempo, vi um repouso se instalar em seu rosto, como a primavera depois das rajadas de março. Na hora, pensei se tratar da suavidade do vermelho do arrebol, mas agora vejo que aquilo possuía um sentido mais profundo. Não estou com sono, embora esteja exausto… mortalmente exausto. De todo modo, devo tentar dormir. Pois preciso pensar no dia de amanhã, e não vou ter descanso até…

Mais tarde – Devo ter adormecido, pois fui despertado por Mina, que estava sentada na cama, com um olhar espantado. Era possível enxergar facilmente, pois mantivemos o quarto iluminado. Ela pousou a mão sobre a minha boca, num gesto de alerta, e sussurrou em meu ouvido:

– Silêncio! Tem alguém no corredor!

Levantei suavemente e, atravessando o quarto, abri a porta com cuidado.

Do lado de fora, deitado num colchão, estava o sr. Morris, inteiramente desperto. Ele ergueu a mão, num aviso para que eu não fizesse barulho, e sussurrou:

– Silêncio! Volte para a cama. Está tudo bem. Vamos nos revezar a noite inteira aqui. Não queremos correr riscos!

Sua expressão e seu gesto não permitiam qualquer discussão, então voltei e contei a Mina. Ela suspirou e, a sombra de um sorriso se insinuou nitidamente em seu pobre rosto pálido, enquanto me abraçava e murmurava:

– Oh, graças a Deus existem homens bons e corajosos!

Com outro suspiro, tornou a dormir. Escrevo isto agora porque estou sem sono, embora devesse tentar dormir de novo.

4 de outubro, pela manhã – Novamente, fui acordado durante a noite por Mina. Dessa vez, já havíamos dormido bastante, pois os tons cinzentos da madrugada iminente conferiam uma nitidez às janelas oblongas, e a chama do gás parecia uma mancha em vez de um disco de luz. Ela me disse afobada:

– Vá chamar o professor. Quero vê-lo agora.

– Por quê? – perguntei.

– Tive uma ideia. Imagino que deva ter me ocorrido durante a noite e amadurecido sem que eu percebesse. Ele precisa me hipnotizar antes de o sol nascer, só assim serei capaz de falar. Vá depressa, meu amado, está quase amanhecendo.

Fui até a porta. O dr. Seward estava descansando no colchão e, ao me ver, logo se pôs de pé.

– Algum problema? – perguntou, preocupado.

– Não – respondi. – Mas Mina deseja ver o dr. Van Helsing agora mesmo.

– Vou chamá-lo – disse ele, e correu até o quarto do professor.

Dois ou três minutos depois, Van Helsing estava no quarto, de pijama, e o sr. Morris e lorde Godalming estavam com o dr. Seward na porta, fazendo perguntas. Quando o professor viu Mina, um sorriso – um sorriso positivo – expulsou a angústia de seu rosto. Ele esfregou as mãos e disse:

– Oh, minha querida madame Mina, isto é realmente uma mudança. Veja, amigo Jonathan! Hoje, nossa querida madame Mina de antes está de volta! – Então, virando-se para ela, perguntou, entusiasmado: – O que posso fazer pela senhora? Pois a uma hora dessas, a senhora não precisa de mim para nada.

– Quero que o senhor me hipnotize! – respondeu. – Faça-o antes que amanheça, pois sinto que vou poder falar… falar abertamente. Depressa, pois não temos muito tempo!

Sem dizer palavra, o professor fez um sinal para que se sentasse na cama. Olhando fixamente para ela, começou a movimentar as mãos na sua frente, uma de cada vez, em gestos que iam do topo da cabeça para baixo. Mina o encarou por alguns minutos, durante os quais meu coração bateu feito um martelo hidráulico, pois senti que alguma crise estava prestes a se desencadear. Aos poucos, seus olhos se fecharam, e ela ficou absolutamente imóvel. Apenas o delicado arfar de seu peito indicava que estava viva. O professor fez mais alguns gestos e parou, e pude ver que sua testa estava coberta por grandes gotas de suor. Mina abriu os olhos, mas não parecia a mesma mulher. Tinha uma expressão distante, e a voz continha um tom sonhador e triste que era novo para mim. Erguendo a mão para impor silêncio, o professor me fez sinal para trazer os outros. Eles entraram na ponta dos pés, fechando a porta atrás de si, e ficaram parados ao pé da cama, observando. Mina aparentemente não os via. A imobilidade foi interrompida pela voz de Van Helsing, falando baixinho para não interferir o fluxo dos pensamentos dela.

– Onde você está?

A resposta veio neutra:

– Não sei. O sono não possui um lugar para chamar de seu.

Durante vários minutos, fez-se silêncio. Mina estava rígida, e o professor a encarou fixamente; o restante de nós mal ousava respirar. O quarto estava ficando mais claro. Sem tirar os olhos do rosto de Mina, o dr. Van Helsing me fez sinal para abrir a cortina. Obedeci, e o dia estava claro lá fora. Uma faixa vermelha surgiu no horizonte, e uma luz rósea pareceu se difundir por todo o quarto. Nesse instante, o professor tornou a perguntar:

– Onde você está agora?

A resposta veio em tom delirante, mas com intenção clara. Era como se ela estivesse interpretando alguma coisa. Já tinha ouvido Mina usar o mesmo tom ao ler suas anotações em taquigrafia.

– Não sei. É tudo estranho para mim!

– O que está vendo?

– Não consigo enxergar nada. Está tudo escuro.

– O que está ouvindo? – Pude notar a tensão na voz paciente do professor.

– A água batendo. Ouço um gorgolejo e o barulho de pequenas ondas se chocando. Posso ouvi-las lá fora.

– Então você está em um navio?

Todos nos entreolhamos, tentando extrair algo um do outro. Sentimos medo de pensar. A resposta veio depressa:

– Ah, sim!

– O que mais está ouvindo?

– O som de homens pisando apressados acima de minha cabeça. Ouço o rangido de uma corrente e o tilintar alto de quando a trava do cabrestante engata.[232]

– O que você está fazendo?

– Estou imóvel, oh, totalmente imóvel. Como a morte!

A voz desapareceu em um suspiro profundo como o de alguém dormindo, e os olhos abertos se fecharam.

A essa altura o sol já havia nascido, e estávamos ali em plena luz do dia. O dr. Van Helsing pôs as mãos nos ombros de Mina e deitou sua cabeça no travesseiro. Ela se recostou como uma criança adormecida por alguns momentos, e então, com um longo suspiro, despertou e nos encarou espantada

de nos ver à sua volta.

– Eu falei alguma coisa enquanto dormia? – foi tudo o que perguntou.

Parecia, no entanto, entender a situação sem que precisássemos lhe explicar, embora se mostrasse ávida para saber o que havia relatado. O professor repetiu a conversa que tiveram, e ela exclamou:

– Então não temos um minuto a perder. Pode ser que não seja tarde demais!

O sr. Morris e lorde Godalming se dirigiram para a porta, mas a voz calma do professor os chamou de volta:

– Esperem, meus amigos. Esse navio, onde quer que estivesse, estava levantando âncora no exato instante em que ela falava. Existem muitos navios levantando âncora nesse momento no grande porto de Londres. Qual deles vocês vão procurar? Graças a Deus temos outra vez uma pista, embora não saibamos aonde ela vai nos levar. Estávamos, de certo modo, cegos. Cegos à maneira dos homens, pois, quando podemos olhar para trás, vemos o que poderíamos ter visto ao olhar para a frente se fôssemos capazes de ver o que poderíamos ter visto! Ora, mas essa frase ficou um lodaçal, não é mesmo? Agora sabemos o que o conde tinha em mente ao pegar o dinheiro, embora a faca feroz de Jonathan o tenha exposto a um perigo que até mesmo ele teme. Ele estava fugindo. Vocês me ouviram? fugindo! Ele percebeu que só com uma caixa restante e um bando de homens a persegui-lo feito cães atrás da raposa, esta Londres não era mais lugar para ele. Embarcou sua última caixa de terra em um navio e zarpou. Ele tenta escapar, mas não! Nós vamos atrás dele. *Tally Ho!*,[233] como diria o amigo Arthur quando veste sua casaca vermelha! Nossa velha raposa é astuta. Oh! Muito astuta, e devemos caçá-la também com astúcia. Também sou astuto e já consigo pensar com a mente dele às vezes. Nesse ínterim, podemos descansar tranquilos, pois existem águas entre nós que ele não deseja cruzar, e que nem poderia, mesmo que quisesse. A não ser que o navio aporte, e, ainda assim, apenas na maré cheia ou na vazante. Veja, o sol já nasceu, e temos o dia inteiro para nós, até ele se pôr. Vamos tomar banho, trocar de roupa e fazer o desjejum que todos tanto precisamos e que poderemos saborear confortavelmente, uma vez que ele não está mais aqui.

Mina olhou para ele suplicante e perguntou:

– Mas por que precisamos continuar procurando por ele, agora que foi embora?

Ele tomou sua mão e a acarinhou, ao responder:

– Não pergunte mais nada agora. Depois de comermos, vou responder a

todas as perguntas. – Ele não disse mais nada, e nos separamos para trocar de roupa.

Após o café da manhã, Mina repetiu a pergunta. O professor a fitou austeramente por um minuto, então respondeu tristonho:

– Porque, minha cara, caríssima madame Mina, agora mais do que nunca devemos encontrá-lo ainda que tenhamos que buscá-lo na garganta do Inferno!

Ela ficou mais pálida e perguntou, quase sem forças:

– Mas por quê?

– Porque – concluiu ele, solenemente – ele pode viver por séculos, e a senhora é apenas uma mortal. O tempo agora é nosso inimigo, desde que ele pôs essa marca em seu pescoço.

Cheguei a tempo de ampará-la, antes que caísse no chão desmaiada.

---

228. Stoker consultou *Principles of Mental Physiology* (1874), do fisiologista W.B. Carpenter, criador do conceito de "unconscious cerebration" ("cerebração inconsciente"). Em *Famous Imposters* (1910), Stoker associa sociedades "primitivas", "subdesenvolvidas", ao estágio infantil da mente humana.

229. Em latim no original: "apressa-te devagar", no sentido de que os melhores trabalhos são feitos com um equilíbrio entre urgência e diligência; citação atribuída ao imperador Augusto, segundo Suetônio (autor de *As vidas dos doze Césares*).

230. Em latim no original: note-se bem.

231. Do nepalês *khukuri*: faca nepalesa de lâmina curva, semelhante à *falcata* ibérica, usada pelos gurkhas do Nepal durante as Guerras Anglo-Nepalesas (1814-16). Mais tarde seria uma arma comum no serviço dos exércitos anglo-indianos ao longo do séc.XIX. Era, no contexto do romance, um típico suvenir da Primeira Guerra de Independência da Índia ou Revolta dos Sipaios, de 1857.

232. Nas sessões de hipnose de Mina por Van Helsing, na aurora e no crepúsculo, após o batismo de sangue (quando Mina bebeu sangue do conde, no capítulo 21), ela adquire acesso à consciência do conde e vice-versa, em uma espécie de comunicação espiritual ou telepatia recíproca. O surpreendente conhecimento náutico de Mina reforça a ideia de que são palavras do conde.

233. Expressão inglesa típica da caça à raposa, gritada por um dos cavaleiros de casaca vermelha quando avistava uma raposa.

CAPÍTULO 24

DIÁRIO FONOGRÁFICO DO DR. SEWARD, DITADO POR VAN HELSING

Para Jonathan Harker.
Fique com a querida madame Mina. Vamos prosseguir com a nossa investigação, se é que posso chamá-la assim, pois não se trata mais de investigar, e sim de saber, e procuramos apenas confirmações. Hoje, contudo, você fica, e cuida dela. Esta é sua melhor e mais sagrada função. Hoje, não haverá sinal dele por aqui. Deixe que eu lhe diga o que nós quatro já sabemos, pois também contei aos outros. Ele, nosso inimigo, foi embora. Voltou para o seu castelo na Transilvânia. Sei disso perfeitamente, como se uma grande mão de fogo tivesse escrito na parede.[234] Ele deve ter se preparado para isso de alguma maneira, e aquela última caixa de terra deveria estar pronta para ser embarcada em algum lugar. Por isso pegou o dinheiro. Por isso fugiu às pressas, para que não o pegássemos antes de anoitecer. Era sua última esperança, a não ser que fosse se esconder no mausoléu da srta. Lucy, se pensa que ela ainda é como ele e que o deixou aberto para recebê-lo. Mas não havia mais tempo. Quando isso falhou, foi direto para o seu último recurso – que eu poderia chamar de seu último trabalho terreno, caso quisesse criar uma *double entente*.[235] Ele é sagaz, oh, muito sagaz! Sabe que, aqui, a partida para ele acabou. Então decidiu voltar para casa. Há um navio agora voltando pela mesma rota em que ele veio, e imagino que tenha embarcado nele. Agora vamos encontrar esse navio e descobrir seu destino, e então, assim que voltarmos, vamos lhe contar tudo. Em seguida, vamos poder consolar você e a pobre madame Mina com novas esperanças. Pois, se você pensar bem, ainda há uma esperança de que nem tudo esteja perdido. Esta criatura que estamos perseguindo levou centenas de anos para conseguir chegar a Londres. E, no entanto, em um único dia, quando descobrimos onde estava, nós o expulsamos. Ele é finito, embora seja poderoso o suficiente para causar muito mais mal e sofrimento do que nós. Mas somos fortes, cada um com seu propósito, e somos

ainda mais fortes juntos. Alivie seu coração, caro esposo da madame Mina. Esta batalha acabou de começar, e, ao final, sairemos vencedores, tão certo como Deus está no céu olhando por Seus filhos. Portanto, descanse até retornarmos.

Van Helsing

Diário de Jonathan Harker

4 de outubro – Quando li a Mina o que Van Helsing registrara no fonógrafo, a pobre menina se reanimou consideravelmente. A certeza de que o conde já não está mais no país serviu-lhe de consolo. E o consolo a fortaleceu. De minha parte, agora que esse perigo horrível não está diante de nós, parece quase impossível acreditar nele. Até minhas próprias experiências terríveis no castelo Drácula me parecem um sonho há muito tempo esquecido. Aqui, em pleno ar de outono e sob esse sol brilhante.

Ora! Infelizmente não posso deixar de acreditar! Em meio a meus pensamentos, meus olhos depararam com a cicatriz vermelha na testa branca de minha pobre amada. Enquanto essa cicatriz durar, não posso deixar de acreditar. Mina e eu tememos o ócio, então lemos e relemos todos os diários. De alguma forma, embora a realidade pareça cada vez maior, a dor e o medo parecem diminuir. Existe uma espécie de propósito orientador que vem se manifestando em tudo, que é reconfortante. Mina diz que talvez sejamos instrumentos do sumo bem. Talvez! Tentarei pensar como ela. Ainda não falamos sobre o futuro. É melhor esperarmos o professor e os outros encerrarem essa investigação.

O dia está passando mais depressa do que jamais imaginei que um dia fosse passar para mim de novo. Já são três da tarde.

Diário de Mina Harker

5 de outubro, cinco horas da tarde – Relato de nossa reunião. Presentes: professor Van Helsing, lorde Godalming, dr. Seward, sr. Quincey Morris, Jonathan Harker, Mina Harker.

O dr. Van Helsing descreveu os passos tomados durante o dia até descobrirem o navio e o destino do conde Drácula em sua fuga.

– Como sabia que ele queria voltar para a Transilvânia, tinha certeza de que deveria ir pelo delta do Danúbio, ou a partir de algum ponto do mar Negro, uma vez que viera por ali. Tínhamos um vazio desolador diante de nós. *Omne ignotum pro magnifico*,[236] e assim, com o coração pesado, fomos procurar os navios que haviam partido para o mar Negro na noite de ontem. Pela descrição de madame Mina do barulho das velas sendo içadas, era um veleiro. E esse tipo de barco não é tão importante para figurar na lista das embarcações do *Times*. Assim, por sugestão de lorde Godalming, recorremos ao *Lloyd's*, onde estão registradas todas as embarcações em atividade, por menores que sejam. Ali descobrimos que apenas um navio com destino ao mar Negro embarcara com a maré. Tratava-se do *Czarina Catherine*, que zarpara do cais de Doolittle[237] rumo a Varna, de onde deve partir para outros portos Danúbio acima. "Pois bem!", eu disse, "este é o navio em que o conde está." Assim, nos dirigimos ao cais de Doolittle, onde encontramos um homem num escritório tão pequeno que parecia maior que a própria sala. Perguntamos a ele a rota do *Czarina Catherine*. Era desbocado, o rosto vermelho e o vozeirão alto, mas um bom sujeito de todo modo. E, quando Quincey lhe deu algo de seu bolso que tiniu quando ele aceitou e jogou numa bolsinha que guardava dentro da roupa, mostrou-se ainda melhor e nos serviu mais humildemente. Saiu conosco e fez perguntas a vários homens rudes e exaltados, que também deviam ser bons sujeitos, não fossem tão sedentos. Eles falaram, xingaram e esbravejaram um bocado de coisas que não compreendi, embora possa supor o sentido. Mas mesmo assim nos contaram tudo que queríamos saber.

"Explicaram-nos ali mesmo que, ontem à tarde, por volta das cinco, veio um homem apressado. Um sujeito alto, magro e pálido, com um nariz comprido e dentes muito brancos, e olhos que pareciam em chamas. Estava todo de preto, exceto por um chapéu de palha que não lhe caía bem nem era apropriado para a hora. Ele mostrou seu dinheiro e fez algumas perguntas rápidas sobre qual navio partiria para o mar Negro e qual seria o destino final. Levaram-no até o escritório e depois até o navio, no qual não embarcou, mas parou na ponta da prancha sobre o porto e pediu que o capitão viesse até ele. Quando disseram que o sujeito pagaria bem, o capitão veio e, embora esbravejasse muito a princípio, acabou concordando com os termos. Em seguida, o homem magro saiu e alguém explicou onde poderia alugar um

cavalo e uma carroça. Ele foi até lá e, pouco depois, apareceu conduzindo ele próprio uma carroça com uma caixa grande. Então desembarcou sozinho a caixa da carroça, embora fossem necessários vários braços para levá-la ao navio. E conversou bastante com o capitão, explicando como e onde sua caixa deveria ser colocada. Mas o capitão não gostou e xingou-o em muitas línguas, dizendo que, se ele quisesse, que embarcasse a caixa e fosse ver ele mesmo onde colocá-la. Mas o homem disse 'não', que não embarcaria naquele momento, pois ainda tinha muito o que fazer. Ao que o capitão retrucou que então era melhor ele se apressar, pois, diabos, o navio iria partir em breve, com mil demônios, depois da maldita maré dos infernos. O homem magro sorriu e disse que, evidentemente, ele deveria zarpar quando achasse melhor, mas que seria uma surpresa se partisse tão depressa. O capitão esbravejou de novo, xingou, poliglota, e o magro sujeito fez-lhe uma mesura e agradeceu, dizendo que abusaria de sua bondade e embarcaria antes da partida. Por fim, o capitão, mais vermelho do que nunca e ainda em mais línguas, disse que não queria nenhum maldito francês, entre outras pechas, em seu maldito navio. E assim, depois de perguntar onde poderia comprar formulários de embarque, partiu.

"Ninguém soube dizer aonde fora o 'maldito mimado', como o chamaram, pois todos tinham mais o que pensar do que se preocupar com aquele, ora, maldito, outra vez. Afinal, logo ficou claro para a tripulação que o *Czarina Catherine* não partiria tão cedo quanto eles esperavam. Uma neblina rala começou a se acumular, vinda do rio, e em pouco tempo cresceu bastante. Até que um denso nevoeiro envolveu o navio e tudo à sua volta. O capitão xingou, poliglota, muito poliglota, com muitos malditos e desgraçados, mas nada podia fazer. A água subiu cada vez mais, e ele começou a ficar com medo de perder a maré. Não estava de bom humor quando, na maré cheia, o homem magro apareceu na prancha de novo e pediu para ver onde a caixa havia sido guardada. O capitão respondeu que queria que ele e sua caixa, acompanhados de muitas maldições e bravatas, fossem para o inferno. Mas o homem magro não se ofendeu e desceu com o imediato, viu onde a caixa fora colocada, voltou ao convés e ficou ali parado algum tempo, observando o nevoeiro. Deve ter descido sozinho, pois ninguém mais o viu. Na verdade, não pensaram mais nele, pois logo o nevoeiro começou a se desfazer, e em pouco tempo tudo estava aberto outra vez. Meus amigos sedentos e usuários da língua das maldições e das pragas deram risada ao contarem como os xingamentos do capitão foram ainda além de seus termos poliglotas e ficaram mais pitorescos

quando, ao perguntar a outros marinheiros que subiam e desciam o rio naquela hora, descobriu que muitos nem sequer haviam visto o nevoeiro, exceto quando estava pairando sobre a doca. Seja como for, o navio partiu na maré vazante e, pela manhã, sem dúvida, já estava longe, rio abaixo. Quando nos relataram tudo isso, a embarcação já alcançara o mar aberto.

"E assim, minha cara madame Mina, é por isso que precisamos descansar um pouco, pois nosso inimigo está no mar, com o nevoeiro sob seu comando, em sua rota rumo ao delta do Danúbio. Viajar de navio leva tempo, por mais veloz que seja a embarcação. Vamos seguir por terra, mais depressa, e o encontraremos lá. Nossa melhor chance é alcançá-lo quando estiver dentro da caixa entre a aurora e o crepúsculo. Assim, não vamos ter de lutar e poderemos lidar com ele do modo apropriado. Temos alguns dias, durante os quais poderemos preparar nosso plano. Sabemos aonde ele está indo. Porque estivemos com o dono do navio, que nos mostrou todos os documentos e as ordens de serviço existentes. A caixa que procuramos vai ser desembarcada em Varna e entregue a um agente, um certo Ristics,[238] que vai estar lá para apresentar suas credenciais, e assim, nosso colega da marinha mercante terá feito a sua parte. Quando perguntou se havia algum problema, pois poderia telegrafar para Varna e pedir que se fizesse uma investigação, respondemos que 'não', afinal o que temos a fazer não é serviço para a polícia ou para a alfândega. Deve ser feito por nós apenas, sozinhos, e à nossa maneira."

Quando o dr. Van Helsing terminou de falar, perguntei-lhe se tinha certeza de que o conde estava mesmo a bordo do navio:

– Temos a melhor prova, a sua própria evidência durante o transe hipnótico, hoje pela manhã.

Perguntei-lhe mais uma vez se era mesmo necessário que eles perseguissem o conde, pois, oh!, estou com medo que Jonathan vá embora, e sei que ele certamente irá, se os outros forem. O professor me respondeu com uma paixão crescente, a princípio em voz baixa. Conforme prosseguia, contudo, foi ficando cada vez mais irritado e incisivo, até que, por fim, só se via um pouco do domínio pessoal que fizera dele um mestre entre os homens.

– Sim, é necessário, necessário, muito necessário! Primeiro pelo seu próprio bem, e depois pelo bem da humanidade inteira. Este monstro já fez muito mal, no estreito raio de ação em que se move e no pouco tempo em que era só um corpo levando sua parca figura pela treva e a ignorância. Tudo isso contei a eles. A senhora, minha cara madame Mina, vai saber pelo fonógrafo de meu amigo John ou pelo registro de seu marido. Contei-lhes como a

decisão de deixar sua terra inóspita, deserta de gente, e vir para uma nova terra em que a vida humana brota em multidão feito trigo alto foi um trabalho de séculos. Se outro morto-vivo como ele tentasse fazer o que fez, talvez nem todos os séculos do mundo, passados ou futuros, adiantariam. Neste caso específico, todas as forças da natureza que são ocultas e profundas e fortes devem ter agido juntas de algum modo magnífico. O próprio local em que viveu como morto-vivo por todos esses séculos é repleto de estranhezas do mundo geológico e químico. Existem lá cavernas profundas e fendas que alcançam ninguém sabe aonde. E vulcões, cujas aberturas ainda emitem águas de estranhas propriedades, e gases que matam ou vivificam. Sem dúvida, tem algo de magnético ou elétrico em algumas dessas combinações de forças ocultas que agem sobre a vida física de um modo estranho, e nele mesmo há, desde o princípio, algumas grandes qualidades. Em seu tempo, difícil e beligerante, foi celebrado como dono de nervos de ferro, do cérebro mais sutil e do coração mais corajoso do que qualquer outro homem. Nele, algum princípio vital, de um modo estranho, encontrou expressão máxima. E assim como seu corpo se mantém forte e cresce e prospera, também seu cérebro cresceu. Tudo isso sem o diabólico auxílio que certamente encontrou, pois ele precisa se submeter aos poderes que emanam do bem e que são simbólicos do bem. E agora eis o que é para nós. Ele a infectou, oh, perdoe-me, minha cara, mas preciso dizê-lo, pois é pelo seu bem que estou falando. Ele a infectou de tal modo que, mesmo que não volte a fazê-lo, basta que a senhora viva como antes sua doce existência, e com o tempo, com a morte, que é o quinhão comum do homem, com a sanção divina, vai se tornar o que ele é. E isto não pode acontecer! Juramos juntos que não. Assim sendo, somos ministros do desejo de Deus: de que o mundo e os homens por quem Seu Filho morreu não sejam entregues aos monstros cuja própria existência O difama. Ele nos permitiu redimir já uma alma, e seguiremos, como os antigos cavaleiros das Cruzadas, para redimir outras mais. Como eles, viajaremos na direção do sol nascente. E como eles, se falharmos, cairemos por uma boa causa.

Ele fez uma pausa, e eu perguntei:

– Mas será que o conde não aprendeu com a nossa reação? Uma vez que foi expulso da Inglaterra, será que não vai evitar voltar, como o tigre faz com a aldeia que um dia o rechaçou?

– Ah! – respondeu ele. – Sua imagem do tigre é muito boa, e passarei a usá-la. Esse devorador de homens, como na Índia chamam o tigre que já provou sangue humano, não se interessa mais por outra caça, mas espreita

incessantemente até conseguir mais homens. Este que rechaçamos de nossa aldeia é um tigre também, um devorador de homens, e jamais vai deixar de espreitar.[239] Não, não é próprio dele se retirar e permanecer afastado. Durante sua vida, sua existência em vida, foi à fronteira da Turquia e atacou o inimigo na própria terra turca. Foi obrigado a recuar, mas parou? Não! Voltou e depois tornou a voltar mais e mais vezes. Veja como é persistente e resistente. Com o cérebro infantil que tinha, havia muito tempo que concebia a ideia de vir para uma cidade grande. E o que ele faz? Encontra o lugar do mundo que lhe parece mais promissor. Então deliberadamente se prepara para essa tarefa. Descobre pacientemente o tamanho de sua força e quais são seus poderes. Estuda novas línguas. Aprende uma nova vida social, novos cenários de velhos costumes, a política, a lei, a finança, a ciência, os hábitos de uma nova terra e de um povo novo que surgiu nesse tempo de sua existência. Esse vislumbre só fez acender seu apetite e aumentar seu desejo. Mais que isso, ajudou seu cérebro a crescer, pois provava que ele estava certo em suas premissas. Ele fez tudo isso sozinho, tudo sozinho! A partir de um mausoléu arruinado em uma terra esquecida. O que mais não poderá fazer quando o mundo do pensamento mais vasto se abrir para ele? Ele que é capaz de sorrir para a morte, como bem sabemos. Capaz de florescer em meio às doenças que matam povos inteiros. Oh! Se alguém assim viesse de Deus, e não do Diabo, que prodigiosa força para o bem não poderia ser neste nosso velho mundo! Mas juramos libertar o mundo. Nossa tarefa deve ser silenciosa, e nossos esforços, secretos. Pois nesta era esclarecida em que os homens não acreditam nem no que veem, a dúvida dos mais sábios seria a maior força do vampiro. Seria ao mesmo tempo sua bainha, sua armadura e sua arma para nos destruir, para destruir seus inimigos, que estão dispostos a arriscar as próprias almas pela segurança de alguém que amam. Pelo bem da humanidade, e pela honra e a glória de Deus.

Depois de uma discussão geral, resolvemos que nada seria decidido em definitivo naquela noite. Que deveríamos esperar até o dia seguinte e pensar melhor. Amanhã, vamos nos reunir de novo no desjejum e, depois de compartilhar as conclusões a que cada um de nós chegou, vamos adotar uma linha de ação definitiva.

Sinto uma paz e uma serenidade magníficas esta noite. Como se uma presença que me assombrava tivesse sido removida. Talvez...

Não concluí minhas suposições, nem poderia; pois vi no espelho a marca

vermelha em minha testa e lembrei que ainda sou impura.

DIÁRIO DO DR. SEWARD

5 de outubro – Acordamos cedo, e creio que o sono fez bem a todos nós. Quando nos encontramos para o desjejum havia mais entusiasmo do que esperávamos sentir novamente.

É uma verdadeira maravilha a resiliência da natureza humana. Basta que seja removida qualquer obstrução, seja qual for, da maneira que seja, até pela morte, e voltamos rapidamente aos princípios fundamentais da esperança e do prazer. Mais de uma vez, conforme estávamos sentados à mesa, arregalei os olhos de espanto, me perguntando se os últimos dias não teriam sido apenas um sonho. Apenas quando vi de relance a mancha vermelha na testa da sra. Harker fui trazido de volta à realidade. Mesmo agora, quando repasso gravemente a questão, é quase impossível conceber que o motivo de toda a nossa aflição ainda exista. Até a sra. Harker parece esquecer suas aflições durante longos períodos. Apenas de vez em quando algo lhe traz essa lembrança, e ela pensa na terrível cicatriz. Em meia hora, vamos nos reunir outra vez, aqui em meu escritório, para decidir os próximos passos. Por enquanto, vejo apenas uma dificuldade imediata, e mesmo assim sei disso apenas por instinto, e não pelo uso da razão. Agora, temos de falar tudo abertamente; e, no entanto, de alguma maneira misteriosa, receio que a sra. Harker não vai conseguir dizer nada. *Sei* que ela tem suas próprias conclusões, e por tudo o que já aconteceu posso imaginar como devem ser brilhantes e verdadeiras. Mas não vai dizer nada ou não vai conseguir expressá-las. Comentei isso com Van Helsing, e vamos tratar do assunto novamente quando ficarmos a sós. Suponho que seja aquele veneno horrível instilado em suas veias que começou a fazer efeito. O conde tinha seus propósitos quando deu a ela o que Van Helsing chamou de "batismo de sangue do vampiro". Bem, pode existir um veneno destilado a partir de coisas boas. Em uma época na qual a existência das ptomaínas[240] é um mistério, não devemos nos espantar com nada! De uma única coisa tenho certeza, que se meu instinto estiver certo sobre as ausências da pobre sra. Harker, então teremos uma dificuldade terrível, um perigo desconhecido na tarefa que temos diante de nós. O mesmo poder que a impele ao silêncio pode obrigá-la a falar. Nem quero pensar além disso, pois fazê-lo seria desonrar em pensamento uma mulher nobre!

Van Helsing vai aparecer em meu escritório um pouco antes dos outros. Vou tentar abordar o assunto com ele.

Mais tarde – Quando o professor chegou, conversamos sobre o estado das coisas. Pude notar que tinha algo em mente que queria me contar, mas hesitava em abordar o assunto. Depois de alguns rodeios, disse de repente:

– Amigo John, nós dois precisamos conversar sobre uma coisa sozinhos, pelo menos a princípio. Depois, talvez precisemos confiar nos outros. – Então ele parou, e eu fiquei esperando. Até que retomou: – Madame Mina, nossa pobre querida madame Mina, está se transformando.

Um calafrio percorreu meu corpo diante da confirmação de meus piores medos. Van Helsing continuou:

– Com a triste experiência da srta. Lucy, a esta altura devemos ficar atentos antes que seja tarde demais. Nossa tarefa agora na verdade é mais difícil do que nunca, e essa nova aflição torna cada hora ainda mais importante. Posso ver as características do vampiro surgindo no rosto dela. Por enquanto é algo ainda muito, muito sutil. Mas pode-se ver, se tivermos olhos para reparar bem, sem preconceito. Seus dentes estão mais afiados, e, às vezes, seus olhos estão mais duros. Mas isso não é tudo, ela anda cada vez mais calada, dada a silêncios, o mesmo que aconteceu com a srta. Lucy. Não tem falado, apenas datilografa aquilo que gostaria que soubéssemos depois. Agora meu medo é este: se ela, durante nosso transe hipnótico, pode nos contar tudo o que o conde vê ou escuta, será que ele, que a hipnotizou primeiro, que bebeu seu sangue e a fez beber do dele, não é capaz também, se quiser, de obrigá-la a revelar a ele tudo o que sabe?

Aquiesci. Ele continuou:

– Então o que precisamos fazer é evitar que isso aconteça. Ela não pode saber de nossas intenções, de modo que não possa contar a ele o que não sabe. Trata-se de uma missão dolorosa! Oh, tão dolorosa que parte meu coração só de pensar, mas é preciso que seja assim. Quando nos encontrarmos, vou ter de dizer a ela que, por um motivo que não podemos revelar, ela não deve mais tomar parte nas nossas reuniões, mas, simplesmente, ser protegida por nós.

Ele enxugou a testa, que porejava em profusa transpiração ao pensar na dor que infligiria àquela pobre alma já tão torturada. Estava certo de que seria algum alívio para ele saber que eu também havia chegado à mesma conclusão. Pois, pelo menos, afastaria a dor da dúvida. Contei isso a ele, e o efeito foi

como o previsto.

Está quase na hora de nossa reunião geral. Van Helsing saiu para se preparar para o doloroso papel que vai ter de desempenhar. A bem da verdade, creio que sua intenção era rezar sozinho.

Mais tarde – Logo no início da reunião um grande alívio pessoal foi sentido por Van Helsing e por mim. A sra. Harker havia enviado um recado pelo marido dizendo que não participaria da reunião, pois achava melhor que ficássemos à vontade para discutir nossos movimentos sem sua presença a nos constranger. O professor e eu nos entreolhamos por um instante e, de alguma forma, ambos nos sentimos aliviados. Da minha parte, achava que se a sra. Harker se desse conta do risco com os próprios olhos, tanto a dor quanto o perigo seriam minimizados. Sob tais circunstâncias, concordamos, por meio de um olhar inquisitivo e um dedo sobre os lábios como resposta, conservar nossas suspeitas em silêncio, até que pudéssemos conversar a sós novamente. Partimos logo para o plano de ação. Van Helsing deu início, expondo rapidamente os fatos:

– O *Czarina Catherine* deixou o Tâmisa ontem pela manhã. Seguindo na máxima velocidade em que jamais navegou, deve levar pelo menos três semanas para chegar a Varna. Mas nós podemos viajar por terra para o mesmo lugar em três dias. Ora, se somarmos a isso dois dias de viagem por mar, devido a influências do clima como as que sabemos que o conde é capaz de comandar, e se considerarmos mais um dia e uma noite para os atrasos que podem ocorrer em terra, então temos uma margem de cerca de duas semanas. Assim, para agirmos com a máxima cautela, devemos partir, o mais tardar, no dia 17. Dessa forma, chegaremos a Varna no mínimo um dia antes do navio, com tempo para realizar todos os preparativos necessários. Claro que devemos estar todos armados, armados contra coisas malignas, tanto espirituais, quanto físicas.

Nesse ponto, Quincey Morris acrescentou:

– Sei que o conde vem de um país de lobos e pode ser que consiga chegar lá antes de nós. Proponho que acrescentemos Winchesters[241] ao nosso armamento. Tenho uma certa confiança na minha Winchester nesse tipo de situação. Você se lembra, Art, quando estávamos com aquele bando atrás de nós em Tobolsk? O que não daríamos por um rifle de repetição cada um!

– Muito bem! – concordou Van Helsing. – Que venham as Winchesters.

Quincey tem sempre a cabeça no lugar, sobretudo em se tratando de caça, embora minha metáfora seja uma desonra maior para a ciência do que o perigo que os lobos podem representar para o homem. Enquanto isso, nada poderemos fazer aqui. E como imagino que Varna não seja uma cidade conhecida de nenhum de nós, por que não partirmos para lá o quanto antes? Tanto faz esperar aqui como lá. Hoje à noite e amanhã preparamos tudo, em seguida, se tudo estiver bem, nós quatro podemos partir.

– Nós quatro? – questionou Harker, olhando para nós.

– Evidentemente! – respondeu logo o professor. – Você deve continuar aqui cuidando de sua doce esposa!

Harker ficou calado por um tempo, por fim disse em voz cava:

– Falemos sobre isso depois. Quero conversar com Mina.

Achei que era a hora de Van Helsing alertá-lo para não revelar nosso plano à esposa, mas ele não se deu conta disso. Olhei fixamente para o professor e pigarreei. Em resposta ele levou o dedo aos lábios e saiu.

Diário de Jonathan Harker

5 de outubro, à tarde – Por algum tempo, depois da reunião pela manhã, não consegui raciocinar. As novas fases das coisas deixaram minha mente em um estado de espanto que não dá espaço à reflexão. A determinação de Mina de não participar da discussão me fez pensar. E como não consegui conversar sobre o assunto com ela, só pude fazer suposições. Estou mais distante do que nunca de uma solução agora. O modo como os outros reagiram também me intrigou. Da última vez que conversamos sobre isso concordamos que não haveria mais segredo entre nós. Mina está dormindo agora, calma e docemente como uma garotinha. Seus lábios estão entreabertos e seu semblante resplandece de felicidade. Graças a Deus, ainda existem momentos assim para ela.

Mais tarde – Como tudo isso é estranho! Fiquei sentando, observando Mina dormir, e cheguei perto de me sentir feliz também, como imagino que nunca mais serei. Com o anoitecer, à medida que a terra ia ganhando suas sombras do poente, o silêncio do quarto ficou cada vez mais solene. De repente, Mina abriu os olhos e, olhando para mim com carinho, pediu:

– Jonathan, quero que você me prometa uma coisa e me dê sua palavra de honra. Uma promessa que você vai fazer a mim, mas que vai se tornar sagrada aos ouvidos de Deus, e que não deve ser quebrada ainda que eu me ajoelhe e implore com lágrimas amargas. Depressa, prometa logo.

– Mina – respondi –, uma jura assim não pode ser feita abruptamente. Talvez eu não tenha direito de prometer.

– Mas, meu amado – argumentou ela, com tanta intensidade espiritual que seus olhos pareciam duas estrelas polares –, sou eu quem está pedindo. E não peço por mim. Pode perguntar ao dr. Van Helsing se não estou com a razão. Se ele discordar, faça como quiser. Não, mais do que isso, se depois vocês todos concordarem, você vai estar livre da sua jura.

– Prometo! – afirmei, e, por um momento, ela pareceu extremamente feliz. Embora para mim toda a felicidade de minha esposa fosse negada pela cicatriz vermelha em sua testa. Ela prosseguiu:

– Prometa que não vai me contar nada sobre a campanha armada contra o conde. Nem por palavra, inferência ou implicação. Por todo o tempo em que isto durar na minha testa! – E apontou solenemente a cicatriz. Vi que estava falando sério e repeti com reverência:

– Prometo! – E, ao dizê-lo, senti que, naquele momento, uma porta se fechava entre nós.

Mais tarde, meia-noite – Mina se mostrou entusiasmada e contente a noite toda. Tanto que todos os demais nos sentimos encorajados, como que infectados de alguma forma por sua alegria. Como resultado, até mesmo senti como se o dossel da melancolia que pesa sobre nós fosse retirado de alguma maneira. Todos fomos nos deitar mais cedo. Mina agora está dormindo como uma criancinha. É uma maravilha que sua capacidade de adormecer continue intacta em meio a sua terrível aflição. Graças a Deus, pois pelo menos ela pode esquecer suas preocupações. Quem sabe o exemplo dela não me afeta como sua alegria nos afetou hoje à noite? Vou tentar dormir. Oh! Que venha um sono sem sonhos.

6 de outubro, pela manhã – Outra surpresa. Mina acordou cedo, por volta da mesma hora de ontem, e me pediu que trouxesse o dr. Van Helsing. Pensei que seria para outra sessão de hipnose e, sem questioná-la, fui chamar o professor. Ele evidentemente esperava tal chamado, pois o encontrei vestido em seu

quarto. Sua porta estava entreaberta, de modo que escutou quando abri a porta de nosso quarto e veio imediatamente. Ao entrar, perguntou a Mina se os outros poderiam vir também.

– Não – respondeu ela, simplesmente –, não vai ser necessário. Você pode contar a eles depois. Tenho que ir com vocês nessa viagem.

O dr. Van Helsing teve o mesmo sobressalto que eu. Depois de uma pausa breve, perguntou:

– Mas por quê?

– Vocês precisam me levar junto. Vou estar mais segura com vocês, e vocês também estarão mais seguros.

– Mas por quê, cara madame Mina? A senhora sabe que sua segurança é nosso dever mais solene. Vamos correr riscos aos quais a senhora é, ou pode vir a ser, mais vulnerável do que qualquer um de nós... dadas as circunstâncias... as coisas que aconteceram. – Ele fez uma pausa constrangido.

Ao responder, Mina ergueu o dedo e apontou para a própria testa:

– Eu sei disso. É por isso que preciso ir junto. Posso lhe dizer agora, enquanto o sol está nascendo. Talvez não consiga depois. Sei que quando o conde me quiser vou ter de atender ao seu chamado. Sei que se me disser para chegar em segredo, vou fazer de tudo para obedecer-lhe, posso até enganar Jonathan.

Deus sabe a expressão que ela fez ao se virar para mim enquanto falava, e, se existe mesmo um Anjo Registrador, esse olhar garantiu a ela honras eternas. Só consegui apertar sua mão. Não consegui falar. Minha emoção foi forte demais até mesmo para o alívio das lágrimas. Ela prosseguiu:

– Vocês, homens, são corajosos e fortes. São fortes em número, pois são capazes de desafiar aquilo que derrotaria a resistência humana de alguém que precisasse se proteger sozinho. Além do mais, posso lhes ser útil, uma vez que o senhor pode me hipnotizar e descobrir coisas que nem eu mesma sei.

O dr. Van Helsing respondeu gravemente:

– Madame Mina, a senhora, como sempre, é a mais sábia de todos nós. A senhora então virá conosco. E juntos vamos alcançar o que nos propomos a fazer.

Depois que ele disse isso, outro longo período de silêncio de Mina me fez olhar para ela. Estava recostada no travesseiro, dormindo. Nem despertou quando abri a cortina e deixei a luz do sol inundar o quarto. Van Helsing fez sinal para que eu saísse com ele discretamente. Fomos até o quarto dele, e, um

minuto depois, lorde Godalming, o dr. Seward e o sr. Morris também estavam conosco. Ele relatou o que Mina dissera e prosseguiu:

– Partiremos pela manhã, rumo a Varna. Agora temos de lidar com um novo fator: madame Mina. Oh, mas se trata de uma alma muito sincera. Para ela, é uma agonia nos contar tudo isso que admitiu. Mas está certa, e fomos avisados a tempo. Não podemos desperdiçar nenhuma oportunidade e, em Varna, devemos estar prontos para agir assim que o navio aportar.

– O que vamos fazer, exatamente? – perguntou o sr. Morris, lacônico.

O professor fez uma pausa, antes de responder:

– Primeiro, temos de embarcar naquele navio. Depois, quando tivermos identificado a caixa, colocar um galho de rosa silvestre sobre ela. Então, amarrar o galho, pois ele não consegue sair da caixa enquanto o galho estiver preso a ela, pelo menos segundo a superstição. E, a princípio, temos de acreditar na superstição. Era a fé do homem nos primórdios e tem suas raízes na própria fé. Por fim, quando tivermos a oportunidade que estamos procurando, quando não houver ninguém por perto, vamos abrir a caixa, e… e vai ficar tudo bem.

– Não vou esperar oportunidade nenhuma – disse Morris. – Quando encontrar a caixa, vou abri-la e destruir o monstro, nem que mil homens estejam observando, e nem que eu seja atirado para fora do navio no momento seguinte!

Agarrei a mão dele instintivamente e descobri que era firme como um pedaço de aço. Creio que ele entendeu meu olhar. Espero que tenha entendido.

– Bom menino – disse o dr. Van Helsing. – Menino corajoso. Quincey é o próprio homem. Deus o abençoe por isso. Meu filho, acredite, nenhum de nós vai ficar parado ou recuar diante de temor algum. Estou dizendo o que podemos fazer… o que devemos fazer. Mas, a bem da verdade, no fundo, não somos capazes de dizer o que vamos fazer exatamente. Muitas coisas podem acontecer, de modos e finalidades tão variados que, até chegar o momento, não temos como prever. Vamos estar armados, em todos os sentidos. E quando chegar a hora de exterminá-lo, nossos esforços se farão presentes. Agora, vamos colocar todos os nossos assuntos em ordem. Resolver tudo o que concerne aos nossos outros entes queridos, que contam conosco. Pois nenhum de nós sabe o que, ou quando, ou como isso terminará. Quanto a mim, meus próprios assuntos estão resolvidos, e como não tenho mais nada a fazer, vou tomar as providências relativas à viagem. Comprar as passagens e assim por

diante.

Não havia mais nada a dizer, e nos separamos. Vou resolver meus assuntos mundanos e me preparar para o que der e vier.

Mais tarde – Tudo pronto. Meu testamento está feito, tudo completo. Mina, caso sobreviva, será minha única herdeira. Caso não seja assim, então outras pessoas que foram muito boas conosco vão ficar com tudo.

O sol já está se pondo. A inquietação de Mina me chamou atenção para este fato. Tenho certeza de que existe algo em sua mente que será revelado na hora exata do crepúsculo. Essas ocasiões estão se tornando momentos angustiantes para todos nós. Pois cada aurora e cada alvorecer abre a perspectiva de um novo perigo – uma nova dor que, queira Deus, pode ser um instrumento para um bom fim. Escrevo tudo isto porque minha amada não pode ouvir agora. Mas, caso tenha oportunidade de ler isto mais tarde, já deixarei tudo pronto.

Ela está me chamando.

---

234. Possível referência à mão incorpórea descrita em Daniel (5:25), que escreve na parede: "Contado, contado, pesado, dividido", prenunciando a morte do rei dos caldeus.

235. Em francês no original, "duplo sentido"; referindo-se ao "trabalho terreno". Aqui se reforça o mote do *grave duty* (capítulo 15) de Van Helsing como uma *double entente*.

236. Em latim no original: "Tudo que é desconhecido tende a ser magnífico"; citação de *Agrícola* (*c.*98 d.C.), de Tácito.

237. Havia muitos desses ancoradouros ao longo do Tâmisa, que em geral recebiam o nome do proprietário.

238. Nome de família muito comum na Sérvia, na Croácia e na Macedônia. O conde revelará associação com os barqueiros eslovacos e os cavaleiros *szgany*.

239. Para mais sobre o tema, ver a Apresentação a este volume.

240. Do grego *ptoma*, cadáver: substância tóxica formada pela putrefação, geralmente de carne, observada pela primeira vez em 1872 pelo químico italiano Francesco Selmi.

241. A Winchester Repeating Arms Company foi fundada em 1867, em New Haven, nos Estados Unidos; Quincey provavelmente se refere ao modelo de 1873, utilizado por Billy the Kid, Wyatt Earp e Buffalo Bill.

CAPÍTULO 25

DIÁRIO DO DR. SEWARD

11 de outubro, à noite – Jonathan Harker me pediu para escrever isto, pois disse que a tarefa está além de suas forças, e ele deseja guardar um registro exato dos fatos.

Creio que nenhum de nós ficou surpreso quando ele pediu que fôssemos ver a sra. Harker pouco antes do anoitecer. Recentemente, compreendemos que a aurora e o crepúsculo são momentos de peculiar liberdade para ela. Horas em que seu ser anterior se manifesta sem nenhum controle a subjugá-la ou a restringi-la, nem tampouco a incitando a agir. Esse estado de espírito ou condição se inicia cerca de meia hora antes da aurora ou do crepúsculo, propriamente, e dura até o momento em que o sol já nasceu ou em que as nuvens ainda ardem com seus raios que surgem do horizonte. A princípio, ocorre uma espécie de condição negativa, como se alguma amarra fosse solta, e então se segue rapidamente uma absoluta liberdade. Quando, contudo, a liberdade cessa, a transformação rapidamente se reverte ou retorna ao estado anterior, precedido apenas por um acesso de silêncio expectante.

Esta noite, quando nos reunimos, estava algo contida e exibia todos os indícios de um conflito interior. Atribuí isso ao violento esforço que faz ao primeiro sinal desse comportamento. Poucos minutos depois, no entanto, já estava em pleno domínio de si mesma. Então, sinalizando para que o marido sentasse a seu lado no sofá em que estava recostada, fez o restante de nós trazer as cadeiras para perto de si e, tomando a mão do marido, começou:

– Talvez esta seja a última vez em que estaremos aqui, juntos, em liberdade! Sei que você vai ficar sempre ao meu lado, até o fim. – Isso, ela disse dirigindo-se ao marido, cuja mão, como pudemos notar, apertou a dela. – Pela manhã, vamos partir em nossa missão, e só Deus sabe o que pode estar reservado para qualquer um de nós. Vocês terão a bondade de me levar

consigo. Sei que tudo o que homens sinceros e corajosos puderem fazer por uma pobre mulher abatida, cuja alma talvez esteja perdida… não, não, ainda não, mas que de todo modo corre esse risco… vocês vão fazer por mim. Mas vocês devem lembrar que não sou como vocês. Em meu sangue, em minha alma, corre um veneno que pode vir a me destruir, que há de me destruir, a não ser que encontremos algum socorro. Oh, meus amigos, vocês sabem tão bem quanto eu que minha alma está em risco. E embora eu tenha consciência de que existe uma saída para mim, vocês não devem, e eu tampouco, recorrer a ela! – Ela olhou suplicante para cada um de nós, começando e terminando no marido.

– Que saída é essa? – perguntou Van Helsing, em voz rouca. – Que saída é essa, a que não devemos nem podemos recorrer?

– Que eu morra agora, seja pelas minhas próprias mãos ou de outrem, antes que o mal maior me domine inteiramente. Sei, e vocês também, que se eu estivesse morta vocês poderiam e acabariam libertando meu espírito imortal, da mesma forma que fizeram com minha pobre Lucy. Se a morte, ou o medo da morte, fosse a única coisa que estivesse no caminho, eu não hesitaria em morrer agora, entre amigos que me amam. Mas a morte não é tudo. Não posso acreditar que morrer neste caso, quando existe uma esperança diante de nós e uma missão amarga a ser cumprida, seja a vontade de Deus. Portanto, da minha parte, abro mão aqui da certeza do descanso eterno e saio no escuro onde podem estar as coisas mais negras deste mundo ou do mundo inferior!

Ficamos todos calados, pois sabíamos instintivamente que aquilo era apenas um prelúdio. Todos estavam com os rostos sérios, e o semblante de Harker adquiriu uma palidez acinzentada. Talvez tenha adivinhado melhor do que qualquer um de nós o que viria pela frente. Sua esposa continuou:

– Esta é a minha contribuição à colação de bens.[242] – Não pude deixar de notar a destoante expressão jurídica que escolheu usar num momento como aquele, e com toda seriedade. – E a de vocês? Suas vidas, já sei – continuou rapidamente –, isso é fácil para homens corajosos. Suas vidas pertencem a Deus, e vocês podem devolvê-las a Ele, mas o que vão oferecer mim? – Ela voltou a nos encarar inquisitivamente, mas desta vez evitou o marido. Quincey pareceu entender e assentiu, e o rosto dela se iluminou. – Vou lhes dizer francamente o que quero, pois não deve haver nada de dúbio nesta conexão entre nós agora. Vocês devem me prometer, cada um de vocês, até mesmo você, meu amado esposo, que se chegar o momento, vão me matar.

– E quando vai ser o momento? – A voz era de Quincey, mas soou baixa e aflita.

– Quando se convencerem de que estou tão transformada que estarei melhor morta do que viva. Quando eu estiver morta na carne, então vocês, sem delongas, cravem uma estaca no meu peito e cortem fora a minha cabeça, ou façam o que for necessário para que eu descanse!

Quincey foi o primeiro a se levantar depois da pausa. Ele se ajoelhou diante dela e, tomando sua mão, disse solenemente:

– Não passo de um sujeito bruto, que talvez não tenha vivido como um homem deveria para conquistar tamanha distinção, mas juro à senhora, por tudo o que é mais sagrado e caro para mim, que quando chegar o momento, não vou hesitar diante do dever que a senhora nos impõe. E prometo também que só agirei na certeza, pois na dúvida posso supor que é chegado o momento a qualquer hora!

– Meu verdadeiro amigo! – foi tudo o que ela conseguiu dizer entre copiosas lágrimas, enquanto se inclinava e beijava a mão dele.

– Juro a mesma coisa, minha cara madame Mina! – prometeu Van Helsing.

– Eu também! – acrescentou lorde Godalming, ambos ajoelhando, um de cada vez, diante dela, ao fazerem seu juramento.

Em seguida, foi a minha vez. Por fim, o marido se virou para ela, triste e com uma palidez esverdeada, disfarçada pela brancura de neve de seus cabelos, e perguntou:

– E eu devo também fazer essa promessa, oh, minha esposa?

– Você também, meu mais amado – respondeu ela, com um infinito anseio por compaixão em sua voz e em seus olhos. – Você não pode recuar. Você é o ser mais íntimo e o mais amado para mim no mundo inteiro. Nossas almas foram entretecidas em uma única, para toda a vida e para todo o sempre. Pense, querido, que houve uma época em que homens corajosos matavam suas esposas e suas mulheres para evitar que elas caíssem nas mãos do inimigo. As mãos deles não hesitaram, porque aquelas que eles amavam imploraram para que as matassem. Era um dever dos homens para com suas amadas, naqueles tempos de árduas provações! E, oh, meu querido, se for preciso que eu enfrente a morte pelas mãos de alguém, que seja pela mão daquele que mais me ama. Dr. Van Helsing, não esqueci sua compaixão no caso da pobre Lucy para com aquele que a amava… – ela parou e corou subitamente, então alterou a frase: – Para com aquele que mais direito tinha a lhe conceder a paz definitiva. Se isso acontecer de novo, conto com o senhor para fazer disso uma lembrança feliz de meu marido, que seja a mão amorosa dele a que me

libertará da pavorosa provação que estou passando.

– Mais uma vez, prometo! – veio a voz retumbante do professor.

A sra. Harker sorriu, positivamente, e, ao se recostar, soltou um suspiro de alívio e acrescentou:

– E agora, uma palavra de alerta, um alerta que vocês não devem esquecer jamais. Esse momento, se vier, pode ser rápido e inesperado. Nesse caso, não haverá tempo a perder diante da oportunidade. Nessa hora, eu mesma posso… não! Se isso acontecer, *vou estar* ao lado de seu inimigo contra vocês.

Em seguida, tornou-se muito solene ao dizer:

– Mais um pedido. Não é vital e necessário como o primeiro, mas quero que vocês façam uma coisa por mim, se puderem.

Todos aquiescemos em silêncio. Não havia necessidade de falar.

– Quero que seja lida a Oração dos Mortos.[243] – Mina foi interrompida por um gemido grave do marido. Tomando a mão dele, ela a pousou sobre o coração e continuou: – Quero que você leia essa oração para mim um dia. Qualquer que seja o desfecho desse pavoroso estado de coisas, será um doce pensamento para todos ou para alguns de nós. Espero que você, meu adorado, leia, pois assim a oração vai permanecer com a sua voz para sempre em minha memória, haja o que houver!

– Mas, oh, minha amada – implorou ele –, a morte ainda está longe de você.

– Não – contestou ela, erguendo a mão em alerta. – Estou mais afundada na morte neste momento do que se sete palmos de terra pesassem sobre mim!

– Oh, minha esposa, tenho mesmo que ler? – perguntou, antes de começar.

– Seria um consolo para mim, meu esposo! – foi tudo o que ela disse, e ele se pôs a ler quando ela lhe estendeu o livro de orações.

Como poderei – como qualquer um poderia – relatar aquela estranha cena, sua solenidade, sua desolação, sua tristeza, seu horror e, contudo, sua doçura? Até mesmo um cético, que não enxerga nada além de um arremedo da amarga verdade em qualquer coisa sagrada ou emocional, teria o coração derretido ao ver aquele pequeno grupo de amigos amorosos e dedicados se ajoelhar à volta daquela dama abatida e triste; ou ao ouvir a terna paixão da voz do marido, enquanto em tom alquebrado e emotivo que muitas vezes o obrigava a se interromper, lia a simples e bela oração funerária. Não encontro mais as… palavras… e… minha voz… está falhando!

Mina estava certa em seu instinto. Por estranho que fosse, por mais bizarro que pudesse parecer, depois daquilo sentimos a poderosa influência da oração, que nos consolou bastante. E o silêncio, que indicou que a sra. Harker voltava ao estado posterior à liberdade de sua alma, não nos pareceu tão cheio de desespero quanto temíamos que fosse.

Diário de Jonathan Harker

15 de outubro, Varna – Partimos de Charing Cross na manhã do dia 12, alcançamos Paris na mesma noite e embarcamos nos lugares reservados para nós no Expresso do Oriente.[244] Viajando noite e dia, chegamos aquipor volta das cinco horas da tarde. Lorde Godalming foi ao Consulado ver se havia algum telegrama para ele, enquanto o restante de nós viemos para este hotel, o Odessus. A viagem pode ter apresentado alguns incidentes. De todo modo, eu estava ávido demais para seguir em frente, para me importar com isso. Enquanto o *Czarina Catherine* não aporta, nada mais me interessa em todo este vasto mundo. Graças a Deus, Mina está bem e parece estar se fortalecendo. Sua cor está voltando. Tem dormido bastante. Dormiu praticamente a viagem toda. Antes da aurora e do crepúsculo, contudo, sempre se mostra desperta e atenta. E se tornou um hábito de Van Helsing hipnotizá-la nesses momentos. A princípio, foi preciso algum esforço, e ele teve de fazer muitos gestos diante dela. Mas agora Mina parece ceder imediatamente, como que acostumada, e quase nenhum movimento é necessário. Nesses momentos em particular, o professor parece possuir um poder de simplesmente desejar, e os pensamentos dela obedecerem. Van Helsing sempre pergunta o que ela está vendo e ouvindo. A resposta à primeira pergunta é:

– Nada, está tudo escuro.

E à segunda:

– Ouço o bater das ondas contra o casco do navio, e a água passando. Velas, cordame, mastros e vergas rangem.[245] O vento está forte… Ouço-o nas velas, e a proa a se chocar contra a espuma.

É evidente que o *Czarina Catherine* ainda está no mar, navegando rumo a Varna. Lorde Godalming acabou de voltar. Recebeu quatro telegramas, um para cada dia desde que partimos, e todos dizendo a mesma coisa. Que o *Czarina Catherine* não se reportou ao Lloyd's de nenhum porto. Antes de

sairmos de Londres, ele deixara combinado que seu agente lhe enviaria, todos os dias, um telegrama com notícias sobre o navio, mesmo que não houvesse nada a reportar, assim teria certeza de que havia alguém atento do outro lado do cabo.

Jantamos e fomos dormir cedo. Amanhã vamos encontrar o vice-cônsul e tomar providências, se possível, para embarcar no navio assim que ele aportar. Van Helsing disse que o melhor será subirmos a bordo entre a aurora e o crepúsculo. Mesmo que assuma a forma de um morcego, o conde não é capaz de cruzar água corrente por vontade própria, portanto não vai poder sair do navio. Como não vai ousar se transformar em homem sem despertar suspeitas, algo que evidentemente pretende evitar, deve permanecer dentro da caixa. Se, então, pudermos subir a bordo depois que o sol nascer, estará à nossa mercê, pois vamos poder abrir a caixa e exterminá-lo, como fizemos com a pobre Lucy, antes que ele acorde. A misericórdia que terá de nós não vai lhe adiantar muito. Creio que não vamos ter problemas com os oficiais ou com os marinheiros. Graças a Deus, este é um país em que o suborno pode tudo, e estamos bem providos de dinheiro. Só precisamos garantir que o navio não entre no porto entre o crepúsculo e a alvorada sem que sejamos avisados, e estaremos seguros. O Juiz Propina deve resolver esse caso, espero!

16 de outubro – Os relatos de Mina continuam iguais. Ondas batendo e água passando, escuridão e ventos favoráveis. O tempo, evidentemente, está a nosso favor, e, quando tivermos notícias do *Czarina Catherine*, estaremos prontos. O navio deve necessariamente passar pelo estreito de Dardanelos, e vamos receber um aviso.

17 de outubro – Agora está tudo bem preparado, creio, para recebermos o conde na volta dessa sua excursão. Godalming disse aos armadores que achava que a caixa embarcada poderia conter algo que havia sido roubado de um amigo seu, e obtivera o consentimento tácito para abri-la por conta própria. O proprietário lhe dera um papel dizendo ao capitão para lhe oferecer todas as facilidades para fazer o que bem entendesse a bordo, e também uma autorização semelhante a seu funcionário em Varna. Estivemos com esse funcionário, que ficou muito impressionado com os modos gentis com que Godalming o tratou, e ficamos todos satisfeitos em saber que ele vai fazer tudo o que puder para realizar nossos desejos. Já combinamos como proceder

quando abrirmos a caixa. Se o conde estiver lá dentro, Van Helsing e Seward vão cortar fora sua cabeça e cravar a estaca no coração. Morris, Godalming e eu vamos evitar qualquer interferência externa, mesmo que tenhamos de usar as armas que levaremos conosco. O professor disse que se conseguirmos fazer isso com o corpo do conde, ele logo se transformará em pó. Assim, não deve haver provas contra nós, caso seja levantada alguma suspeita de assassinato. Mas mesmo que isso não aconteça, temos de nos manter firmes ou perecer em nossa ação, e talvez algum dia este relato sirva de prova a nosso favor a ser interposta entre alguns de nós e a ponta de uma corda. Quanto a mim, aproveitarei a oportunidade com toda gratidão, caso aconteça. Não vamos deixar pedra sobre pedra na realização de nosso intento. Combinamos com alguns oficiais que, no instante em que o *Czarina Catherine* for avistado, seremos informados por um mensageiro especial.

24 de outubro – Hoje completamos uma semana de espera. Nos telegramas diários a Godalming, sempre a mesma história. "Nenhuma comunicação." As respostas hipnóticas de Mina pela manhã e à tarde continuam as mesmas. Ondas batendo, água passando, mastros rangendo.

TELEGRAMA DE RUFUS SMITH, DO LLOYD'S DE LONDRES, PARA LORDE GODALMING, AOS CUIDADOS DO VICE-CÔNSUL BRITÂNICO EM VARNA

24 de outubro

Czarina Catherine avistado esta manhã no estreito de Dardanelos.

DIÁRIO DO DR. SEWARD

25 de outubro – Que falta me faz meu fonógrafo! Escrever um diário com caneta é irritante demais! Mas Van Helsing disse que é preciso. Ontem ficamos todos entusiasmados quando Godalming recebeu seu telegrama do Lloyd's. Sei agora o que sentem os homens durante uma batalha quando ouvem o chamado para a ação. De nosso grupo, apenas a sra. Harker não demonstrou sinal de emoção. Afinal, não é estranho que seja assim, pois tomamos precaução para

que não ficasse sabendo de nada a respeito e tentamos não expressar nossa euforia em sua presença. Em outros tempos, ela, sem dúvida, teria percebido, por mais que tentássemos disfarçar. Mas mudou muito nas últimas três semanas. Sua letargia é cada vez maior, e, embora aparente estar forte e bem, com alguma cor de volta ao rosto, Van Helsing e eu não estamos satisfeitos. Conversamos bastante sobre ela. Mas não dissemos nada aos outros. Se o pobre Harker soubesse de nossas suspeitas sobre o assunto, seu coração ficaria partido, e ele sem dúvida perderia a coragem. O professor me disse que, durante o transe hipnótico, examinou atentamente os dentes dela, pois, segundo ele, enquanto não ficarem bem pontiagudos não há risco efetivo de uma transformação nela. Se essa transformação acontecer, será necessário tomar providências! Ambos sabemos que providências são essas, embora não tenhamos confessado nossos pensamentos um ao outro. Nenhum de nós vai recuar da tarefa, por pavoroso que seja contemplá-la. "Eutanásia" é uma palavra excelente e consoladora! Sou grato a quem quer que a tenha inventado.

No ritmo em que o *Czarina Catherine* veio desde Londres, faltam apenas cerca de vinte e quatro horas do estreito de Dardanelos até aqui. Ele deve, portanto, chegar pela manhã, mas como é possível que chegue antes do meio-dia, resolvemos nos recolher mais cedo. Acordaremos a uma hora, para nos prepararmos.

25 de outubro, meio-dia – Nenhuma notícia da chegada do navio. O relato da hipnose da sra. Harker hoje cedo foi o mesmo de sempre, de modo que é possível que tenhamos novidades a qualquer momento. Nós, os homens, estamos febris de excitação, exceto Harker, que está calmo. Suas mãos estão frias como gelo, e uma hora atrás encontrei-o afiando a grande *gurkha*[246] que agora leva sempre consigo. Será uma péssima perspectiva para o conde se a lâmina dessa *kukri* encostar em seu pescoço movida por aquela mão austera e gelada!

Van Helsing e eu ficamos hoje um pouco preocupados com a sra. Harker. Por volta do meio-dia, ela entrou em uma espécie de letargia de que não gostamos nada. Embora não tenhamos comentado com os outros, nenhum de nós ficou feliz com aquilo. Pela manhã, estava agitada, de modo que, a princípio, ficamos contentes de saber que havia adormecido. Mas quando o marido comentou casualmente que estava mergulhada num sono tão profundo que ele não conseguira acordá-la, fomos ao quarto dela para ver com os próprios olhos. Estava respirando naturalmente e parecia tão bem e serena que

concordamos que dormir era mesmo a melhor coisa naquele momento. Pobrezinha, tem tanto para esquecer que não é de estranhar que durma, se lhe traz o esquecimento, se lhe faz bem.

Mais tarde – Nossa opinião se confirmou, pois quando ela acordou depois de um sono restaurador de algumas horas, parecia entusiasmada, melhor do que nos últimos dias. Ao anoitecer, fez seu relato hipnótico de sempre. Onde quer que esteja no mar Negro, o conde segue às pressas para o seu destino. Para seu fim, espero!

26 de outubro – Mais um dia sem notícias do *Czarina Catherine*. Já deveria estar aqui a esta altura. Parece que ainda está no mar navegando, pelo relato da hipnose da sra. Harker dessa madrugada. É possível que o navio esteja esperando passar um nevoeiro. Alguns dos marinheiros mercantes que chegaram ontem à noite relataram trechos de nevoeiro a norte e a sul do porto. Devemos continuar vigiando, pois o navio pode ser avistado a qualquer momento.

27 de outubro, meio-dia – É muito estranho. Até agora, nenhum sinal do navio que aguardamos. A sra. Harker relatou na noite passada e hoje cedo o mesmo de sempre. "Ondas batendo e água passando", embora tenha acrescentado que "as ondas estavam muito fracas". Os telegramas de Londres foram também os mesmos: "nenhuma nova comunicação". Van Helsing está terrivelmente angustiado e me disse agora que tem medo de que o conde escape. Ele acrescentou muito sério:

– Não gostei dessa letargia da madame Mina. As almas e as lembranças podem fazer coisas estranhas durante o transe.

Quis lhe perguntar mais sobre isso, mas Harker entrou, e ele ergueu a mão em alerta. Devemos tentar fazê-la falar mais hoje ao anoitecer, durante a hipnose.

TELEGRAMA DE RUFUS SMITH, DE LONDRES, PARA LORDE GODALMING, AOS CUIDADOS DO VICE-CÔNSUL BRITÂNICO EM VARNA

28 de outubro

Czarina Catherine avistado entrando em Galatz[247] à uma hora de hoje.

DIÁRIO DO DR. SEWARD

28 de outubro – Creio que o telegrama anunciando a chegada do navio em Galatz não tenha sido um choque tão grande para nenhum de nós como se poderia esperar. É bem verdade que não sabíamos ao certo onde, como ou quando esse raio cairia, mas imagino que todos já esperávamos que algo estranho iria acontecer. O atraso da chegada a Varna havia deixado claro que as coisas não correriam conforme o esperado. Só estávamos aguardando para saber onde se daria a mudança de planos. De todo modo, foi uma surpresa. Creio que a natureza funcione de tal esperançosa maneira que acreditamos, apesar de nós mesmos, que as coisas serão como devem ser, e não como sabemos que vão ser. O transcendentalismo[248] é um farol para os anjos, ainda que seja mero fogo-fátuo para o homem. Van Helsing ergueu a mão sobre a cabeça por um momento, como quem se dirige ao Todo-Poderoso. Mas não disse nada e, segundos depois, levantou-se com a expressão grave. Lorde Godalming ficou muito pálido e sentou com a respiração pesada. Também fiquei um tanto atordoado e olhei espantado para eles. Quincey Morris apertou o cinto com aquele movimento ágil que eu conhecia tão bem. Em nossos velhos tempos de viagem aquilo significava "ação". A sra. Harker adquiriu uma palidez macabra, de modo que a cicatriz na testa parecia estar queimando, mas juntou as mãos humildemente e olhou para cima em oração. Harker abriu – de fato – um sorriso sombrio e amargo de quem não tem mais esperanças, mas ao mesmo tempo sua atitude desmentiu suas palavras, pois instintivamente suas mãos buscaram o cabo da grande faca *kukri* e ali ficaram.

– A que horas é o próximo trem para Galatz? – perguntou Van Helsing a todos nós.

– Às seis e meia da manhã! – Ficamos surpresos, pois a resposta veio da sra. Harker.

– Como a senhora pode saber disso? – indagou Art.

– Você se esquece, ou talvez não saiba, mas Jonathan sabe e o dr. Van Helsing também, que sou aficionada por trens. Em Exeter, sempre conferia as tabelas de horários, para ser útil ao meu marido. Isso foi tão conveniente em

alguns casos, que passei a fazê-lo sempre. Sabia que, se por algum motivo, precisássemos ir até o castelo Drácula deveríamos passar por Galatz, ou pelo menos por Bucareste, então decorei minuciosamente os horários das partidas. Infelizmente não há muitos trens, pois o único amanhã é esse das seis e meia.

– Que maravilha de mulher! – murmurou o professor.

– Não podemos alugar um trem especial?[249] – perguntou lorde Godalming.

Van Helsing balançou a cabeça:

– Receio que não. Este país é muito diferente do seu ou do meu. Mesmo que alugássemos um especial, provavelmente não chegaria antes do trem comum. Mais do que tudo, precisamos preparar nossas coisas. Precisamos pensar. Vamos nos organizar. Você, amigo Arthur, vá até a estação e compre as passagens e apronte tudo para partirmos pela manhã. Você, amigo Jonathan, vá até o agente do navio e obtenha dele cartas para o funcionário em Galatz, nos autorizando a fazer uma busca no navio, como as que temos aqui. Quincey Morris, vá visitar o vice-cônsul e peça que interceda junto a seu colega em Galatz e tudo o mais que ele puder fazer para facilitar nosso acesso, para que não percamos tempo ao longo do Danúbio. John, fique aqui com madame Mina e comigo, pois precisamos consultar um ao ou outro. Pois se passar muito tempo vocês podem chegar atrasados. E não haverá problema quando anoitecer, pois vou estar aqui com madame para obter seu relato.

– E eu – completou a sra. Harker, entusiasmada e mais parecida consigo mesma do que vinha conseguindo se manter por mais do que um dia – vou tentar ser útil por todos os meios e pensar e escrever para vocês, como costumava fazer. Algo está mudando em mim de uma maneira estranha, e me sinto mais livre do que ultimamente!

Os três homens mais jovens ficaram mais felizes no momento, pois pareciam compreender o significado daquelas palavras. Van Helsing e eu, porém, nos encaramos com expressões graves e perturbadas. De todo modo, nada dissemos na hora.

Quando os três saíram para realizar suas atribuições, Van Helsing pediu à sra. Harker para verificar a cópia dos diários e localizar para ele a parte do diário de Harker no castelo. Ela foi buscar; assim que a porta se fechou, ele me disse:

– Tivemos a mesma ideia! Diga!

– Acho que houve uma mudança. É uma esperança que me preocupa, pois pode ser ilusória.

– Justamente. Sabe por que pedi que ela trouxesse o diário?

– Não! – respondi. – A não ser que seja para ter uma oportunidade de conversar comigo a sós.

– Você está em parte certo, amigo John, mas apenas em parte. Queria lhe dizer uma coisa. E, oh, meu amigo, estou correndo um risco muito grande, um risco terrível. Mas acho que estou certo. Na hora em que madame Mina disse aquelas palavras que nós dois entendemos, tive uma inspiração. No transe de três dias atrás, o conde enviou seu espírito para ler a mente dela. Ou melhor, ele a levou para vê-lo dentro da caixa de terra no navio, com a água passando, nos momentos em que está livre, ao nascer e ao pôr do sol. Ele sabe então que estamos aqui, pois ela tem mais para contar em sua vida ao ar livre, com olhos para ver e ouvidos para ouvir, que ele, trancado como está, em seu caixão. Agora ele fez seu maior esforço para escapar de nós. Neste momento, ele não a quer. Está seguro com seu grande conhecimento de que ela vai atender ao seu chamado. Mas cortou o contato com ela, como é capaz de fazer, graças a seu poder, para que ela não venha até ele. Ah! Eis a minha esperança de que nossos cérebros de homem, humanos há tanto tempo, que não perderam a graça de Deus, irão mais alto do que o cérebro infantil dele que jaz em sua tumba há séculos, que não alcança ainda a estatura do nosso, e que só age visando a si próprio e, portanto, é pequeno. Aí vem madame Mina. Não diga nada sobre o transe! Ela não sabe e ficaria arrasada e desesperada num momento em que precisamos de toda a sua esperança, toda a sua coragem, quando mais precisamos de seu grande cérebro que é treinado como o de um homem, embora seja de uma doce mulher e possua um poder especial que o conde deu a ela, e que ele não pode extirpar totalmente, ainda que não saiba disso. Silêncio! Deixe que eu fale e aprenda. Oh, John, meu amigo, estamos em maus lençóis. Estou com medo, como nunca estive antes. Só podemos confiar no bom Deus. Silêncio! Lá vem ela!

Achei que o professor estava prestes a desabar e ter um ataque histérico, como tivera na morte de Lucy, mas, num grande esforço para se controlar, ele serenou plenamente os nervos quando a sra. Harker entrou no quarto, entusiasmada e feliz, esquecendo-se aparentemente da própria desgraça. Quando entrou, estendeu uma quantidade de folhas datilografadas para Van Helsing. Ele passou a vista nas páginas, e seu rosto voltou a se animar com o que leu.

Então, segurando as folhas entre o indicador e o polegar, disse:

– Amigo John, para você que já tem tanta experiência, e a senhora também,

cara madame Mina, que é mais jovem, eis uma lição. Nunca tenham medo de pensar. Um pensamento incompleto vem zumbindo em meu cérebro, mas receio que perca suas asas. Aqui, agora, com mais conhecimento, volto ao ponto em que esse pensamento incompleto se iniciou e vejo que não estava incompleto. Que era um pensamento completo, só que ainda muito jovem, que ainda não estava forte o bastante para usar suas asas tão pequenas. Pois, como o "Patinho Feio" de meu amigo Hans Andersen,[250] meu pensamento não era um patinho coisa nenhuma, mas um grande cisne, que singra nobremente com asas enormes, até chegar a hora de usá-las. Vou ler o que Jonathan escreveu:

"'Aquele outro de sua raça que eras depois inúmeras vezes atravessou com suas tropas para a terra turca, que, quando foi obrigado a recuar, tornou a insistir, de novo e de novo, ainda que tivesse de voltar sozinho do campo sangrento onde suas tropas eram massacradas, já que sabia que sozinho seria capaz do triunfo final.'

"O que isso nos revela? Pouco? Não! O pensamento infantil do conde não enxerga nada, por isso ele fala tão livremente. Seu raciocínio de homem não enxerga nada. Meu raciocínio de homem não enxergava nada, até agora. Não! Mas eis que chegam palavras de alguém que fala sem pensar porque ela também não sabe o que isso quer dizer, o que *pode* significar. Da mesma forma que existem elementos que repousam e, no entanto, no curso da natureza se movem e se tocam, e *puf*! Eis que surge um raio de luz, do tamanho do céu, que cega e mata e destrói algo. Mas isso exibe toda a terra abaixo por léguas e léguas. Não é verdade? Bem, vou explicar. Para começar, vocês já estudaram filosofia criminal? 'Sim' e 'Não'. Você, John, já estudou, pois é um estudo da insanidade. A senhora, não, madame Mina, pois não lida com o crime, exceto por esta vez. Ainda assim sua mente funciona normalmente e não procura *particulari ad universale*.[251] Existe uma peculiaridade nos criminosos. É algo tão constante, em todos os países e em todos os tempos, que até a polícia, que não se interessa muito por filosofia, acaba aprendendo, empiricamente, que ela *existe*. Isso é ser empírico. O criminoso sempre trabalha em um crime, isto é, o criminoso que parece predestinado ao crime e que não faz outra coisa da vida. Esse criminoso não possui um cérebro de adulto inteiramente desenvolvido. Ele é inteligente, astuto e engenhoso, mas não é um adulto do ponto de vista cerebral. Tem, por assim dizer, um cérebro infantil. Ora, este nosso criminoso é também predestinado ao crime. Também possui um cérebro infantil, e é mesmo coisa de criança agir como tem agido. O passarinho, o peixinho, os pequenos bichos não aprendem por princípio, mas empiricamente.

E quando ele aprende algo, então conquista um ponto de apoio para fazer mais. '*Dos pou sto*', disse Arquimedes. 'Dême um ponto de apoio, e moverei o mundo!'[252] Fazer uma primeira vez é o ponto de apoio a partir do qual o cérebro infantil se torna um cérebro adulto. E enquanto ele tiver o propósito de fazer mais, ele vai continuar fazendo a mesma coisa de novo e sempre, tal como já fez antes! Oh, minha cara, vejo que seus olhos estão arregalados, e que para a senhora o clarão do relâmpago revela todas as léguas da terra.

Pois a sra. Harker havia começado a bater palmas, e seus olhos reluziram. Ele prosseguiu:

– Agora me diga. Diga a estes dois velhos homens da ciência o que a senhora enxerga com esses olhos tão brilhantes.

O professor tomou a mão da sra. Harker e a segurou enquanto a ouvia, mantendo o indicador e o polegar próximos do pulso de uma forma que me pareceu instintiva e inconsciente.

– O conde é um criminoso, um típico criminoso. Nordau e Lombroso[253] também o classificariam assim, e mais do que criminoso ele é um criminoso dono de uma mente malformada. Assim, diante da dificuldade, tem de recorrer aos próprios hábitos. Seu passado é uma pista; e a única página dele que conhecemos, fornecida a nós por seus próprios lábios, diz que, uma vez, quando ele se encontrava no que o sr. Morris chamaria de uma "enrascada", voltou para o próprio país da terra que tentara invadir e, sem esmorecer em seu propósito, preparou-se para uma nova tentativa. Voltou mais bem equipado para sua tarefa e venceu. Então veio para Londres invadir um novo território. Foi derrotado e, quando toda esperança de sucesso estava perdida e sua existência corria perigo, fugiu pelo mar de volta para casa. Como outrora fugira, de volta pelo Danúbio, das terras da Turquia.

– Bom, muito bom! Oh, a senhora é uma dama tão inteligente! – exclamou Van Helsing, entusiasmado, erguendo-se e beijando-lhe a mão.

No momento seguinte, ele me disse, calmamente, como se estivéssemos no quarto de um doente em consulta:

– Setenta e dois apenas, e mesmo com toda essa excitação. Tenho esperanças.

Virando-se novamente para ela, acrescentou com aguda expectativa:

– Mas continue. Não pare! A senhora tem mais coisas para me contar se quiser. Não tenha medo. John e eu já sabemos. Em todo caso, vou lhe dizer se está certa. Fale sem medo!

– Vou tentar. Mas me perdoe se pareço muito egoísta.

– De modo nenhum! Não tenha medo. A senhora precisa ser egoísta, pois é na senhora que estamos pensando.

– Enfim, ele é um criminoso e, como tal, um egoísta. E como seu intelecto é escasso, e suas ações se baseiam em egoísmo, aferra-se a um propósito. Um propósito sem remorsos. Da mesma forma que fugiu pelo Danúbio, deixando suas tropas serem despedaçadas, seu único intento agora é se safar, em detrimento de tudo o mais. Assim, seu próprio egoísmo libertou minha alma de alguma forma do terrível poder que ele adquiriu sobre mim naquela noite pavorosa. Posso sentir! Oh, posso sentir! Graças a Deus, por Sua infinita piedade! Minha alma está mais livre agora como nunca esteve desde aquela funesta ocasião. E o único receio que me assombra neste momento é não saber se, em algum transe ou sonho meu, ele não terá utilizado meus conhecimentos a seu favor.

O professor interveio:

– Ele de fato usou sua mente, e por isso nos deixou aqui em Varna, enquanto o navio que o levava sumiu no nevoeiro e apareceu em Galatz, onde, sem dúvida, havia feito preparativos para fugir de nós. Mas sua mente infantil só previu até aí. E pode ser que, como sempre ocorre, em se tratando da Providência Divina, justamente o que o malfeitor considera, em seu egoísmo, seu maior trunfo, se revele seu principal ponto fraco. O caçador cai na própria armadilha, como diz, em outras palavras, o grande salmista[254] Pois agora que está livre de nós e que escapou há tantas horas, imagino que seu cérebro infantil o mande dormir. Ele ainda acha que, como cortou a conexão que permitia conhecer sua mente, a senhora não terá mais como acessar os conhecimentos dele. Aí é que se engana! Aquele terrível batismo de sangue deu à senhora acesso espiritual a ele, como tem demonstrado em seus momentos de liberdade, quando o sol nasce e quando o sol se põe. Nessas horas, a senhora age segundo a minha vontade e não segundo a dele. E este poder que beneficia tanto a senhora quanto outros, a senhora conquistou a partir de seu sofrimento nas mãos dele. Isto é agora ainda mais precioso, porque ele não sabe e, para se proteger, cortou o acesso ao conhecimento de nossa localização. Nós, no entanto, não somos egoístas e acreditamos que Deus está conosco em meio às trevas e nessas longas horas escuras. Vamos atrás dele e não vamos hesitar, mesmo que corramos o risco de nos tornarmos como ele. Amigo John, esta foi uma hora grandiosa e nos fez avançar bastante em nosso caminho. Você deve registrar e escrever tudo isso, para que quando

os outros voltem de sua tarefa você possa mostrar a eles, e eles vão saber o mesmo que nós.

E assim redigi isto aqui enquanto esperávamos pelos outros, e a sra. Harker passou a limpo em sua máquina de escrever tudo o que ocorrera desde que veio nos trazer as últimas páginas datiloscritas.

---

242. Termo jurídico que se refere ao direito de sucessão, segundo o qual para receber uma parte de uma herança os herdeiros doam seus bens a um fundo comum, a partir do qual se faz a distribuição entre as partes.

243. "A oração para o sepultamento dos mortos", do *Livro de orações* (1549) da liturgia da igreja anglicana, que começa com: "Eu sou a ressurreição e a vida, disse o Senhor: aquele que acreditar em mim, mesmo que esteja morto, viverá: e todo aquele que viver e acreditar em mim não morrerá nunca."

244. Serviço de trem entre Paris e Viena, criado por George Nagelmackers, dono da Compagnie Internationale des Wagons-Lits, em 1882, e no ano seguinte estendido até Istambul, na Turquia. Duas vezes por semana, o trem ia de Paris a Viena e depois seguia por Budapeste, Bucareste e Giurgiu (também na Romênia), de onde se tomava uma balsa pelo Danúbio até Ruse, na Bulgária, e outro trem que completava a rota, por mais sete horas, para Varna, onde uma barca por fim atravessava o mar Negro até Istambul.

245. Novamente a nomenclatura náutica de Mina parece influência do conhecimento do conde telepata. Verga é a peça de madeira ou metal em que é fixada a parte superior da vela.

246. Outro nome para a faca *kukri* de Jonathan; ver nota 231.

247. Em romeno, Galaţi: principal cidade do principado da Moldávia durante a segunda metade do séc.XIX, na Romênia.

248. Seward talvez se refira ao transcendentalismo americano de Ralph Waldo Emerson (1803-82), autor de *Nature* (1836), e Henry David Thoreau (1817-62), autor de *Walden* (1854), caracterizado pela crítica ao intelectualismo em favor da intuição.

249. Na Inglaterra vitoriana, era possível alugar um trem especial para o destino pretendido por cerca de cinco xelins cada milha, mediante os quais se tinha direito a um vagão de primeira classe e uma locomotiva leve.

250. Hans Christian Andersen (1805-75), escritor dinamarquês autor de contos de fadas conhecidos no mundo inteiro – como "O Patinho Feio", "A Pequena Sereia" e "A pequena vendedora de fósforos" –, aparentemente foi amigo de Van Helsing cerca de vinte anos antes do momento da narrativa (que se dá por volta de 1893).

251. Em latim no original, "inferir um universal do particular", ou seja, formular uma regra geral a partir de um caso específico.

252. A citação completa de Arquimedes (*c*.290 a.C.-212 a.C.) seria "*Dos moi pou sto Kai ten gen kineso*". Em grego no original.

253. O médico húngaro Max Nordau (1849-1923) e o criminologista e médico italiano Cesare Lombroso (1835-1909) defenderam o atavismo dos criminosos, que não teriam evoluído além da natureza selvagem de nossos antepassados para a civilização. Em *O homem delinquente* (1876), Lombroso descreve anormalidades físicas e mentais de "criminosos natos". Nordau, em *Degeneração* (1892), adota as ideias de Lombroso e conclui que diversos artistas da época, como Charles Baudelaire e Algernon Charles Swinburne, teriam "cérebros degenerados"; suas ideias foram incorporadas pelo regime nazista.

254. Em Salmos 5:10 as palavras são “Condena-os, ó Deus! Caiam eles em suas próprias tramas”.

CAPÍTULO 26

DIÁRIO DO DR. SEWARD

29 de outubro – Isto foi escrito no trem de Varna a Galatz. Ontem à noite, nos reunimos pouco antes da hora do crepúsculo. Cada um de nós havia feito seu trabalho da melhor forma possível; e, em termos de reflexão, empenho e oportunidade, estamos preparados para completar nossa jornada e nosso trabalho quando chegarmos a Galatz. Na hora de sempre, a sra. Harker se preparou para sua sessão de hipnose e, após um longo e demorado esforço da parte de Van Helsing, mais do que costumava ser necessário, mergulhou no transe. Geralmente ela falava mediante sugestões, mas desta vez o professor precisou fazer perguntas, e de maneira bastante resoluta, até conseguir entender alguma coisa. Por fim, a resposta veio:

– Não consigo enxergar nada. Estamos parados. Não há mais ondas batendo, mas apenas um movimento constante e suave de água rodopiando em torno da espia.[255] Ouço vozes de homens gritando, perto e longe, e o roçar e ranger dos remos nas forquetas.[256] Uma arma é disparada algures, e o eco do tiro parece distante. Ouço o tropel de botas sobre minha cabeça, e cordas e correntes sendo arrastadas. O que foi isso? Um clarão de luz. Sinto o ar, o vento soprando sobre mim.

Aqui ela parou. Levantou-se e, impulsivamente, ali mesmo onde estava no sofá, levantou as mãos, com as palmas para cima, como se erguesse um peso. Van Helsing e eu nos entreolhamos e entendemos tudo. Quincey arqueou de leve as sobrancelhas e olhou bem para ela, enquanto a mão de Harker instintivamente se fechou sobre o cabo de sua faca *kukri*. Houve uma longa pausa. Todos sabíamos que o tempo em que ela podia falar estava acabando, mas achamos inútil dizer qualquer coisa. De repente, a sra. Harker se levantou e abriu os olhos, oferecendo suavemente:

– Nenhum de vocês quer uma xícara de chá? Vocês devem estar exaustos!

A única coisa que podíamos fazer era deixá-la feliz, então aquiescemos. Ela se levantou depressa, e, assim que saiu, Van Helsing perguntou:

– Vocês viram, amigos? *Ele* está perto da terra. Saiu de sua caixa. Mas ainda não desembarcou. À noite, pode se esconder em algum lugar, mas se não for carregado para fora do navio, ou se o navio não aportar, não terá como alcançar a terra firme. Nesse caso, pode, ainda durante a noite, mudar de forma e saltar ou voar até o porto, como fez em Whitby. Mas se o dia nascer antes de ele chegar em terra firme, aí, a não ser que seja carregado, não poderá escapar. E se for carregado, os funcionários da alfândega poderão descobrir o que a caixa contém. Assim, em suma, se não escapar para a terra firme hoje à noite, ou antes de amanhecer, terá perdido o dia inteiro. Talvez tenhamos tempo de chegar. Pois se ele não fugir durante a noite, nós o encontraremos em pleno dia, dentro da caixa e à nossa mercê. Pois ele não ousa se mostrar em sua forma verdadeira, acordado e visível, para que não seja descoberto.

Não havia mais nada a dizer, então aguardamos pacientemente o amanhecer, momento em que poderíamos obter mais informações da sra. Harker.

Hoje, de manhã cedo, ouvimos, com angústia sufocante, as respostas dela durante o transe. O estado hipnótico custou ainda mais a ser atingido e, quando começou, o tempo que faltava para o sol surgir era tão curto que ficamos desesperados. Van Helsing aparentemente jogou toda a sua alma nesse esforço. Por fim, em obediência à vontade dele, ela respondeu:

– Está tudo escuro. Ouço bater de água, na altura de onde estou, e rangidos de madeira sobre madeira.

Ela fez uma pausa, e o sol vermelho apareceu. Vamos ter de esperar até anoitecer.

E assim, estamos viajando rumo a Galatz com uma expectativa agonizante. Deveríamos chegar entre duas e três horas da manhã. Mas já alcançamos Bucareste com três horas de atraso, de modo que será impossível estarmos em Varna antes de o sol já estar alto. Portanto, temos ainda duas mensagens hipnóticas da sra. Harker! Talvez uma delas, ou as duas, lance alguma luz sobre o que está acontecendo.

Mais tarde – O sol nasceu e já se pôs novamente. Por sorte, isso se deu em um momento em que não havia distração. Pois se tivesse ocorrido quando

estávamos na estação, talvez não tivéssemos conseguido garantir a tranquilidade necessária ou o isolamento devido. A sra. Harker cedeu à influência hipnótica com ainda mais relutância do que pela manhã. Receio que seu poder de ler as sensações do conde esteja esmorecendo, justamente quando mais precisamos. Parece-me que sua imaginação está começando a agir. Até agora, quando entrava em transe, limitava-se aos fatos mais básicos. Se isso continuar assim, podemos acabar nos perdendo definitivamente. Se a influência do conde sobre ela também diminuísse com a perda do poder que ela tem de saber sobre ele, eu já ficaria feliz. Porém receio que não seja bem assim. Quando ela falou, suas palavras foram enigmáticas:

– Alguma coisa está saindo. Sinto passar por mim feito um vento frio. Posso ouvir, lá longe, sons confusos, como de homens conversando em línguas estrangeiras, água caindo forte, uivos de lobos.

Ela parou e começou a tremer, cada vez mais intensamente por alguns segundos, até que por fim travou o corpo, como que acometida por uma paralisia. Não disse mais nada, mesmo diante das perguntas insistentes do professor. Quando despertou do transe, estava com frio, exausta, lânguida, mas sua mente estava acesa. Não se lembrava de nada, mas perguntou o que havia dito. Quando lhe dissemos, refletiu profundamente por um longo tempo, calada.

30 de outubro, sete horas da manhã – Agora estamos perto de Galatz, e pode ser que eu não tenha tempo de escrever depois. Aguardamos ansiosamente o nascer do sol. Ciente da dificuldade cada vez maior de fazê-la atingir o transe hipnótico, Van Helsing começou a fazer seus gestos mais cedo do que de costume. Contudo, não produziram nenhum efeito até o horário de sempre, quando ela cedeu, com grande relutância, apenas um minuto antes do nascer do sol. O professor não perdeu tempo e começou a perguntar. A resposta veio com a mesma rapidez:

– Está tudo escuro. Ouço a água parada à minha volta, na altura de onde estou, e o ranger de madeira sobre madeira. Ouço gado lá longe. Há também um outro som, um som estranho como o de…

Ela parou e ficou pálida, ainda mais pálida.

– Continue, continue! Fale, eu ordeno! – exigiu Van Helsing com voz aflita. Ao mesmo tempo havia um desespero em seus olhos, pois o sol nascera e avermelhava até mesmo o rosto pálido da sra. Harker. Ela abriu os olhos e

todos nos sobressaltamos quando ela disse, suavemente e aparentando a maior despreocupação:

– Oh, professor, por que me pedir para fazer algo que o senhor sabe que não consigo? Não me lembro de nada.

Então, vendo a expressão de espanto em nossos semblantes, perguntou, dirigindo-se a cada um de nós com um olhar contrariado:

– O que foi que eu disse? O que foi que eu fiz? Não sei de nada, só sei que estava aqui deitada, quase dormindo, e ouvi o senhor dizer "continue, fale, eu ordeno!". E me pareceu engraçado ouvir o senhor me dar ordens, como se eu fosse uma menina má!

– Oh, madame Mina – exclamou ele, tristonho –, isto é prova, se fosse necessária mais alguma prova, de como eu a amo e a venero, o fato de uma palavra dita pelo seu bem, dita da forma mais sincera possível, soar tão estranha, por ter sido uma ordem para aquela a quem orgulhosamente obedeço!

Soaram os apitos. Estamos nos aproximando de Galatz. Ardemos de angústia e avidez.

Diário de Mina Harker

30 de outubro – O sr. Morris me levou para o hotel onde nossos quartos foram reservados por telegrama, sendo ele aquele que seria menos necessário naquele momento, por ser o único que não domina nenhuma língua estrangeira. Os grupos foram divididos da mesma forma que em Varna, com exceção de lorde Godalming, que foi se encontrar com o vice-cônsul, uma vez que seu título poderia garantir o aval imediato do oficial, pois se trata de uma urgência extrema. Jonathan e os dois médicos foram ao escritório da companhia de navegação para apurar detalhes da chegada do *Czarina Catherine*.

Mais tarde – Lorde Godalming voltou. O cônsul não estava, e o vice-cônsul está doente. Então foi atendido por um funcionário, que foi muito solícito, e se colocou à disposição para fazer tudo o que estivesse a seu alcance.

Diário de Jonathan Harker

30 de outubro – Às nove horas, o dr. Van Helsing, o dr. Seward e eu chegamos ao escritório dos srs. Mackenzie & Steinkoff, representantes da empresa londrina Hapgood.[257] Eles haviam recebido um telegrama da matriz em Londres, em resposta ao pedido telegrafado de lorde Godalming de que a filial agisse com a máxima civilidade possível. Mostraram-se mais do que gentis e corteses, e nos levaram diretamente a bordo do *Czarina Catherine*, que estava ancorado no porto do rio. Ali encontramos o capitão, um sujeito chamado Donelson, que nos relatou sua viagem. Disse que, em toda a sua vida, nunca tinha navegado com ventos tão favoráveis.

– Homem de Deus! – exclamou. – Deu até medo, porque achamos que iríamos ter que pagar com um azar desgraçado, para compensar o tempo bom. Não é comum correr assim de Londres ao mar Negro, com o vento o tempo inteiro em popa, como se o Diabo em pessoa soprasse as velas com sua intenção maligna. E sem conseguir enxergar nada. Nem navio, nem porto, nem costa, porque um nevoeiro caiu sobre nós e viajou conosco, e depois que passou e olhamos de novo, não havia nada. Passamos por Gibraltar sem sequer sermos avistados. E até chegarmos ao Dardanelos, quando precisamos esperar autorização, ninguém tampouco nos viu. Primeiro, pensei em soltar as velas e ficar por ali até o nevoeiro passar. Mas depois achei que se o Diabo queria nos levar logo para o mar Negro, acabaria conseguindo, com ou sem a nossa ajuda. Se fizéssemos uma viagem rápida, ficaríamos bem aos olhos do patrão e não prejudicaríamos nossas entregas, e o Velho Bode que seria atendido em seu malefício ficaria grato por não termos atrasado sua vida.[258]

Essa mistura de singeleza e astúcia, de superstição e sensatez comercial, estimulou Van Helsing, que comentou:

– Amigo meu, esse Demônio é mais esperto do que algumas pessoas pensam e sabe quando encontra alguém a sua altura!

O capitão gostou do elogio e prosseguiu:

– Quando passamos pelo Bósforo, os homens começaram a resmungar. Alguns deles, os romenos, vieram pedir para jogar no mar uma caixa grande que havia sido embarcada por um velho esquisito pouco antes de zarparmos de Londres. Eu sabia que estavam de olho no sujeito e que apontavam dois dedos para ele quando o viam, para se proteger contra mau-olhado. Homem de Deus! Como essas superstições estrangeiras são ridículas! Mandei os romenos voltarem depressa ao trabalho, mas, nessa hora, o nevoeiro se fechou à nossa volta, e me senti um pouco como eles sobre aquilo, embora não achasse que fosse por causa daquela caixa enorme. Bem, então fomos em frente, e o

nevoeiro não nos largou por cinco dias, e deixei o vento nos levar, pois se o Diabo queria chegar em algum lugar, bem, ele iria conseguir o que queria. E se não conseguisse, ora, ficaríamos atentos do mesmo jeito. O certo é que seguimos com vento bom e sempre em águas tranquilas. E, há dois dias, quando o sol nasceu por entre a neblina, vimos que estávamos já na boca do rio, chegando a Galatz. Os romenos ficaram bravos e quiseram de todo jeito que eu jogasse a caixa no rio. Tive que argumentar na base do pé de cabra. E quando o último romeno se retirou do convés cobrindo a cabeça com a mão, estavam todos convencidos de que, bom ou mau-olhado, a propriedade e a confiança de meus patrões estavam melhores nas minhas mãos do que no fundo do Danúbio. Já haviam até, veja o senhor, deixado a caixa no convés, pronta para ser jogada no rio, e como estava escrito "Galatz via Varna", achei melhor deixá-la ali mesmo até desembarcarmos no porto e me livrar dela de uma vez. O nevoeiro continuou pelo resto do dia, e precisamos ficar ancorados a noite inteira. Mas quando amanheceu, um dia claro e aberto, uma hora antes de o sol nascer, um homem subiu a bordo com uma ordem de serviço, vinda da Inglaterra, para receber uma encomenda enviada para um certo conde Drácula. Sem dúvida era o encarregado do assunto. Estava com a papelada em ordem, e fiquei contente de me livrar daquela maldita caixa, porque eu mesmo já estava ficando nervoso. Se o Diabo tinha alguma bagagem no navio, acho que só podia ser aquilo!

– Como se chamava o homem que a levou? – perguntou o dr. Van Helsing, com avidez contida.

– Vou lhe dizer já! – respondeu ele, e desceu até sua cabine, voltando com um recibo assinado por "Immanuel Hildesheim".[259] O endereço era Burgen-Strasse, número 16. Concluímos que isso era tudo o que o capitão sabia, então agradecemos e fomos embora.

Encontramos Hildesheim em seu escritório, um típico judeu errante das operetas do teatro Adelphi,[260] com um nariz de carneiro e um fez. Seus argumentos foram pontuados por moedas – nós nos responsabilizamos pela pontuação – e, depois de barganhar, contou-nos o que sabia. Foi algo simples, porém importante. Havia recebido uma carta do sr. De Ville, de Londres, dizendo para buscar, se possível antes de o sol nascer, para evitar a alfândega, uma caixa que chegaria em Galatz a bordo do *Czarina Catherine*. Esta deveria ser levada até um certo Petrof Skinsky,[261] que trabalhava com os eslovacos que fazem comércio do rio até o porto. Ele havia sido pago por esse serviço com uma nota de um banco inglês, que fora sacada em ouro no Danube International

Bank. Quando Skinsky veio procurá-lo, ele o levou até o navio e lhe entregou a caixa, para economizar no transporte. Era só o que sabia.

Fomos então atrás de Skinsky, mas não conseguimos encontrá-lo. Um vizinho, que não parecia nutrir grande afeição por ele, disse que havia dois dias que tinha ido embora, ninguém sabia para onde. Isso foi confirmado pelo senhorio, que recebera por mensageiro a chave da casa e o aluguel devido, em dinheiro inglês, entre dez e onze da noite passada. Estávamos novamente diante de um impasse.

Enquanto conversávamos, chegou alguém correndo e, esbaforido, contou que encontraram o corpo de Skinsky no muro do cemitério de São Pedro, com a garganta cortada, como que atacado por um animal selvagem. As pessoas que falavam conosco saíram às pressas para ver aquele horror, as mulheres aos gritos:

– Isso é coisa daqueles eslovacos!

Afastamo-nos sem demora, para não sermos envolvidos na confusão, e voltamos para o hotel.

No trajeto, não conseguimos chegar a nenhuma conclusão definitiva. Estávamos convencidos de que a caixa estava a caminho, por água, de algum destino, mas ainda precisávamos descobrir qual. Com o coração pesado, chegamos ao hotel e encontramos Mina.

Quando nos reunimos, a primeira questão a resolver foi se Mina deveria participar de novo de nossas conversas. A situação está ficando desesperadora, e essa pelo menos é uma possibilidade, ainda que perigosa. Como primeiro passo preliminar, fui liberado de minha promessa.

Diário de Mina Harker

30 de outubro, à noite – Eles chegaram tão cansados, exaustos e desanimados que não havia nada a fazer enquanto não descansassem um pouco, então pedi a todos que se deitassem por meia hora enquanto eu registrava tudo até o momento. Sinto uma imensa gratidão ao homem que inventou a máquina de escrever portátil, e ao sr. Morris, por me emprestar esta que estou usando. Certamente eu me desviaria do assunto se tivesse de escrever a caneta...

Tudo pronto. Meu querido Jonathan, pobrezinho, o que não deve ter sofrido, o que não deve estar sofrendo agora! Está deitado no sofá, mal

respirando, e todo o seu corpo parece alquebrado. As sobrancelhas franzidas. Seu rosto está tenso de dor. Pobre sujeito, talvez esteja pensando, e posso ver sua face enrugar com a concentração de suas reflexões. Oh! Se pudesse ajudar de alguma maneira… Vou fazer o que puder.

Pedi ao dr. Van Helsing, e ele me passou todos os papéis que eu ainda não tinha visto. Lerei tudo com atenção, enquanto descansam, e talvez possa chegar a alguma conclusão. Tentarei seguir o exemplo do professor e pensar sem preconceito sobre os fatos diante de mim…

Creio que pela providência divina fiz uma descoberta. Vou buscar os mapas e analisá-los…

Estou segura como nunca de estar certa. Minha nova conclusão está escrita, então vou reunir nosso grupo e ler para eles. Eles vão poder julgá-la. É bom que sejamos minuciosos, e cada minuto é precioso.

MEMORANDO DE MINA HARKER (inserido em seu diário)

Bases do inquérito – O problema do conde Drácula é voltar para casa.

(a) Ele deve ser *levado* por alguém. Isto é evidente; pois se tivesse o poder de se deslocar sozinho como bem entendesse poderia ir como homem, lobo, morcego ou sob alguma outra forma. Evidentemente, receia ser descoberto ou sofrer qualquer interferência no estado de desamparo em que deve se encontrar agora, confinado como está, entre a aurora e o crepúsculo, em sua caixa de madeira.

(b) *Como ele deve ser levado?* – Aqui, um processo de exclusão pode nos ajudar. Por terra, por trem ou pelo rio?

1. *Por terra* – Existem incontáveis dificuldades, especialmente ao deixar a cidade:

(x) Há moradores, e o povo é curioso e acaba investigando. Uma suspeita, uma suposição, uma dúvida sobre o que pode haver dentro da caixa, e ele seria destruído.

(y) Existem, ou podem existir, funcionários da alfândega e cobradores de *octroi*[262] pelo caminho.

(z) Seus perseguidores devem estar atrás dele. Este é seu maior medo. E para não ser traído, repeliu, o máximo que pôde, até mesmo sua vítima, eu!

2. *Por trem* – Não há ninguém cuidando da caixa. Ele teria de correr o risco de se atrasar, e, com inimigos no seu encalço, esse atraso poderia ser fatal. É bem verdade que poderia fugir à noite. Mas para onde iria se fosse deixado em terra estranha, sem refúgio em que se esconder? Essa não é a sua intenção, e ele não há de correr esse risco.

3. *Pelo rio* – Eis o modo mais seguro, por um aspecto, porém o mais perigoso, por outro. Na água, ele é impotente, exceto à noite. Mesmo à noite, só tem o poder de atrair nevoeiro, tempestade, neve e seus lobos. Mas caso naufragasse, a correnteza o envolveria, impotente, e ele fatalmente pereceria. Poderia fazer a embarcação ser levada para terra firme, mas em território estrangeiro, onde não possui nenhum direito de estar, sua posição ainda seria desesperadora.

Pelos registros, sabemos que ainda estava em água, de modo que só precisamos descobrir em *quais* águas se encontrava.

A primeira coisa é levarmos em conta o que ele fez exatamente até agora. Poderemos, assim, esclarecer um pouco qual será seu próximo passo.

Em primeiro lugar – Devemos diferenciar o que fez em Londres como parte de seu plano geral de ação, quando estava sem tempo e teve de se arranjar da melhor maneira que conseguiu.

Em segundo lugar – Devemos entender, da melhor maneira que pudermos com os fatos que sabemos, o que ele fez aqui.

Quanto ao primeiro ponto, ele evidentemente pretendia chegar a Galatz, mas enviou a carga com destino a Varna só para nos iludir, para que não soubéssemos com certeza como sairia da Inglaterra. Seu propósito imediato e único era fugir. Prova disso é a carta com as instruções enviadas a Immanuel Hildesheim para liberar e recolher a caixa *antes de o sol nascer*. Há ainda as instruções dadas a Petrof Skinsky. Quanto a essas, só podemos supor, mas deve ter havido alguma carta ou mensagem, já que Skinsky procurou Hildesheim.

Até aí, sabemos que seus planos foram bem-sucedidos. O *Czarina Catherine* fez uma viagem extraordinariamente rápida. Tanto que levantou suspeitas do capitão Donelson. Mas sua superstição, somada a sua astúcia, jogou a favor do conde, e ele veio com ventos favoráveis através de nevoeiros e tudo até chegar às cegas a Galatz. Que os preparativos do conde foram bem

executados, isso está provado. Hildesheim resgatou a caixa, levou-a consigo e a entregou a Skinsky. Skinsky levou a caixa, e aqui perdemos sua pista. Sabemos apenas que está algures sobre a água, em movimento. A alfândega e os coletores de *octroi*, se existiram, foram evitados.

Agora chegamos ao que o conde deve ter feito *em terra firme*, depois de sua chegada a Galatz.

A caixa foi entregue a Skinsky antes do nascer do sol. Quando o sol nasceu, o conde pode ter aparecido em sua forma verdadeira. Aqui, perguntamos: por que Skinsky foi escolhido para ajudá-lo nessa tarefa? No diário de meu marido, ele é mencionado como alguém que trabalha com os eslovacos que fazem comércio do rio até o porto. E o comentário ouvido de que aquele assassinato era coisa de eslovaco demonstrou um ressentimento geral contra sua nacionalidade. O conde buscava isolamento.

Minha hipótese é a seguinte: em Londres, o conde resolveu voltar ao seu castelo pela água, como modo mais seguro e secreto. Ele foi trazido do castelo pelos *szgany*, que provavelmente entregaram a carga aos eslovacos para ser levada até Varna, de onde as caixas foram despachadas para Londres. Isso demonstra que o conde conhecia pessoas que poderiam lhe prestar esse serviço. Quando a caixa estava em terra firme, antes da aurora ou depois do crepúsculo, ele deve ter saído dela, encontrado Skinsky e lhe dado instruções sobre o que fazer e como levá-la por algum rio. Depois disso, quando viu que estava tudo acertado, apagou suas pegadas, ou pensou ter apagado, matando o sujeito contratado.

Examinei o mapa e descobri que os rios mais prováveis para os eslovacos terem subido são o Pruth e o Sereth.[263] Li na transcrição de meu transe que ouvi vacas e água na altura de meus ouvidos, além do ranger de madeira. Portanto, o conde na caixa estava no rio em barco aberto, impulsionado provavelmente por remos ou varas, pois as margens eram estreitas e subiam contra a corrente. Não haveria aqueles sons se estivesse flutuando rio abaixo.

Claro que pode não ser o Sereth nem o Pruth, mas talvez possamos investigar mais. Ora, entre esses dois rios, o Pruth é mais navegável, mas o Sereth, depois de Fundu,[264] junta-se ao Bistritz, que vai até o passo Borgo. Essa curva do rio é evidentemente o mais próximo que se pode chegar por água do castelo Drácula.

DIÁRIO DE MINA HARKER (continuação)

Quando terminei de ler, Jonathan me abraçou e me beijou. Os outros ficaram me cumprimentando, e o dr. Van Helsing disse:

– Nossa querida madame Mina é mais uma vez nossa professora. Seus olhos viram quando os nossos estavam cegos. Agora estamos novamente na pista certa e, desta vez, podemos ter sucesso. Nosso inimigo está mais vulnerável do que nunca. E se conseguirmos alcançá-lo durante o dia, sobre a água, nossa missão estará cumprida. Ele tem alguma vantagem, mas está sem forças para acelerar, já que não pode sair da caixa para não despertar suspeitas em seus portadores. Pois, se desconfiassem de alguma coisa, acabariam atirando a caixa no rio, onde ele pereceria. Disso ele sabe, e não sairá. Agora, homens, ao nosso Conselho de Guerra, pois aqui e agora, devemos planejar cada passo a tomar.

– Vou alugar um barco a vapor para segui-lo – disse lorde Godalming.

– E eu, cavalos para ir por terra, caso ele consiga desembarcar – acrescentou o sr. Morris.

– Muito bem! – observou o professor. – Ambas ótimas ideias. Mas nenhum de vocês pode ir sozinho. É preciso força para combater a força, se for o caso. Os eslovacos são robustos e violentos, e carregam armas brutais.

Todos sorriram, pois também traziam consigo um pequeno arsenal.

O sr. Morris disse:

– Trouxe algumas Winchesters. São muito úteis em multidões, e pode haver lobos. O conde, vocês se lembram, tomou outras precauções. Ele pediu coisas aos eslovacos que a sra. Harker não ouviu ou não entendeu. Devemos estar preparados para tudo.

O dr. Seward acrescentou:

– Acho melhor que eu vá com Quincey. Estamos acostumados a caçar juntos e, nós dois, bem armados, seremos páreo para qualquer coisa que apareça no caminho. Você também não pode ir sozinho, Art. Pode ser necessário lutar contra os eslovacos, e uma estocada, pois não imagino que eles levem armas de fogo, acabaria com nossos planos. Não podemos correr nenhum risco desta vez. Só vamos descansar quando a cabeça e o corpo do conde estiverem separados e tivermos certeza de que ele não pode mais reencarnar.

Ele olhava para Jonathan enquanto falava, e Jonathan olhava para mim.

Pude ver que meu amado estava transtornado. Claro que queria ficar comigo. Mas a missão no barco seria provavelmente a que destruiria o… o… vampiro. (Por que hesito em escrever a palavra?) Ele ficou calado por um tempo, e, durante seu silêncio, o dr. Van Helsing falou:

– Amigo Jonathan, isto cabe a você por dois motivos. Primeiro, porque é jovem, corajoso e capaz de lutar, e, no final, todas as energias podem ser necessárias. Além disso, é seu direito destruí-lo. Destruir aquilo que tanta dor trouxe ao senhor e aos seus. Não se preocupe com madame Mina. Ela vai ficar sob meus cuidados, se eu puder. Sou um velho. Minhas pernas não são tão velozes para correr como já foram. E não estou acostumado a cavalgar longas distâncias ou a caçar como este caso exige, nem lutar com armas fatais. Mas posso prestar outros serviços. Sou capaz de lutar de outra maneira. E posso morrer, se necessário, tão bem quanto um homem mais jovem. Agora, permita que eu diga o que vou fazer. Enquanto você, meu lorde Godalming, e o amigo Jonathan seguem em seu ágil vapor rio acima, e John e Quincey protegem a margem em que ele pode desembarcar, vou levar madame Mina direto para o coração do território do inimigo. Com a velha raposa presa em sua caixa, flutuando sobre água corrente, sem poder fugir para a terra firme e sem ousar abrir a tampa de seu caixão para que os eslovacos apavorados não o atirem na água em que pereceria, vamos seguir os passos de Jonathan, de Bistritz até Borgo, e dali ao castelo Drácula. No castelo, o poder hipnótico de madame Mina certamente vai ser útil, e vamos encontrar o caminho, que, de outro modo, seria escuro e desconhecido, depois do primeiro raio de sol, quando estivermos próximos do local fatídico. Temos muito a fazer e outros lugares para santificar para que aquele ninho de víboras não possa mais ser acessado. – Nesse ponto, Jonathan o interrompeu acaloradamente:

– O senhor quer dizer, professor Van Helsing, que vai levar Mina, em sua triste situação e adoentada como está com a moléstia daquele demônio, direto para as entranhas de seu matadouro? Nem por nada neste mundo! Nem pelo Céu, nem pelo Inferno!

Ele ficou quase sem palavras por um minuto, então prosseguiu:

– O senhor sabe o que é aquele lugar? O senhor viu aquele antro pavoroso de infâmias infernais, aquele luar pulsante de vultos horrendos, em que cada grão de poeira girando no vento é um monstro devorador em embrião? O senhor sentiu os lábios do vampiro em seu pescoço? – Aqui ele se virou para mim e, quando seus olhos se fixaram em minha testa, estendeu os braços com um grito: – Oh, meu Deus, o que fizemos para merecer este terror? – E afundou

no sofá abatido de angústia.

A voz do professor, clara, meiga e num tom que parecia vibrar no ar, nos acalmou:

– Oh, meu amigo, é porque quero salvar madame Mina daquele lugar que preciso ir até lá. Deus me perdoe por ter de levá-la àquele antro. Existe muito trabalho, um trabalho brutal a ser feito antes de conseguirmos purificar aquele lugar. Lembre-se de que estamos em maus lençóis. Se o conde escapar desta vez, e ele é forte, sutil e astuto, pode decidir dormir por mais um século, e então, com o tempo, nossa querida… – ele tomou minha mão – vai acabar se tornando companheira dele, assim como aquelas outras que você, Jonathan, conheceu pessoalmente. Você mesmo nos contou sobre seus lábios maliciosos. Você ouviu a gargalhada voluptuosa que deram quando agarraram o saco que o conde atirou para elas. E estremeceu de medo, e devia mesmo estremecer. Perdoe-me por provocar essa dor, mas é necessário. Meu amigo, não é de fato uma necessidade extrema esta em que estou apostando minha própria vida? Se alguém deve ir para aquele lugar e ali ficar para sempre, serei eu a fazer companhia para ele.

– Faça como o senhor quiser – disse Jonathan, com um soluço que o fez estremecer inteiro. – Estamos nas mãos de Deus!

Mais tarde – Oh, como me fez bem ver o modo como esses homens corajosos trabalhavam. Como pode uma mulher não amar homens que são tão sinceros, verdadeiros e bravos! E isso também me fez pensar no maravilhoso poder do dinheiro! No que o dinheiro pode fazer quando bem empregado. Senti muita gratidão por lorde Godalming ser rico, e tanto ele quanto o sr. Morris, que também tem muito dinheiro, estão dispostos a gastar sem pejo. Pois se não estivessem, esta nossa pequena expedição não poderia sequer ter começado, nem tão rapidamente, nem tão bem-equipada, como acontecerá dentro de uma hora. Há menos de três horas ficou decidido o que cada grupo vai fazer. E lorde Godalming e Jonathan alugaram um adorável barco a vapor, que já está pronto para partir no momento oportuno. O dr. Seward e o sr. Morris arranjaram meia dúzia de bons cavalos, todos de boa linhagem. Todos temos mapas e os diversos tipos de equipamentos que se pode reunir. O professor Van Helsing e eu partiremos no trem das onze e quarenta, hoje à noite, rumo a Vereşti,[265] onde tomaremos uma carruagem até o passo Borgo. Levaremos conosco uma boa quantia em dinheiro trocado, pois vamos precisar comprar uma carruagem e cavalos. Vamos sozinhos, pois não podemos confiar em mais

ninguém nesse caso. O professor sabe diversas línguas, de modo que vamos chegar sem problema. Estamos todos armados, até mesmo eu tenho um revólver grande. Jonathan não ficou satisfeito até que eu estivesse equipada como os demais. Infelizmente, não posso levar uma outra arma que eles portam, pois a cicatriz em minha testa não permite. O dr. Van Helsing me consolou com carinho, dizendo que estou perfeitamente munida, pois deve haver lobos. O tempo está ficando cada vez mais frio com as horas, e breves tempestades de neve vêm e vão como sinais de alerta.

Mais tarde – Precisei reunir toda a minha coragem para me despedir de meu amado. Talvez não nos encontremos nunca mais. Força, Mina! O professor está de olhos atentos em você. A expressão no rosto dele é um aviso. Agora não é hora para lágrimas, a não ser que, queira Deus, sejam de alegria.

Diário de Jonathan Harker

30 de outubro, à noite – Estou escrevendo à luz da fornalha do barco a vapor. Lorde Godalming está alimentando o fogo. Ele é um marinheiro tarimbado, pois há anos tem seu próprio barco no Tâmisa, e outro em Norfolk Broads.[266] Quanto a nossos planos, finalmente concluímos que a suposição de Mina estava correta, e se o conde escolheu voltar para o castelo por algum rio, este seria o Sereth e a confluência com o Bistritz. Imaginamos que o melhor lugar para atravessar o país entre o rio e os Cárpatos seria em torno de quarenta e sete graus de latitude norte. Não temos receio de acelerar rio acima durante a noite. Ele está cheio, e as margens são afastadas o suficiente para que ganhemos vapor e, mesmo no escuro, seja fácil subir em velocidade. Lorde Godalming me disse para descansar um pouco, pois por ora basta um de nós vigiando. Mas não consigo dormir, como poderia diante do terrível perigo que minha amada corre agora, indo para aquele lugar horrível… Meu único consolo é que estamos nas mãos de Deus. Só por essa crença será mais fácil morrer do que viver, e assim ficar livre de toda aflição de uma vez. O sr. Morris e o dr. Seward partiram em sua longa cavalgada antes de nós. Vão cobrir a margem direita, distantes o suficiente para cavalgar por terras mais altas, de onde terão uma vista ampla do rio e evitarão contornar suas curvas. Nas primeiras etapas, dois homens vão acompanhá-los, montando e levando os

cavalos adicionais – quatro ao todo –, para não despertar curiosidade. Quando dispensarem esses homens, o que deve ocorrer em breve, eles seguirão sozinhos levando eles mesmos esses outros cavalos. Pode ser que precisemos unir nossas forças. Assim teremos o grupo inteiro montado. Uma das selas possui patilha móvel e pode ser facilmente adaptada para Mina, caso ela precise montar.[267]

Estamos em uma aventura selvagem. Aqui, correndo no escuro, com o frio do rio, que parece subir e nos atingir, e todas as vozes misteriosas da noite à nossa volta, essa compreensão vem com enorme clareza. É como se estivéssemos à deriva, rumo a lugares desconhecidos e costumes desconhecidos. Adentrando um mundo de coisas obscuras e temidas. Godalming está fechando a portinhola da fornalha…

31 de outubro – Ainda correndo. O dia amanheceu, e Godalming foi dormir agora. Estou de vigia. Faz uma manhã muito fria, o calor da fornalha é bem-vindo, mesmo com nossos casacos grossos de pele. Até agora, passamos apenas por poucos barcos abertos, mas nenhum deles tinha uma caixa a bordo ou nada do tamanho da que procuramos. Os homens ficam assustados todas as vezes em que apontamos nossa lâmpada elétrica para eles, e se ajoelham e rezam.

1º de novembro, à noite – Nenhuma novidade o dia inteiro. Não encontramos nada parecido com o que procuramos. Entramos agora no Bistritz, e se nossas suposições estiverem erradas, teremos desperdiçado essa oportunidade. Abordamos todas as embarcações, grandes ou pequenas. Hoje cedo, um barqueiro nos tomou por um barco do governo e nos tratou com deferência. Vimos nisso uma maneira de facilitar nosso acesso, e assim, em Fundu, onde o Bistritz encontra o Sereth, hasteamos uma bandeira romena que agora está tremulando ao vento. O truque tem funcionado com todos os barcos que abordamos desde então. Somos tratados com respeito, e ninguém faz objeção a nada que perguntamos ou fazemos. Alguns eslovacos nos disseram que um barco grande passou por eles mais depressa do que de costume, pois ia com a tripulação a bordo duplicada. Isso foi antes de eles chegarem a Fundu, então não sabiam se o barco entrou no Bistritz ou continuou subindo o Sereth. Em Fundu, não tivemos notícias do barco, de modo que deve ter passado por ali durante a noite. Estou com muito sono. Talvez o frio esteja começando a agir

sobre mim, e a natureza pede descanso. Godalming insistiu em fazer a primeira vigia. Deus o abençoe por toda a sua bondade com minha pobre amada Mina e comigo.

2 de novembro, de manhã – Já está dia claro. O bom camarada não me acordou. Disse que seria um pecado, pois eu dormia tão pacificamente e parecia ter esquecido minhas angústias. Sinto-me brutalmente egoísta por ter dormido demais e deixá-lo de guarda a noite inteira, mas ele fez o certo. Sou um novo homem esta manhã. E, sentado aqui e vendo-o dormir, posso fazer tudo o que é necessário, tanto alimentar o motor, quanto controlar o leme e ficar de guarda. Sinto que minha força e minha energia estão voltando. Por onde Mina e Van Helsing andarão agora? Iriam chegar a Vereşti por volta do meio-dia da quarta-feira. Levariam algum tempo até conseguir uma carruagem e os cavalos. De modo que, se já partiram e viajaram em bom ritmo, devem estar chegando ao passo Borgo agora. Que Deus os guie e os auxilie! Tenho medo até de pensar no que pode acontecer. Quem dera pudéssemos ir mais depressa. Mas não podemos. Os motores estão trabalhando a todo vapor. Como será que o dr. Seward e o sr. Morris estão se saindo? Parece haver um sem-número de rios descendo das montanhas e desaguando neste rio, mas, como nenhum deles é muito largo – pelo menos por enquanto, embora sem dúvida sejam terríveis no inverno e quando a neve derrete –, nossos cavaleiros talvez não tenham encontrado nenhum obstáculo. Espero estar com eles antes de chegarmos a Strasba.[268] Pois se até lá não tivermos conseguido derrotar o conde, talvez seja necessário que nos consultemos sobre o que fazer em seguida.

Diário do dr. Seward

2 de novembro – Há três dias na estrada. Nenhuma notícia, nem tempo para escrever se houvesse alguma, pois cada momento é precioso. Descansamos apenas o tanto necessário para os cavalos. Mas estamos suportando tudo magnificamente. Nossos dias de aventuras estão se revelando úteis. Devemos seguir em frente. Não ficaremos contentes enquanto não voltarmos a ver o barco a vapor.

3 de novembro – Ficamos sabendo em Fundu que o barco havia subido pelo Bistritz. Quem dera não estivesse tão frio! Há indícios de neve pela frente. E se nevar muito, não vamos poder continuar. Nesse caso, vamos precisar de um trenó para prosseguir, à maneira russa.

4 de novembro – Hoje ficamos sabendo que o barco a vapor precisou parar devido a um acidente, tentando subir uma corredeira. Os barcos eslovacos passaram sem problemas, com ajuda de uma corda e manobrando com conhecimento do rio. Alguns deles subiram poucas horas antes. Godalming é um mecânico amador e deve ter consertado ele mesmo o barco. Por fim, conseguiram subir a corredeira com ajuda local e voltaram à busca. Receio que o barco não esteja muito bem, depois do acidente; os camponeses nos disseram que quando voltou a águas mansas, seguiu parando de tempos em tempos por todo o trecho em que puderam avistá-lo. Precisamos continuar com mais força do que nunca. Nossa ajuda pode ser necessária em breve.

DIÁRIO DE MINA HARKER

31 de outubro – Chegamos a Vereşti ao meio-dia. O professor me contou que hoje quando estava amanhecendo mal conseguiu me hipnotizar, e que eu só fiquei dizendo, "escuro e silencioso". Ele agora foi comprar uma carruagem e cavalos. Disse que depois tentará comprar alguns cavalos sobressalentes, de modo que possamos trocar de montaria no caminho. Temos mais de cem quilômetros pela frente. A paisagem é adorável e muito interessante. Se ao menos estivéssemos em condições diferentes, teria sido delicioso visitar tudo isso. Se Jonathan e eu estivéssemos a passeio sozinhos, que prazer teria sido! Parar e ver as pessoas, aprender algo de suas vidas, e encher nossas mentes de lembranças com todas as cores desse país selvagem, belo e pitoresco e seu povo exótico! Mas, infelizmente, não é o caso.

Mais tarde – O dr. Van Helsing voltou. Trouxe a carruagem e os cavalos. Estamos prestes a jantar alguma coisa e vamos partir dentro de uma hora. A senhoria nos preparou um grande cesto de provisões. Parece ser o suficiente para um batalhão de soldados. O professor a estimula e sussurra para mim que pode ser que fiquemos uma semana sem conseguir outro alimento. Ele também

fez compras e trouxe um magnífico conjunto de peles e todo tipo de roupas quentes. Não há a menor possibilidade de passarmos frio.

Partiremos em breve. Tenho medo de pensar no que pode nos suceder. Estamos realmente nas mãos de Deus. Só Ele sabe o que tem guardado para nós, e rezo para Ele, com toda a força de minha alma triste e humilde, que olhe por meu amado esposo. Que, aconteça o que acontecer, Jonathan saiba que o amei e o honrei mais do que posso dizer, e que meu último e mais sincero pensamento será seu.

---

255. Cabo de amarração da proa; outro termo náutico de Mina, incorporando palavras do conde.

256. Peça de madeira ou metal em forma de Y na qual se apoia o remo.

257. Firma fictícia de Londres. Steinkoff sugere ascendência judaica, como se verá ocorrer outras vezes no capítulo.

258. Mais uma vez, Stoker faz uso de um dialeto popular, ao dar voz ao capitão Donelson (como o fez com o sr. Swales, no capítulo 6, o zelador Bilder, no capítulo 11, e com Smollet e Snelling, no capítulo 20).

259. A caricatura feita por Jonathan reflete uma visão vitoriana estereotipada do judeu da Europa Oriental.

260. Teatro londrino reconstruído em 1858 e rebatizado The Royal Adelphi; *O judeu errante*, do dramaturgo inglês Leopold Lewis, foi seu segundo maior sucesso em 1873. Henry Irving produziu *The Bells*, versão inglesa que Lewis fez de *Le Juif Polonais* (1867), de Eckmann-Chatrian, no Lyceu, em 1871. O clima de antissemitismo estava no ar.

261. Os eslovacos também sofrem de uma certa russofobia genérica de Jonathan. Ver a Apresentação a este volume.

262. Do francês antigo *octroyer*, autorizar, garantir; desde a Antiguidade, taxação ou imposto local, pedágio; taxa cobrada nos Bálcãs durante o Império Otomano (1299-1922).

263. O rio Pruth nasce nos Cárpatos, na Ucrânia, desce para o sul e junta-se ao Danúbio, a leste de Galatz. O rio Sereth vem da Bucovina (na Ucrânia) e desce para o sul, adentrando a Romênia, antes de se juntar ao Danúbio.

264. Fundu Moldovei, no norte da Romênia.

265. Cidade no distrito de Suceava, no nordeste da Romênia.

266. Rede de rios e lagos navegáveis em Norfolk, na Inglaterra.

267. Mina usava vestido e portanto montava de lado na sela; havia um preconceito vitoriano contra mulheres que montavam de frente, com as pernas abertas sobre a sela, o que era considerado indecoroso, deselegante e arriscado para virgens.

268. Ou Straja, vilarejo da Romênia, na região de Hunedoara.

CAPÍTULO 27

DIÁRIO DE MINA HARKER

1º de novembro – Viajamos o dia inteiro em ritmo bom. Os cavalos parecem saber que estão sendo bem tratados, pois atingem voluntariamente plena velocidade. Fizemos até agora diversas trocas e, como o resultado tem sido o mesmo, estamos encorajados a pensar que a viagem vai ser fácil. O dr. Van Helsing tem sido lacônico, diz apenas aos agricultores que está com pressa de chegar a Bistritz e paga bem a cada troca dos cavalos. Bebemos sopa quente, café, chá e partimos. A paisagem é adorável, repleta de todo tipo de belezas imagináveis, e o povo é ousado, forte e simples, e parecem todos detentores de belas qualidades. São muito supersticiosos, *muito* mesmo. Na primeira casa em que paramos, quando a mulher que nos atendeu viu a cicatriz na minha testa, fez o sinal da cruz e mostrou dois dedos para mim, para afastar o mau-olhado. Creio até que se deram ao trabalho de acrescentar mais alho em nossa comida, e não suporto alho. Desde então, tomo cuidado para não tirar o chapéu ou o véu, e tenho conseguido não despertar suspeita. Viajamos depressa, e como não temos um cocheiro para espalhar boatos, temos evitado escândalos. Mas eu diria que o medo do mau-olhado nos acompanhará ao longo de todo o caminho. O professor parece incansável. Não fechou os olhos nem por um instante durante o dia, mas me fez dormir longamente. Ao anoitecer, me hipnotizou e disse que reagi como sempre, "escuro, água batendo e rangidos de madeira". Então nosso inimigo ainda está no rio. Tenho medo de pensar em Jonathan, mas, de alguma maneira, não temo por ele, nem por mim mesma. Escrevo na sede de um sítio, enquanto esperamos aprontarem nossos cavalos. O dr. Van Helsing dormiu agora. Pobre amigo, parece muito cansado, envelhecido, grisalho, mas sua boca permanece firme como a de um conquistador. Até dormindo é intenso, resoluto. Mais adiante farei com que descanse enquanto conduzo a carruagem. Vou argumentar que temos dias pela frente, e ele não pode estar extenuado quando sua força for mais necessária…

Tudo pronto. Partiremos em breve.

2 de novembro, de manhã – Consegui convencê-lo, e nos revezamos viajando a noite inteira. Agora o dia raiou, claro, mas frio. Há um peso estranho no ar. Digo peso por falta de palavra melhor, a sensação é de algo que nos oprime. Está muito frio, e apenas nossos casacos de pele nos mantêm confortáveis. Ao nascer do sol, Van Helsing me hipnotizou. Ele me disse que respondi "escuro, rangidos de madeira e águas turbulentas", então o rio está mudando enquanto sobem. Espero que meu amado não corra nenhum perigo – mais do que o necessário –, mas estamos nas mãos de Deus.

2 de novembro, à noite – Viajamos o dia inteiro. A paisagem vai ficando mais selvagem conforme avançamos, e as grandes rochas dos Cárpatos, que em Vereşti jaziam tão distantes e baixas no horizonte, agora parecem nos rodear e nos cobrir à nossa frente. Estamos bem-dispostos. Creio que ambos fazemos esforços para animar um ao outro, e assim acabamos nos entusiasmando a nós mesmos. O dr. Van Helsing disse que pela manhã chegaremos ao passo Borgo. Agora há pouquíssimas casas, e o professor comentou que vamos ter que seguir com os últimos cavalos que conseguimos, já que talvez não seja mais possível fazer trocas. Ele comprou mais dois, além dos dois que trocamos, de modo que agora teremos apenas os quatro que nos levam. Nossos queridos cavalos são pacientes e bons, não nos dão trabalho algum. Não estamos preocupados com outros viajantes, de modo que até eu mesma posso conduzir. Devemos chegar ao passo em pleno dia. Não queremos chegar antes disso. Então cadenciamos o ritmo, e cada um descansou bastante, revezadamente. Oh, o que terá nos reservado o amanhã? Vamos em busca do lugar em que meu pobre amado sofreu tanto. Deus permita que não nos desviemos em nosso caminho, e que Ele zele pelo meu marido e por todos aqueles que nos são caros e que enfrentam um perigo mortal. Quanto a mim, não sou digna aos olhos d'Ele. Ai de mim, sou impura a Seus olhos e assim devo continuar até que Ele se digne a me permitir estar em Sua presença como alguém que não incorreu em Sua ira.

MEMORANDO DE ABRAHAM VAN HELSING

4 de novembro – Para o meu velho e sincero amigo John Seward, médico, de Purfleet, Londres, caso eu não o encontre mais. Isto pode servir de explicação. É de manhã, e escrevo junto ao fogo que mantive aceso a noite inteira, ajudado por madame Mina. Está frio, muito frio. Tão frio que o céu cinzento está carregado de neve que, quando cai, é do tipo que vai durar o inverno inteiro, pois o solo se endurece ao recebê-la. Isso deve ter afetado madame Mina. Passou o dia tão abatida que não parecia a mesma pessoa. Só dormiu, dormiu e dormiu! Ela, que em geral é tão atenta, não fez literalmente nada o dia todo. Perdeu até o apetite. Nada registrou em seu diário, ela que escrevia fielmente a cada pausa. Algo me diz que isso não é bom sinal. No entanto, esta noite ela está mais *vif*.[269] Dormir bastante a deixou recuperada, restaurada, pois agora está doce e brilhante como antes. Tentei hipnotizá-la ao anoitecer, mas, infelizmente, foi sem efeito! O poder da hipnose vinha diminuindo a cada dia, e esta noite acabou de vez. Bem, seja o que Deus quiser, aconteça o que acontecer, aonde quer que isso nos leve!

Quanto aos anais, uma vez que madame Mina não escreve mais em sua estenografia, devo fazê-lo eu mesmo, à minha maneira antiquada e desengonçada, para que os dias não se passem sem registro.

Ontem pela manhã, logo após o raiar do dia, chegamos ao passo Borgo. Quando vi os primeiros sinais da aurora, aprontei-me para hipnotizá-la. Paramos a carruagem e descemos para não haver interferência. Fiz um leito de peles, e, ali deitada, madame Mina cedeu como sempre ao sono hipnótico, porém mais lentamente e por menos tempo do que nunca. Como antes, veio a resposta: "escuro e rumor de água." Então acordou, brilhante, radiante. Partimos e logo chegamos ao passo. Desse ponto em diante, naquele momento, tornou-se intensamente fervorosa. Algum novo poder deve estar se manifestando nela agora, pois apontou para uma estrada e disse:

– É por aqui.

– Como a senhora sabe? – perguntei.

– Claro que sei – respondeu ela e, depois de uma pausa, acrescentou: – Meu Jonathan não viajou por aqui e não escreveu sobre o trajeto?

A princípio, achei estranho, mas logo vi que só havia uma estrada vicinal. Era pouco usada e muito diferente da estrada de Bucovina a Bistritz, que é mais larga, dura e de tráfego mais intenso.

Assim, seguimos por esse caminho. Toda vez que chegamos a uma encruzilhada – e nem sempre somos capazes de saber se estamos diante de

estradas de fato, pois estão abandonadas e cobertas da neve fina que caiu –, só os cavalos parecem saber o caminho. Dou rédeas, e eles seguem pacientes. De quando em quando, deparo-me com coisas que Jonathan descreveu em seu maravilhoso diário. Então prosseguimos por horas e horas. A princípio, mandei madame Mina dormir. Ela tentou e conseguiu. Dormiu tanto que, por fim, minha desconfiança aumentou, e tentei acordá-la. Mas continuou dormindo, e talvez não consiga acordá-la por mais que tente. Não quero insistir demais para não machucá-la. Pois sei que já sofreu muito, e dormir agora pode ser o melhor para ela. Creio que cochilei, pois de repente me senti culpado, como se tivesse feito algo errado. Estava ereto em meu assento, com as rédeas na mão, e os bons cavalos trotando, trotando como sempre. Olhei para trás e vi madame Mina ainda dormindo. Não falta muito para anoitecer, e a luz do sol se derrama sobre a neve em uma imensa torrente amarela, de modo que projetamos sombras compridas nos pontos em que a montanha é muito íngreme. Pois estamos subindo, subindo cada vez mais, e é tudo, oh, tão selvagem e rochoso, como se estivéssemos no fim do mundo.

Por fim, despertei madame Mina – dessa vez acordou sem grande dificuldade – e tentei induzi-la ao sono hipnótico. Mas ela não cedeu, era como se eu nem estivesse ali. Insisti diversas vezes, até que, subitamente, ficamos os dois no escuro, então olhei para os lados e vi que o sol havia se posto. Madame Mina riu, e olhei para ela. Agora está muito desperta e parece tão bem como não vejo desde aquela noite em Carfax, quando entramos pela primeira vez na casa do conde. Estou espantado e inquieto, mas ela está tão radiante, terna e atenciosa comigo que esqueço todo medo. Fiz uma fogueira, pois trouxemos suprimentos conosco, e ela preparou a comida enquanto eu soltava os cavalos e os levava para debaixo de uma cobertura, para alimentá-los. Quando voltei à fogueira, ela estava com meu jantar pronto. Quis servi-la, mas ela sorriu e me disse que já havia comido. Que estava tão faminta que não conseguira esperar. Não gostei daquilo e fiquei com sérias dúvidas. Mas receio apavorá-la, de modo que me calei. Ela me serviu e comi sozinho, então nos cobrimos de peles e nos deitamos perto da fogueira, e eu disse a ela para dormir enquanto eu mantinha a vigília. Mas, em pouco tempo, me esqueci completamente disso e, quando, de repente, me lembrei que deveria estar de guarda, vi que ela estava deitada, calada, mas acordada, e olhando para mim com aqueles olhos brilhantes. Uma, duas outras vezes aconteceu a mesma coisa, e consegui dormir bastante até antes de amanhecer. Quando acordei, tentei hipnotizá-la, mas nada! Mesmo fechando obedientemente os olhos, não

entrou em transe. O sol nasceu, subiu, clareou, então ela pegou no sono, tarde demais, mas era um sono tão pesado que não acordou mais. Precisei levá-la no colo e colocá-la dormindo na carruagem, depois de atrelar os cavalos e deixar tudo pronto. Madame ainda está dormindo e, no sono, parece mais saudável e mais corada do que antes. Não gosto nada disso. Estou com medo, medo, medo, medo! Sinto medo de tudo, até de pensar, mas devo prosseguir. Nossa aposta aqui é de vida ou morte, ou mais até do que isso, e não podemos hesitar.

5 de novembro, de manhã – Deixe-me ser preciso em cada detalhe, pois embora você e eu tenhamos visto muita coisa estranha juntos, você pode a princípio pensar que eu, Van Helsing, estou louco. Que os muitos horrores e a longa tensão dos nervos finalmente arruinaram meu cérebro.

Viajamos ontem dia e noite, chegando cada vez mais perto das montanhas, avançando em terra cada vez mais selvagem e deserta. Há grandiosos e vertiginosos precipícios e muitas quedas-d'água, e a Natureza parece ter feito ali seu carnaval. Madame Mina só dorme. E embora eu sentisse fome e tenha comido, não a acordei, nem para comer. Comecei a temer que o feitiço fatal daquele lugar estivesse agindo sobre ela, conspurcada como havia sido por aquele batismo do vampiro. "Bem", pensei comigo mesmo, "se ela continuar dormindo o dia inteiro, não vou poder dormir à noite." Enquanto percorríamos uma estrada difícil, pois era antiga e imperfeita, minha cabeça pendeu, e adormeci. Novamente acordei com a sensação de culpa e de que havia se passado muito tempo, e encontrei madame Mina ainda dormindo, e o sol já bem baixo. Mas estava tudo muito mudado. As montanhas carrancudas pareciam mais distantes, e estávamos quase no topo de uma subida íngreme, no alto da qual ficava o castelo que Jonathan descreve em seu diário. Fiquei exultante e receoso ao mesmo tempo. Por ora, para o bem ou para o mal, o fim estava próximo.

Acordei madame Mina e, novamente, tentei hipnotizá-la, porém – ai de nós! – não obtive sucesso, até já ser tarde demais. Então, antes que a grande escuridão se fizesse sobre nós, pois mesmo depois do poente o céu refletia o sol na neve, ficamos por algum tempo naquele crepúsculo grandioso. Desatrelei os cavalos e os alimentei sob o único abrigo que consegui encontrar. Em seguida, fiz uma fogueira e conduzi madame Mina, agora acordada e mais encantadora do que nunca, para perto do fogo, fazendo-a sentar confortavelmente com suas mantas. Preparei comida, mas ela não quis

comer, simplesmente disse estar sem fome. Não insisti, sabendo de sua indisposição. Mas eu mesmo comi, pois preciso estar forte por todos nós. Então, com receio do que poderia acontecer, desenhei um círculo grande ao redor de onde madame Mina estava sentada, para consolá-la. E sobre o círculo passei um pouco da hóstia, quebrando-a em pedacinhos pequenos, para que todos os pontos ficassem bem protegidos. Ela permaneceu sentada, parada o tempo todo, tão imóvel que parecia morta. E foi ficando cada vez mais branca e mais branca, até que a neve tornou-se pálida em comparação, e não disse mais nada. Mas quando me aproximei dela, agarrou-se a mim, e pude perceber que aquela pobre alma estremecia da cabeça aos pés com um tremor que era doloroso presenciar. Perguntei-lhe então, quando ela começou a se acalmar:

– A senhora não quer ficar perto do fogo? – Pois eu pretendia testar o que ela conseguia fazer.

Madame Mina se levantou, obediente, mas, depois de um passo, parou e ficou imóvel, como que paralisada.

– Por que a senhora não vai em frente? – perguntei.

Ela balançou a cabeça e, voltando, sentou-se em seu lugar. Então, olhando para mim com olhos arregalados, respondeu apenas:

– Não consigo! – E permaneceu calada.

Fiquei contente, pois sabia que, como ela, nenhum daqueles que tememos conseguiria. Embora possa haver riscos para o seu corpo, sua alma ainda está salva!

De repente, os cavalos começaram a relinchar e a se agitar sob a cobertura, até que eu fosse acalmá-los. Quando sentiam minhas mãos, ganiam baixinho de alegria, lambiam-nas e ficavam mansos por um tempo. Fui vê-los muitas vezes ao longo da noite, até que chegou uma hora fria em que a natureza se mostrou em seu ponto mais fraco, e todas as vezes que me aproximei eles se acalmaram. Naquele frio, a fogueira começou a se apagar, e fui alimentar o fogo, pois a neve vinha trazida pelo vento com uma neblina gelada. Mesmo no escuro, havia algum tipo de luz, como sempre há sobre a neve, e pareceu que as nevascas e véus de neblina tomavam formas de mulheres arrastando longos vestidos. Estava tudo parado e envolto num silêncio sombrio, exceto pelos ganidos dos cavalos, que recuavam assustados, como se temessem o pior. Comecei a sentir medo, medos terríveis. Mas então me veio uma sensação de segurança dentro daquele círculo. Comecei também a pensar que minhas

imaginações eram fruto da noite, da treva e de toda a inquietação por que passei, toda aquela terrível angústia. Era como se as lembranças da horrível experiência de Jonathan estivessem pregando peças em minha mente. Pois os flocos de neve e a neblina começaram a rodopiar e a nos rodear, até que consegui entrever algo como o vulto daquelas mulheres que o beijaram. E então os cavalos começaram a se abaixar amedrontados e a gemer de terror, como pessoas sentindo dor. Mas a loucura do pavor não se apoderou deles a ponto de fugirem. Temi por minha querida madame Mina quando as figuras estranhas se aproximaram e nos rodearam. Olhei para ela, mas estava sentada calmamente, e sorriu para mim. Quando eu ia alimentar o fogo, ela me agarrou e me segurou, sussurrando com uma voz que costumamos ouvir nos sonhos, de tão baixa:

– Não! Não! Não vá. Aqui você está seguro!

Virei-me para ela e, olhando em seus olhos, perguntei:

– Mas e você? É por você que eu temo!

Então ela deu uma risada, uma risada baixa e irreal, e disse:

– Teme por *mim*? Por que temer por mim? Não há ninguém mais segura do que eu.

E enquanto eu meditava no sentido de suas palavras, uma lufada de vento fez saltar uma labareda da fogueira, e vi a cicatriz vermelha em sua testa. Naquele momento, ai de mim, entendi tudo! Se já não soubesse, logo compreenderia, pois as figuras rodopiantes de neblina e neve foram se aproximando, mas se mantendo sempre fora do círculo sagrado. Então começaram a se materializar, se Deus não me tirou o juízo, pois vi com meus próprios olhos. Estavam ali diante de mim, em carne e osso, as mesmas três mulheres que Jonathan encontrou no quarto, quando elas beijaram seu pescoço. Reconheci as formas cambiantes e curvilíneas, os olhos brilhantes e cruéis, os dentes brancos, a tez avermelhada, os lábios voluptuosos. Sempre sorrindo para a pobre madame Mina. E suas risadas atravessaram o silêncio da noite, elas se abraçavam e apontavam para ela, e disseram com aquele tom suave e tilintante que Jonathan comparou à insuportável doçura das taças de vidro:

– Venha, irmã. Venha conosco. Vamos!

Voltei apavorado para minha pobre madame Mina, e meu coração contente se agitou feito fogo. Pois, oh!, aquele terror em seus olhos meigos, a repulsa, o horror, contavam uma história cheia de esperança ao meu coração. Graças a Deus, ainda não era como elas. Peguei um pedaço de lenha que estava ao meu

lado e, expondo um fragmento da hóstia, avancei contra as mulheres, na direção da fogueira. As três recuaram ao meu avanço e soltaram sua risada horrenda. Alimentei o fogo e não tive medo, pois sabia que estávamos protegidos. Elas não poderiam se aproximar, já que eu estava armado, e, enquanto estivesse dentro do círculo, madame Mina não poderia sair tanto quanto elas não poderiam entrar. Os cavalos haviam parado de gemer e mantiveram-se imóveis. A neve caía suavemente sobre eles, que foram ficando mais brancos. Vi que para os pobres animais o terror havia passado.

E assim, ficamos ali até que o rubor da aurora começasse a se infiltrar na brancura da neve. Eu estava desolado e temeroso, cheio de dor e terror. Mas quando aquele belo sol começou a despontar no horizonte, a vida voltou para mim. Ao raiar da madrugada, as figuras horrendas se derreteram em espirais de neblina e neve. Os véus de melancolia transparente se deslocaram para o castelo, e sumiram.

Instintivamente, ao romper da manhã, virei-me para madame Mina com intenção de hipnotizá-la. Mas ela havia caído em um sono profundo e repentino, do qual não consegui despertá-la. Tentei hipnotizá-la enquanto dormia, mas ela não mostrou qualquer reação, nenhuma mesmo, e já estava dia claro. Ainda receio me mexer. Acendi minha fogueira e verifiquei os cavalos, estão todos mortos. Hoje tenho muito o que fazer aqui, e vou continuar esperando o sol esquentar mais um pouco. Pois pode haver lugares aonde devo ir, onde aquela luz, através da neve e da neblina a obscurecê-la, poderá garantir minha segurança.

Preciso de um desjejum reforçado, e então vou partir em minha terrível missão. Madame Mina ainda está dormindo, e, graças a Deus!, dorme calmamente…

Diário de Jonathan Harker

4 de novembro, à noite – O acidente com o vapor foi um golpe terrível para nós. Não fosse isso, já teríamos abordado o barco há muito tempo, e agora minha querida Mina já estaria livre. Não quero pensar nela, perdida nos bosques que cercam aquele lugar horrível. Conseguimos cavalos e seguimos nossa pista. Escrevo isto enquanto Godalming se arruma. Temos nossas armas. Os *szgany* que se cuidem se pretendem brigar. Oh, se ao menos Morris e

Seward estivessem aqui conosco… Só nos resta ter esperança! Se eu não voltar a escrever aqui, adeus, Mina! Deus a abençoe e a proteja.

Diário do dr. Seward

5 de novembro – Na alvorada, vimos o bando dos *szgany* à nossa frente, afastando-se do rio com sua carroça articulada. Eles se mantinham ao redor dela e corriam feito desesperados. A neve está caindo suavemente e há uma estranha excitação no ar. Talvez sejam nossos próprios sentimentos, mas a depressão é estranha. Ao longe, ouço lobos uivando. A neve traz os lobos das montanhas, e há perigos para todos e por todos os lados. Os cavalos estão quase prontos, logo partiremos. Vamos cavalgar até alguém morrer. Só Deus sabe quem, onde, o quê, quando ou como será…

Memorando do dr. Van Helsing

5 de novembro, à tarde – Pelo menos, estou são. Graças a Deus por sua misericórdia em todos esses acontecimentos, embora venha sendo uma provação medonha. Quando deixei madame Mina dormindo dentro do círculo sagrado, parti na direção do castelo. O martelo de ferreiro que peguei da carruagem em Vereşti foi útil; embora as portas estivessem todas abertas, retirei-as das dobradiças enferrujadas, para que nenhuma maldade ou azar pudesse fechá-las e me aprisionar lá dentro. A amarga experiência de Jonathan me serviu. Pelo que lembrava do diário, encontrei o caminho até a antiga cripta, pois sabia que meu trabalho seria lá. O ar era opressivo. Parecia haver uma espécie de fumaça sulfurosa que às vezes me causava tontura. Havia um rugido permanente em meus ouvidos ou seriam lobos uivando na distância? Então pensei em minha cara madame Mina e me vi diante de um impasse terrível. Estava entre a cruz e a espada.

Não arriscaria levá-la para aquele lugar, por isso a deixara a salvo do vampiro, dentro do círculo sagrado. No entanto, havia os lobos! Decidi que meu trabalho estava ali e que, quanto aos lobos, deveríamos nos resignar à vontade de Deus. De qualquer modo, em nosso horizonte só havia morte ou liberdade. Então escolhi por ela. Se fosse apenas por mim, a escolha teria sido

fácil, a boca do lobo era melhor que a sepultura do vampiro! Assim, decidi seguir em frente com meu trabalho.

Sabia que havia ainda pelo menos três sepulturas para encontrar, sepulturas habitadas. Então procurei, procurei, até que encontrei a primeira. Ela jazia em seu sono vampiresco, tão cheia de vida e beleza voluptuosa que estremeci como se estivesse prestes a cometer assassinato. Ah, não duvido que nos velhos tempos, quando essas coisas aconteciam, muitos homens que tentavam essa mesma empreitada descobriam que, no final, seu coração os traía, e eles perdiam a coragem. O homem postergava e postergava e postergavam, até que a mera beleza e o fascínio da luxuriante morta-viva o hipnotizavam. Ele aguardava ali mesmo, e o sol se punha, e a vampira acordava. E assim, os belos olhos da mulher pálida se abriam amorosos, e a boca voluptuosa se entreabria para um beijo, e o homem fraquejava. E ali jazia outra vítima no antro da vampira. Mais um a engordar as hostes sombrias e horrendas dos mortos-vivos!...

Senti decerto algum fascínio quando me vi na presença de alguém assim, mesmo deitada naquele maldito mausoléu coberto com a poeira dos séculos, mesmo com aquele odor horrendo dos outros antros do conde. Sim, fiquei tocado. Eu, Van Helsing, com todos os meus propósitos e motivos para ódio. Comovido, com uma vontade de postergar tudo que parecia paralisar minhas faculdades e pesar sobre minha própria alma. Pode ter sido a necessidade natural de sono e aquele ar estranhamente opressivo que começavam a me afetar. O certo é que estava quase pegando no sono – aquele sono de olhos abertos de quem cede a uma doce fascinação –, quando, através do ar nevado, soou um uivo longo e grave, tão cheio de dor e pena, que me despertou como o som de um clarim. Pois era a voz de minha querida madame Mina que eu estava ouvindo.

Assim, aferrei-me a minha tarefa horrorosa e descobri, desaparafusando os tampos das sepulturas, outra das irmãs, a morena. Não arrisquei a me deter observando-a como fizera com a primeira, para não cair mais uma vez naquele transe. Mas continuei procurando, até que encontrei em uma sepultura maior, como que especialmente feita para alguém muito amado, a irmã loira que, como Jonathan havia visto, se formara dos átomos da neblina. Era tão bonita, tão radiantemente bonita e exoticamente voluptuosa, que o próprio instinto masculino, que convida alguns do meu sexo ao amor e à proteção de outras do sexo dela, fez minha cabeça rodar com nova emoção. Mas graças a Deus, aquele gemido da alma de minha querida madame Mina não morrera em meus

ouvidos. E, antes que o encanto agisse ainda mais sobre mim, obstinei-me em meu trabalho brutal. A essa altura, já havia vasculhado todas as sepulturas da cripta, pelo que pude apurar. E como eram apenas três daquelas fantasmagóricas mortas-vivas, assumi que, por ora, não haveria mais mortos-vivos em atividade aquela noite. Localizei ainda uma sepultura mais aristocrática que as demais. Imensa e de proporções senhoriais. Nela, havia apenas uma palavra escrita:

DRÁCULA

Então este é o lar morto-vivo do Rei Vampiro, diante de quem tantos outros pereceram. Seu vazio eloquente comprovou o que eu já sabia. Antes de restituir aquelas mulheres à morte, com meu trabalho assustador, deixei pedaços da hóstia na sepultura de Drácula, proibindo para sempre que ele voltasse para lá, como morto-vivo.

Então dei início à terrível tarefa, e senti medo. Se fosse apenas uma, teria sido fácil, relativamente. Mas três! Refazer duas vezes aquela proeza de horror depois do que passei… Pois se foi terrível com a srta. Lucy, o que não haveria de ser com aquelas desconhecidas que sobreviviam através dos séculos e que haviam se fortalecido com o passar dos anos? Quem, se pudesse, lutaria por suas vidas impuras?

Oh, meu amigo John, mas foi uma carnificina digna de um açougueiro. Se eu não estivesse empedernido por pensamentos em outras mortes, e nos vivos sobre os quais paira esse dossel de pavor, não teria conseguido prosseguir. Tremi e tremo ainda agora, embora tudo tenha passado, graças a Deus, e meus nervos tenham resistido. Não tivesse visto antes o repouso e a satisfação estampada no semblante antes da dissolução final, como uma conscientização de que a alma havia sido vencida, não teria seguido em frente com minha matança. Não teria suportado o grito horrendo quando a estaca atravessou o coração, os movimentos da forma retorcida e a espuma sanguinolenta naqueles lábios. Teria fugido aterrorizado e deixaria o trabalho incompleto. Mas já passou! E as pobres almas, agora posso ter pena e chorar por elas, quando penso que estão placidamente no sono profundo da morte por um breve momento antes de se apagarem completamente. Pois, amigo John, eu mal havia terminado de cortar suas cabeças, e o corpo inteiro começou a derreter e a se esmigalhar até voltar a ser o pó original, como se a morte que devia ter chegado séculos atrás tivesse finalmente se afirmado e dito em voz alta:

"Estou aqui!"

Antes de sair do castelo lacrei as entradas, de modo que o conde jamais conseguisse entrar ali de novo como morto-vivo.

Quando voltei ao círculo onde madame Mina dormia, ela acordou e, ao me ver, gritou desesperada que eu havia demorado demais.

– Venha! – exclamou ela. – Vamos embora deste lugar horrível! Vamos encontrar meu marido que, tenho certeza, está vindo para cá.

Parecia magra, pálida e fraca. Mas seus olhos estavam puros e brilhavam de fervor. Fiquei contente ao ver sua palidez e sua doença, pois minha mente estava cheia daquele horror das malditas vampiras adormecidas.

E assim, com confiança e esperança, mas ainda cheios de medo, fomos para o leste encontrar nossos amigos, e *ele*, que madame Mina me diz ter *certeza* de que está vindo para cá.

Diário de Mina Harker

6 de novembro – Só no final da tarde, o professor e eu conseguimos nos encaminhar para o leste, de onde eu sabia que Jonathan viria. Não fomos depressa, embora fosse uma descida íngreme morro abaixo, pois carregávamos os tapetes e as peles pesadas conosco. Sequer aventamos a possibilidade de não termos com o que nos aquecer naquele frio e naquela neve. Precisávamos levar também nossas provisões, pois estávamos perfeitamente isolados do mundo, não havia nem sinal de casas, até onde eu conseguia enxergar por entre a neve. Depois de um quilômetro e meio aproximadamente, estava exausta daquela marcha difícil e sentei para descansar. Então olhamos para trás, e vi a linha definida do castelo Drácula recortando o céu. Havíamos descido tanto no penhasco em que ficava o castelo, que, daquele ângulo, os Cárpatos pareciam estar muito abaixo dele. Vimos a construção em toda a sua grandeza, empoleirada no topo de um precipício abrupto de trezentos metros de altitude, e com um grande vazio entre suas empenas e as íngremes montanhas adjacentes em todos os lados. Havia algo de selvagem e sobrenatural naquele lugar. Podíamos ouvir os lobos uivando a distância. Estavam muito longe, mas o som, mesmo abafado pela nevasca mortal, era cheio de terror. Pela maneira como o dr. Van Helsing se movia, percebi que estava procurando um ponto estratégico onde poderíamos

ficar menos expostos em caso de um ataque. A estrada esburacada continuava descendo. Pudemos ver rastros na neve.

Pouco depois, o professor fez sinal para mim, então me levantei e me juntei a ele. Havia encontrado um local perfeito, uma espécie de cavidade natural dentro da pedra, com uma entrada que parecia uma porta entre duas rochas. Ele me pegou pela mão e me levou para dentro.

– Veja! – disse ele. – Aqui você está segura. E se os lobos vierem, podemos enfrentá-los um de cada vez.

O professor trouxe nossas peles para dentro, fez um ninho aconchegante para mim, tirou algumas provisões e me obrigou a comer. Mas não consegui, pois tudo me dava repulsa, e, por mais que quisesse lhe agradar, senti que nem adiantava insistir. Ele ficou muito triste, mas não me censurou. Sacando seu binóculo do estojo, subiu em uma pedra e começou a esquadrinhar o horizonte. De repente, gritou:

– Venha! Madame Mina! Venha ver!

Levantei e logo me pus ao lado dele na pedra. Ele me passou o binóculo e apontou. A neve agora caía mais intensamente, com espirais de remoinhos loucos, pois uma ventania começou a soprar. Seja como for, de quando em quando havia pausas na nevasca, e pude ver bem longe tudo à minha volta. Na altura em que estávamos, era possível enxergar a uma grande distância. E lá longe, além da imensidão branca da neve, vi o rio se estendendo como uma fita preta, cheia de nós e drapeados, enrodilhada em seu curso. Logo à nossa frente e não muito longe, na verdade tão próximos que nem sei como não reparamos antes, vinha um grupo de homens a cavalo. No centro do grupo havia uma carroça, uma grande carroça articulada que chacoalhava para os lados a cada buraco da estrada, feito o rabo de um cão abanando. Destacados contra o fundo de neve como estavam, pude identificar pelos trajes dos homens que eram camponeses ou algum tipo de ciganos.

Na carroça, havia um grande baú quadrado. Meu coração quase parou quando o vi, pois senti que o fim estava próximo. Estava quase anoitecendo, e eu sabia que, ao crepúsculo, a Coisa, que até então estava aprisionada ali, teria mais liberdade e poderia escapar de nós de inúmeras maneiras. Temerosa, virei-me para o professor. Para minha consternação, ele não estava ali. No momento seguinte, vi que estava mais abaixo. Havia desenhado um círculo em torno da abertura na pedra, como o que nos protegera ontem à noite. Quando terminou, parou do meu lado e disse:

– Pelo menos a senhora ficará a salvo *dele*! – Ele tirou o binóculo da minha mão e, no primeiro descanso da nevasca, vasculhou todo o espaço abaixo de nós. – Veja – exclamou –, estão chegando depressa. Estão açoitando os cavalos e galopam o mais rápido que podem.

Ele fez uma pausa e depois continuou com voz grave:

– Estão correndo para chegar antes que anoiteça. Talvez tenhamos chegado tarde demais. Seja o que Deus quiser!

Outra nevasca nos cegou, e toda a paisagem desapareceu. Mas logo passou, e, mais uma vez, seu binóculo esquadrinhou o horizonte. Então, subitamente, ele gritou:

– Veja! Veja! Veja! Dois outros cavaleiros vêm correndo atrás deles, subindo pelo sul. Devem ser Quincey e John! Olhe com o binóculo. Antes que a neve cubra tudo de novo!

Peguei o binóculo e olhei. Os dois homens podiam ser o dr. Seward e o sr. Morris. De todo modo, nenhum deles era Jonathan. Ao mesmo tempo, eu *sabia* que Jonathan não devia estar muito longe. Olhando para os lados, ao norte do grupo que se aproximava, vi outros dois homens cavalgando em uma velocidade temerária. Logo percebi que um deles era o meu Jonathan, e o outro, é claro, deveria ser lorde Godalming. Também estavam perseguindo o grupo com a carroça. Quando disse ao professor, ele deu um berro de alegria como um colegial e, depois de vasculhar atentamente até que a nevasca tornasse a visão impossível, deixou seu rifle Winchester preparado, encostado na rocha, na abertura de nosso abrigo.

– Estão vindo para cá – disse. – Quando chegar a hora, teremos ciganos por todos os lados.

Peguei meu revólver e o deixei a postos, pois, enquanto conversávamos, o uivo dos lobos soou mais alto e mais próximo. Quando a nevasca amainou por um momento, tornamos a olhar. Era estranho ver a neve caindo em flocos pesados perto de nós e, lá longe, o sol brilhando cada vez mais enquanto se punha entre os cumes distantes. Movendo o binóculo para o lado pude ver aqui e ali pontos se movendo isoladamente ou em pares e trios e conjuntos maiores. Os lobos estavam se reunindo para a caça.

Cada instante pareceu demorar séculos enquanto aguardamos. O vento invadia em lufadas brutais, e a neve batia com fúria contra nós, em espirais fustigantes. Por vezes, não conseguíamos enxergar um palmo à nossa frente. Mas em outros momentos, quando o vento rouco nos varria, parecia limpar o

ar à nossa volta, e podíamos ver bem longe. Estávamos tão acostumados a esperar pelas auroras e pelos crepúsculos que já sabíamos com certa precisão quando aconteceriam. E sabíamos que não demoraria muito para o sol se pôr. É difícil acreditar que, de acordo com nossos relógios, ficamos menos de uma hora esperando naquele abrigo de pedra até que os diversos grupos começaram a convergir na nossa direção. O vento ficou mais feroz, com lufadas incessantes vindas do norte. Isso parece ter afastado as nuvens de neve, pois ela se tornou esparsa. Pudemos distinguir com toda nitidez os indivíduos de cada grupo, os perseguidos e os perseguidores. Estranhamente, os perseguidos pareciam não se dar conta – ou pelo menos não se importar – de que estavam sendo perseguidos. De todo modo, pareciam acelerar, redobrando a velocidade, conforme o sol descia cada vez mais entre os cumes.

Eles foram se aproximando mais e mais. O professor e eu nos agachamos atrás de nossa pedra, com as armas a postos. Pude ver que ele estava decidido a não deixá-los passar. Eles não faziam ideia de que estávamos ali.

Duas vozes gritaram ao mesmo tempo:

– Alto!

Uma era a voz de meu Jonathan, estridente, em tom apaixonado. A outra era do sr. Morris, forte, em tom resoluto de autoridade serena. Os ciganos podiam não entender a língua, mas não havia como se enganar quanto ao tom, qualquer que fosse o idioma em que a palavra tivesse sido dita. Instintivamente, puxaram as rédeas, e, nesse instante, lorde Godalming e Jonathan correram por um lado e o dr. Seward e o sr. Morris pelo outro. O chefe dos ciganos, um sujeito de aparência esplêndida e que montava seu cavalo feito um centauro, acenou para recuarem e, em seguida, com uma voz brutal, mandou seus companheiros seguirem em frente. Açoitaram seus cavalos, que partiram em disparada. Mas os quatro homens, inequivocamente, sacaram seus rifles Winchester, obrigando-os a parar.

No mesmo momento, o dr. Van Helsing e eu saímos de detrás da pedra e apontamos nossas armas para eles. Vendo que estavam cercados, os ciganos puxaram as rédeas e permaneceram montados. O chefe se virou para o bando e disse algo que fez cada cigano sacar sua arma, faca ou pistola, e ficou ele mesmo pronto para atacar. Tudo isso se deu num instante.

O chefe, com um rápido movimento das rédeas, avançou com seu cavalo para a frente do grupo e apontou primeiro para o sol – já quase encoberto pelos cumes das montanhas –, depois para o castelo e disse algo que não compreendemos. Em resposta, os quatro homens de nosso grupo desceram dos

cavalos e correram até a carroça. Eu deveria ter sentido um pavor terrível ao ver Jonathan em meio a tanto perigo, mas creio que o ardor da batalha estivesse agindo sobre mim e sobre o restante do grupo. Não senti medo, apenas um desejo selvagem e urgente de fazer alguma coisa. Vendo o rápido deslocamento do nosso grupo, o chefe dos ciganos deu uma ordem. Seus homens instantaneamente cercaram a carroça, em uma tentativa atabalhoada, acotovelando-se uns aos outros, ávidos para cumprir a ordem.

Em meio à confusão, pude ver que Jonathan e Quincey abrindo caminho até a carroça, um de cada lado. Era evidente que estavam ambos decididos a terminar sua tarefa antes que o sol se pusesse. Nada parecia detê-los ou sequer atrasá-los. Nem as armas apontadas, nem o reflexo das facas dos ciganos à sua frente, nem o uivo dos lobos ao fundo, nada parecia distrair sua atenção. A impetuosidade de Jonathan e a declarada determinação de seu propósito aparentemente deixaram os ciganos estarrecidos. Instintivamente, acovardaram-se e deixaram-no passar. No instante seguinte, meu marido havia saltado sobre a carroça e, com uma força que me pareceu incrível, ergueu a grande caixa e a jogou no chão. Nesse ínterim, o sr. Morris precisara de ímpeto para atravessar pelo seu lado o círculo dos *szgany*. Todo o tempo em que assisti, quase sem fôlego, Jonathan agir, acompanhava com o canto do olho o esforço desesperado de Morris para avançar contra as facas dos ciganos, para abrir caminho, até ser ferido. Ele sacara sua grande *bowie*,[270] e, a princípio, achei que fosse conseguir também passar ileso. Mas quando surgiu ao lado de Jonathan, que já saltara de cima da carroça, pude ver que apertava a mão esquerda sobre o flanco ferido, e que o sangue escorria por entre seus dedos. Mesmo assim, não se deteve, pois enquanto Jonathan, com energia desesperada, atacava uma das extremidades do baú, tentando arrancar o tampo com sua grande *kukri*, ele se dedicava freneticamente à outra, com sua *bowie*. Sob os esforços dos dois homens, a tampa se abriu. Os pregos saíram com sons guinchados, e o tampo foi jogado para trás.

A essa altura, os ciganos, vendo-se ameaçados pelos rifles Winchester e à mercê de lorde Godalming e do dr. Seward, haviam se rendido e não opuseram mais resistência. O sol havia quase sumido entre os cumes das montanhas, e as sombras do grupo se alongaram sobre a neve. Vi o conde deitado dentro da caixa sobre a terra, que se espalhara sobre ele ao cair da carroça. A palidez mortiça lhe dava uma aparência de estátua de cera, com os olhos vermelhos faiscantes e a expressão horrivelmente vingativa que eu conhecia tão bem.

Enquanto eu observava, aqueles olhos viram o sol poente, e a expressão de ódio se converteu em triunfo.

Mas, no mesmo instante, ele notou o reflexo da grande faca de Jonathan. Gritei quando a lâmina atravessou sua garganta. Enquanto, no mesmo momento, a *bowie* do sr. Morris se cravou em seu coração.

Foi como um milagre, mas diante de nossos próprios olhos, quase como um suspiro, todo o seu corpo se esmigalhou, virou pó e se espalhou até sumir.

Serei feliz para o resto da vida, pois, naquele momento final de dissolução, havia em seu rosto uma expressão de paz como eu nunca poderia imaginar que ainda existisse nele.

O castelo Drácula agora se erguia contra o céu vermelho, e cada pedra do edifício arruinado se destacava contra a luz do sol poente.

Os ciganos, considerando-nos de alguma forma a causa do extraordinário desaparecimento do morto, viraram-se, sem dizer nada, e fugiram a cavalo feito desesperados. Os que estavam a pé subiram na carroça e berraram aos que estavam montados que não os abandonassem. Os lobos, que haviam se retirado a uma distância segura, também se dispersaram e nos deixaram a sós.

O sr. Morris, que caíra no chão, apoiou-se no cotovelo, apertando o flanco ferido com a mão. O sangue continuava a escorrer por entre seus dedos. Corri para acudi-lo, pois o círculo sagrado já não me detinha; assim também fizeram os dois médicos. Jonathan se ajoelhou atrás dele, e o ferido deitou a cabeça em seu ombro. Com um suspiro e um débil esforço, ele tomou minha mão na sua mão limpa. Há de ter visto a angústia de meu coração, pois sorriu para mim e disse:

– Fico muito feliz por ter sido útil! Oh, Deus! – exclamou, subitamente, lutando para se sentar e apontando para mim. – Valeu a pena morrer por isso! Veja! Veja!

O sol estava agora bem no topo da montanha, e os raios avermelhados atingiram meu rosto, de modo que estava banhada em luz rósea. Com um impulso, os homens se ajoelharam, e um profundo e sincero "Amém" escapou de todos eles, à medida que entendiam o que o sr. Morris estava apontando.

O moribundo disse:

– Graças a Deus não foi tudo em vão! Veja! A neve não é mais imaculada que a sua testa! A maldição passou!

E, para nossa amarga tristeza, com um sorriso e em silêncio, morreu um galante cavalheiro.

269. Em francês equivocado no original: vivo.

270. Faca de dois gumes utilizada por Jim Bowie (1796-1836), na batalha do Álamo (1836), que se popularizou como arma para lutas de facas nos Estados Unidos.

NOTA

Há sete anos, todos nós atravessamos as labaredas do inferno. E, a julgar pela felicidade de alguns de nós desde então, nossa conclusão é de que valeu a pena a dor por que passamos. É uma alegria a mais para Mina e para mim que o aniversário de nosso menino seja no mesmo dia da morte de Quincey Morris. Sei que a mãe acredita secretamente que parte do espírito de nosso corajoso amigo se passou para o filho. Seu nome composto homenageia todo o nosso pequeno grupo de homens. Mas nós o chamamos de Quincey.

Neste verão fizemos uma viagem à Transilvânia e visitamos o velho cenário que para nós é tão cheio de lembranças ainda hoje vívidas e terríveis. Foi quase impossível acreditar que as coisas que vimos com nossos próprios olhos e ouvimos com nossos próprios ouvidos fossem realmente verdade. Todos os vestígios do que aconteceu foram apagados. O castelo permanece lá, como antes, imponente sobre uma imensidão desolada.

Quando voltamos para casa, conversamos sobre os velhos tempos, que podíamos agora relembrar sem desespero, pois Godalming e Seward estão ambos muito bem casados e felizes. Tirei os papéis do cofre em que estiveram desde o nosso retorno há tanto tempo. Ficamos impressionados com o fato de que, de toda a massa de materiais de que o registro é composto, não há praticamente um documento autêntico. Nada além de uma pilha de páginas datilografadas, exceto pelos diários de Mina, Seward e os meus, e o memorando de Van Helsing. Dificilmente pediríamos que alguém, mesmo que nós quiséssemos, aceitasse essas páginas como prova de uma história tão brutal. Van Helsing resumiu tudo ao dizer, com nosso menino no colo:

– Não precisamos de provas. Não estamos pedindo que ninguém acredite! Este menino um dia vai saber a mulher corajosa e galante que é sua mãe. Agora já conhece sua meiguice e seus cuidados amorosos. Mais tarde, ele entenderá como alguns homens a amaram de tal modo que arriscaram muito pelo seu bem.

Jonathan Harker

CRONOLOGIA VIDA E OBRA DE BRAM STOKER

1847 | 8 nov: Nasce em Clontarf, subúrbio de Dublin, Abraham Stoker. Terceiro dos sete filhos de Abraham Stoker e Charlotte Matthilda Blake Thornley Stoker, por conta de uma doença desconhecida só conseguiu dar seus primeiros passos aos sete anos.

1854: É matriculado numa escola privada de Dublin dirigida pelo reverendo William Woods.

1864-70: Ingressa no Trinity College para estudar matemática. Para além de se destacar como estudante dedicado, conquista vários prêmios como atleta e se torna presidente da Sociedade Filosófica, prestigioso clube de debates.

1867: Assiste pela primeira vez ao ator inglês Henry Irving atuando, no Teatro Real de Dublin. Mais tarde será seu assistente pessoal, amigo e confidente por toda a vida.

1870: Forma-se com honras e, seguindo os passos do pai, ingressa na administração pública do Castelo de Dublin, como amanuense.

1871: Começa a escrever como crítico de teatro para o periódico *Dublin Evening Mail*, não remuneradamente. Assiste novamente a Henry Irving no Teatro Real de Dublin.

1872: Publica na revista *London Society* seu primeiro conto, "The Crystal Cup". É eleito presidente da Sociedade Histórica do Trinity College. Escreve uma extensa e detalhada carta a Walt Whitman, seu ídolo, mas não a envia.

1873: Assume por um breve período o cargo de editor do periódico *The Irish Echo*.

1874 | 20 out: Funda, ao lado de Alexander William e outros, o Dublin Sketching Club, reunindo "artistas, amadores e outros interessados em arte e na promoção de exposições públicas".

1875: Lança seu primeiro livro, *The Primrose Path*.

1876: Após sua elogiosa crítica à apresentação de *Hamlet*, no Teatro Real de Dublin, é apresentado ao protagonista da peça, Henry Irving, que em pouco tempo o nomeia seu assistente. Inicia uma troca de correspondências com Walt Whitman. Morte do pai.

1877: É promovido ao cargo de inspetor de amanuenses do Castelo de Dublin. Conhece a atriz dublinense Florence Anne Lemon Balcombe. Viaja de férias para Londres, sem deixar de se reunir com Henry Irving.

1878: Casa-se com Florence, então com vinte anos. Deixa o emprego no Castelo de Dublin e, em seguida, mudam-se para Londres. Na cidade, a convite de Henry Irving, assume a administração do Lyceum Theatre, onde conhecerá autoridades e autores já de renome, entre eles, Arthur Conan Doyle. Permanecerá nesse cargo pelos próximos 27 anos.

1879: Publica *The Duties of Clerks of Petty Sessions in Ireland*, um manual para funcionários públicos. **31 dez:** Nascimento do filho, Irving Noel Thornley Stoker.

1881: Publica *Under the Sunset*, reunião de oito contos para crianças.

1883: Organiza a primeira turnê norte-americana da companhia do Lyceum Theatre. Nessa viagem conhecerá pessoalmente Walt Whitman e Mark Twain.

1886: Faz outra viagem aos Estados Unidos e se encontra novamente com

Whitman.

1890: Publica *The Snake's Pass*, uma romântica aventura irlandesa. Recebe da Inner Temple, sociedade londrina de advogados, o direito para advogar.

1893: Viaja à Escócia.

1895: Lançamento de *The Watter's Mou'* e *The Shoulder of Shasta*. Nova turnê com a companhia do Lyceum Theatre, pelos Estados Unidos, onde conhece Theodore Roosevelt, que futuramente se tornaria presidente do país.

1897: Publica *Drácula*, com tiragem inicial foi de 3 mil exemplares. Hoje sua obra de maior sucesso, as críticas iniciais em geral não foram muito positivas. Nomeada *The Un-Dead* (*O morto-vivo*) no manuscrito entregue à editora, a inspiração para a obra veio possivelmente de um pesadelo do autor.

1898: Publica a novela *Miss Betty*.

1899: *Drácula* é publicado nos Estados Unidos.

1901: Lançamento de nova edição de *Drácula*, em versão reduzida. Morte da mãe.

1902: Lançamento de *Mystery of the Sea*.

1903: Publica *The Jewel of Seven Stars*, obra inspirada na egiptologia, tema que lhe despertava grande interesse.

1905: Morte de Henry Irving. Passa a se dedicar exclusivamente à atividade literária e lança *The Man* (também conhecida pelo título *The Gates of Life*).

1906: Publica, em dois volumes, *Personal Reminiscences of Henry Irving*, biografia. Sofre um derrabe cerebral, que o deixa fisicamente debilitado.

1908: Lançamento de *Lady Athlyne*.

1909: Publica a coleção de contos curtos *Snowbound: The Record of a Theatrical Touring Party* e *The Lady of the Shroud*.

1910: Lança o livro de não ficção *Famous Impostors*, sobre grandes fraudes na história.

1911: Lançamento de *The Lair of the White Worm*.

1912 | 20 abr: Morre em sua casa em Londres, aos 64 anos, em decorrência, acredita-se, de uma sífilis terciária. É cremado no Golders Green Crematorium.

1914: Publicação de *Dracula's Guest*, obra póstuma de histórias de horror e fantasia inéditas.

1922: Inspirado na história do conde Drácula, estreia no cinema *Nosferatu*, com direção de F.W. Murnau.

1931: *Drácula* é adaptado para as telas, com Béla Lugosi no papel-título.

1958: Nova filmagem de *Drácula*, com Christopher Lee interpretando o conde.

1979: Werner Herzog dirige *Nosferatu, o vampiro da noite*, com Klaus Kinski como o conde Drácula.

1992: Lançamento de *Drácula de Bram Stoker*, dirigido por Francis Ford Coppola.

CLÁSSICOS ZAHAR
em edição comentada e ilustrada

Tarzan
Edgar Rice Burroughs

Sherlock Holmes (9 vols.)*
A terra da bruma
Arthur Conan Doyle

O conde de Monte Cristo*
A mulher da gargantilha de veludo e outras histórias de terror
Robin Hood
Os três mosqueteiros*
Alexandre Dumas

O corcunda de Notre Dame*
Victor Hugo

O Lobo do Mar*
Jack London

Rei Arthur e os cavaleiros da Távola Redonda*
Howard Pyle

20 mil léguas submarinas*
A ilha misteriosa
Jules Verne

Copyright da tradução e das notas © 2015, Alexandre Barbosa de Souza

Copyright desta edição © 2015:
Jorge Zahar Editor Ltda.
rua Marquês de S. Vicente 99 – 1º | 22451-041 Rio de Janeiro, RJ
tel (21) 2529-4750 | fax (21) 2529-4787
editora@zahar.com.br | www.zahar.com.br

Todos os direitos reservados.
A reprodução não autorizada desta publicação, no todo ou em parte, constitui violação de direitos autorais. (Lei 9.610/98)

Grafia atualizada respeitando o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

Capa: Rafael Nobre/Babilonia Cultura Editorial
Produção do arquivo ePub: Simplíssimo Livros

Edição digital: setembro 2015
ISBN: 978-85-378-1507-6

Vampiro mais famoso da literatura, marco fundador de um gênero, inspiração para um universo infinito de artistas das mais diversas áreas, ***Drácula*** é o maior ícone do imaginário do terror. Há mais de um século, leitores são seduzidos pelo pavoroso embate entre o Bem e o Mal travado neste clássico, obra máxima de Bram Stoker. De um lado o conde Drácula e sua legião crescente de mortos-vivos. De outro, um grupo unido e decidido a caçá-lo: Jonathan e Mina Harker, o médico holandês Van Helsing e seus amigos. Romance epistolar ágil e bem-construído, ***Drácula*** é uma dramática corrida contra o tempo – e você é a próxima vítima.

Esta edição traz o texto integral de Bram Stoker, mais de 200 notas, apresentação e cronologia de vida e obra do autor – tudo isso no padrão de qualidade dos Clássicos Zahar.

Tradução, apresentação e notas
ALEXANDRE BARBOSA DE SOUZA

CLÁSSICOS ZAHAR

ISBN 978-85-378-1477-2